# PROPYLAEUM LATINUM

VOLUME I

SINTAXE LATINA SUPERIOR

★

*Obra executada nas oficinas da*
São Paulo Editora S. A. — São Paulo, Brasil

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR
*Professor de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (S. P.*

# PROPYLAEUM LATINUM

VOLUME I

## SINTAXE LATINA SUPERIOR

SÃO PAULO
EDITÔRA HERDER
1960

DO MESMO AUTOR:

*Introdução aos Estudos Históricos,*
2.ª edição revista e ampliada.

*As Interpretações da História através dos Séculos*
(em 2 volumes).

*Propylaeum Latinum* — Volume II:
Leitura — Exercícios — Vocabulário

*Direitos adquiridos pela*
EDITÔRA HERDER
© Editôra Herder, São Paulo, Brasil, 1960

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
*Printed in the United States of Brazil*

# ÍNDICE GERAL


PREFÁCIO ..... XI
BIBLIOGRAFIA ..... XV
LISTA DE ABREVIATURAS E SINAIS ..... XVII

CAPÍTULO I

O INFINITIVO

§ 1. Observações preliminares ..... 1
§ 2. O infinito subjetivo ..... 2
§ 3. O infinito objetivo ..... 3
§§ 4–14. O acusativo com infinito ..... 4
§§ 15–16. O nominativo com infinito ..... 17
§ 17. Outras construções infinitivas ..... 19

CAPÍTULO II

O PARTICÍPIO

§ 18. Os três particípios latinos ..... 21
§ 19. Os diversos empregos do particípio ..... 22
§ 20. A tradução do particípio semi-predicativo ..... 25
§§ 21–26. O particípio conjunto e o ablativo absoluto ..... 26
§§ 27–29. Outros empregos do particípio latino ..... 36

CAPÍTULO III

O GERÚNDIO E O GERUNDIVO

§ 30. A natureza do gerúndio e do gerundivo ..... 40
§ 31. O gerúndio latino ..... 42
§ 32. O gerúndio e o gerundivo ..... 45
§§ 33–34. Outros empregos do gerundivo ..... 47

CAPÍTULO IV

O SUPINO

§ 36. O supino primeiro ..... 51
§ 36. O supino segundo ..... 52

CAPÍTULO XV

AS CATEGORIAS DO VERBO FINITO

§ 37. Observações preliminares ..... 53
§§ 38–41. Pessoas ..... 54
§ 42. Números ..... 59

§§43–52. Tempos ..... 60
§§53–57. Modos ..... 71
§§58–60. Vozes ..... 80

CAPÍTULO VI

FRASES INTERROGATIVAS

§61. Observações preliminares ..... 84
§62. Perguntas parciais ..... 86
§63. Perguntas totais ..... 87
§64. Perguntas indiretas ..... 89
§65. Perguntas disjuntivas ..... 91
§66. Particularidades ..... 92
§67. Respostas ..... 94

CAPÍTULO VII

A SINTAXE DOS CASOS

§68. Sinopse dos casos em indo-europeu ..... 95
§§69–75. O acusativo ..... 96
§§76–80. O dativo ..... 111
§§81–86. O ablativo ..... 122
§§87–90. O genitivo ..... 139
§91. O nominativo ..... 153
§92. O vocativo ..... 154

CAPÍTULO VIII

AS PREPOSIÇÕES LATINAS

§93. Observações preliminares ..... 155
§§ 94–123. Preposições que admitem apenas o acusativo ... 158
§§124–136. Preposições que admitem apenas o ablativo .... 171
§§137–139. Preposições que admitem o acusativo e o ablativo 179
§§140–142. "Pós-posições" ..... 183

CAPÍTULO IX

A SUBORDINAÇÃO EM LATIM

§143. Parataxe e hipotaxe ..... 185
§§144–146. Cláusulas finais ..... 187
§§147–149. Cláusulas consecutivas ..... 195
§150. Cláusulas causais ..... 202
§§151–157. Cláusulas temporais ..... 204
§§158–160. Cláusulas condicionais ..... 213
§§161–162. Cláusulas concessivas ..... 214
§§163–165. Cláusulas comparativas ..... 224
§§166–168. Cláusulas relativas ..... 228

CAPÍTULO X

AS PARTÍCULAS

§169. Semantemas e morfemas ..... 236
§§170–200. Partículas adverbiais ..... 238
§§201–207. As conjunções coordenativas ..... 262
§§208–211. Algumas conjunções subordinativas ..... 272

CAPÍTULO XI

NOTABILIA VARIA

§212. Observação preliminar ..... 281
§213. Problemas de concordância ..... 281
§214. O apôsto ..... 283
§215. Particularidades do adjetivo ..... 285
§216. Particularidades do advérbio ..... 288
§217. O singular e o plural ..... 289
§218. Os graus de comparação ..... 291
§§219–227. Os pronomes ..... 297
§§228–247. Algumas figuras estilísticas ..... 318

CAPÍTULO XII

A ORAÇÃO INDIRETA

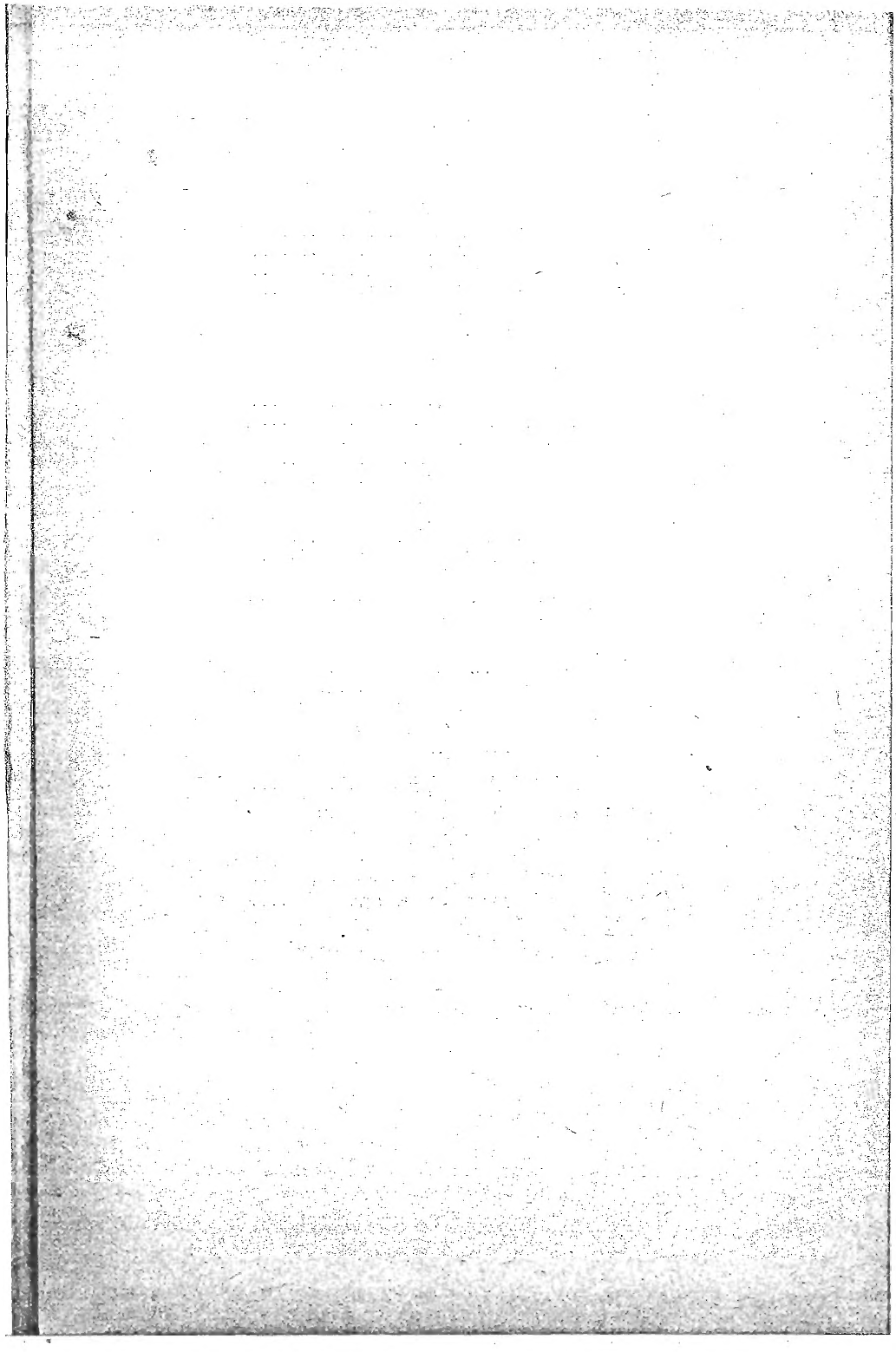
§248. Generalidades ..... 327
§249. O emprêgo dos pronomes ..... 328
§§250–257. A conversão da oração direta para a indireta .. 329

CAPÍTULO XIII

ANOTAÇÕES ..... 347

(Notas históricas e filológicas; comentários; particularidades)

ÍNDICE ANALÍTICO DOS ASSUNTOS TRATADOS ..... 393
ÍNDICE ANALÍTICO DOS VOCÁBULOS LATINOS ..... 407



# PREFÁCIO

Os estudos clássicos acham-se em franco declínio. O espírito técnico e a mentalidade pragmática da época, bem como, a democratização do ensino são alguns fatôres que têm contribuído para o desprestígio da formação humanística no mundo moderno. Podemos lamentar essa evolução, mas nossas lágrimas, por mais abundantes que corram, não conseguirão desfazê-la. O que nos parece mais fecundo do que uma atitude meramente negativista, é um exame de consciência capaz de nos revelar até que ponto somos nós os responsáveis pela crise atual. O que nós apresentamos à juventude de hoje sob o belo nome de formação humanística, em muitos casos talvez não passe de uma caricatura, não merecendo o entusiasmo da geração crescente. Hoje em dia, fala-se com desprêzo da gramatiquice e do verbalismo de gerações anteriores, mas a questão importante é a de saber se o ensino de latim já superou essa fase de primitivismo. E pior ainda: será que os professôres de latim, nos estabelecimentos de ensino secundário, estão imbuídos de cultura clássica, condição imprescindível para os alunos receberem os valores humanísticos da literatura latina como realidades vivas e vividas? Esta questão está estreitamente vinculada a outra não menos importante: até que ponto contribui o curso de latim nas Faculdades de Filosofia para a formação humanística dos seus alunos? Apesar de haver iniciativas promissoras e tentativas sérias neste sentido, não podemos subtrair-nos à impressão de que os alunos, em numerosos casos, são habituados a identificar o estudo de latim com questões de fonética, de pronúncia "restaurada", de morfologia e sintaxe histórica, conseguindo adquirir, na melhor das hipóteses, uma erudição lingüística apreciável, mas correndo o risco de perder de vista o latim

vivo dos documentos literários. O estudo da literatura latina fica muitas vêzes reduzido a informações de segunda-mão, chegando a perder sua base indispensável na leitura pessoal dos textos clássicos pelo aluno. Os livros sôbre os livros ameaçam substituir os livros básicos. Todos sabem como são poucos os que, nos dias de hoje, lêem e relêem seu Vergílio, Cícero, Tácito, Lucrécio. Diante desta situação, não teria sentido pregarmos outra vez a antiga divisa dos humanistas: *Ite ad fontes?* não seria urgente frisarmos a importância de formar bons latinistas, em vez de mandar lingüístas hipertrofiados para as escolas secundárias? E finalmente: não será que um dos graves defeitos do sistema atual consiste em exigir pouco latim das massas, — *un latin sans lendemain*, — em lugar de dar muito latim para uma elite?

Poderíamos, à vontade, multiplicar as perguntas, e continuar formulando respostas e hipóteses, mas o assunto é muito complexo para ser tratado condignamente num Prefácio de uma Sintaxe latina. Basta dizermos aqui que o autor do presente livro acredita nos valores eminentemente humanísticos dos estudos clássicos, embora não os considere como a panacéia de todos os nossos males educacionais, nem queira reivindicar para êles o monopólio de humanismo, nem se sinta muito satisfeito por vê-los praticados tão frouxamente por imensas multidões.

O livro que agora apresentamos ao público brasileiro, não é uma sintaxe histórica, nem sequer uma gramática "científica", e muito menos ainda abre novas perspectivas para especialistas. Sua única pretensão é a de ser um instrumento útil de trabalho nas mãos daqueles que querem apropriar-se da difícil técnica de ler e entender os autores latinos no texto original. Nossa grande preocupação foi a de escrever um bom livro didático para futuros latinistas.

Tôdas as regras gramaticais formuladas nesta obra vêm seguidas de exemplos em latim com a tradução em português, por via de regra, em duas colunas. Os exemplos quase nunca

são passagens autênticas tiradas de obras clássicas, mas geralmente exemplos-esquemas, fáceis de memorizar e destituídos de dificuldades secundárias. Os diversos assuntos são tratados, não numa ordem rigorosamente sistemática, mas em obediência a critérios de ordem essencialmente prática. Assim se explica que, já nos primeiros capítulos, se trata das proposições infinitivas, das construções participiais, do gerúndio e do gerundivo, — construções cujo conhecimento é indispensável para a compreensão dos textos mais elementares.

Nossa exposição dos fatos sintáticos refere-se, de modo geral, à praxe da prosa clássica, mas muitas vêzes registramos, sempre em letras miúdas, construções divergentes, peculiares aos poetas, aos autores pré-clássicos ou aos escritores da época imperial. Destarte o livro poderá ser consultado também por leitores de Plauto, Terêncio, Sêneca e Tácito. Evitamos de propósito entrar em discussões eruditas, não por espírito de dogmatismo, e sim, por acharmos conveniente que o aluno, antes de mais nada, conheça bem os fatos básicos da sintaxe latina em lugar de tratá-los como matéria de discussão. Discussão condenada a ser estéril para quem não possui conhecimentos sólidos dos fatos gramaticais através de constantes leituras pessoais. Por outro lado, não hesitamos em fazer muitas referências a fatos sintáticos semelhantes ou diferentes nos idiomas modernos, e em acrescentar páginas introdutórias ao estudo dos diversos assuntos gramaticais. Aqui nosso objetivo não foi o de sobrecarregar a tarefa do aluno, mas o de lhe mostrar certas conexões interessantes e, principalmente, o de preparar uma mentalidade filológica. No último capítulo do livro, o leitor encontrará anotações históricas de maior extensão, que procuram igualmente orientar os interessados para a leitura inteligente de livros especializados.

Como livro didático, esta "Sintaxe Latina" exige como complemento necessário o livro de exercícios e de leitura, onde o leitor encontrará tôdas as informações necessárias para a sua utilização metódica. Aqui só queremos dizer que os

capítulos X–XIII dêste livro e grande parte da matéria exposta nos capítulos anteriores não se destinam aos iniciandos na sintaxe latina, mas se dirigem a estudantes mais avançados. Temos a esperança de que esta Sintaxe, além de dar os rudimentos elementares, possa ser um bom guia para os diversos leitores de textos latinos. Pessoalmente acreditamos nas vantagens de um único livro capaz de iniciar os principiantes e de orientar estudantes mais progredidos.

Entenda-se bem o têrmo "principiantes"; êste livro não foi escrito para uso de ginasiais, e sim, para os alunos das Faculdades de Filosofia, para os professôres de latim no curso secundário, e para os seminaristas, a única categoria de alunos secundários que ainda dispõem de tempo suficiente para aprofundar o estudo de latim. Talvez possa êste livro prestar serviços úteis também para alguns alunos do curso colegial, sob a orientação competente do seu professor.

Não quero concluir êste Prefácio sem me referir à pequena, mas grande Faculdade de Filosofia de Assis, que me proporcionou o *otium litteratum* necessário para a realização dêste trabalho. Meu grande desejo é que ela possa continuar seu caminho para a intensificação dos estudos lingüísticos e literários no Brasil. Aos meus colegas, que tanto me ajudaram com as suas palavras de crítica sempre benévola, meu muito obrigado!

Assis, 20 de setembro de 1959

# OBRAS CONSULTADAS

*Não pretendemos dar aqui uma lista completa das obras consultadas, limitando-nos a assinalar os seguintes livros que, por motivos de ordem linguística ou didática nos prestaram serviços sobremaneira importantes:*


A. Ernout et Fr. Thomas, *Syntaxe latine*, 2e. édition, revue et augmentée, Paris, Klincksieck, 1953 (obra excelente para estudantes avançados, e com abundantes informações bibliográficas).

Ernesto Faria, *Gramática superior da lingua latina*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958 (a obra mais recente e atualizada que existe no Brasil; discussão dos problemas; bibliografia).

Dr. K. van der Heyde, *Latijnse Grammatica*, Deel II: *Syntaxis*, 13e Druk, Groningen-Djakarta, 1957 (boa obra didática).

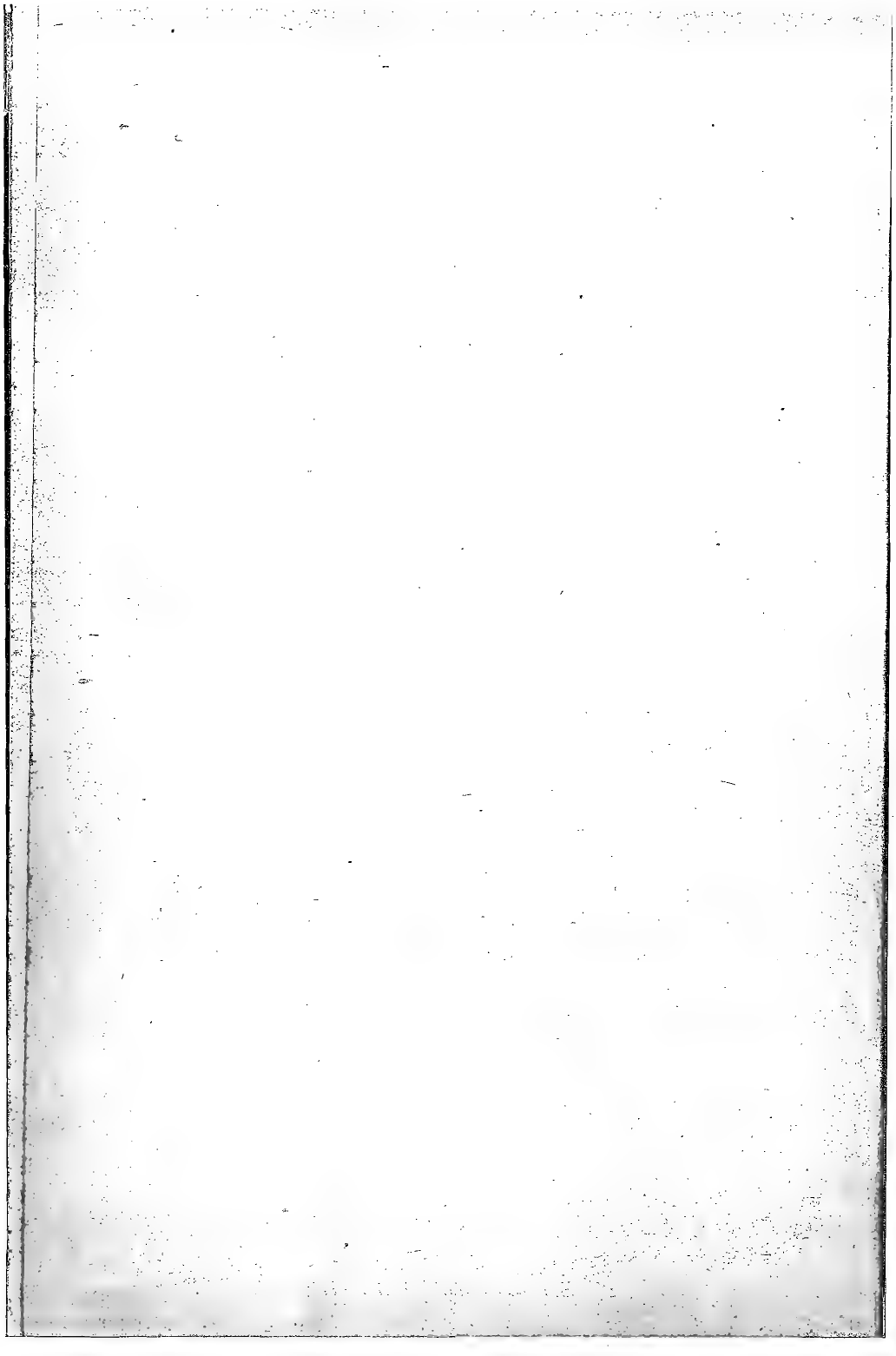
Hermann Menge, *Repetitorium der lateinischen Syntax und Stilistik*, Zwölfte Auflage, besorgt von Andreas Thierfelder, Gottschalksche Verlagsbuchhandlung, Leverkusen, 1955 (fonte inesgotável de informações práticas).

L. R. Palmer, *The Latin Language*, London, Faber and Faber (s. d.) (obra sintética que revela originalidade e espírito crítico).

Moritz Regula, *Grundlegung und Grundprobleme der Syntax*, Heidelberg, Carl Winter Universitatsverlag, 1951 (trata, como o livro seguinte, dos problemas sintáticos em geral).

Fr. Sommer, *Vergleichende Syntax der Schulsprachen*, Dritte Auflage, Leipzig-Berlin, Teubner, 1930 (obra altamente recomendável).

Dr. J. Woltjer, *Latijnsche Grammatica*, zesde herziene druk door Dr. H. Woltjer, Groningen-Den Haag, J. B. Wolters, 1924 (boa exposição metódica).



## LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|---|---|
| *abl.*.... | ablativo |
| *ac*..... | acusativo |
| *A. c. I.* | acusativo com infinito |
| *adj*..... | adjetivo |
| *adv*..... | advérbio |
| *ant*..... | anterioridade |
| *cf*..... | *confer*/confira |
| *cl*..... | clássico |
| *comp*... | comparativo |
| *dat*..... | dativo |
| *Fut*..... | futuro |
| *gen*..... | genitivo |
| *Imp*.... | imperativo |
| *Impf*... | imperfeito |
| *Ind*..... | indicativo |
| *Inf*..... | infinit(iv)o |
| *lit*..... | literal(mente) |
| *Msqupf.* | mais-que-perfeito |
| *N. c. I.* | nominativo com infinito |
| *nom*.... | nominativo |
| *Opt*..... | optativo |
| *Part*.... | particípio |
| *p. e*.... | por exemplo |
| *pess*.... | pessoa, ou pessoal |
| *Pf*..... | perfeito |
| *pl*..... | plural |
| *pós-cl*... | pós-clássico |
| *poss*.... | possessivo |
| *post*.... | posterioridade |
| *Pot*..... | potencial |
| *prep*.... | preposição |
| *Pres*.... | presente |
| *pron*.... | pronome |
| *refl*..... | reflexivo |
| *sc*..... | *scilicet* = a saber, ou = está subentendido |
| *sg*..... | singular |
| *simult*.. | simultaneidade |
| *Subj*.... | subjuntivo |
| *subst*.... | substantivo |
| *sup*..... | superlativo |
| *V. A*... | voz ativa |
| *V. M*... | voz média |
| *V. P*... | voz passiva |
| *vulg*.... | vulgar |

## EXPLICAÇÃO DE SÍMBOLOS

| | |
|---|---|
| > | = *transforma-se em* |
| ~ | = *relaciona-se com* |
| ‖ | = separa os membros de uma proposição complexa |
| < | = *deriva de* |
| / | = *ou* (separa duas palavras ou expressões permutáveis entre si) |
| * | = remete o leitor a uma anotação no último capítulo do livro |

CAPÍTULO I

# O INFINITIVO

§ 1. **Observações preliminares** — I. ***Os Infinitos latinos.*** Em latim existem as seguintes formas do Infinito:

1) Seis de um verbo "normal" (isto é, não depoente), a saber:

| | PERFEITO | PRESENTE | FUTURO |
|---|---|---|---|
| V. A. | *laudavisse*<br>ter/haver louvado | *laudare*<br>louvar | *laudaturus esse*<br>haver de louvar |
| V. P. | *laudatus esse*<br>ter/haver sido louvado | *laudari*<br>ser louvado | *laudatum iri*<br>haver de ser louvado |

2) Três de um verbo depoente, a saber:

| | PERFEITO | PRESENTE | FUTURO |
|---|---|---|---|
| V. A. | *hortatus esse*<br>ter/haver exortado | *hortari*<br>exortar | *hortaturus esse*<br>haver de exortar |

**Nota.** Dos verbos depoentes não existe o Inf. da V. P. (a forma seria: *hortatum iri*).

II. ***O Emprêgo do Infinito latino.*** Usa-se o Inf. latino:

1) como sujeito de uma frase (Inf. subjetivo);
2) como objeto de uma frase (Inf. objetivo);
3) em proposições infinitas:
   *a*) no chamado Accusativus cum Infinitivo;
   *b*) no chamado Nominativus cum Infinitivo;
4) em algumas construções isoladas.

Neste capítulo pretendemos estudar essas quatro funções do Inf. latino.

§ 2. **O Infinito subjetivo.** — I. ***O Infinito sujeito de uma oração.*** Do mesmo modo que em português, também em latim o Inf. pode funcionar como sujeito de uma oração. O valor gramatical de tal Inf. "subjetivo" aproxima-se bastante do de um substantivo (que, em latim, é do gênero neutro), como se pode ver pelos seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Mentiri turpe est* | (O) mentir é feio, ou: É feio mentir |
| cf. *Mendacium turpe est* | A mentira é feia |

O Inf. pode ser qualificado por um advérbio, e pode ser combinado com um objeto. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Oportet bene arare* | Cumpre arar bem |
| *Amare patriam decorum est* | É decoroso amar a pátria |
| cf. *Amor patriae decorus est* | O amor à pátria é decoroso |

A forma mais comumente usada é o Inf. Pres. da V. A. (tipo: *laudare*), mas ocorrem também formas do tipo: *laudari* e *laudavisse*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Laudari a magistro jucundum est* | É agradável ser louvado pelo professor |
| *In magnis et (= etiam) voluisse sat est* | Em grandes empresas já é suficiente ter mostrado boa vontade |

II. ***Regras.*** O Inf. subjetivo é empregado

1) com vários verbos impessoais, tais como:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *decet* | convém | *oportet* | cumpre |
| *dedecet* | não convém | *paenitet* | é pesaroso |
| *delectat* | apraz | *praestat* | é preferível |
| *libet* | agrada | *pudet* | é vergonhoso |
| *licet* | é lícito | *taedet* | causa fastio, enfado |

2) com *esse* e nome predicativo, por exemplo:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *bonum est* | é bom | *mos est* | é costume |
| *consentaneum est* | é provável | *opus est* | é preciso |
| *credibile est* | é acreditável | *operae pretium est* | vale a pena |
| *difficile est* | é difícil | *satis est* | basta |
| *facile est* | é fácil | *verum est* | é verdade |

**Nota.** Muitas destas locuções admitem também outras construções, como havemos de ver oportunamente.

§3. **O Infinito objetivo.** — I. ***O Infinito objeto direto de uma oração.*** Muitos verbos, em latim como em português, podem ser combinados com o Inf. "objetivo", isto é, um Inf. que constitui o seu objeto direto. Exemplos são: *debeo dicere* ("devo dizer"), *potes loqui* ("podes falar"), *cupit mori* ("deseja morrer"), *dux pergit contendere* ("o general continua a marchar"), *hostes desinunt fugere* ("os inimigos desistem de fugir"), *pueri student legere poetas latinos* ("os meninos esforçam-se por ler os poetas latinos"), etc. Como se vê pelos três últimos exemplos, o português usa em alguns casos um Inf. precedido de uma preposição (p. e. "a", "de" ou "por"). Ora, tais verbos "preposicionados" não existem em latim; aqui se usa sòmente o Inf. sem preposição.

II. ***Regras.*** O Inf. objetivo encontra-se em combinação com verbos que exprimem vontade, intenção, esfôrço, possibilidade, obrigação, início e fim, tais como:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *audēre* | ousar | *incipĕre* | começar a |
| *coepisse* | ter começado a | *malle* | preferir |
| *cogitare/parare* | pretender | *nequire* | não poder |
| *conari* | tentar | *nescire/scire* | (não) saber |
| *constituĕre* | decidir-se a | *nolle* | não querer |
| *consuevisse* | costumar | *oblivisci* | esquecer-se de |
| *cupĕre* | desejar | *pergĕre* | continuar a |
| *debēre* | dever | *posse/quire* | poder |
| *decernĕre* | resolver-se a | *solēre* | costumar, soer |
| *desinĕre* | desistir de | *statuĕre* | decidir-se a |
| *desistĕre* | desistir de | *studēre* | esforçar-se por, dedicar-se a |
| *discĕre* | aprender a | | |
| *(non) dubitare* | (não) hesitar em | *timēre/metuĕre* | recear, temer |
| *gestire* | desejar | *velle* | querer |

Cf. também as duas locuções:

| | |
|---|---|
| *in animo habeo profiscisci* | pretendo (tenciono) sair |
| *consilium ineo (capio) fugere* | tomo a decisão de fugir |

III. ***Observações.*** 1) Muitos dos verbos assinalados acima admitem também outras construções, como havemos de ver mais adiante.

2) Quando *esse* ou qualquer outro verbo de ligação funcionar como Inf. objetivo e vier acompanhado de um nome predicativo, êste deverá estar no nominativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nemo beatus esse potest sine virtute* | Ninguém pode ser feliz sem a virtude |
| *Cato bonus esse quam (bonus) videri malebat* | Catão preferia ser bom a parecê-lo (a parecer bom) |

## ACCUSATIVUS CUM INFINITIVO

§4. **Introdução.** — A frase portuguêsa: "Julgo que meu amigo fala a verdade", é uma proposição complexa, isto é, compõe-se de uma oração principal ("julgo") e de uma cláusula integrante ("que meu amigo fala a verdade"). A tradução literal de tal frase para o latim seria: *Puto quod/quia amicus meus verum dicit.* Esta construção se encontra de fato em latim vulgar, mas não é abonada pelos textos clássicos, em que a dita frase se exprime desta maneira: *Puto amicum meum verum dicere.* É o chamado Accusativus cum Infinitivo (abreviatura: A. c. I.), construção freqüentíssimamente usada em latim.

Logo se vê que a construção latina é mais sintética do que a portuguêsa; com efeito, o A. c. I. é um dos elementos da sintaxe latina que dá à língua de Lácio seu caráter lapidar. Em estilo mais elevado ocorre também em português, p. e. na frase: "Êle dizia tais coisas serem necessárias para a expedição" = "Êle dizia que tais coisas eram necessárias para a expedição". Em inglês moderno, o A. c. I. é bastante comum com alguns verbos, p. e.: *I want you to know* ("Quero que saibas"); também em grego empregava-se, ao lado da construção analítica, êste tipo de proposição infinitiva. Mas não há nenhuma língua em que o A. c. I. desempenhe papel tão importante como em latim.

As diferenças que existem entre a construção portuguêsa e a latina podem ser resumidas desta maneira:

1) Não se traduz a partícula integrante "que".
2) O sujeito da cláusula integrante (*amicus meus*) passa a ser acusativo (*amicum meum*).
3) O predicado da cláusula integrante (*dicit*) vem a ser Infinito (*dicere*)*

§5. **Regras elementares.** — I. ***Exemplos.*** Todos os Infinitos latinos (não só o Inf. Pres. da V. A.) podem ser usados no A. c. I., como se pode verificar pelo esquema seguinte:

| | |
|---|---|
| *Dicit consulem Romanum vincere* | Diz que o cônsul romano vence/está vencendo |
| *Dicit consulem Romanum vicisse* | Diz que o cônsul romano venceu |

| | |
|---|---|
| *Dicit consulem Romanum victurum (esse)* | Diz que o cônsul romano vencerá/há de vencer |
| *Dicit consulem Romanum vinci* | Diz que o cônsul romano é/está sendo vencido |
| *Dicit consulem Romanum victum (esse)* | Diz que o cônsul romano foi vencido |
| *Dicit consulem Romanum victum iri* | Diz que o cônsul romano será/há de ser vencido |

**Nota.** Nas duas formas *victurum esse* e *victum esse*, o Inf. *esse* está muitas vêzes subentendido; a omissão é regra geral com o Inf. Fut. da V. A.*

II. ***Concordância.*** O nome predicativo e o elemento declinável do Inf. (*victus* e *victurus*), quando fazem parte do A. c. I., devem concordar em número, gênero e caso com o ac., porquanto êste constitui o sujeito dêle. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Credit puellas mentitas (esse)* | Crê que as meninas mentiram |
| *Credit Romanos victuros (esse)* | Crê que os romanos vencerão |
| *Scio patrem tuum aegrotum esse* | Sei que teu pai está doente |
| *Nescit matrem meam aegrotam esse* | Não sabe que minha mãe está doente |
| *Scio has puellas pigras esse* | Sei que estas meninas são preguiçosas |
| *Plinius dicit haec animalia callidissima esse* | Plínio diz que êstes animais são muito inteligentes |

**Nota.** Os dois elementos do Inf. Fut. da V. P. (p. e. *laudatum iri*) são indeclináveis.

III. ***Ambigüidade.*** É ambígua esta frase latina:

*Puto Romanos hostes victuros (esse)* { Julgo que os romanos vencerão os inimigos, ou então: / Julgo que os inimigos vencerão os romanos

Já vimos (cf. § 4) que o A. c. I., sendo transitivo o verbo, pode trazer consigo outro acusativo (de objeto direto): na frase: *Puto amicum meum verum dicere*, o Inf. *dicere* tem por objeto direto *verum*. Aí surge, em alguns casos (p. e. na frase *Puto Romanos hostes victuros esse*), o perigo de ambigüidade, já que tanto *Romanos* como *hostes* pode ser sujeito ou objeto direto do Inf. *victuros esse*. Para evitar tal ambigüidade, o latim se serve da construção passiva, dizendo:

| | |
|---|---|
| *Puto hostes ab hostibus victum iri* | Julgo que os inimigos serao vencidos pelos romanos |

ou então:

| | |
|---|---|
| *Puto Romanos ab hostibus victum iri*(1) | Julgo que os romanos serão vencidos pelos inimigos |

§ 6. **Os verbos que admitem o A. c. I.** — São numerosíssimos os verbos latinos que admitem o A. c. I.; uma lista mais ou menos completa dos mesmos ocuparia várias páginas, sendo que sua importância prática seria muito exígua para o estudioso da língua latina. É muito mais útil conhecermos os grupos de verbos que pedem o A. c. I., pois êsse conhecimento nos possibilitará determinarmos com facilidade se um dado verbo pertence a um dêles ou não. Ora, existem quatro grupos de tais verbos, a saber:

1) Os verbos que exprimem percepção, pensamento e manifestação de um pensamento: são os chamados VERBA SENTIENDI ET DECLARANDI(1). — Cf. § 7.

2) Os verbos que exprimem afetos ou sentimentos: são os VERBA AFFECTUUM. — Cf. § 8.

3) Os verbos que exprimem volição, desejo, coação, etc.: são os VERBA VOLUNTATIS. — Cf. § 9.

4) Muitos verbos impessoais (VERBA IMPERSONALIA) e locuções compostas de *esse* e nome predicativo. — Cf. § 10.

Com os verbos do quarto grupo, o A. c. I. exerce a função de uma cláusula integrante subjetiva, ao passo que nos três primeiros grupos o A. c. I. tem papel de uma cláusula integrante objetiva. Cf. êstes dois tipos de frases: "É evidente que os romanos venceram" = "*A vitória* (sujeito) dos romanos é evidente", e: "O mensageiro anuncia que os romanos venceram" = "O mensageiro anuncia *a vitória* (objeto) dos romanos". Essa distinção tem, porém, maior importância teórica do que prática, uma vez que a construção do A. c. I. é a mesma nos dois casos.

§ 7. **Verba sentiendi et declarandi.** — Êste grupo abrange dezenas de verbos; damos aqui apenas alguns exemplos representativos, fazendo abstração dos matizes, por vêzes

(1) Cf. o oráculo ambíguo dado, como se diz, a Pirro: *Aio te, Aecida, Romanos vincere posse.*
(1) *Sentire* significa "perceber" e "pensar, compreender", só raras vêzes "sentir".

consideráveis, que existem entre os diversos verbos de significado semelhante, porém não idêntico. Assinalamos:

I. ***Percepção.***

| | |
|---|---|
| Perceber, notar | *sentire, animadvertĕre, observare,* etc. |
| Ouvir | *audire,* (*auribus*) *accipĕre, cognoscĕre, comperire, reperire,* etc. |
| Ver | *vidēre, cernĕre, perspicĕre, spectare,* etc. |

II. ***Pensamento.***

| | |
|---|---|
| Julgar, pensar | *arbitrari, rēri, putare, existimare, judicare, sentire, cogitare, censēre,* etc. |
| Crer, opinar | *credĕre, opinari,* etc. |
| Conhecer, saber | (*cog*)*noscĕre,* (*cog*)*novisse, scire,* etc. |
| Não saber, ignorar | *nescire, ignorare,* etc. |
| Compreender, entender | *sentire, intellegĕre, percipĕre,* etc. |
| Admitir, supor | *ponĕre, facĕre, statuĕre,* etc. |
| Esperar(1) | *sperare, in spe esse, spem habēre,* etc. |
| Lembrar-se, estar lembrado | *recordari, meminisse,* etc. |
| Esquecer-se | *oblivisci,* etc. |

III. ***Declaração.***

| | |
|---|---|
| dizer, falar | *dicĕre, loqui, fari, fabulari, aio,* etc. |
| Negar(2) | *negare, infitiari,* etc. |
| Confessar | *fatēri, confitēri,* etc. |
| Narrar, relatar | *narrare, referre, tradĕre,* etc. |
| Transmitir | *tradĕre, memoriae prodĕre, ferre*(3), etc. |
| Anunciar | *nuntiare, referre, afferre,* etc. |
| Informar, avisar | *docēre, certiorem facĕre,* etc. |
| Prometer | *pollicēri, promittĕre, spondēre,* etc. |
| Ameaçar | *minari, minitari,* etc. |
| Jurar | *jurare, jus jurandum dare,* etc. |
| Responder | *respondēre,* etc. |
| Afirmar, confirmar | *affirmare, confirmare,* etc. |

(1) "Esperar" = "ter esperança"; quanto à construção de *exspectare:* "esperar" = "aguardar", cf. § 156, III.

(2) *Negare* usa-se muitas vêzes quando, em port., se prefere "dizer que não", p. e.: "Digo que meu amigo não mentiu" = *Nego amicum meum mentitum (esse).*

(3) Principalmente na 3.ª pess. pl.: *ferunt* = "dizem, contam" ou "transmite-se".

IV. ***Observações.*** 1) Muitas vêzes acontece que o verbum sentiendi vel declarandi está oculto, sendo que êste pode ser completado pelo contexto, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Legati paulo posto redierunt: regem Parthorum foedus facere cum populo Romano velle* | Os embaixadores voltaram logo depois, (trazendo a notícia de) que o rei dos partas queria concluir um tratado com o povo romano |

2) O A. c. I. pode depender igualmente de um subst. abstrato, derivado de um verbum sentiendi vel declarandi, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Cogitatio deos generi humano praeesse bonae spei mihi videtur* | A idéia de que os deuses orientam o gênero humano parece-me muito confortadora |

3) Alguns dêstes verbos podem ser construídos com o Inf. objetivo (cf. §3, II) e com o A. c. I. Reparem bem na diferença que existe entre as seguintes construções:

| | |
|---|---|
| *Cogito proficisci* | Pretendo sair |
| *Cogito haec fieri non posse* | Penso que isto é impossível |
| *Hannibal vincere scit, victoriā uti nescit* | Haníbal sabe vencer, mas não sabe aproveitar a vitória |
| *Hannibal sciebat Romanos numquam se dedituros (esse)* | Haníbal sabia que os romanos nunca se renderiam |
| *Dux statuit castra ponere in colle* | O general decidiu-se a acampar no morro |
| *Dux statuit optimum esse in hoc oppido manere* | O general achou que a melhor coisa (a fazer) era permanecer nesta fortaleza |

§ 8. **Verba affectuum.** — I. ***Exemplos de verba affectuum.*** Os verbos mais importantes dêste grupo são:

| | |
|---|---|
| Lastimar, lamentar | *dolēre, maerēre, lugēre,* etc. |
| Alegrar-se | *gaudēre, laetari,* etc. |
| Achar desagradável, feio, repugnante, revoltante, etc. | *aegre/moleste/graviter ferre,* etc. |
| Levar a mal | *gravari, vitio vertĕre/dare,* etc. |
| Infignar-se | *indignari, suscensēre,* etc. |
| Queixar-se | *queri, conqueri,* etc. |
| Admirar-se | *(ad)mirari,* etc. |

II. ***Outras construções.*** Quase todos êstes verbos podem ser construídos também com a conjunção *quod* mais Ind., embora o A. c. I. seja mais comum, cf. §210, II, 2a. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Gaudeo te venisse*<br>*Gaudeo quod venisti* | Alegro-me por teres vindo* |

§9. **Verba voluntatis.** — ***As três classes de verba voluntatis.*** Os verba voluntatis, no sentido amplo da palavra, subdividem-se desta maneira:

1) os verba voluntatis pròpriamente ditos; êstes são cinco:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *cupĕre* | desejar | *nolle* | não querer |
| *malle* | querer mais<br>preferir | *studēre* | esforçar-se por |
| | | *velle* | querer |

2) os verbos que exprimem permissão; êstes são dois:

| | |
|---|---|
| *pati* e *sinĕre* | deixar, permitir, etc. |

3) os verbos que exprimem uma influência qualquer, exercida sôbre a vontade de outrem; êstes são seis:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *assuefacĕre* | acostumar | *jubēre* | mandar, ordenar |
| *cogĕre* | coagir, forçar | *prohibēre*<br>*vetare* | proibir |
| *docēre* | ensinar | | |

II. ***Observações.*** 1) Os cinco verba voluntatis pròpriamente ditos podem ser construídos com o simples Inf. ("objetivo", cf. §3, II), quando houver identidade de sujeito na oração principal e na cláusula; não sendo iguais os sujeitos, é obrigatório o A. c. I. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cupio esse clemens* (Inf. obj.)<br>*Cupio me esse clementem* (A.c.I.) | Desejo ser benévolo |

Mas:

| | |
|---|---|
| *Volo te abire* (A. c. I. obrigatório) | Quero que saias |

2) Na frase portuguêsa: "Ordeno ao empregado fechar a porta", o verbo principal ("ordeno") é construído com um dativo ("ao empregado"), seguido de um Inf. ("fechar"). Em latim não é lícita tal construção, mas sempre se deve usar

o A. c. I., de modo que a tradução correta da frase será: *Jubeo servum* (não: *servo*) *januam claudere*. Outros exemplos:

| | |
|---|---|
| *Vetuit/Prohibuit eos verum dicere* | Proibiu-lhes falar a verdade |
| *Docuisti filium parere legibus rei publicae* | Ensinaste (a) teu filho a obedecer às leis do Estado |

A mesma regra se aplica também, quando em português o dat. vem seguido de uma cláusula integrante. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Sivi pueros domo exire* | Permiti aos meninos que saissem da casa |

3) A frase latina: *Vetuit eos verum dicere*, pode ser traduzida também: "Proibiu-os de falar a verdade". Muitos verbos portuguêses, tais como "ordenar, mandar", "permitir, deixar", "proibir" e "ensinar" admitem várias construções, sem que essa circunstância tenha a menor importância para a construção da frase latina. Em latim sempre se deve usar o A. c. I., independentemente da construção empregada em português.

4) Os verba voluntatis que exprimem permissão, ordem, proibição, etc. (os que pertencem às classes 2 e 3) trazem consigo um objeto direto que é sempre idêntico ao sujeito da ação expressa pelo Inf.; em português, principalmente em linguagem coloquial, os dois podem estar explícitos, p. e. "O general me ordena que (eu) destrua a ponte"; em latim, tal repetição é considerada como redundância, dizendo-se: *Dux jubet me pontem delere*. Cf. ainda:

| | |
|---|---|
| *Magister non sivit pueros hunc librum legere* | O professor não permitiu aos meninos que (êles) lessem êste livro |

5) A frase portuguêsa: "Ordeno chamar a empregada", não pode ser traduzida: *Jubeo servam vocare*, porque esta frase latina significaria: "Ordeno que a empregada chame". A tradução correta será: *Jubeo servam vocari* (= "Ordeno que a empregada seja chamada").

Os verbos *pati, sinĕre, jubēre, vetare, prohibēre* e *cogĕre*, quando seguidos de um A. c. I., sem a indicação da pessoa a quem se dá permissão, ordem, etc. levam o Inf. para a voz passiva, porque a ação expressa pelo Inf. tem valor passivo. Outros exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dux oppidum incendi sivit/passus est* | O general deixou incendiar a fortaleza |
| *Socrates leges neglegi vetuit* | Sócrates proibiu menosprezar as leis |

6) Os verbos *optare* ("desejar"), *imperare* ("mandar, ordenar") e *curare* ("mandar, fazer") têm geralmente outra construção, encontrando-se raras vêzes o A. c. I. com êles.

7) Todos os verbos assinalados acima (menos *assuefacĕre*) são muitas vêzes construídos também com *ut, ne, quominus, quin*, como havemos de ver mais adiante.

8) O verbo *docēre* pode ser verbum declarandi ("narrar, expor, informar"), mas também verbum voluntatis ("ensinar a"); daí a diferença entre:

| | |
|---|---|
| *Doceo te ‖ latine loqui* | Ensino-te a falar latim |
| *Doceo ‖ te latine loqui* | Informo (outros) de que falas latim* |

§ 10. **Verba impersonalia, etc.** — I. ***As duas classes dêste grupo.*** A êste grupo de verbos pertencem as expressões que já encontramos no § 2, II; acrescentamos aqui:

1) os seguintes verbos impessoais:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *apparet* | é evidente, claro | *interest* | interessa, importa |
| *constat* | consta, é certo | *patet* | é patente, manifesto |
| *expedit* | é útil | *refert* | importa, interessa |

2) as seguintes locuções compostas de *esse* e nome predicativo:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *fama est* | corre o boato | *nefas est* | é ilícito |
| *fas est* | é lícito | *par est* | é justo |
| *jus est* | é justo | *tempus est* | é tempo |
| *necesse est* | é necessário | | |

II. ***Observações.*** 1) Quase todos os verbos impessoais e locuções, mencionados nos §§ 2, II e 10, I, admitem também outras regências, como havemos de ver mais adiante.

2) Quando o Inf. não tem sujeito determinado, usa-se com êste grupo de verbos o simples Inf. subjetivo (cf. § 2): se tal Inf. subjetivo vier acompanhado de um nome predicativo, êste vai para o acusativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Oportet te orare* (A. c. I.) | Convém que rezes |
| *Oportet semper orare* (Inf. subj.) | Convém orar sempre |
| *Dedecet te pigrum esse* (A. c. I.) | Não convém que sejas preguiçoso |

| | |
|---|---|
| *Dedecet pigrum esse* (Inf. subj.) | Não convém ser preguiçoso |
| *Oportet nos fortes esse* (A. c. I.) | Cumpre que sejamos corajosos |
| *Oportet fortem esse* (Inf. subj.) | Cumpre ser corajoso |

3) O verbo *licet* e as locuções *opus est* e *necesse est* admitem várias construções, como se pode ver pelos seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Non licet mentiri* (Inf. subj.) | Não é lícito mentir |
| *Non licet tibi mentiri* / *Non licet te mentiri* (1) | Não te é lícito mentir |
| *Non licet mendacem esse* | Não é lícito ser mentiroso |
| *Non licet tibi mendacem/mendaci esse* | Não te é lícito ser mentiroso |

§ 11. **O sujeito da proposição infinitiva.** — I. ***O emprêgo do pronome reflexivo.*** Em português pode dizer-se "Paulo diz estar doente" = "Paulo diz que êle (= Paulo) está doente"; sendo iguais o sujeito da oração principal e o da oração infinitiva, o português constrói muitos verbos com o simples Inf. sem exprimir o sujeito do mesmo por uma palavra explícita. Ora, tal omissão não é lícita em latim: sempre se deve exprimir o sujeito da proposição infinitiva pelo acusativo. Note-se bem que, havendo identidade de sujeito, se deve usar *se* (ou *sese*) na 3.ª pess. (sg. e pl.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dico me esse aegrotum* | Digo estar doente |
| *Dicis te esse aegrotum* | Dizes estar doente |
| *Puer dicit se esse aegrotum* | O menino diz estar doente |
| *Puella dicit se esse aegrotam* | A menina diz estar doente |
| *Pueri dicunt se esse aegrotos* | Os meninos dizem estar doentes |
| *Puellae dicunt se esse aegrotas* | As meninas dizem estar doentes |

Mas:

| | |
|---|---|
| *Paulus dicit eum esse aegrotum* | Paulo diz que êle (= Pedro) está doente |

II. ***Observações.*** 1) Tôda e qualquer referência na proposição infinitiva ao sujeito da oração principal, que esteja na 3.ª pessoa, deve ser expressa pelo pronome reflexivo (pessoal ou possessivo): *sui*, *sibi*, (*a*) *se* e *suus*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Paulus dicit hunc librum sibi a magistro datum (esse)* | Paulo diz que êste livro lhe (= Paulo) foi dado pelo professor |
| *Paulus dicit patrem suum mortuum esse* | Paulo diz que seu pai (= o de Paulo) faleceu |

(1) A construção normal é: *Non licet tibi mentiri* (Dat. c. Inf.); o A. c. I. é raro com *licet*.

Mas:

| | |
|---|---|
| *Paulus dicit hunc librum ei a magistro datum (esse)* | Paulo diz que êste livro lhe (= Pedro) foi dado pelo professor |
| *Paulus dicit patrem ejus mortuum esse* | Paulo diz que seu pai (= o de Pedro) faleceu |

2) Pode-se omitir o sujeito da proposição infinitiva com os verba voluntatis pròpriamente ditos (*velle, nolle, malle, studēre, cupĕre*), cf. § 9, II, 3.*

§ 12. **O tempo da proposição infinitiva.** — I. ***Tempo absoluto e tempo relativo.*** Na frase portuguêsa: "Meu amigo disse *estar* doente", a forma "estar" é, do ponto de vista da morfologia, um Inf. do Presente, mas sua função sintática, — pelo menos, nesta frase, — não é a de indicar o momento atual, o que logo se pode ver, se dissermos: "Meu amigo disse que *estava* doente". "Estar" indica simultaneidade com a ação verbal da oração principal "disse", forma essa que exprime sempre o passado.

Em termos gramaticais, isso quer dizer que a forma "disse" designa o tempo absoluto, e a forma "estar" designa o tempo relativo.

1) O tempo absoluto (sempre forma do verbo finito) situa uma ação verbal no tempo em relação ao momento atual em que se acha quem fala ou escreve; suas categorias são: o presente, o passado e o futuro; encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em orações principais.

2) O tempo relativo (o único que pode ser designado pelo Inf.) situa uma ação verbal no tempo em relação a um dos três momentos, ou grupo de momentos, indicado pelo tempo absoluto; suas categorias são: a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade; encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em cláusulas e em orações reduzidas (participiais e infinitivas).

Por enquanto basta termos dado esta distinção fundamental; mais adiante havemos de voltar ao mesmo assunto (cf. § 44, I, 1–2).

II. ***A relatividade do Infinito.*** O Inf., tanto em português como em latim, exprime apenas o tempo relativo, isto é, indica simultaneidade, posterioridade ou anterioridade em

relação ao momento temporal designado pelo verbo da oração regente. São estas as regras:

O Inf. Pres. exprime SIMULTANEIDADE, o Inf. Pf. exprime ANTERIORIDADE, e o Inf. Fut. exprime POSTERIORIDADE em relação à ação expressa pelo verbo regente. Exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Dico regem Romam* | *rediisse* (ant.)<br>*redire* (simult.)<br>*rediturum esse* (post.) | Digo que o rei | voltou<br>volta<br>voltará — a Roma |
| *Dixi regem Romam* | *rediisse* (ant.)<br>*redire* (simult.)<br>*rediturum esse* (post.) | Disse que o rei | voltara<br>voltava<br>voltaria — a Roma |

**Nota.** Em português são possíveis também outras traduções, p. e.:

| | |
|---|---|
| "está voltando" | em lugar de "volta" |
| "há de voltar" | em lugar de "voltará" |
| "havia/tinha voltado" | em lugar de "voltara"(1) |
| "estava voltando" | em lugar de "voltava" |
| "havia de voltar" | em lugar de "voltaria", etc.(2) |

§ 13. **Precisão do latim.** — I. ***O emprêgo dos tempos.*** O latim marca, em geral, com uma precisão muito maior do que as línguas modernas, o tempo relativo. Em português pode dizer-se: "A menina promete *voltar* logo" (= "A menina promete que *voltará* logo"); em latim, é obrigatório indicar a posterioridade da ação verbal "voltar" em relação à ação expressa pelo verbo regente "promete". A tradução correta da dita frase será: *Puella pollicetur se mox redituram* (*esse*). Repare-se bem nessa particularidade do latim, principalmente com os verbos: *sperare, in spe esse, spem habēre* e *in spem venire; pollicēri, promittĕre* e *spondēre; jurare; minari* e *minitari.* Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dux minatus est se urbem incensurum* (*esse*) | O general ameaçou incendiar a cidade |
| *Testes juraverunt se verum dicturos* (*esse*) | As testemunhas juraram falar a verdade |

**Nota.** Alguns dêstes verbos podem ser combinados também com o Inf. Pres. ou Pf., como o mostram os seguintes exemplos:

(1) Muitas vêzes não se exprime em português a anterioridade, dizendo-se: "voltou".
(2) Muitas vêzes não se exprime em português a posterioridade, dizendo-se: "voltava".

| | |
|---|---|
| *Spero me hanc rem probasse* | Espero ter demonstrado esta coisa |
| *Testes jurant se cives Romanos esse* | As testemunhas juram ser cidadãos romanos |

II. ***Observações.*** 1) Segundo as regras da lógica rigorosa, os verba voluntatis deveriam sempre reger um Inf. Fut., visto que a ação verbal expressa pela proposição infinitiva sempre se refere a uma ação ainda não realizada, isto é, posterior. Com os verbos dêste grupo, porém, o latim admite apenas o Inf. Pres. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Volo te cras redire* | Quero que voltes amanhã |
| *Dux coegit hostes fugere* | O general forçou os inimigos a fugir |

2) Por vêzes, o latim usa, em lugar do Inf. Fut., uma circunlocução composta de *fore ut* (menos freqüentemente, *futurum* (*esse*) *ut*), seguido do Subj. Prés. depois de um verbo principal que não seja um pretérito, e seguido do Subj. Impf. depois de um verbo principal no pretérito. Esta construção é obrigatória, quando o verbo da oração infinitiva não possui o Inf. Fut. da V. A. ou da V. P.; também é muito comum com o verbo *sperare*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Puto fore ut hujus rei numquam me paeniteat* (obrigatório, porque *paenitēre* não tem Inf. Fut.) | Julgo que nunca me arrependerei dêste fato |
| *Romani putabant fore ut Hannibal facile ab Italiā arceretur* (obrig., porque *arcēre* não tem Inf. Fut. da V. P.) | Os romanos julgavam que Haníbal seria fàcilmente mantido a certa distância da Itália |
| *Romani sperant fore ut omnes barbari ex Italiā pellantur* (facult., = *omnes barbaros ex Italiā pulsum iri*) | Os romanos esperam que todos os bárbaros sejam expulsos da Itália |

**Nota.** *Fore* e *futurum esse* são o Inf. Fut., não só de *esse*, mas também de *fieri* ("acontecer, dar-se"); são muito usadas, em latim, expressões dêste tipo: *Fit ut barbari pellantur* ("Acontece que os bárbaros são expulsos"), daí a construção: *Romani sperant fore ut barbari pellantur* (cf. §148, I).

3) Os verbos *velle*, *posse* e *debēre* exprimem geralmente já por si uma ação não realizada, portanto posterior; em orações infinitivas, emprega-se muitas vêzes o Inf. Pres. dêstes verbos em substituição a um Inf. Fut. Os verbos *velle* e *posse*, aliás, não possuem o Inf. Fut. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Romani sperant se omnes barbaros ex Italiā pellere posse* | Os romanos esperam poder expulsar todos os bárbaros da Itália |
| *Caesar sperabat Gallos in fide populi Romani permanere velle* | César esperava que os gauleses quisessem (= haveriam de querer) ficar fiéis ao povo romano*. |

§ 14. **Várias maneiras de traduzir o A. c. I.** — I. ***Orações independentes.*** Já encontramos algumas maneiras de traduzir um A. c. I. para o português. A tradução mais comum é mediante uma cláusula integrante, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Dicunt hunc librum utilissimum esse* | Dizem que êste livro é muito útil |

Em estilo elevado pode usar-se, também em português, o A. c. I., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Dicunt hunc librum utilissimum esse* | Dizem ser muito útil êste livro |

Com os verba voluntatis recomenda-se uma oração infinitiva, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Jubeo servum januam claudere* | Ordeno ao empregado fechar a porta |
| *Prohibuisti me hunc librum legere* | Proibiste-me de ler êste livro |
| *Pater meus assuefecit me verum dicere* | Meu pai me acostumou a falar a verdade |

II. ***Cláusulas relativas.*** A frase: *Dicunt hunc librum utilissimum esse*, poderia ser traduzida também desta forma: "Como dizem, êste livro é muito útil", ou: "Êste livro, (como) dizem, é muito útil". Recomenda-se esta maneira de traduzir o A. c. I., quando faz parte duma cláusula relativa; são possíveis também outros tipos de tradução, como o mostram os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ciceronis libros "De Officiis", quos omnes sciunt utilissimos esse, heri legi* | Ontem li os livros de Cícero "Sôbre os Deveres" que, como todos sabem, são muito úteis, ou: que todos sabem serem muito úteis, ou: os quais todos sabem que são muito úteis, etc. |
| *Ciceronem, quem ferunt*(1) *a Marco Antonio interfectum esse, magnopere admiramur* | Admiramos muito Cícero que, (como) dizem, foi morto por Marcos Antônio, ou: que, segundo a tradição, foi morto por Marcos Antônio |

(1) *Ferunt* = "dizem" (tratando-se de boatos), ou = "transmitem" (tratando-se de tradições).

## NOMINATIVUS CUM INFINITIVO

§ 15. ***Introdução.*** — I. ***A forma passiva do A. c. I.*** Além do A. c. I., o latim conhece ainda outro tipo de proposição infinitiva, com o verbo regente na V. P.; é o chamado NOMINATIVUS CUM INFINITIVO (abreviatura: N. c. I.), construção essa que se pode considerar como a forma passiva do A. c. I., como se pode ver pelos seguintes esemplos:

| | |
|---|---|
| *Dicunt Ciceronem magnum oratorem fuisse* (A. c. I.) | Dizem que Cícero foi um grande orador |
| *Cicero dicitur magnus orator fuisse* (N. c. I.) | Diz-se que Cícero foi um grande orador, ou: Como se diz, foi Cícero um grande orador(1) |
| *Jubeo te abire* (A. c. I.) | Ordeno-te sair |
| (*Tu*) *juberis a me abire* (N. c. I.) | És ordenado por mim a sair, ou melhor: Ordeno que saias |
| *Vetuit januas claudi* (A. c. I.) | Proibiu fechar as portas |
| *Januae vetitae sunt ab eo claudi* (N. c. I.) | Foi proibido por êle que se fechassem as portas, ou melhor: Proibiu fechar as portas |

II. ***Regras elementares.*** Partindo dêstes exemplos, podemos fazer as seguintes observações:

1) Em português, são possíveis várias traduções, das quais registramos aqui apenas algumas. Ora, ao principiante recomenda-se sempre partir de uma cláusula integrante em português, observando-se as seguintes regras:

*a*) Não se traduz a partícula integrante "que".

*b*) O sujeito da cláusula portuguêsa ("Cícero", "tu", e "as portas") vem a ser o sujeito da frase latina: *Cicero*, (*tu*) e *januae*, respectivamente.

*c*) O verbo regente da frase portuguêsa ("diz-se", "ordena-se" e "foi proibido" ou "proibiu-se") vem a ser o predicado da frase latina, e deve sempre estar na VOZ PASSIVA, porque "se" é partícula apassivadora. Evidentemente, êsse predicado deverá concordar com o sujeito da frase: *dicitur* com *Cicero*, *juberis* com *tu*, e *vetitae sunt* com *januae*.

(1) Cf. em inglês: *Cicero is said to have been a great orator.*

*d*) O predicado da cláusula portuguêsa ("foi", "saias" e "se fechassem") vai para o Inf.: *fuisse, abire* e *claudi*, respectivamente. Quanto ao emprêgo dos tempos, observem-se as regras já estudadas no A. c. I.

*e*) Havendo nome predicativo dentro da proposição infinitiva, deverá êsse estar no nominativo, p. e. *magnus orator*.

2) O agente de uma frase passiva traduz-se em latim pela preposição *a(b)* mais ablativo, p. e.: *a me*, e *ab eo*. Muitas vêzes acontece, porém, que a frase latina não exprime o agente. É muito mais comum encontrarmos frases do tipo: *Januae vetitae sunt claudi* do que: *Januae vetitae sunt claudi ab eo*. Nesta última hipótese, o latim prefere a construção ativa: *Vetuit januas claudi* (A. c. I.).

§ 16. **Verbos que admitem o N. c. I. — I. *O emprêgo do N. c. I.*** Nem todos os verbos latinos que são construídos com o A. c. I., admitem também o N. c. I. Aqui se seguem os principais encontrados em prosa clássica.

1) O verbo *vidēri* = "parecer". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Puellae videbantur mihi mentitae (esse)* | Parecia-me que as meninas haviam mentido, ou: As meninas pareciam-me ter mentido |
| *Videris nobis parentes tuos decepisse* | Parece-nos que enganaste teus pais |

2) Algúns verba voluntatis.

Os principais são: *cogi, jubēri, prohibēri, vetari, docēri* e *sini*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cives divites coacti sunt pecuniam dare* | Os cidadãos ricos foram forçados a dar dinheiro |
| *Docemur legibus domare libidines* | Somos ensinados pelas leis (ou: As leis nos ensinam) a refrear as paixões |
| *Clodius a Cicerone situs non est perdere rem publicam* | Não foi dada por Cícero a Clódio a oportunidade de arruinar o Estado, ou: Cícero não deixou que Clódio arruinasse o Estado |

3) Alguns verba sentiendi et declarandi.

Os principais são: *audiri, dici, existimari, inveniri, judicari, negari, nuntiari, putari* e *reperiri;* além disso, mas só

na 3.ª pessoa (sg. e pl.), as formas *fertur/traditur* e *feruntur/traduntur:* "transmite-se que, diz a tradição; corre o boato que, segundo a tradição/o boato", etc. Ao contrário dos verbos que pertencem às duas outras classes, êstes verba dentiendi et declarandi admitem o N. c. I. apenas nas formas derivadas do Infectum (isto é, Pres., Impf., e Fut. Simples); nas formas derivadas do Perfectum (isto é, Pf., Msqupf., e Fut. Pf.) prefere-se geralmente o A. c. I. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Obsides e carcere effugisse nuntiantur* | Anuncia-se que os reféns fugiram do cárcere |
| *Traditur/fertur Romulus primus rex Romanorum fuisse* | Segundo a tradição, foi Rômulo o primeiro rei dos romanos |
| *Nuntiatum est obsides e carcere effugisse* | Anunciou-se que os reféns haviam fugido do cárcere |
| *Traditum est Romulum primum regem Romanorum fuisse* | Segundo a tradição, fôra Rômulo o primeiro rei dos romanos*. |

II. ***Observação.*** A distinção entre o A. c. I. (tempos derivados do Perfectum) e o N. c. I. (tempos derivados do Infectum) não é rigorosa: sobretudo os verbos *nuntiari* e *dici*, quando acompanhados de um dat. ou de um adv., regem muitas vêzes o A. c. I., também nos tempos derivados do Infectum: *nuntiatur Caesari obsides effugisse.* Por outro lado, encontramos construções do tipo: *Obsides nuntiati sunt effugisse.*

## OUTRAS CONSTRUÇÕES

§ 17. **Outras construções infinitivas.** — Mencionamos aqui o Inf. histórico (I) e o Inf. exclamativo (II).

I. ***O Infinito histórico.*** Para tornar mais viva uma narrativa, o latim se serve muitas vêzes do Inf. Pres. em lugar do Ind. de um tempo pretérito (Pf. ou Impf.); ao usar o Inf. histórico, o autor limita-se a esboçar em linhas gerais a ação verbal, deixando à imaginação dos leitores os pormenores relativos ao tempo e à pessoa. O Inf. histórico pode variar com o verbo finito, por vêzes, no mesmo período. A construção encontra-se principalmente nos historiadores (exceto César) e nos comediógrafos. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Angues pergunt ad cunas citi. Ego cunas recessim trahere* | As cobras caminhavam ràpidamente rumo ao berço. E eu puxei o berço logo para trás. |

*Maximā vi certatur*(1). *Interea Catilina in primā acie versari, laborantibus succurrere, omnia providere, multum ipse pugnare, saepe hostem ferire*

Lutava-se com grande intensidade. Entrementes, Catilina se detinha na primeira fileira, socorria os que estavam em apuros, tomava tôdas as providências, combatia valentemente, e feria amiúde um inimigo

II. ***O Infinito exclamativo.*** O Inf. exclamativo é, no fundo, um caso particular do A. c. I., com elipse do verbo regente (geralmente: *dolēre*, *pudet me*, *decet me*, *mirari*, *indignari*, etc.), mas a elipse não precisa ser consciente. Usa-se sobretudo em exclamações que exprimem admiração, espanto ou vergonha, bem como em perguntas que revelam indignação, etc. A construção encontra-se principalmente na linguagem coloquial, onde o gesto e o tom podem fàcilmente completar a frase. Exemplos:

*Te nunc, Terentia, sic vexari!* (sc. *magnopere doleo*)

Ó Terência, como acho terrível que tanto sofras!

*Me inceptum desistere?* (sc. *nonne pudet?*)

Não seria vergonhoso eu desistir do meu plano?, ou: Eu desistir do meu plano?!*

(1) *Pergunt* e *certatur* são Presentes históricos, cf. §45, II.

## Capítulo II

# O PARTICÍPIO

§ 18. **Introdução geral.** — I. ***Os Particípios em latim.*** Em latim histórico havia três particípios: um do Pres., um do Pf. e um do Fut. Distribuem-se desta maneira entre as vozes do verbo:

1) Verbos normais, isto é, não depoentes:

| | PERFEITO | PRESENTE | FUTURO |
|---|---|---|---|
| V. A. | — (tendo/havendo louvado) | *laudans* louvando/que louva | *laudaturus* havendo de louvar |
| V. P. | *laudatus* (tendo sido) louvado | — (sendo louvado) | — (havendo de ser louvado) |

2) Verbos depoentes:

| | PERFEITO | PRESENTE | FUTURO |
|---|---|---|---|
| V. A. | *hortatus* (tendo/havendo exortado) | *hortans* exortando/que exorta | *hortaturus* havendo de exortar |

II. ***Observações.*** 1) De verbos "normais" não existem as formas correspondentes a "tendo/havendo louvado", "sendo louvado" e "havendo de ser louvado"; de verbos depoentes não existe nenhum particípio de significado passivo. A regra, embora inexata nesta formulação rigorosa (cf. § 24), tem graves conseqüências para a construção de proposições participiais (cf. § 22, I).

2) É melhor evitar o têrmo Part. Fut. da V. P. para o gerundivo, visto que êste começa a exercer a função participial só em latim tardio (cf. § 30, II, 4).

3) Do mesmo modo que o Inf. (cf. §12, II), também o Part. não exprime tempo "absoluto", e sim tempo "relativo" O mesmo acontece em português, p. e.: "*Proferindo* o orador estas palavras, a assembléia rompeu em aplausos" = "Quando o orador *proferia* estas palavras, .....". Como se vê, "proferindo" não exprime, neste caso, o "presente", mas a simultaneidade com uma ação que se realizou no passado. Cf. ainda: "*Terminadas* as férias, voltarei a São Paulo" = "Quando as férias *estiverem terminadas*, ....." (anterioridade de "terminadas" em relação à ação do verbo principal "voltarei").

Agora podemos formular as seguintes regras:

O Part. Pres. exprime simultaneidade,
O Part. Pf. exprime anterioridade,
O Part. Fut. exprime posterioridade, — sempre em relação à ação expressa pelo verbo regente.

§19. **Os diversos empregos do particípio.** — I. ***Os empregos atributivo e predicativo.*** O Part. é adjetivo e, como tal, tem de referir-se a um substantivo. Ora, há três maneiras de um adj. poder referir-se a um subst.: a atributiva, a predicativa e a semi-predicativa.

1) O emprêgo ATRIBUTIVO é encontrado p. e. em: "Ontem faleceu meu amigo *generoso*". Nesta frase, a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" é direta (isto é, não através de um verbo de ligação) e, ao mesmo tempo, exclusiva (isto é, o adj. "generoso" refere-se apenas ao subst. "amigo", e não ao predicado "faleceu"). Um adjunto atributivo pode ser substituído por uma cláusula relativa (= adjetiva), p. e.: "Ontem faleceu meu amigo *que era muito generoso*". É sempre partindo do emprêgo atributivo que um adj. vem a ser substantivado, p. e.: "Os (homens) bons sofrem pelos (homens) maus".

2) O emprêgo PREDICATIVO apresenta algumas variantes, das quais mencionamos:

*a*) O emprêgo predicativo SUBJETIVO, p. e. na frase: "Teu amigo é *generoso*"; nesta frase, a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" (SUJEITO DA FRASE), se faz por meio de um verbo de ligação (p. e. "ser, estar, ficar, parecer, tornar-se", etc.).

*b*) O emprêgo predicativo OBJETIVO, p. e. na frase: "Achei teu amigo muito *generoso*"; aqui a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" (OBJETO DIRETO DA FRASE), se faz mediante um verbo transitivo-predicativo (p. e. "achar, nomear, julgar, considerar, tornar", etc.).

O que é comum aos dois tipos de predicativos é que constituem um elemento imprescindível do predicado, sem o qual a frase estaria incompleta ou ficaria com significado completamente diferente, p. e.: "Teu amigo é", e: "Achei teu amigo."

3) O emprêgo SEMI-PREDICATIVO é encontrado p. e. na frase: "*Generoso* como sempre, teu amigo me ajudou bastante"; aqui a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" não é direta nem exclusiva, mas "generoso" diz também alguma coisa do predicado "me ajudou". Mas, ao contrário do emprêgo predicativo pròpriamente dito, o adj. "generoso", no seu emprêgo semi-predicativo, não é elemento imprescindível, e sim, acessório do predicado, constituindo um certo elemento circunstancial do mesmo: "generoso" = "devido à sua generosidade", e poderia ser substituído por uma cláusula conjuncional (= adverbial): « "*Como teu amigo é muito generoso*, ajudou-me bastante". Há vários tipos do emprêgo semi-predicativo do adj., mas para nossos fins basta termos dado essas noções elementares, cujo conhecimento tem certa importância para a compreensão das diversas funções do part. latino.

II. ***Aplicações ao Particípio.*** Globalmente falando, podemos dizer que o part. latino se enquadra nos moldes da classificação dada acima. Vejamos agora os pormenores:

1) O emprêgo atributivo. Os três part. latinos podem ser empregados de modo atributivo; quanto ao Part. Pf. da V. P. não existem dificuldades para o tradutor brasileiro, visto que o seu Part. do Passado admite a mesma função.

O Part. Pres. da V. A. (atributivo) traduz-se, geralmente, por uma cláusula relativa, visto que o chamado "gerúndio" português só raras vêzes exerce a função atributiva. *Puer dormiens* (atributivo; cf. em francês: *L'enfant dormant*) = "O menino *que dorme*", e não: "O menino, *dormindo* ..." (esta tradução seria "semi-predicativa").

O Part. Fut. da V. A. é, de modo atributivo, pouco usado, pelo menos, em prosa clássica, exceto as duas formas: *venturus* e *futurus*, ambas como o significado de "futuro, vindouro". Exemplos do emprêgo atributivo:

| | |
|---|---|
| *Dux milites occisos sepeliri jussit* | O general mandou sepultar os soldados mortos (ou: que haviam sido mortos) |
| *Odiosum est genus hominum aliis maledicentium* | É odioso o gênero de homens que falam mal dos outros |
| *Tempora futura incerta suni* | Os tempos futuros são incertos, ou: O futuro é incerto |

**Notas.**

1) Como se vê pelos exemplos, o part. empregado atributivamente aproxima-se muito de um adj. pròpriamente dito, e daí o caminho não é muito longo para a "substantivação". Nas três frases poderíamos omitir os subst. regentes (*milites, hominum* e *tempora*) sem que se modificasse muito o significado.

2) Em poesia e em latim da época imperial (mas também nas obras de Salústio), é freqüente o emprêgo atributivo do Part. Fut. para exprimir um destino, uma fatalidade. Muitas vêzes, o valor é pràticamente igual ao de um adjetivo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Da nobis urbem mansuram!* | Dá-nos uma cidade duradoura (ou: destinada a permanecer) |
| *Urbem venalem et mature perituram adiit* | Dirigiu-se a uma cidade subornável e fadada a perecer cedo |

2) O emprêgo predicativo. *a*) É desnecessário comentarmos as formas *laudatus sum/eram/ero*, etc.; sôbre *laudaturus sum/sim/eram/essem* (a chamada "conjugação perifrástica") pretendemos falar no §51; por outro lado, expressões do tipo: *laudans sum/eram*, etc. (cf. em português: *Estou louvando;* em inglês: *I am praising*) são extremamente raras em latim clássico, limitando-se seu emprêgo a textos vulgares e, geralmente, tardios (talvez influência do grego).

*b*) O emprêgo predicativo, como adjunto do objeto direto da frase, encontra-se em algumas construções que, às vêzes, são denominadas "Accusativus cum Participio": o Part. Pres. com verba percipiendi, e o Part. Pf. com verba voluntatis. Ver § 27.

3) O emprêgo semi-predicativo. Muito mais importante do que o emprêgo atributivo é o emprêgo semi-predicativo do part. latino; isto quer dizer que um part. latino substitui muito mais freqüentemente uma cláusula conjuncional (adverbial) do que uma cláusula relativa (adjetiva). Também o português, como as línguas românicas em geral, não raro emprega a construção participial, mas em latim lite-

rário ela é muito mais freqüente ainda. O emprêgo dos part. do Pres. e do Pf. é mais comum que o do Fut. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hoc iter faciens multas epistulas ad amicos scripsi* (simult.) | Fazendo esta viagem (ou: Quando fazia esta viagem), escrevi muitas cartas aos amigos |
| *Hunc librum lectum ad te mittere in animo habeo* (ant.) | Pretendo enviar-te êste livro, depois de o ter lido |
| *Transiturus in Italiam Hannibal sacrificavit diis* (post.) | Antes que passasse para a Itália (ou: Antes de passar, ou: Devendo passar), Haníbal fêz um sacrifício aos deuses |

§ 20. **A tradução do part. semi-predicativo.** — Nos exemplos dados acima (cf. § 19, II, 3), traduzimos todos os particípios latinos mediante uma cláusula conjuncional temporal, p. e. "Quando", "Depois que/de", e "Antes que/de". Mas a função temporal não é a única a ser exercida pelo particípio latino. Mencionamos aqui:

I. ***A função condicional.*** Em português podemos usar a conjunção "se". Exemplos.

| | |
|---|---|
| *Mendaci homini ne verum quidem dicenti credere solemus* | Não costumamos acreditar em um homem mentiroso, nem sequer se fala a verdade |
| *Patriam defendens ab omnibus civibus laudaberis* | Se defenderes a pátria, serás louvado por todos os cidadãos |

II. ***A função concessiva.*** Em português podemos usar as conjunções "ainda que, embora, mesmo que", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Risum cupientes tenere interdum nequimus* | Por vêzes não conseguimos conter o riso, embora o desejemos |
| *Oculus se non videns alia cernit* | O ôlho, embora não se veja a si próprio, enxerga outras coisas |

III. A função ***causal.*** Em português podemos usar as conjunções "porque, visto/já/uma vez que, como", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Metuens insidias dux in castris manere statuit* | Como o general temesse uma cilada, decidiu-se a permanecer no acampamento |
| *Athenienses Alcibiadem corruptum a rege Persarum oderant* | Os atenienses odiavam Alcibíades, porque tinha sido subornado pelo rei dos persas |

**Nota.** Para precisar a função de uma construção participal, os autores, principalmente os da época imperial, acrescentam muitas vêzes um advérbio esclarecedor, cf. §25, II.

## O PARTICÍPIO CONJUNTO E O ABLATIVO ABSOLUTO

§21. **Generalidades.** — I. ***Exemplos dos diversos casos.*** O emprêgo do part. latino não se limita ao nom., mas estende-se também aos casos oblíquos (cf. *mendaci homini dicenti*, e *Alcibiadem corruptum*, no §20, I e III). O seguinte esquema poderá dar aos principiantes uma idéia das diversas ocorrências do part. numa frase latina:

| | |
|---|---|
| *Hostes profligati trans Rhenum se receperunt* (nom.) | Depois que os inimigos foram derrotados, retiraram-se para além do Reno |
| *Hostium profligatorum arma Romani milites capiunt* (gen.) | Depois que os inimigos foram derrotados, pilharam os soldados romanos suas armas, ou: pilharam-lhes as armas os soldados romanos |
| *Hostibus profligatis Caesar stipendium imperavit* (dat.) | Depois que os inimigos foram derrotados, César exigiu-lhes o pagamento de um tributo |
| *Hostes profligatos Caesar trans Rhenum reppulit* (ac.) | Depois que os inimigos foram derrotados, César expulsou-os para além do Reno |
| *Hostibus profligatis Caesar in Italiam rediit* (abl.) | Depois que os inimigos foram derrotados, César voltou à Itália |

II. ***Regras elementares.*** Nos exemplos acima, traduzimos cada uma das construções participiais por uma cláusula conjuncional, introduzida por "depois que" (posterioridade expressa pelo Part. Pf.), embora quase sempre fôsse possível também a tradução "atributiva" (mediante uma cláusula relativa). Por motivos de ordem didática parece-nos preferível, porém, partirmos da tradução "conjuncional", porque esta necessita, mais do que aquela, de um comentário. Partindo da nossa tradução, podemos descobrir com facilidade em que casos o latim se serve do part. conjunto (nom., gen., dat. e ac.) e quando se pode usar o chamado "ablativo absoluto". Para acharmos a solução dêste problema, devemos tomar por ponto de partida o sujeito da cláusula portuguêsa.

1) No primeiro exemplo, há uma referência (embora oculta), na oração principal, ao sujeito da cláusula, pois: "*os inimigos* foram derrotados" e "*os inimigos* se retiraram"; essa referência está no nom., porque exerce a função de sujeito na oração principal. Neste caso, o part. conjunto vai também para o nom. (*profligati*).

No segundo exemplo, há igualmente na oração principal uma referência ao sujeito da cláusula: "*suas* armas = as armas *dêles*" (gen. que exprime posse, que em português é muitas vêzes substituído pelo dat. "lhes"). Neste caso, o part. vai para o gen. (*profligatorum*).

No terceiro exemplo, a referência está no dat. ("lhes"); neste caso, o part. vai para o dat. (*profligatis*).

No quarto exemplo, a referência está no ac. ("os"); neste caso, o part. vai para o ac. (*profligatos*).

**Nota.** É importante observar-se que a referência na proposição principal, seja qual fôr o caso em que esteja, não se traduz. Não devemos acrescentar à primeira frase a palavra *ii* ou *ei*, nem *eorum* à segunda, nem *iis* ou *eis* à terceira, nem *eos* à quarta.

2) No quinto exemplo, porém, não se encontra nenhuma referência na oração principal ao sujeito da cláusula "os inimigos"; ora, não havendo tal referência, o sujeito da cláusula e o seu predicado ("foram derrotados") vão para o ablativo (é o chamado ABLATIVO ABSOLUTO). É quase desnecessário observarmos que o part., por ser adjetivo, deve concordar, em número e em gênero, com o substantivo-sujeito da cláusula participial. Assim dizemos:

| | |
|---|---|
| *Cicerone loquente/interfecto Antonius in curiam venit* | Enquanto Cícero falava/Depois que Cícero foi morto, Antônio entrou na cúria |
| *Bruto et Cassio mortuis Romani libertatem amiserunt* | Depois da morte de Bruto e Cássio, os romanos perderam a liberdade |
| *Cleopatrā mortuā Aegyptus in potestatem Romanorum venit* | Depois da morte de Cleópatra, o Egito caiu em poder dos romanos |

**Nota.** A terminação do Part. Pres. no abl. abs. é sempre *–e*, e nunca *–i*. Assim dizemos: *Cicerone loquente, laudante*, etc. Mas a terminação de particípios completamente adjetivados é *–i*, por exemplo: *virtute praestanti* ("pela virtude notável")

III. ***Observação.*** Para a consciência lingüística dos romanos, o abl. abs. não constituía uma proposição avulsa, nem sequer substituía uma cláusula, mas fazia parte integrante da proposição "regente". Aliás, também os idiomas românicos possuem ainda o particípio "absoluto" ou "sôlto"; cf. em português: *"Terminadas as férias,* irei a São Paulo", e: *"Saindo êle,* eu não poderei ir". Também o inglês, sob a influência do francês (e, na linguagem literária, sob a influência também do latim), adotou o particípio "absoluto", p. e. *This matter having been settled, I went home.**

§ 22. **Como traduzir o particípio passado da V. A.** — Como já vimos no § 18, II, 1, não existe em latim o Part. Pf. da V. A. de verbos "normais", só de verbos depoentes. Pergunta-se agora, como podemos reproduzir em latim uma frase do tipo: "O cônsul romano, depois de obter vinte navios, saiu do pôrto".

I. ***Substituição por um verbo depoente.*** A solução mais fácil é empregarmos um verbo depoente sinônimo, se é que tal existe. "Obter", em latim, significa não só: *obtinēre,* mas também: *nancisci.* Ora, êste verbo possui o Part. Pf. da V. A.: *nactus,* de modo que poderemos traduzir: *Consul Romanus nactus vinginti naves e portu discessit.*

**Nota.** Alguns exemplos de verbos "sinônimos":

| | | |
|---|---|---|
| Saquear | *diripĕre* | *populari* |
| Sair, partir | *exire, discedĕre* | *proficisci, egredi* |
| Dividir | *dividĕre* | *partiri* |
| Ocupar, apoderar-se de | *occupare* | *potiri* |
| Prometer | *promittĕre* | *pollicēri* |
| Começar | *incipĕre* | *(ex/ordiri* |
| Voltar | *redire* | *regredi, reverti*(1) |
| Temer | *metuĕre* | *verēri* |

II. ***O emprêgo de um verbo "normal".*** Mas também o verbo "normal" *obtinēre* admite a construção participial, contanto que reja um objeto direto, o que acontece em nossa frase ("vinte navios"). Se passarmos a cláusula para a V. P. ("depois de (terem sido) obtidos vinte navios"), poderemos usar o abl. abs., pois ao sujeito dessa cláusula participial ("vinte navios") não há nenhuma referência na oração principal. A tradução será: *Consul Romanus viginti navibus obtentis e portu discessit.*

(1) *Reverti* é semi-depoente; nos tempos derivados do Infectum tem forma passiva; nos tempos derivados do Perfectum, tem forma ativa. Mas existe o Part. Pf. *reversus.*

1) A passagem para a V. P. será possível apenas quando o verbo da cláusula fôr transitivo e, de fato, trouxer consigo um objeto direto; sem objeto direto na construção ativa, torna-se impossível um sujeito pessoal na construção passiva (cf. § 40, I).

2) A frase latina: *Caesar exploratā regione hostem aggressus est,* significa: "César, depois de explorar a região, agrediu os inimigos". Ora, o abl. abs. *exploratā regione,* em si, poderia ter também outro sujeito lógico, mas seu lugar entre o sujeito e o predicado indica, geralmente, que o sujeito lógico da construção participial é o mesmo do verbo finito.*

III. ***A tradução por meio de uma cláusula conjuncional.*** — Não existindo verbo depoente "sinônimo" e não ocorrendo objeto direto na cláusula, é impossível usar-se uma construção participial do tempo passado na V. A. Neste caso temos que empregar o verbo finito com uma conjunção, p. e. *postquam* (mais Ind. Pf.) ou *cum* (mais Subj. Impf. ou Msqupf.). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Caesar, cum in Galliam venisset/ postquam in Galliam venit, omnibus civitatibus frumentum imperavit* | César, tendo chegado à Galia, mandou a tôdas as tribos fornecer trigo |

**Nota.** A tradução mediante um verbo finito numa cláusula conjuncional ou relativa é a única possível, tratando-se de simultaneidade na V. P., uma vez que o Part. Pres. da V. P. não existe em latim. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hic servus, cum torqueretur, clamorem non edidit* | Quando êste escravo foi atormentado, não gritou, ou melhor: Êste escravo, ao ser atormentado, não gritou |
| *Cives urbis, quae obsidetur, fame vexantur* | Os cidadãos da cidade que é/está sendo cercada, estão atormentados pela fome |

§ 23. **A falta do Part. Pres. de "esse".** — I. ***O particípio "ens, entis"***. Não existe em latim clássico o Part. Pres. do verbo *esse* ("sendo" ou "estando"); a forma *ens* (embora, segundo o gramático Prisciano, já usada por César num escrito perdido e criada por analogia com *praesens, absens, potens*), tornou-se forma viva só na Idade Média. Como poderemos traduzir, mediante uma construção participial, uma frase dêste tipo: "Aquela guerra se deu, quando nós éramos crianças"? A tradução será: *Illud bellum nobis pueris factum est.*

Muitas vêzes se explica o abl. abs. *nobis pueris* como forma elíptica de: *nobis pueris* (*entibus*). Explicação errônea, porque não pode haver elipse de palavras inexistentes. Na realidade temos aqui uma "frase nominal", isto é, uma frase composta só de elementos nominais, cuja conexão não precisa ser explicitada por um verbo de ligação. Exemplo é: "Tal pai tal filho"; cf. em latim; *Omnia praeclara rara* ('tudo o que é notável é raro"). A construção era bastante comum em indo-europeu; como continua sendo ainda em russo moderno; também o grego e o latim dela se serviam, embora o latim com certa moderação, devido à inexistência do artigo nesta língua; *magister doctus* (sem *est*) poderia significar: "o douto professor" e "o professor é douto"(1).

No abl. abs. *nobis pueris* não temos, a rigor, uma construção participial, visto que aqui não ocorre particípio, nem sequer há supressão de um particípio. A verdade é que o abl. abs. não precisa necessàriamente compor-se de um subst. (= sujeito) e de um part. (= predicado), mas que êste predicado pode ser expressado também por adjetivos ou por substantivos, que exprimam uma certa ação ou indiquem um certo estado.*

II. ***Outros exemplos:*** Adjetivos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *imprudens* | imprudente | *reliquus* | restante |
| *incolumis* | incólume | *salvus* | salvo |
| *invitus* | a contragôsto de | *superstes* | supérstite, em vida |
| *nescius* | insciente | *vivus* | vivo |

Cf. o emprêgo destas palavras nas seguintes frases:

| | |
|---|---|
| *Me nescio hoc fecisti* | Fizeste isto sem que eu (o) soubesse |
| *Parentibus invitis hunc librum legi* | Li êste livro contra a vontade dos meus pais |
| *Exiguā parte aestatis reliquā Caesar in Italiam rediit* | Já que só uma pequena parte do verão restava, voltou César à Itália |
| *Matre vivā hoc non fiet* | Enquanto a mãe viver, isto não se dará |
| *Dux exercitu incolumi rediit* | O general voltou com o exército incólume |

**Nota.** Por êste último exemplo vemos que os limites entre o abl. abs. e o abl. de modo/de tempo são muito vagos. Cf. ainda:

(1) O russo, que também não possui o artigo, diferencia os dois significados mediante duas formas distintas do adjetivo (a forma atributiva e a forma predicativa).

| | |
|---|---|
| *Mari tranquillo navigabimus* | Se o mar estiver tranqüilo, navegaremos |
| *Caelo sereno ambulabamus* | Quando o céu estava sereno, passeávamos |

2) Substantivos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *adulescens* | adolescente | *praetor* | pretor |
| *auctor* | autor, conselheiro | *puer, puella* | menino, menina, criança |
| *consul* | cônsul | *regina* | rainha |
| *dux* | general | *rex* | rei |
| *judex* | juiz | *testis* | testemunha |

Cf. o emprêgo destas palavras nas seguintes frases:

| | |
|---|---|
| *Cicerone Antonio*(1) *consulibus Catilinae conjuratio facta est* | Sob o consulado de Cícero e Antônio deu-se a conjuração de Catilina |
| *Dario rege/Zenobiā reginā illud bellum factum est* | Sob o reinado de Dario/Zenóbia deu-se aquela guerra |
| *Te auctore hoc iter feci* | A teu conselho fiz esta viagem |
| *Te duce hoc iter faciam* | Sob tua direção/orientação farei esta viagem |
| *Teste Deo verum dico* | Deus é testemunha de que falo a verdade, ou: Falo a verdade, tomando Deus por testemunha. |

III. ***Observações.*** 1) As palavras registradas acima não precisam necessàriamente estar no abl. abs., mas podem ocorrer em todo e qualquer caso com a mesma função. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar hostes imprudentes adortus est* | César atacou os inimigos, sem que êstes de nada suspeitassem |
| *Magistro invito blandiris*(2) | Adulas o professor sem êle querer |
| *Pater me puerum in Italiam duxit* | Meu pai me levou à Itália, quando ainda era menino |

2) Havendo uma negação ou um elemento negativo na construção participial, podemos traduzir a expressão por "sem" ou "sem que"; cf. os dois primeiros exemplos dados acima (III, 1) e as seguintes frases:

---

(1) Nesta expressão sempre se omite *et*.
(1) O verbo *blandiri* rege o dativo.

| | |
|---|---|
| *Nullo adjuvante hoc opus perfeci* | Sem que ninguém me ajudasse, terminei êste trabalho |
| *Re infectā legati domum redierunt* | Os embaixadores voltaram à pátria sem nada terem conseguido |
| *Non erubescens hoc crimen fecit* | Sem corar cometeu êste crime |

§ 24. **O Particípio Perfeito.** — I. ***Simultaneidade expressa pelo Part. Pf.*** O Part. Pf. de alguns verbos depoentes que, conforme o esquema dado no § 18, I, deveria indicar anterioridade em relação à ação do verbo regente, indica SIMULTANEIDADE. Esta função é muito comum com as seguintes formas:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *arbitratus* | julgando | *oblitus*(1) | esquecendo-se de |
| *ausus* | ousando | *ratus* (*de rēri*) | julgando |
| *complexus/amplexus* | abraçando | *secutus* | seguindo |
| *confisus* | confiando | *solitus* | costumando |
| *diffisus* | desconfiando | *usus* | usando |
| *gavisus* | alegrando-se | *veritus* | temendo |

**Notas.**

1) O Part. Pres. de *solēre* e de *rēri* não ocorre.
2) *Osus* e *perosus* (cf. *odisse*) significam "odiando".

II. ***Significado passivo.*** O Part. Pf. de vários depoentes pode ter, além do significado ativo, também o significado passivo. É impossível formular regras exatas a êsse respeito, sendo que só o contexto pode decidir esta questão. Aqui damos alguns particípios que possuem duplo significado:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *adeptus* | tendo (sido) obtido | *meditatus* | tendo (sido) premeditado |
| *adhortatus* / *cohortatus* | tendo (sido) exortado | *oblitus* | tendo (sido) esquecido |
| | | *pactus* | tendo (sido) estipulado |
| *commentus* | tendo (sido) fingido | *partitus* | tendo (sido) dividido |
| *confessus* | tendo (sido) confessado | *populatus* | tendo (sido) devastado |

III. ***Significado ativo.*** Alguns Part. Pf. de verbos não depoentes têm valor ativo, o que acontece também com certos Part. Pass. em português, p. e.: "*almoçado*" (em :"Meu amigo veio almoçado"), *agradecido, jurado* (em: "Os jurados se retiraram"), etc. Os mais importantes em latim são:

(1) Distingam bem *oblītus* (de *oblīvīsci* = "esquecer") de *oblĭtus* (de *oblĭnĕre* = besuntar, manchar, sujar").

| | | | |
|---|---|---|---|
| *cenatus* | tendo ceado | *cenare* | cear |
| *juratus* | (tendo) jurado | *jurare* | jurar |
| *osus*<br>*perosus/exosus* | odiando | *odisse* | odiar |
| *potus* | tendo bebido<br>embriagado | *bibĕre*<br>(*potare*, vulgar) | beber |
| *pransus* | almoçado | *prandēre* | almoçar |

§ 25. **Particularidades.** — I. O ***Particípio Futuro.*** O Part. Fut. pode, em latim pós-clássico, substituir uma cláusula final, construção talvez influenciada pelo grego. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Legati venerunt in urbem oraturi pacem* | Embaixadores chegaram à cidade para implorar a paz |

II. ***Partículas esclarecedoras.*** Para tornar mais claro o o valor de um part. semi-predicativo, o latim se serve muitas vêzes de partículas ou advérbios; êste emprêgo é relativamente raro em latim clássico, mas torna-se muito comum na época imperial. Mencionamos aqui:

1) *nisi* em construções participiais de valor condicional (negativo), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Istud mihi in mentem non venisset, nisi admonito* | Isso não me teria vindo à memória, se não me tivessem lembrado |

2) *quippe* e *utpote* em construções participiais de valor causal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Caesar milites in castris continuit, utpote/quippe veritus insidias hostium* | César reteve os soldados no acampamento, visto que temia uma cilada dos inimigos |

3) *etsi, quamquam, quamvis* e *licet* em construções participiais de valor concessivo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Etsi/Quamquam/Licet invitus hoc iter faciam* | Farei esta viagem, embora a contragôsto |

4) *simul* em construções participiais de valor temporal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Simul adveniens cognovit patrem suum mortuum esse* | Assim que chegou, soube a morte do seu pai |

5) *quasi, tamquam* e *velut* em construções participiais de valor comparativo condicional (português: "como se"); neste caso, o acréscimo é necessário. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Dux barbarorum saeviebat quasi/ tamquam/velut cupiens omnes cives interficere* | O general dos bárbaros estava enfurecido, como se quisesse matar todos os cidadãos |

III. ***Observações.*** Muitas vêzes, o valor da construção participial é frisado por um advérbio na oração principal, p. e. *tamen* (concessivo) ou *statim* (temporal). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Invitus tamen hoc iter faciam* | Farei esta viagem embora a contragosto |
| *Urbe captā hostes statim domum redierunt* | Logo depois da tomada da cidade, os inimigos voltaram à sua pátria* |

§ 26. **A tradução de construções participiais.** — O latim faz uso larguíssimo de construções participiais, outro fator de brevidade e concisão. Alguns autores clássicos, sobretudo César, acumulam os particípios conjuntos e os ablativos absolutos dentro dos seus períodos a tal ponto que se torna impossível traduzi-los ao pé da letra. Ora, existem vários métodos de traduzir um particípio. Mencionamos aqui:

1) A TRADUÇÃO LITERAL. Muitas vêzes acontece que podemos conservar o particípio na tradução; o Part. Pres. vem a ser o gerúndio, o Part. Pf. é traduzido pelo particípio passado, e o Part. Fut. pela locução: "havendo de/devendo/ estando para", etc. Exemplos: *dicens* ("dizendo"), *videns* ("vendo"), etc.; *hoc opere perfecto* ("terminado êste trabalho"), *hac oratione habitā* ("proferido êste discurso"), etc.; *sacrificaturus* ("estando para/devendo sacrificar"), *profecturus* ("devendo partir"), etc.

2) UMA CLÁUSULA RELATIVA OU CONJUNCIONAL. Esta tradução se recomenda sobretudo quando a construção participial em latim abrange objeto (direto e/ou indireto) e alguns complementos circunstanciais. Não precisamos ilustrar êste método, já que tôdas as páginas anteriores trataram do assunto.

3) UMA PROPOSIÇÃO REDUZIDA. O português tem um meio muito elegante de abreviar as cláusulas: são as proposições infinitivas reduzidas que vêm precedidas de uma preposição. É sobretudo o Inf. pessoal que aqui nos pode prestar serviços muito importantes. Exemplos:

*legentes* = "lendo" = quando líamos" = "ao lermos";
*metuens* = "temendo" = "porque temes" = "por temeres";
*profecturus* = "havendo de sair" = "antes que eu saísse" = "antes de sair";
*laudato libro* = "tendo sido elogiado o livro" = "depois de elogiar o livro".

4) UM SUBSTANTIVO (geralmente verbal), precedido de uma preposição. Também desta tradução já encontramos alguns exemplos. Registramos ainda:

| | |
|---|---|
| *te auctore* | a teu conselho |
| *ineunte vere* | no início da primavera |
| *duce Caesare* | sob o comando de César |
| *hoc bello confecto* | depois (do fim) desta guerra |
| *dormientes* | durante o sono |
| *Cicerone consule* | sob o consulado de Cícero |
| *persuasum sibi habentes* | na firme convicção de que |
| *exspectans* | na expectativa de |
| *affirmans* | com a afirmação de |

5) O DESMEMBRAMENTO DA FRASE. Havendo grande acúmulo de construções participiais, pode ser recomendável traduzir uma ou duas delas mediante uma frase coordenada à frase regente. Assim como, em português, a frase: "Pondo têrmo à disputa, eu disse que.....", é igual à frase: "Pus têrmo à disputa e disse que.....", assim, também em latim, a frase: *Pilatus Jesum flagellatum crucifixit*, é igual a: *Pilatus Jesum flagellavit et crucifixit.* Cf. ainda:

| | |
|---|---|
| *Divitiacus auxilium oraturus Romam profectus re infectā rediit* | Divicíaco foi a Roma para pedir auxílio, *mas* voltou sem nada ter conseguido |

É desnecessário acrescentarmos que a arte de traduzir não consiste na aplicação mecânica de regras memorizadas, e sim na profunda compreensão do texto latino e no domínio perfeito dos recursos da língua vernácula. Para cumprir a primeira condição é indispensável estudar inteligentemente as regras da gramática, fazer muitos exercícios práticos (versões e traduções) e adquirir certa familiaridade com o estilo e o modo de pensar dos autores clássicos; para cumprir a segunda, é imprescindível a leitura dos bons autores da literatura nacional. Há vários caminhos que levam a Roma, mas nenhum dêles dispensa esfôrço e constante aplicação.

## OUTROS EMPREGOS DO PARTICÍPIO LATINO

§ 27. **Accusativus cum Participio.** — Até agora estudamos o part. latino como substituto de cláusulas relativas, e sobretudo, conjuncionais. Mas cumpre vermos ainda alguns outros empregos do part. latino, em primeiro lugar o Accusativus cum Participio, que poderia ser considerado como variante do A. c. I.

I. ***Com verba percipiendi.*** Os verbos que exprimem percepção (sobretudo: *vidēre, cernĕre* e *audire*) pedem o Ac. c. Part., quando a percepção é imediata; caso contrário, são geralmente construídos com o A. c. I. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Video pueros currentes* | Vejo os meninos correndo |
| *Audio te canentem* | Ouço-te cantando |

Mas:

| | |
|---|---|
| *Video pueros cucurrisse* | Vejo que os meninos correram (porque estão suados) |
| *Audio te illā nocte insolitum cecinisse* | Ouço (= Ouvi falar) que naquela noite cantaste contra o teu costume |

II. ***Com os verbos que significam apresentar.*** Os verbos *facĕre, inducĕre* e *fingĕre* são muitas vêzes usados no sentido de "apresentar, introduzir, fazer" uma pessoa ou coisa numa obra de ficção literária. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Homerus equum Achillis loquentem facit/inducit/fingit* | Homero apresenta o cavalo de Aquiles como falando |
| *Plato Socratem disputantem facit cum amicis de immortalitate animae* | Platão faz Sócrates disputar com seus amigos sôbre a imortalidade da alma |

**Nota.** Nesta combinação encontramos também muitas vêzes o A c. I.

III. ***Com verba voluntatis.*** Os verba voluntatis pròpriamente ditos (*velle, nolle, malle* e *cupĕre*) são muitas vêzes construídos com o Inf. Pf. da V. P., mas visto que o elemento *esse* quase sempre falta, temos geralmente um Ac. c. Part. A construção encontra-se algumas vêzes em prosa clássica, mas torna-se freqüente na literatura da época imperial. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Majores nostri Corinthum exstinctam (esse) voluerunt* | Nossos antepassados quiseram a destruição total de Corinto |
| *Monitos eos volo* | Quero advertí-los |

**Nota.** A expressão: *Monitos eos volo*, é mais enérgica do que: *Monere eos volo.*

§ 28. **O particípio como substantivo verbal.** — O latim clássico gosta de expressões concretas, fazendo pouco uso de palavras abstratas. O número de substantivos verbais (*nomina actionis*) em latim é muito menor do que em português, e mesmo que existam, a prosa clássica se serve dêles muito menos do que as línguas modernas.

I. ***Uma construção concreta.*** A frase portuguêsa: "A perda de Sicília atormentava Hamílcar" pode ser traduzida, ao pé da letra, desta forma: *Amissio Siciliae vexabat Hamilcarem;* mas, por via de regra, a linguagem clássica prefere outra construção: *Sicilia amissa vexabat Hamilcarem* (literalmente: "A Sicília perdida atormentava a Hamílcar"). O que, em português, é a idéia principal e, portanto, a palavra regente ("a perda"), torna-se, em latim, uma idéia secundária e, portanto, palavra regida, e *vice versa;* por outras palavras, *amissa* (que, como adjetivo, é palavra secundária e regida por *Sicilia*, que é substantivo) envolve, do nosso ponto de vista, a idéia principal, vindo a ser, em português, um substantivo verbal de que *Sicilia* se torna uma idéia complementar.

II. ***Outros exemplos.*** Esta construção, muito mais usada com o Part. Pf. do que com os outros particípios, encontra-se não só no nom., mas também nos casos oblíquos. Damos os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Fruges crescentes agricolas gaudio afficiunt* | O crescimento dos frutos (da terra) enche os agricultores de alegria |
| *Caesar injuriam legati necati ultus est* | César vingou a afronta que consistia no assassínio do seu embaixador |
| *Ab Urbe conditā* | Depois da fundação da Cidade |
| *Ante/Post Christum natum* | Antes/Depois do nascimento de Cristo |
| *De homine occiso agitur* | Trata-se de homicídio |
| *Commutatis legibus opus est*(1) | É necessária uma modificação das leis |

(1) A locução *opus est* pede o abl.

Assim também sem substantivo:

| | |
|---|---|
| *Facto/consulto opus est* | É preciso agir/deliberar |

§29. **Adjetivação e Substantivação.** — Os particípios latinos podem perder seu caráter verbal, isto é, podem cessar de indicar tempo relativo e de exercer uma certa regência: neste caso falamos em "adjetivação" do particípio. E assim como um adjetivo pode ser substantivado, assim também um particípio adjetivado pode acabar sendo usado como substantivo. O mesmo se deu também com muitos particípios portuguêses (p. e.: "correto, extinto, recluso", etc.), principalmente com os antigos particípios ativos do presente (p. e.: "ouvinte, lente, falante", etc.).

I. ***Adjetivação.*** 1) Part. Pres. p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *absens* | ausente | *potens* | poderoso |
| *arrogans* | arrogante | *praesens* | presente |
| *diligens* | diligente | *providens/prudens* | prudente |

**Notas.**

1) Particípios adjetivados admitem os graus comparativo e superlativo, p. e.: *diligens, diligentior, diligentissimus.*

2) Muitos dêles têm um advérbio derivado, p. e.: *diligens* e *diligenter; prudens* e *prudenter*, etc.

3) Algumas formas em *-ans* e *-ens* podem ser usadas como adjetivos, sem deixar de exercer a função participial, p. e.: *amans, appetens, neglegens, fugiens, patiens, metuens*, etc. Estas palavras, quando adjetivadas, exprimem uma qualidade permanente e regem o gen. (o chamado genitivo de relação, cf. §90, II); quando usadas como particípios, conservam a regência do verbo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Barbari fugientes tela Romanorum in sua oppida se receperunt* | Os bárbaros, fugindo aos dardos dos romanos, retiraram-se às suas fortalezas |
| *Barbari fugientes laborum sunt* | Os bárbaros são avêssos ao trabalho |
| *Flumen navium patiens* | Um rio navegável |
| *Dux patiens frigoris* | Um general que agüenta bem o frio |
| *Vir impotens sui* | Um homem incapaz de dominar-se |

2) Part. Pf., p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *acutus* | agudo | *praeteritus* | pretérito, pasado |
| *doctus* | douto | *rectus* | reto |

**Nota.** Também êstes part. admitem comparativo e superlativo, como também formações adverbiais, p. e.: *rectus, rectior, rectissimus, recte*, etc.

3) Part. Fut.

Em latim clássico usam-se apenas *futurus* e *venturus* ("futuro/vindouro").

II. ***Substantivação.*** Devido à inexistência do artigo em latim, a substantivação é muito menos freqüente do que nas línguas modernas e em grego. Damos alguns exemplos:

1) Part. Pres., p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *adulescens* | o adolescente | *discens* | o aluno |
| *continens* | o continente | *sapiens* | o sábio |

**Nota.** Feita abstração de alguns particípios substantivados, dos quais já registramos os mais importantes, a prosa clássica usa essas formas muito pouco, evitando-as principalmente no nom. e ac. (sg. e pl.) dos gêneros masc. e fem. Nestes casos preferem-se circunlocuções do tipo: *qui dicit* ("o orador"), *qui audiunt* ("os ouvintes"), *qui absunt* ("os ausentes"), etc. As formas: *dicentium, audientium* e *absentium*, etc. são mais comuns. Mas, em geral, predomina em latim a tendência de considerar o Part. Pres. como semi-predicativo, de modo que a frase: *Legens hunc librum consentiet mecum*, não significa: "Quem ler êste livro, concordará comigo", mas: "Se êle ler êste livro, concordará comigo".

2) Part. Pf., p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *acta* | feitos, ou relatório | *praefectus* | prefeito |
| *ausa* | feitos ousados | *praetexta* (sc. *fabula*) | comédia de argumento latino |
| *coepta* | iniciativas | *plus solito* | fora do comum |
| *conata* | tentativas | *sponsus* | noivo |

*inceptum* iniciativa, plano

cf. a expressão: *acta agĕre* = "fazer coisas já feitas"

3) Part. Fut.

Em latim clássico, so: *futurum* e *ventura:* "o futuro".

## Capítulo III

# O GERÚNDIO E O GERUNDIVO

§30. **A natureza do gerúndio e do gerundivo.** — I. ***O Gerúndio.*** O latim usa o Inf. no nom. e no ac., como sujeito e como objeto da frase, respectivamente (cf. §§2–3):

| | |
|---|---|
| *Scribere utile est* (Inf. subj.) | (O) escrever é útil |
| *Volo scribere* (Inf. obj.) | Quero escrever |

1) Mas bem cedo deve ter nascido o desejo de usar o Inf. também em frases dêste tipo: "A arte *de escrever* é útil". Como exprimir a relação do genitivo? O latim não possuía o artigo definido que, em grego, servia para exprimi-la, e devia ter escrúpulos em usar preposições, tal como faz o português, parafraseando o gen., o que seria contrário ao seu sistema flexional. Por isso criou os casos oblíquos do Inf.: *scribendi* ("de escrever"), *scribendo* ("a escrever"), (*ad*) *scribendum* ("para escrever") e *scribendo* ("por escrever"). Estas quatro formas, das quais o ac. nunca é usado sem preposição, constituem os casos oblíquos do Inf. Pres. da V. A. substantivado: são as formas do chamado gerúndio. Mediante elas podemos exprimir, entre outas, as seguintes relações:

| | |
|---|---|
| *Ars scribendi utilis est* (gen.) | A arte de escrever é util |
| *Amicus meus aptus est scribendo* (dat.) | Meu amigo é apto a escrever |
| *Amicus meus domum rediit ad scribendum* (ac.) | Meu amigo voltou à casa para escrever |
| *Amicus meus scribendo certiorem me fecit de adventu suo* (abl.) | Meu amigo por escrito = (mediante o ato de escrever/escrevendo) me informou da sua chegada |

2) O gerúndio latino, apesar de ser substantivo verbal, podé, pelo menos no gen. e no abl., conservar a regência do verbo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ars scribendi epistulas utilis est* | A arte de escrever cartas é útil |
| *Amicus meus scribendo epistulam certiorem me fecit de adventu suo* | Mediante o escrever/Escrevendo uma carta, meu amigo me informou da sua chegada |

3) Alguns verbos latinos pedem o dat., tais como: *blandiri* ("adular"), *nocēre* ("prejudicar"), *favēre* ("favorecer"); *parcĕre* ("poupar"); o gerúndio dêstes verbos tem a mesma regência, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Habebat spem favendi civibus suis* | Tinha a esperança de favorecer seus concidadãos |
| *Parcendo uni omnibus parces* | Por poupares/Poupando a um só, pouparás a todos |

4) Alguns verbos latinos pedem o abl., tais como: *uti* ("usar"), *abuti* ("abusar"), *frui* ("desfrutar, gozar"), *fungi* ("cumprir, exercer"), *vesci* ("alimentar-se de") e *potiri* ("apoderar-se de"); o gerúndio dêstes verbos tem a mesma regência, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Habebat spem potiendi urbe* | Tinha a esperança de se apoderar da cidade |
| *Potiendo hac urbe totam regionem subegit* | Por apoderar-se desta cidade subjugou tôda a região |

**Nota.** O gerúndio será estudado no §31.

II. ***O Gerundivo.*** O gerundivo (tipo: *scribendus, scribenda, scribendum*) é adjetivo verbal e, como tal, deve concordar em número, gênero e caso com o substantivo a que se refere, p. e.: *vir amandus, viri amandi, femina amanda, feminae amandae*, etc. Quanto às suas funções, poderíamos resumi-las desta maneira:

1) *A construção "gerundival".* A frase latina, construída com o gerúndio, que há pouco encontramos (cf. I, 2): *Ars scribendi epistulas utilis est*, pode ser construída também com o gerundivo: *Ars epistularum scribendarum utilis est.* É a chamada "construção gerundival", que havemos de estudar no §32.

2) *Participium necessitatis.* O gerundivo latino exerce muitas vêzes a função de "particípio de necessidade", sempre da V. P.; o têrmo é enganador, porque o gerundivo exprime não só necessidade (em port.: "ter que/de"), mas também obrigação (em port.: "dever"), como se pode ver pelos seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Moriendum est omnibus hominibus* | Todos os homens têm de morrer |
| *Tibi amanda est patria* | Deves amar a pátria |

**Nota.** O agente do participium necessitatis está no dativo (cf. nos exemplos: *omnibus hominibus* = "por todos os homens" e *tibi* = "por ti").

3) *Participium possibilitatis.* Esta função, muito menos comum do que a anterior, encontra-se, em latim clássico, quase exclusivamente em frases negativas ou de tendência negativa.

**Nota.** O gerundivo como *part. necessitatis* e *part. possibilitatis* será estudado nos §§ 33–34.

4) *Participium Futuri da V. P.* Esta função, ao contrário do que muitas gramáticas sugerem, é extremamente rara em latim clássico, passando a ser usada correntemente só no século IV d. C., p. e. na frase: *Hannibal cum tradendus Romanis esset, venenum bibit = Hannibal, cum in eo esset ut Romanis traderetur, venenum bibit* ("Quando Haníbal estava quase a ponto de ser entregue aos romanos, tomou veneno"). O escopo dêste livro não nos permite examinarmos de perto esta função do gerundivo.

§ 31. **O gerúndio latino.** — As quatro formas do gerúndio latino são empregadas da seguinte maneira:

I. ***Genitivo.*** Usa-se no gen. em combinação com certos substantivos e adjetivos, e com as palavras *causā* e *gratiā*.

1) Substantivos. Êstes subst. exprimem uma idéia genérica, a qual vem sendo particularizada pelo gen. (cf. § 88, VI). Tais substantivos são entre outros:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *ars* | a arte | *occasio* | a ocasião |
| *consilium* | o plano, a decisão | *potestas* | o poder |
| *consuetudo* | o costume | *ratio* | o método |
| *desiderium* | o desejo | *spes* | a esperança |
| *facultas* | a faculdade | *studium* | o esfôrço |
| *metus* | o mêdo | *tempus* | o tempo |
| *mos* | o costume | *venia* | a licença |
| *necessitas* | a necessidade | *voluntas* | a vontade |

Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Ars natandi utilissima est* | A arte de nadar é muito útil |

2) Adjetivos, que pedem o gen. Damos os seguintes exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *avidus* | desejoso de | *insuetus* | não acostumado a |
| *cupidus* | desejoso de | *memor* | lembrado de |
| *immemor* | esquecido de | *peritus* | perito em |
| *imperitus* | imperito em | *studiosus* | estudioso de |

Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus peritissimus est natandi* | Meu amigo é muito perito em nadar |

3) As "pós-posições" *causā* e *gratiā*, que exprimem finalidade (cf. § 140); exemplo:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus huc venit natandi causā/gratiā* | Meu amigo veio aqui para nadar |

II. ***Dativo.*** O gerúndio usa-se no dat. com certos verbos, substantivos e adjetivos.

1) Com os seguintes VERBOS:

| | |
|---|---|
| *dare operam* | dedicar-se a |
| *studēre* | aplicar-se a |
| *impendĕre tempus* | despender tempo em |
| *praeficĕre* | nomear superintendente de |
| *esse* | estar em condições para, ser capaz de |
| *praeesse* | chefiar, orientar |
| *adesse* | assistir |

Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus magnopere studet natando* | Meu amigo se aplica muito à natação |

2) Com alguns SUBSTANTIVOS que indicam títulos oficiais, tais como: *duumviri, triumviri/tresviri, decemviri*, etc. e também com o subst. *comitia* ("assembléia do povo"); nestas combinações, o gerúndio exprime a finalidade do cargo ou da assembléia. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Duumviri dicti sunt sacrificando*(1) | Foram nomeados dois homens para oferecer um sacrifício |

3) Com os ADJETIVOS: *aptus, idoneus* e *accommodatus*, os quais podem ser construídos também com a preposição *ad* mais ac. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus valde idoneus est natando* | Meu amigo tem muita aptidão para a natação |

**Nota.** Êste esquema relativo ao emprêgo do dat. do gerúndio tem mais valor teórico do que prático, visto que o gerúndio, neste caso, é muito pouco usado em latim clássico, encontrando-se quase exclusivamente nas duas seguintes expressões: *non esse solvendo* ("ser insolvente") e *adesse scribundo* ("assistir à redação de uma lei").

III. ***Acusativo.*** O ac. do gerúndio emprega-se exclusivamente combinado com uma preposição: a preposição é geral-

(1) *Dicĕre* significa muitas vêzes: "nomear"; *creare* quer dizer: "eleger".

mente *ad;* às vêzes, *in;* raramente, *ob* (em fórmulas jurídicas); em latim da época imperial, *inter* (para indicar simultaneidade, onde o latim clássico emprega *in* mais abl.)

1) Com a preposição "ad", o gerúndio é empregado com verbos para exprimir finalidade (cf. as palavras *causā* e *gratiā*), e também em combinação com os adjetivos *aptus*, *idoneus*, *accommodatus*, *facilis*, *difficilis*, *paratus* (= "pronto, disposto") e *necessarius*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus venit huc ad natandum* | Meu amigo veio aqui para nadar |
| *Amicus meus valde idoneus est ad natandum* | Meu amigo tem muita aptidão para a natação |

**Nota.** As preposições *ob* e *in* exercem a mesma função de *ad*, mas são muito menos usadas (nunca com os adjetivos registrados: só com verbos).

2) Com a preposição "inter", o gerúndio é usado, em latim arcaico e da época imperial, para indicar simultaneidade, onde o português emprega "durante" ou "ao". Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus inter natandum animadversus est a latronibus* | Durante o ato de/Ao nadar, meu amigo foi notado por ladrões |

IV. ***Ablativo.*** O abl. do gerúndio é usado sem e com preposição.

1) Sem preposição, o abl. do gerúndio funciona quase sempre como instrumental, raras vêzes como causal. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus vitam patris natando servavit* (instrumental) | Meu amigo salvou nadando a vida de seu pai |
| *Amicus meus gaudet natando* (causal) | Meu amigo deleita-se em nadar |

**Nota.** Na frase: *Amicus meus vitam patris natando servavit*, o abl. *natando* exprime o meio ou o instrumento ("nadando" = "por nadar"), o que muitas vêzes pode ser traduzido pelo "gerúndio" português. Mas, se êste exerce outra função (p. e. a função condicional, causal, ou temporal), não se pode usar o abl. do gerúndio latino, mas emprega-se geralmente o Part. Pres. ou uma cláusula conjuncional. Em latim vulgar, porém, era bastante comum usar o abl. do gerúndio (sem ou com *in*) no sentido de um abl. de modo, p. e. na frase: *Bellum ambulando* (= *ambulantes*) *confecimus* ("Terminamos a guerra passeando"); cf. também a célebre frase de Vergílio: *Quis talia fando* (= *fans*) *temperet a lacrimis?* ("Quem, ao narrar tais coisas, poderia abster-se de lágrimas?"). Daí as construções: (*en*) *chantant* e (*em*) *cantando*, nas línguas românicas.

2) Com preposição, o abl. do gerúndio é usado nestas combinações: com *in* (para indicar simultaneidade: "durante o/ao"); com *de* ("acêrca de, a respeito de", etc.); com *a(b)* e *e(x)* para indicar a origem ("de", etc.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus in natando animadversus est a latronibus* | Durante o ato de/Ao nadar, meu amigo foi notado por ladrões |
| *Amici mei de natando colloquebantur* | Meus amigos conversavam sôbre a natação |
| *Natatio e/a natando appellata est* | A palavra "natação" deriva de "nadar" |

§32. **O gerúndio e o gerundivo.** — Já vimos que a frase: *Ars scribendi epistulas utilis est*, pode ser substituída por: *Ars epistularum scribendarum utilis est* (cf. §30, II, 1). Traduzindo esta última frase ao pé da letra, teríamos: "A arte de cartas que estão por escrever é útil", uma construção mais concreta do que a primeira, e muito semelhante àquela outra que já encontramos (cf. §28): *Sicilia amissa vexabat Hamilcarem*. Na construção "gerundival", o latim faz o objeto direto do gerúndio (*epistulas*) depender direamente da paavra regente (*ars*), pondo-o no gen. (*epistularum*), caso em que, na outra construção, estava o gerúndio (*scribendi*); partindo do gen. *epistularum*, compreendemos fàcilmente que o gerundivo (que é adjetivo) deve concordar em número, caso e gênero com seu substantivo, e assim se explica a forma: *epistularum scribendarum*(1).

I. ***Exemplos paralelos.*** Quando, em português, o Inf. (nos casos oblíquos) reger um objeto direto, o latim poderá sempre usar a construção gerundival, ao passo que o emprêgo do gerúndio se limita a alguns poucos casos. Damos aqui uma lista de exemplos paralelos, na mesma ordem do §31; na coluna esquerda se encontram os exemplos com o gerúndio, na direita os com o gerundivo.

1) Genitivo.

*a*) Substantivos:

| | |
|---|---|
| *Ars scribendi epistulas utilis est* | *Ars epistularum scribendarum utilis est* |

*b*) Adjetivos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus peritissimus est scribendi epistulas* | *Amicus meus peritissimus est epistularum scribendarum* |

(1) Do ponto de vista da gramática histórica, a construção gerundival é anterior à construção gerundial.

*c*) Com *causā* e *gratiā:*

(não existe) — *Amicus meus huc venit epistularum scribendarum causā/gratiā**

2) Dativo.

*a*) Verbos:

(não existe) — *Amicus meus magnopere studet epistulis scribendis*

*b*) Substantivos:

(não existe) — *Decemviri dicti sunt legibus scribundis*(1)

*c*) Adjetivos:

(não existe) — *Amicus meus valde idoneus est epistulis scribendis*

3) Acusativo.

*a*) Com *ad:*

(não existe) — *Amicus meus venit huc ad epistulas scribendas*

(não existe) — *Amicus meus valde idoneus est ad epistulas scribendas*

*b*) Com *inter:*

(não existe) — *Amicus meus inter epistulas scribendas obdormivit* ("adormeceu")

4) Ablativo.

*a*) Sem preposição:

*Amicus meus scribendo epistulam certiorem me fecit de adventu suo* — *Amicus meus epistulā scribendā certiorem me fecit de adventu suo*

*Amicus meus gaudet scribendo epistulas* — *Amicus meus gaudet epistulis scribendis*

*b*) Com preposição:

(não existe) — *Amicus meus in epistulis scribendis obdormivit* ("adormeceu")

(não existe) — *Amici mei de epistulis scribendis colloquebantur*

II. ***Regras.*** Agora estamos capacitados para formular as seguintes regras:

(1) A frase significa: "Dez homens foram nomeados para codificar as leis"; nesta expressão se usa sempre a forma arcaica *scribundis*. Aliás, em Cícero encontramos muitas vêzes gerundivos em *-undus*.

**1) Quando o Inf. não reger objeto direto, pode-se usar apenas o gerúndio** (cf. §31); **2) Quando o Inf. reger objeto direto, sempre se pode usar o gerundivo; 3) Quando o Inf. reger objeto direto, pode-se usar o gerúndio só no genitivo (mas não com "causā" e "gratiā") e no ablativo (mas não com preposição).**

III. ***Observações.*** 1) Também nos casos em que se pode usar o gerúndio, o latim prefere, em geral, o gerundivo, sendo que êste vem a ser evitado por motivos de eufonia (sobretudo no gen. pl.), se houver acúmulo da desinência *–orum* ou *–arum*, p. e. neste caso:

| | |
|---|---|
| *Consilium cepit interficiendi hos viros improbos* (não: *horum virorum improborum interficiendorum*) | Tomou o plano de matar êstes homens desonestos |

**Nota.** Esta frase poderia ser traduzida também: *Concilium cepit interficere hos viros improbos* (Inf. objetivo, cf. §3, II). — Reparem bem na dupla construção de certas outras locuções, p. e.: *Mos est ambulandi/ambulare* (cf. §2, II, 2), etc.

2) Em cláusulas finais de valor negativo não se pode usar *ad non* mais gerúndio/gerundivo, mas deve-se empregar a conjunção *ne* mais Subj. (cf. §144, I).

3) Os verbos latinos que pedem o dat. (cf. §30, I, 3), não admitem a construção gerundival. A frase já encontrada: *Parcendo uni omnibus parces*, não pode ser substituída por: *Uno parcendo omnibus parces*. Mas os verbos que pedem o abl. (cf. §30, I, 4), podem ser construídas de duas formas, porque antigamente eram verbos transitivos. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Spes potiendi urbe*<br>*Spes urbis potiendae* | A esperança de se apoderar da cidade |
| *Mos utendi sermone modesto*<br>*Mos sermonis modesti utendi* | O costume de se servir de linguagem simples |

4) Há uma diferença entre: *Duces collocuti sunt de ponte deleto* (cf. §28), e: *Duces collocuti sunt de ponte delendo;* as duas frases poderiam ser traduzidas: "Os generais conversaram sôbre a destruição da ponte", mas, na primeira, a ponte já está destruída, ao passo que, na segunda, ela está por destruir ainda.

§33. **Necessidade e Possibilidade.** — I. ***O emprêgo atributivo.*** É bastante raro, em latim clássico, o emprêgo atributivo do

gerundivo como part. de necessidade; mencionamos aqui as seguintes formas que podem funcionar como verdadeiros adjetivos:

| | |
|---|---|
| *(ad)mirandus = mirabilis, mirus* | *laudandus = laudabilis* |
| *amandus = amabilis* | *metuendus = terribilis* |

Mais comum é o emprêgo atributivo do gerundivo precedido de *non;* nesta combinação, o gerundivo adquire afôrça de um adjetivo que indica impossibilidade, p. e.: *dolores non ferendi* ("dôres insuportáveis"), *vir non contemnendus* ("um homem não desprezível"), etc. (Cf. também, no emprêgo predicativo: *Vix credendum erat* ("não era de crer").

II. ***O emprêgo predicativo.*** Em frases afirmativas, o gerundivo nunca pode funcionar como particípio de possibilidade. *Hic discipulus corrigendus est* significa apenas: "Êste aluno deve ser corrigido", e nunca: "Êste aluno pode ser corrigido" (seria: *Hic discipulus corrigi potest*).

Por outro lado, a forma negativa de um gerundivo latino, sobretudo como predicado, admite várias interpetações:

*Hoc onus non est ferendum* { Esta carga não deve ser suportada / Esta carga não pode ser suportada / Esta carga não precisa ser suportada

§ 34. **O emprêgo predicativo do part. necessitatis.** — Incomparàvelmente mais importante do que emprêgo atributivo é o emprêgo predicativo do part. de necessidade em latim. Distinguimos aqui dois casos: com o verbo *esse*, e com certos verbos transitivos-relativos.

I. ***Com esse.*** 1) Para podermos traduzir a frase portuguêsa: "Devo escrever uma carta" mediante um gerundivo latino, precisamos convertê-la primeiro numa construção passiva: "Uma carta deve ser escrita por mim". A tradução será: *Epistula scribenda est mihi.* Como se vê por êste exemplo, o complemento circunstancial de agente ("por mim") não vai para o abl. mais *ab*, mas sim para o dat. (cf. § 78, I, 5). É importante notar-se também que todos os tempos e modos do verbo *esse* podem ser empregados. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Epistulae scribendae erant vobis* | Devíeis escrever as cartas |
| *Hic liber nobis legendus erit* | Deveremos ler êste livro |
| *Arae his puellis ornandae sunt* | Estas meninas devem enfeitar os altares |

2) Esta construção se encontra também muitas vêzes no A. c. I., dependente de um verbum sentiendi vel declarandi,

principalmente com os verbos *censēre statuĕre, constituĕre* e *decernĕre* ("decidir-se a"), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Parentes mei statuerunt hoc iter sibi faciendum (esse)* | Meus pais julgaram dever fazer esta viagem = Meus pais se decidiram a fazer esta viagem |
| *Quid mihi (esse) faciendum censetis?* | O que julgais que devo fazer? |

3) Sendo intransitivo o verbo latino, só se poderá usar a forma impessoal (= sg. neutro) do gerundivo (cf. § 40, III); a êste grupo pertencem também os verbos que pedem o gen., o dat. ou o abl. (cf. § 30, I, 3–4). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Abeundum est pueris e templo* | Os meninos devem sair do templo |
| *Bene tibi est utendum tempore* | Deves usar bem o tempo |
| *Obliviscendum*(1) *est nobis injuriarum acceptarum* | Devemos esquecer as ofensas recebidas |
| *Parcendum erit a rege mulieribus urbis captae* | O rei deverá poupar as mulheres da cidade tomada |

**Nota.** Os verbos que pedem o dat., têm em geral o complemento de agente no abl. com *ab* para evitar equívocos. *Tibi parcendum erit amico tuo* poderia significar: "Deverás poupar teu amigo", mas também: "Teu amigo te deverá poupar"; por isso mesmo se diz, ou: *A te parcendum erit amico tuo,* ou então: *Tibi parcendum erit ab amico tuo.**

II. ***Com verbos transitivos-relativos.*** 1) Com os verbos que significam "entregar, confiar, assumir, dar, deixar, mandar", etc. emprega-se o ac. do gerundivo para indicar finalidade; o gerundivo deve concordar em caso, número e gênero com o objeto direto. Os principais verbos que admitem esta construção são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *accipĕre* | aceitar, receber | *permittĕre* | permitir, deixar |
| *concedĕre* | conceder | *relinquĕre* | deixar (= abandonar) |
| *curarè* | mandar, fazer | *suscipĕre* | assumir |
| *dare* | dar | *tradĕre*, *committĕre* | entregar, confiar |

2) Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dux pontem militibus delendum curat* | O general faz os soldados destruir a ponte |
| *Dedi tibi duos libros legendos* | Dei-te dois livros para os leres |

(1) O verbo *oblivisci* pede o genitivo (cf. § 89, I, 1).

| | |
|---|---|
| *Rex barbarorum permisit suis urbem incendendam (= sivit suos urbem incendere)* | O rei dos bárbaros permitiu que os seus incendiassem a cidade, ou:... deixou os seus incendiar a cidade |
| *Parentes mei hanc puellam educandam susceperunt* | Meus pais assumiram a educação desta menina |
| *Senatus Ciceroni Siciliam defendendam tradidit/commisit* | O senado confiou a Cícero a defesa de Sicília |
| *Relinquamus aliquid porcis comedendum!* | Deixemos alguma coisa para os porcos comerem! |

**Nota.** Os dativos: *militibus, tibi, suis,* etc., exprimem o objeto indireto do verbo regente e, ao mesmo tempo, o agente do gerundivo; não são elementos indispensáveis, p. e.: *Dux pontem delendum curat; Parentes mei hanc puellam educandam susceperunt,* etc.

3) A tradução varia muito: às vêzes, recomenda-se o emprêgo de um substantivo verbal (*educandam; defendendam*); outra vêz, é preferível o emprêgo de uma proposição infinitiva, sem ou com preposição (*delendum; legendos; comedendum*), ou então o de uma cláusula (*incendendam*).

4) A mesma construção ocorre também na V. P., por exempli: *Duo libri tibi legendi dati sunt; Haec puella educanda suscepta est; Sicilia Ciceroni defendenda tradita/ commissa est,* etc.

## Capítulo IV

# O SUPINO

§35. **O supino primeiro.** — I. ***A função final do Supino I.*** O supino primeiro, ou o supino em *–tum*, (*–sum*) é no fundo o ac. sg. de um substantivo verbal em *–us;* sua função sintática era a de indicar direção ou movimento (é o chamado "acusativo de direção", p. e. *domum redeo:* "volto à casa", cf. §70), Assim se explica a construção: *laudatum venio* ("venho para louvar"). Êste supino, embora forma nominal, podia reger um objeto, p. e. *Legati venerunt rogatum auxilium* ("vieram embaixadores para pedir auxílio").

O supino primeiro exprime, portanto, finalidade, mas de acôrdo com a sua origem histórica pode ser usado apenas com verbos de movimento como: *ire, venire, redire, proficisci, mittĕre, dimittĕre*, e também com verbos dêste tipo: *dare, collocare*, etc., pelo menos em algumas expressões. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Venit huc natatum* | Êle vem aqui para nadar |
| *Cenā finitā cubitum iit* | Depois da ceia foi deitar-se |
| cf. *nuptum dare* / *nuptum collocare* | dar em matrimônio (uma filha) |

II. ***Observações.*** 1) O Inf. Fut. da V. P. (tipo: *scriptum iri*) contém o supino primeiro; a locução: *scriptum eo epistulam*, significa: "vou escrever uma carta"; assim se originou também a forma impessoal da V. P.: *scriptum itur epistulam:* "vai-se escrever uma carta" (em francês: *on va écrire une lettre*), e daí: *scriptum iri epistulam.*

2) Para indicar a finalidade, o latim dispõe de várias construções:

*a*) *causā* ou *gratiā*, mais gerúndio/gerundivo (cf. §32, I, 1c), p. e.

| | |
|---|---|
| *Amicus meus venit huc natandi causā/gratiā* | Meu amigo veio aqui para nadar |

*b*) *ad*, mais ac. do gerúndio/gerundivo (cf. §32, I, 3a), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus venit huc ad natandum* | Meu amigo veio aqui para nadar |

*c*) o dat. do gerúndio/gerundivo, mas sòmente depois de certos substantivos (cf. §32, I, 2b), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus duumvir creatus est sacrificando* | Meu amigo foi nomeado duúnviro para fazer um sacrifício |

*d*) o supino primeiro, mas sòmente depois de verbos de movimento (cf. §35, I), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus huc venit natatum* | Meu amigo veio aqui para nadar |

*e*) cláusula final, introduzida por *ut:* "para que", ou *ne:* "para que não" mais o Subj. do Pres. ou do Impf. (como em português), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus Romam proficiscitur ut templa deorum visat* | Meu amigo vai a Roma para que visite/para visitar os templos dos deuses |
| *Amicus meus Romam profectus est ne occasionem amitteret Caesaris videndi* | Meu amigo foi a Roma para que não perdesse/para não perder a oportunidade de ver César |

§36. **O supino segundo.** — I. ***O emprêgo do Supino II.*** O supino II, ou o supino em *-tu* (*-su*), era originàriamente o dat. (ou o abl.) de um substantivo verbal em *-us*. Seu emprêgo se limita quase exclusivamente a verbos que significam: "dizer" (p. e.: *dictu, memoratu*, etc.), "compreender" e "perceber" (p. e.: *cognitu, scitu, intellectu, auditu, visu*, etc.) e "fazer" (p. e.: *factu*); é combinado com certo tipo de adjetivos, tais como: *facilis, difficilis, turpis, pulcher, terribilis, jucundus, mirabilis, incredibilis*, etc., e com as locuções: *fas est* e *nefas est*. O supino segundo não pode reger um objeto, mas sim um A. c. I. ou uma pergunta indireta (cf. §64). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec res est facilis dictu, sed difficilis factu* | Esta coisa é fácil de dizer, mas difícil de fazer |
| *Mirabile dictu!* | Admira dizer |
| *Fas est auditu*<br>*Fas est audire* (cf. §2, II, 2) | É lícito ouvir, ou: Pode ouvir-se |
| *Nefas est dictu miseram fuisse talem senectutem* | É ilícito/ímpio dizer que uma velhice desta natureza tenha sido infeliz |
| *Difficile est dictu, quanto in odio simus* (cf. §60, III) | É difícil dizer quanto somos odiados |

II. ***Observações.*** 1) A análise certa é: *Hoc est* || *facile dictu*, não: *Facile est* || *hoc dictu;* nesta hipótese, a construção latina seria: *Facile est* || *hoc dicere*. Cf. em português: "Isto é fácil de dizer", e: "É fácil dizer isto".

2) Com os adjetivos *facilis* e *difficilis* o latim usa muitas vêzes também *ad* mais gerúndio/gerundivo, de modo que *facile dictu* = *facile ad dicendum* (cf. §32, I, 3a).

## Capítulo V

# AS CATEGORIAS DO VERBO FINITO

§ 37. **Observações preliminares.** — A forma latina *laudavissent* pode ser analisada e determinada dêste modo: 3.ª pess. pl. Msqupf. Subj. da V. A. Em sentido inverso, mediante a denominação: 2.ª pess. sg. Fut. Impf. Ind. da V. P., pode ser construída a forma *laudaberis*. Esta simples observação nos ensina que, em latim, há cinco fatôres que determinam uma forma do verbo finito(1). Êstes cinco fatôres são: pessoa, número, tempo, modo e voz.

I. ***Pessoa.*** Há três pessoas em latim, como também em português: a primeira (quem fala ou escreve); a segunda (a quem se dirige a palavra); a terceira (todos os indivíduos fora dêsses dois grupos). Exemplos escusáveis.

II. ***Número.*** Em latim histórico, havia dois números: o singular e o plural; em indo-europeu existia, além disso, o "dual", usado para exprimir a dualidade. Esta forma sobrevive em alguns idiomas, p. e. em grego (sobretudo no dialeto ático). Em latim subsistem apenas alguns resíduos escassos do dual (p. e. nas palavras: *duo* e *ambo*), sem nenhuma importância para a conjugação do verbo.

III. ***Tempo.*** 1) Em latim histórico, havia seis tempos. Três eram derivados do tema do chamado "Infectum" (p. e. do verbo *stare*, a forma: *sta–*), a saber:

Presente: *sto, stas, stat,* etc.; *stem, stes, stet,* etc. (< *sta–e–m, sta–e–s, sta–e–t,* etc.)
Imperfeito: *stabam, stabas, stabat,* etc.: *starem, stares, staret,* etc.
Futuro Simples: *stabo, stabis, stabit,* etc.

Três eram derivados do tema do chamado "Perfectum" (p. e. do verbo *stare*, a forma: *stet–*), a saber:

Perfeito: *steti, stetisti, stetit,* etc.; *steterim, steteris, steterit,* etc.
Mais-que-perfeito: *steteram, steteras,* etc.; *stetissem, stetisses,* etc.
Futuro Perfeito: *stetero, steteris, steterit,* etc.

(1) O têrmo "verbo finito" não está em oposição ao "infinito" ou "infinitivo"; mas a tôdas as formas nominais do verbo, grupo êsse que abrange o Inf., Part., Gerúndio, Gerundivo e Supino.

2) As formas do Pres., do Impf. e do Fut. Simples da V. P. são igualmente derivadas do tema do Infectum, p. e.: *laudor, lauder; laudabar, laudarer; laudabor.* As formas do Pf., Msqupf. e Fut. Pf. são compostas do Part. Pf. e de *esse*; p. e.: *laudatus sum, laudatus sim; laudatus eram, laudatus essem; laudatus ero.*

3) O indo-europeu possuía ainda outro tempo, o chamado "aoristo" (comparável ao pretérito perfeito em português) que, em latim histórico, se havia fundido com o Pf. Mas em grego ainda existe o aoristo.

IV. ***Modo.*** Em latim histórico, havia três modos, a saber: o Indicativo (p. e. *amo, amor*), o Imperativo (p. e. *ama, amare*), e o Subjuntivo ou Conjuntivo (p. e. *amem, amer*). Também nos modos o latim é mais pobre do que o grego, porque esta língua conservou ainda um quarto modo, o chamado "Optativo", o qual, em latim, se fundiu como o Subjuntivo. O optativo indo-europeu deixou em latim alguns vestígios morfológicos, p. e. nas formas *ausim, sim, duim*, etc.

V. ***Voz.*** Em latim histórico, havia duas vozes: a Voz Ativa (p. e. *laudo, laudabam*, etc.) e a Voz Passiva (p. e. *laudor, laudabar*, etc.). Em indo-europeu existia, além disso, a chamada "Voz Média" (conservada pelo grego), cuja função sintática era mais ou menos comparável à da construção reflexiva nas línguas modernas. A voz média foi, em latim, absorvida pela voz passiva e, embora não seja uma categoria viva do verbo latino na época literária do povo romano, ainda tem certa importância para a compreensão de várias formas verbais.

## PESSOAS

§ 38. **Generalidades.** — I. ***O emprêgo do pronome pessoal.*** Assim como em português literário, não se exprime em latim o pronome pessoal no nom. de sujeito, a não ser que êste tenha certa ênfase ou esteja em oposição a outro sujeito, p.e.

| | |
|---|---|
| *Ego te adjuvabo, si tu me adjuveris* | Eu te ajudarei, se tu me ajudares (lit.: se tu me tiveres ajudado) cf. §44, II). |
| *Non ego, sed tu mentitus es* | Quem mentiu, não fui eu, mas tu |

II. ***Concordância.*** Havendo diferença de pessoas entre os diversos sujeitos de uma frase latina, o verbo concorda no plural com a pessoa que tem precedência na ordem das pessoas gramaticais, tendo a 1.ª pessoa precedência sôbre a 2.ª, e a 2.ª sôbre a 3.ª. O português observa a mesma regra. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pater, ego, fratres mei pro vobis pugnavimus* | Meu pai, eu e meus irmãos lutamos por vós |
| *Errastis vehementer tu et collegae tui* | Enganastes-vos muito, tu e os teus colegas |

§39. **A forma impessoal na voz ativa.** — Alguns verbos latinos ativos admitem apenas a forma impessoal (3.ª pess. sg. e Inf. da V. A.; às vêzes, gerúndio e part.; raramente, 3.ª pess. sg. da V. P.), isto é, não têm sujeito pròpriamente dito. Êstes verbos, chamados "impessoais", podem ser classificados desta maneira:

I. ***Verbos que exprimem fenômenos naturais,*** p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *advesperascit* | entardece | *lucescit/luciscit* | amanhece |
| *fulget/fulminat* | relampeja | *ning(u)it* | neva |
| *fulgurat* | faisca, cintila | *pluit* | chove |
| *gelat* | gela | *rorat* | orvalha |
| *grandinat* | graniza | *tonat* | troveja |

**Nota.** Mas encontram-se construções pessoais dêste tipo: *Júppiter tonat* (sentido mitológico) e *oratio tonat* (sentido figurado).

II. ***Certos verbos que exprimem afetos*** p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *miseret me* | tenho pena de | *piget me* | aborreço-me de |
| *paenitet me* | arrependo-me de | *pudet me* | envergonho-me de |
| | | *taedet me* | enfastio-me de |

**Notas.**

1) No (Pf. encontramos às vêzes formas duplas: *miser(i)tum est*, ao lado de *miseruit; pigitum est*, ao lado de *piguit; puditum est*, ao lado de *puduit; (per)taesum est*. ao lado de *taeduit.*

2) Aquêle ou aquilo de que se tem pena, arrependimento, etc., está no gen., p. e.: *paenitet me hujus facti* ("arrependo-me dêste ato"), cf. §89, I, 2.

3) Todos êstes verbos podem ser construídos com o Inf. subjetivo (cf. §2, II, 1) e com o A. c. I. (cf. §10, I, 1); também admitem um pronome neutro (sg. ou pl.) como sujeito, p. e.: *hoc me pudet*, e: *haec me taedent.*

III. ***Certos verbos que exprimem possibilidade, conveniência, necessidade, acontecimento, etc.*** Já encontramos muitas dessas locuções, quando estudávamos o Inf. subjetivo e o A. c. I. Aqui damos só os seguintes exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *accedit* | acresce | *libet/lubet* | agrada, apraz |
| *accidit* | acontece | *licet* | é lícito |
| *constat* | consta, é certo | *oportet* | cumpre |
| *(de)decet* | (não) convém | *praestat* | é preferível |
| *expedit* | é útil | *refert* | importa |
| *fit* | acontece | *restat* | resta |
| *interest* | interessa | *sequitur* | daí se segue |

**Notas.**

1) Muitos dêstes verbos admitem também a construção pessoal. Ver o dicionário.

2) Em geral êstes verbos são construídos com o Inf. subjetivo ou com o A. c. I.; mas *accidit, fit, restat* e *sequitur* são combinados com *ut* (negação: *ut non*), mais Subj., p. e.: *Fit ut amicus meus absit* ("acontece que meu amigo está ausente"), e: *Factum est ut amicus meus abesset* ("aconteceu que meu amigo estava ausente"). Cf. §148, I. — *Accedit* é geralmente construído com *quod* mais Ind., p. e.: *Accedit quod non est civis Romanus* ("acresce que êle não é cidadão romano"). Cf. §210, II, 1d.

§40. **A forma impessoal na voz passiva.** — I. ***Verbos transitivos na Voz Passiva.*** Os verbos transitivos, tanto em latim como em português, admitem, em tese, seis formas pessoais da voz passiva, p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *laudor* | (eu) sou louvado/–a | *laudamur* | (nós) somos louvados/–as |
| *laudaris* | (tu) és louvado/-a | *laudamini* | (vós) sois louvados/–as |
| *laudatur* | (êle) é louvado / (ela) é louvada | *laudantur* | (êles) são louvados / (elas) são louvadas |

**Notas.**

1) Verbo transitivo quer dizer: verbo que, na voz ativa, admite um objeto direto, o que não implica necessàriamente que um verbo transitivo sempre traga consigo um objeto direto. Por exemplo, o verbo *scribĕre* ("escrever") é verbo transitivo, seja combinado com um objeto direto (p. e. *epistulam:* "uma carta"), ou não. Um verbo transitivo, quando não combinado com objeto direto, é usado de modo "absoluto" (em latim: *absolute;* em inglês: *absolutely*).

2) A definição "empírica" de um verbo transitivo poderia rezar assim: verbo que, na voz ativa, admite um objeto direto e, na voz passiva, uma forma pessoal.

II. ***O sujeito de uma forma passiva.*** As formas mencionadas acima têm um sujeito determinado (subst. ou pron.), o qual, mesmo que não esteja explícito ou "claro", se subentende com facilidade, p. e.: *Rex laudatur* = "O rei é louvado", e: (*Ille*) *laudatur* = " (Êle) é louvado". Tais formas chamam-se de "pessoais". Mas aqui cumpre fazermos uma distinção entre "sujeito gramatical" e "sujeito lógico".

A frase: *Rex laudatur*, tem sujeito gramatical (*rex*), porque a ação passiva expressa pelo predicado (*laudatur*) é atribuída ao "rei"; o "rei" sofre ou recebe a ação verbal ("louvar"), e as regras da gramática portuguêsa, bem como as da latina, exigem que, se o sujeito gramatical desta frase passar para o plural, também o predicado passe para o plural, p. e.: *Reges laudantur* ("Os reis são louvados").

Mas a mesma frase não possui sujeito lógico, isto é, não revela quem pratica ou exerce a ação verbal, porque, sem acréscimo ulterior, não sabemos quem é que louva o rei. Êsse acréscimo chama-se, em termos gramaticais, o complemento de agente, p. e.: *Rex laudatur a civibus* = "O rei é louvado pelos cidadãos". O agente é o "sujeito lógico" de uma frase passiva, e no caso de uma conversão para a construção ativa, o agente se transforma no "sujeito gramatical", p. e. *Cives laudant regem* (cf. § 59, II). Em frases ativas, coincidem o "sujeito lógico" e o "sujeito gramatical", a não ser que o verbo seja impessoal; em frases passivas, não coincidem.

III. ***A forma impessoal.*** A 3.ª pessoa do sg. *laudatur*, além de ser uma forma pessoal da V. P. (p. e.: *rex/regina/templum laudatur*), pode ser também forma impessoal da V. P., no sentido de: "é louvado", ou melhor, com a partícula apassivadora: "louva-se" (cf. em francês: *on loue;* em inglês: *one praises;* em alemão: *man lobt*). Nesta frase não há nem sujeito lógico nem sujeito gramatical. A construção impessoal de verbos transitivos é relativamente rara em latim clássico, mas muito freqüente a de verbos intransitivos, p. e.: *itur* ("anda-se"), *ambulatur* ("passeia-se"), etc.

Preterindo alguns pormenores de somenos importância para os nossos fins, podemos dizer que os verbos transitivos admitem as formas pessoais e as formas impessoais da V. P.; os verbos intransitivos admitem apenas as formas impessoais. Estas, bem como aquelas, podem estar em todos os tempos e todos os modos; mas as formas impessoais limitam-se exclu-

sivamente à 3.ª pessoa sg. do verbo finito e ao Inf.; os elementos nominais das formas impessoais estão sempre no neutro. Damos aqui as formas impessoais existentes do verbo *ire:*

| | | | |
|---|---|---|---|
| *itur* | anda-se | *eundum est/erat* | deve/devia andar-se, etc. |
| *ibatur* | andava-se | *eundum esse* | dever andar-se |
| *ibitur* | andar-se-á | *eatur/iretur,* etc. | que se ande/andasse, etc. |
| *itum est* | andou-se | | |
| *itum erat* | havia-se andado | *itum sit,* etc. | que se tenha andado, etc. |
| *itum erit* | ter-se-á andado | *itum esse* | ter-se andado* |
| *iri* | andar-se | | |

§41. **O sujeito indeterminado.** — I. ***Diversas maneiras de exprimir indeterminação.*** Nas frases do tipo "louva-se" não se sabe quem exerce ou pratica a ação de "louvar": neste caso, falamos de 'sujeito indeterminado". Mas existem também outros tipos de frases em que o sujeito é mais indeterminado do que nos poderia sugerir sua forma gramatical. Na frase portuguêsa: "A gente não usa mais esta expressão", o sujeito "a gente" é, muitas vêzes, pràticamente igual à palavra francesa *on;* em linguagem mais culta dizemos: "Não se usa mais esta expressão". Em inglês, o pronome *you* é freqüentemente empregado no mesmo sentido: *You never can know:* "Nunca se sabe" = "A gente nunca sabe".

II. ***As formas latinas.*** Ora, o latim dispõe de vários recursos para exprimir tal sujeito indeterminado, cada um dos quais tem o seu próprio valor estilístico e sua aplicação peculiar. Mencionamos aqui:

1) A forma impessoal (3.ª pess. sg. e Inf.) da V. P., que é a construção mais incolor e a mais usada (cf. §40, III).

2) A 3.ª pess. pl., principalmente de certos verba sentiendi et declarandi; esta construção é sobretudo usada para exprimir uma ação verbal muito generalizada cujo sujeito seja pouco identificável. Ocorre principalmente com os verbos: *dicunt, credunt, ferunt, narrant, putant* e *tradunt.* Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dicunt illum virum furtum fecisse* | Dizem (= Diz-se) que aquêle homem praticou furto |
| *Homerus, ut tradunt, caecus fuit* | Homero foi cego, como se transmite/conta (ou: segundo a tradição) |

3) A 1.ª pess. pl., quando quem fala ou escreve quer incluir-se num certo grupo (cf. em português: "a gente"). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Quod volumus, libenter credimus* | Acreditamos de boa vontade o que desejamos, ou: A gente acredita..... |

4) A 2.ª pess. sg., quando se dirige a palavra aparentemente a uma determinada pessoa, mas, na realidade, se tem em mente um grupo indeterminado; esta construção é empregada sobretudo em exortações de caráter genérico (cf. §55, I, 2) e no chamado potencial (cf. §56, II). Cf. em inglês *you*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Bonis corporis utare, dum adsint; cum absint, ne requiras* | Serve-te dos bens corporais, enquanto os tiveres; quando faltarem, não nutras saudades dêles ( = Usem-se os bens temporais...) |
| *Dicas; crederes* | Poder-se-ia dizer; ter-se-ia acreditado |

5) O pronome *aliquis* ou *quis*, às vêzes também *quispiam* (cf. §227, I, 3b), principalmente em objeções e em construções hipotéticas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *At dicet aliquis/quispiam: "Unde haec tibi nota sunt?"* | Mas alguém dirá (ou: Mas dir-se-á): "Donde te vêm estas notícias?" |
| *Si quis hoc putat, magnopere errat* | Se alguém pensa isto, está muito errado |

## NÚMEROS

§42. **Singular e plural.** — I. ***Generalidades.*** Reservando certos problemas relativos à concordância do predicado com o sujeito para outros parágrafos, limitamo-nos aqui às seguintes observações.

1) Quando um sujeito composto é concebido como constituindo uma unidade, o predicado está geralmente no sg.; quando é concebido como constituindo uma pluralidade, o verbo está geralmente no pl. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Senatus populusque Romanus voluit foedus facere cum hoc rege* | O Senado e o Povo de Roma quiseram concluir um tratado com êste rei |
| *Jus et injuria naturā dijudicatur* | A justiça e a injustiça se distinguem pela natureza |
| *Romulus et Remus fulgore icti conciderunt* | Rômulo e Remo, feridos pelo raio, caíram |
| *Pater materque profecti sunt* | Saíram o pai e a mãe |

**Nota.** Tratando-se de pessoas, impõe-se quase sempre a idéia de pluralidade, cf. *Romulus et Remus, pater materque*. Mas as palavras *Senatus populusque Romanus* constituem uma unidade jurídica, e a combinação de *Jus et injuria*, no nosso exemplo, é pràticamente igual a: "O conceito de bem e mal".

2) Quando os elementos de um sujeito composto são ligados entre si pelas partículas correlativas *et–et, aut–aut, sive–sive, nec–nec*, etc., o predicado está geralmente no sg. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Et Homerus et Hesiodus magnus poeta fuit* (cf. § 201, III, 2) | Homero e Hesíodo foram grandes poetas |
| *Brevi aut frater aut soror hinc proficiscetur* | Em breve sairá daqui ou o irmão ou a irmã |
| *Brevi aut fratres aut pater hinc proficiscetur* | Em breve sairão daqui ou os irmãos ou o pai |

3) É relativamente rara em latim, ao contrário da praxe grega, a chamada "constructio ad sensum/ad sententiam", isto é, o emprêgo do predicado no pl., quando o sujeito é nome coletivo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Magna multitudo lapides et tela conjecerunt/conjecit* | Uma grande multidão atirou pedras e dardos |
| *Pars magna militum vulnerati sunt/ vulnerata est* | Uma grande parte dos soldados foi ferida |

Cf. também:

| | |
|---|---|
| *Dux cum aliquot militibus capti sunt* | O general foi prêso juntamente com alguns soldados |

II. ***Empregos especiais.***

1) O PLURAL DE AUTOR. A 1.ª pess. do pl. é muitas vêzes usada por autores e oradores, quando êles, por motivos de solidariedade, se incluem no grupo dos seus leitores (*pluralis auctoris*), p. e. nas expressões: "como já vimos/dissemos", "logo veremos", etc. Cf. em latim: *ut jam vidimus/ diximus, brevi post videbimus,* etc.

2) O PLURAL DE MODÉSTIA. Ao passo que no plural de autor se trata de uma certa identificação do autor com o seu público, o *pluralis modestiae*, igualmente usado na 1.ª pessoa, sugere, por motivos de modéstia sincera ou pretensa, a absorção total do indivíduo num grupo anônimo; são principalmente os oradores que o empregam. Por vêzes se encontra no mesmo período o singular ao lado do plural. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Etiam nos aliquid gessimus* | Também eu fiz alguma coisa |
| *Sine metu affirmare possum nos meumque fratrem aliquid gessisse* | Sem mêdo posso afirmar que eu e meu irmão fizemos alguma coisa* |

## TEMPOS

§ 43. **Noções fundamentais.** — I. ***Tempo absoluto e Tempo relativo.*** Já encontramos a distinção entre o tempo absoluto e o tempo relativo (cf. § 12, I). Aqui precisamos dar algumas informações complementares a respeito dessa distinção:

1) Só as formas do verbo finito podem indicar o tempo absoluto; as formas nominais (Inf., Part., Gerúndio/Gerundivo e o Supino) indicam apenas o tempo relativo.

2) O tempo absoluto encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em frases principais; o tempo relativo encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em cláusulas; nas chamadas orações reduzidas (isto é, infinitivas e participiais) podemos encontrar apenas o tempo relativo.

3) As formas do verbo finito, além de indicarem o tempo absoluto, podem indicar também o tempo relativo. Cf. em português: "Sei que *mentiste*" (a ação expressa por "mentiste" é anterior à ação expressa por "sei"), e: "Julgo que *virá*" (aqui "virá" exprime posterioridade em relação à ação expressa por "julgo"), etc.

4) Contudo, podemos dizer que, globalmente falando, o Impf., o Msqupf. e o Fut. Pf. são principalmente usados para exprimir a tempo relativo e só raras vêzes para indicar o tempo absoluto, ao passo que o Pres., o Pf. e o Fut. Impf. ou Simples são usados tanto para indicar o tempo relativo como para designar o tempo absoluto. — Cf. o esquema do § 44, II.

II. ***Tempos primários e secundários.*** Tôdas as formas do verbo finito que designam um tempo passado ou pretérito (a saber, o Impf., o Pf. e o Msqupf.) são tempos secundários ou históricos; tôdas as outras são tempos primários ou primordiais (a saber, o Pres., o Fut. Simples e o Fut. Pf.). Esta distinção tem certa importância para a chamada "consecutio temporum", isto é, para a correlação que deve existir entre o tempo da oração principal e o da cláusula. Cf. em português: "*Sabeis* que *falo* a verdade" e "*Sabíeis* que *falava* a verdade" (a simultaneidade da ação verbal expressa pela cláusula com a ação verbal expressa pela oração principal, é indicada depois de um tempo primário pelo presente, mas depois de um tempo secundário pelo imperfeito).

**Nota.** As formas do Pf. do tipo *novi, odi, memini,* etc. não designam tempo passado (cf. § 48, II) e por isso mesmo são tempos primários.

III. ***Tempus e Actio.*** Entre as formas "eu escrevia" e "eu escrevi" não existe diferença no que diz respeito ao tempo pròpriamente dito: ambas se referem ao tempo passado. A diferença refere-se apenas à *actio,* isto é, ao "aspecto" sob o qual se apresenta essa ação verbal no passado.

A forma "eu escrevia" exprime a *actio durativa*(1), a qual apresenta a ação verbal como estando sendo realizada, ou então, como habitual; na primeira hipótese, poderíamos usar também a forma perifrástica: "eu estava escrevendo"; na segunda: "eu costumava escrever", ou formas congêneres. Mas a forma "eu escrevi" exprime a mesma ação verbal, embora realizada também no passado, sob um aspecto diferente: nela se percebe a *actio aorista*, a qual representa uma ação verbal (neste caso, no tempo passado) em estado puro e simples, fazendo abstração de tôda e qualquer circunstância acessória, tal como duração ou repetição, etc.

Do mesmo modo poderíamos comparar entre si as formas "a carta é escrita" e "a carta está escrita". As duas indicam o tempo presente, mas com a importante diferença que a primeira significa duração (= "a carta está sendo escrita"), ou então, repetição (= "a carta costuma ser escrita"), etc., ao passo que a segunda frase nos apresenta a ação verbal como terminada ou acabada no momento atual. Esta última actio tem o nome de *actio perfecta*.

Em indo-europeu havia três *actiones:* a *actio durativa*, a *actio aorista*, e a *actio perfecta*, cada uma das quais apresentava a mesma ação verbal sob "aspectos" diferentes, conforme já expusemos sumàriamente. O grego é uma das línguas que mais fielmente conservou essa antiga situação: um verbo grego se serve às vêzes, de três raízes diferentes para exprimir as três *actiones* diferentes. Mas em latim histórico, as *actiones* perderam muito da sua importância, em favor do tempo (absoluto e relativo) que os romanos indicavam com uma precisão superior à de outros povos. Há mais: em latim se fundiram a *actio aorista* e a *actio perfecta*, isto é, o Pf. latino (tipo: *laudavi*) é forma sincrética do antigo Pf. indo-europeu e do antigo aoristo indo-europeu. Em alguns casos o Pf. latino exerce ainda a função do antigo Pf. (*actio perfecta*), embora quase sempre funcione como o antigo aoristo (*actio aorista*). P. e. *odi* não significa: "odiei" (aor.), e sim: "odeio" (*actio perfecta*), literalmente: "(neste momento) estou cheio de ódio, em razão de um acontecimento passado"*

IV. ***Infectum e Perfectum.*** Um verbo latino tem geralmente três temas diferentes, p. e.: *veta–re, vetu–i,* e *vetit–um;* são os chamados "tempos primitivos", cujo conhecimento é de suma importância para sabermos formar as diversas formas existentes de um dado verbo (cf. §37, III). O Pres., o Impf. e o Fut. Simples (da V. A. e da V. P.) pertencem ao *Infectum* (isto é, são derivados do tema *veta–*); o Pf., o Msqupf. e o Fut. Pf. (da V. A.) pertencem ao *Perfectum* (isto é, são derivados do tema *vetu–*); as formas *vetitus sum, vetitus eram* e *vetitus ero* (derivadas de *vetit–*) pertencem igualmente ao *Perfectum*, mas sua formação pouco nos interessa aqui, porque são inovações criadas pelo latim.

A distinção entre *veta–*(Infectum) e *vetu–*(Perfectum) não tem apenas interêsse para a morfologia, mas muito mais ainda para a sintaxe histórica. O Infectum indicava originàriamente a *actio durativa*, e o Perfectum a *actio aorista* (em alguns casos, devido à fusão entre o aor. e o pf., também a *actio perfecta*). Mas, como já vimos, a categoria de *actio* cedia, em latim histórico, seu lugar à categoria de *tempus*, ou talvez melhor: quando as

(1) *Actio durativa* não tem nada a ver com "longa duração", como *actio aorista* não é idêntica a "curta duração" ou "momentaneidade". Cf. estas duas frases: "*Era* meia-noite, quando o trem partiu", e: "Luís XIV *reinou* 72 anos".

antigas *actiones* indo-européias estavam integradas num novo sistema "temporal", criado pelos romanos, o latim foi à procura de outros meios para exprimir a *actio* ou o "aspecto" de uma ação verbal*.

§ 44. **Precisão do latim.** — I. ***Regras gerais.*** O latim é muito minucioso em exprimir o tempo absoluto e o tempo relativo.

1) Tempo absoluto. Em português é bastante comum dizer-se: "*Volto* amanhã" (em lugar de: *voltarei*). O latim clássico evita essa "inexatidão", e diz: *Cras redibo*. Mas em textos de caráter menos literário encontramos muitas vêzes o "Presente prospectivo", não só em proposições independentes como também em cláusulas (tipo: *Cras redeo*).

2) Tempo relativo. Mais importante ainda é a indicação minuciosa do tempo relativo em cláusulas, principalmente relativas, condicionais, temporais e causais, em que o latim marca com grande precisão a anterioridade, ao passo que as línguas modernas geralmente são menos "exatas". Nos seguintes exemplos servimo-nos apenas de formas do Indicativo, visto que as formas do Subjuntivo apresentam alguns problemas que, por enquanto, não queremos abordar ainda.

| | |
|---|---|
| *Caesar interfecit omnes transfugas, quos invenerat in oppido capto* | César matou todos os desertores que encontrou (lit.: tinha encontrado) na cidade conquistada |
| *Si invenero hunc librum, tibi reddam* | Se achar (lit.: tiver achado) êste livro, devolver-to-ei |
| *Cum Romam rediero, ad te scribam* | Depois que voltar (lit.: tiver voltado) a Roma, escrever-te-ei |
| *Quidquid audierat, mihi narrabat* (cf. § 54, II) | Tudo quanto ouvia (lit.: ouvira), contava-me |

II. ***Consecutio temporum.*** Por "consecutio temporum", no sentido mais amplo do têrmo, entende-se a relação que existe entre o tempo da oração principal e o da cláusula. É sabido que o tempo da oração principal exerce certa influência sôbre o tempo usado na cláusula, p. e.: "Sabeis que *falo* a verdade", e: "Sabíeis que *falava* a verdade", em que as formas *falo* e *falava* ambas exprimem simultaneidade com a ação expressa pelo verbo da oração principal. Em latim existem, a êsse respeito, as mesmas regras que em português, só que a anterioridade é marcada com maior precisão (cf. *supra*, I, 2). Êste esquema poderá ilustrar a "consecutio temporum":

| | |
|---|---|
| *Domi maneo quod aeger sum* (simult.) | Fico em casa porque estou doente |
| *Domi maneo quod pater meus e provinciā rediit* (ant.) | Fico em casa porque meu pai voltou da província |
| *Domi maneo quod pater meus e provinciā redibit* (post.) | Fico em casa porque meu pai há de voltar/voltará da província |
| *Pecuniam tibi solvam, cum Romae ero* (simult) | Pagar-te-ei o dinheiro, quando estiver em Roma |
| *Pecuniam tibi solvam, cum Romam rediero* (ant.) | Pagar-te-ei o dinheiro, depois que voltar (tiver voltado) a Roma |
| *Domo mansi quod aeger eram* (simult.) | Fiquei em casa porque estava doente |
| *Domi mansi quod pater meus e provinciā redierat* (ant.) | Fiquei em casa porque meu pai voltou (ou: tinha voltado) |
| *Domi mansi quod pater meus e provinciā rediturus erat* (post.) | Fiquei em casa porque meu pai voltaria/havia de voltar da província |

**Notas.**

1) Também aqui nos servimos apenas de formas do Ind.

2) O verbo principal (*maneo, solvam* e *mansi*) indica tempo absoluto; o verbo da cláusula (p. e. *sum, rediit, redibit*) indica tempo relativo.

3) As formas *maneo* e *solvam* são tempos primários; a forma *mansi* é tempo secundário.

4) A forma *mansi* (Pf.) poderia ser substituída também por forma de outro tempo secundário (*manebam* ou *manseram*), sem que êsse fato viesse a influir no emprêgo do tempo na cláusula.

5) A forma perifrástica *rediturus erat* é pouco usada; se a clareza da frase não exigir que se marque com precisão a posterioridade, podemos substituí-la por *redibat* (mais o advérbio *mox, brevi*, etc.)

§ 45. **O Presente.** — I. ***Generalidades.*** Em geral, o emprêgo do Pres. em latim corresponde ao do português, e exemplos são escusáveis. Só convém lembrar-nos de que o latim literário evita o emprêgo do chamado "Presente Prospectivo" (cf. § 44, I, 1); também não ocorre, em latim clássico, a "conjungação perifrástico" do tipo: *amans sum* (nem nos outros tempos). Cf. § 19, II, 2a.

II. ***Particularidades.***

1) O PRESENTE HISTÓRICO. Para tornar mais viva e plástica uma narrativa, os autores latinos usam muitas vêzes o Pres. em vez de um tempo secundário, convidando os leitores por assim dizer, a assistirem pessoalmente aos fatos narrados.

O emprêgo do "presente histórico" é muito mais freqüente em latim do que em qualquer outra língua. Não raro acontece que, no mesmo período, seja alternado com um tempo secundário. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Nox erat et ambulabamus in mediā silvā: duo latrones e latebris emergunt atque incautos nos opprimunt; comes meus occiditur haud sine magno proelio, ego autem effugi.* | Era noite e estávamos passeando no meio de uma floresta: (de repente) saem dois ladrões do seu esconderijo e nos atacam de improviso; meu companheiro cai morto, apesar de se defender muito, mas eu escapei |

**Nota.** A conjunção *dum* ("enquanto") é quase sempre combinada com o Pres. histórico (cf. § 156, I, 1b).

2) O PRESENTE RESULTATIVO. Alguns verbos latinos, principalmente na V. P., indicam no Presente não a ação no momento atual, e sim o resultado da mesma no tempo atual (cf. em português: "esta rua é calçada"). Para indicar o resultado no passado de uma ação anterior o latim se serve do Impf. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Urbs cingitur (cingebatur) altis moenibus* | A cidade é (era) cingida de altas muralhas |
| *Hic liber inscribitur...* | Êste livro é intitulado... |
| *Cogor ex urbe excedere* | Estou/sou forçado a sair da cidade |
| *Illa insula continetur (continebatur) duobus maribus* | Aquela ilha é (era) rodeada de dois mares* |

§ 46. **O Futuro Imperfeito ou Simples.** — Podemos distinguir:

I. ***O futuro prospectivo.*** É êste o futuro pròpriamente dito, a respeito de cujo emprêgo não precisamos falar depois daquilo que foi exposto no § 44, I, 1.

II. ***O futuro voluntativo.*** Assim como em português, usa-se também em latim o Fut. em ordens (Fut. *jussivo*) e em proibições (Fut. *proibitivo*). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Non facies istud iter* | Não farás essa viagem |
| *Hodie proficiscēris et cras redibis* | Partirás hoje e voltarás amanhã |

III. ***O futuro potencial.*** O potencial (cf. § 56, II), além de indicar possibilidade, usa-se também para tornar mais modesta, menos positiva uma afirmação; também o Fut. pode exercer estas funções, mas o latim clássico prefere, por via de regra, o potencial pròpriamente dito. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec serva Antonii erit* | Esta moça deve/poderia ser a escrava de Antônio |
| *Dicet aliquis* | Alguém poderia dizer/dirá |
| *Haec consuetudo aliis quoque locis reperietur* | Êste costume pode ser encontrado também em outros lugares |

IV. ***O futuro deliberativo.*** Êste Fut. é usado para exprimir deliberação, dúvida, hesitação, etc., principalmente em perguntas; além disso, em exclamações que revelam indignação, protesto, revolta, etc. (cf. §57, I). Encontra-se muito pouco em prosa clássica, que neste caso prefere o Subj.; alguns exemplos tirados da linguagem vulgar e poética:

| | |
|---|---|
| *Quid fabulabor? quid negabo? aut quid confitebor?* | Que direi? que negarei? ou que confessarei? (ou: Que devo dizer? etc.) |
| *Ego saltabo! sanus non es!* | Eu dançar?! não estás bom! |

V. ***O futuro optativo.*** O Fut. optativo, — igualmente de emprêgo vulgar, — usa-se principalmente em certas expressões fixas, tais como: *Di te amabunt* = *Di te ament* ("Que os deuses te amem!"); *Di tibi dabunt quae exoptes* ("Que os deuses te dêem o que desejares")

VI. ***O futuro genérico.*** Êste Fut., muito afim ao Fut. potencial, usa-se principalmente em orações principais que se seguem a uma cláusula relativa ou condiconal, para exprimir uma conclusão geral e válida para tôdas as circunstâncias. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Si scelus est patriae non servire, quanto peius erit patriam prodere!* | Se é crime não servir a pátria, quanto mais feio é trair a pátria! |
| *Qui patriam prodidit, is audebit omnia scelera facere.* | Quem ousou trair a pátria, (êsse) ousa cometer todos os crimes |

**Nota.** O Fut. latino remonta, em última análise, ao Subj.; destarte se explicam as funções secundárias do Fut. (II–VI), funções que havemos de encontrar outra vez, falando do Subj. latino.

§47. **O Imperfeito.** — O Impf. latino exerce, globalmente falando, as mesmas funções que o Impf. português. Distinguimos:

I. ***O Imperfeito durativo.*** Êste Impf. apresenta a ação verbal como estando sendo realizada no passado; o português usa, neste caso, muitas vêzes a forma perifrástica: "Estava falando" ou "Estava a falar" (cf. em inglês: *I was writing*), formas essas cujos equivalentes não existem em latim clássico. Basta darmos um só exemplo:

| | |
|---|---|
| *Cum domum redii, parentes mei jam dormiebant* | Quando voltei à casa, meus pais já estavam dormindo |

II. ***O Imperfeito iterativo.*** Êste Impf. indica repetição, hábito, costume no passado; o português pode frisar esta função pelo verbo "costumar", etc. ou pelos advérbios "sempre, cada vez", etc. Tais acréscimos se encontram também em latim, p. e. os verbos: *solēre, consuevisse*, etc., e os adv. ou locuções adverbiais: *semper, saepe, omni tempore*, etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Romani quotannis binos consules creabant*, ou: *creare solebant/consueverant* | Os romanos elegiam (ou: costumavam eleger) cada ano dois cônsules |

III. ***O Imperfeito conativo.*** Êste Impf., só usado de verbos que exprimem esfôrço, empenho, intenção, etc., origina-se lògicamente das duas outras funções: uma tentativa (*conari* = "tentar") é muitas vêzes um ato prolongado ou consiste em uma série de atos repetidos. O português acrescenta geralmente um verbo a êste Impf., p. e. "tentar, procurar, pretender, querer", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Helvetii flumen transibant, id quod Caesar prohibuit* | Os helvécios tentavam atravessar o rio, o que César impediu |

**Nota.** A função conativa não se limita ao Impf., mas por ser uma característica da *actio durativa*, inerente ao Infectum (cf. § 43, IV), estende-se igualmente ao Pres. Cf. *dat/dabat* ("oferece/oferecia"), mas *dedit* ("deu"); *impetrat/impetrabat* ("esforça-se/esforçava-se por obter"), mas *impetravit* ("conseguiu, obteve"), etc. Cf. também as palavras da Vulgata: *Judas qui eum tradebat.....* ("Judas que pretendia entregá-lo.....").

IV. ***O Imperfectum resultativo.*** Cf. § 45, II, 2.

§ 48. **O Perfeito.** — O Pf. latino é o resultado da fusão do aor. indo-europeu com o pf. indo-europeu, de modo que cumpre distinguirmos:

I. A função aorista: o ***Perfeito histórico.*** Ao Pf. histórico em latim corresponde, em português, o Pretérito Perfeito: *laudavi* = "louvei". Emprega-se principalmente em narrativas, em que se apresenta uma ação verbal, realizada no passado, em estado puro e simples, sem se levarem em consideração as circunstâncias acessórias que eventualmente a acompanham. Por isso é forma indicada para designar o tempo absoluto, apesar de poder designar também o tempo relativo (cf. o esquema no § 44, II). Encontramos o tipo de um Pf. histórico na célebre frase de César: *Veni, vidi, vici* ("Cheguei, vi, venci"). São excusáveis outros exemplos.

**Notas.**

1) ***O Perfeito gnômico ou empírico***, função bastante comum do aor. grego, que se encontra em provérbios e sentenças de valor "intemporal" ou "acrônico", está pouco desenvolvido em latim; encontra-se algumas vêzes na poesia (também na comédia), sem dúvida sob a influência do grego, p. e.: *Ludus genuit iram* = "O jôgo gera (muitas vêzes) a indignação".

2) Uma das funções secundárias muito comuns da *actio aorista* era a de indicar o início de uma ação no passado: é o chamado ***aoristo ingressivo.*** Também esta função ocorre amiúde em latim, p. e.: *risit* ("começou a rir"), *pertimuit* ("amedrontou-se"), *conticuit* ("calou-se"), etc.

II. A função perfecta: o ***Perfeito presente.*** O Pf. indo-europeu, bem como o grego, indicava o resultado no presente de uma ação verbal realizada no passado (cf. § 43, III). Vestígios desta função subsistem ainda em algumas formas do Pf. latino. Mencionamos aqui:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *(cog)novi* | sei, conheço | *memini* | estou lembrado |
| *consuevi* | costumo | *odi* | odeio |
| *didici* | sei, entendo de | *vici* | sou vencedor |

**Notas.**

1) Alguns dêstes verbos possuem também o radical do Infectum, p. e. *cognovi* (cf. *cognosco*), e *consuevi* (cf. *consuesco*).

2) Uma evolução mais avançada desta função encontra-se nas expressões: *Acta est fabula* ("Acabou-se a comédia"), *Fuit Ilium* ("Ilio não existe mais"), etc. Cf. também: *vixit* ("morreu, está morto") e *perii* ("estou perdido").

§ 49. **Mais-que-perfeito.** — I. ***Anterioridade.*** O Msqupf. latino é quase sempre tempo relativo, isto é, sua função é a de indicar uma ação anterior a outra ação que se realizou no passado (cf. o Msqupf. em português). Deve notar-se que o latim é mais minucioso do que as línguas modernas em marcar a anterioridade (cf. § 44, I).

II. ***Função de um Imperfeito.*** As formas mencionadas no 48, II (*cognovi*, *consuevi*, etc.) têm Msqupf. com o sentido de um Impf., p. e.: *cognoveram* = "sabia, conhecia", *consueveram* = "costumava", etc. Nestas formas encontramos ainda a função do antigo Msqupf. indo-europeu.

§ 50. **O Futuro Perfeito.** — I. ***Anterioridade.*** Também o Fut. Pf. latino é quase sempre tempo relativo, indicando uma ação verbal anterior a outra ação que se realizará no futuro, ao passo que o Fut. Impf., quando usado como tempo relativo, indica simultaneidade com uma ação futura. Também aqui o latim marca a anterioridade com grande precisão (cf. § 44, I).

II. ***Função de um Futuro Imperfeito.*** *Cognovero* = "saberei"; *consuevero* = "costumarei", etc.*

§ 51. **A conjugação perifrástica.** — Além dos tempos já estudados, o latim possui ainda uma conjugação perifrástica nas formas: *laudaturus sum/sim*, etc., *laudaturus erom/essem*, etc., e *laudaturus esse*, tôdas elas da V. A. O Inf. *laudaturus esse* é muito importante para a construção do A. c. I. (cf. § 5, I); os Subj. *laudaturus sim* e *laudaturus essem* são empregados principalmente em perguntas indiretas (cf. § 64, III). Aqui nos interessa o emprêgo do Ind.

As formas *laudaturus sum/eram* indicam uma intenção ou um plano (port.: "estou/estava para louvar"), ou então, mais freqüentemente, um destino, uma fatalidade. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Bellum scripturus sum, quod Jugurtha cum populo Romano gessit* | Pretendo descrever a guerra que Jugurta travou com o povo romano |
| *Nihil timere mihi opus est, quandoquidem post mortem beatus futurus sum* | Nada preciso temer, já que depois da morte meu destino é ser feliz |

§ 52. **Particularidades.** — I. ***Os tempos em estilo epistolar.*** Os romanos usavam nas suas cartas muitas vêzes o Impf. em lugar do Pres., e o Msqupf. em lugar do Pf., etc.; também empregavam freqüentemente *eo die* em vêz de *hodie; pridie* em vez de *heri; postridie* em vez de *cras*, etc. Isso quer dizer que, ao escreverem uma carta, costumavam colocar-se mentalmente na situação do destinatário, não na do autor. A importância que se dá em muitas gramáticas a estas regras parece exagerada: podemos verificar que Cícero numa e na mesma carta varia muitas vêzes o Pres. e o Impf., o Pf. e o Msqupf.; Plínio o Moço quase nunca usa os "tempos epistolares". A regra é, porém, estritamente observada em datações, p. e. na expressão: *Dabam/Scribebam Romae Kalendis Martiis*, que nós podemos traduzir simplesmente pelas palavras: "Roma, 1 de março".

A frase: "Não tenho nada de novo, pois não consegui falar com amigo algum", quando faz parte de uma carta, poderia ser traduzida destas duas maneiras:

| | |
|---|---|
| *Nihil novi habebam neque potueram colloqui cum quoquam amico* | *Nihil novi habeo neque potui colloqui cum quoquam amico* |

II. ***A dupla função do Perfeito da voz passiva.*** Também as formas do Perfectum da V. P. (sempre analíticas) podem exercer a dupla função das formas sintéticas que lhes correspondem na V. A. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Templum Veneris Genetricis a Caesare in foro Romano positum est* (actio aorista) | Foi construído por César no foro Romano um templo dedicado a "Vênus Mãe" |
| *Templum Veneris Genetricis in foro Romano positum est* (actio perfecta) | O templo de "Vênus Mãe" está situado (ou: acha-se) no foro romano |

Mas um cicerone, ao descrever o foro romano a turistas, poderia dizer:

| | |
|---|---|
| *Hoc loco templum Veneris Genetricis positum fuit* (actio perfecta) | Neste local se encontrou (mas agora não se encontra mais) o templo de "Vênus Mãe" |

Como se vê por êste exemplo, usa-se a forma do tipo *laudatus fui* para indicar uma situação no passado (resultado de uma ação anterior) que não existe mais no presente; funções análogas são exercidas pelas formas *laudatus fueram* e *laudatus fuero*.

**Nota.** De alguns verbos o Perfectum da V. P. indica quase sempre a actio perfecta, não aorista. Exemplos: *persuasum est mihi* ("estou convencido de, tenho a convicção de"), *compertum mihi est* ("tenho certeza de"), *legio constituta est e veteranis* ("a legião compõe-se de veteranos"), etc.*

III. ***O perfectum da voz ativa.*** O chamado "Perfeito Presente" (cf. §48, II) podia, já desde tempos remotos, ser substituído por locuções compostas do verbo *habēre* (menos freqüentemente *tenēre*) e do Part. Pf. Tipo: *Hostes urbem captam habent/tenent:* "Os inimigos têm a cidade em seu poder" (lit.: "têm a cidade tomada"). Esta locução, muito importante para as línguas românicas, foi aos poucos perdendo seu caráter de *actio perfecta* para vir a indicar a *actio aorista*. Por outras palavras: "têm a cidade tomada" passou a ser: "têm tomado a cidade", ou melhor, em francês: *ils ont la ville prise,* passou a ser: *ils ont pris la ville,* evolução essa que se verificou na época das invasões, principalmente na Gália.

Em latim clássico, a locução designa sempre a *actio perfecta*. Registramos aqui alguns exemplos, muito usados pelos autores clássicos:

*cognitum habere aliquid* = *cognovi aliquid* = "sei alguma coisa"

*compertum/exploratum habeo aliquid* = "tenho certeza de alguma coisa".

*persuasum mihi habeo aliquid* = "tenho a convicção de"

## MODOS

§ 53. **Observações preliminares.** — Em indo-europeu havia quatro modos, fielmente conservados pelo grego: o Indicativo, o Imperativo, o Subjuntivo e o Optativo; deixamos de lado o antigo "Injuntivo", que ainda ocorre na fase inicial do sânscrito e cuja função sintática era comparável à do Imperativo. Para as línguas clássicas o Injuntivo não tem importância. Deixamos de lado também o Infinito que não é modo pròpriamente dito.

I. ***Os modos em latim.***

1) O INDICATIVO é o modo da realidade, mais ou menos como em português.

2) O IMPERATIVO exprime ordens, mais ou menos como em português.

3) O SUBJUNTIVO latino é o resultado de uma fusão entre dois modos indo-europeus: o Subjuntivo pròpriamente dito, que exprimia VONTADE, e o Optativo, que exprimia DESEJO. Os gramáticos latinos preferiam o têrmo *Conjunctivus* (ainda em uso na Alemanha, Holanda e alguns outros países) ao têrmo *Subjunctivus:* ambos dão a entender que o Subj. é o modo de "subordinação" por excelência. Com efeito, o Subj. é muito usado em proposições dependentes ou subordinadas, mas não devemos esquecer que o Subj., antes de se tornar modo de subordinação, exprimia "vontade" e "desejo" em proposições independentes e que essa é sua função primordial. Neste capítulo estudaremos apenas o emprêgo do Subj. em proposições independentes.

II. ***Modo e tempo.*** Em indo-europeu só o modo indicativo designava tempo; o Imp., o Opt. e o Subj. (como também o Inf.) eram "acrônicos", isto é, não designavam tempo algum, mas apenas a *actio*. É outra vez o grego que nos revela fielmente a situação antiga. O latim com sua predileção pelos tempos, passou a enquadrar também os modos não-indicativos no sistema "temporal" do seu verbo, mas em alguns casos podemos perceber ainda o caráter "acrônico" de certos subjuntivos latinos.

III. ***Frases declarativas e desiderativas.*** Quanto à maneira de apresentar a ação verbal, podemos dividir as frases em duas classes: as frases declarativas e as frases desiderativas.

1) Frases declarativas ou enunciativas exprimem UM JUÍZO FORMADO PELO INTELECTO, relacionando-se com a faculdade cognitiva do homem. Em orações independentes encontramos, globalmente falando, duas espécies de frases declarativas ou enunciativas:

*a*) FRASES REAIS: apresentam elas a ação verbal como estando de acôrdo com a realidade objetiva. O modo apropriado para exprimir a realidade é o Indicativo, p. e.: "Ontem vi meu amigo" (*Heri vidi amicum meum*). — Cf. §54.

*b*) FRASES POTENCIAIS: apresentam elas a ação verbal como meramente possível, ou então, atenuam a fôrça original da afirmação, tornando-a menos positiva, mais modesta, etc. Seu modo é, em latim, o Subjuntivo. Exemplos: "Gostaria de saber" (*Velim scire*); "Poderias ter razão" (*Recte dicas*), etc. — Cf. §56, II.

**Nota.** A negação de tôdas as frases declarativas em latim é *non*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Heri non vidi amicum meum* | Ontem não vi meu amigo |
| *Nolim* (= *non velim*) *Caesar esse* | Não gostaria de ser César (=Imperador) |
| *Non dicas me mentitum* (*esse*) | Não poderias dizer que eu tenha mentido |

2) Frases desiderativas exprimem MANIFESTAÇÕES DA VONTADE, relacionando-se com as faculdades volitiva e apetitiva do homem. Em orações independentes encontramos, globalmente falando, três espécies de frases desiderativas:

*a*) FRASES IMPERATIVAS OU INJUNTIVAS: apresentam elas a ação verbal como uma ordem, um mandamento. Seu modo é o Imperativo, p. e.: "Vai embora!" (*Abi!*). — Cf. §55.

*b*) FRASES OPTATIVAS: apresentam elas a ação verbal na forma de um desejo. Seu modo é o Subjuntivo (originàriamente era o "Optativo", mas êste modo indo-europeu confundiu-se, em latim, com o Subj.), p. e.: "Oxalá volte logo!" (*Utinam mox redeat!*). — Cf. §56, I.

*c*) FRASES VOLUNTATIVAS: apresentam elas a ação verbal na forma de uma exortação, permissão, etc. Seu modo é o Subjuntivo pròpriamente dito. Exemplo: "Vamos embora!" (*Abeamus!*). — Cf. §57.

**Nota.** A negação de tôdas as frases desiderativas em latim é *ne*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Ne abieris!* | Não vás embora! |
| *Utinam pater meus ne moriatur!* | Oxalá meu pai não morra! |
| *Ne abeamus!* | Não vamos embora!* |

§ 54. **O Indicativo.** — De um modo geral, coincide o emprêgo do Ind. latino com o do Ind. português, de forma que não precisamos comentá-lo. Há, porém, alguns casos em que o português, como também outras línguas modernas, usa

o Subj. ou se serve de outras circunlocuções modais, ao passo que o latim emprega o Ind. Mencionamos aqui:

I. Os verbos e as locuções que exprimem POSSIBILIDADE, CONVENIÊNCIA, OBRIGAÇÃO e NECESSIDADE, estão em português muitas vêzes no chamado "condicional", ou — na linguagem coloquial — no Ind. Impf., mesmo que a ação verbal expressa por êles se refira ao momento atual, p. e.: "Eu poderia/podia dizer", e: "Não deverias/devias dizer isso", etc. Na construção portuguêsa exprime-se certa modalidade pela qual se dá a frase inteira um caráter mais modesto, menos positivo (cf. § 56, II); o latim, porém, prefere aqui o Ind., porque tem em vista sòmente a realidade da ação verbal em si, sem ligar para o contexto. A êste grupo de verbos e locuções pertencem:

1) *Posse* e *debēre; oportet; decet* e *dedecet;* o gerundivo (como particípio de necessidade e de obrigação). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Possum dicere* | Poderia dizer |
| *Poteram/potui dicere* | Poderia ter dito |
| *Debeo facere* | Deveria fazer |
| *Debebam/debui facere* | Deveria ter feito |

2) Certas locuções, p. e.: *longum est* ("seria muito longo/demorado"), *aequum est* ("seria justo"), *satis est* ("seria suficiente"), *melius est* ("seria melhor"), *necesse est* ("seria necessário"), etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Longum est omnia scelera istius viri enumerare* | Demoraria muito enumerar todos os crimes dêsse homem |

**Nota.** Mas se êstes verbos e locuções se encontram na *apódose* (= oração principal) de uma construção hipotética "irreal" ou "potencial", podem estar no Subj. (cf. § 158, II, nota; 159, II, 4).

II. As cláusulas introduzidas por um ***pronome/advérbio relativo indefinido.*** (p. e. *quisquis, quicumque, quotiescumque,* etc.), são sempre construídas com o Ind., ao contrário do português que, neste caso, sempre emprega o Subj. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quotquot sunt hostes, pugnabimus* | Sejam quantos fôrem os inimigos, lutaremos |
| *Quisquis est, puniendus est* | Seja quem fôr, deve ser castigado |
| *Quicumque hoc fecit, puniendus est* | Seja quem fôr que fêz isto, deve ser castigado |
| *Quoquo modo res se habebat, omnia pericula solus sustinebat* | Qualquer que fôsse a situação, êle sòzinho enfrentava todos os perigos |
| *Ubicumque eris, memento mei!* | Onde quer que estejas, lembra-te de mim! |

III. As cláusulas introduzidas por *sive/seu — sive/seu:* "quer — quer", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Sive me laudas sive me vituperas, certe me id fecisse confiteor* | Confesso tê-lo feito, quer me elogies, quer me censures |
| *Seu medicum adhibuero seu non adhibuero, moriar* | Hei de morrer, quer consulte um médico, quer não consulte |

**Nota.** Em todos êstes casos, o português usa o Subj. em razão da incerteza da afirmação contida na cláusula, considerada na sua totalidade; o latim, atendendo só à realidade da ação verbal, considerada em si, emprega o Ind.

§ 55. **O Imperativo.** — O latim tem duas formas do Imp. do Pres., a saber: *fac* (sg.) e *facite* (pl.); para a 3.ª pessoa usam-se as formas do Subj. do Pres.: *faciat* (sg.) e *faciant* (pl.). Além disso, existe em latim o chamado Imp. do Futuro, o qual tem as formas da 2.ª e da 3.ª pessoa, a saber: *facito* e *facito* (sg.); *facitote* e *faciunto* (pl.).

I. ***Ordens.*** 1) O latim usa o IMPERATIVO DO PRESENTE para dar uma ORDEM DIRETA a uma pessoa determinada ou a um grupo de pessoas determinadas, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Dic verum!* | Fala a verdade! |
| *Tacete!* | Calai-vos! |

2) Uma ORDEM GERAL, isto é, não dirigida a uma pessoa determinada ou a um grupo de pessoas determinadas, está geralmente no SUBJUNTIVO JUSSIVO (cf. § 57, I), cuja forma é a 2.ª pess. do Subj. do Pres. Uma ordem geral tem muitas vêzes mais o valor de uma exortação do que a fôrça de uma ordem terminante. Por isso emprega-se o Subj. jussivo em preceitos gerais de ordem moral, em conselhos, em receitas, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Post prandium deambules* | Faze (melhor: Faça-se) um passeio depois do almôço |
| *Bonis corporis utare, dum adsint* (cf. § 41, II, 4) | Serve-te dos bens corporais enquanto os tiveres (= Usem-se os bens corporais...) |

3) Em DISPOSIÇÕES LEGAIS, que geralmente não são feitas com o fim exclusivo de regular a vida social no momento atual, mas também para regular o futuro, o latim usa preferìvelmente o IMPERATIVO DO FUTURO. A mesma forma é empre-

gada também em ordens não oficiais que se refiram a uma ação verbal a ser realizada num futuro mais ou menos remoto. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Mortuos sepeliunto extra moenia Urbis* | Deverão sepultar os mortos fora das muralhas da Cidade |
| *Redi quam brevissime Romam; deinde scribito ad me* | Volta quanto antes a Roma; em seguida deves escrever-me |

4) Na 3.ª pess., só o Imp. do Fut. tem forma especial; no Pres. emprega-se o Subj., e muitas vêzes é impossível dizermos com certeza absoluta se êste Subj. é um EXORTATIVO ou um JUSSIVO (cf. §57, I); aliás, também em português são pouco nítidas as fronteiras entre uma "exortação" e uma "ordem" na 3.ª pess. Só o contexto poderá decidir esta questão: quando quem fala possui autoridade sôbre outros, temos geralmente um Subj. jussivo; quando não a possui, temos geralmente um Subj. exortativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caveant consules ne quid res publica detrimenti capiat* (jussivo, porque são as palavras de um *senatus consultum*). | Que os cônsules tomem/Os cônsules devem tomar as providências necessárias para que o Estadão não sofra nenhum detrimento |
| *Imitentur omnes cives exemplum illius viri fortis!* (exortativo) | Que todos os cidadãos imitem o exemplo daquele herói! |

5) Em ordens de caráter não geral e não oficial encontramos muitas vêzes fórmulas de cortesia e partículas de exortação, tais como:

| | |
|---|---|
| *amabo (te); quaeso; obsecro; sodes*(1); *sis*(2); *sultis*(3) | por favor, por obséquio, etc. |
| *agedum* ou *age; agitedum* ou *agite* | eia! vamos!, etc. |

II. ***Proibições.*** 1) A partícula de negação é sempre *ne*, não *non*.

2) A frase portuguêsa: "Não saias!" pode ser traduzida das seguintes maneiras:

a) *Ne exi!* (arcaico; poético; vulgar).

b) *Ne exeas!* (tratando-se de uma proibição de ordem geral, cf. *supra: Post prandium deambules*).

(1) *Sodes* = *si odes* (vulg.) = *si audes*. *Audēre* significava originàriamente "desejar" (cf. *avidus*).
(2) *Sis* = *si vis*.
(3) *Sultis* = *si vultis*.

c) *Ne exieris!* (a forma preferida pela prosa clássica em proibições dirigidas a uma pessoa determinada; no pl. se diz: *Ne exieritis!*).

d) *Noli exire!* ("não queiras sair!" e *Cave exeas!* ("toma cuidado de não sair!"); no plural: *nolite exire* e *cavete exeatis!* Também estas circunlocuções são bastante comuns em prosa clássica, principalmente em proibições feitas com cortesia e dirigidas a pessoas determinadas.

III. ***Observações.*** 1) O Imp. do Fut. pode ser usado também em frases negativas, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Mortuos intra Urbem ne speliunto* | Não deverão sepultar os mortos dentro das muralhas da Cidade |

2) *Ne exieris/exieritis* são subjuntivos "acrônicos" (cf. § 53, II).

3) Quanto a *cave exeas*, cf. § 145, III, 4.

4) Na 3.ª pess. pode dizer-se sòmente: *ne exeat/exeant* (não os subj. *exierit/exierint*).

§ 56. **O Optativo.** — Como já vimos (cf. § 53, I, 3), o Subjuntivo latino exerce as funções do antigo optativo e do antigo subjuntivo. Vejamos primeiro o emprêgo do Subj. como optativo(1).

I. ***O optativo pròpriamente dito.*** O optativo pròpriamente dito emprega-se para exprimir um desejo. Considerando-se o desejo como realizável, o Subj. está no Presente, e pode ser precedido da partícula *utinam*(2); externando-se um desejo com sentimentos de pesar ou de saudades, em contraste com a situação real, o Subj. está no Impf. (para o momento atual), ou no Msqupf. (para o pretérito); neste último tipo de optativos, muitas vêzes chamado de "desejos irrealizáveis", o emprêgo da partícula *utinam* é obrigatório. A negação do optativo é sempre *ne*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *(Utinam) amicus meus mox veniat!* | Oxalá venha logo teu amigo! |
| *(Utinam) pater meus ne moriatur!* | Oxalá não morra meu pai! |
| *Utinam pater meus adhuc viveret!* | Oxalá vivesse ainda meu pai! |
| *Utinam pater meus illo tempore vixisset!* | Oxalá tivesse ainda vivido meu pai naquêle tempo! |

(1) Nem sempre é possível dizer com certeza se um determinado emprêgo do Subj. latino remonta ao Subj. ou ao Opt. indo-europeu; o Subj. "concessivo" é um dêsses casos duvidosos.

(2) *Utinam* é partícula composta de *uti*(= ut) e *nam*. *Ut(i)* significava originàriamente "Como" e era usado em exclamações (cf. 211, II, 1); *nam* é partícula de reforço.

**Nota.** O optativo pròpriamente dito pode ser precedido também das formas verbais *velim* ou *nolim* (em "desejos realizáveis"), e de *vellem* e *nollem* (em "desejos irrealizáveis"). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Mox velim redeat!* | Oxalá volte logo! |
| *Quam vellem Romae mansisses!* | Como desejaria que tivesses ficado em Roma! |

*Velim/nolim*, e *vellem/nollem* são subjuntivos potenciais (cf. *infra*, II); quanto à regência dêstes verbos, cf. § 145, II.

II. ***O Potencial.*** Como o próprio têrmo indica, o Potencial exprime uma possibilidade; além disso serve também para atenuar uma afirmação, tornando-a menos positiva; encontra-se muitas vêzes em frases interrogativas do tipo: "Quem *poderia* negar isto?". Os gregos usavam muitíssimo o Potencial; os romanos, muito mais positivos e menos sutis, empregavam-no muito menos, aplicando-o principalmente em construções hipotéticas (cf. § 159, III) e em certas expressões fixas.

As línguas modernas, em geral, não possuem um Pot. de caráter bem definido; o português usa, às vêzes, o chamado "condicional" para indicar a potencialidade, p. e.: "Gostaria de saber", ou (em linguagem coloquial) o Ind. Impf., p. e.: "*Queria* saber", ou então o Ind. Fut., p. e.: "*Será* que êle está em casa?". Em inglês se usam os verbos auxiliares *may* e *might*, p. e: *That may/might be true;* em outras línguas se empregam partículas, p. e. *schon* em alemão; *wel* em holandês.

A prosa clássica (a situação em latim arcaico e vulgar, como também em poesia é algo diferente) possui dois potenciais: o do tempo atual, indicado pelo Subj. Pres. ou Pf., e o do passado, indicado pelo Subj. Impf. No tempo atual, pode usar-se quase indistintamente o Subj. Pres. ou o Subj. Pf., uma reminiscência da regra já vista (cf. § 53, II), segundo a qual os modos não-indicativos originàriamente designavam apenas a *actio*. A diferença entre *dicam* e *dixerim*, usados como potenciais, era a que existia entre a "actio durativa" (*dicam*) e a "actio aorista" (*dixerim*), mas em latim clássico é muito duvidoso que essa distinção tenha possuído muito valor prático.

1) Locuções freqüentemente usados:

| | |
|---|---|
| *Dicam/affirmem*<br>*Dixerim/affirmaverim* | Poderia dizer/afirmar |
| *Velim/nolim* (cf. § 56, I, nota) | (Não) quereria |

| | |
|---|---|
| *Vellem/nollem* (cf. §56, I, nota) | (Não) teria querido |
| *Dicas* (cf. §41, II, 4) | Poder-se-ia dizer |
| *Crederes/videres/diceres* (cf. §41, II, 4) | Poder-se-ia ter acreditado/visto/dito |

2) Exemplos de frases:

| | |
|---|---|
| *Quis neget me hoc fecisse?* | Quem pode/poderia/poderá negar que eu tenha feito isto? |
| *Confecto proelio, tum vero cerneres audaciam militum* | Só depois de terminada a batalha, poder-se-ia ter visto bem a coragem dos soldados |
| *Quis non fleret?* | Quem não teria chorado? |
| *Quis non fleat?* | Quem não choraria? |

**Nota.** Como se vê pelos exemplos, a negação é sempre *non*.

§ 57. **O Subjuntivo pròpriamente dito.** — O subjuntivo pròpriamente dito indica vontade (daí o nome: subjuntivo voluntativo), distinguindo-se do optativo pròpriamente dito por apresentar a realização da ação verbal como dependente da colaboração do sujeito. Mencionamos aqui os principais tipos de subj. usados em orações independentes.

I. ***O Jussivo e o Exortativo.*** As fronteiras entre o "jussivo" (que dá ordens) e o "exortativo" (que dá conselhos) são pouco nítidas (cf. §55, I, 2 e 4), principalmente na 3.ª pessoa. Na 1.ª pessoa (quase sempre plural) não há dúvida: é sempre "exortativo". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amemus patriam!* | Amemos a pátria! |
| *Meminerimus majorum nostrorum!* | Lembremo-nos dos nossos antepassados! |
| *Ne optemus impossibilia!* | Não desejemos coisas impossíveis! |

**Nota.** A negação do exortativo é *ne*.

II. ***O Proibitivo.*** As formas (sempre negativas) são, na 2.ª pessoa: *ne exas/ne exieris*, e *ne exeatis/exieritis;* na 3.ª pessoa só: *ne exeat* e *ne exeant* (cf. §55, II–III).

III. ***O Permissivo.*** O permissivo é usado na 2.ª e na 3.ª pessoa; a forma é quase sempre o Subj. Pres., só raras vêzes o Subj. Pf. ("acrônico"). A negação é *ne*. Seu emprêgo ocorre principalmente na linguagem coloquial. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Habeas istam pecuniam tibi!* | Podes ter êsse dinheiro para teu uso! |
| *Faciat quod lubet* | Pode fazer o que lhe aprouver |

IV. ***O Concessivo*** O concessivo deriva lògicamente do permissivo, como o último exemplo pode demonstrar. Mas, ao passo que o permissivo pertence à esfera de ação, o concessivo tem caráter mais intelectual: êle exprime concessão, muitas vêzes fingida, de uma hipótese considerada de somenos importância em comparação com outra verdade que se quer realçar. O concessivo é bastante comum também em prosa clássica. Seus tempos são o Pres. e o Pf. (êste último não é "acrônico", mas indica o passado); a negação é *ne;* muitas vêzes vêzes vem precedido da partícula *sane,* ou da forma verbal *esto* (port.: "bom"; cf. francês: *soit!*). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Oderint, dum metuant!* | Que (me) odeiem, contanto que (me) temam! |
| *Sit sane fur, at certe est vir strenuus* | Bom! Pode ser que êle seja ladrão, mas em todo caso é homem enérgico |
| *Esto: ne fecerit illud scelus, at certe/saltem conscius fuit* | Bom! Concedo que êle não tenha feito aquêle crime, mas em todo caso foi cúmplice |

**Nota.** Como se vê pelos exemplos, corresponde a *sane* ou a *esto* muitas vêzes, na segunda frase, a partícula *at,* ou *at certe/saltem,* ou *certe* ("em todo caso").

V. ***O Deliberativo.*** Êste subj. é empregado apenas em perguntas para exprimir hesitação ou dúvida: por isso se chama também de Subj. dubitativo. Quem faz uma pergunta deliberativa ou dubitativa, quer — ou finge querer — saber a vontade de outrem. Êste Subj., sòmente usado na 1.ª pessoa, não deve ser confundido com o potencial, que igualmente ocorre em perguntas (cf. § 56, II).

O dubitativo pode referir-se à situação atual; neste caso, usa-se o Subj. Pres., sempre na 1.ª pessoa (sg. e pl.); referindo-se a uma situação no passado, usa-se o Subj. Impf. (em tôdas as pessoas). Uma variante do subj. deliberativo ou dubitativo é o chamado Subj. "exclamativo", usado em preguntas que manifestam indignação, protesto, reclamação, etc. A negação de todos êstes tipos de Subj. deveria ser *ne,* mas é, na realidade, *non,* visto que em perguntas dubitativas a negação tem sempre ênfase. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quid agam, judices, quo me vertam?* | Que devo fazer, juízes, para onde me devo voltar? (ou: Que farei? para onde me voltarei)? |

| | |
|---|---|
| *Quid faciam? Rogem eum, non rogem?* | Que devo fazer? suplicar-lhe ou não? |
| *Amicus meus indignabatur de injuriã sed quid faceret?* | Meu amigo indignava-se com a afronta, mas o que podia fazer? |
| *Huic cedamus?!* | Ceder a êste?! (Nunca!) |
| *Nos poetarum voce non moveamur?* | E nós não nos devemos deixar comover pela voz dos poetas? |

## VOZES

§ 58. **Introdução.** — A gramática expositiva distingue em latim só duas vozes: a voz ativa e a voz passiva. A primeira indica que o sujeito pratica ou exerce a ação verbal, a segunda que êle a recebe ou sofre. Do ponto de vista da morfologia latina na época histórica não há nada contra essa bipartição. Mas, se nos colocarmos no terreno da gramática histórica, podemos verificar que a voz passiva é uma categoria do verbo que só relativamente tarde se desenvolveu nas línindo-européias. Circunscrevendo-nos aos limites da língua latina, devemos dizer que a V. P. tem dupla origem; nasceu do emprêgo impessoal do verbo (tipo: *itur*, cf. § 40, III), e da chamada "voz média", uma antiga voz indo-européia (conservada mais ou menos fielmente pelo grego) cuja função sintática era comparável à da conjugação reflexiva nos idiomas românicos. Os "depoentes" latinos são, na realidade, antigos verbos "médios", que ainda traem sua origem em muitos casos, p. e.: *proficiscor* ("encaminho-me, saio"), *sequor* ("associo-me, sigo"), etc.*

§ 59. **A conversão da ativa para a passiva.** — I. ***Exemplos paralelos.*** Vejamos primeiro três pares de exemplos:

| | |
|---|---|
| *Antonius tibi dabit hunc librum* (V. A.) | Antônio te dará êste livro |
| *Hic liber tibi dabitur ab Antonio* (V. P.) | Êste livro te será dado por Antônio |
| *Populus Romanus Ciceronem consulem creavit* (V. A.) | O povo romano elegeu Cícero cônsul |
| *Cicero consul creatus est a populo Romano* (V. P.) | Cícero foi eleito cônsul pelo povo romano |
| *Magni terrae notus vexant Siciliam* | Grandes terremotos flagelam a Sicília |
| *Sicilia vexatur magnis terrae motibus* (V. P.) | A Sicília é flagelada por grandes terremotos |

II. ***Regras elementares.*** 1) O objeto direto da ativa vem a ser o sujeito da passiva, p. e.: *librum > liber; Ciceronem > Cicero: Siciliam > Sicilia.* Cf. § 40, I, Nota 1.

2) Encontrando-se, na ativa, um complemento predicativo referente ao objeto direto (no ac.), êsse passa para o nom. na passiva, p. e. *consulem > cônsul.*

3) O sujeito da ativa passa a ser o agente da passiva, e êste vai para o abl. precedido de *a(b)*, quando fôr animado ou indicar um grupo de sêres animados, p. e.: *Antonius > ab Antonio; Populus Romanus > a populo Romano.* Mas quando o agente não fôr animado, usa-se o abl. sem preposição, p. e.: *Magni terrae motus > magnis terrae motibus.*

4) Naturalmente pode faltar o agente numa frase passiva: esta construção da passiva é anterior à construção "completa" e, em latim arcaico, muito mais freqüente do que a outra. Assim podemos dizer, em português: "Êste livro te será dado", e em latim: *Hic liber tibi dabitur.*

5) Construções com o gerundivo no sentido de particípio de necessidade são frases passivas; mas o agente está geralmente no dativo (cf. § 34, I, 1).

III. ***Verbos intransitivos.*** Verbos intransitivos admitem na V. P. só a forma impessoal (=3.ª pess. sg. e o Inf., cf. § 40 III). Assim se pode dizer: *itum est* (*a me*) e *eundum est* (*mihi*), mas não: *itus sum* ou *eundus sum.* Não devemos esquecer que alguns verbos transitivos, em português, são intransitivos em latim (isto é, não admitem na V. A. um objeto direto = acusativo), p. e. *parcĕre* e *nocēre* (cf. § 30, I, 3). Destarte devemos dizer:

| | |
|---|---|
| *Huic urbi a rege crudeli non parcetur* (não: *haec urbs*) | Esta cidade não será poupada pelo rei cruel |
| *Non est tibi nocitum a me* (não: *nocitus es*) | Não fôste prejudicado por mim |

Assim se explicam locuções, tais como: *persuasum est mihi* ("estou convencido/persuadido"), *praefectus urbi* (não *urbis*), visto que os verbos *persuadēre* e *praeficĕre* em latim pedem o dar. (cf. § 77, II).

§ 60. **Particularidades.** — Damos aqui algumas particularidades relativas ao emprêgo das vozes em latim.

I. ***Na voz ativa.*** 1) Alguns verbos de forma ativa têm significado passivo e por isso mesmo podem ser construídos com *ab* mais ablativo. Mencionamos:

| | |
|---|---|
| *Bene audio ab omnibus civibus* | Sou elogiado por todos os cidadãos |
| *Intereo/Pereo a tyranno* | Sou morto pelo tirano |
| *Male audio ab inimicis* | Sou criticado pelos inimigos |
| *Vapulo a magistro* | Sou espancado pelo professor |
| *Haec domus veniit a patre meo* | Esta casa foi vendida por meu pai |

**Nota.** *Interire* e *perire* servem de passivos de *interimĕre* e *perimĕre* ("matar, aniquilar"); *venire* do verbo *vendĕre* ("vender"); os três verbos são compostos de *ire* ("ir"). Existem, porém, também formas regulares, tais como: *venditus, vendendus, perditus* e *perdendus.*

2) Muitos verbos transitivos adquirem significado intransitivo pela elipse do objeto direto, com o qual são muitas vêzes combinados, p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *agĕre* (*vitam*) | viver | *movēre* (*castra*) | partir |
| *conscendĕre* (*navem*) | embarcar | *obire* (*mortem*) | falecer |
| *ducĕre* (*exercitum*) | marchar | *solvĕre* (*ancoram*) | zarpar |
| *merēri* (*stipendia*) | servir (soldado) | *tenēre* (*locum*) | achar-se |

II. ***Na voz passiva.*** 1) Muitos verbos de forma passiva têm ainda significado reflexivo, isto é, "médio" (cf. §58). Mencionamos aqui:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *augēri* | aumentar-se | *lavari* | lavar-se |
| *congregari* | reunir-se | *movēri* | mover-se |
| *irasci* | indignar-se | *verti* | voltar-se |
| *laetari* | alegrar-se | *vesci* | alimentar-se |

2) Os verbos *coepisse* ("ter começado") e *desinĕre* ("desistir/cessar de"), quando combinados com um Inf. objetivo na V. P., vão muitas vêzes para o passivo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hoc templum aedificari coeptum est a Caesare Augusto* | Iniciou-se a construção dêste templo por César Augusto |
| *Hi libri ab hominibus hujus aetatis legi desiti sunt* | Êstes livros cessaram de ser lidos pelos homens modernos |

**Nota.** Esta assimilação da voz do verbo finito à voz do Inf. era muito mais comum em latim arcaico, onde encontramos o mesmo fenômeno com *possum, (ne)queo* e *debeo,* p. e.: *sine periculo bellum*

*geri poteratur* ("a guerra podia ser feita sem perigo"), e *forma in tenebris nosci non quita est* ("não se puderam distinguir suas feições na escuridão"), etc. — Por outro lado, a regra formulada acima não é rigorosamente aplicada pelos autores clássicos e muito menos ainda pelos escritores da época imperial: encontramos também construções do tipo: *Hoc templum aedificari coepit.*

III. ***Depoentes, etc.*** 1) Alguns verbos latinos, entre outros os depoentes, não possuem a V. P.; muitas vêzes o latim se serve de circunlocuções para exprimir a passividade; ou o duplo dativo (cf. §79, I) ou *in* (raro *ex*) mais ablativo. Exemplos:

*admirationi mihi est = apud me in admiratione est:* "é admirado por mim"

*odio mihi es = in odio es apud me:* "és odiado por mim"

*invidiae tibi sum = in invidia sum apud te:* "sou invejado por ti"

*usui/usu hoc est illis = hoc in/ex usu illis est:* "isto é usado por êles"

2) Na frase: *perfusus genas lacrimis*, a forma *perfusus* era originàriamente Part. Pf. da voz média: "tendo banhado *sua* face com lágrimas"; mas visto que em latim histórico a V. M. já não era uma categoria viva do verbo, *perfusus* começou a ser interpretado como forma passiva, e o ac. *genas*, sob a influência do grego, passou a ser considerado como acusativo de parte, construção bastante comum em grego: "banhado, quanto à sua face, por lágrimas" (cf. §73, IV) > "sua face banhada em lágrimas". Na poesia latina encontramos muitas construções do tipo: *perfusus genas lacrimis;* damos aqui os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *loricam induitur* | revestir-se da couraça, ou: vestir a couraça |
| *capita velamur* | cobrimos a cabeça |
| *scinditur comam* | arranca os cabelos |
| *redimitur tempora* | coroa sua testa |

## Capítulo VI

# FRASES INTERROGATIVAS

§ 61. **Observações preliminares.** — Antes de abordarmos a construção de frases interrogativas em latim, cumpre vermos algumas distinções fundamentais.

I. ***Perguntas parciais e totais.*** 1) As frases do tipo: "Quem fêz isto? e: "Onde mora teu pai?" são perguntas parciais, porque nelas a dúvida não se refere à proposição como tal, e sim a uma parte da frase, p. e. ao sujeito, na primeira frase; ao complemento de lugar, na segunda. Tais perguntas são introduzidas por pronomes ou adjetivos interrogativos (p. e.: "*Quem* fêz isto?" e: "*Quantas* pessoas assistiram à reunião?"), ou então por advérbios interrogativos (p. e. "*Onde* mora teu pai?". A resposta a tal pergunta pode ser um substantivo/pronome pessoal, p. e.: "*João/êle* fêz isto", ou um adjetivo, p. e.: "*Mil* pessoas assistiram", ou então um advérbio ou uma locução adverbial, p. e.: *Aqui/Nesta casa* mora meu pai".

2) As frases do tipo: "O Sr. não fuma?" são perguntas totais, visto que a minha dúvida se refere à proposição inteira, e não só a uma parte da mesma; a tais perguntas se espera uma resposta na forma de "sim" ou "não".

II. ***Como marçar uma pergunta.*** É fácil reconhecer uma pergunta parcial devido à presença de um pronome ou advérbio interrogativo; quanto a perguntas totais, elas devem vir munidas de um elemento especial para diferenciá-las de frases simplesmente expositivas. Muitas línguas marcam uma pergunta (não só as parciais, mas também as totais) mediante o *tom ascendente* em que são pronunciadas, cf. em português: "O Sr. não fuma" (descendente) e: "O Sr. não fuma?" (ascencente); outras línguas caracterizam-na pela inversão de sujeito e predicado, cf. em francês: *Il viendra* (sujeito-predicado), e: *viendra-t-il?* (predicado-sujeito); em algumas línguas, p. e. em alemão e em holandês, a inversão é o indício comum de uma frase interrogativa. Também o inglês se serve da inver-

são mas, além disso, do verbo auxiliar *to do*, p. e.: *You smoke cigars*, e: *Do you smoke cigars?* O francês emprega muitas vêzes a locução *est-ce-que*, locução que pràticamente é igual a uma partícula interrogativa e permite que o sujeito e o predicado conservem numa pergunta a ordem das frases expositivas(1), p. e.: *Est-ce-qu'il viendra?* Poderíamos multiplicar os exemplos, mas basta termos dado essas noções elementares.

O latim e o grego não podiam recorrer à inversão por dois motivos: o sujeito, ao contrário do que acontece em francês, inglês e alemão, estava muitas vêzes oculto; além disso, a ordem das palavras nas línguas clássicas era muito livre. Tãopouco se serviam de verbos auxiliares, como o faz p. e. o inglês. Mas o tom ascendente (principalmente em frases curtas, e na linguagem coloquial) marcava a pergunta nas línguas clássicas. Ora, êste método tem os seus inconvenientes, sobretudo na linguagem escrita e em frases de certo tamanho. Para remediá-los, o latim e o grego usavam pequenas palavras, as chamadas "partículas interrogativas".

III. ***Perguntas diretas e indiretas.*** Na frase: "Pergunto-te: "Onde mora teu pai?", temos duas orações independentes, mas: "Pergunto-te, onde mora teu pai", é uma frase complexa composta de uma proposição principal ("pergunto-te") e de uma proposição dependente ("onde mora teu pai"). A segunda frase é uma "pergunta indireta", isto é, uma pergunta tornada dependente de um verbo principal, vindo a constituir o seu objeto direto; uma pergunta indireta é cláusula substantiva objetiva, o que podemos verificar se a substituirmos pela frase: "Pergunto o enderêço de teu pai".

IV. ***Perguntas simples e disjuntivas.*** Uma pergunta pode ser simples (tipo: "Teu pai mora no Rio?"), ou disjuntiva (tipo: "Teu pai mora no Rio *ou* em São Paulo?"). Numa pergunta disjuntiva, o português se serve da partícula "ou" para ligar a segunda pergunta à primeira.

V. ***Perguntas reais e retóricas.*** Finalmente, uma pergunta pode ser "real", isto é, ser feita com o fim de receber uma resposta (p. e.: "Onde mora teu pai?"), ou "retórica", isto é, ser feita à maneira de uma exclamação sem a expectativa de uma resposta (p. e.: "Onde se viu tal ousadia?" =

(1) Usamos o têrmo "frase expositiva" aqui em oposição à "frase interrogativa".

"Em nenhuma parte se viu tal ousadia!"). O têrmo "pergunta retórica" é enganador: seu emprêgo não se limita ao estilo oratório, mas se estende também a outros gêneros literarios; na linguagem coloquial é bastante comum.

§ 62. **Perguntas parciais.** — I. ***Palavras introdutórias.*** Perguntas parciais são introduzidas por pronomes, adjetivos ou advérbios interrogativos.

1) Pronomes e adjetivos. Os mais importantes são: *Quantus?*, *Quantum? Quot? Quis?*, *Qui?*, *Uter?*, e *Qualis?*

Segundo as regras da gramática normativa, *quis* (neutro: *quid*) é pronome, e *qui* (fem.: *quae;* neutro: *quod*) é adjetivo; na realidade, porém, *quis* é muitas vêzes usado como adj. (p. e.: *quis miles hoc fecit?*) e *qui* algumas vêzes como pron. (p. e.: *qui hoc fecit?*)

*Qualis* refere-se à qualidade, ao tipo, à espécie, etc.

*Quantus* refere-se ao tamanho, à importância, ao pêso, etc.

*Quantum* (neutro substantivado de *quantus*) refere-se à quantidade; é sempre combinado com o gen. partitivo (cf. § 88, V, 1b) de subst., geralmente, no singular.

*Quot* é palavra indeclinável; refere-se à quantidade numérica de subst. no plural.

Quanto a *uter*, cf. § 227, V.

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quot libros habet pater tuus?* | Quantos livros tem teu pai? |
| *Quantum vini bibisti?* | Quanto vinho bebeste? |
| *Quanta est illa statua?* | De que tamanho é aquela estátua? |
| *Qualem domum emisti?* | Que tipo/espécie de casa compraste? |

2) Advérbios. Os mais importantes são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Ubi?* | Onde? | *Quare?* / *Cur?* | Por que? |
| *Quo?* | Aonde, para onde? | *Ut?* / *Quo modo/pacto?* / *Quā ratione?* / *Quemadmodum?* | Como, de que modo? |
| *Unde?* | Donde? | *Qui?* | 1) Como? 2) Por que? |
| *Quā?* | 1) Por que caminho? 2) Como? | | |
| *Quando?* | Quando? | | |
| *Quam?* | Como? Quão? | | |
| *Quin?* | Por que não?/Como não? | | |

**Notas.**

1) Usa-se *quam* com adj., adv. e verbos, *ut/quomodo*, etc. com verbos.

2) Quanto a *ut* como adv. interrogativo, cf. § 211, II.

3) Quanto a *qui* e *quin* como adv. interrogativos, cf. § 148, II, 5; § 149.

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quã ill uc perveniam?* | Como chegarei lá? |
| *Quam longe abes ab Urbe?* | A que distância te achas da Cidade? |
| *Qui fit ut nemo contentus sit sorte suã?* | Como acontece (explicar) que ninguém está contente com a sua sorte? (ou: Por que ninguém...) |
| *Ut vales?* | Como estás passando? |
| *Quin abimus?* | Por que não vamos embora? (= Vamos embora!) |
| *Quomodo/Quo pacto hoc factum est?* | Como aconteceu isto? |
| *Unde profectus es?* | Donde partiste? |

II. ***Observações.*** 1) A transição de perguntas parciais para exclamações é muito freqüente e processo quase imperceptível: só o tom é diferente, diferença marcada nos textos escritos ou por sinal de interrogação ou por sinal de exclamação. Damos aqui dois exemplos de frases já vistas como perguntas:

| | |
|---|---|
| *Quantum vini bibisti!* | Quanto vinho bebeste! |
| *Quam longe abes ab Urbe!* | Como estás longe da Cidade! |

2) Todos os pronomes, adjetivos e advérbios interrogativos podem ser reforçados pela partícula enclítica *nam*, p. e.: *Quisnam hoc dixit?*, e: *Ubinam habitat pater tuus?*

3) Assim se explica a formação da partícula optativa *utinam*; a palavra *ut*, nas suas diversas funções, apresenta muitas vêzes a forma *uti*.

§ 63. **Perguntas totais.** — I. ***Tom ascendente.*** Em perguntas curtas (principalmente na linguagem cloquial), bem como, em certo tipo de perguntas retóricas, muitas vêzes só o tom ascendente indica o caráter interrogativo da frase. Quando a frase contém uma negação, deixa-se entrever que a resposta esperada é "sim"; não havendo negação na pergunta, a frase interrogativa é formalmente "neutra", mas não raras vêzes revelará admiração, espanto, indignação etc., conforme o tom em que fôr pronunciada. Cf. em português: "O Sr. fuma?" (pergunta neutra) e: "O Sr. fuma?!" (espanto, indignação, etc.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tu quoque aderas?* | Tu também estavas presente? |
| *Tu non vidisti eum?* | Tu não o viste? (espero que sim) |

*Tu arma nobis abjicienda (esse) censes?* (perg. retórica) — Julgas tu que devemos jogar fora as armas? (Isso nunca!)

*Patriam meam non diligam?* (perg. retórica, com Subj. excl., cf. § 57, V) — Não devo amar a pátria? (devo amá-la, sim)

II. ***As partículas.*** Geralmente, porém, o latim literário se serve de partículas interrogativas, sobretudo quando a pergunta é "real" (não retórica) e tem certa extensão. As três partículas mais importantes são: *nonne*, *num* e *-ne*.

*Nonne* (= *non-ne*) é usado, quando se espera uma resposta afirmativa. Tipo: "Não ouviste falar de Cícero?"; neste caso, espero como resposta: "sim", ou pelo menos insinuo que só uma resposta afirmativa seria conveniente.

*Num* deixa entrever uma resposta negativa (em português: "então/por acaso/por ventura", etc.). Tipo: "Então ousas negar isso?"; neste caso insinuo que uma resposta afirmativa seria o cúmulo de ousadia.

*-ne* é palavra enclítica, que se prende preferìvelmente ao verbo ou ao pronome e, no mais das vêzes, se encontra no comêço da frase; usa-se em perguntas "neutras". Tipo: "O Sr. já visitou a Itália?" Exemplos:

*Nonne canis similis est lupo?* — O cão não é parecido com o lôbo? ("sim")

*Num tibi permisi hunc librum legendum?* — Então te dei a permissão de ler êste livro? ("não")

*Tune vidisti amicum meum?*
*Vidistine amicum meum?*
*Amicumne meum vidisti?* — Viste meu amigo?

**Notas.**

1) O tom da pergunta varia conforme o lugar ocupado por *-ne*. Exagerando um pouco, podemos dizer que *Tune* se aproxima do valor de: "Fôste tu que viste?"; *Amicumne meum* aproxima-se de: "Foi meu amigo que viste?"; *Vidistine* é a forma mais neutra e significa: "Viste?"

2) Encontramos também formas abreviadas de *-ne*, p. e. em *viden* (= *videsne*) e *vidistin* (= *vidistine*). É a chamada apócope.

III. ***Observações.*** 1) Em vez de *num* usa-se também *numquid* e *ecquid* (cf. *infra*, 3).

2) A partícula neutra *-ne* tem muitas vêzes a fôrça de *nonne* (principalmente na comédia); poucas vêzes, a de *num*. O contexto é o critério decisivo, pois uma partícula "neutra" pode desenvolver-se nos dois sentidos.

3) Encontram-se também as formas *ecquis*, *ecquae/ecqua*, *ecquid* e *ecquod*; aí o elemento *-quis*, etc. não é pron. interr., e sim pron. indef. (cf. *aliquis*, etc.). A resposta esperada é geralmente "não".

Exemplo: *Ecquod bellum injustum gessimus?* ("Já fizemos alguma guerra injusta?" = "Por acaso já fizemos uma guerra injusta?"). *Ecquid,* às vêzes, não passa de uma forma cristalizada (= *num* ou *numquid*).

4) Quanto a *an*, cf. §66, III–IV.

§64. **Perguntas indiretas** — I. ***Os conectivos.*** Perguntas parciais, quando indiretas, são em latim e em português introduzidas pelas mesmas palavras que introduzem perguntas parciais diretas. Cf. "*Onde* mora teu pai?" e: "Pergunto, *onde* mora teu pai". Perguntas totais, quando indiretas, são introduzidas, em português, pela partícula "se" (p. e. "Pergunto *se* viste meu amigo"); em latim, usa-se geralmente a partícula *num* (sem a nuança negativa que esta partícula possui em perguntas diretas), menos freqüentemente a partícula enclítica *–ne*, e só depois do verbo *quaerĕre* a partícula *nonne*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Rogo te ubi habitet pater tuus* | Pergunto-te onde mora teu pai |
| *Rogo te num videris amicum meum* | Pergunto-te se viste meu amigo |
| *Rogo te viderisne amicum meum* | |
| *Quaero ex/abs te nonne videris amicum meum* | Pergunto-te se viste meu amigo |

**Notas.**

1) A construção de *rogare* é: *rogare aliquem aliquid;* a de *quaerere* é: *quaerere aliquid ab/ex aliquo* (cf. §75, IV).

2) Além das partículas assinaladas, usam-se também *ecquis* ("se alguém"), *ecqui* ("se algum"), etc. As formas neutras *ecquid* e *numquid* tornaram-se pràticamente partículas (= *num*), p. e.: *Scire velim numquid/ecquid tibi placeant libri mei* = "Gostaria de saber se meus livros (em algum ponto) te agradam".

3) Quanto a *an*, cf. §66, III–IV.

4) A partícula *si* pode, em latim clássico, ser usado só depois de certos verbos para introduzir uma pergunta indireta; os três principais são *exspectare* ("aguardar"), *conari* ("tentar") e *experiri* ("experimentar, tentar"). Exemplo: *Hostes conati sunt si perrumpere possent* = (lit.) "Os inimigos fizeram uma tentativa, para ver se conseguiam passar pela fôrça" > "Os inimigos tentaram passar pela fôrça". Foi partindo dessas construções que o latim começou a usar *si* em perguntas indiretas, p. e. *Videamus si domi sit* = "Vejamos se está em casa" (construção vulgar que se tornou comum nas línguas românicas).*

II. ***O emprêgo do Subjuntivo.*** 1) O modo empregado nas perguntas indiretas é, em prosa clássica, o Subjuntivo, o

qual se explica como dubitativo (cf. § 57, V) ou, em outros casos, como potencial (cf. § 56, II). A frase complexa: *Nescio quid agam*, origina-se de duas orações primitivamente independentes: *Nescio. Quid agam?* (dubitativo). Na frase complexa: *Rogo te quis hoc neget*, havia originàriamente também duas orações independentes: *Rogo te. Quis hoc neget?* (potencial). Foi partindo dêsses casos que o latim começou a usar o Subj. em tôdas as perguntas indiretas, também nos casos em que êste modo não tinha cabimento, p. e.: *Rogo te quis hoc fecerit?* (< *Rogo te: Quis hoc fecit?*). Por outras palavras, o Subj. em perguntas indiretas não passa, em numerosos casos, de Subj. de "subordinação" (cf. § 53, I, 3). Mas na linguagem popular e em poesia encontram-se muitas perguntas indiretas construídas com o Ind. (tipo: *Rogo te quis hoc fecit*).

2) As perguntas indiretas podem depender, a rigor, só de verba interrogandi (*rogare, interrogare, quaerĕre, sciscitari*, etc.) e de verba ignorandi et dubitandi (p. e. *nescire, ignorare, dubitare*, etc.). Mas devido ao processo de analogia, o latim clássico chegou a combinar também nos verba sentiendi et declarandi com perguntas indiretas, como se pode ver pelos seguintes exemplos. A frase: *Nescio quid agam*, possibilitou a criação análoga de: *Scio quid agam*, e a frase: *Rogo te quis hoc fecerit*, originou: *Dico tibi quis hoc fecerit.* Essas cláusulas são, nas línguas modernas, geralmente consideradas como relativas: "Eu te digo *quem* fêz isto" = "Eu te digo *a pessoa que* fêz isto". Muitas vêzes acontece que as fronteiras entre clausulas relativas e interrogativas são pouco nítidas, e também em latim clássico encontramos, ao lado da construção: *Dico quid sentiam* (interr.), a construção: *Dico quod sentio* (rel.). Mas, em geral, prefere-se em latim a construção das perguntas indiretas, a não ser que haja um antecedente claro na frase principal, p. e.: *Dico id quod sentio*, ou: *Dico ea quae sentio.*

III. ***O emprêgo dos tempos.*** O que é essencial, é a distinção entre tempos primários e tempos secundários (cf. § 43, II). Quando o verbo regente fôr um tempo primário, o verbo da cláusula irá para o Pres. (simultaneidade), ou para o Pf. (anterioridade), ou para a conjugação perifrástica com *sim* (posterioridade); quando o verbo regente fôr um tempo

secundário, o verbo da cláusula irá para o Impf. (simultaneidade), ou para o Msqupf. (anterioridade), ou para a conjugação perifrástica com *essem* (posterioridade). Exemplos:

1) Tempo primário:

| PERGUNTA DIRETA | | PERGUNTA INDIRETA | | |
|---|---|---|---|---|
| *Quid facis?* | (tempos absolutos) | *Scio* | *quid* | *facias* (simult.) |
| *Quid fecisti?* | | *Cognovi* | | *feceris* (ant.) |
| *Quid facies?* | | *Sciam* | | *facturus sis* (post.) |

2) Tempo secundário:

| PERGUNTA DIRETA | | PERGUNTA INDIRETA | | |
|---|---|---|---|---|
| *Quid facis?* | (tempos absolutos) | *Sciebam* | *quid* | *faceres* (simult.) |
| *Quid fecisti?* | | *Cognoveram* | | *fecisses* (ant.) |
| *Quid facies?* | | *Scivi* | | *facturus esses* (post.) |

IV. ***Observações.*** 1) *Cognovi = scio* (cf. § 48, II); *cognoveram = sciebam* (cf. § 49, II); *cognovero = « sciam* (cf. § 50, II).

2) Uma forma do tipo *laudaveram* (Msqupf. de "anterioridade") é tempo secundário, mas não se encontra muitas vêzes como verbo regente de uma pergunta indireta, porque é tempo relativo. A mesma coisa pode dizer-se de *laudavero* (tempo primário).

3) As formas da conjugação perifrástica usam-se em perguntas indiretas apenas quando a clareza exigir que se exprima a posterioridade; muitas vêzes são substituídas pelo Subj. Pres. (depois de um tempo primário) ou pelo Subj. Impf. (depois de um tempo secundário), acompanhado de *mox, brevi, postea,* etc. Esta construção é a única possível com verbos que não possuem o Part. Fut., ou com verbos na V. P., p. e.: "Não sei qual será a cidade a ser saqueada": *Nescio quae urbs mox diripiatur.*

4) Um "presente histórico" (cf. § 45, II, 1) pode ser considerado como tempo primário (pela forma) ou como tempo secundário (pelo significado), de modo que duas construções são possíveis: *Caesar rogat quis obsides interfecerit/interfecisset* ("César perguntou quem matara os reféns").

§ 65. **Perguntas disjuntivas.** — Perguntas disjuntivas podem ser diretas ou indiretas.

I. ***Perguntas diretas.*** 1) O primeiro membro pode ser marcado pela partícula *utrum* ou por *-ne;* o segundo membro é geralmente introduzido por *an* ou (sendo negativa a frase,

por *annon*); o primeiro membro pode estar também sem partícula alguma. Exemplos:

| | |
|---|---|
| (*Utrum*) *domi manebis an exibis?*<br>*Manebisne domi an exibis?* | Ficarás em casa ou sairás? |
| (*Utrum*) *domi manebis annon?*<br>*Manebisne domi annon?* | Ficarás em casa ou não? |

**Notas.**

1) Pode haver mais de dois membros, p. e. na frase: (*Utrum*) *Caesar an Pompeius an Cicero vicit hostes?*

2) *Utrum* é forma cristalizada do pron. interr. *uter*. Seu significado original é: "Qual das duas coisas (é verdade): isto ou aquilo?". A origem de *an* é discutida.

3) Outras partículas correlativas, mas muito menos usadas, são: *–ne,..... –ne; utrumne ..... an; utrum..... aut; an .... an; an.... seu/sive; si..... sive/seu;* etc.*

II. ***Perguntas indiretas.*** As partículas são as mesmas; sendo negativo o segundo membro, emprega-se preferìvelmente *necne*, em vez de *annon*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Rogo te (utrum) domi maneas an exeas*<br>*Rogo te maneasne domi an exeas* | Pergunto-te se ficas em casa ou sais |
| *Rogo te (utrum) domi maneas necne*<br>*Rogo te maneas(ne) domi necne* | Pergunto-te se ficas em casa ou não |

§ 66. **Particularidades.** — I. ***Combinações petrificadas.*** Ao compararmos as duas frases: *Nescio quis id fecerit*, e: *Nescio quis id fecit*, podemos verificar que, na primeira, temos uma verdadeira pergunta indireta ("Não sei ‖ quem o fêz"), mas que, na segunda, *nescio* constitui uma unidade tão íntima com *quis* que as duas palavras chegam a ser uma combinação "petrificada" sem influência sôbre a construção da frase ("Fê-lo ‖ não sei quem" = "Alguém o fêz"); muitas vêzes encontramos a grafia: *nescioquis*, etc. Encontramos esta segunda construção não só com o verbo *nescio*, mas também em algumas outras combinações. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nescio quomodo amicus meus illud comperiit* | Meu amigo soube aquilo de uma maneira ou outra (ou: não sei como) |
| *Mirum est quantum istud nobis profuit* | Isso nos foi extremamente útil lit: Isso nos foi útil, é extraordinário quanto) |
| Cf. também: *mirum quam* = *mire* ("extraordinàriamente") | *nescio ubi* = *alĭcubi* ("em alguma parte") |

II. ***Circunlocução de palavras abstratas.*** Já vimos várias vêzes que o latim clássico revela uma predileção bem definida por expressões concretas, sendo relativamente pobre em palavras abstratas. Esta circunstância se revela também no seu emprêgo de perguntas indiretas que, do ponto de vista das línguas modernas, muitas vêzes substituem uma palavra abstrata. Damos os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Docebimus vos cur credamus* | Expor-vos-emos os motivos da nossa fé |
| *Cotidie mihi narrat quantum profecerit* | Cada dia me conta seus progressos |
| *Non intellegis quanta sit vis hujus legis* | Não compreendes o profundo significado desta lei |

III. ***Perguntas elípticas.*** 1) Muitas vêzes está subentendido o primeiro membro de uma pergunta disjuntiva, e *an* (às vêzes, *anne*) introduz uma pergunta aparentemente simples. Tal acontece sobretudo depois de afirmações em cujo favor se aduz um argumento decisivo em forma de uma interrogação. *An* ou *an vero* introduz um argumento considerado como absurdo; *an non* introduz um argumento que se impõe como evidente. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dico rem publicam libertate sublatā superesse non posse. An (vero) vos aliter existimatis?* | Digo que o Estado não pode sobreviver, quando se tirar a liberdade. Ou pensais vós de modo diferente? (resp.: "não!") |
| *Homines scelesti servi sunt, quia poenas metuunt. An non est omnis metus servitus?* | Os malvados são escravos, porque temem o castigo. Não é todo e qualquer mêdo uma forma de escravidão? (resp.: "sim!") |

2) O *an* elíptico encontra-se muitas vêzes também depois de uma primeira pergunta (parcial, não total), a que o próprio interrogador dá uma resposta (em forma de uma pergunta) conforme êle mesmo acha provável; nós podemos traduzir muitas vêzes por: "não é (verdade?", etc. (*an* = ± *nonne*). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Cur hoc venisti? An speculandi causā?* | Por que vieste aqui? Para espiar, não é? |

IV. ***Incerteza e dúvida.*** A frase latina: *Haud scio an mentitus sit*, deve ser traduzida: "Não sei se *não* mentiu" = "Talvez tenha êle mentido". Como explicar essa construção? Muito provàvelmente temos aqui a forma elíptica de uma pergunta originàriamente disjuntiva: *Haud scio* (*utrum verum*

*dixerit*) *an mentitus sit:* "Não sei se (falou a verdade ou) mentiu". Mas nesta alternativa, a segunda hipótese era a tal ponto admitida como a mais provável que a primeira acabou sendo eliminada: "Não sei. (Das duas hipóteses) me parece (a mais) provável (de) que êle tenha mentido". Destarte a locução: *haud scio an* (raro: *nescio an*) foi-se transformando numa partícula "potencial", usada para atenuar uma afirmação (cf. §56, II); sua forma negativa era *haud scio an non* = "talvez não". A mesma construção encontra-se também com *dubitare, dubium/incertum est,* etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haud scio an non mentitus sit* | Não sei se mentiu > Talvez não tenha mentido |
| *Dubito an Romam proficiscar* | Talvez eu vá a Roma (lit.: Pergunto-me se não irei a Roma) |
| *Meus amicus dubitat an turpe non sit hoc facere* | Segundo meu amigo, talvez não seja indecoroso fazer isto |

**Notas.**

1) Estando *dubitare,* no sentido de "duvidar, perguntar-se", com uma negação, geralmente se emprega em lugar de *an* a conjunção *quin* (cf. §187, II, 4), p. e.: *Non dubitabat quin hoc turpe esset:* "Não duvidava que isto fôsse feio". Mas *dubitare,* no sentido de "hesitar em", pede em geral o Inf. objetivo (cf. §3, II), embora se encontre também *non dubitare quin* (mais Subj.), p. e.: *Consul Romanus non dubitavit hostem aggredi/quin hostem aggrederetur* = "O cônsul romano não hesitou em atacar o inimigo".

2) Do mesmo modo que *haud scio an,* explica-se também *forsitan* < *fors-sit-an* ("talvez"), partícula essa que, em latim arcaico, sempre, e em prosa clássica, no mais das vêzes, é combinada com o Subj. Outra forma é *forsan.*

3) Quanto a *vidēre ne (non),* cf. §145, III, 3.*

§67. **Respostas.** — I. ***Repetição do Verbo.*** O latim não possui palavras bem determinadas para exprimir "sim" e "não". Na resposta, geralmente se repete o verbo da pergunta, p. e.: *Amicus tuus estne in Urbe?* resposta: *Est* ("Sim"), ou: *Non est* ("Não").

II. ***Partículas.*** Em respostas afirmativas pode usar-se também: *Ita (est); Etiam; (Ita) vero; Sane (quidem),* etc.; em respostas negativas: *Minime (vero); Non(est)ita; Non vero; Nihil sane,* etc. Mas nenhuma dessas locuções é perfeitamente igual a "sim" ou a "não".

CAPÍTULO VII

# A SINTAXE DOS CASOS

§ 68. **Sinopse dos casos em indo-europeu.** — I. ***Os oito casos indo-europeus.*** O nome(1) indo-europeu tinha oito casos, a saber:

1) O NOMINATIVO, que indicava o sujeito e o nome predicativo de uma frase.

2) O GENITIVO, que exercia várias funções bastante difíceis de reduzir a um denominador comum; basta dizermos aqui que o gen. podia estabelecer diversas relações (p. e. de posse, de qualidade, etc.) entre dois nomes ou entre um verbo e um nome.

3) O DATIVO, que exprimia o objeto indireto e exercia algumas funções secundárias.

4) O ACUSATIVO, que exprimia o objeto direto da ação verbal, mas também indicava direção, duração, etc.

5) O VOCATIVO, que era o caso de "invocação".

6) O ABLATIVO pròpriamente dito, ou o SEPARATIVO, que indicava separação, origem, descendência, etc.

7) O INSTRUMENTAL, que designava o instrumento e a companhia.

8) O LOCATIVO, que indicava em que lugar (ou, em que tempo) se verifica a ação verbal.*

II. ***Caso reto e casos oblíquos.*** O nom. chama-se de *casus rectus* ("caso reto"); alguns gramáticos antigos consideravam também o voc. como caso reto; todos os outros casos têm o nome de *casus obliqui* ("casos oblíquos"). O voc. é um caso à parte dos demais, sendo um elemento independente do contexto da frase e, por isso mesmo, não fazendo parte da oração.*

(1) O têrmo gramatical "nome" abrange o subst., o adj. e o pronome.

III. ***Os casos em latim.*** Em latim histórico, existiam apenas seis casos: o abl. latino é um caso "sincrético" em que três casos indo-europeus se fundiram, a saber: o separativo, o instrumental e o locativo. Dos dois últimos existem só alguns esporádicos vestígios morfológicos.

**Nota.** O grego foi mais longe do que o latim em fundir os casos: aqui desapareceu também o abl., cujas funções foram assumidas pelo gen.; o dat., além de exercer suas funções originais, fazia também as vêzes do instrumental e do locativo. Em virtude dêsse sincretismo, o grego via-se obrigado a recorrer, muito mais do que o latim, a preposições (cf. §93.)

IV. ***A divisão da matéria.*** As funções exercidas pelos diversos casos em indo-europeu foram indicadas acima de maneira bastante sumária e, do ponto de vista da gramática histórica, até discutível. Neste capítulo pretendemos tratar detalhadamente das diversas funções dos casos latinos, cujo conhecimento é indispensável para a compreensão dos textos antigos. Começaremos a nossa exposição pelo acusativo; em seguida, veremos o dativo, o ablativo e o genitivo; falaremos do nominativo e do vocativo só à guisa do apêndice, já que êstes dois casos apresentam poucas dificuldades técnicas ao leitor moderno. Exporemos a construção de nomes de cidades já no início, por causa da sua importância intrínseca e também com o fim de evitar repetições incômodas na seqüência da exposição. Às preposições será consagrado um capítulo especial.

## O ACUSATIVO

§69. **A natureza do acusativo.** — I. ***Sinopse das funções.*** A função primordial do ac., à qual, em última análise, remontam tôdas as demais (pelo menos, lògicamente falando), é a de exprimir o TERMO FINAL DA AÇÃO EXPRESSA PELO VERBO. Entre os acusativos das duas frases: *aedifico domum* e *proficiscor domum* não existe diferença essencial: em ambas, *domum* designa o têrmo final da ação verbal; na primeira, o de "construir", e na segunda, o de "caminhar". Mas a gramática descritiva faz aqui uma distinção, considerando *domum* em *aedifico domum* como ac. de objeto direto, e em *proficiscor domum* como ac. de direção.

Quanto ao ac. de objeto direto, cumpre fazermos algumas distinções que, à primeira vista, poderiam parecer destituídas de valor prático, mas que, na realidade, têm certa importância para a compreensão das funções secundárias do acusativo. Na frase: *aedifico domum,* o obj. direto *domum* vem a ser realizado sob a influência da ação verbal (*objectum rei effectae);* na frase: *vendo domum,* o obj. direto *domum* já existia antes de se efetuar a ação verbal, sendo que vem a ser apenas atingido num dos seus aspectos pela mesma (*objectum rei affectae*).

Se o obj. dir. *domum* da frase: *aedifico domum,* continua existindo também depois de terminada a ação verbal como RESULTADO da mesma, tal não acontece com o obj. dir. *pugnam* da frase: *pugno pugnam.* Também

aqui temos um *objectum rei effectae*, mas êsse objeto coincide por completo com o âmbito da ação verbal, constituindo, não o seu resultado,, e sim o seu CONTEUDO. Neste caso, falamos em objeto interno.

Na frase: *viam longam eo* ("percorro um caminho longo") temos igualmente um ac. de objeto interno, e partindo dêsses casos, desenvolvem-se muito naturalmente as funções do tipo: *duo milia passuum eo* ("ando duas milhas"), e depois: *duas horas eo* ("ando duas horas"). Na primeira hipótese, a gramática descritiva fala em "AC. DE EXTENSÃO"; na segunda, em "AC. DE DURAÇÃO". Nas duas construções já não temos o conteúdo da ação verbal, e sim, seu âmbito, sua extensão, no espaço e no tempo.

Mas a "extensão" de uma ação verbal pode fàcilmente passar a adquirir uma certa FUNÇÃO ADVERBIAL. Na frase: *Cetera assentior Ciceroni* ("Nos outros pontos/No mais concordo com Cícero"), o ac. *cetera* indica até que ponto vai meu acôrdo com a opinião de Cícero; aliás, existiam também outros tipos de acusativos que possibilitavam o nascimento do ac. adverbial.

Assim se explica também que vários verbos podem reger DUPLO ACUSATIVO: os dois acusativos são de origem diferente. Um ac. pode ser *obj. rei effectae*, e outro *obj. rei affectae*, p. e.: *Populus Romanus Ciceronem* (aff.) *consulem* (eff.) *creat.* Um pode ser ac. de objeto direto, o outro ac. direção, p. e.: *Dux legatos* (obj. dir.) *Romam* (ac. de direção) *mittit.* Os dois podem indicar *obj. rei affectae*, mas um dos dois objetos é pessoa, e o outro é coisa, p. e.: *Doceo te* (pess.) *linguam latinam* (coisa). Acontece também que um dos ac. indica o todo, e o outro uma parte do mesmo, p. e.: *Hostem* (todo) *os* (parte) *ferit:* "Fere o inimigo no rosto".

Eis, em linhas muito gerais, o esquema do ac. latino, segundo o qual pretendemos expor suas diversas funções sintáticas.*

§ 70. **O acusativo de direção.** — I. ***Com nomes de cidades, etc.*** O simples ac. sem preposição originàriamente respondia à pergunta: *quo?* = "aonde"?" ou "para onde?" (ac. de direção); a prosa clássica emprega, por via de regra, o ac. precedido de uma preposição (*in*, *ad*, etc.), mas continua usando o simples ac. sem preposição com nomes de cidades e de ilhas pequenas(1) e com os dois subst. apelativos: *domus* e *rus*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Proficiscor Romam/Corinthum/Athenas* | Viajo a Roma/Corinto/Atenas |
| *Legatos Delphos misit* | Enviou embaixadores a Delfos |
| *Domum/rus revertor* | Volto à casa/ao campo |

II. ***Observações.*** 1) Nomes de países, ilhas grandes, tribos, etc., e substantivos apelativos (exceto *domus* e *rus*) pedem

(1) Ilhas "pequenas" são ilhas que têm uma só cidade, geralmente homônima com a ilha

a preposição *in* (para indicar penetração) ou *ad* (para indicar aproximação). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Proficiscor in Galliam/Siciliam* | Viajo à Gália/Sicília |
| *Caesar in/ad Nervios contendit*(1) | César marchou sôbre o território dos nérvios |
| *Navis in portum advenit* | O navio chegou ao pôrto |
| *Ambulavimus ad portum* | Andamos até às proximidades do pôrto, ou: andamos até ao pôrto |
| *Caesar contendit ad Genavam* | César marchou até às proximidades de Genebra |

2) Quando o nome de uma cidade ou de uma ilha pequena estiver com subst. apelativo (p. e. *urbs*, *oppidum*, *insula*), êste é construído com a preposição *in*(2) e o nome geográfico vai para o ac. (não no gen., como em português, cf. §88, VI). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Proficiscor in urbem Romam* | Viajo à cidade de Roma |
| *Proficiscor Romam, (in) urbem maximam totius Italiae*(3) | Viajo a Roma, a maior cidade de tôda a Itália |

3) Quando a palavra *domum*, na função de ac. de direção, trouxer consigo um adj. que não seja possessivo, acrescenta-se igualmente *in*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Domum meam revertamur!* | Voltemos à minha casa! |
| *Omnes servos suos misit in domum novam* | Enviou todos os seus escravos à casa nova |

4) Também o Supino primeiro em *-tum* (*-sum*) é ac. de direção (cf. §35).

5) O ac. de direção pode depender também de um subst. verbal, p. e.: *Spes reditionis domum* = "A esperança de voltar à casa". Construção rara em prosa clássica.

6) Encontramos o ac. de direção em algumas locuções, p. e. em: *infitias ire* ("negar", lit.: "ir à negação") e *alicui suppetias (ad)venire* ("socorrer a alguém").

7) Em latim arcaico, o ac. de direção tinha aplicação muito maior, e os poetas da época clássica continuam a usá-lo em escala ampla, p. e.

(1) *Ad* visa mais aos habitantes; *in* ao território. Nesta combinação é exígua a diferença entre *ad* e *in*.

(2) Pode usar-se também *ad*, mas só no sentido de: "até às proximidades de".

(3) Sendo apôsto o nome geográfico, o emprêgo da preposição é obrigatório (*in urbem Romam*); sendo apôsto o subst. apelativo, a preposição pode faltar (*Romam, (in) urbem maximam*).

*Italiam venit* (poet.) = *in Italiam venit* (prosa) = cf. a frase de Vergílio: *sitientis ibimus Afros* ("iremos ao país dos africanos sedentos").

8) *Foras* é ac. de direção do subst. desusado *fora* = *foris* ("porta"); pràticamente tornou-se um adv. "para fora", p. e.: *ire foras.*

§ 71. **A separação (digressão).** — Ao passo que o ac. de direção dá resposta à pergunta *quo?*, o abl. pròpriamente dito ou o separativo responde à pergunta *unde?* = "donde?". Para indicar a separação com nomes de cidades, etc., o latim clássico se serve de regras análogas às que vimos no parágrafo anterior.

I. ***Regras.*** Para indicar a separação, o latim emprega o abl. sem preposição com nomes de cidades e ilhas pequenas, e com os dois subst. apelativos *domus* e *rus;* nomes de países, ilhas grandes, tribos, etc. e substantivos apelativos em geral pedem *ab, de* ou *ex* mais abl.(1). Usa-se a preposição também com nomes de cidades, etc., quando êstes vêm acompanhados de um apôsto ou de um adj. que não seja possessivo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Proficiscor Romā/Corintho/Athenis* | Perto de Roma/de Corinto/de Atenas |
| *Proficiscor a Romā/a Corintho*(2) | Parto das proximidades de Roma/de Corinto |
| *Exeo domo/domo meā*(3) | Saio de casa/da minha casa |
| *Discedo rure* | Saio do campo |
| *Discedo ex urbe Romā* | Saio da cidade de Roma |
| *Discedo Romā, (ex) urbe maximā totius Italiae* | Saio de Roma, a maior cidade de tôda a Itália |
| *Venio e domo novā* | Venho da casa nova |
| *Exeunt e templo* | Saem do templo |
| *Abeunt a templo* | Saem das proximidades do templo |
| *Puer de tecto cecidit* | O menino caíu do telhado |
| *Caesar e Galliā profectus est* | César partiu da Gália |

II. ***Observações.*** 1) O separativo é, às vêzes, combinado com subst. verbal, p. e.: *discessus Corintho* ("a partida de Corinto"), etc.

2) Em latim arcaico e na poesia encontramos muitas vêzes o abl. separativo sem preposição também com outras palavras, onde a prosa clássica usaria uma preposição, p. e.: *Galliā procedit = e Galliā procedit; aquae refunduntur imis vadis = aquae refunduntur ab imis vadis,* etc.

3) *Foris,* no sentido de "de fora", é separativo petrificado.

(1) *Ex* indica separação "de dentro para fora"; *ab* indica separação "das proximidades de"; *de* indica separação em sentido vertical:" de cima para baixo".

(2) *Ab,* acrescentado a um nome de cidade, etc., designa sempre uma partida "das proximidades de".

(3) A forma mais usada é *domo;* por vêzes, encontramos também *domu.*

§ 72. **O locativo (digressão).** — I. ***Regras e Exemplos.*** Originàriamente, o latim possuía um caso especial para indicar o lugar "onde" (*ubi?*) se verificava certa ação verbal: era o locativo (terminado em *-i*). O locativo, como caso morfológico, não existe mais em latim histórico, tendo-se fundido, no mais das vêzes, com o abl. Mas ainda subsistem alguns vestígios do antigo locativo. Na frase: *Haec Romae facta sunt* ("Isto aconteceu em Roma") a forma *Romae* não é gen. sg., e sim, o locativo (*Roma-i* > *Romae*).

1) O LOCATIVO PRÒPRIAMENTE DITO (em *-i*) encontra-se ainda:

*a*) em nomes de cidades, etc. da 1.ª e da 2.ª declinação (só sg.), p. e. *Romae, Corinthi, Deli*, etc.; igualmente em nomes de cidades da 3.ª declinação (só sg.; sempre os temas vocálicos; às vêzes, também os temas consonânticos), p. e. *Neapoli* (vocálico), e *Karthagini* (cons.)

*b*) nos três subst. apelativos *domus, rus* e *humus*, a saber: *domi, ruri* e *humi* (= "no chão").

*c*) nas expressões: *domi militiaeque* e *domi bellique* (= "na paz e na guerra").

2) Nomes de cidades, que sejam pluralia tantum, vão sempre para o ABLATIVO DE LUGAR SEM PREPOSIÇÃO, p. e. *Athenis, Delphis, Syracusis*, etc.; têm geralmente a mesma construção os nomes de cidades que sejam temas consonânticos da 3.ª declinação, p. e. *Sulmone* (= "em Sulmão"), *Karthagine* = *Karthagini*, etc.

3) Todos os subst. apelativos (exceto *domus, rus* e *humus*), respondendo à pergunta *ubi?*, pedem o ABLATIVO DE LUGAR PRECEDIDO DA PREPOSIÇÃO "IN", p. e. *in templo, in foro, in castris*, etc.

4) Quanto ao mais, respeitem-se as regras já formuladas nos parágrafos anteriores.

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pater meus Romae/Corinthi/Deli habitat* | Meu pai mora em Roma/Corinto/Delos |
| *Amicus meus Karthagini = Karthagine, Neapoli habitat* | Meu amigo mora em Cartago/Nápoles |
| *Delphis est oraculum Apollinis* | Em Delfos há um oráculo de Apolo |
| *Athenis multa templa pulchra sunt* | Em Atenas há muitos templos belos |

| | |
|---|---|
| *Pater meus in urbe Romā habitat* | Meu pai mora na cidade de Roma |
| *Amicus meus Romae, (in) maximā urbe totius Italiae, habitat* | Meu amigo mora em Roma, a maior cidade de tôda a Itália |
| *Maneo domi/ruri* | Permaneço em casa/no campo |
| *Hostis humi jacet* | O inimigo está prostrado por terra |
| *Domi tuae imago Ciceronis est* | Em tua casa há uma imagem de Cícero |
| *In hac domo magnā imago Ciceronis est* | Nesta casa grande há uma imagem de Cícero |
| *Amici mei in templo Jovis sunt* | Meus amigos estão no templo de Júpiter |
| *Domi militiaeque* / *Domi bellique* } *colimus deos* | Na paz e na guerra veneramos so. deuses |

II. ***Observações.*** 1) Encontramos ainda outros antigos locativos: nas seguintes formas que, em parte, se tornaram advérbios:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *diu/interdiu* | de dia | *noctu* | de noite |
| *foris* | fora | *temere* | à toa (cf. § 195) |
| *heri* | ontem | *temperi/tempori* | a tempo, na hora |
| *luci* | de dia | *vesperi* | à tardinha, à noitinha |

2) Em latim arcaico e na poesia usa-se freqüentemente o abl. sem *in* para responder à questão *ubi*, também em casos em que a prosa clássica exigiria a presença da preposição, p. e.: *montibus pinus sunt* = *in montibus pinus sunt.*

3) Quanto aos pormenores relativos ao emprêgo do locativo, cf. § 85

§ 73. **O acusativo de objeto direto.** — O latim usa o ac. para indicar o objeto direto da ação verbal; verbos que admitem, na V. A., o ac. de objeto direto, admitem a construção pessoal na V. P. (cf. § 40, I, Nota 1–2). O número de verbos transitivos em latim é muito grande, do mesmo modo que em português; teria pouco cabimento dar uma lista mais ou menos completa dos mesmos. Em geral, pode dizer-se que a um verbo transitivo em português corresponde um verbo transitivo em latim.

I. ***Discrepância de regime.*** Alguns verbos, porém, que são transitivos em latim, não o são em português. Damos aqui os mais importantes.

1) Muitos VERBA AFFECTUUM; todos êles admitem também a construção "absoluta" (cf. § 40, I, Nota 1); ; à construção transitiva em latim corresponde, em português, geralmente a construção "preposicional". Exemplos:

| | | |
|---|---|---|
| *desperare* | desesperar | *desperant salutem:* "desesperam da salvação" |
| *dolēre* | doer (intrans.) | *doleo mortem patris:* "lamento a morte do pai" |
| *gaudēre* | estar alegre | *gaudeo adventum tuum:* "alegro-me com a tua vinda" |
| *horrēre* | arrepiar-se | *horreo monstrum:* "tenho horror ao monstro" |
| *indignari* | estar indignado | *indignor injuriam:* "indigno-me com o desafôro" |
| *laetari* | estar alegre | *laetor casum tuum:* "alegro-me pelo que te aconteceu" |
| *ludĕre* | jogar, brincar | *ludo inimicos:* "zombo dos inimigos", ou: "iludo os inimigos" |
| *queri* | queixar-se | *queritur fatum:* "queixa-se do destino" |
| *ridēre* | rir(-se) | *rideo arrogantiam tuam:* "rio-me de tua arrogância" |

**Nota.** Quase todos êstes verbos podem ser construídos também com *de* mais abl., p. e.: *desperare de salute; gaudeo de adventu tuo;* etc.

2) Alguns VERBOS IMPESSOAIS, dos quais mencionamos aqui:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *(de)decet me* | (não) me convém | *paenitet me* | arrependo-me |
| *fallit me* | passa-se despercebido | *piget me* | aborreço-me |
| *fugit me* | escapa-me | *pudet me* | envergonho-me |
| *juvat me* | apraz-me | *praeterit me* | esquece-me |
| *miseret me* | tenho pena de | *taedet me* | enfastio-me |

**Nota.** Sôbre as diversas construções dêstes verbos, cf. §39, II, nota 3.

3) Alguns OUTROS VERBOS muito usados são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *curare* | ligar para | *latēre* | estar escondido de |
| *deficĕre* | falhar | *parare* | preparar-se para |
| *detrectare* | esquivar-se a | *morari* | ligar para |
| *excusare* | desculpar-se de | *ulcisci* | vingar-se de |

Todos êstes verbos admitem também outras construções. Registramos aqui:

*a*) *Curare* e *morari*, no sentido de "ligar para", são pràticamente só usados em frases negativas, p. e.: *Illud non curo/moror* ("Não ligo para aquilo, Não me interesso por aquilo", etc.). Mas *curare* pode significar

também: "curar" (cf. o adágio: *Medice, cura te ipsum!*) e: "tomar conta de, cuidar de" (cf. *Cicero rem publicam curat*). O verbo *morari*, como verbo transitivo, significa ainda: "demorar, deter", como verbo intransitivo: "demorar-se".

*b*) Quanto a *deficĕre*, cf. os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Vires me deficiunt* | As fôrças me falham/abandonam |
| *Milites a rege defecerunt* | Os soldados desertaram do rei |
| *Barbari ad Caesarem deficiunt* | Os bárbaros transfogem para César |

*c*) Quanto a *detrectare:*

| | |
|---|---|
| *Detrectasti militiam* | Esquivaste-te ao serviço militar |
| *Detrectasti virtutem hostium* | Desprezaste a coragem dos inimigos |

*d*) Quanto a *excusare:*

| | |
|---|---|
| *Excuso me de tarditate litterarum* | Desculpo-me do atraso da carta |
| *Excuso me propter tarditatem litterarum* | |
| *Excuso tarditatem litterarum* | |
| *Excuso morbum* | Desculpo-me por causa de doença |

*e*) Quanto a *parare:*

| | |
|---|---|
| *Si vis pacem, para bellum!* | Se queres a paz, prepara-te para a guerra! |
| *Amicus meus servum mihi paravit* | Meu amigo arranjou-me um escravo. |
| *Hodie Romam proficisci paro* | Hoje pretendo viajar a Roma |

*f*) Quanto a *ulcisci:*

| | |
|---|---|
| *Ulciscor mortem ejus* | Vingo sua morte |
| *Ulciscor amicos* | Vingo os amigos |
| *Ulciscor inimicos* | Vingo-me dos inimigos |
| *Ulciscor inimicum pro injuria* | Vingo-me do inimigo pelo desafôro |
| *Jure me ulciscor* (forma reflexiva) | Vingo-me com direito* |

II. ***Verbos compostos.*** Muitos verbos que, quando simples, são intransitivos, trnsformam-se em verbos transitivos, quando compostos com um prevérbio. Assinalamos aqui:

1) Os verbos compostos com *circum–*, *praeter,–e trans–*, p. e.: *circu(m)ire, circumvenire, circumstare, circumsistĕre, circumsedēre, praeterire, praetergredi, praetervehi, transire* e *transgredi.*

| | |
|---|---|
| *Caesar flumen Rhenum transit* (V. A.) | César atravessou o rio Reno |
| *Rhenus a Caesare transitus est* (V. P.) | O Reno foi atravessado por César |

2) Também alguns outros prevérbios, tais como *ad–*, *ex–*, *in–*, *ob–*, *per–* e *sub–*, podem exercer a mesma influência. Formular regras exatas a êsse respeito é muito difícil, se não impossível. A única regra prática talvêz seja esta: o latim tende a considerar como verbos transitivos os compostos que têm sentido figurado, mas prefere repetir a preposição (ou, usar preposição congênere) no sentido literal. Exemplos:

| SENTIDO LITERAL: | SENTIDO FIGURADO: |
|---|---|
| *adeo ad fontem:* "vou à fonte" | *adeo libros sibyllinos:* "consulto os livros sibilinos" |
| *excessi ex urbe:* "saí da cidade" | *excessisti modum:* "excedeste a medida" |
| *ingredior in urbem:* "entro na cidade" | *ingredior consulatum:* "assumo o consulado" |
| *obit ad hostium impetus:* "vai de encontro aos ataques dos inimigos" | *obit legationem:* "encarrega-se de uma deputação" |
| | *obiit mortem/supremum diem:* "faleceu" |
| *percurris per mare:* "vagueias pelo mar" | *percurris opera Ciceronis:* "percorres as obras de Cícero" |
| *subimus in montes:* "subimos as montanhas" | *subimus pericula:* "enfrentamos os perigos" |

III. ***Acusativo de parte.*** Na frase: *perfusus genas lacrimis*, a forma *genas* era originàriamente um ac. de objeto direto (cf. §60, III, 2) dependente da V.M. *perfusus*. Mas a voz média já não era uma categoria viva em latim histórico, de modo que *perfusus* começou a ser interpretado como Part. Pf. da V.P. Foi então que o ac. *genas* chegou a ser considerado como "ac. de parte", construção muito comum em grego e imitada pelos poetas latinos (daí se chamar também de "ac. grego"), principalmente para indicar as partes do corpo e a origem biológica. Êste ac., verdadeiro "helenismo" na linguagem poética de Roma, é empregado também em casos, onde não pode remontar a um ac. de objeto direto, e onde a prosa usaria o abl. de relação (cf. §82, V). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Qui genus estis?* | De que raça sois? (lit.: Quem sois quanto à raça?) |
| *Tremit omnes artus* | Treme em todos os seus membros |

IV. ***O acusativo elíptico.*** Às vêzes, falta ao ac. de objeto direto o verbo, o qual geralmente pode ser completado com muita facilidade pelo contexto. Tal ac. elíptico ocorre sobretudo em certas locuções fixas, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quid multa?* (sc. *dicam*)<br>*Quid plura?* (sc. *dicam*) | Em uma palavra (lit.: Por que direi muitas/mais coisas?) |
| *Nugas!* (sc. *dicis*) | Bobagem! |
| *Fortes fortuna* (sc. *adjuvat*) | A fortuna favorece os valentes |

V. ***O acusativo exclamativo.*** 1) Temos elipse igualmente na seguinte expressão:

| | |
|---|---|
| *Me miserum!* | Coitado de mim! Ai de mim! |

Esta frase pode ser explicada como forma abreviada do A. c. I. exclamativo (cf. § 17, II): *Me miserum (esse magnopere doleo)*, mas é muito duvidoso que os romanos tenham possuído consciência da elipse. Seja como fôr, o ac. passou a ser considerado como caso apropriado para exprimir indignação, surpresa, decepção, etc., também em exclamações sem predicado, p. e.: *O fallacem spem hominum!* ("Como é falaz a esperança humana!", etc. Nestas construções encontramos muitas vêzes uma interjeição, p. e. *o, pro,* (menos corretamente escrito: *pro(h), heu* ou *eheu;* as duas primeiras são muitas vêzes construídas também com o voc. (cf. § 92); as interjeições *vae* e *(h)ei* pedem o dat. (cf. § 78, I). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Pro deum* (= *deorum*) *fidem!* | Pelo amor dos deuses!* |

2) As duas interjeições *en* e *ecce* ("eis") são, em latim arcaico e vulgar, geralmente construídas com o ac., ao passo que a prosa clássica prefere o nom. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *En causam/causa cur doleam* | Eis a razão porque estou triste |
| *Ecce hominem/homo!* | Eis o homem!* |

§ 74. **Funções secundárias do acusativo.** — Fora do ac. de objeto direto são importantes estas outras funções: o ac. de objeto interno (I), o ac. de extensão (II), o ac. de duração (III), e o ac. de relação (IV).

I. ***Objeto interno.*** 1) Verbos transitivos e intransitivos podem ser construídos com um ac. de um substantivo (em prosa clássica, nunca sem atributo) que exprima a mesma idéia que a ação verbal. Êste ac. chama-se "ac. de objeto interno" (têrmo gramatical), ou então: "figura etymologica" (têrmo retórico). O subst. no ac. tem muitas vêzes o mesmo radical que o verbo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Juravi verissimum jus jurandum* | Prestei um juramento conforme à verdade |
| *Milites acre proelium pugnaverunt* | Os soldados travaram uma batalha intensa |
| *Hi viri vitam miseram vivunt* | Êstes homens levam uma vida miserável |

**Nota.** Sem atributo na antiga fórmula jurídica: *servitutem servire* = "servir, ser escravo".

2) Daí se originaram locuções abreviadas dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Sanguinem sitiunt* (= *sitiunt sitim sanguinis*) | Têm sêde de sangue. |

| | |
|---|---|
| *Crocum sapere* (= *sapere saporem croci*) | Ter o sabor de açafrão |
| *Hircum olere* (= *olere olorem hirci*) | Cheirar a bode |
| *Puella dulce ridet* (= *dulcem risum ridet*) | A menina sorri suavemente |

II. ***O acusativo de extensão.*** Na frase: *Ambulavi longam viam*, o ac. *longam viam* indica o objeto interno; mas *longam viam* podia fàcilmente ser trocado com *dua milia passuum*, e assim nasceu o "ac. de extensão". Êste ac. indica a distância percorrida, mas usa-se também com os verbos *abesse* e *distare*, e com os adjetivos *altus*, *latus* e *longus*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Exercitus tria milia (passuum) progressus est* | O exército avançou três milhas |
| *Hostes tria milia aberant/distabant* | Os inimigos achavam-se a uma distância de três milhas (ou: distavam três milhas) |
| *Fossa castrorum tres pedes alta et decem pedes lata erat* | A trincheira do acampamento tinha três pés de profundidade, e dez de largura |

**Nota.** *Distare* e *abesse* são construídos também com o abl., cf. §84, IV, 1.

III. ***O acusativo de duração.*** 1) Os exemplos dados acima referem-se ao espaço, mas o mesmo ac. pode ser aplicado também ao tempo ("ac. de duração"). Usa-se êste ac. para responder à questão *quamdiu?* ("durante quanto tempo?"), ou: *quamdudum?* ("desde quando?"), ou: *ex quo tempore?* ("quanto tempo faz que?"). Estas duas últimas funções derivam da primeira. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus tres dies Romae mansit* | Meu amigo ficou três dias em Roma |
| *Tres annos jam gero bellum* | Já faz três anos que estou guerreando |
| *Quartum annum jam gero bellum* | Já faz mais de três anos quê.... (lit.: já é o quarto ano em que.....) |
| *Pater meus abhinc triginta annos mortuus est* | Meu pai faleceu há 30 anos |

2) Observações: *a*) Ao ac., que responde à questão: *quamdiu?*, pode acrescentar-se a preposição *per*, p. e.: *Amicus meus per tres dias Romae mansit* (cf. em inglês: *for three days*).

*b*) O adv. *abhinc* (lit.: "daqui a", mas quase sempre usado em relação ao passado: "de... para cá"), pode ser construído também com o abl., p. e.: *Pater meus abhinc triginta annis mortuus est.*

*c*) A frase: "Mau pai faleceu há 30 anos" pode ser traduzida também desta maneira: *Pater meus ante (hos) triginta annos mortuus est.*

*d*) Também *natus (est)* é combinado com o ac. de duração. Talvez se explique esta construção pela influência dos adj. *altus, latus*, etc.; talvez pela elipse de uma forma do verbo *vivere* ou verbo semelhante. Exemplo: *Pater meus sexaginta annos natus est:* "Meu pai tem sessenta anos de idade".

*e*) Para responder à questão: *in quantum tempus?* ("por quanto tempo?"), o latim serve-se da prep. *in* mais ac., p. e.: *Pax facta est in triginta annos:* "A paz foi feita por trinta anos".

IV. ***O acusativo de relação.*** Formalmente, o ac. de relação (p. e.: *Cetera assentior Ciceroni* = "Nos outros pontos concordo com Cícero") não se distingue do ac. de parte (p. e.: *Tremit omnes artus* = "Treme em todos membros"), mas quanto ao emprêgo dos dois, as diferenças são consideráveis. O ac. de parte (cf. §73, III) usa-se só em poesia para indicar a origem biológica ou uma parte do corpo; o ac. de relação é muito comum também em prosa, mas limita-se quase exclusivamente a algumas formas neutras de pronomes e adjetivos. Ao passo que o ac. de parte é um "helenismo", o ac. de relação é uma construção genuinamente latina, originada pelo ac. de extensão (porque indica "até que ponto" a ação verbal consegue realizar-se). Finalmente, o ac. de relação aproxima-se muito da função adverbial, o que não se pode dizer do ac. de parte. Damos aqui alguns exemplos de ac. de relação muito usados:

1) Nas locuções:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *magnam partem* | em grande parte | *id aetatis* | desta idade |
| *id genus* | desta espécie | *id temporis* | neste tempo, nesta hora |

**Nota.** Quanto aos gen. *aetatis* e *temporis*, cf. §88, V, 1b.

2) Nas formas neutras de pronomes e adjetivos.

| | | | |
|---|---|---|---|
| *aliquantum* | um pouco, um tanto | *multum* | muito |
| *ceterum/cetera* | quanto ao mais | *nihil* | nada, absolutamente não |
| *hoc/istud/illud, id*, etc. | *a*) neste ponto<br>*b*) por isso | *quid?* | *a*) em que ponto?<br>*b*) por que? |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Aliquantum commotus est* | Ficou um pouco impressionado |
| *Ceterum Graecus erat* | De resto, era grego |
| *Multum laetor* | Alegro-me muito |
| *Nihil profeci* | Não fiz nenhum progresso/Nada progredi |
| *Amice, quid venisti?* | Amigo, por que vieste? |
| *Amicus meus hoc studuit* | Meu amigo fêz êste esfôrço |
| *Id mater mea maesta est* | Por isso minha mãe está triste |
| *Hoc venimus* | Por isto viemos/Por causa disto viemos |

**Nota.** São construídos com êste ac. de relação principalmente os verbos que exprimem afetos (cf. *commovēri, laetari, maestum esse*), vontade e esfôrço (cf. *proficĕre* e *studēre*), incriminação e coação (p. e. *accusare, cogĕre*, etc.), quer sejam transitivos, quer sejam intransitivos (p. e. o verbo *studēre*, que pede normalmente o dat.); mas também outros verbos podem ser combinados com o ac. de relação (cf. *venire, esse; dubitare*, etc.), de modo que é bastante difícil formular regras exatas a respeito do seu emprêgo.

§ 75. **O duplo acusativo.** — Muitas vêzes acontece que um verbo traz consigo mais de um ac. Distinguimos aqui os seguintes casos: o duplo ac. com verbos transitivos-predicativos (I), com verbos compostos (II), com verbos de movimento (III), ac. de pessoa e ac. de coisa (IV–V), ac. do todo e ac. da parte (VI).

I. ***Os verbos transitivos-predicativos.*** No grupo de verbos transitivos-predicativos (cf. § 19, I, 2b), um dos dois ac. indica o *objectum rei affectae*, o outro indica o *objectum rei effectae* (cf. § 69). Os mais importantes são os que significam: "eleger, nomear, considerar, tornar", etc. Em latim:

| | |
|---|---|
| *facĕre, reddĕre* (cf. francês: *rendre*) | "tornar, fazer" |
| *creare, eligĕre* | "eleger" |
| *ducĕre, habēre, putare, existimare* | "considerar, ter por" |
| *dicĕre* | "nomear" |
| *vocare, appellare* | "chamar (de)" |

Todos êstes verbos, convertidos para a construção passiva, têm duplo nominativo (cf. § 59, I). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cicero fecit filiam heredem* (V. A.) | Cícero designou sua filha herdeira |
| *Filia a Cicerone heres facta est* (V. P.) | A filha foi designada herdeira por Cícero |

| | |
|---|---|
| *Dux viam tutiorem reddet* (V. A.) | O general tornará mais seguro o caminho |
| *Via tutior reddetur a duce* (V. P.) | O caminho será tornado mais seguro pelo general |

**Notas.**

1) O verbo *habēre* significa, na V. P., quase sempre: "ser considerado, ser tido por", p. e.: *Semper amicus a me habitus es* ("Sempre foi considerado amigo por mim"); na V. A., o significado é geralmente diferente, p. e.: *Habeo te amicum* ("Possuo em ti um amigo"). Para exprimir "ter por, considerar" mediante o verbo *habēre* na V. A., o latim prefere locuções dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Habeo te pro amico*<br>*Habeo te loco amici*<br>*Habeo te in numero amicorum* | Considero-te (como) amigo |

2) Também *ducĕre* e *putare* são muitas vêzes construídos com *pro, in numero* e *loco.*

3) Acontece que *habēri* (V. P.) às vêzes significa: "ser tido/possuído", p. e.: *Virtus aeterna habetur* ("A virtude é possuída para sempre", ou: "A virtude é uma aquisição para sempre").

II. ***Os verbos compostos.*** Os verbos compostos com *circum–, praeter–* e *trans–* (cf. §73, II, 1), quando o verbo simples já é transitivo, admitem dois acusativos: um é ac. de objeto direto, o outro depende do prevérbio. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar copias flumen traduxit* (V. A.) | César transportou as tropas para o outro lado do rio |
| *Copiae a Caesare flumen traductae sunt* (V. P.) | As tropas foram por César transportadas para o outro lado do rio |

III. ***Os verbos de movimento.*** Os verbos (transitivos) de movimento podem estar igualmente com dois acusativos: um de objeto direto, o outro de direção. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar legatos Romam misit* (V. A.) | César enviou embaixadores a Roma |
| *Legati Romam missi sunt a Caesare* (V. P.) | Embaixadores foram enviados a Roma por César |

IV. ***Pessoa e coisa.*** Os verbos *docēre* ("ensinar, informar"), *celare* ("esconder, ocultar"), *rogare* ("pedir"), *flagitare = postulare = poscĕre* ("exigir, pedir") podem reger dois acusativos: um indica a pessoa, o outro a coisa. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Doceo te sermonem latinum* (V. A.) | Ensino-te a língua latina |
| *Discis a me sermonem latinum* (V. P.) | Estudas comigo a língua latina |

Mas:

| | |
|---|---|
| *Doceo te de adventu meo* (V. A.) | Informo-te da minha vinda |
| *Doceris a me de adventu meo* (V. P.) | És informado por mim da minha vinda |
| *Non celavi te metum meum* (V. A.) | Não te escondi meu receio |
| *Non es celatus a me de metu meo* (V. P.) | (lit.) Não fôste deixado em ignorância por mim a respeito do meu receio |
| *Consul senatorem sententiam rogat* (V. A.) | O cônsul pede ao senador (para que dê) seu parecer |
| *Senator a consule sententiam rogatur* (V. P.) | O senador é convidado pelo cônsul a dar seu parecer |
| *Caesar Aeduos frumentum poposcit/ postulavit* (V. A.) | César exigiu que os éduos fornecessem trigo |

**Notas.**

1) O verbo *rogare* admite duplo ac. só na expressão: *rogare aliquem sententiam.* — Note-se bem que *rogare* significa: *a*) "perguntar" (cf. §64, I, nota 1); *b*) "pedir".

2) São estas as construções mais usadas de *rogare:*
*rogare (interrogare) aliquem de aliqua re* ("perguntar");
*rogare aliquid de aliquo* ("pedir");
*rogare aliquid ab aliquo* ("pedir") (constr. rara);
*rogare aliquid* ("pedir")
*rogare aliquem* mais pergunta indireta ("perguntar");
*rogare aliquem ut* mais Subj. (cf. §145, II), ("pedir").
*rogare legem* ("propor uma lei")
*rogare populum* ("consultar o povo a respeito de uma lei")

3) Só *poscĕre* — e apenas na linguagem poética — admite a construção passiva, p. e.: *Poscimur carmen:* "Pede-se-nos um poema". Mas *poscĕre, postulare* e *flagitare* admitem, na V. A., também esta construção: *Caesar ab Aeduis frumentum poposcit/, postulavit/flagitavit,* de modo que a construção normal na V. P. seria: *Frumentum ab Aeduis postulatum est (a Caesare).* Evita-se, porém, esta construção na V. P., porque é ambígua, sendo que é substituída pela construção ativa.

4) Ao lado de: *celo te aliquid,* encontramos também: *celo te de aliquā re;* é esta a única construção possível na V. P.

5) Todos êstes verbos podem ser construídos com dois ac., quando o ac. de coisa indica relação (cf. §74, IV e §75, V).

V. ***Pessoa e coisa*** (= ac. de relação). Os verbos transitivos, que exprimem afeto, vontade, esfôrço, incriminação, coação, etc. (cf. §74, IV, 2, Nota), podem ser construídos com dois acusativos: um da pessoa, o outro da coisa (= ac. de relação); na V. P. conserva-se êste ac. de relação. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cogo vos hoc* (V. A.) | Obrigo-vos a isto (ou: a fazer isto) |
| *Cogimini hoc a me* (V. P.) | Sois obrigados por mim a fazer isto |
| *Illud te accuso* (V. A.) | Acuso-te daquilo |
| *Accusaris illud a me* (V. P.) | És acusado por mim daquilo |
| *Multa vos admonemus* (V. A.) | Damo-vos muitos conselhos |
| *Admonemini multa a nobis* (V. P.) | São-vos dados muitos conselhos por nós |
| *Rogavit me quaedam* (V. A.) | Perguntou-me certas coisas |
| *Rogatus sum quaedam ab eo* (V. P.) | Foram-me feitas certas perguntas por êle |

VI. ***Todo e parte.*** Os autores da época arcaica e os poetas usam o duplo ac. na chamada construção *in totum et in partem:* os dois ac. indicam o objeto direto, mas um o designa na sua totalidade, e o outro só em parte. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Latagum occupat os* | Fere Látago no rosto. |

## O DATIVO

§76. **A natureza do dativo.** — Também o dat. exprime, em última análise, o têrmo final da ação verbal, mas, diferentemente do ac., não designa o têrmo final efetivo ou real, e sim, o TERMO FINAL IDEAL ou INTENCIONAL da mesma. O dat. indica, portanto, a quem ou a que se dirige, se refere, ou interessa a ação expressa pelo verbo. Assim se explicam o dat. de objeto direto, bem como o dat. de interêsse; assim se explica também o dat. final. A distribuição da matéria será muito simples: iniciaremos a nossa exposição pelo dativo de atribuição; em seguida, veremos as principais funções secundárias do dat.: depois, estudaremos o duplo dat. e finalmente trataremos do dat. combinado com adjetivos.

§77. **O dativo de atribuição.** — I. ***Funções elementares.*** Sob êste denominador resumimos alguns dativos de funções muito semelhantes: o dat. de objeto indireto (no sentido "neutro" da palavra), p. e.: *dicit mihi aliquid* ("diz-me alguma coisa"); o dat. de cômodo, p. e.: *do tibi librum* ("dou-te um livro"); o dat. de incômodo, p. e.: *minor tibi poenam* ("ameaço-te castigo"); o dat. de interêsse, p. e.: *non scholae discimus* ("não estudamos para a escola"); e o dat. de aproximação, p. e.: *haereo tibi* ("apego-me a ti").

1) O DATIVO DE CÔMODO E INCÔMODO, etc. Quanto ao dat. de objeto indireto e ao dat. de cômodo e de incômodo, não precisamos dar um comentário extenso. Basta dizermos que os limites entre os dois tipos são muito vagos, e que só

o significado do verbo decide se tal dat. é simplesmente dat. de objeto indireto, ou se deve ser considerado como dat. de cômodo ou de incômodo: em última análise, não existe aqui uma diferença gramatical pròpriamente dita, mas apenas uma distinção lógica.

Para o tradutor, êstes dois tipos de dat. não apresentam dificuldades. Só pode ser útil saber que a um verbo "transitivo-relativo" em português corresponde, geralmente, um verbo latino que admite o ac. de objeto direto e, ao mesmo tempo, o dat. de objeto indireto. Mas isso não quer dizer que, com tais verbos, o dat. sempre esteja explícito. Na construção passiva, o dat. continua dativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Magister libros dat* (*discipulis*) (V. A.) | O professor dá livros (aos alunos) |
| *Libri dantur a magistro* (*discipulis*) (V. P.) | Livros são dados pelo professor (aos alunos)* |

2) O DATIVO DE INTERÊSSE. A única diferença entre êste dat. e os dois dat. já vistos é a que, no dat. de objeto indireto, etc., a idéia de complemento se impõe à imaginação e fàcilmente se completa, mesmo que não esteja explícita, ao passo que, no dat. de interêsse, essa idéia possui mais fôrça e não pode faltar sob pena de se alterar o sentido da frase. Em virtude dessa ênfase, o português não se pode servir, neste caso, dos pronomes oblíquos ("me, te, lhe", etc.), mas tem que usar uma tradução mais explícita: "para" ou "por causa de". Também o latim poderia empregar, em substituição a êste dat., as palavras *causā* ou *gratiā* com o gen. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Non scholae, sed vitae discimus* (ou: *scholae/vitae grati* ) | Não estudamos para a escola, mas para a vida |
| *Nobis aramus, nobis metemus* (ou: *nostrā causā*) | Lavramos para nós, como também colheremos para nós |

3) O DATIVO DE APROXIMAÇÃO. Também se usa o dat. para exprimir a idéia de contato ou aproximação, idéia essa que igualmente nasceu do dat. de atribuição: "interessar-se por alguma coisa" resulta muitas vêzes em "entrar em contato com a mesma". Para vermos bem a relação que existe entre as duas idéias, poderíamos dar êstes exemplos paralelos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus epistulam ad me mittit*<br>*Amicus meus epistulam mihi mittit* | Meu amigo manda-me uma carta |
| *Servus tuus epistulam ad me tulit*<br>*Servus tuus epistulam mihi tulit* | Teu escravo trouxe-me uma carta |

O dat. de aproximação é mormente usado em combinação com verbos de movimento (tais como: *adferre*, *inferre*, *immittĕre*, etc.) e podia fàcilmente desenvolver-se no sentido de um dat. de direção (cf. §79, II, 2). Em prosa clássica, encontrâmo-lo relativamente poucas vêzes, a não ser com verbos compostos que tenham sentido figurado (cf. *infra*, III). Mencionamos aqui, além dos verbos *mittĕre* e *ferre*, os seguintes verbos simples: *copulare* ("ligar a") e *haerēre* ("estar prêso a, ter apêgo a").

**Notas.**

1) A expressão corrente em latim clássico é: *scribĕre litteras/epistulam ad aliquem*, não: *alicui*.

2) Em poesia e na prosa da época imperial, o dat. de aproximação ganha cada vez mais terreno, vindo a ser combinado com verbos que exprimem a idéia de "misturar, unir", "concordar" (e, por analogia, também a idéia de "discordar", "separar"), "conversar", "lutar" e "acostumar", etc. Damos aqui alguns exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *aequare* | igualar a | *jungĕre* | combinar com |
| *assuescĕre* | acostumar-se a | *loqui/colloqui* | conversar com |
| *certare* | rivalizar com | *miscēre* | misturar com |
| *consentire* | concordar com | *propinquare* | aproximar-se de |
| *differre* | diferir de | *pugnare* | lutar com/contra |
| *dissentire* | discordar de | *sociare* | aliar a |

Muitos dêstes verbos (p. e. *consentire*, *pugnare*, *jungĕre*, etc.) são, em prosa clássica, preferìvelmente combinados com *cum* mais abl. sociativo (cf. §83, I, 3); outros com *ab* mais abl. separativo (cf. §82, I, 2a, p. e.: *abesse* e *differre*); outros ainda com o abl. instrumental (p. e. *assuescĕre*, cf. §84, I, 2a.

II. ***Discrepância de regime.*** Alguns verbos latinos, cujo sentido genérico é o de "favorecer" ou de "prejudicar"(1), pedem o dat., ao passo que seus equivalentes em português são ou transitivos ou relativos (mas de construção diferente da latina). Os mais importantes são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *adesse* | assistir, ajudar | *medēri* | sanar, remediar |
| *auxiliari* | auxiliar | *minari/minitari* | ameaçar |

(1) Mas *adjuvare* (= "ajudar") pede o ac.

| | | | |
|---|---|---|---|
| *blandiri* | adular | *nocēre* | prejudicar |
| *confidĕre* | confiar em | *nubĕre* | casar (mulher) |
| *credĕre* | crer em | *obesse* | prejudicar |
| *bene/male dicĕre* | falar bem/mal de | *obtrectare* | detrair |
| *deesse* | não auxiliar | *opitulari* | auxiliar |
| *diffidĕre* | desconfiar de | *parcĕre* | poupar |
| *favēre* | favorecer | *persuadēre* | convencer, persuadir |
| *gratulari* | congratular-se com | *praeesse* | chefiar |
| *ignoscĕre* | perdoar | *prodesse* | ajudar |
| *imminēre* | ameaçar | *servire* | servir |
| *insidiari* | tramar contra | *studēre* | esforçar-se por |
| *interesse* | assistir a | *suadēre* | persuadir, aconselhar |
| *invidēre* | invejar, odiar | *supplicare* | pedir, rogar |

Observações:

1) Alguns dêstes verbos são "transitivos-relativos" em latim, admitindo o ac. de objeto direto para exprimir a coisa (= geralmente ac. de relação, cf. §74, IV) e o dat. de objeto indireto para exprimir a pessoa. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hoc tibi credo* | Neste ponto acredito em ti |
| *Credo tibi fortunam meam* | Confio-te minha fortuna |
| *Dux mortem eis minatus est* | O general ameaçou-lhes a morte, ou: O general ameaçou-os de morte |
| *(Per)suadet tibi omnia mala* | Aconselha-te todos os crimes |
| *Gratulatur tibi victoriam* | Congratula-te com a vitória |

**Nota.** Em latim clássico não se diz: *Invideo tibi divitias*, mas: *Invideo tuis divitiis;* assim também: *Invideo vicini divitias* (não: *Invideo vicino divitias*).

2) Alguns dêstes verbos admitem também outras construções, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Dux naturā loci confidebat* (assim sempre com *confisus*) | O general confiava na disposição natural do terreno |
| *Gratulatur tibi de victoriā* / *Gratulatur tibi in victoriā* | Congratula-te com a vitória |

3) *Nubit alicui* ("ela casa com alguém"); no Perfectum pode dizer-se: *nupta (est) alicui* e *cum aliquo*.

"Casar" (o homem) quer dizer: *uxorem ducĕre* / *in matrimonium ducĕre* / *ducĕre*

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Terentia Ciceroni nupsit* | Terência casou com Cícero |
| *Cicero Terentiam (uxorem) duxit* | Cícero casou com Terência |

4) Reparem na diferença entre *imminēre* e *min(it)ari:*

| | |
|---|---|
| *Duo reges Asiae toti imminent* | Dois reis ameaçam tôda a Ásia |
| *Collis urbi imminet* | A colina domina a cidade |
| *Dux mortem eis min(it)atus est* | O general ameaçou-lhes a morte |

**Nota.** *Imminēre* nunca admite ac. de objeto direto.

5) *Persuadēre*, construído com o A. c. I., significa "convencer"; construído com *ut* (afirm.) ou *ne* (neg.) mais Subj., significa: "induzir a", ou: "aconselhar a, persuadir a", etc.; nesta última acepção pode usar-se também *suad re*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Persuasi vobis hoc esse verum* | Convenci-vos de que isto era verdade |
| *(Per)suasi vobis ut verum diceretis* | Persuadi-vos a falar a verdade |
| *(Per)suasi vobis ne mentiremini* | Aconselhei-vos a não mentir |

6) Os compostos de *esse* são muitas vêzes empregados de modo "absoluto" (cf. §40, I, nota 1) com ligeira modificação de significado. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Adsum* | Estou presente |
| *Adsum amico* | Ajudo o amigo |
| *Nonnulli libri desunt* | Alguns livros estão faltando |
| *Hic vir deest rei publicae* | Êste homem descuida o Estado |
| *Vinum obest* | O vinho é prejudicial |
| *Ira orationi deest* | A indignação prejudica o discurso |
| *Caesar praeest* | César tem o comando |
| *Caesar praeest exercitui* | César comanda o exército |

7) Todos os verbos assinalados acima, se é que admitem a formação da V. P., admitem apenas a construção impessoal (cf. §40, III; §59, III). Só o verbo *credĕre* apresenta, às vêzes, formais pessoais, principalmente na poesia: *credor = creditur mihi.*

III. ***Verbos compostos.*** Verbos compostos (derivados de verbos transitivos e intransitivos) são freqüentemente combinados com o dat.; também pode ser repetida a preposição contida no verbo composto, ou ser usada preposição congênere. Tão pouco como no §73, II, 2, é possível formularmos aqui regras exatas. Só podemos dizer que os poetas, em geral, preferem o dat. (por motivos estilísticos), e que a prosa clássica emprega a preposição, quando o verbo tem sentido literal, mas usa o dat., quando o verbo tem sentido figurado. Mas estas regras não têm valor absoluto, indicando apenas uma tendência. Exemplos:

| Sentido literal: | Sentido figurado: |
|---|---|
| *accido ad terram:* "caio ao chão" | *hoc mihi accidit:* "isto me aconteceu" |
| *adsum ad portam:* "estou junto à porta" | *adsum amico:* "ajudo o amigo" |
| *conferunt arma in unum:* "levam as armas para um só lugar" | *confero parva magnis:* "comparo coisas pequenas com grandes" |
| *defero epistulam ad Ciceronem:* "levo a carta a Cícero" | *detulit nomen meum praetori:* "denunciou-me ao pretor" |
| *injicio me in medios hostes:* "lanço-me no meio dos inimigos" | *injicio terrorem hostibus:* "incuto terror aos inimigos" |
| *templum inter collem et fluvium interest:* "o templo fica entre o morro e o rio" | *intersum ludis:* "assisto aos jogos" |
| *succedit sub umbras:* "desceu ao inferno/às sombras" | *successit patri:* "sucedeu ao pai" |

Observações:

1) Aqui não se trata, no fundo, de um novo tipo de dat. dependente do prevérbio; mas o dat. de verbos compostos é, em última análise, ou dat. de cômodo e incômodo, ou dat de aproximação. Quanto à regência dos diversos verbos compostos, impossível de expor aqui, ver o dicionário.

2) O dat. com verbos compostos, que exprimem movimento, era muito usado pelos poetas, dando origem ao chamado "dat. de direção", p. e.: *deos Latio inferre = deos in Latium inferre; alto mari prospiciens = super altum mare prospiciens.*

IV. ***Duplo regime de alguns verbos.*** — O significado de alguns verbos varia, conforme fôrem combinados com o dat. ou com o ac. Exemplos:

| Objeto indireto: | Objeto direto: |
|---|---|
| *antecedit omnibus sociis:* "sobrepuja todos os seus companheiros" | *antecedit reginam:* "vai à frente da rainha", ou: "precede a rainha" (tempo e espaço) |
| *caveo matri:* "cuido da mãe" | *cave canem/a cane:* "precavê-te do cão!", ou: "cuidado com o cão!" |
| *consulo valetudini:* "cuido da minha saúde" | *consulo oraculum:* "consulto o oráculo" |
| *metuo/timeo valetudini patris:* "temo pela saúde do pai" | *metuo/timeo insidias:* "temo uma cilada" |
| *convenit mihi tecum haec res:* "concordo contigo neste assunto" | *convenio amicum:* "tenho um encontro com o amigo" |
| *praestas ceteris:* "és superior aos demais" | *praestitit egregium facinus:* "praticou um ato notável"; cf. *praestat se virum bonum:* "mostra-se homem honesto" |

*providet Deus hominibus:* "Deus cuida dos homens"
*tempero mihi:* "domino-me"; cf. *tempero illi viro:* "trato-o com consideração"
*Provideo magna pericula:* "prevejo grandes perigos"
*temperat rem publicam:* "governa o Estado"; cf. *temperat (a) lacrimis:* "abstém-se de lágrimas"

V. ***Dupla construção de alguns verbos.*** Podem ser construídos com o dat. e com o ac. (*alicui aliquid*) como também com o ac. e o abl. (*aliquid aliquā re*) os seguintes verbos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *a(d)spergĕre* | aspergir, borifar | *donare* | doar, dar |
| *circumdare* | cercar, rodear | *exuĕre* | despir, despojar |
| *circumfundĕre* | derramar em roda, cercar | *induĕre* | vestir, cobrir |

Exemplos:

*Dono amicum anulum aureum*
*Dono amicum anulo aureo*
} Dou ao amigo um anel de ouro

*Rex urbi fossam latam circumdedit*
*Rex urbem fossā latā circumdedit*
} O rei cercou a cidade de uma trincheira larga

Na V. P. temos as mesmas variantes:

*Amicus meus anulo aureo donatus est*
*Anulus aureus amico meo donatus est*
} Meu amigo foi presenteado com um anel de ouro

*Urbs fossā latā circumdată est*
*Urbi fossă lată circumdată est*
} A cidade foi cercada de uma larga trincheira

**Notas.**

1) Os abl. são "instrumentais", salvo com o verbo *exuĕre*, onde é abl. de separação, cf. § 82, I, 2b.

2) Na expressão: "conceder a cidadania a alguém" não se diz: *civitatem donare alicui*, mas apenas: *civitate donare aliquem.*

3) O verbo *exuĕre*, no sentido literal, tem o dat., p. e.: *exuo puero vestem*, mas o abl. no sentido figurado: *exuo patrem pecuniā.*

§ 78. **Funções especiais do dativo.** — As funções especiais do dat. latino derivam das suas duas funções básicas, a saber: o dat. de atribuição (I), e o dat. final (II).

I. Funções derivadas do ***dativo de atribuição.***

1) O DATIVO EXCLAMATIVO. Êste dat. é empregado com as interjeições *vae* e *(h)ei:* "ai!". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Vae soli!* | Ai do solitário! |
| *Vae victis!* | Ai dos vencidos! |
| *Ei mihi, quid faciam?* | Coitado de mim, que farei? |

Cf. §73, V.

2) O DATIVO POSSESSIVO. A frase da Bíblia: "Ela *te* pisará a cabeça" é pràticamente igual a: "Ela pisará *tua* cabeça". Entretanto, há uma ligeira diferença entre as duas construções: na primeira, frisa-se que a ação verbal afeta, embora indiretamente, uma pessoa: na segunda, averigua-se simplesmente que a cabeça pertence a uma pessoa. O dat. é, portanto, mais vivo e plástico do que o adj. possessivo (ou gen.), e por isso mesmo chama-se muitas vêzes de "dativo simpatético". O português emprega freqüentemente o dat. simpatético como recurso estilístico para evitar repetições incômodas do adj. poss., etc.; apesar de ter perdido muito da sua frescura original, continua a ser um meio elegante, p. e.: "Ao indagar a natureza desta instituição, faz-se mister que *lhe* conheçamos as raízes históridas, as peripécias através dos séculos, e as sucessivas transformações", em lugar de: "*suas* raízes, *suas* peripécias, e *suas* transformações".

Também o latim se serve do dat. simpatético, p. e. na frase: *Versatur mihi ante oculos = Versatur ante oculos meos* ("está diante de meus olhos"), mas geralmente limita seu emprêgo a algumas construções bem definidas, sobretudo com o verbo *esse*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Mihi est liber = Librum habeo* | Tenho um livro |

A diferença entre as duas construções é que, em *Mihi est liber* (*dat.* possessivo), se salienta a posse e que, em *Librum habeo*, se chama a atenção para o direito de propriedade (cf. §88, I, 1).

**Notas.**

1) O dat. poss. é muito comum em expressões dêstes tipo: *Mihi est nomen Antonius/Antonio* ("chamo-me Antônio"); como se vê pelo exemplo, o nome próprio pode concordar com *mihi* (atra-

ção) ou com *nomen* (apôsto). Assim se diz também: *Nomen tibi do/indo Antonium/Antonio.*

2) Tratando-se de qualidades morais ou intelectuais, não se pode usar o dat. poss. A frase: "Êle tem muita prudência" não deve ser traduzida: *Multa prudentia ei est,* mas: *Multa prudentia in eo (in)est,* ou: *Magnā prudentiā praeditus est,* etc.

3) O DATIVO ÉTICO. O dat. ético, só usado com as formas de 1.ª e da 2.ª pessoa do pron. pessoal (*mihi, tibi, nobis, vobis*), exprime viva participação de certa(s) pessoa(s) na ação verbal, encontrando-se principalmente na linguagem coloquial e em apóstrofes retóricas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ecce mihi lacrimare incipit!* | Eis que êle (me) começa a chorar! |
| *Ecce Cato tibi advolat ad rostra!* | Eis que Catão (te) vem correndo à tribuna! |

**Nota.** Reparem bem na locução: *Quid sibi hoc vult?* ("Que significa/quer dizer isto?")

4) O DATIVO DE REFERÊNCIA. Êste dat. (em latim: *dativus relationis* ou *judicantis*) é relativamente raro em latim; sua função é a de designar a pessoa, à qual a frase como todo se refere. Em português se diz: "para quem" ou "de ponto de vista de quem", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hoc oppidum primum Thessaliae est venientibus ab Epiro* | Esta cidade é a primeira da Tessália para quem vem de Epiro |
| *Suum cuique pulchrum est* | Cada um acha bonito o que tem |
| *Mihi lauta sum* | A meu ver, sou moça elegante |

5) O DATIVO DE AGENTE. Já conhecemos o dat. de agente (latim: *dativus auctoris*) em combinação com o gerundivo (cf. §34, I). A frase: *Epistula mihi est scribenda,* significa ao pé da letra: "Para mim existe a obrigação de escrever uma carta".

O dat. de agente emprega-se também, embora menos freqüentemente, com os tempos do Perfectum na V. P.; tipo: *Epistula mihi scripta est:* "Por mim foi escrita uma carta". Êste emprêgo foi originado pelo Pf. Presente (cf. §48, II) e a tradução literal seria: "Para mim existe a carta (já) escrita"; com o tempo, o dat. foi sendo empregado também, onde o Perfectum já não indicava actio perfecta, mas actio aorista, de modo que *Epistula mihi scripta est* passou a significar: "Escrevi uma carta".

Muito menos comum e limitado à linguagem poética e à prosa pós-clássica é o emprêgo do dat. de agente com os tempos do Infectum; tipo: *epistula mihi scribitur:* "a carta é escrita por mim". Esta construção é uma inovação analógica.

II. ***O dativo final.***

1) O DATIVO FINAL PRÒPRIAMENTE DITO. Já encontramos êste dat., falando do gerúndio/gerundivo (cf. §31, II, 2); em geral, a prosa clássica prefere *ad* mais ac. Encontrâmo-lo ainda em algumas expressões isoladas, p. e. *canĕre receptui* ("dar sinal para a retirada") e *cui rei?* ("para quê?"), sobretudo em latim arcaico; além disso, em expressões dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *diem colloquio dicere* | marcar o dia para um encontro |
| *locum castris deligere* | escolher um lugar para o acampamento* |

2) O DATIVO DE DIREÇÃO. O dat. final indica finalidade ou intenção (*finis in ordine intentionis);* mas o mesmo dat. pode indicar também o fim como têrmo final (*finis in ordine executionis*). Esta função é muito rara, limitando-se à linguagem poética, p. e.: *It caelo clamor:* "O clamor se eleva ao céu". Talvez tenha sido originado pelo emprêgo do dat. com verbos compostos que exprimem movimento (cf. §77, III, 2).

§79. **O duplo dativo.** — I. ***Combinações importantes.*** O duplo dat. consiste na combinação de um dat. de atribuição com um dat. final. Emprega-se principalmente com os seguintes verbos:

1) *dare, mittĕre, venire, arcessĕre* ("mandar vir");
2) *esse* (no sentido de: "servir de, ser motivo de");
3) *habēre, ducĕre* (no sentido de: "considerar, ter por");
4) *vertĕre, dare* (no sentido de: "atribuir, imputar").

II. ***Exemplos:***

| | |
|---|---|
| *Caesar Labieno auxilio venit* | César foi em socorro de Labieno |
| *Magister librum dono dat discipulo* | O professor dá um livro de presente ao aluno |
| *Hoc mihi gaudio/dolori/curae = cordi est* | Isto me é motivo de alegria/de tristeza/de preocupação |
| *Hoc tibi vitio verto/do* | Levo-te isto a mal |
| *Cui bono fuit ea res?* | Para quem foi essa coisa proveitosa? |
| *Habeo tibi hoc probro* | Reputo isto vergonhoso para ti |
| *Hic consul rem publicam sibi et amicis quaestui habuit* | Êste cônsul considerou o Estado como uma fonte de renda para si e seus amigos |

Quanto a *odio tibi sum*, etc., cf. §60, III.

§80. **O dativo combinado com adjetivos.** — São diversas as funções exercidas pelo dat. em combinação com um adjetivo ou com um advérbio. Mencionamos aqui apenas o dat. de cômodo e incômodo (I), de aproximação (II), e de finalidade (III).

I. ***Dativo de cômodo e de incômodo,*** p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *acceptus* | agradável a | *hostilis* | hostil a |
| *adversarius* | contrário a | *infensus* / *infestus* | infesto a |
| *amicus* | amigável para com | | |
| *benignus* | benigno, benévolo com | *inimicus* | hostil a |
| *carus* | caro a | *invisus* | odioso a |
| *difficilis* | difícil para | *perniciosus* | pernicioso a/para |
| *facilis* | fácil para | *propitius* | favorável a |
| *gratus* | grato a | *utilis* | útil a/para |

**Notas.**

1) Alguns dêstes adj., tais como *amicus* e *inimicus*, são muitas vêzes substantivados; neste caso, são geralmente combinados com o gen. (ou adj. poss.), p. e.: *amicus Antonii*, e *amicus meus*.

2) Os adj., que exprimem antipatia ou simpatia, podem ser combinados também com uma das três preposições: *in, erga* (esta prep. só para relações amistosas) e *adversus/adversum* (as três pedem o ac.).

3) Os adj., que exprimem utilidade, conveniência, obrigação, etc., e seus antônimos, são muitas vêzes combinados também com a preposição *ad* (mais ac.), p. e. *utilis, facilis, difficilis, perniciosus*, etc.

II. ***Dativo de aproximação,*** p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *affinis* | afim a | *(dis)par* / *(dis)similis* | (des)igual |
| *congruenter* | coerentemente com | | |
| *convenienter* | de acôrdo com | *vicinus* | vizinho |

**Notas.**

1) *(Dis)similis* pedia, em latim arcaico, o gen.: em prosa clássica, usa-se o dat. para indicar semelhança parcial, e o gen. para indicar a semelhança total, p. e.: *veri similis* ("provável"), e *tui similis semper fuisti* ("sempre fôste fiel a ti mesmo"), mas: *canis lupo similis est* ("o cão é parecido com o lôbo").

2) Os adv. *congruenter* e *convenienter* ocorrem mormente nestas expressões: *convenienter naturae vivere* = "viver em conformidade com a natureza" (adágio dos estóicos), e: *sibi constanter loqui* = "falar coerentemente consigo").

III. ***Dativo final,*** p. e.:

*aptus/idoneus* apto, idôneo a *accommodatus* apropriado a/para

Êstes adj. admitem também *ad* mais ac., cf. §31, III, 1.

# O ABLATIVO

§81. **A natureza do ablativo latino.** — O abl. latino é um caso sincrético, em que se fundiram três casos indo-europeus: o abl. separativo ou o abl. pròpriamente dito; o instrumental; e o locativo. Ao estudarmos as diversas funções do abl. latino, é conveniente que sempre tenhamos em mente essa origem tríplice. Segue-se aqui o esquema dos emprêgos do abl. latino.

I. ***O Separativo.*** Podemos distinguir:

1) O abl. separativo pròpriamente dito, com as suas subdivisões: abl. de procedência, de privação, etc. (tipos: *exeo domo; arceo eum reditu; caret sensu*).

2) O abl. de origem, que indica descendência biológica (tipo: *natus est Jove* = "é filho de Júpiter").

3) O abl. de comparação, que se usa em combinação com comparativos, p. e.: *Petrus Antonio major est* = *Petrus major est quam Antonius:* "Pedro é maior do que Antônio" (lit.: "partindo de Antônio/tomando Antônio como ponto de partida, Pedro é maior").

4) O abl. de agente, que indica o ponto de partida de uma ação verbal na V. P., por exemplo: *Laudatur a patre* ("é louvado pelo pai").

5) O abl. de relação, que indica um ponto de vista, partindo do qual se considera uma pessoa ou uma coisa, p. e.: *natione Medus est* ("quanto à sua nacionalidade é medo" = "é medo de raça").

II. ***O Instrumental.*** O têrmo não é muito feliz, porque a função primordial dêste caso não era a de indicar o instrumento ou o meio; antes designava companhia, acompanhamento, "co-existência" (SOCIATIVO), e a idéia de "cooperar" (INSTRUMENTAL) nasceu da idéia de "co-existir". O português ainda emprega em numerosos casos a mesma preposição ("com") para exprimir essas duas idéias cognatas (cf. em francês: *avec;* em inglês: *with*).

*A.* O SOCIATIVO.

1) O abl. sociativo pròpriamente dito. p. e. *Caesar omnibus copiis in Galliam profectus est* ("César marchou *com* tôdas as suas tropas à Gália"). Geralmente, porém, se emprega a preposição *cum* (mais abl.)

2) O abl. de modo, que indica as circunstâncias que acompanham a ação verbal, p. e.: *Aequo animo mortem patris tulit* ("com resignação = resignadamente suportou a morte do pai").

3) O abl. de qualidade, que indica certas qualidades inerentes a uma pessoa ou coisa, p. e.: *vir summo ingenio est* ("é homem muito talentôso"); o grande talento "acompanha", por assim dizer, o homem.

*B.* O INSTRUMENTAL.

1) O abl. de instrumento pròpriamente dito, com várias subdivisões. Exemplo elementar: *Gladio hostem necavit* ("matou o inimigo com a espada").

2) O abl. de preço, já que o preço é o instrumento (o meio) pelo qual se compra uma coisa, p. e.: *Hunc librum emi viginti sestertiis* ("comprei êste livro por vinte sestércios").

3) O abl. de causa, que indica a causa eficiente da ação verbal: a causa eficiente tem em comum com o instrumento o poder efetuar alguma coisa. Exemplo: *fame interiit* ("pereceu de fome").

4) O abl. de medida, que indica o grau de diferença entre duas coisas comparadas, p. e.: *Haec fossa tribus pedibus altior est quam illa* ("esta vala é 3 pés mais alta do que aquela"). Êste abl. origina-se, muito provàvelmente, do abl. de causa, porque o complemento *tribus pedibus* designa a causa da profundidade maior desta vala em comparação com aquela.

III. ***O Locativo.*** 1) O abl. de lugar pròpriamente dito responde à questão: *ubi ?*. Geralmente precedido de uma preposição (*in, sub, pro,* etc.), emprega-se ainda sem acréscimo algum em expressões, tais como: *Delphis habito* ("moro em Delfos").

2) Os têrmos relativos ao espaço vêm fàcilmente a ser aplicados também ao tempo: é um fenômeno que se verifica em numerosos idiomas, cf. em português: "*Aí* compreendi que estava enganado", e: "*Daqui* a dois anos". Em latim está bem conservado o abl. de tempo, p. e.: *Illā nocte* ("naquela noite").

IV. ***Observações.*** 1) As origens históricas de algumas funções sintáticas do abl. latino são discutidas. Segundo alguns, o abl. de comparação seria um abl. sociativo ("comparado com"); segundo outros, um separativo (cf. *supra,* I, 3). Também divergem as opiniões quanto às raízes históricas do abl. de relação (separativo ou instrumental ?), de causa (separativo ou instrumental ?), etc. Deixamos de lado essas questões, que para nós são de somenos importância.

2) Não há dúvida de que, em latim histórico, o caráter complexo e heterogêneo do abl. possibilitava várias interpenetrações dos diversos tipos de abl. Só em alguns casos isolados, chamaremos a atenção dos leitores para êsse fato.

§ 82. **O Separativo latino.** — Podemos distinguir o abl. separativo pròpriamente dito (I), o abl. de origem (II), o abl. de comparação (III), o abl. de agente (IV) e o abl. de relação (V).

I. ***O Separativo pròpriamente dito.*** 1) Usa-se com nomes de cidades, etc., cf. § 71.

2) Muitos verbos exprimem, cada um à sua maneira, a idéia de separação. Teria muito pouca utilidade registrá-los a todos êles e comentar-lhes as diversas construções: a língua latina é, neste ponto, muito caprichosa, e o aluno tiraria pouco proveito do estudo de regras casuísticas. Para o leitor de textos clássicos basta ter em mente as seguintes regras que, sem dúvida, simplificam a realidade complexa, mas ao menos constituem um sólido ponto de referência para o principiante,

*a*) Os verbos que exprimem a idéia de afastamento, separação, remoção, etc. (p. e.: *arcēre, prohibēre, cedĕre* e compostos, *pellĕre* e compostos, *movēre* e compostos, *intercludĕre*, (*se*) *abstinēre, liberare*, etc.), levam o abl. separativo sem ou com preposição(1). Há uma tendência de omitir a preposição, quando o abl. designa uma coisa abstrata, e de exprimi-la, quando o abl. designa uma coisa concreta, principalmente uma pessoa. Os poetas preferem, em geral, o abl. sem preposição (cf. §71, II, 2). Sendo o verbo composto com *ab–*, *de–* ou *ex–*, repete-se geralmente a mesma preposição, no caso de ela vir explícita, mas com pessoas usa-se apenas *ab*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Arceo Ciceronem reditu* (abstr.) | Impeço Cícero de voltar |
| *Prohibeo hostes ab urbe* (concr.) | Mantenho os inimigos a certa distância da cidade |
| *Abstinet se sceleribus* (abstr.) | Abstém-se de crimes |
| *Dejecit hostes de muro* (concr.) | Atirou os inimigos do cimo da muralha |
| *Expellit inimicum vitā* (abstr.) | Tira a vida ao inimigo |
| *Expello hostes ex urbe* (concr.) | Expulso os inimigos da cidade |
| *Libero mare metu* (abstr.) | Livro o mar do terror |
| *Libero mare a praedonibus* (concr.) | Livro o mar de piratas |

**Notas.**

1) O verbo *abesse* está sempre com *ab*, como também os compostos com *dis–* e *se–*, p. e.: *differre, distinguĕre, sejungĕre, secernĕre, distare*, etc. Mas alguns dêstes verbos, principalmente quando usados em sentido figurado, são construídos com o dat. na época imperial e na poesia (cf. §77, I, 3, nota 2).

2) A expressão: *aquā et igni interdicĕre alicui* ("banir alguém", lit.: "proibir água e fogo a alguém") explica-se pela contaminação de: *interdicĕre alicui aquam et ignem*, e de: *intercludĕre aliquem aquā et igni*.

*b*) Os verbos que exprimem a idéia de despojamento, roubo, etc. (p. e.: *nudare, orbare, privare, spoliare, exuĕre*, etc.) são construídos com o abl. sem preposição; assim também os verbos que exprimem a idéia de carência (p. e. *carēre, indigēre* e *egēre*). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Democritus oculis se privavit* | Demócrito privou-se dos olhos |
| *Hi viri omnibus rebus egent/indigent* | Êstes homens têm necessidade de tudo |
| *Animalia sensu carent* | Os animais são destituídos de/não têm inteligência |

(1) As preposições são *ab, de* e *ex;* quanto à diferença entre as três, cf. §71, I.

**Notas.**

1) *Carēre* significa simplesmente: "não ter"; *egēre/indigēre:* "ter necessidade de", etc. Cf. os exemplos dados acima.

2) Quanto a *exuĕre,* cf. § 77, V.

3) *Egēre* e *indigēre* admitem também o gen., cf. § 89, I, 4.

*c*) Os adjetivos *alienus, liber, vacuus, orbus, nudus, inanis* e *egenus* seguem, em geral, as regras formuladas acima sob a). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Humani nihil a me alienum est est* (concr.) | Nada de humano é-me alheio |
| *Liber sum omni curā* (abstr.) | Estou livre de tôda e qualquer preocupação |

II. ***O Ablativo de origem.*** 1) Vejamos primeiro os exemplos para, depois, formular as regras:

| | |
|---|---|
| *Loco/genere nobili natus est* | Êle é de uma família ilustre |
| *Hercules (ex) Jove natus est* | Hércules foi filho de Júpiter |
| *Hic puer ex me natus est* | Êste menino é meu filho |
| *Etrusci a Lydiis orti sunt* | Os etruscos descendem dos lidíos |

2) Regras: Nunca se usa a preposição com as palavras *loco* e *genere* que, combinadas com *nasci* ou *oriri,* significam: "família, classe (social)". Tratando-se de descendência imediata (*patre, matre, parentibus,* etc.), o abl. está geralmente sem a preposição; é lícito, porém, usar-se *ex,* cujo emprêgo é obrigatório com os pronomes (p. e.: *ex me; ex illo/illā; ex quo/quā;* etc.). Para indicar a descendência remota, deve usar-se *ab.*

**Nota.** Os poetas empregam também outros particípios, p. e.: *prognatus, genitus, satus* (de *serĕre:* "semear"), *editus* e *cretus* (de *crescĕre*). O adj. *oriundus,* usado por prosadores e poetas, obedece às mesmas regras.

III. ***O Ablativo de comparação.***

1) Em geral. Depois de um adj. ou adv. no grau comparativo, o latim pode omitir *quam* ("do que") e colocar o segundo têrmo da comparação no abl.; êsse processo é legítimo só quando os dois têrmos comparados estão no nom. ou no ac. A prosa clássica evita, em geral, o abl. de comparação com pronomes pessoais. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quis eloquentior fuit Cicerone?* | Quem foi mais eloqüente do que Cícero? |
| *Nullum oratorem legimus eloquentiorem Cicerone* | Nunca lemos orador mais eloqüente do que Cícero |
| *Nemo eloquentior est quam tu* (menos usado em prosa cl. seria: *te*) | Ninguém é mais eloqüente do que tu |
| *Nulli plus pecuniae dedi quam tibi* (aqui não se pode usar o abl.) | A ninguém dei mais dinheiro do que a ti |

2) Particularidades.

*a*) Depois de *plus, minus, amplius* ("mais") e *longius* pode usar-se a construção com *quam*, ou o abl. de comparação, ou então, omitir *quam* sem a menor influência sôbre a construção, de modo que são possíveis estas três traduções:

| | |
|---|---|
| *Urbs non longius quam tria milia aberat*<br>*Urbs non longius tribus milibus aberat*<br>*Urbs non longius tria milia aberat* | A cidade não distava mais de 3 milhas |

*b*) Nas seguintes expressões usa-se apenas o abl. de comparação:

| | |
|---|---|
| *Hiems solito gravior est* | O inverno é excepcionalmente severo. |
| *Plus aequo/justo tibi dedi* | Dei-te além do justo |
| *Vitā carior mihi es* | És-me mais caro do que a vida |
| *Celerius spe/opinione/exspectatione advenit* | Chegou mais depressa do que se esperava/pensava |
| *Longius necessario illic non manebimus* | Não permaneceremos ali mais tempo do que fôr necessário |

*c*) Nas seguintes expressões "hiperbólicas" o latim afasta-se da praxe portuguêsa:

| | |
|---|---|
| *Nive candidior* | Branco como neve (lit.: mais branco do que neve) |
| *Melle dulcior* | Doce como mel |
| *Luce clarior* | Claro como o dia |
| *Pice nigrior* | Preto como piche |

*d*) Em português, uma cláusula relativa pode depender de um antecedente no grau superlativo, p. e.: "Êste é o livro mais bonito que já li"; esta frase, traduzida ao pé da letra para o latim: *Hic est liber pulcherrimus quem legi*, significaria:

"Êste livro que li, é muito bonito". Em latim deve dizer-se: *Hic est liber quo numquam pulchriorem legi* (cf. §88, V, 2e), frase cujo significado literal seria: "Êste é um livro em comparação com o qual nunca li mais bonito".

IV. ***O Ablativo de agente.*** Já conhecemos êste abl., que se encontra em frases passivas para indicar o agente, cf. §59, II. — Cf. também o abl. de causa, §84, III.

V. ***O Ablativo de relação.*** 1) Êste abl. tem vários outros nomes: abl. relativo, abl. de parte, abl. de ponte de vista, abl. de limitação, etc.; êle responde à questão: "em que ponto? até que ponto? sob que aspecto?", etc. Em português, pode ser traduzido por: "no que diz respeito a; quanto a; concernente a; relativamente a", etc., ou também — e muito melhor ainda — por uma preposição (p. e. "de", "em", etc.). Não existem regras lingüísticas mecânicamente aplicáveis. O abl. de relação pode, em tese, ser combinado com todos os tipos de verbos, com adjetivos, com substantivos, e com frases inteiras. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Agesilaus altero pede claudicabat* | Agesilau coxeava de um pé |
| *Pater meus validus corpore est* | Meu pai é forte de constituição, |
| *Hic vir natione Persa est* | Êste homem é persa de raça, isto é, de raça persa |
| *Meā opinione hic puer mentitur* | Na minha opinião, êste menino está mentindo |

2) Particularidades.

*a*) Reparem-se nas seguintes expressões:

| | |
|---|---|
| *grandis/maior/maximus natu est* | êle é velho/mais velho/o mais velho |
| *parvus/minor/minimus natu est* | êle é moço/mais moço/o mais moço |
| *specie (quidem)...; re (verā) autem* | aparentemente....., mas na realidade |
| *meo judicio/meā sententiā* | a meu ver |
| *dux nomine Antonius* | um general chamado Antônio |
| *omni parte/nullā parte/magnā parte* | em todos os pontos/absolutamente não/em grande parte |

*b*) O abl. de relação é usado principalmente com os verbos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *aestimare, putare* | avaliar | *conferre* | comparar |
| *metiri, pendĕre* | medir, pesar | *congruĕre* | concordar |
| *judicare* | estimar, julgar | *differre, discrepare* | divergir |
| *finire* | definir | *antecedĕre, praestare, antecellĕre superare* | superar, sobrepujar |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Belgae, Aquitani, Celtae linguā et institutis inter se differunt* | Os belgas, os aquitanos e os celtas divergem entre si pela língua, e pelos costumes |
| *Magnos homines virtute metimur, non fortunā* | Medimos os grandes homens pela virtude, não pela fortuna |

*c*) Às vêzes, encontramos com o abl. de relação a preposição *ex* (raro *ab*), p. e. nas locuções: *omni ex parte, magnā ex parte*, etc. Cf. também: *Demetrius clarus fuit ex doctrinā:* "Demétrio foi ilustre por causa da sua cultura". Como se vê por êste exemplo, são vagos os limites entre o abl. de relação e o de causa, em alguns casos.

*d*) Quanto ao ac. de parte, cf. §73, II; quanto ao ac. de relação cf. §74, IV.*

§83. **O Sociativo latino.** — Distinguimos aqui o abl. sociativo pròpriamente dito (I), o abl. de modo (II) e o abl. de qualidade (III).

I. ***O Sociativo pròpriamente dito.*** 1) O emprêgo dêste abl. sem preposição é pouco freqüente em latim histórico, limitando-se àqueles casos em que se trata de um acompanhamento militar (p. e.: *exercitu, copiis, manu*, etc.), e só quando há atributo explícito. Em todos os outros casos, emprega-se *cum* mais abl. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar (cum) omnibus copiis suis in Galliam contendit* | César marchou com tôdas as suas tropas à Gália |
| *Caesar cum exercitu in Galliam contendit* | César marchou com o exército à Gália |
| *Pater cum filiā in horto ambulat* | O pai passeia com sua filha no jardim |

2) A "companhia" pode ser também um objeto inanimado, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus cum telo/gladio est* | Meu amigo está com uma lança/uma espada |
| *Filius meus cum togā virili rediit* | Meu filho voltou, vestido de toga viril |

3) O sociativo é usado também com verbos que exprimem a idéia de comparação (p. e. *comparare, conferre*), de união (p. e. *(con)jungĕre, committĕre*), de contato humano (p. e. *(col) loqui, agĕre, disputare*), de repartição (p. e. *partiri, communi-*

*care*), de acôrdo (p. e. *congruĕre, convenire, consentire*), etc., e daí também, por analogia, com verbos que exprimem a idéia de desacôrdo (p. e. *dissentire, discrepare, differre*), etc. Todos êstes verbos podem ser combinados com o sociativo (mais *cum*), e alguns dêles admitem também o dat. de aproximação, construção que se torna cada vez mais normal na época imperial (cf. § 77, I, 3 Nota 2). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Disputavi cum amico* | Discuti com meu amigo |
| *Non consentio cum Cicerone* | Não concordo com Cícero |

II. ***O Ablativo de modo.*** 1) Êste abl. indica o modo, a maneira, o método, as circunstâncias, etc., em que se realiza a ação verbal. Não havendo atributo, usa-se *cum;* havendo atributo, emprega-se geralmente o abl. sem outro acréscimo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cum diligentiā hoc opus perfeci* | Terminei êste trabalho com diligência/diligentemente |
| *Summā (cum) diligentiā hoc opus perfeci* | Terminei êste trabalho com muita diligência/muito diligentemente |

2) Particularidades.

*a*) Não se usa *cum* nas seguintes locuções:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *jure/merito* | com direito, merecidamente | *viā et ratione* | metòdicamente |
| *injuriā* | sem razão, imerecidamente | *silentio* | em silêncio |
| *ordine* | por ordem | *consilio* | prudentemente |
| *consulto* | de propósito | *vi/fraude = dolo* | com fôrça/dolo |
| *meā/tuā/suā/sponte* | espontâneamente | *more institutoque* | conforme antigo costume |
| | | *suo more* | à sua maneira, conforme seu costume |

*b*) Também alguns substantivos, tais como *modus, pactum, ratio; mens, animus; lex, conditio*, etc., nunca são combinados com *cum*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quo modo/Quo pacto/Quā ratione hoc fecit?* | Como/De que modo fêz isto? |
| *Impiā mente/Impio animo hoc scelus fecit* | Ìmpiamente cometeu êste crime |
| *Quā lege/conditione istam domum emisti?* | Sob que condição compraste essa casa? |

*c*) Alguns autores, sobretudo Salústio, empregam também *per* (mais ac.) em substituição ao abl. de modo, p. e.: *per vim = vi.**

III. ***O Ablativo de qualidade.*** 1) O abl. de qualidade designa uma característica permanente, bem como uma disposição passageira, de uma pessoa ou de uma coisa; ocorre no emprêgo atributivo e no emprêgo predicativo, e sempre vem acompanhado de um atributo. Nunca está com a preposição *cum*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus est* ‖ *vir summā prudentiā* (atributivo) | Meu amigo é homem muito prudente |
| *Amicus meus* ‖ *est summā prudentiā* (predicativo) | Meu amigo é muito prudente |

**Notas.**

1) Não se pode usar o abl. de qualidade sem atributo; assim não se deve dizer: *vir prudentiā est,* e sim: *vir prudens est.*

2) Ao passo que um abl. de qualidade substitui um adj. (*summā prudentiā = prudentissimus*), o abl. de modo faz as vêzes de um adv. (*summā diligentiā = diligentissime*).

2) Não há grande diferença entre o abl. e o gen. de qualidade (cf. §88, IV), e as distinções entre os dois são muito precárias. Só se pode dizer que a forma *modo* (de *modus*) nunca é usada como abl. de qualidade, mas só como abl. de modo; para indicar a qualidade, o latim emprega o gen. de qualidade: *modi*. Exemplos: *Amicus meus eo/hoc modo locutus est:* "Meu amigo falou desta maneira". mas: *Vir ejusmodi/hujusmodi laudandus est:* "Um homem desta categoria/Tal homem deve ser louvado".

§84. **O ablativo instrumental.** — Podemos distinguir o abl. instrumental pròpriamente dito (I), o abl. de prêço (II), o abl. de causa (III) e o abl. de medida (IV).

I. ***O Instrumental pròpriamente dito.***

1) Em geral. — O instrumental indica o instrumento ou o meio pelo qual se realiza a ação verbal. O português usa geralmente "com", "mediante", "por meio de", ou outras preposições e locuções para exprimir a mesma idéia. Em latim, o instrumental está sempre sem preposição; existe também a forma parafraseada do instrumental mediante a preposição *per* mais ac., paráfrase muito usada quando o instrumento é pessoa, (não subst. coletivo), mas encontrada raras vêzes em latim clássico com nomes de objetos. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Inimicum suum necavit gladio* | Matou seu inimigo com a espada |
| *Catilina inimicos suos necabat per sicarios* | Catilina matava (mandava matar) seus inimigos por meio de sicários |
| *Catilina exercitu suo oppidum cepit* (ou abl. sociativo? cf. 84, I) | Catilina tomou a fortaleza com o seu exército |
| *Per epistulam* (melhor: *Epistulā*) *certiorem me fecit de adventu suo* | Informou-me da sua vinda mediante uma carta |

2) PARTICULARIDADES. — Usa-se o instrumental também:

*a*) com os verbos que significam:

| | |
|---|---|
| "encher, saciar", etc. | *complēre, implēre, explēre,* etc., *satiare, imbuĕre,* etc. |
| "acostumar", etc. | *assuefacĕre, assuescĕre,* etc. |
| "exercer", etc. | *exercēre, exercitare,* etc. |
| "instruir", etc. | *erudire, instituĕre,* etc. (1) |
| "abundar", etc. | *abundare, redundare, affluĕre,* etc. |
| "confiar em", etc. | *confidĕre, fidĕre, diffidĕre,* etc.(2) |
| "apoiar-se em", etc. | *niti, subniti, stare,* etc.(3) |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Galli assuefacti sunt imperio Romanorum* | Os gaules acostumaram-se ao Império Romano |
| *Deus bonis explevit mundum* | Deus encheu o universo de coisas boas |
| *Pater meus omnibus artibus erudiri me voluit* | Meu pai quís que eu fôsse instruído em tôdas as artes |

*b*) com os seguintes depoentes:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *abuti* | abusar de | *potiri* | apoderar-se de |
| *frui* | desfrutar de | *uti* | usar (de) |
| *fungi* | cumprir (com) | *vesci* | alimentar-se de |

**Notas.**

1) O gen. *rerum* na expressão: *potiri rerum* ("assenhorear-se do mundo", ou: "apoderar-se do govêrno") explica-se pelo fato de *potiri* ser igual a *potis fieri* ("tornar-se senhor"). Em Plauto encontramos ainda a forma ativa: *potire aliquem alicujus rei*: "tornar alguém dono de alguma coisa".

2) Em latim arcaico, os verbos *(ab)uti, frui, fungi* e *vesci* eram muitas vêzes combinados com o ac. de objeto direto; a prosa clás-

(1) Mas *docēre* pede o ac., cf. §75, IV.
(2) Êstes verbos admitem também o dat., cf. §77, II.
(3) Segundo outros, teríamos aqui abl. de lugar.

sica prefere o instrumental, mas a construção "pessoal" com êstes verbos é ainda bastante comum no gerundivo, cf. § 32, III, 3; cf. também § 34, I, 3.

*c*) com o verbo *afficĕre* ("afetar, dispor, tratar"), usado em inúmeras expressões, p. e.:

| | |
|---|---|
| *afficere aliquem laude/praemiis/honore* | elogiar/premiar/honrar alguém |
| *afficere aliquem morte/supplicio* | (fazer) matar/supliciar alguém |
| *afficere aliquem laetitiā/tristitiā* | alegrar/entristecer alguém |
| *afficere aliquem injuriis/opprobriis* | injuriar/afrontar alguém |

*d*) com a locução *opus est:* "faz-se mister, é preciso"; se a coisa de que se precise fôr pron. ou adj. neutro, ela vai para o nom. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Opus mihi es tuo auxilio* | Preciso de teu auxílio |
| *Multa mihi opus sunt* | Tenho necessidade de muitas coisas |
| *Quid tibi opus est?* | De que necessitas? |

**Notas.**

1) Construções do tipo: *Opus est mihi servus* ("Preciso de um escravo"), são raras em prosa clássica; os tipos: *Opus est mihi servi/servum,* encontram-se apenas em latim arcaico e pós-clássico.

2) Menos usado do que *opus est* é *usus est,* locução equivalente que admite, geralmente, as mesmas construções.

*e*) com os verbos que exprimem a idéia de "caminhar, viajar", etc., usa-se o instrumental para indicar o caminho, p. e.: *Viā Appiā proficiscitur:* "Viaja pela Via Ápia"; *Hoc uno itinere ad Deum pervenire possumus:* "Só por êste caminho podemos chegar até Deus". É melhor interpretar êste abl. como instrumental do que como locativo.

*f*) com certos adjetivos, relacionados com um dos verbos registrados acima, (muitas vêzes, são particípios passados). Exemplos:

| | |
|---|---|
| "cheio de" | *plenus*(1), *confertus, refertus, onustus,* etc. |
| "confiante em", etc. | *(con)fisus, diffisus, fretus,* etc. |
| "apoiado em" | *nisus/nixus, subnixus,* etc, |
| "munido de" | *praeditus,* etc. |
| "(in)digno de, (i)merecedor de" | *dignus, indignus,* etc.(2) |
| "rico em" | *dives, locuples,* etc. |
| "atingido, afetado por" | *affectus,* etc. |

(1) Em prosa clássica, *plenus* rege quase sempre o gen. (cf. § 90, II, 4e); *Ave Maria, gratiā plena,* seria portanto: *Ave, Maria, gratiae plena.*

(2) *Dignus* < *dec–no–s,* cf. o verbo: *decēre.*

*g*) Repare-se bem nas seguintes expressões idiomáticas:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *aleā ludere* | jogar o dado | *pedibus proficisci* | viajar a pé |
| *tibiā canere* | tocar a flauta | *proelio contendere*(1) | combater na batalha |

II. ***O Ablativo de preço.***

1) EM GERAL. — O abl. de preço indica, em geral, o preço determinado, em oposição ao gen. de preço, que sempre indica o preço indeterminado (cf. §89, II). As duas construções encontram-se com os verbos das seguintes categorias:

| | |
|---|---|
| "comprar" | *emĕre, coemĕre, parare, comparare,* etc. |
| "vender" | *vendĕre;* na V. P. *venire,* cf. §60, I. |
| "alugar" (a alguém) | *locare, collocare,* etc. |
| "alugar" (de alguém) | *conducĕre,* etc. |
| "estar à venda" | *prostare, licēre,* etc. |
| "pôr à venda" | *prostituĕre, venum dare,* etc. |
| "estimar, avaliar" | *aestimare, existimare, putare, facĕre, ducĕre,* etc. |
| "custar" | *esse, constare, stare,* etc. |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hunc librum viginti sestertiis emi* | Comprei êste livro por 20 sestércios |
| *Hoc signum quadringentis denariis est* | Esta imagem vale 400 denários |

2) PARTICULARIDADES. — Preços indeterminados podem ser indicados também pelas seguintes formas:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *magno* | caro | *parvo* | barato |
| *minimo* | muito barato | *permagno* | muito caro |
| *nihilo* | de graça | *plurimo* | caríssimo |

Nestes abl. está subentendido o subst. *pretio;* só *nihilo* é formação analógica (= *gratiis/gratis:* "grátis, de graça"). O latim clássico prefere, porém, para indicar preço indeterminado o gen. de preço (p. e. *magni, minimi,* etc.), e o abl. nesta função, nunca é usado com os verbos *esse, facĕre,* e *ducĕre.* Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pater meus domum permagno vendidit* | Meu pai vendeu a casa muito caro |
| *Hoc gratis stat/constat* | Isso é de graça |

(1) Segundo outros, *proelio* seria abl. de lugar, cf. §85, II, 5.

III. ***O Ablativo de causa.***

1) Em geral. — O abl. de causa é empregado:

*a*) com todos os tipos de verbos, mas preferìvelmente com verbos intransitivos. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Concordiā parvae res crescunt, discordiā maximae dilabuntur* (intrans.) | Por concórdia crescem coisas insignificantes, por discórdia corrompem-se as maiores |
| *Multi cives fame perierunt* (intrans.) | Muitos cidadãos pereceram de fome |
| *Romani Collatinum suspicione quadam ex urbe expulerunt* (trans) | Os romanos expulsaram Colatino da cidade por causa de certa suspeita |

**Nota.** Em geral, o latim prefere, com verbos transitivos, a preposição *ob/propter* mais ac., portanto: *propter/ob quandam suspicionem expulerunt.*

*b*) com alguns verba affectuum; geralmente admitem êles também outras construções, p. e.:

| | |
|---|---|
| *delectari* (também *in* mais abl.) | deleitar-se em |
| *dolēre* (também trans. e *de* mais abl.) | lastimar |
| *gaudēre* (também trans. e *de/in* mais abl.) | alegrar-se com |
| *gloriari* (também *de* mais abl.) | gabar-se de |
| *laetari* (também trans. e *de* mais abl.) | alegrar-se com |
| *maerēre* (também trans.) | lastimar |

Exemplos:

*Gaudeo adventu tuo*
*Gaudeo de/in adventu tuo*
*Gaudeo adventum tuum*
} Alegro-me com a tua vinda

*c*) nas seguintes expressões:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *eā/quā re* | por isso/porque | *monitu matris* | a conselho da mãe |
| *injussu patris* | sem permissão do pai | *naturā loci* | pela constituição física do local |
| *jussu consulis* | à ordem do cônsul | | |
| *mandatu regis* | à ordem do rei | *rogatu Caesaris* | a pedido de César |

2) Particularidades.

*a*) Motivos internos ou psicológicos são, em latim clássico, indicados pelo abl. de causa, acompanhado de um Part.

Pf. da V. P., ao passo que, em português, se diz simplesmente (sem part.) p. e.: "por amor à pátria vendeu todos os seus haveres". Exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *amore inductus* | por amor | *levitate ductus* | por leviandade |
| *furore inflammatus/accensus* | por raiva | *metu coactus* | por mêdo |
| *misericordiā commotus* | por compaixão | *studio incensus* | por dedicação, por interêsse |
| | | *timore perterritus* | por receio |

*b*) Causas impedientes são geràlmente indicadas por *prae* mais abl., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Prae lacrimis loqui non potuit* | Por causa das lágrimas não pôde falar |

*c*) A causa final é geralmente indicada pela "pós-posição" *causā* ou *gratiā* mais gen. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Vestrā rei publicaeque causā hoc feci* | Fiz isto no vosso interêsse e no do Estado |
| *exempli gratiā* Cf. §31, I, 3 | por exemplo |

IV. ***O Ablativo de medida.*** 1) O abl. de medida designa o grau de diferença que existe entre duas pessoas ou coisas comparadas; pode ser usado apenas com comparativos (adj. e adv.), ou com verbos e adv. que exprimam a idéia de comparação, p. e.:

| | |
|---|---|
| *antecedĕre/antecellĕre*(1) *praestare*(2) *superare*(3) | sobrepujar, superar, etc. |
| *infra/supra* | mais para baixo/para cima |
| *ante(a)* | antes, mais cedo |
| *post(ea)* | depois, mais tarde |
| *abesse/distare* | distar |

2) Formas muito usadas do abl. de medida são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *multo* | muito | *eo/tanto* | tanto |
| *paulo* | um pouco | *quo/quanto* | quanto, como |
| *nihilo* | nada | *aliquanto* | um tanto, meio, algo |

(1) *Antecedĕre/antecellĕre alicui* (dat., cf. §77, III) *aliquā re* (cf. §82, V): "sobrepujar alguém em alguma coisa". Cf. também §77, IV.
(2) *Praestare alicui aliquā re:* "ser superior a alguém em alguma coisa", cf. §77, IV (onde estão registradas também outras construções). *Praestat* ("é preferível") é muitas vêzes combinado com Inf. subjetivo (cf. §2, II, 1) ou com o A. c. I. (cf. §10, I, 1).
(3) *Superare aliquem aliquā re:* "sobrepujar alguém em alguma coisa".

3) Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec turris viginti pedibus altior est quam illa* | Esta tôrre é 20 pés mais alta do que aquela |
| *Haec turris aliquanto altior est quam illa* | Esta torre é um pouco mais alta do que aquela |
| *Antecedis/antecellis mihi multo prudentiā* (cf. §82, V) | Em prudência és muito superior a mim |
| *Quanto omnibus praestitisti!* | Quanto sobrepujaste todos! |
| *Amicus meus paulo ante/post advenit* | Meu amigo chegou um pouco antes/depois |
| *Quo/Quanto rarius, eo/tanto carius* | Quanto mais raro, tanto mais caro |
| *Nihilo minus* | Não obstante, contudo (cf. em inglês: *nevertheless*) |

4) Observações.

*a*) Com verbos é mais comum usar-se o adv. *longe*(= *multo*), p. e.: *Antecedis mihi longe prudentiā.*

*b*) Em prosa clássica prefere-se, de um modo geral, o abl. de medida; mas fora dela, encontramos muitas vêzes também o ac. adverbial, sobretudo em combinação com verbos, p. e.: *aliquantum* = *aliquanto; multum* = *multo; tantum* = *tanto; quantum* = *quanto* (cf. §74, IV).

*c*) Reparem bem na colocação do abl. de medida, quando combinado com *post* ou *ante*, duas palavras que, além de advérbios, podem ser também preposições, e nessas duas funções são muitas vêzes combinadas com o abl. de medida. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus duobus post diebus rediit* (adv.; os dois elementos do abl. são separados por *post*) | Meu amigo voltou dois dias depois |
| *Amicus meus post duos dies rediit* (prep. logo seguida do ac.) | Meu amigo voltou depois de dois dias |
| *Amicus meus duobus diebus post reditum meum profectus est Romam* | Dois dias depois da minha volta, meu amigo viajou a Roma |
| *Amicus meus post reditum meum duobus diebus profectus est Romam* | |

§85. **O Locativo latino.** — Podemos distinguir o abl. locativo pròpriamente dito (I), e o abl. de lugar com ou sem preposição (II–III).

I. ***O Locativo pròpriamente dito.*** Usa-se o loc. pròpriamente dito com nomes de cidades etc., cf. §72.

II. ***O Ablativo sem preposição.*** Em prosa clássica, emprega-se o abl. de lugar sem *in:*

1) com a palavra *locus*, quando acompanhada de um atributo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quo loco es?* | Em que lugar estás? |
| *Nonnullis locis flumen transiri potest* | Em alguns lugares o rio pode ser atravessado |

**Nota.** A locução: *loco esse alicujus*, quer dizer: "fazer as vêzes de alguém", e está sempre sem preposição, p. e.: *Semper patris loco mihi fuisti:* "Sempre fizeste as vêzes de pai para mim". = "Sempre fôste um pai para mim".

2) nas expressões: *primo libro*, *alio libro*, *initio orationis meae*, e semelhantes.

3) na expressão: *terrā marique:* "por terra e mar".

4) com o adj. *totus*, para indicar espalhamento, p. e.: *totā Italiā = per totam Italiam; totā urbe = per totam urbem*, etc.

5) com alguns verbos cujo significado genérico é: "manter em, receber em, conter em", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *memoriā tenere* | guardar na memória |
| *tecto recipere* | receber em casa |
| *silvis occultare* | esconder nas florestas |
| *equo/curru vehi* | andar a cavalo/viajar num carro |
| *proelio contendere* (cf. §84, I, 2g) | combater numa batalha |
| *trinis hibernis hiemare* | passar o inverno em três acampamentos |

**Nota.** Várias destas expressões poderiam ser interpretadas também como abl. de instrumento, p. e. *silvis occultare* (a floresta é um "meio" para esconder alguma coisa).

6) com o adj. *contentus* (originàriamente, Part. Pf. de *continere:* "mantendo-se dentro dos limites"), p. e.: *Suā quisque sorte contentus vivit:* "Cada qual vive contente com sua própria sorte".

III. ***O Ablativo com preposição.*** Em todos os outros casos, o latim emprega, para responder à questão *ubi?* uma preposição, quase sempre *in*, às vêzes, *sub*, *super*, *pro*, *prae*, (tôdas essas preposições pedem o abl.), ou *ante*, *post*, *circum* etc. (mais ac.). Aqui pretendemos falar apenas de *in*, devendo falar das outras preposições no capítulo seguinte.

1) *In* mais abl. não se usa apenas com verbos que exprimem a idéia de repouso, permanência, estado duradouro, etc., mas também com verbos que indicam movimento; neste caso, porém, o abl. dá a entender que o movimento se efetua dentro dos limites indicados, ao passo que *in* mais ac. indica o têrmo final em que o movimento resulta ou deve resultar. Cf. em inglês: *into* (= *in* mais ac.), e *in* (= *in* mais abl.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus in urbe habitat* | Meu amigo mora na cidade |
| *Amicus meus in horto ambulat* | Meu amigo passeia no jardim |
| *Amicus meus in hortum intrat* | Meu amigo entra no jardim |

2) Em geral, o latim clássico é muito meticuloso em distinguir a idéia de movimento concebida como têrmo final da ação verbal, e a idéia de movimento concebida como processo a efetuar-se dentro dos limites indicados. Mas com os verbos que exprimem a idéia de "pôr, colocar" e "colocar-se, sentar-se, levantar-se", etc., usa-se *in* mais abl., onde deveríamos esperar o ac. É que o latim, em tais casos, frisa o resultado dessas ações verbais. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pono/(col)loco poculum in mensā* | Ponho o copo na mesa |
| *Cives statuam in foro posuerunt* | Os cidadãos ergueram uma estátua no foro |
| *In pratulo consedimus* | Sentamo-nos no gramado |
| *Milites in acie consistunt* | Os soldados colocam-se na fileira* |

§ 86. **O Ablativo de tempo.** — O abl. de tempo, função derivada do abl. de lugar, pode estar com ou sem preposição (I–II).

I. ***Sem preposição.*** 1) O latim usa o abl. de tempo sem preposição para responder à questão *quando?*, tratando-se de indicações de hora, de estações do ano, de datas, etc.; fora dêste grupo, dispensa-se a preposição sòmente quando o abl. estiver com atributo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Initio noctis* | No início da noite |
| *Quintā horā diei* | À quinta hora do dia |
| *Vere/aestate/autumno/hieme* | Na primavera/no verão/no outono/no inverno |
| *Kalendis martiis* | Nas calendas de março |
| *Anno millesimo nongentesimo quinquagesimo nono Incarnationis* | No ano de 1959 da Encarnação |

| | |
|---|---|
| *Augusti tempore/aetate*<br>*Augusti temporibus/aetatibus* | No(s) tempo(s) de Augusto |
| *Suo tempore* | Em tempo oportuno |
| *Illo die/tempore* | Naquele dia/tempo |
| *Primā luce* | Ao amanhecer |
| *Nocte/Noctu* (cf. §72, II, 1) | De noite |
| *Luce* = *Luci/Die/(Inter)diu* (cf. §72, II, 1) | De dia |
| *Vesperi* = *Vespere* (cf. §72, II, 1) | À tardinha |
| *Primo bello Punico* | Na primeira guerra púnica |
| *Tuo/Caesaris adventu* | À tua chegada/À chegada de César |
| *Summā senectute* | Na extrema velhice |

2) O latim usa igualmente o abl. de tempo sem preposição para responder à questão: "dentro de que prazo ?", quando houver atributo (muitas vêzes, na forma de um pron. demonstr., ou de um numeral); sem atributo, deve usar-se *in* mais abl. Mas sempre pode ser empregada uma construção mais enfática, com *inter* ou *intra* mais ac. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Duobus diebus hoc opus perficiam* | Terminarei êste trabalho dentro de 2 dias |
| *Hoc anno*<br>*In anno*<br>*Intra annum*<br>*Inter annum* — *pater meus se moriturum (esse) arbitratur* | Meu pai julga que morrerá dentro de 1 ano |

II. ***Com preposição.*** Em todos os outros casos usa-se uma preposição, no mais das vêzes, *in* mais abl. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *In illo/eo tempore* | Naquela situação |
| *In illis temporibus* | Naquelas circunstâncias |
| *In consulatu* | Durante o consulado |
| *In bello* | Durante a guerra |
| *Bis in die* | Duas vêzes por dia |
| *In senectute sensus hebetantur* | Na velhice diminui a fôrça dos sentidos |

## O GENITIVO

§87. **A natureza do genitivo latino.** — O gen. é o caso mais problemático e complicado de todos, não só em latim, como também nas outras línguas indo-européias: os problemas inerentes ao gen. não se limitam apenas às suas funções sintáticas, mas se estendem igualmente à

morfologia. Sem estudos comparativos com outros idiomas, sem indagações históricas, é muito difícil, se não impossível, dar uma exposição sistemática do gen., — mas tudo isso não se compadece com o escôpo didático dêste livro. Devemos limitar-nos, portanto, a duas ou três palavras de ordem essencialmente prática.

A função primordial do gen. indo-europeu parece ter sido a de estabelecer uma certa relação entre a ação verbal e um nome, ou entre dois nomes. Esta idéia, porém, é tão vaga que pode servir para explicar tudo, e exatamente por explicar tudo, acaba por não explicar nada.

Nos seguintes parágrafos seguiremos um plano muito tradicional, sem nos preocuparmos com a sua justificação teórica: trataremos primeiro do gen. latino em combinação com substantivos; em seguida, do gen. em combinação com verbos; e finalmente, do gen. em combinação com adjetivos. Mas mesmo assim fazendo, nem sempre conseguiremos demarcar nìtidamente as fronteiras (p. e. §88, I, 2).

§88. **O genitivo combinado com substantivos.** — Podemos distinguir o gen. de posse (I), o gen. subjetivo (II), o gen. objetivo (III), o gen. de qualidade (IV), o gen. partitivo (V), o gen. explicativo (VI) e o gen. da matéria (VII).

I. ***O Genitivo de posse.*** O têrmo, apesar de ser universalmente usado, é pouco feliz: o gen. de posse não designa apenas "o possuidor" (tipo: *domus patris mei*), mas muito mais ainda "pertença, autoria, atribuição, relação", etc., no sentido mais amplo dessas palavras (p. e. *tectum templi; poemata Vergilii; difficultates belli*, etc.). É desnecessário darmos aqui uma especificação pormenorizada, porque a preposição portuguêsa "de", na sua função "possessiva", tem — globalmente falando — o mesmo âmbito do gen. de posse em latim, de modo que êste não apresenta dificuldades especiais ao leitor brasileiro. Basta fazermos os seguintes reparos:

1) O *genitivo* e o *dativo* de *posse*. A diferença entre as duas construções (cf. §78, I, 2) poderia ser ilustrado pelos seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Patri meo libri sunt, non statuae* | Meu pai tem livros, não imagens |
| *Patris mei haec domus est, non patrui mei* | Esta casa é de meu pai, não de meu tio |
| *Mihi est equus* | Tenho um cavalo |
| *Equus meus est* | O cavalo é meu |

**Nota.** Como se vê, pelo último exemplo, não se pode usar *mei* como gen. de posse; tão-pouco são usados, nesta função, as formas *tui, sui, nostri, vestri*, mas elas são, como em português, substituídas pelas formas correspondentes do adj. possessivo: *meus, tuus, noster* e *vester*. Só na 3.ª pessoa, onde êste adj. não existe, deve usar-se: *ejus*, etc. Exemplos: *Hic liber eorum est:* "Êste livro é dêles"; *Hic equus ejus erat:* "Êste cavalo era dêle/dela", etc.

2) *Esse* combinado com o gen. de posse. É muito comum a combinação do gen. de posse com *esse*, para indicar um dever, uma tarefa, uma qualidade característica, um costume, etc. de certa pessoa; para maior clareza acrescenta-se, às vêzes, um subst. (p. e. *munus/officium* = "dever, obrigação, tarefa"), ou um adj. (*proprium*). Também aqui não se empregam as formas *mei, tui,* etc., mas as formas correspondentes do adj. possessivo *meum, tuum,* etc. no neutro sg. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Consulis (munus/officium) est patriam defendere* | É tarefa/dever do cônsul defender a pátria |
| *Sapientis est (proprium) mortem non timere* | É próprio do sábio não temer a morte |
| *Meum/tuum/ejus non est hostes ulcisci* | Não é meu/teu/seu costume tirar vingança dos inimigos |
| *Mulierum/earum est operibus domesticis praeesse* | É tarefa das mulheres/delas orientar os serviços domésticos |

3) *Causā* e *gratiā* com o genitivo. As "pós-posições" *causā* e *gratiā* ("por causa de, em vista de", etc.) são também combinadas com o gen. de posse; por isso mesmo, o gen. do pron. pessoal é substituído pelo adj. possessivo. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Nostrā reique publicae causā hoc fecit* | Fêz isto no nosso interêsse e no do Estado |

4) Elipses (reais e aparentes). Nas expressões: *ad Castoris* (sc. *aedem*), *ad Vestae* (sc. *templum*) temos elipse real (cf. em inglês: *at Mr. Smith's*); mas nas locuções: *Andromache Hectoris* ("Andrômaca, a viúva de Heitor"), *Caecilia Metelli* ("Cecília, a espôsa de Metelo"), *Hasdrubal Gisgonis* ("Hasdrubal, o filho de Gisgão"), *Lutetia Parisiorum* ("Lutécia, no território dos parísios" = "Paris"), etc., a elipse é apenas aparente: os gen. dependem diretamente do subst. Êste último tipo de construção, influenciado pelo grego, é relativamente raro em prosa clássica, salvo com nomes geográficos (tipo: *Lutetia Parisiorum*).

5) Notem-se bem as seguintes locuções com o gen. de posse: *pridie illius diei* ("no dia anterior"); *postridie ejus diei* ("no dia seguinte"), etc.*

II. ***O Genitivo subjetivo.*** O gen. subjetivo designa o sujeito da ação verbal expressa pelo substantivo regente; êste subst. tem que ser, portanto, um subst. verbal (*nomen actionis*), tais como: *amor, odium, desiderium, conjuratio, fuga, memoria, beneficium,* etc. O gen. subjetivo é, em última análise, um caso particular do gen. de posse, pois na frase: *odium inimici* ("o ódio do inimigo") o inimigo tanto é o sujeito da ação verbal expressa por *odium*, como o "possuidor" do sen-

timento de ódio. Mas nem todo e qualquer gen. de posse (p. e. *domus patris*) é gen. subjetivo, sendo que para tal a palavra regente precisa ser um subst. verbal. Também no gen. subjetivo não se usam as formas *mei, tui*, etc., mas sempre as formas correspondentes do adj. possessivo *meus, tuus*, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amor matris* (*mater amat*) | O amor da mãe |
| *Fuga hostium* (*hostes fugiunt*) | A fuga dos inimigos |
| *Odium tuum* (*tu odisti*) | Teu ódio |
| *Beneficium ejus* (*is bene fecit*) | Seu favor |
| *Post hominum memoriam* (*ex quo homines meminerunt*) | Quanto os homens se lembram, ou: Desde tempos imemoriais |

2) O gen. de posse, bem como o gen. subjetivo, podem ser substituídos por adjetivos: *amor maternus* = "o amor maternal/o amor da mãe". A diferença entre as duas construções é que o gen. frisa mais o possuidor concreto, ao passo que o adj. indica mais uma qualidade genérica. Contudo, nem sempre é possível manter essa distinção, p. e.: *Campus Martius* ("o campo de Marte"); *filius herilis* ("o filho do dono"), *metus hostilis* ("o mêdo dos inimigos"), etc. O latim arcaico e vulgar tem certa predileção pelo adj., bem como a linguagem poética.

III. ***O Genitivo objetivo.*** 1) O gen. objetivo designa o objeto direto da ação verbal expressa pela palavra regente o qual tem de ser um subst. verbal. Neste caso, o português usa, conforme fôr a regência do subst., a preposição "de", ou "a", ou "por", ou "para com", etc. Do gen. objetivo empregam-se as formas: *mei, tui, nostri, vestri* e *sui*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amor matris* (*mater amatur*) | O amor à mãe |
| *Desiderium patriae* (*patria desideratur*) | As saudades da pátria |
| *Expugnatio urbis* (*urbs expugnatur*) | A tomada (de assalto) da cidade |
| *Admiratio oratoris* (*orator in admiratione est*) | A admiração pelo orador |
| *Odium inimicorum* (*inimici in odio sunt*) | O ódio contra os inimigos |
| *Amor mei/tui* | Meu/Teu amor-próprio |
| *Memoria beneficii* (*beneficium in memoriā est*) | A recordação do benefício |

2) A construção *amor matris*, etc. tem, portanto, dois significados, conforme o exigir o contexto: "o amor da mãe" (gen. subj.) ou: o amor à mãe" (gen. obj.). Entretanto, podemos dizer que o emprêgo do gen. subj. é muito mais freqüente que o do gen. obj. Por vêzes, encontramos na mesma frase os dois

gen., p. e.: *Helvetiorum injuriae populi Romani:* "As ofensas feitas pelos helvécios ao povo romano", mas tais casos são raros, porque a frase — num contexto menos claro — poderia ser interpretada também: "As ofensas feitas pelo povo romano aos helvécios". Havendo perigo de ambigüidade, o latim serve-se muitas vêzes das preposições *erga, in* e *adversus* para exprimir o objeto direto da ação verbal, principalmente, quando se trata de pessoas, p. e.: *Pietas erga deos; Amor in parentes; Odium adversus omne genus humanum*, etc.

IV. ***O Genitivo de qualidade.*** 1) Perfeitamente comparável ao abl. de qualidade (cf. § 83, III), é o gen. de qualidade; em latim clássico, nunca está sem atributo; pode ocorrer no emprêgo atributivo e no emprêgo predicativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus* ‖ *est magnae prudentiae* (pred.) | Meu amigo é muito prudente |
| *Amicus meus est* ‖ *vir magnae prudentiae* (atr.) | Meu amigo é homem muito prudente |

2) Na mesma frase ocorrem, às vêzes, o gen. e o abl. de qualidade, p. e.: *Vir magni ingenii summāque prudentiā:* "um homem muito talentoso e muito prudente". Só devemos lembrar que nunca se usa o abl. de qualidade do subst. *modus*, e que o latim clássico prefere o gen. para indicar medidas, idade, valor, raça e classe social. Mas esta preferência não possui o rigor de uma regra absoluta. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Fossa viginti pedum est facta* | Fêz-se uma vala de 20 pés |
| *Puer decem annorum haec jam scit* | Um menino de 10 anos já sabe isso |
| *Hic liber magni pretii est* | Êste livro tem grande valor |
| *Est vir mei ordinis generisque Romani* | É um homem da minha categoria social e de descendência romana |
| *Libros ejus/hujus modi non amo* | Não gosto de livros desta espécie/dêste tipo |

V. ***O Genitivo partitivo.***

1) Em geral. — O gen. partitivo indica o todo do qual se toma uma parte (no sentido literal e figurado); não indica a parte tomada de um todo! Em indo-europeu, o gen. partitivo era muito mais usado do que em latim, onde seu emprêgo se limita a alguns casos bem determinados. Mas, na sua forma parafraseada (mediante a preposição *de*), a idéia partitiva tornou-se extremamente popular no Baixo-Império

(tipo: *bibi de vino*), sobretudo na Gália; daí em francês: *j'ai bu du vin*. Em latim clássico, emprega-se o gen. partitivo nos seguintes casos:

*a*) Com subst. e adj. (êstes últimos sobretudo no superlativo) e pronomes que implicam a idéia de número, quantia, divisão, medida, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *(Magna) pars militum caesa est* | Uma (grande) parte dos soldados foi assassinada |
| *Horum omnium fortissimi sunt Belgae* | De todos êstes os belgas são os mais valentes |
| *Poculum vini bibit* | Bebeu um cálice de vinho |
| *Multi civium reginam viderunt* | Muitos dos cidadãos viram a rainha |
| *Quis nostrum hoc nescit?* | Quem de nós não sabe isto? |
| *Nemo vestrum/eorum sensit hostes adesse* | Nenhum de vós/dêles percebeu que estavam próximos os inimigos |
| *Montes auri polliceri* (cf. *infra*, VI) | Prometer montes de ouro |

**Nota.** Com os adj. *multi, pauci*, etc. é muito mais comum dizer-se: *multi/pauci cives*, do que: *multi/pauci civium*.

*b*) Com adj. e pron. no nom. ou ac. neutro ag., que não venham acompanhados de preposição. Exemplos: *multum, plus, minus, tantum, quantum, aliquid, quid, nihil, quidquam, id, quod*, etc.; essas formas são, no fundo, adj. substantivados; cf. ainda os advérbios "substantivados": *satis* ("bastante"), *nimis/nimium* ("demasiado") e *parum* ("muito pouco"). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus plus/minus vini bibit quam ego* | Meu amigo bebeu mais/menos vinho do que eu |
| *Quid novi habes?* | Que tens de novo? |
| *Hic vir nimis severitatis habet* | Êste homem tem um excesso de severidade, ou: é severo demais |

*c*) Com alguns advérbios de lugar, e de tempo, principalmente em expressões fixas, das quais se seguem aqui as mais usadas:

| | |
|---|---|
| *Nusquam terrarum/gentium templum pulchrius vidi* | Em nenhum lugar do mundo vi templo mais bonito |
| *Ubi terrarum es?* | Em que lugar (do mundo) estás? |
| *Quo terrarum profecturus es?* | Para que lugar (da terra) pretendes ir? |
| *Eo juroris/amoris venit* | Chegou a tal grau de raiva/de amor |
| *Tum temporis/Id temporis* | Naquêle tempo/momento |

2) Particularidades:

*a*) Numerais cardinais estão quase sempre com a preposição *de* ou *ex* mais abl.; esta construção é muito comum também com as palavras *multus, nullus, nemo* e *solus*, e com os superlativos. Números ordinais pedem o gen. partitivo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Avus meus ex/de tribus filiis unum amisit* | Meu avô perdeu um dos três filhos |
| *Nulla de tuis virtutibus admirabilior est misericordiā* | Nenhuma das tuas virtudes é mais admirável do que a tua misericórdia |
| *Ex omnibus pugnis Pompeji haec mihi acerrima videtur* | De tôdas as batalhas de Pompeu esta me parece a mais dura |
| *Primus omnium dixit Caesar* | O primeiro de todos a falar foi César |

*b*) Depois de *uterque* ("cada um dos dois") e *plerique* ("a maior parte") usa-se o gen. partitivo de pron. pessoais, mas as duas palavras são consideradas como adj., quando seguidas de um subst. *Plerique* pode significar também "muitíssimos" (= *plurimi*, forma muito mais usada): nesta acepção, a palavra é considerada como adjetivo; no sentido de "a maior parte", pode sempre ser combinado com o gen. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Uterque eorum verum dixit* | Cada um dos dois falou a verdade |
| *Uterque puer verum dixit* | Cada um dos dois meninos falou a verdade |
| *Plerique nostrum/vestrum pauperes sunt* | A maior parte de nós/vós é pobre |
| *Plurimi/Plerique* (raro) *cives fame perierunt* | Muitíssimos cidadãos pereceram de fome |
| *Plerique cives/civium fame perierunt* | A maior parte dos cidadãos pereceu de fome |

*c*) *Mille*, embora originàriamente um subst., é geralmente considerado, em latim clássico, como adj. (por analogia com *centum*, etc.; (o plural *milia* é sempre subst. e pede o gen. Portanto: *mille homines* (raro: *mille hominum*), mas: *duo/tria milia hominum*, etc.

*d*) O gen. partitivo pode ser também um adj. p. e. *nihil novi* ("nada de novo") e *quid novi?* ("que de novo?"), mas as formas *nihil novum* e *quid/quod novum* são igualmente usadas.

Esta última construção é a única legítima com adj. da 3.ª declinação, portanto: *nihil utile* (não: *nihil utilis*).

*e*) É obrigatório o emprêgo do gen. partitivo (às vêzes, substituído por *ex/de*) depois de um superlativo, do qual depende uma cláusula relativa. A frase portuguêsa: "Êste livro é o mais bonito que já li", deve ser traduzida para o latim conforme a regra estudada no §82, III, 2d, ou então desta maneira: *Hic liber est pulcherrimus omnium/ex omnibus, quos legi.*

*f*) O gen. partitivo do pron. pessoal é *nostrum, vestrum, eorum, earum;* por motivos evidentes, usa-se muito pouco o gen. part. de pronomes no sg. Nos casos, em que êste é usado, emprega-se *mei, tui* ou *sui,* p. e. *Multa pars mei mortem non videbit:* "Grande parte de mim não verá a morte".*

VI. ***O Genitivo explicativo.*** 1) Êste gen. tem também outros nomes: gen. "epexegético" (lit.: "que dá uma explicação ulterior"), e gen. "definitivo" (lit.: "que dá uma definição"). Ao passo que o gen. partitivo exprime uma idéia mais genérica do que a palavra regente, temos aqui o contrário: o gen. explicativo desenvolve e precisa uma idéia genérica expressa pela palavra regente. Em alguns casos, podemos traduzir êste gen. pela preposição "de", mas acontece mais amiúde que devemos traduzi-lo por um simples apôsto, ou então, por uma circunlocução com o verbo "consistir", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Virtutem continentiae non habet* | Não possui a virtude de auto-domínio |
| *Mors filiae ademit ei nomen soceri* | A morte da filha tirou-lhe o nome de sôgro |
| *Triste est nomen ipsum carendi* | A própria palavra "carecer" já é triste |
| *Quid sibi vult haec vox voluptatis?* | Que significa esta palavra "prazer"? |
| *Praemium pecuniae ei dabo* | Dar-lhe-ei um prêmio (que consiste) em dinheiro |

2) Particularidades.

*a*) Nomes geográficos são, em prosa clássica, sempre considerados como apostos, p. e.: *urbs Roma; flumen Rhenus; insula Delus; oppidum Thermae* etc. Na poesia encontramos: *urbs Romae, flumen Rheni,* etc., construções que muito provàvelmente têm sua origem na personificação mitológica de

Roma, do Reno, etc. ("a cidade da deusa Roma", "o rio do deus Reno"); êste gen. se tornou popular, como é provado pela praxe das línguas românicas.

*b*) Também o gen. explicativo pode ser substituído por um adj., p. e.: *nomen senatorium = nomen senatoris; dignitas regia = dignitas regis* (cf. *supra*, II, 2).

*c*) O gen. do gerúndio/gerundivo, dependente de um subst. (cf. § 31, I, 1), é muitas vêzes um gen. explicativo.

*d*) Às vêzes, torna-se difícil uma distinção entre o gen. partitivo e o gen. explicativo, p. e. em frases dêste tipo: *sebi ac picis glebae:* "bolinhas de talco e de piche", e: *montes auri:* "montes de ouro". Qual é a idéia mais genérica: bolinha ou talco, monte ou ouro? A lógica não é feita para resolver problemas desta natureza, e a gramática pouco ganha em prestar muita atenção para tais distinções demasiadamente sutis.

VII. ***O Genitivo de matéria.*** Êste gen., que indica a matéria concreta de que uma coisa é feita (tipo: "um anel *de ouro*"), está muito mal representado em latim clássico, que geralmente usa um adj. de matéria (p. e. *aureus, argenteus, ferreus, aeneus*, etc.), ou então, uma circunlocução com *ex* (menos freqüentemente, com *de*), p. e.: *vas ex/de auro (factum).*

**Nota.** Nas expressões: *libra argenti* ("uma libra de prata") e *pondo auri* ("um arrátel de ouro"), os gen. poderiam ser considerados como gen. explicativos ("que consiste em ouro") ou como gen. partitivos.

§ 89. **O genitivo combinado com verbos.** — Podemos distinguir o gen. de relação (I), e o gen. de prêço (II).

I. ***O Genitivo de relação.*** O gen. de relação exprime o que é da esfera de uma ação verbal: em indo-europeu era muito usado, podendo ser combinado não só com verbos, mas também com subst. e adj. Em latim arcaico, encontramos muitas vêzes ainda o gen. de relação, também dependente de subst., p. e.: *Fidem ei non habui argenti* = "Não tive confiança nêle em questões de dinheiro", mas a prosa clássica prefere outras construções para exprimir essa idéia. No parágrafo anterior não mencionamos o gen. de relação, já que êste, combinado com subst., não possui muita vida própria, ou então se confunde com alguns empregos bem definidos que a gramática tradicional costuma denominar com outros nomes. Ao falarmos do gen. combinado com verbos (o chamado gen. "adverbal"), é impossível passá-lo em silêncio, porque aqui se impõe aos estudiosos da língua latina. Não é legítimo, por exemplo, considerarmos o gen. na locução: *pudet me hujus facti,*

como gen. objetivo em pé de igualdade com *memento mei;* o gen. *mei* poderia ser interpretado cómo gen. objetivo, mas o gen. *hujus facti* não indica o obj. dir., e sim, a causa da vergonha; o mesmo podemos dizer do gen. "criminis" *avaritiae* em: *avaritiae eum accusant.* Na realidade, temos aqui nas três frases um gen. de relação, uma idéia tão vaga que fàcilmente podia especializar-se numa idéia bem definida, tais como: gen. objetivo, gen. de causa, gen. de crime, etc.

1) O GENITIVO OBJETIVO. Emprega-se o gen. objetivo com os verbos *memini, reminisci* e *oblivisci,* sobretudo quando o objeto é uma pessoa; nomes de coisas estão geralmente no ac. *Memini* e *reminisci* podem ser construídos também com *de* mais abl.; os verbos *admonēre, commonēre* e *commonefacĕre* admitem o gen. objetivo, mas preferem *de* mais abl. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Memini/reminiscor amici tui* | Lembro-me do teu amigo |
| *Non sum oblitus tui* | Não te esqueci |
| *Memini/obliviscor injurias tuas/injuriarum tuarum* | Lembro-me/esqueço-me de tuas ofensas |
| *Admoneo te officii tui/de officio tuo* | Lembro-te do teu dever |

**Notas.**

1) A expressão *venit mihi in mentem* pede geralmente o gen.; sendo a coisa lembrada um pron. ou adj. neutro, pode usar-se também a construção pessoal no nom. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Venit mihi in mentem pietatis ejus* | Ocorreu-me a lembrança da sua memória |
| *Permulta/Haec mihi in mentem venerunt* | Muitas/Estas coisas me vieram à memória |

2) Em latim arcaico, alguns outros verbos pediam o gen. objetivo, p. e. *cupĕre* e *fastidire* ("ter fastio"). Cf. ainda §84, I,, 2b, nota (*potiri rerum*).

2) O GENITIVO DE CAUSA. Com os verbos impessoais *miseret, paenitet, piget, pudet* e *taedet* (cf. §39, II) pode ser combinado o gen. para exprimir a causa da pena, do remorso, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pudet me hujus facti* | Envergonho-me dêsse ato |
| *Taedet me laboris* | Estou farto de trabalhar |

**Notas.**

1) *Pudet me civium meorum* pode significar: "envergonho-me dos meus concidadãos", e: "Envergonho-me perante os meus concidadãos".

2) O verbo *miserēri* tem construção pessoal, e é combinado com o gen. objetivo, p. e.: *misereor hujus viri/tui* ("tenho pena dêste homem/de ti"); em latim tardio, encontramos também outras construções do tipo: *miserere nobis!* e *misereor super turbam.*

3) O GENITIVO DE CRIME. Êste gen. se emprega para indicar o crime com os "verba judicialia", isto é, com os verbos que significam:

| | |
|---|---|
| "acusar, incriminar" | *accusare, incusare, arguĕre, criminari,* etc. |
| "convencer de" | *arguĕre, convincĕre,* etc. |
| "condenar" | *damnare, condemnare,* etc. |
| "multar, castigar" | *multare* |
| "absolver" | *absolvĕre,* etc. |

A pena ou a multa vai para o abl. instrumental. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Omnes cives consulem avaritiae accusant* | Todos os cidadãos acusam o cônsul de ganância |
| *Judex absolvit reum injuriarum* | O juiz absolveu o réu de atos contra a justiça. |
| *Miltiades pecuniā multatus/condemnatus est* | Milcíades foi condenado a pagar uma multa |
| *Tyrannus crudelis omnes adversarios exsilio multavit/damnavit* | O cruel tirano condenou todos os seus adversários ao exílio |

OBSERVAÇÕES:

*a*) O crime está muitas vêzes também no abl. precedido da preposição *de*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *accusare aliquem de vi/de veneficiis/de pecuniis repetundis*(1) | acusar alguém de ato(s) de violência/de venefício/de peculato |

Também encontramos outros tipos de construção, p. e.:

| | |
|---|---|
| *accusare aliquem inter sicarios* | acusar alguem de assassínio pago |

*b*) A pena está muitas vêzes também no ac. precedido da preposição *ad* ou *in*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *condemnare aliquem in/ad metalla/ad mortem/ad supplicia/ad bestias* | condenar alguém a trabalhos forçados nas minas/à morte/a suplícios/a ser devorado pelas feras |

(1) *Res repetĕre* = "exigir uma indenização"; *pecunias repetĕre* = "reivindicar (judicialmente) o dinheiro (extorquido ou desviado por um magistrado no exercício das suas funções);" daí: *pecuniae repetundae* = "concussão, peculato", etc.

c) *Condemnare aliquem capitis* (= *rei capitalis*) quer dizer: "condenar alguém por crime capital" (gen. de crime); *condemnare aliquem capite* quer dizer: "condenar alguém à pena capital/à morte" (abl. instr.). No fundo, as duas construções têm o mesmo significado.

4) Os VERBA COPIAE ET INOPIAE. Os verbos latinos que exprimem a idéia de abundância (p. e. *abundare, obsaturare*, etc.), de provimento e abastecimento (p. e. *implēre, explēre, impertire* e *participare*), e de falta, privação, necessidade, etc. (p. e. *egēre, indigēre, carēre, opus est*, etc.) são, no período préclássico, às vêzes combinados com o gen.; a prosa clássica prefere o abl. (instrumental ou separativo); só os verbos *egēre* e *indigēre* (cf. §82, I, 2b. Nota 3) regem, em latim clássico, muitas vêzes o gen. Exemplo:

*Egeo/Indigeo consilii tui* — Tenho necessidade de teu conselho

5) As FORMAS "ANIMI" E "MENTIS". Na comédia e na poesia encontramos muitas vêzes o gen. das palavras *animus, mens*, etc. em locuções dêste tipo:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *pendēre animi* | estar indeciso | *fidens animi* | de coração confiante |
| *desipēre mentis* | não estar são de espírito | *angi animi* | afligir-se (no coração) |

Nestas expressões temos belos exemplos do gen. de relação; os próprios romanos, já não entendendo bem esta função do gen., passaram a substituir *animi* por *animo*, e *mentis* por *mente* (loc.), p. e. *mente reputare*, (*in/cum*) *animo volvere*, etc. O emprêgo dêste gen. de relação é extremamente raro em prosa clássica.

## II. *O Genitivo de preço.*

1) EM GERAL. — Com os verbos já assinalados no §84, II, 1, o gen. é empregado para indicar um preço indeterminado ("caro, barato", etc.), nas seguintes formas:

| | |
|---|---|
| *magni, pluris, plurimi* | caro, mais caro, muito caro |
| *permagni* e *maximi* | muitíssimo caro, caríssimo |
| *parvi, minoris, minimi* | barato, mais barato, muito barato |
| *tanti..., quanti* | tão caro/barato como |
| *nihili* | de graça, por nada |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hunc servum decem minis/magni emi* | Comprei êste escravo por 10 minas/caro |

| | |
|---|---|
| *Hic servus magni est* | Êste escravo é caro |
| *Omnia pericula parvi sunt aestimanda* | Todos os perigos devem ser considerados de pouca importância |
| *Tanti te facio quanti patrem meum* | Tanto te estimo quanto a meu pai |

*b*) O gen. de prêço é, no fundo, um gen. de qualidade, tendo sua origem em expressões dêste tipo: *res est magni pretii* ("a coisa é de grande valor").

*c*) *Hanc rem flocci non facio* quer dizer: "Não dou nenhum valor a esta coisa, faço pouco de" (ao pé da letra: "considero esta coisa como tendo nem mesmo o valor de um floco").

*d*) Também pode ser usado o abl. de preço para indicar um preço indeterminado, pelo menos em algumas locuções, cf. §84, II, 2.

2) PARTICULARIDADES. — Os dois verbos impessoais *rĕfert* e *interest* ("importa, interessa', etc.) podem ser combinados com estas quatro formas do gen. de preço: *magni, parvi, tanti* e *quanti*. A pessoa a quem importa ou interessa alguma coisa, vai igualmente para o gen., mas, sendo pron. pessoal, êste gen. é substituído pelo abl. sg. fem. do adj. possessivo (*meā, tu* , *nostrā, vestr* ). A coisa que importa pode ser um adj. ou pron. neutro (p. e. *hoc, quid, multum*, etc.), mas geralmente é expressa por um Inf. subjetivo ou por um A. c. I., ou então por uma pergunta indireta. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hoc magni interest/rĕfert* | Isto é de grande interêsse/importância |
| *Interest omnium hoc fieri* | Interessa a todos que isto seja feito |
| *Omnium civium rĕfert hostes expelli* | É importante para todos os cidadãos que os inimigos sejam expulsos |
| *Quid rĕfert hoc dicere?* | Que interêsse tem dizer isso? |
| *Tuā/Meā interest hoc iter facere* | Interessa-te/Interessa-me fazer esta viagem |
| *Dicunt suā interesse regem regno spoliari* | Dizem que lhes interessa destronar o rei |
| *Maxime rĕfert quemadmodum libri legantur* | É de suma importância de que modo os livros são lidos |

**Notas.**

1) Menos usada é a construção com *ut* (cf. §148, I), p. e.: *Magni interest ut te videam:* "Para mim é muito importante ver-te"; a construção com o A. c. I.: *Magni interest me te videre*, seria ambígua.

2) O Pf. de *rĕfert* (impessoal) é *rĕtulit*, não *rettulit* (esta forma é de *rĕfero:* "relatar, narrar", etc.)*

§ 90. **O genitivo combinado com adjetivos.** — Referindo-nos aos tipos de gen. já estudados, podemos classificar os diversos gen. em combinação com adj. da seguinte maneira: o gen. de posse (I), o gen. de relação (II) e o gen. partitivo (III).

I. ***Genitivo de posse.*** Exemplos são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *communis*<br>*(dis)par*<br>*(dis)similis* | comum a<br>(des)igual a | *proprius*<br>*sacer* | próprio de<br>consagrado à, dedicado a |

**Notas.**

1) Quase todos êstes adj. admitem também o dat. de aproximação (mas *proprius* nunca), cf. § 80, II.

2) Quanto a *similis*, cf. § 80, II, nota 1.

II. ***Genitivo de relação.*** Aqui se torna difícil uma classificação exata por diversos motivos, um dos quais é que o têrmo "gen. de relação" pode ser interpretado no sentido amplo (cf. § 89, I), abrangendo o gen. "objetivo", "de causa", "de crime", etc., ou então, no sentido estrito, tal como ocorre p. e. na expressão: *desipiebam mentis* (cf. § 89, I, 5). Também são pouco nítidas as fronteiras entre o gen. partitivo e o gen. de relação: qual das duas funções é primordial? Existem muitos outros problemas ainda, impossíveis de expor aqui. Trataremos aqui do gen. de relação no sentido amplo, excluindo, porém, o gen. partitivo, embora nem sempre seja fácil uma distinção exata entre os dois.

1) Exemplos de adj., que pedem o gen. de "relação";

| | | | |
|---|---|---|---|
| *capax* | podendo caber, suscetível a | *incertus* | incerto, indeciso |
| | | *insuetus* | não acostumado a |
| *compos* | dono de | *imperitus* | imperito em |
| *gnarus* | a par de | *peritus* | perito em |
| *ignarus* | não a par de | *studiosus* | estudioso de, cuidadoso |

Reparem bem nas seguintes expressões:

| | |
|---|---|
| *Compos mentis (non) est* | (Não) está em seu juízo |
| *Voti compos est* | Conseguiu o que desejava |

2) Os Part. Pres. em *-ans* e *-ens*, enquanto adjetivados, cf. § 29, I, 1, Nota 3.

3) Os poetas (e os prosadores da época imperial) usam o gen. de relação também com outros adjetivos, p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *vir integer vitae* | homem de vida íntegra | *laetus laborum* | alegre pelos trabalhos |
| *fessi rerum* | esgotados pelos acontecimentos | *timidus deorum* | temente aos deuses |

4) Muitos outros adj. latinos são igualmente combinados com o gen. de relação, a que a gramática tradicional costuma dar nomes especiais, p. e.:

a) *avidus, cupidus, (im)memor, nescius*, etc. (gen. objetivo);

b) *reus* (gen. de crime e de pena), p. e. *reus avaritiae* (crime) e *reus est mortis* (pena); o crime é muitas vêzes indicado pela preposição *de* mais abl., p. e. *reus de avaritiā.*

c) *plenus, dives; inanis, inops* e *egenus* (gen. copiae et inopiae); êstes adj. podem ser combinados também com o abl. (cf. §84, I, 2c).

III. ***Genitivo partitivo.*** Exemplos são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *consors* | participante de | *exsul* | destituído de |
| *expers* | destituído de | *particeps* | participante de |
| *exsors* | privado de | *socius* | associado a |

## O NOMINATIVO

§91. **Particularidades.** — Sôbre o emprêgo do nom. podemos ser breves, já que êste apresenta poucas dificuldades ao estudioso de latim. Chamamos a atenção dos leitores para as duas seguintes particularidades:

I. ***O Nominativo exclamativo.*** Êste nom., aliás pouco usado, encontra-se principalmente com a interjeição *o*, p. e.:

*O festus dies!* — Que dia de alegria!

Quanto a *en* e *ecce* com o nom., cf. §73, V, 2.

II. ***O Nominativo em vez do Vocativo.*** O nom. pode estar pelo voc. (na comédia e na poesia), principalmente em apostos, p. e.:

*Mi Libane, ocellus meus!* — Meu Líbano, menina dos meus olhos!

Também em fórmulas arcaicas:

*Audi tu, populus Albanus!* — Escuta, ó povo de Alba!*

## O VOCATIVO

§92. **Particularidades.** — O voc. latino, ao contrário do voc. grego, não precisa ser combinado com a interjeição *o*. As interjeições *o(h)*, *pro(h)*, *heus*, *eho*, etc. são usadas em frases que revelam muita ternura, indignação, decepção, etc. O voc. latino geralmente não ocupa o primeiro lugar numa frase.

Às vêzes, encontramos o voc. em apóstrofes e em exclamações, p. e.: *di immortales*! e *o fortunate adulescens*!

## Capítulo VIII

# AS PREPOSIÇÕES LATINAS

§ 93. **Observações preliminares.** — I. ***A origem e a natureza das preposições.*** A expressão: "Tal preposição rege o acusativo ou o ablativo" é, do ponto de vista da gramática histórica, pouco correta, porque originàriamente era o caso que indicava a função sintática de uma palavra dentro de uma frase e a preposição não passava de um elemento acessório para lhe realçar ou precisar essa função. Para um povo mais avançado a flexão nominal, sem outros acréscimos, torna-se cada vez mais insuficiente para exprimir adequadamente a riqueza infinitamente nuançada do pensamento humano. A insuficiência do sistema meramente flexional deve ter aumentado juntamente com o sincretismo de diversos casos em latim: dos oito casos indo-europeus sobreviveram apenas seis na língua de Lácio, e também êstes seis possuíam muitas vêzes desinências iguais (p. e. *-is/ibus*, no dat. e no abl. pl.). Dois fatôres contribuiram, portanto, para os romanos adotarem e elaborarem um sistema mais analítico: o sincretismo dos casos, e a necessidade crescente de se exprimir com maior clareza e precisão. Coisa semelhante deu-se também em grego que, com seus cinco casos, devia sentir mais falta ainda de preposições e, levado pela necessidade, criou um sistema de preposizões capaz de expressar os matizes mais sutis do pensamento.

A frase: *Eo templum*, significava primitivamente: "Vou ao templo". Mas bem cedo os romanos devem ter sentido a necessidade de fazer uma distinção explícita entre: "ir ao templo, entrando nêle" e: "ir ao templo, ficando nas proximidades do mesmo". Para exprimir essa diferença, foram acrescentando, na primeira hipótese, o advérbio *in* ("dentro"); na segunda, *ad* ("até"). Devido ao seu emprêgo constante em combinação com o ac. de direção, os advérbios *in* e *ad* foram perdendo sua autonomia, acabando por ser interpretados como "preposições" que "regiam" o ac. Tal coisa deve ter-se dado também com *ab* e *de* e *ex*, e com outras palavras que, de origem adverbial, com o tempo se transformaram em preposições.

Uma vez nascidas as preposições, os casos ganharam muito em clareza, mas, ao mesmo tempo, não tardaram em desvalorizar-se, visto que a preposição por si já exprimia a função sintática e a terminação da palavra "regida" se tornava um elemento acessório, quase supérfluo. O têrmo final da evolução lingüística, iniciada com o nascimento das preposições, deve ser o de uma estrutura completamente analítica, mas essa fase não foi atingida pelo latim senão nos primeiros séculos da Idade Média, quando nasciam os idiomas românicos. Vários fatôres impediram o desaparecimento total do sistema flexional, p. e. o fato de, em latim, só o ac. e o abl. poderem ser combinados com uma preposição; a influência conservadora e reguladora da linguagem literária, etc. Assim mesmo, encontramos já em inscrições de Pompéia a tendência "analítica" da linguagem popular, p. e. na forma: *cum discentes suos* = *cum discentibus suis*.

Os dois únicos casos latinos que admitem preposições, são o ac. e o abl.; são os dois casos "concretos" (ou "locais"), ao passo que o gen. e o dat. têm caráter mais abstrato. Das diversas funções "locais" nasceram as outras funções: primeiro, a função temporal; em seguida, as várias funções derivadas de caráter mais abstrato ainda. Cf. a função de *ex* nestas três frases: *Exit e templo* ("Sai do templo"); *Ex illo tempore* ("Desde aquêle tempo"); *Ex senatus consulto* ("Em virtude de um decreto do senado"). O ac. de movimento (cf. § 70) podia ser especificado pelos advérbios *ad* e *in;* o locativo por *in* e *pro;* o separativo por *ab*, *de* e *ex;* o sociativo por *cum*, etc. Quase todos êsses advérbios foram adquirindo, com o tempo, também a função temporal e outras funções figuradas.

Preposições são, portanto, advérbios que, pelo desgaste e pela combinação freqüente com certos casos, perderam seu significado original concreto (quase sempre local!), passando a indicar relações mais ou menos abstratas entre os diversos elementos constitutivos de uma frase. A passagem de advérbio para preposição é, em tôdas as línguas indo-européias, um processo contínuo e nunca completamente acabado. Assim se explica que, em latim, ao lado das preposições "puras" (p. e.: *ab*, *de*, *cum*, *in*, etc.), ainda encontremos preposições "adverbiais" (p. e.: *juxta*, *supra*, etc.). Em plena época literária podemos verificar que certas palavras, até então usadas exclusivamente como advérbios, se foram transformando em preposições, p. e. *procul* e *simul*.

O têrmo "preposição" é enganador, porque nem sempre a preposição precede a palavra "regida". Por ser uma palavra sem acento próprio, sem vida própria, a preposição sempre procura ligar-se estreitamente a outra palavra, e essa ligação pode efetuar-se de três maneiras diferentes: existe a "próclise" (p. e. *ad templum, e templo*), que é a ligação mais comum; existe a "mesóclise" (p. e. *quam ob rem, qu de caus* ); existe também a "ênclise" (p. e. *mecum*). Algumas palavras têm sempre, ou quase sempre, a colocação enclítica, p. e. *ergo* e *tenus;* poderíamos chamar-lhes "pós-posições".

II. ***A divisão da matéria.*** Nos §§ 94–123, pretendemos falar das preposições que admitem só o ac.; nos §§ 124–136, das que admitem só o abl.; nos §§ 137–139, das que podem reger o ac. e o abl.; nos §§ 140–142, das chamadas "pós-posições". Devemos limitar-nos às linhas mestras; uma sintaxe não pode ter a pretensão de substituir um dicionário. Só a leitura atenta dos textos antigos e a contínua consulta de bons dicionários poderão familiarizar o estudioso de latim com os diversíssimos empregos das preposições. Nossa precípua preocupação será a de assinalar as funções, não a de dar "significados" ou "traduções feitas". Quem, ao consultar um dicionário francês, encontrasse aí apenas os "significados" da preposição francesa "à" em português (p. e.: *a, em, com, por, para*, etc.), sem ficar informado acêrca das suas funções sintáticas, ganharia muito pouca coisa com a consulta. Mas cumpre confessar que, em nenhum outro ponto talvez, os idiomatismos desempenham papel tão importante como em matéria das preposições. Dar tudo seria igual a não dar nada, porque o aluno corre fàcilmente o risco de não ver a floresta por causa das árvores. Na nossa exposição, referir-nos-emos, na medida do possível, aos assuntos já tratados, de modo que êste capítulo terá muitas vêzes o caráter de uma recordação. Em cada uma das preposições a serem tratadas, daremos sob A as funções locais; sob B, as funções temporais; e sob C, as funções de caráter mais abstrato (sentido figurado ou derivado).*

## PREPOSIÇÕES QUE ADMITEM APENAS O ACUSATIVO

### §94. Ad.

*A.* 1) Com verbos de movimento: "até, a", etc.(1)

| | |
|---|---|
| *ad Genavam pervenire* (cf. §70,II, 1) | chegar aos arredores de Genebra |
| (*usque*) *ad urbem venire* | ir até à cidade (sem entrar nela) |
| *ad Caesarem legatos mittere* | enviar embaixadores a César |
| *scripsi epistulam ad te* } (cf. §77, | escrevi-te uma carta |
| *misi epistulam ad te/tibi* } I, 3) | enviei-te uma carta |

2) com verbos de repouso: "junto a, ao pé de", etc.

| | |
|---|---|
| *ad pedes alicujus jacere* | estar deitado aos pés de alguém |
| *ad urbem esse* | estar nas proximidades da cidade |
| *ad patrem manere* | permanecer junto ao pai |

*B.* 1) Indica limite temporal: "até, a", etc.(1)

| | |
|---|---|
| (*usque*) *ad summam senectutem* | até a extrema velhice |
| (*usque*) *ad hunc diem* | até o dia de hoje |

2) Indicação aproximativa de tempo: "por volta de, a", etc.

| | |
|---|---|
| *ad noctem domum redire* | voltar a casa ao anoitecer |

3) Indica acompanhamento musical: "ao som de, acompanhado de", etc.

| | |
|---|---|
| *ad tibiam canere* | cantar ao som da flauta |

4) Reparem bem na dupla significação de:

| | |
|---|---|
| *ad tempus venire* | *a*) vir a tempo, na hora;<br>*b*) vir por certo tempo, por ora. |

*C.* 1) Com números, indica quantia/valor aproximativo: "cêrca de", etc.

| | |
|---|---|
| *ad trecentos cives trucidare* | matar cêrca de 300 cidadãos |
| *omnes ad unum interierunt* } | todos sem exceção pereceram |
| *ad unum omnes interierunt* } | (lit.: "até um só, até o último") |

2) Indica ponto de referência: "comparado com", etc.

| | |
|---|---|
| *terra ad caelum universum exiguum est* | a terra é muito pequena em comparação com o universo |

(1) Acrescenta-se a *ad* muitas vêzes *usque* (cf. em francês: *jusqu'à*) para realçar a idéia de limite (espacial e temporal). Cf. §197.

3) Indica ponto de vista: "quanto a, no que diz respeito a", etc.

| | |
|---|---|
| *ad cetera vir egregius est* (cf. §74, IV) | quanto ao mais, é excelente |

4) Indica finalidade, intenção: "para", etc.

| | |
|---|---|
| *ad templum (aedificandum) pecuniam dedit* (cf. §31, III, 1) | deu dinheiro para (a construção de) o templo |

5) Indica norma, modo, etc.: "conforme", etc.

| | |
|---|---|
| *ad suum arbitrium vivere* | viver a seu bel-prazer |
| cf. *quemadmodum* (cf. §62, I, 2) | como, de que modo |

§95. **Adversum ou adversus** (arcaico: **advorsum**).

*A*. No sentido local, esta palavra significa: "em frente a", etc.

| | |
|---|---|
| *Porta adversum castra erat* | Havia uma porta em frente ao acampamento |

*C*. Indica a que pessoa ou coisa se dirigem os sentimentos de simpatia e de antipatia: "para com, contra, a, por", etc. — Cf. §80, I, Nota 2.

| | |
|---|---|
| *adversum rem publicam loqui* | falar contra (os interêsses) do Estado |
| *adversum legem* | contra a lei |
| *officia amoris adversus amicos* (cf. §88, III, 2) | os deveres de amizade para com os amigos |

§96. **Ante** (antônimo de *post;* cf. também *pro*, no sentido local).

*A*. Indica uma posição "perante" uma coisa ou pessoa, tendo-a diante dos olhos: "diante de".

| | |
|---|---|
| *ante oculos esse* | estar diante dos olhos |
| *ante oppidum considere* | assentar-se diante da cidade |

*B*. Indica anterioridade: "antes de", etc.

| | |
|---|---|
| *Homerus ante Hesiodum vixit* | Homero viveu antes de Hesíodo |
| *ante (hos) tres annos pater meus mortuus est* (cf. §74, III, dc) | Meu pai faleceu há três anos |

*C*. Indica superioridade: "mais (do) que", etc. — Em prosa clássica prefere-se, porém, *praeter alios/alia* a *ante alios/alia*, etc.

| | |
|---|---|
| *filium meum ante me amo* | amo meu filho mais que a mim mesmo |
| *scelestior ante alios* | o mais criminoso de todos |

§ 97. **Apud.** — Esta prep. se usa apenas em sentido local.

*A.* 1) Em prosa clássica, principalmente com nomes de indivíduos ("em casa de", cf. *chez* em francês), de povos ("entre"), e de autores ("em").

| | |
|---|---|
| *apud Ciceronem aliquantum commoratus sum*(1) | passei algum tempo em casa de Cícero |
| *apud Helvetios/Romanos/Graecos* | entre os helvécios/romanos/gregos |
| *apud Ciceronem legimus* | lemos em Cícero |

2) Os autores da época imperial (principalmente Tácito) usam *apud* com nomes geográficos no sentido locativo:

| | |
|---|---|
| *apud Asiam/Rhodum/Romam* | na Ásia/em Rodes/em Roma |

§ 98. **Circa.** — Os autores clássicos preferem *circum.*

*A.* Indica rodeio, proximidade: "em redor de, perto de", etc.

| | |
|---|---|
| *circa urbem moenia sunt* | há uma muralha em redor da cidade |
| *filios sempre circa se habet* | está sempre cercado de seus filhos |
| *circa Hennam lacus magni sunt* | perto de Hena há grandes lagos |

2) Com certos verbos de movimento exprime a idéia de circulação:

| | |
|---|---|
| *legatos misit circa civitates Galliae* | enviou embaixadores a tôdas as tribos da Gália sucessivamente |

*B.* Indicação aproximativa de tempo: "por volta de", etc. (emprêgo não clássico).

| | |
|---|---|
| *amicus meus advenit circa quintam horam* | meu amigo chegou por volta da quinta hora |

*C.* 1) Com números, indica quantia aproximativa: "cêrca de" (emprêgo não clássico).

| | |
|---|---|
| *Caesar circa decem oppida cepit* | César tomou mais ou menos 10 cidades |

(1) A palavra francesa *chez* deriva de *casa.*

2) Indica relação, referência: "em relação a" (emprêgo não clássico).

| | |
|---|---|
| *socordia circa bonas artes* | a negligência em relação às artes liberais |

§ 99. **Circiter** (pouco usado em prosa clássica).

*A*. Indica proximidade (muito raro): "perto de", etc.

| | |
|---|---|
| *circiter haec loca* | na vizinha dêstes lugares |

*B*. Indicação aproximativa de tempo: "por volta de" (mais freqüente).

| | |
|---|---|
| *circiter meridiem* | por volta de meio-dia |

§ 100. **Circum.** — Esta prep. usa-se só em sentido local (cf. *circa*).

*A*. 1) Indica proximidade, etc.: "em redor de, perto de", etc.

| | |
|---|---|
| *multa templa circum forum sunt* | há muitos templos em redor do foro |
| *multi viri circum illum sunt* | muitos homens o rodeiam |
| *circum Capuam aliquantum commorabor* | passarei algum tempo na vizinhança de Cápua |

2) Com certos verbos de movimento, exprime a idéia de circulação.

| | |
|---|---|
| *servum dimisit circum omnes amicus suos* | mandou um escravo que fôsse ter, sucessivamente, com todos os seus amigos |
| *concursat circum tabernas* | visita tôdas as tabernas, uma após outra |

§ 101. **Cis.** — Esta preposição é pouco usada em latim clássico.

*A*. Significa: "aquém de, dêste lado de", etc.

| | |
|---|---|
| *cis Alpes habitaere* | morar aquém dos Alpes |
| cf. *Gallia Cisalpina* | Gália Cisalpina = o norte da Itália |

*B*. Significa: "daqui a, dentro de", etc. (muito raro).

| | |
|---|---|
| *cis duos dies proficiscar* | partirei dentro de dois dias |

§ 102. **Citra.** — Em latim clássico, esta prep. se usa apenas no sentido local.

*A*. Significa: "para aquém" (sempre com verbos de movimento).

| | |
|---|---|
| *Caesar exercitum citra Rhenum duxit* | César transportou o exército para êste lado do Reno |

*C.* 1) Indica que certo limite não foi atingido: "sem chegar a, abaixo de, inferior a", etc.

| | |
|---|---|
| *hoc citra scelus est* | isto ainda não é crime |
| *ira ejus citra necem constituit* | sua raiva não chegou a matá-lo |

2) Indica anterioridade: "antes de", etc. (muito raro).

| | |
|---|---|
| *citra tempora Troiana* | antes dos tempos troianos |

3) Indica que se faz abstração de certa coisa: "sem falar de, feita abstração de", etc., ou designa privação: "(mesmo) sem", etc.

| | |
|---|---|
| *hoc mare citra magnitudinem Ponto simile est* | êste mar é muito parecido com o Ponto, exceto no tamanho |
| *citra auctoritatem patris abiit* | foi-se embora sem a autorização do pai |
| *virtus citra honores pulchra est* | a virtude é bela, sem falar das honrarias que a acostumam acompanhar (ou: mesmo sem honrarias) |

§ 103. **Contra.**

*A.* Indica posição ou situação diferente, oposta: "do lado opôsto de", etc.

| | |
|---|---|
| *Britannia contra Galliam est* | A Bretanha fica do lado oposto da Gália |

*C.* 1) Exprime a idéia de hostilidade: "contra", tce.

| | |
|---|---|
| *pro patriā contra hostes pugnare* (cf. §77, I, 3) | lutar pela pátria contra os inimigos |

2) Exprime a idéia de transgressão (antônimo: *pro*): "contra, longe de", etc.

| | |
|---|---|
| *contra naturam vivere* (cf. §80, II, nota 2) | viver contra a natureza |
| *contra leges/mores agere* | agir contra as leis/os costumes |
| *contra spem/opinionem convaluit* | recuperou-se ao contrário do que se esperava/pensava |

§ 104. **Erga.** — O sentido local não ocorre mais em latim clássico.

*C.* Indica a que pessoa se dirigem os sentimentos de simpatia (é esta a sua única função em latim clássico) ou de

antipatia (só em autores pós-clássicos): "para com, por, a", etc. — Cf. § 80, I Nota 2.

| | |
|---|---|
| *bonitas erga omnes homines* (cl.) | a bondade para com todos os homens |
| *odium erga Fabium* (pós-cl.) | o ódio contra Fábio |
| cf. também: *anxii erga Sejanum* (pós-cl.) | preocupados em relação a Sejano |

§ 105. **Extra.**

*A*. 1) Significa: "fora de", etc.

| | |
|---|---|
| *extra fines Aeduorum* | fora do território dos éduos |

*C*. 1) Exprime a idéia de transgressão: "fora de, contra", etc.

| | |
|---|---|
| *extra cancellos/fines egredi* | ultrapassar os limites |

2) Exprime a idéia de "ser alheio a": "fora de, alheio a", etc.

| | |
|---|---|
| *extra rem/causam esse* | estar fora do propósito/da questão |

3) Exprime a idéia de exceção: "exceto, salvo", etc.

| | |
|---|---|
| *Extra ducem omnes perierunt* | todos pereceram, exceto o general |

§ 106. **Infra.**

*A*. Significa: "abaixo/em baixo/por baixo de", etc.

| | |
|---|---|
| *Infra lunam terra est* | abaixo da lua acha-se a terra |

*C*. 1) Exprime a idéia de inferioridade: "menos de, inferior a", etc.

| | |
|---|---|
| *infra duo jugera colui* | cultivei menos de duas jeiras |
| *uri sunt magnitudine paulo infra elephantos* (cf. § 84, IV, 2) | os uros são pouco menores do que os elefantes |

2) Exprime a idéia de posteridade: "depois de", etc. (raro).

| | |
|---|---|
| *Homerus non infra Lycurgum fuit* | Homero não foi posterior a Licurgo |

**§ 107. Inter.**

*A*. Significa "entre, no meio de", etc. (usa-se de pessoas e de coisas).

| | |
|---|---|
| *mons Jura est inter Sequanos et Helvetios* | o monte Jura acha-se entre os Séquanos e Helvécios |
| *inter amicos esse* | estar entre amigos |

*B*. 1) Indica os dois limites de um certo prazo: "entre", etc.

| | |
|---|---|
| *inter horam tertiam et quartam* | entre a 3.a e a 4.a hora |

2) Indica o prazo dentro do qual se realiza alguma coisa: "durante, dentro de", etc.

| | |
|---|---|
| *inter tres horas haec omnia facta sunt* | dentro de três horas/em menos de três horas aconteceu tudo isto |

3) Indica um momento qualquer dentro de um certo prazo: "durante, no decurso de, a", etc. (autores pós-clássicos).

| | |
|---|---|
| *inter cenandum* (cf. §31, IV, 2) | ao cear/durante a ceia |

*C*. 1) Exprime a idéia de diferença: "entre", etc.

| | |
|---|---|
| *Quid interest inter amicum et inimicum?* | Qual a diferença entre um amigo e um inimigo? |

2) Exprime a idéia de interrelações, intercâmbio: "entre", etc.

| | |
|---|---|
| *inter omnes constat* | entre todos há unanimidade |

3) Indica as circunstâncias: "entre, em meio a", etc. (cf. B 3).

| | |
|---|---|
| *inter querelas/gemitus* | em meio às queixas/aos gemidos |

4) Indica reciprocidade: "entre", etc.

| | |
|---|---|
| *inter nos/vos/se* (cf. §222) | entre nós/vós/si (= uns a outros) |

5) Idiomatismos:

| | |
|---|---|
| *inter nos dicere licet aperte* | entre nós ("entre nous") pode faler-se abertamente (= confidencialmente) |

| | |
|---|---|
| *honestissimus inter omnes cives* (cf. § 88, V, 2a) | o mais honrado de todos os cidadãos |
| *pugna inter paucas/omnes/cunctas nobilis* | uma batalha extremamente notável |
| *inter sicarios accusari* (cf. § 89, I, 3a) | ser acusado de homicídio pago |

§ 108. **Intra.**

*A.* Significa: "dentro de", etc.

| | |
|---|---|
| *intra parietes meos* | dentro das paredes da minha casa |

*B.* Significa: "dentro de/em", etc.

| | |
|---|---|
| *redibit intra paucos dies* | voltará dentro de breves dias |

*C.* 1) Indica limitação: "dentro de", etc.

| | |
|---|---|
| *intra legem hoc feci* | fiz isto dentro das disposições legais |
| *intra fortunam vixit* | viveu de acôrdo com a sua condição (social ou econômica) |

2) Com números, significa: "menos de", etc.

| | |
|---|---|
| *intra ducentos equites* | menos de 200 cavaleiros |

§ 109. **Juxta.** — Esta palavra nunca é usada por Cícero (nem como adv., nem como prep.).

*A.* Indica proximidade imediata: "junto a, perto de, ao lado de", etc.

| | |
|---|---|
| *juxta viam Appiam sepulcra sunt* | ao lado da Via Ápia há sepulcros |

*C.* Indica conformidade, norma: "segundo, conforme", etc. (emprêgo pós-clássico).

| | |
|---|---|
| *juxta praecepta regis* | conforme as instruções do rei |

§ 110. **Ob.**

A. Significa: "diante de" (raro); com verbos de movimento e de repouso.

| | |
|---|---|
| *adhuc mihi ob oculos versatur* | ainda está diante dos meus olhos |
| *exercitum ob Romam duxit* | conduziu o exército às portas de Roma |

*B.* 1) Exprime a idéia de causalidade: "por, por causa de", etc. (cf. *propter*):

| | |
|---|---|
| *ob eam rem/quam ob rem* | por isso/pelo que |

2) Exprime a idéia de finalidade (raro: pràticamente só em fórmulas arcaicas, combinado com o gerúndio/gerundivo, cf. §31, III, 1).

| | |
|---|---|
| *ob rem judicandam pecuniam accipere* | receber dinheiro para julgar uma causa |

## §111. Penes.

Esta prep., de emprêgo muito limitado, quer dizer: "em poder de, com", etc.; ocorre exclusivamente em combinação com pessoas.

| | |
|---|---|
| *penes unum omnis potestas est* | o poder está nas mãos de um só |

## §112. Per.

*A.* 1) Significa: "através de", etc.

| | |
|---|---|
| *Arar per fines Aeduorum fluit* | o Saône corre pelo território dos éduos |

2) Exprime a idéia de espalhamento: "por, em todo....", etc.

| | |
|---|---|
| *per(totam)urbem gemitus captivorum audiebatur* (cf. §85, II, 4) | em tôdas as partes da cidade ouvia-se o gemido dos prisioneiros |
| *homines fusi per agros vagabantur* | os homens viviam dispersos pelos campos |

*B.* 1) Significa: "durante" (cf. em inglês: *for*), acrescentando-se às vêzes a um ac. de duração (cf. §74, III, 2a).

| | |
|---|---|
| *amicus meus per tres dies hic mansit* | meu amigo ficou aqui três dias |

*C.* 1) Indica o meio, principalmente com pessoas: "mediante, através de".

| | |
|---|---|
| *per sicarios necare inimicos* | matar seus inimigos mediante pagamento |
| *per epistulam certiorem me fecit de adventu suo* (cf. §84, I, 1) | mediante uma carta informou-me da sua vinda |

2) Indica o modo, a maneira de que se faz alguma coisa (Salústio e Tác.).

| | |
|---|---|
| *per vim* = *vi* (cf. § 83, II, 2c) | violentamente, com violência |

3) Indica restrição: "quanto a", etc. (sobretudo com *posse* e *licet*).

| | |
|---|---|
| *per me vobis licet/potestis ire* | por mim/quanto a mim, podeis ir |

4) Usa-se em obsecrações: "por", etc.

| | |
|---|---|
| *per deos immortales vos oro*(1) | imploro-vos pelos deuses imortais |

5) Indica causa (raro) = *ob* ou *propter:* "por causa de", etc.

| | |
|---|---|
| *per aetatem inutiles videbantur* | devido à sua idade, pareciam ser inúteis |

§ 113. **Pone.**

Esta prep. encontra-se muito pouco em prosa clássica; sua função e a mesma de *post*, sempre no sentido local.

| | |
|---|---|
| *pone tergum manus vinctae erant* | suas mãos estavam amarradas atrás das costas |

§ 114. **Post.**

*A*. Significa: "atrás de", etc.

| | |
|---|---|
| *post me erat Aegina* | atrás de mim ficava Egina (nome de ilha) |

*B*. Exprime a idéia de posterioridade e de ordem: "depois de", etc.

| | |
|---|---|
| *post Christum natum* (cf. § 28, II) | depois do nascimento de Cristo |
| *post homines natos* (cf. § 28, II) / *post hominum memoriam* (cf. § 88, II, 1) | desde tempos imemoriais |
| *post Mercurium alios deos colunt* | depois de Mercúrio (isto é, em grau menor) veneram os outros deuses |

§ 115. **Praeter.**

*A*. Significa: "ao longo de".

| | |
|---|---|
| *Eurotas praeter Spartam fluit* | (o rio) Eurotas corre ao longo de Esparta |

(1) Nesta função, *per* é muitas vêzes separado da palavra "regida", p. e.: *per ego vos deos immortales oro.*

*C.* 1) Indica transgressão, contrariedade, etc.: "além de, contra", etc.

| | |
|---|---|
| *praeter spem/opinionem* | longe do que se esperava/pensava |
| *praeter consuetudinem* | contra o costume |

2) Indica superioridade, excelência, preferência: "além de", etc.

| | |
|---|---|
| *praeter modum* | sobremaneira |
| *praeter ceteros/alios nobilis* | o mais nobre de todos |
| *praeter cetera/alia* | antes de mais nada, sobretudo |

3) Como muitos outros idiomas, o latim não faz uma distinção muito nítida entre a idéia de exclusão ("exceto") e a de adição ("além de"); *praeter* ocorre nas duas acepções.

| | |
|---|---|
| *praeter consulem multi magistratus aderant in foro* | além do cônsul, muitos magistrados estavam presentes no foro |
| *praeter consulem nemo aderat magistratuum* | exceto o cônsul/fora o cônsul, nenhum dos magistrados estava presente |

§ 116. **Prope.**

*A.* 1) Significa: "perto de, junto a", etc.

| | |
|---|---|
| *prope templum Jovis est domus mea* | minha casa fica perto do templo de Júpiter |

2) Também ocorrem *propius* e *proxime*, igualmente combinados com o ac.

| | |
|---|---|
| *haec insula est propius occasum* | esta ilha fica mais próxima do oeste |
| *vult proxime Italiam manere* | quer ficar nas proximidades da Itália |

3) Combinado com *ab* mais abl.

| | |
|---|---|
| *prope/proprius/proxime a terra* | perto/mais perto/muito perto da terra |

*B.* Significa: "cêrca de, quase, no ponto de", etc. (também *propius* e *proxime*).

| | |
|---|---|
| *prope lucem erat* | estava para amanhecer |
| *proxime solis occasum erat* | era muito perto do pôr do sol |
| cf. *propediem* | dentro em breve |

*C*. Significa: "quase, por um pouco", etc.

| | |
|---|---|
| *prope seditionem ventum est* | por um pouco chegava-se a uma sedição |
| *propemodum* | quase |

§ 117. **Propter.**

*A*. Exprime a idéia de proximidade: "perto de, junto, ao lado de", etc.

| | |
|---|---|
| *propter viam Appiam/agrum* | ao lado da Via Ápia/junto ao campo |

*C*. Indica causalidade: "por, por causa de, devido a", etc. — Cf. *ob*.

| | |
|---|---|
| *propter odium inimicorum ex Italiā discedere* | deixar a Itália por causa do ódio dos inimgos |
| *propter matrem domi manere* | ficar em casa por causa da mãe |

§ 118. **Secundum** (relaciona-se com o verbo *sequi*).

*A*. Significa: "ao longo de, seguindo", etc.

| | |
|---|---|
| *Caesar copias secundum flumen duxit* | César conduziu as tropas ao longo do rio |
| *amicus meus secundum me venit* | meu amigo veio logo atrás de mim |

*B*. Indica sucessão imediata: "logo depois de", etc.

| | |
|---|---|
| *secundum vindemiam proficiscar* | viajar logo depois da vindima |

*C*. Exprime a idéia de hierarquia, ordem, etc.: "depois de", etc.

| | |
|---|---|
| *secundum te nihil mihi carius est solitudine* | depois de ti, nada me é mais caro do que a solidão |

2) Exprime a idéia de norma, regra, etc.: "segundo, conforme", etc.

| | |
|---|---|
| *secundum naturam vivere* (cf. § 80, II, nota 2) | viver de acôrdo com a natureza |

§ 119. **Secus** (ocorre, como prep., só em latim vulgar, sobretudo em textos tardios).

*A*. Significa: "junto a, perto de", etc. (= *prope, juxta*).

| | |
|---|---|
| *secus viam sedebat* | estava sentado ao lado do caminho |

§ 120. **Supra** (cf. *super*).

*A*. 1) Significa: "em cima de/acima de" (com verbos de movimento e de repouso).

| | |
|---|---|
| *supra lunam sunt aeterna omnia* | acima da lua tudo é eterno |
| *supra caput esse* | estar iminente |
| *supra segetes navigare* | navegar por cima da seara |

2) Significa: "além de, do outro lado de", etc.

| | |
|---|---|
| *supra Alexandriam hoc oppidum est* | esta cidade fica do outro lado de Alexandria/é mais longe do que Alexandria |

*B*. Exprime a idéia de anterioridade: "antes de", etc.

| | |
|---|---|
| *supra hanc memoriam* (cf. §88, II, 1) | antes da nossa época |

*C*. 1) Com números, significa: "mais de", etc.

| | |
|---|---|
| *supra quattuor milia hominum* | mais de 4.000 homens |

2) Exprime a idéia de preferência, excelência, superioridade: "além de, acima de", etc.; também a de transgressão, ultrapassamento: "fora de", etc.

| | |
|---|---|
| *supra vires/modum* | acima das fôrças/acima da (justa) medida |
| *supra morem* | fora do costume |
| *supra metum belli Latini terrebat eos conjuratio triginta populorum* | mais do que o mêdo (que tinham) da guerra latina, amedrontava-os a conjuração dos trinta povos |

§ 121. **Trans** (deu a palavra francesa (*très*).

Esta palavra tem sempre sentido local; usa-se com verbos de movimento e de repouso, e significa: "(para) além de, (para) o outro lado de", etc. Seus antônimos são *citra* e *cis*.

| | |
|---|---|
| *Germani trans Rhenum incolunt* | os germanos moram do outro lado do Reno |
| *Caesar trans Rhenum Germanos ejecit* | César lançou os germanos para além do Reno |

§ 122. **Ultra.**

*A*. No sentido local, tem as mesmas funções da prep. *trans*.

| | |
|---|---|
| *ultra montes habitare* | morar além das montanhas/atrás das montanhas |
| *ultra montes hostes ejicere* | lançar os inimigos para além das montanhas |

*B*. Significa: "mais de", etc.

| | |
|---|---|
| *ultra biennium hic vixit* | viveu aqui mais de dois anos |

*C*. Exprime a idéia de superioridade, mas também de transgressão: "além de".

| | |
|---|---|
| *hoc est ultra fidem* | isto ultrapassa o que se pode crer |
| *ultra modum progredi* | transgredir os limites |

§ 123. **Versus** (deu a palavra francesa *vers*).

Esta palavra, que apresenta as variantes *versum* e *vorsum* (arc.), nunca chegou a ser uma preposição no sentido próprio do têrmo; faz parte dos advérbios (e preposições): *adversus; retrorsum* ("para trás"), *sursum* ("para cima"), *rursum/rursus* ("de volta, de novo"), *prorsus* ("para frente, completamente"), *deorsum* ("para baixo"), etc.

*Versus/versum*, combinado com o ac. de nomes geográficos, significa: "rumo a", p. e. *Romam versus:* "rumo a Roma" (lit.: "tendo-se voltado a Roma"); mas geralmente a palavra vem reforçada da preposição *ad* ou *in*, p. e.: *ad Oceanum versus:* "em direção ao Oceano".

## PREPOSIÇÕES QUE ADMITEM APENAS O ABLATIVO

§ 124. **Ab**(1).*

*A*. Indica separação das proximidades de: "de, por parte de, do lado de", etc.

| | |
|---|---|
| *proficiscor a Romā* (cf. § 71, I) | parto das proximidades de Roma |
| *abeunt a templo* (cf. § 71, I) | partem das proximidades do templo |

(1) *Ab* antes de vogais e *h*–; *a* antes de consoantes; *abs* antes de *c*–, *qu*– e *t*–, principalmente na combinação *abs te:* "por ti".

2) Idiomatismos:

| | |
|---|---|
| *castra munita non erant a portā decumanā* | o acampamento não era fortalecido do lado da porta decumana (= principal) |
| *a fronte/tergo alicujus* | na frente/nas costas de alguém |
| *a dextrā/sinistrā* | do lado direito/esquerdo |
| *stare a senatu* | seguir o partido senatorial |
| *minister ab epistulis/a rationibus/ libellis* | o secretário/o tesoureiro/o ministro encarregado de receber e de expedir as petições |

*B.* Significa: "(logo) depois", etc.

| | |
|---|---|
| *a pueritiā/puero/pueris* | desde a infância |
| *ab eo/illo tempore* | a partir daquele tempo |
| *ab initio* | desde o início |
| *a tuo discessu pater meus rediit* | logo depois da tua saída voltou meu pai |

*C.* 1) Indica origem: "de, provindo de, descendente de," etc.

| | |
|---|---|
| *omnes reges a Belo* (cf. §82, II) | todos os reis descendentes de Belo |

2) Indica o agente de uma ação passiva: "por" (só sêres animados)

| | |
|---|---|
| *laudari a magistro* (cf. §82, IV) | ser louvado pelo professor |

3) Indica relação, ponto de vista, etc.: "quanto a, no que diz respeito a".

| | |
|---|---|
| *nihil ei deest neque a naturā neque doctrinā* (cf. §82, V, 2c) | nada lhe falta, nem em dons naturais, nem em formação cultural |

4) Indica causa, motivo, etc. de uma ação ativa: "por", etc.

| | |
|---|---|
| *mitescere a solē* | amadurecer sob a influência do sol |
| *ab irā/ab odio* (só em autores pós-clássicos; cf. §84, III, 2a) | por raiva/por ódio |

§125. **Absque** (extremamente raro em prosa clássica).

Na comédia, esta prep. tem a função de *si sine*, principalmente em combinação com pron. pessoais, p. e. em frases dêste tipo: *absque te esset, hodie non viverem:* "não fôsse teu (auxílio)/sem ti, não viveria mais".

Na linguagem jurídica, coloquial, em latim da época imperial e em textos tardios, encontramos *absque* muitas vêzes como sinônimo de *sine*, principalmente em combinação com palavras abstratas, p. e.: *absque periculo* = *sine periculo:* "sem perigo".

§ 126. **Clam** (relaciona-se com *celare*, cf. §75, IV).

Esta palavra é quase sempre adv.: "às escondidas", etc.; como prep., rege o abl. em latim clássico, mas (geralmente) o ac. em latim arcaico. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *clam vobis fugit* (cláss.)<br>*clam vos fugit* (comédia) | fugiu sem vós saberdes |

§ 127. **Coram** (>*co-ōr-am; -ōr-* ~ *os* (= "boca") cf. em francês: *vis-à-vis*.

Também esta palavra é, no mais das vêzes, adv., p. e.: *coram adesse:* "estar presente pessoalmente"; às vêzes, ocorre também combinada com o abl., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Coram patre hoc dixisti* | falaste isto na presença de teu pai. |

§ 128. **Cum.**

*A*. 1) Indica companhia: "com"; muitas vêzes acompanhado de *unā* ("juntamente com"); emprega-se em relação a pessoas e coisas.

| | |
|---|---|
| *semper (unā) cum amico est* | sempre está em companhia do seu amigo |
| *cum gladio esse* (cf. §83, I, 2) | estar com a espada, estar armado |

2) Idiomatismos:

| | |
|---|---|
| *reputare cum animo/secum* (cf. §89, I, 5)<br>*cogitare cum animo/secum* | considerar, reputar |
| *esse cum imperio* | exercer o comando |

*B*. Significa: "(juntamente) com logo ao", etc. (raro).

| | |
|---|---|
| *cum luce/primo mane* | logo ao amanhecer |

*B*. Indica o modo, a maneira (cf. §83, II): "com" (ou mediante um adv.)

| | |
|---|---|
| *cum gaudio salutat ducem* | saúda o general com alegria/alegremente |
| *magno (cum) gaudio salutat ducem* | saúda o general com muita alegria/muito alegremente |

2) Indica conseqüência: "para", etc.

| | |
|---|---|
| *hoc bellum factum est cum magnā clade civitatis nostrae* | esta guerra foi feita para grande calamidade dos nossos cidadãos |

§ 129. **De.**

*A.* Indica separação de duas coisas estreitamente ligadas entre si, ou então, separação no sentido vertical; "de, abaixo", etc.

| | |
|---|---|
| *anulum de digito detrahere* | tirar o anel do dedo |
| *dejecit se de muro/de tecto* | lançou-se da muralha/do telhado |

*B.* 1) Indica sucessão (muitas vêzes, imediata) e posterioridade: "depois de".

| | |
|---|---|
| *non est bonus somnus de prandio* | não é bom dormir logo depois do almôço |
| *diem de die prospectare* | aguardar um dia após outro |

2) Significa: "ainda durante", etc.

| | |
|---|---|
| *de die/nocte* | quando ainda era dia/noite |
| *de mense decembri navigare* | navegar ainda em dezembro |

*C.* 1) Significa: "a respeito de, acêrca de, sôbre", etc.

| | |
|---|---|
| *de conjuratione colloqui* | conversar sôbre a conjuração |
| *libri de Officiis* | os livros sôbre os deveres, ou: "Os Deveres" |

2) Exprime a idéia partitiva, vindo a substituir o gen. partitivo (cf. § 88, 4); "de", etc.

| | |
|---|---|
| *homo de plebe* | um homem da plebe |
| *aliquis de nostris* | um dos nossos |

3) Indica a matéria concreta de que foi feita uma coisa, como também, a situação existente antes de uma transformação: "de", etc.

| | |
|---|---|
| *signum de marmore factum* (cf. § 88, VII) | uma estátua feita de mármore |
| *carcer de templo fit* | faz-se um cárcere do templo |

4) Indica causa, motivo, etc.: "por", etc.

| | |
|---|---|
| *eā/hac de re* | por êste motivo/por esta razão |
| *quā de causā?* | por que? |
| *gaudeo de adventu tuo* (cf. § 71, I, 3, nota) | alegro-me com a tua vinda |

5) Indica norma, medida: "conforme, de acôrdo a", etc.

| | |
|---|---|
| *de meā sententiā* | a meu ver |
| *de tuo exemplo* | a/seguindo teu exemplo |

6) Idiomatismos:

| | |
|---|---|
| *de integro* (também *ab/ex integro*) | de novo |
| *de improviso/transverso* | inesperadamente |

§ 130. **Ex**(1).

*A*. Indica separação de dentro para fora: "de", etc. (cf. § 71, I).

| | |
|---|---|
| *ex urbe/templo discedere* | sair da cidade/do templo |

2) Idiomatismos:

| | |
|---|---|
| *e muro/ex equo pugnare* | lutar na muralha/a cavalo |
| *ex itinere/e fugā* | de viagem/durante a fuga |
| *ex omni/utrāque parte* (também *ab*) | de todos os lados/dos dois lados |

*B*. Significa: "(logo) depois", etc. (muitas vêzes, para indicar sucessão imediata).

| | |
|---|---|
| *ex eo/illo tempore* | a partir daquele tempo |
| *ex quo profectus est, numquam rediit* | desde que partiu, jamais voltou |
| *ex consulatu in provinciam profectus est* | logo depois de terminado seu consulado, foi à província |

*C*. 1) Indica descendência biológica imediata (cf. § 82, II) e proveniência geográfica (com nomes de países): "de", etc.

| | |
|---|---|
| *ex Jove natus est* | é filho de Júpiter |
| *negotiator ex Africā est* | é um negociante, natural da África |

(1) Sempre se pode usar a forma *ex*, também antes de consoantes; esta forma é obrigatória antes de vogais.

2) Exprime a idéia partitiva (cf. §88, V): "de", etc. (cf. *de*).

| | |
|---|---|
| *duo e militibus* | dois dos soldados |

3) Indica a matéria concreta de que foi feita uma coisa, como também, a situação existente antes de uma transformação: "de", etc. (cf. *de*).

| | |
|---|---|
| *signum e marmore factum* | uma estátua feita de mármore |
| *ex senatore mendicus factus est* | de senador tornou-se mendigo |

4) Indica causa, motivo, etc.: "por", etc. — Mais comum é *de*.

| | |
|---|---|
| *ex eā/eādem causā* | por êste motivo/pelo mesmo motivo |
| *ex edicto/senatus consulto* | em virtude do edito/do senatus-consulto |

5) Indica conformidade, norma, etc.: "conforme", etc. — Cf. *de*.

| | |
|---|---|
| *ex animi (meī) sententiā* | conforme minha honesta opinião, ou: honestamente, sinceramente |
| *ex sententiā* | conforme o desejo, ou: felizmente |
| *ex animo* | de todo o coração, ou: cordialmente |
| *ex tempore* | conforme as circunstâncias (cf. *supra*, B 2) |
| *ex usu esse* | ser proveitoso |
| *e meā/tuā re est* | é no meu/teu interêsse |
| *e re publicā loqui* | falar de acôrdo com os interêsses do Estado |

### §131. **Palam.**

Esta palavra nunca é usada em prosa clássica como prep., mas apenas como adv. Na poesia e nos autores pós-clássicos encontramos: *palam populo/me:* "na presença do povo/na minha presença", etc.

### §132. **Prae.**

*A.* Significa: "adiante, para a frente" (com verbos de movimento), e menos freqüentemente: "em frente, adiante" (com verbos de repouso).

| | |
|---|---|
| *pugionem prae se tulit* | levou diante de si um punhal |
| *armentum prae se agere* | impelir o rebanho |

**Nota.** *Prae se ferre* tem quase sempre o sentido figurado de "mostrar ostentivamente, exibir, alardear", etc.; *praeferre aliquid alicui rei* quer dizer: "preferir alguma coisa a outra".

*C.* 1) Exprime a idéia de comparação: "comparado com", etc.

| | |
|---|---|
| *prae illo viro dives sum* | em comparação com aquêle homem sou rico |
| *prae ut/quam dicam, hoc nihil est* | em comparação com aquilo que vou dizer, isto é insignificante |

2) Exprime a idéia de superioridade, excelência, etc.: "mais (do) que", etc.

| | |
|---|---|
| *prae ceteris beatus est* | é mais feliz do que todos os demais |
| *scelestior prae omnibus/aliis* (cf. *ante*. §96 C) | mais criminoso do que todos os outros |

3) Exprime a idéia de uma causa ou motivo impediente: "por causa de", etc.

| | |
|---|---|
| *prae lacrimis loqui non potuit* (cf. § 84, III, 2b) | não pôde falar por causa das lágrimas |

§133. **Pro.**

*A.* Diferentemente de *ante* (cf. §96, A), *pro* indica uma posição "perante" uma coisa, mas tendo-a pelas costas.

| | |
|---|---|
| *pro castris considere* | assentar-se diante do acampamento (para fins de defesa) |
| *ante castra considere* | assentar-se diante do acampamento (como inimigo, para atacá-lo) |

*C.* 1) Exprime a idéia de defesa: "por, em defesa de", etc.

| | |
|---|---|
| *pugnare pro patriā* | lutar pela pátria |

2) Exprime a idéia de substituição: "por, em lugar de", etc.

| | |
|---|---|
| *loqui pro amico* | falar em nome do/pelo amigo |
| *mihi pro patre est* (cf. §85, II, 1, nota) | faz as vêzes de pai para num, ou: êle é um pai para mim. |
| *pro patre te habeo* (cf. §75, I, nota 1) | considero-te como pai |
| *pro eo ac si* / *proinde ac si* (cf. §164, IV) | como se |

3) Exprime a idéia de troca e de permutação: "por, em troca de", etc.

| | |
|---|---|
| *pro meritis gratiam refero tibi* | sou-lhe (devidamente) grato pelos favores recebidos |

4) Exprime a idéia de proporção, medida, etc.: "para, em proporção a", etc. ou a de motivo; "dado, levado em consideração", etc.

| | |
|---|---|
| *pro multitudine hominum angustos fines habent* | para o grande número de habitantes ocupam um território pequeno |
| *pro virili parte* | na medida das fôrças |
| *pro ratā parte* | proporcionalmente |
| *proelium atrocius quam pro numero pugnantium fuit* (cf. § 147, III, 2) | a batalha foi mais violenta do que era de esperar pelo número dos combatentes |
| *pro ut/prout* (cf. § 211, I, 1e, nota) | na medida em que |
| *pro tuā prudentiā* (cf. § 225, IV, 3) | dada a tua prudência, levada em consideração a tua prudência |

5) Exprime a idéia distributiva: "por", etc.

| | |
|---|---|
| *pro se quisque fugiebat* | cada um por si (isto é, sem reparar no que faziam os outros) fugia |

§ 134. **Procul.** Em latim clássico, esta palavra não é prep., mas vem sempre seguida de *ab*, p. e. *procul a mari:* "longe do mar". A partir de Tito Lívio encontramo-la como preposição ("longe de", etc.)

| | |
|---|---|
| A. *procul mari* | longe do mar |
| C. *procul dubio/periculo* | sem dúvida/sem perigo |

§ 135. **Simul.** Êste adv., em latim clássico, é sempre combinado com *cum*, p. e. *simul/ūnā vobiscum;* além disso, pode ser empregado como conjunção, cf. § 154.

Os autores pós-clássicos empregam *simul* também como prep., p. e. *simul vobis:* "juntamente convosco".

§ 136. **Sine** Esta prep. usa-se em relação a pessoas e a coisas: "sem". — Cf. também § 149, II.

| | |
|---|---|
| *sine uxore in Galliam proficisci* | ira à Gália sem a espôsa |
| *sine dubio/sine ullā dubitatione* | sem dúvida (alguma) |
| *venisne cum fratre an sine?* | vens com teu irmão ou sem? |
| *non sine aliquo dubio* (cf. § 227, I) | não sem alguma dúvida |
| Mas: *nullo meo merito* | sem nenhum mérito meu |

## PREPOSIÇÕES QUE ADMITEM O ACUSATIVO E O ABLATIVO

### § 137. In.

I. ***Combinado com o acusativo.***

*A*. Exprime a idéia de penetração: "para (dentro de), a, em", etc.

| | |
|---|---|
| *in urbem (Romam)/templum ire* (cf. § 70, II) | ir à cidade (de Roma)/ao templo |

*B*. 1) Indica que certo limite está atingido: "até", etc.

| | |
|---|---|
| *in multam noctem colloqui* | conversar até alta noite |
| *a sole orto in multum diei* (cf. § 88, V, 1b) | desde o levantar do sol até pleno dia |

2) Indica um momento ou prazo no futuro: "para", etc.

| | |
|---|---|
| *distuli hoc in posterum diem* | adiei isto para o dia seguinte |
| *in omne tempus/in aeternum/in perpetuum* (cf. § 74, III, 2d) | para sempre |

3) Idiomatismos:

| | |
|---|---|
| *in tempus* | *a*) conforme as circunstâncias;<br>*b*) por ora, por enquanto. |
| *in diem* | *a*) cada dia;<br>*b*) de um dia para outro;<br>*c*) por enquanto, para o dia de hoje |
| *in dies* | *a*) de um dia para outro;<br>*b*) por enquanto |
| *in (singulos) dies* | cada dia |

*C*. 1) Exprime a idéia de divisão, distribuição: "em, "entre", etc.

| | |
|---|---|
| *Gallia est omnis divisa in partes tres* | Gália, vista na sua totalidade, divide-se em três partes |

2) Exprime a idéia de destinação, finalidade: "para", etc.

| | |
|---|---|
| *mittere copias in praesidium* (cf. § 79, II) | mandar tropas para fins de guarnição |
| *aliquid in exemplum intueri/assumere* | ter alguma coisa por/tomar como exemplo |

3) Exprime a idéia de transformação, mudança: "em, para", etc.

| | |
|---|---|
| *mutare viros in animalia* | transformar homens em animais |

4) Exprime o modo, método, etc.: "de, à maneira de", etc.

| | |
|---|---|
| *hostilem in modum* | à maneira de um inimigo |
| *in universum* | de um modo geral, geralmente |
| *in vicem/vices* (cf. §222) | *a)* alternadamente<br>*b)* reciprocamente, mùtuamente (época imperial) |

5) Exprime a idéia de relação, ponto de vista: "quanto a", etc.

| | |
|---|---|
| *res pulchra in speciem = specie* (cf. §82, V) | uma coisa aparentemente bela |

6) Indica a que pessoa ou coisa se dirigem sentimentos de simpatia ou de antipatia (cf. *adversus, erga*): "para com, contra, a, por", etc.

| | |
|---|---|
| *amor in amicos* | o amor para com os amigos |
| *odium in hostes patriae* | o ódio contra os inimigos da pátria |

II. ***Combinado com o ablativo.***

*A*. Significa: "em", etc. (cf. §85, III).

| | |
|---|---|
| *in urbe/in Siciliā habitare* | morar na cidade/em Sicília |

*B*. 1) Indica um período dentro do qual se situa um acontecimento: "a, por".

| | |
|---|---|
| *bis in die* (cf. §86, II) | duas vêzes ao dia |
| *ter in anno* | três vêzes por/ao ano |

2) Indica, de um modo geral, a época durante a qual se situa um acontecimento, sem precisar o momento da sua realização: "durante, no decurso de", etc.

| | |
|---|---|
| *in consulatu Ciceronis* | durante o consulado de Cícero |
| *in pueritiā/senectute* (cf. §86, II) | durante/na infância/na velhice |
| *in bello* | durante a guerra |
| *in tempore* (idiomatismo) | em tempo oportuno |
| *in (hoc libro) legendo* (cf. §31, IV, 2) | ao ler (êste livro) |

*C.* 1) Exprime a idéia de circunstância, situação, etc.: "em", etc.

| | |
|---|---|
| *in talibus temporibus* (cf. § 86, II) | em tais circunstâncias |
| *res in eo est ut....* | a coisa chegou a tal ponto que... |
| *in odio esse* (cf. § 60, III, 1) | ser odiado |
| *in salute communi maluit pericula monstrare quam celare* | tratando-se de salvar a comunidade, preferiu apontar os perigos a ocultá-los |

2) Exprime a idéia de circunstância explicativa: "dado, em vista de", etc.

| | |
|---|---|
| *in infirmissimā valetudine pater meus hoc iter facere noluit* | dado seu estado de saúde muito precário, meu pai não quis fazer esta viagem |

3) Exprime a idéia de circunstância impediente: "a despeito de", etc.

| | |
|---|---|
| *in magno aere alieno magnas possessiones habebant* | a despeito das suas grandes dívidas tinham grandes posses |

4) Exprime a idéia de pertencer a certo número, grupo: "em, entre", etc.

| | |
|---|---|
| *in numero amicorum te habeo* (cf. § 75, I, nota 1) | considero-te (como) amigo |
| *in primis* = *imprimis* (adv.) | sobretudo; sobremaneira |

## § 138. **Sub***

### I. ***Combinado com o acusativo.***

*A.* 1) Com verbos de movimento: "para baixo, abaixo", etc.

| | |
|---|---|
| *librum sub mensam jacere* | atirar o livro abaixo da mesa |

2) Exprime a idéia de se aproximar de uma coisa mais alta: "a, de", etc.

| | |
|---|---|
| *sub murum accedere* | aproximar-se da muralha |

*B.* 1) Significa: "pouco antes de, para", etc.

| | |
|---|---|
| *sub noctem advenit* | chegou pouco antes da noite |

2) Significa: "pouco/logo depois", etc.

| | |
|---|---|
| *sub eas litteras statim sunt recitatae tuae* | logo depois dessa carta foi recitada a tua |

*C.* Exprime a idéia de chegar à condição de inferioridade: "a, sob, em", etc.

| | |
|---|---|
| *redegit incolas sub imperium* | reduziu os habitantes à submissão |

II. ***Combinado com o ablativo.***

*A.* 1) Significa: "abaixo de, por/em baixo de", etc., com verbos de repouso ou estado, mas também com verbos de movimento quando a ação verbal não ultrapassa os limites indicados (cf. *in* mais abl. §85, III).

| | |
|---|---|
| *liber sub mensā jacet* | o livro está debaixo da mesa |
| *sub umbrā arborum deambulare* | passear na sombra das árvores |

2) Exprime a idéia de estar próximo de uma coisa mais alta: "sob, ao pé de", etc.

| | |
|---|---|
| *sub monte habitare* | morar ao pé da montanha |

*B.* Indica o período durante o qual se situa certo acontecimento: "durante".

| | |
|---|---|
| *sub luce/sub brumā* | de dia/durante o inverno |
| *sub adventu Romanorum* | durante a chegada dos romanos |
| cf. *sub Vespasiano* | sob (o reinado de) Vespasiano |

*C.* Exprime a idéia de submissão (estado): "sob, abaixo de", etc.

| | |
|---|---|
| *sub imperio/potestate esse Caesaris* | estar sob o poder de César |

2) Indica as circunstâncias: "sob, a, em", etc. (só em latim pós-clássico).

| | |
|---|---|
| *sub poenā mortis* | sob pena de morte |
| *sub (hac) conditione* | à condição/a esta condição |

§ 139. **Super** (cf. *supra*).

I. ***Combinado com o acusativo.***

*A.* 1) Significa: "em cima de", etc., respondendo à questão *quo* ?, como também, à questão: *ubi ?* (nesta última função, em poesia e em latim pós-clássico).

| | |
|---|---|
| *super aspidem assidere* | sentar-se em cima de uma cobra |
| *vestis super genua erat* | o vestido nem chegava aos joelhos |

2) Em descrições geográficas: "para lá de, além de", etc.

*super Bosporum habitare* — morar do outro lado do Bósforo

*B.* Significa: "durante" (só em autores pós-clássicos).

*super cenam* — durante a ceia

*C.* 1) Exprime a idéia de superioridade, etc.: "mais (do) que", etc.

*super omnes beatus es* — és mais feliz do que todos os demais

*super omnia* — antes de mais nada

**Nota.** Em latim clássico, é mais comum dizer-se: *praeter omnia*, etc.

2) Significa: "além de".

*super anulum vas pretiosum accepit* — além de um anel, recebeu um vaso precioso

II. ***Combinado com o ablativo.*** Nesta combinação, o emprêgo de *super* é bastante raro em latim clássico.

*A.* Com verbos de movimento e de repouso:

*ensis super cervice pendet* — a espada pende sôbre a sua nuca
*aves super arboribus considunt* — as aves empoleiram-se nas árvores

*B.* Significa: "durante" (extremamente raro).

*super cenā* — durante a ceia

*C.* Significa: "a respeito de, acêrca de", etc. — Emprêgo vulgar e pós-clássico.

*super hac re ad te scribam* — a respeito dêste assunto escrever-te-ei

## "POSPOSIÇÕES"

§ 140. **Causā e Gratiā.** — Cf. § 31, I, 3; § 84, III, 2c. Autores pós-clássicos colocam as duas palavras também em "próclise".

§ 141. **Ergo.** — Esta palavra, mais ou menos sinônima de *causā* e *gratiā*, mas muito menos usada, é também combinada com o gen., p. e. *victoriae ergo:* "por causa da vitória", e *virtutis ergo:* "por causa da virtude".

## § 142. Tenus.

I. ***Combinado com o genitivo.***

Esta regência encontra-se só na poesia e na prosa da época imperial: *tenus* significa: "até" (= ± *usque ad*), p. e.: *labrorum tenus:* "até os lábios"; *Corcyrae tenus:* "até Corcira", etc.

II. ***Combinado com o ablativo.***

A. Significa: "até".

| | |
|---|---|
| *Tauro tenus regnare* | reinar até o Tauro |

*B.* Significa: "até".

| | |
|---|---|
| *Cantabrico tenus bello* | até a guerra cantábrica |

*C.* Significa: "só até, só, não além de", etc.

| | |
|---|---|
| *nomine tenus* | só de nome |
| *eā/hactenus* (adv.) | até êsse/êste ponto |
| *nullā tenus* (adv.) | absolutamente não |
| *quātenus* | *a*) à medida que<br>*b*) visto que, já que, etc. (só época imperial) |

## Capítulo IX

# A SUBORDINAÇÃO EM LATIM

§143. **Parataxe e Hipotaxe.** — I. ***Anterioridade da parataxe.*** A parataxe (coordenação) é anterior à hipotaxe (subordinação). Esta última pressupõe um grau bem mais alto de reflexão, de abstração e de capacidade lógica do que aquela, — fatôres pouco desenvolvidos entre povos primitivos e crianças. Sem dúvida, a antiga língua indo-européia possuía alguns pronomes e advérbios relativos (em geral, pouco distinguíveis dos demonstrativos), bem como algumas partículas "conjuncionais". Mas, de um modo geral, devemos imaginar que os indo-europeus não diziam p. e.: "Êste homem deve ser castigado, *porque* roubou uma vaca", mas se exprimiam, à maneira de crianças: "Êste homem deve ser castigado. Roubou uma vaca".

II. ***Passagem de parataxe para a hipotaxe.*** A hipotaxe não é apenas posterior à parataxe, mas dela também se origina. Alguns exemplos, tirados de vários idiomas, podem ilustrar esta evolução.

| PARATAXE | HIPOTAXE |
|---|---|
| 1) Perguntei-lhe: "Onde mora teu pai?" | Perguntei-lhe onde morava seu pai |
| 2) *Wer singt dort? Das ist mein Bruder*(1) | *Wer dort singt, (das) ist mein Bruder* |
| 3) *I see the man. That (man) robbed me!* | *I see the man that robbed me* |
| 4) *Meine Eltern schliefen schon. Da kam ich nach Hause*(2) | *Meine Eltern schliefen schon, da ich nach Hause kam* |
| 5) *Rogo te: "Ubi habitas?"* | *Rogo te, ubi habites* |
| 6) *Er sagte: "Ich bin niemals in Rom gewesen"*(3) | *Er sagte, er sei niemals in Rom gewesen* |

Partindo dêstes exemplos, podemos verificar alguns fatos interessantes:

*a*) O ritmo e o acento da frase são diferentes na parataxe e na hipotaxe: ler em voz alta as frases correspondentes!

*b*) Em alguns casos, certas palavras mudam de função gramatical, p. e. *Wer* (interrogativo > relativo); *That* (demonstrativo > relativo); *Da* (adverbial > conjuncional).

*c*) Em algumas línguas (p. e. em alemão e em holandês) a ordem das palavras varia (cf. os exemplos 2 e 4).

(1) Quem canta lá? Êsse é meu irmão. — Quem canta lá, (êsse) é meu irmão.
(2) Meus pais já dormiam. Então cheguei à casa. — Meus pais já dormiam, quando cheguei à casa.
(3) Disse: "Nunca estive em Roma". — Disse que nunca tinha estado/esteve em Roma.

*d*) Em alguns casos, varia o tempo (cf. *mora* e *morava*, no exemplo 1), ou o modo (cf. *habitas* e *habites*, no exemplo 5; *bin* e *sei*, no exemplo 6), etc.

III. ***Caraterístico da hipotaxe.*** Nasce a hipotaxe quando, para a consciência lingüística de um dado povo, duas proposições, originàriamente uma independente da outra, chegam a constituir uma unidade orgânica e inseparável, tornando-se uma delas subalterna em relação à outra. A hipotaxe, uma vez nascida, estende-se, por um processo analógico, também a tipos de frases, onde a parataxe originàriamente não tinha cabimento, p. e.: *I don't see the man that robbed me* ("Não vejo o homem que me roubou").

De tôdas as modificações assinaladas acima a mais importante para o latim é a variação de tempos e de modos: fazemos abstração do ritmo e do acento, fatôres muito difíceis de averiguar numa língua morta. A matéria principal dêste capítulo será, portanto, o estudo metódico do emprêgo dos tempos e dos modos em proposições subordinadas. Sobretudo é importante o estudo dos modos: já vimos que o Subjuntivo em latim se tornou o modo de "subordinação" por excelência (cf. § 53, I, 3).

IV. ***Diversas espécies de cláusulas.*** Preterindo inúmeras distinções e subdivisões que são de somenos importância para o nosso assunto, podemos dividir as proposições subordinadas ou cláusulas nestas categorias:

1) Cláusulas substantivas, das quais já estudamos a construção em capítulos anteriores: o A. c. I., o N. c. I. e as perguntas indiretas. Neste capítulo havemos de encontrar alguns outros tipos.

2) Cláusulas adjetivas, que apresentam, em geral, poucas dificuldades para o leitor brasileiro, porque têm a mesma estrutura do português; algumas particularidades serão expostas nos §§ 166–167; em seguida (§ 168), estudaremos as cláusulas relativas com valor adverbial, construção que existe também em português, mas em latim é muito mais freqüente. Na frase: "Vejo o homem *que me assaltou*", a cláusula relativa "que me assaltou" é simplesmente adjetiva (= "vejo o homem assaltante"); mas, na frase: "Enviou homens que me assaltassem", a cláusula relativa, além de se referir ao entecedente "homens", possui também valor circunstancial ou adverbial, porque é equivalente à cláusula: "para que (êsses) me assaltassem".

3) Cláusulas adverbiais, que vêm introduzidas por uma conjunção subordinativa, p. e.: "quando, depois que; como; ainda que; a fim de que", etc. São sobretudo estas cláusulas que precisam de um estudo aprofundado e, por isso mesmo, constituirão o assunto principal dêste capítulo (nos §§ 144–165).

V. ***Cláusulas declarativas e desiderativas.*** Já vimos no § 53, III a divisão das orações independentes em frases declarativas e frases desiderativas. A mesma divisão se aplica, em tese, também às cláusulas, só que aqui houve numerosas "deslocações" que acabaram por alterar profundamente o esquema primitivo. Preterindo distinções de valor meramente teórico, podemos distribuir as cláusulas latinas entre as duas classes de frases da seguinte maneira:

1) Cláusulas declarativas ou enunciativas. De um modo geral, pertencem a esta classe:

*a*) as cláusulas causais (cf. § 150);

*b*) as cláusulas temporais (cf. §§ 151–156);

*c*) as cláusulas condicionais, construídas com o Real (cf. § 158, I);

*d*) as cláusulas concessivas, introduzidas por *etsi*, *quamquam*, etc. (cf. § 161; § 162, I);

*e*) as cláusulas comparativas simples (cf. § 164);

*f*) as cláusulas relativas adjetivas (cf. § 166).

2) Cláusulas desiderativas: De um modo geral, pertencem a esta classe:

*a*) as cláusulas finais (cf. §§ 144–145);

*b*) as cláusulas temporais com valor final (*dum*, cf. § 156, II);

*c*) as cláusulas condicionais, construídas com o Irreal (cf. § 158, II);

*d*) as cláusulas condicionais com valor final (*dum*, cf. § 160, III);

*e*) as cláusulas concessivas, construídas com o Irreal (cf. § 162, II);

*f*) as cláusulas comparativas condicionais (cf. § 165);

*g*) muitas cláusulas relativas adverbiais (p. e. com valor final, cf. § 168, I).

**Notas.**

1) Tôdas as cláusulas desiderativas são construídas com o Subj.; o modo normal das cláusulas declarativas é o Ind., mas muitas vêzes encontramos nelas o Subj., o qual deve ser explicado ou como Pot. (que é também uma frase declarativa), ou então, como Subj. de "subordinação". Ver as explicações nos diversos parágrafos que tratam dêsses assuntos (p. e. § 66, II; § 147, III, 3; § 152, II).

2) Encontramos a partícula de negação *ne* nas cláusulas finais e em cláusulas temporais com valor final (*dum/dummodo ne*); nas demais, usa-se *non*. Em cláusulas condicionais, a negação normal é *nisi*. — Cf. também § 170.

## A) CLÁUSULAS CONJUNCIONAIS

### CLÁUSULAS FINAIS

§ 144. **Cláusulas finais livres.** — I. ***Generalidades.*** As conjunções mais usadas em latim são *ut* e *uti* ("para que") e *ne* ("para que não"); o português substitui muitas vêzes a cláusula "conjuncional" por uma proposição infinitiva precedida de "para", p. e.: "Foi a Roma para visitar os templos dos deuses", em lugar de: "Foi a Roma para que visitasse os templos dos deuses". O modo empregado em cláusulas finais é, como em português, sempre o Subjuntivo; os tempos usados são, como em português, o Subj. Pres. (depois de um

tempo primário na oração principal) e o Subj. Impf. (depois de um tempo secundário na oração principal). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Romam proficiscitur ut videat templa deorum* | Êle vai à Roma para ver os templos dos deuses |
| *Romam profectus est ut videret templa deorum* | Êle foi a Roma para ver os templos dos deuses |

II. ***As conjunções.*** Além de *ut/uti* e *ne* encontramos:

1) *ut ne* = *ne*, principalmente em latim arcaico. A forma *ut ne* é sobretudo usada em combinação com o pron. indefinido *qui(s)*, *qua*, *quid* e *quod*.

2) *quo* = *ut;* usa-se em cláusulas com adj. ou adv. no grau comparativo; *quo* é abl. de medida (cf. § 84, IV).

3) *nēve* e *neu* (negativos) usam-se no segundo membro de uma cláusula final negativa.

4) quanto a *quominus* e *quin*, cf. § 146. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hoc dixi (ut) ne quis ignoraret quantopere te diligerem* | Falei isto para que ninguém ignorasse quanto te amava |
| *Milites ad flumen misit quo incolae hujus regionis liberius aquarentur* | Enviou soldados ao rio para que os habitantes desta região pudessem prover-se de água com mais liberdade |
| *Caesar castra movit ut hostes deciperentur neve/neu* (ou: *neque*) *Romanos aquā intercluderent* | César levantou o acampamento para que os inimigos fôssem logrados e não interceptassem a água aos romanos |
| *Caesar castra movit ne hostes impetum facerent neve/neu Romanos aquā intercluderent* | César levantou o acampamento para que os inimigos não fizessem um ataque e não interceptassem a água aos romanos |

**Notas.**

1) A negação numa cláusula final sempre deve ser expressada pela conjunção *ne*, não por pron. ou adv. negativo, p. e.: *ne quis ignoraret* = "para que *ninguém* ignorasse", cf. § 147, III,1.

2) O emprêgo de *neve/neu* é obrigatório depois de *ne* na primeira cláusula final; depois de *ut*, pode usar-se também *neque*. Cf. § 203, II, 1.

III. ***Observações.*** 1) Na oração principal regente de uma cláusula final encontramos muitas vêzes advérbios, tais como: *ideo*, *eo*, *idcirco*, etc. ("por isso, com o fim de", etc.)

2) Ocorrendo na cláusula final uma referência ao sujeito da oração principal, na forma de um pron. pessoal ou adj. possessivo (3.ª pess.), usam-se sempre *se*, etc. e *suus*, etc. (não *eum*, etc. ou *ejus*). A cláusula final constitui uma íntima unidade com a oração principal. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar ideo/idcirco castra movit ne hostes se* (ou: *milites suos*) *aquā intercluderent* | Por isso César levantou o acampamento para que os inimigos não lhe (ou: aos seus soldados) interceptassem a água |

3) Quanto a outras construções finais, cf. §35, II, 2.

§145. **Clausulas completivas.** — I. ***A diferença entre cláusulas livres e completivas.*** Cláusulas finais são chamadas "livres", quando o significado do verbo regente não exige necessàriamente o complemento de uma frase final; nesta hipótese, o português usa a conjunção "para (que)", etc. Na frase: "Comemos para viver, não vivemos para comer", temos dois exemplos de cláusulas livres: o verbo "comer" não exige necessàriamente o complemento final: "para viver", nem "viver" o complemento final: "para comer". Tôdas as cláusulas finais encontradas no parágrafo anterior eram cláusulas livres.

Cláusulas finais são chamadas "completivas" ou "complementares", quando exprimem o complemento necessário de um verbo regente, cuja idéia básica seja a de indicar esfôrço, intenção, desejo, vontade, etc. Em português, tais cláusulas não são consideradas como "finais", mas como "integrantes", p. e.: "Quero/desejo *que saias*". Muitas vêzes acontece que o português aqui se serve de "proposições reduzidas" do tipo: "Exortou-me *a falar a verdade*", ou: "Esforcei-me *por consolá-lo*". Em todos êsses tipos de frases encontramos, em latim, uma construção que, formalmente, nada ou pouco se distingue da construção de cláusulas finais livres.

A cláusula final completiva é anterior à cláusula final livre, e o Subj. empregado ali explica-se diretamente como Subj. optativo (cf. §56, I) ou como Subj. voluntativo (cf. §57). Na frase: *Cupio, ut mox redeas* ("Desejo que voltes logo"), temos originàriamente duas frases coordenadas; *Cupio. (Ut) mox redeas!* = "Desejo. (Oxalá) voltes logo!"; cf. *Jubeo ut mox redeas* < *Jubeo. (Ut) mox redeas;* na primeira frase, temos um Subj. optativo; na segunda, um subj. voluntativo. Com o tempo, porém, *ut/uti* foi perdendo seu caráter de advérbio exclamativo (cf. §211) para se transformar numa conjunção (= "que"), devido ao seu emprêgo freqüente em tais combinações. Por outras palavras, as duas orações originàriamente inde-

pendentes: *Cupio. Ut mox redeas!*, passaram a constituir uma unidade íntima, chegando a ser lidas e interpretadas assim: *Cupio, ut mox redeas.* Nascera a hipotaxe em vez da antiga parataxe. Mas a nova interpretação de *ut* como "conjunção" possibilitava também sua aplicação àqueles casos em que o verbo regente não exprimia desejo ou vontade, mas indicava tôda e qualquer atividade, p. e.: "viver" e "comer"; destarte se originaram as cláusulas finais "livres" do tipo: *Non vivimus ut edamus, sed edimus ut vivamus*, em que *ut* se traduz, não por "que", mas por "para que". Neste tipo de frases, o Subj. era cada vez mais considerado como exigido ou "regido" pela conjunção *ut;* na realidade, também êste subj. de "subordinação" remonta a um subj. optativo ou jussivo, usado em parataxe: *ut edamus* exprime e intento do sujeito da oração principal; ora, um intento envolve a idéia de desejo ou de vontade.

Devido a essa origem histórica, não se usa em cláusulas finais a negação *non*, mas *ne*, porque esta forma é a única admitida com o subj. optativo e o subj. voluntativo.

II. ***Os verba optandi, curandi, etc.*** Os verbos latinos que admitem uma cláusula final completiva, são muito numerosos. Um dos grupos mais importantes poderia ser rubricado como os VERBA OPTANDI, CURANDI ET POSTULANDI, isto é, os verbos que exprimem a idéia de "desejo, cuidado e solicitação". Os mais importantes são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *adhortari/admonēre* | exortar | *operam dare* | esforçar-se por |
| *id agĕre* | esforçar-se por | *optare* | desejar |
| *capĕre consilium* | tomar o plano | *orare* | rogar, pedir |
| *cavēre* | precaver-se | *pati/sinĕre* / *permittĕre* | permitir, deixar |
| *contendĕre* | desempenhar-se | | |
| *cupĕre* | desejar | *persuadēre* | induzir, levar a |
| *curare* | cuidar | *petĕre* | pedir, solicitar |
| *efficĕre/facĕre* | fazer com que | *poscĕre* / *postulare* | pedir, exigir |
| *flagitare* | exigir, pedir | | |
| *hortari* | exortar | *precari* | pedir, suplicar |
| *imperare* | ordenar, mandar | *prospicĕre* / *providēre* | providenciar |
| *impetrare/mandare* | conseguir | | |
| *jubēre* | ordenar, mandar | *rogare* | pedir |
| *laborare* | esforçar-se por | *velle* | querer |
| *malle* | preferir | *vetare* | proibir |
| *nolle* | não querer | *vidēre* | cuidar |
| *obsecrare* | implorar | *cogĕre* | forçar, obrigar |

III. ***Observações.*** 1) Com êstes verbos pode faltar *ut* em cláusulas positivas; em cláusulas negativas, o emprêgo de *ne* é obrigatório. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Te rogo atque oro (ut) me adjuves* | Rogo-te insistentemente (que) me ajudes |
| *Hortatus est milites ne fugerent* | Exortou os soldados a não fugir |

2) As formas *quaeso* ("suplico, peço") e *quaesumus* ("suplicamos, pedimos"), sobretudo usadas em preces e em frases de cortesia (= "por obséquio", cf. § 55, I, 5), são igualmente combinadas com *ut/ne*, p. e.: *Deos quaesumus (ut) nobis adsint* = "Oramos aos deuses que nos ajudem", e: *Januam, quaeso, ne claudas!* = "Não feches a porta, por obséquio!" — Mas o verbo *quaerĕre* tem raramente essa construção; geralmente significa: "perguntar" (com pergunta indireta), ou então: "procurar" (mais Inf. objetivo).

3) *Vidēre ut* significa: "providenciar para que", p. e.: *Tibi videndum erit ut servi adsint:* "Tu deverás providenciar para que os escravos estejam presentes", e *vidēre ne* pode ser a negação dessa frase (p. e.: *Tibi videndum erit ne servi desint*). Mas *vidēre ne* significa também: "considerar se não", e *vidēre ne non:* "considerar se"). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Videte ne honestius sit fugere quam hic manere* (cf. § 66, IV) | Considerai se não é mais honroso fugir do que permanecer (= Talvez seja mais honroso fugir do que permanecer) |
| *Videte ne non sit necesse fugere* | Examinai se é necessário fugir (= Talvez não seja necessário fugir) |

4) *Cavēre* admite várias construções: com *ne*, *ut ne* mais Subj., ou com o simples Subj., mas nunca com *ut*. Estas locuções, muitas vêzes reforçados com *quaeso, sis*, etc., exprimem uma proibição enérgica (cf. § 55, III, 3). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cave mentiaris*<br>*Cave (ut) ne mentiaris*<br>*Cave, quaeso/sis, mentiaris* | Não mintas, por favor! |

5) As formas *fac* e *cura* são usadas em ordens e em proibições enérgicas, geralmente com a omissão de *ut*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Fac/Cura taceas!* | Cala-te! |
| *Fac/Cura ne loquaris!* | Não fales! |

6) Muitos dos verbos registrados acima admitem também o A. c. I., sem que haja grande diferença, quanto ao significado, entre as duas construções. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Volo (ut) exeas*<br>*Volo te exire* | Quero que saias |
| *Malo ne abeas*<br>*Malo te non abire* | Prefiro que não saias |

7) Mas alguns verbos mudam de significado, conforme fôr usado *ut* ou o A. c. I. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Censeo eum virum fortem esse* | Julgo-o varão forte |
| *Censeo desistas a consiliis tuis* | Aconselho-te a desistir de teus planos |
| *Censeo mihi esse proficiscendum* | Julgo dever partir (cf. §34, I, 2) |
| *Concedo hoc esse verum* | Concedo que isto seja verdade |
| *Concedo ut Romam proficiscaris* | Permito-te ir a Roma |
| *Non curat Romam videre* (cf. §73, I, 3a) | Não lhe interessa ver Roma |
| *Cura/fac valeas!* (cf. *supra* 5) | Adeus! Passe bem! |
| *Dux curat* { (*ut*) *milites pontem deleant* / *militibus pontem delendum* (cf. §34, II, 2) } | O general faz os soldados destruir a ponte |
| *Fac/statue hoc verum esse* | Admite que isto seja verdade |
| *Fac liberos tuos bene educes* | Faze tudo para educar bem teus filhos |
| *Persuasit mihi se verum dixisse* | Convenceu-me de que tinha falado a verdade |
| *Persuasit mihi ut verum dicerem* | Persuadiu-me a falar a verdade |
| *Moneo te jamdiu me illud dixisse* | Lembro-te de que te disse aquilo já faz muito tempo |
| *Moneo te ne patriam prodas* | Previno-te que não traias a pátria |
| *Hix vir contendit hostes proximos esse* | Êste homem afirma que os inimigos estão muito próximos |
| *Hic vir contendit ut a populo Romano sibi faveatur* | Êste homem empenha-se em granjear o favor do povo romano |

**Nota.** Como se vê pelos exemplos, o A. c. I. é a construção própria dos verbos que exprimem uma atividade mental ou intelectual; *ut* mais Subj., a dos verbos que exprimem uma atividade pertencente à esfera moral (cf. *facĕre, persuadēre, contendĕre,* etc.).

8) Muitos verba sentiendi et declarandi podem ser construídos com *ut/ne* mais Subj., quando exprimem ordem, desejo, vontade, intenção, etc., tais como: *dicĕre, nuntiare, negare, censēre, statuĕre,* etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dico ancillam januam clausisse* | Digo que a empregada fechou a porta |
| *Dico* (*ut*) *ancilla januam claudat* | Digo (= ordeno) que a empregada feche a porta |

9) Os verbos *imperare* e *mandare* pedem sempre *ut/ne;* assim também *optare; jubēre* rege, geralmente, o A. c. I., exceto em fórmulas jurídicas, p. e.:

*Populus Romanus jubet* (*ut*) *Cicero relegetur*: "O povo romano ordena que Cícero seja relegado".

§ 146. **Outros tipos de cláusulas finais completivas.** — Também outros verbos latinos, fora do grupo de verbos já estudados no parágrafo anterior, admitem cláusulas integrantes que, quanto à sua construção, são perfeitamente iguais a cláusulas finais. Mencionamos aqui alguns verbos impessoais (I), os verbos timendi (II) e os verbos impediendi (III).

I. ***Alguns verbos impessoais,*** p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *expedit* | é útil | *necesse est* | é necessário |
| *licet* | é lícito | *oportet* | cumpre |

Com êstes verbos o Subj. é o chamado voluntativo; no caso de *licet* temos mais especìficamente o Subj. permissivo (cf. § 57, III). Sempre falta *ut;* também se pode usar o A. c. I. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Oportet verum dicas*<br>*Oportet te verum dicere* | Cumpre que fales a verdade |
| *Oportet ne mentiaris*<br>*Oportet te non mentiri* | Cumpre que não mintas |

II. ***Os verba timendi.*** 1) Os verba timendi (*timēre, metuĕre, verēri,* etc.; também locuções do tipo: *periculum est,* etc.), quando levarem consigo uma cláusula positiva, pedem *ne* mais Subj.; levando consigo uma cláusula negativa, pedem *ut* ou *ne non* mais Subj. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Timeo ne urbs nostra ab hostibus capiatur* | Temo que a nossa cidade seja tomada pelos inimigos |
| *Timeo ut/ne non repellere possimus Germanos ex Italiā* | Temo que não consigamos expulsar os germanos da Itália |

2) Observações.

*a*) Também esta construção se explica pela parataxe: *Timeo. Ne urbs nostra ab hostibus capiatur!* = "Estou com mêdo. Oxalá não seja tomada a nossa cidade pelos inimigos!", e: *Timeo. Ut*(= *Utinam*) *possimus repellere Germanos!* = "Estou com mêdo. Oxalá consigamos expulsar os germanos!" A conjunção original em cláusulas positivas era, portanto, *ut;*

só depois se criou *ne non*, formação analógica feita sôbre o modêlo de *ne*. Cf. em francês: *Je crains que notre ville ne soit prise*, e: *Je crains que nous ne puissions pas expulser les Germains*.

*b*) A prosa clássica prefere *ne non* a *ut*, quando a oração principal é negativa ou tem tendência negativa; o emprêgo de *ne non* é obrigatório, quando a negação na cláusula se refere a uma só palavra. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Timere non debeo, ne non damnetur Verres* | Não preciso temer que Verres não seja condenado |
| *Timeo ne hoc faciens non me solum, sed omnes amicos abs te alienes* | Temo que, fazendo assim, te alheies não só de mim, mas de todos os amigos |

*c*) Os verba timendi são combinados com o Inf. objetivo, quando significam: "hesitar em, duvidar", etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Caesar verebatur flumen transgredi* | César hesitava em atravessar o rio |

*d*) Os verbos timendi admitem também o Subj. Impf. e Msqupf., quando o motivo do receio se refere ao tempo anterior. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Timeo ne librum amiserim* | Receio ter perdido o livro |
| *Timebam ne librum amississem* | Receava ter perdido o livro |

III. ***Os verba impediendi.*** 1) O significado básico é o de "contrapor sua vontade à de outrem". Os verbos mais importantes dêste grupo são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *deterrēre* | atemorizar, intimidar | *prohibēre* | impedir |
| *impedire* | impedir | *resistĕre* | resistir, opor-se |
| *interdicĕre* | proibir | *recusare* | recusar |
| *obsistĕre* | resistir | *repugnare* | opor-se |
| *obstare* | obstar | *retinēre* | reter, deter |

Todos êstes verbos pedem *ne* ou *quominus* mais Subj., quando se encontram numa oração regente com valor afirmativo; sendo negativa a oração regente, a conjunção é *quominus* ou *quin*, igualmente mais Subj. O português emprega com êstes verbos muitas vêzes uma proposição infinitiva, introduzida por uma preposição. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Impedio te ne/quominus exeas* | Impeço-te que saias, ou: Impeço-te de sair |
| *Non impedio te quominus/quin exeas* | Não te impeço que saias, ou: Não te impeço de sair |

2) Observações.

*a*) Também esta construção se explica pela parataxe: *Impedio te. Ne exeas!* = "Impeço-te. Não saias!"; *Non impedio te. Quin exeas?* = "Não te impeço. Por que não sairias?"

*b*) Quanto ao significado de *quin*, cf. § 148, II, 5; quanto a *quominus*, cf. § 181, I, 1.

*c*) *Prohibēre* rege geralmente o A. c. I.; *vetare* sempre, na prosa clássica; mas em poesia encontra-se também *vetare ne/quominus*, etc.

## CLÁUSULAS CONSECUTIVAS

§ 147. **Cláusulas consecutivas livres.** — I. ***Generalidades.*** As conjunções mais usadas são *ut* e *ut non*. O modo é sempre o Subj.; quanto ao emprêgo dos tempos, cf. *infra* II. Há dois tipos de cláusulas consecutivas livres: na oração regente pode ocorrer uma palavra (pron., adj. ou adv.) indicativa de grau ou de intensidade, p. e.: "Bebeu *tanto* vinho *que* se embriagou"; neste caso, a conjunção consecutiva usada em português é "que". Tal palavra, porém, pode faltar, e a conjunção em português será: "de modo/sorte/maneira/forma que"; um exemplo dêste segundo tipo é: "Bebeu muito vinho, *de modo que se* embriagou".

As palavras mais usadas para indicar grau ou intensidade são:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *is*, *ejusmodi*, *talis* | tal, de tal natureza | *tantus* (adj.) | tamanho |
| *ita/sic* | assim | *tot* (adj.) | tantos |
| *adeo/(usque)eo* | a tal ponto | *tantum*, *tantopere* (adv.) | tanto |
| *tam* | tão | *eā conditione* | a esta condição |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Graviter vulneratus erat, ut jam se sustinere non posset* | Estava gravemente ferido de modo que não podia suster-se mais |
| *Tot libros emit ut locus eis desit* | Comprou tantos livros que não há lugar para êles |
| *Tantopere/Tantum iratus est, ut nunc etiam horream* | Êle ficou tão furioso que ainda agora estou horrorizado |
| *Tantopere irascebatur, ut statim fugerim* | Êle estava tão furioso que logo fugi |
| *Tantā celeritate milites ierunt, ut hostes facile assecuti sint* | Os soldados marcharam com tamanha rapidez (ou: tão depressa) que fàcilmente passaram na frente dos inimigos |
| *Talia/ea verba tua* / *Verba tua ejusmodi* } *sunt ut credere non possim te loqui* | Tuas palavras são de tal natureza que não posso crer que sejas tu quem fala |

II. ***O emprêgo dos tempos.*** As cláusulas consecutivas não constituem uma unidade tão íntima com a oração regente como p. e. as cláusulas finais. Por isso têm, geralmente, o tempo absoluto, e não o tempo relativo (cf. § 12, I), em latim bem como em português. Os exemplos dados acima demonstram bem que o emprêgo dos tempos em cláusulas consecutivas é bastante livre, não obedecendo a um esquema rigoroso.

O mesmo fato explica também que uma referência dentro da cláusula ao sujeito da oração principal (3.ª pessoas) não se faz por meio de *suus* ou *se*, etc. mas por *ejus* e *eum*, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tot libros emit ut domus ejus eos capere non possit* | Comprou tantos livros que sua casa não tem lugar para êles |
| *Vir tam praeclarus est ut omnes nos eum admiremur* | É homem tão notável que todos nós o admiramos |

III. ***Observações.*** 1) Em cláusulas finais negativas, a conjunção tem que apresentar-se na forma de *ne* (cf. § 144, II, 4, Nota 1); em cláusulas consecutivas negativas, a conjunção tem que apresentar-se na forma de *ut*, seguido de *non* ou de qualquer outra palavra negativa (*nemo; nihil; numquam;* etc.). Usa-se portanto:

| EM CLÁUSULAS CONSECUTIVAS: | EM CLÁUSULAS FINAIS: |
|---|---|
| *ut nemo:* "de modo que ninguém" | *ne quis:* "para que ninguém" (cf. § 227, I, 3) |
| *ut nihil:* "de modo que nada' | *ne quid:* "para que nada" (cf. § 227, I, 3) |
| *ut numquam:* "de modo que nunca" | *ne umquam:* "para que nunca" |
| *ut nusquam:* "de modo que em nenhuma parte" | *ne usquam:* "para que em nenhuma parte" |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hortamur ne quis aciem deserat* | Fazemos um apêlo para que ninguém abandone a fileira |
| *Omnes tam acriter pugnaverunt, ut nemo aciem deseruerit* | Todos combateram tão valentemente que ninguém abandonou a fileira |

2) A frase portuguêsa: "Êste serviço é muito pesado para uma mulher poder fazê-lo", tem, em latim, também a construção das cláusulas consecutivas: *Hoc opus molestius est*

*quam ut mulier facere possit.* Em lugar de *quam ut*, usa-se muitas vêzes *quam qui*, etc. (cf. § 168, IV, 3).

**Nota.** A frase: "Êste serviço é muito pesado para uma mulher" deve ser traduzida: *Hoc opus molestius est quam pro muliere* (cf. § 133, C 4).

3) O emprêgo do Subj. em cláusulas consecutivas, também naquelas que indicam uma conseqüência real ou efetiva, tem algo de surpreendente e não se encontra nas línguas românicas. A praxe deve ter sido originada pelo emprêgo do Subj. potencial (cf. § 56, II) numa construção "paratática" dêste tipo: *Non sum tam demens. Ut miser esse velim?* = "Não sou tão tolo. Como (= *ut*) poderia eu querer ser infeliz?". Também o emprêgo do Subj. voluntativo ou optativo em cláusulas consecutivas que exprimiam, ao mesmo tempo, intenção, desejo, etc., deve ter contribuído para se generalizar o Subj., p. e. *Magnā voce loculus sum, ut omnes me audire possent* ("Falei claro, de modo que todos me entendessem bem"). E finalmente, a construção de *ut* final deve ter influenciado a construção de *ut* consecutivo. No mais das vêzes, o Subj. em cláusulas consecutivas não passa de Subj. de "subordinação".

§ 148. **Cláusulas consecutivas completivas.** — I. ***Generalidades.*** Alguns tipos de cláusulas integrantes em português são consideradas como cláusulas consecutivas (completivas) em latim, p. e.: "Aconteceu que numa só noite todos os romanos em Éfeso foram assassinados": *Factum est ut unā nocte omnes Romani Ephesi occiderentur.* O latim usa aqui *ut* consecutivo por ligar ao verbo principal "aconteceu" o valor de "aconteceu de tal modo que". Êste tipo de cláusulas consecutivas encontra-se com os seguintes verbos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *longe/multum abest ut* | falta muito para | *fieri(non) potest ut* | (não) é possível que |
| *accedit ut* (cf. § 210, II, 1d) | acresce que | *lex est ut* | é lei que |
| *accidit ut* | acontece que | *locus est ut* | há oportunidade de |
| *contingit ut* | acontece que | *mos est ut* | é costume que |
| *est ut* | acontece que | *nihil relinquitur nisi ut* | nada resta senão |
| *evenit ut* | acontece que | *relinquitur ut* / *reliquum est ut* / *restat ut* | resta que |
| *facere ut* | fazer com que | | |
| *fit ut* | acontece que | | |
| *sequitur ut* | (daí) se segue que | | |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Fit/Accidit/Evenit ut patres boni filios pessimos habeant* | Acontece/Sucede que bons pais têm péssimos filhos |
| *Hic locus est ut de Cicerone loquamur* | Aqui se nos apresenta a oportunidade de falar sôbre Cícero |
| *Nihil relinquitur/restat nisi ut pulchre moriamur* | Nada nos resta a não ser uma morte gloriosa |

**Nota.** Neste tipo de frases, encontramos geralmente uma conexão íntima entre o tempo do verbo regente e o tempo da cláusula, de modo que as regras da "consecutio temporum" (Cf. § 64, III) são observadas.

II. ***Observações.*** — 1) É muito comum a locução: *Qui fit ut?* = "Como/Por que acontece que?". Êste *qui* não é nom., mas abl. instrumental, e encontra-se também em outras expressões, p. e. *Qui potest?* = "Como é possível?"; o mesmo *qui* faz parte da palavra composta *quin* = *qui non* ("como/por que não?"), que já encontramos no § 146, III e de que tornaremos a falar no § 149. Exemplo com *qui fit:*

| | |
|---|---|
| *Qui fit ut nemo contentus sorte suā vivat?* | Como acontece/explicar que ninguém viva contente com sua sorte? |

2) Na expressão: *Longe/Multum abest ut mihi faveat* ("Falta muito para êle me ser favorável"), a palavra *longe* ou *multum* pode ser substituída por *tantum* ("tanto"); neste caso, podem seguir-se duas cláusulas consecutivas, uma dependente de *abest*, a outra de *tantum*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Tantum abest ut mihi faveat, ut (etiam) in vulgus me diffamet* | Falta tanto para êle me ser favorável que (até) chega a difamar-me pùblicamente, ou melhor: Está tão longe de me ser favorável que (até) chega a.... |

Para maior clareza, a segunda cláusula leva muitas vêzes consigo um advérbio que indica clímax (*etiam/quoque*) ou oposição (*contra*).

Cícero omite freqüentemente o segundo *ut*, e inicia uma outra frase, completamente independente da construção iniciada, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Tantum abfuit ut inflammares nostros animos: somnum vix tenebamus* | Faltou tanto para nos entusiasmares que mal dominávamos o sono, ou melhor: Estavas tão longe de nos entusiasmar que mal.... |

3) Quando uma das expressões registradas acima (sob o item 1), vier acompanhada de um elemento qualificativo (p. e. *bene fit; male factum est; accidit commode; illud/hoc evenit; huc accedit; magna laus est*, etc.), a cláusula é geralmente introduzida por *quod* mais Ind. (cf. § 210, II); em latim arcaico, mas raramente em latim clássico, emprega-se também *cum* mais Ind. (cf. § 152, I, 4). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Bene fecisti quod me admonuisti* | Fizeste bem em me lembrar |
| *Male mihi accidit quod nunquam eum vidi* | Infelizmente para mim, nunca o vi |
| *Huc accedit quod parum eloquens est* | A isto acresce que êle é pouco eloqüente |
| *Magna laus ejus est quod patriam servavit* | Seu grande mérito é o de ter salvo a pátria |
| *Praeclare facis cum puerum diligis* | Fazes muito bem em amar o menino |

4) Muitas das locuções assinaladas acima admitem também outras construções. Mencionamos aqui:

| | |
|---|---|
| *Locus est cognoscere/cognoscendi mores Germanorum* | É o lugar indicado para conhecer os costumes dos germanos |
| *Mos ejus est gerere/gerendi tela* | Seu costume é carregar armas |
| *Sequitur deos esse et generi humano providere* (A. c. I). | Daí se segue que os deuses existem e cuidam do gênero humano |
| *Contigit mihi reginam videre* | Sucedeu-me ver a rainha |

5) Em lugar de *mos est*, encontramos muitas vêzes: *moris est* (gen. partitivo, cf. § 88, V).

6) *Facĕre ut*, quando indica esfôrço, intenção, etc., é final; *facĕre ut*, quando indica simplesmente o efeito, é consecutivo. Notem a diferença entre:

| | |
|---|---|
| *Rerum obscuritas facit ut non facile intellegatur oratio* (consec.) | A obscuridade dos assuntos tem por efeito a difícil compreensão do discurso |
| *Fecisti ne quis e templo exiret* (fin.) | Impediste que alguém saísse do templo |

§ 149. **O emprêgo de "quin" e a tradução de "sem que".** — I. ***O emprêgo de "quin".*** A conjunção *quin* pode ser empregada apenas DEPOIS DE ORAÇÕES PRINCIPAIS NEGATIVAS; já encontramos construções do tipo: *non dubito quin hoc verum sit* (cf. § 66, IV, Nota 1), e: *Non impedio quin exeas* (cf. § 146, III). Neste parágrafo devemos ver o emprêgo de *quin* consecutivo. Distinguimos:

1) Usa-se *quin* com locuções negativas que significam: "é impossível, não posso deixar, não falta muito, não deixo escapar a oportunidade", etc. Em todos êsses casos, *quin* pode ser substituído por *ut non*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Fieri non potest quin/ut non oderimus hostes patriae* | É impossível que não odiemos os inimigos da pátria |
| *Facere non possum quin/ut non mittam ad te cotidie litteras* | Não posso deixar de te mandar cada dia uma carta |

| | |
|---|---|
| *Non multum afuit quin/ut non omnes obsides occiderentur a rege* | Não faltou muito para que todos os reféns fôssem mortos pelo rei |
| *Nihil praetermisi quin mihi Caesarem reconciliarem* | Não deixei escapar nenhuma oportunidade para me reconciliar com César |

**Nota.** *Quin* = *Ut non* tem aqui valor consecutivo, porque o latim interpreta a frase: *fieri non potest quin*, etc., como: "não pode acontecer de tal maneira que", cf. § 148, I.

2) Usa-se *quin* com locuções negativas que exprimem grau ou intensidade, principalmente com os dois advérbios *tam* e *adeo*. Também êste *quin* pode ser substituído por *ut non*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Nemo erat tam durus quin/ut non fleret* | Ninguém era tão desumano que não chorasse |

**Nota.** O emprêgo de *quin* nos dois casos assinalados explica-se pela parataxe primitiva, em que *quin* significava: "Como/Por que não ?" (cf. § 148, II, 5), p. e.: *Quin non oderimus hostes patriae ? (Id) fieri non potest:* "Por que não odiaríamos os inimigos da pátria ? Isso é impossível", e: *Quin non fleret ? Nemo erat tam durus:* "Por que (alguém) não teria chorado ? Ninguém era tão desumano". Como se vê, o Subj. usado aqui é o chamado potencial, cf. § 56, II.

3) Usa-se *quin* em correlação com certos pronomes e adjetivos negativos (p. e. *nemo, nullus*) ou de tendência negativa (p. e. *ecquis, numquis*); neste caso, *quin* não pode ser substituído por *ut non* e, muito provàvelmente, não é forma composta do abl. instrumental *qui*, mas do nom. *qui*, sendo substituível por *qui non:* "que não". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nemo erat quin/qui non fleret* | Não havia ninguém que não chorasse |
| *Ecquis fuit quin/qui non fleret ?* | Houve, por ventura, alguém que não chorasse ? |

**Nota.** Também êste *quin* (= *qui non*) tem valor consecutivo, o que se nos torna claro, quando compararmos: *Nemo erat quin fleret*, e: *Nemo erat tam durus quin fleret.* Com efeito, o pron. relativo *qui* tem muitas vêzes valor consecutivo, cf. § 168, IV.

4) O emprêgo de *quin*(= *qui non*) foi-se estendendo analògicamente àqueles casos em que *quin* não substituía o nom. sg. masc. do pro. relativo, mas todo e qualquer outro caso dos três gêneros. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nihil est quin (= quod non) investigando inveniri possit* | Não há nada que não possa ser descoberto por meio de uma investigação |
| *Nulla est confidentia quin (= quam non) amiserim* | Não há nenhuma confiança que não tenha perdido |
| *Nullus dies fuit quin (= quo non) Syracusani solem aliquo tempore viderint* | Não houve nenhum dia em que os siracusanos não vissem o sol durante algum tempo |

**Nota.** Também aqui *quin* tem valor consecutivo, porque se subentende fàcilmente p. e.: *Nihil est (tam arduum) ut non investigando inveniri non possit*, etc.

5) No último exemplo, *quin* poderia ser traduzido também por "sem que": "Não houve nenhum dia, sem que os siracusanos vissem o sol". É partindo dêsses casos que *quin* começou a ser empregado também em casos onde não ocorria uma referência de *quin* a um antecedente na oração principal. A negação, na oração principal, pode apresentar-se sob formas diferentes: *non*, *nullus*, *nemo*, *nusquam*, *numquam*, *nihil*, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Numquam illum aspicio quin ejus in me merita recorder* | Nunca o vejo sem me recordar dos serviços que êle me prestou |
| *Si cades, tu non cades quin ego cadam tecum* | Se caires, não cairás sem que eu caia contigo |

**Nota.** O valor consecutivo dêste *quin* (= "sem que") apresenta-se muito enfraquecido, embora não falte por completo, p. e.: "Se caires, cairás de tal modo que eu também caia", etc.

II. ***A tradução de "sem que".*** A locução "sem (que)" pode ser traduzida das seguintes maneiras:

1) Mediante *sine* mais abl. de um subst. verbal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Omnes dolores tulit sine querelā* | Suportou tôdas as dôres sem queixar-se |
| *Sine praemio domum rediit* | Voltou à casa sem (ter recebido) um prêmio |

2) Mediante *nullus* (no abl.) mais subst., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Nullā culpā hic puer punitus est* | Sem ter nenhuma culpa, êste menino foi castigado |
| *Nullo meo merito laudatus sum* | Fui louvado sem o merecer |

3) Mediante part. ou adj. negativo, ou então positivo que se tornou negativo por *non*, *nullus*, etc. (Cf. §23, III, 2) Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nihil feci non diu consideratum* | Nada fiz sem que examinasse muito tempo a questão |
| *Nesciis/Invitis parentibus istud iter fecisti* (cf, §23, II) | Fizeste essa viagem sem que teus pais soubessem/quisessem |
| *Re infectā legati domum redierunt* | Os embaixadores voltaram a casa sem nada terem conseguido |

4) Mediante *nisi*, depois de uma oração principal negativa, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Istud mihi in mentem non venisset, nisi abs te admonito* (cf. §24, III, 1) | Isso não me teria vindo à memória, sem que tu me tivesses lembrado |

5) Mediante *quin*, depois de uma oração principal negativa, com ligeiro valor consecutivo, cf. *supra*, I, 5; quanto a *antequam* e *priusquam*, cf. §157, III, 2.

6) Mediante coordenação: *neque (tamen)*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Filiam amisit neque (tamen) lacrimavit* | Perdeu a filha sem (porém) chorar |

## 7 CLÁUSULAS CAUSAIS

§150. **As construções mais freqüentes.** — I. ***As conjunções.*** Em latim clássico, uma cláusula causal pode ser introduzida por uma das seguintes conjunções:

| | |
|---|---|
| *quod/quia* | porque |
| *quoniam/quando(quidem)* | uma vez que, já que, visto que, etc. |
| *cum* | porque, como |
| *ut* (explicativo) | que, como |

De tôdas essas conjunções só *cum* (causal) pede o Subj.; as demais regem, por via de regra, o Ind., construção apropriada para uma cláusula causal, que quase sempre é frase declarativa ou enunciativa, e não desiderativa(1). Na oração principal encontramos muitas vêzes advérbios que anunciam e realçam a idéia expressa pela cláusula causal, tais como: *eo, ideo, propterea, idcirco*, etc. Sobretudo é freqüente a correlação *propterea quod*. Quanto ao emprêgo dos tempos, note-se que o latim marca com grande precisão o tempo relativo (cf. §44). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cum mentitus sis, punieris* | Como mentiste, serás castigado |
| *Quoniam oboedire non vis, punieris* | Já que não queres obedecer, serás castigado |
| *Punitus est (propterea) quod mentitus erat* | Foi castigado porque tinha mentido |

(1) Cf. §144, V, 1a.

**Nota.** *Quoniam* e *quando(quidem)* distinguem-se de *quod* e *quia*, porque dão a entender (muitas vêzes, pretensamente) que o motivo alegado é conhecido ou pode ser suposto como conhecido (cf. *puisque*, em francês; *since*, em inglês).

II. ***O Subjuntivo em cláusulas causais.*** Feita abstração de *cum* causal, que sempre rege o Subj., as conjunções causais pedem normalmente o Ind. Mas em dois casos encontramos o Subj. com *quia/quod* (raramente com *quoniam;* nunca com *quando* ou *quandoquidem*):

1) Quando o autor apresenta um motivo sem endossá-lo, deixando-o por conta do sujeito da oração principal. Reparem bem na diferença entre:

| | |
|---|---|
| *Non venit, quia/quod aegrotus erat* | Não veio, porque estava doente |
| *Non venit, quia/quod aegrotus esset* | Não veio, porque dizia estar doente |

**Nota.** Também em latim pode dizer-se: *Non venit quia, ut dicebat/dixit, aegrotabat,* mas essa construção é rara. Encontramos, porém, várias vêzes êste tipo de construção: *Non venit quia diceret se esse aegrotum,* em que há contaminação de: *quia dicebat,* e de: *quia esset.*

2) Quando o autor quer salientar que o motivo alegado não é o verdadeiro, sobretudo na correlação: *non (eo/ideo) quod/quia . . . . . , sed quod/quia,* p. e.

| | |
|---|---|
| *Non eo quod tibi suscenseam, sed quia mentitus es, punieris* | Não porque eu esteja zangado contigo, mas porque mentiste, serás castigado |

**Notas.**

1) Em lugar de *non eo quod,* ocorre também *non quo* (atração do relativo, cf. § 225, VI, 3); em lugar de *non eo quod non,* ocorre: *non quin,* p. e.: *Pater meus Romam ire noluit, non quin monumenta veterum admiraretur, sed quia a molestiis longi itineris abhorrebat* = "Meu pai não quis ir a Roma, não que não admirasse os monumentos dos antigos, mas porque tinha mêdo dos incômodos de uma longa viagem".

2) Cf. também § 165, III, 3b.

III. ***"Ut" explicativo.*** *Ut* explicativo usa-se em combinação com palavras ou locuções que indicam qualidade (adj. ou abl./gen. de qualidade) para explicar o conteúdo da oração regente. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Jugurtha, ut erat impiger/impigro animo, statim in magnam claritudinem venit* | Enérgico como era, Jugurta logo se tornou muito afamado* |

## CLÁUSULAS TEMPORAIS

§ 151. **Observações preliminares.** — I. ***As principais conjunções.*** As relações temporais que existem entre a ação verbal da cláusula e a da oração principal, são muito variadas; destarte se explica que existam várias conjunções temporais. Podemos dividi-las da seguinte maneira:

1) *Cum* (indica simultaneidade e anterioridade): "quando, depois que", etc.
2) *Postquam/posteaquam* (indica anterioridade): "depois que", etc.
3) *Ubi/Ut (primum)*, *Cum (primum)*, *Simul (ac/atque)* (indica anterioridade): "logo que", etc.
4) *Antequam/priusquam* (indica posterioridade): "antes que", etc.
5) *Dum/quoad/donec* (indica simultaneidade): "enquanto", etc.

**Nota.** As palavras *postquam, posteaquam, priusquam, antequam* podem ser separadas por outras palavras, p. e. *post.... quam*, etc.*

II. ***Modos e Tempos.*** O modo normal das cláusulas temporais é o Ind., construção apropriada para frases enunciativas; às vêzes, porém, encontramos cláusulas temporais com o Subj., o qual se explica — em alguns casos — como Subj. optativo, voluntativo ou potencial, mas em outros casos não passa de Subj. de subordinação.

Algumas conjunções temporais indicam com grande precisão o tempo relativo, mas no mais das vêzes encontramos o tempo absoluto, reminiscência da antiga parataxe.

Nos seguintes parágrafos (152–156) trataremos da construção das diversas conjunções temporais, devendo limitar-nos às linhas mestras. Dar e explicar tôdas as construções seria incompatível com o escôpo dêste livro, visto que o emprêgo dos modos e dos tempos em cláusulas temporais sofreu sobremaneira a influência da analogia. O estudioso de latim poderá convencer-se dêsse fato, ao consultar um bom dicionário.

§ 152. **Cum.** — O latim emprega *cum* em cláusulas temporais com o Ind. e com o Subj. Em última análise, não há uma distinção muito nítida entre as duas construções.

I. ***Com o indicativo.*** Podemos distinguir:

1) CUM TEMPORAL, que estabelece uma relação puramente temporal entre duas proposições. Quase sempre encontramos na oração principal um advérbio de tempo (p. e. *nunc, tunc, olim, aliquando,* etc.) ou outra indicação de tempo (p. e. *eo die, eo tempore, ill nocte,* etc.). A anterioridade é marcada com grande precisão só no Fut., sendo que em outros casos quase sempre se usa o tempo absoluto. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Eā nocte, cum mater mea mortua est, urbs nostra ab hostibus capta est* | Na noite em que morreu minha mãe/Na noite da morte de minha mãe, nossa cidade foi tomada pelos inimigos |
| *Nunc, cum pauper sum, omnes amici me deserunt* | Agora que sou pobre, todos os amigos me abandonam |
| *Cum domi ero, ad te scribam* | Quando estiver em casa, escrever-te-ei |
| *Cum domum rediero, ad te scribam* | Quando tiver voltado/Quando voltar à casa, escrever-te-ei |

2) Um caso particular de *cum* temporal é CUM INVERSO, que se caracteriza pelo fato de introduzir a parte mais importante da comunicação: ao passo que a parte principal de uma comunicação geralmente está na oração principal e os elementos secundários estão na cláusula, temos aqui o contrário: daí o nome *cum* "inverso". Na cláusula encontramos muitas vêzes o advérbio *repente* ou *subito;* na oração principal, freqüentemente *vix/vixdum* ("apenas, mal"), ou *jam* ("já"). O tempo da oração principal é quase sempre o Impf. ou o Msqupf., eventualmente o Pres. histórico (cf. § 45, II); o da cláusula, o Pf. ou o Pres. histórico. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ambulabam in silvā, cum (repente) duo latrones apparuerunt/apparent* | Estava passeando na floresta, quando (de repente) apareceram dois ladrões |
| *Vixdum domum redieram, cum has litteras ad te scripsi* | Mal cheguei à casa, escrevi-te esta carta |

3) Outro caso particular de *cum* temporal é CUM ITERATIVO, empregado para indicar ações repetidas ou habituais.

Na oração principal, encontramos o Pres. ou o Msqupf.; na cláusula, geralmente os mesmos tempos; mas note-se que a anterioridade é indicada com precisão. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cum ruri sum, ambulare soleo* | Quando estou no campo, costumo fazer passeios |
| *Cum ruri eram, ambulare solebam* | Quando estava no campo, costumava fazer passeios |
| *Cum ver esse coeperat, Verres itinera per Siciliam faciebat* | Cada vez que se iniciava a primavera, Verres fazia passeios pela Sicília |

**Nota.** Em vez de *cum* iterativo, pode usar-se também *quotie(n)s;* os autores da época imperial constróem *cum/quotiens* preferìvelmente com o Subj., construção rara em prosa clássica. É o Subj. de subordinação.

4) Finalmente, há CUM IDÊNTICO, empregado para indicar que a ação verbal da cláusula coincide por completo com a da oração principal e que as duas são permutáveis entre si. O português usa, geralmente, o gerúndio (muitas vêzes, precedido de "em"), ou "por" mais Inf.; naturalmente, o tempo empregado na cláusula é igual ao que se encontra na oração principal. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cum tacent, clamant* | Calando-se, berram (isto é: Seu silêncio é eloqüente) |
| *Camillus patriam servavit, cum Romanos ex urbe migrare vetuit* | Camilo salvou a pátria por proibir que os romanos emigrassem da cidade |

**Nota.** Êste *cum* é muitas vêzes chamado também *cum* explicativo, porque explica de que modo se efetua a ação verbal da oração regente. — Os autores da época imperial constróem-no muitas vêzes com o Subj.

II. ***Com o Subjuntivo.*** *Cum*, combinado com o Subj., chama-se ***cum histórico ou narrativo.*** Em prosa clássica, encontra-se só com o Impf. (simult.) ou o Msqupf. (ant.) sendo de emprêgo muito freqüente. Distingue-se de *cum* temporal, por não se limitar a indicar exclusivamente o tempo, mas por designar também a situação em que certo fato se realizou no passado; esta "situação" não é concebida como completamente isolada da ação principal, mas prende-se a ela estreitamente, explicando-a, pelo menos, até certo ponto. *Cum* histórico é, portanto, o meio-têrmo entre *cum* causal e *cum* temporal; o subjuntivo que traz consigo, é o subj. de "subordinação".

Os limites entre *cum* histórico e *cum* temporal são pouco definidos: os próprios autores clássicos usam, às vêzes, as duas construções em frases da mesma estrutura, p. e.: *Fuit antea tempus, cum Germanos Galli virtute superarent* ("Houve um tempo em que os gauleses sobrepujaram os germanos em valentia"), e: *Fuit quoddam tempus, cum in agris homines passim bestiarum modo vagabantur* ("Houve uma época em que os homens vaguearam pelos campos à maneira de brutos"). Por outro lado, nem sempre é fácil distinguir com exatidão entre *cum* histórico e *cum* causal.

*Cum* histórico tende a estender-se em detrimento de *cum* temporal, principalmente em latim pós-clássico, passando a ser usado também nos outros tempos que não sejam o Impf. e o Msqupf. Muitas vêzes poderia ser substituído por um abl. abs. sem grande diferença de significado, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Caesar, cum oppidum barbarorum cepisset, ire perrexit* | César, depois de tomar a fortaleza dos bárbaros, continuou a marcha |
| *Caesar, oppido barbarorum capto, ire perrexit* | |

§ 153. **Postquam.** — I. ***A função principal.*** As conjunções *postquam* e *posteaquam* indicam, geralmente, uma ação não repetida no passado, anterior a outra ação no passado ("depois que/de"). O modo é o Ind.; o tempo é o Pf. ou, eventualmente, o Pres. histórico. Só quando a diferença em tempo entre a ação principal e a da cláusula é indicada com exatidão, usa-se preferìvelmente o Msqupf. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Postquam Romam adveni, templum Apollinis visi* | Depois que cheguei/de chegar a Roma, visitei o templo de Apolo |
| *Postquam se relictum videt* (pres. hist.) *uno cum Catilinā, cum eo consilium cepit/capit* (pres. hist.) *consulis interficiendi* | Depois que se viu a sós com Catilina, tramou com êle o plano de assassinar o cônsul |
| *Tribus horis* (cf. §84 IV) *postquam domum redieram, amicus meus advenit*, ou: *Post horam tertiam quam domum redieram, amicus meus advenit* | Três horas depois da minha volta à casa, chegou meu amigo |

**Nota.** O emprêgo do Pf. com *postquam* pode parecer estranho, visto que esta conjunção indica anterioridade e o latim é muito minucioso em marcar a anterioridade. Explica-se esta particularidade pelo fato de que *postquam* originàriamente coordenava duas

ações verbais, consideradas como de igual importância: a partícula *quam* comparava simplesmente dois fatos no passado (tempo absoluto!).

II. ***Emprêgo secundário.*** Menos freqüente é o emprêgo de *postquam* em combinação com o Ind. Impf. ou Pres., para indicar não uma ação anterior, e sim, uma situação existente no momento de se iniciar a ação principal. Esta função, relativamente rara em prosa clássica, tornou-se mais comum na época imperial, adquirindo, aos poucos, o matiz de causalidade (cf. "pois que", em português; *puisque*, em francês). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Postquam videbat milites impetum sustinere non posse, dux receptui cani jussit* | Quando o general via que os soldados não podiam sustentar o ataque dos inimigos, mandou dar o sinal da retirada |
| *Postquam Romae habitat, cotidie templum Apollinis visit* | Agora que mora em Roma, visita todos os dias o templo de Apolo |

**Notas.**

1) Também *ut* e *ubi*, embora raramente, podem ser usados da mesma forma.

2) Sob a influência de *cum* histórico, sempre combinado com o Subj., também *postquam* (nas duas funções) chegou a ser construído com o Subj. (Imp. e Msqupf.) na época imperial.

§ 154. **Ubi, ut e simul.** — Cumpre fazermos aqui uma distinção entre ações não repetidas (I) e ações repetidas ou habituais (II).

I. ***Ação não repetida.*** O modo é o Ind.; o tempo é o Pf. (eventualmente, o Pres. histórico) para exprimir uma ação anterior a outra ação realizada no passado (tempo absoluto, cf. *postquam*, § 153, I), ou o Fut. Pf. para exprimir uma ação anterior a outra ação que se deve realizar no futuro (tempo relativo). *Ubi* e *ut* podem ser reforçados com o elemento *primum; simul* com *ac* ou *atque*. A tradução normal é: "logo que, assim que", às vêzes: "depois que, quando", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ut Romam veni, templum Apollinis visi* | Logo depois da minha chegada a Roma, visitei o templo de Apolo |
| *Simul (ac/atque) aliquid audiero, scribam epistulam ad te* | Logo que ouvir (lit.: tiver ouvido) alguma coisa, escrever-te-ei uma carta |
| *Ubi servos amici videt* (pres. hist.), *vocat unum ex eis* | Logo que viu os escravos do seu amigo, chamou um dêles |

**Notas.**

1) Só *simul* e *ubi* são usados para indicar o futuro.

2) *Simul ac/atque* mostra claramente a sua origem paratática, p. e.: *Simul Romam veni ac templum Apollinis visi:* "Ao mesmo tempo cheguei a Roma e visitei o templo de Apolo".

3) Ao lado de *ubi, ut* e *simul* pode usar-se também *cum primum,*

II. ***Ação repetida.*** Quando *ubi, ut* e *simul* indicam uma ação repetida ou habitual (*cum primum* não se usa neste caso), marcam o tempo relativo com grande precisão. Cf. o esquema dado no § 44, III. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ut galli cantum audivit, e lecto surgit/surgere solet* | Logo que ouve o canto do galo, levanta-se/costuma levantar-se da cama |
| *Ut galli cantum audierat, e lecto surgebat* | Logo que ouvia o canto do galo, saía da cama |
| *Supplicabo ut quemque amicum videro* | Suplicarei, cada vez que vir um amigo. |

**Notas.**

1) *Ut*, nesta acepção, encontra-se apenas em combinação com *quisque:* "cada vez que alguém/(alg)um" (cf. § 227, II, 1b).

2) Estas conjunções, quando indicam ação repetida, regem quase sempre o Subj., na época imperial, construção rara em prosa clássica.

§ 155. **Antequam e priusquam.** — Aqui devemos distinguir entre cláusulas meramente temporais (I) e cláusulas com o matiz de finalidade, potencialidade, etc. (II); na primeira hipótese, o modo é o Ind.; na segunda, o Subj.

I. ***Cláusulas meramente temporais.*** O modo é o Ind.; a um tempo secundário, na oração principal, corresponde geralmente, na cláusula, o Pf. (tempo absoluto, cf. § 154, I); a um tempo primário (sem negação), na oração principal, corresponde geralmente, na cláusula, o Pres. (tempo absoluto); mas a um Fut. Simples com negação na oração principal, corresponde, na cláusula, geralmente o Fut. Pf. (tempo relativo). Sendo habitual a ação verbal, exprime-se com precisão o tempo relativo (cf. § 154, II). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Priusquam litteras tuas accepi, valde sollicitus eram* (tempo absoluto) | Antes de ter lido/Antes de ler a tua carta, estava muito preocupado |
| *Non acquiescam priusquam tuas litteras accepero* (oração principal no Fut., com negação) | Não reposarei antes de ter recebido a tua carta |

| | |
|---|---|
| *Priusquam scribo litteras, lavatum ibo* (oração principal no Fut. sem negação) | Antes de escrever a carta, vou tomar banho |
| *Priusquam litteras tuas acceperam, solebam sollicitus esse* (ação repetida) | Antes de ter recebido uma carta de ti, andava preocupado |

II. ***Cláusulas com o Subjuntivo.*** O Subj. em cláusulas, introduzidas por *antequam* ou *priusquam*, tem cabimento, quando elas exprimem mera possibilidade (potencial!) ou finalidade (optativo e voluntativo!). Neste caso, o português usa muitas vêzes o verbo "poder" para exprimir a irrealidade da ação. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hac lege agri veneunt antequam una gleba ematur* (potencial) | Em virtude desta lei as terras de lavoura são vendidas, antes que um só torrão seja comprado |
| *Priusquam cives arma caperent, urbs ab hostibus expugnata est* (final) | Antes que os cidadãos pudessem pegar as armas, a cidade foi conquistada pelos inimigos |
| *Non ante ausus est pugnare quam auxilia venirent* (final) | Não ousou travar combate antes que as tropas auxiliares tivessem vindo |

**Nota.** O tempo do Subj. é o Pres. (correspondente a um tempo primário na oração principal) ou o Impf. (correspondente a um tempo secundário).

III. ***Observações.*** 1) *Antequam* e *priusquam* são muitas vêzes separadas por outras palavras, p. e.: *Non prius acquiescam quam tuas litteras accepero*, e: *Agri ante veneunt quam una gleba ematur*, etc.

2) *Antequam* e *priusquam*, construídos com o Subj., podem ser traduzidos também por: "sem que", etc., visto que exprimem a mera intencionalidade ou a possibilidade, não a realidade, da ação verbal. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hac lege agri veneunt antequam gleba una ematur* | Em virtude desta lei as terras de lavoura são vendidas, sem que um só torrão seja comprado |
| *Antequam unum verbum facerem, de sellā surrexit atque abiit* | Sem que eu pudesse falar uma única palavra, levantou-se da cadeira e foi-se embora |

3) Muitas vêzes, porém, acontece que *antequam* e *priusquam*, já em prosa clássica, são construídos com o Subj. ("de subordinação"), também onde não existe o matiz de potencia-

lidade ou de finalidade; o Subj. tornou-se a construção normal na época imperial, principalmente em latim tardio, e perpetuou-se nas línguas românicas (com "antes que", em português; com "*avant que*", em francês, etc.). Já em prosa clássica encontramos as duas construções uma ao lado da outra sem grande diferença, em frases dêste tipo: *Hostes non destiterunt fugerem priusquam ad flumen Rhenum pervenerunt/pervenirent* ="Os inimigos não desistiram de fugir, antes de chegarem ao rio Reno".

§ 156. **Dum, quoad e donec.** — Também aqui devemos fazer uma distinção entre cláusulas meramente temporais (I) e cláusulas temporais com o matiz de finalidade (II).

I. ***Cláusulas meramente temporais.*** As três conjunções podem ser usadas em duas acepções diferentes: na de "enquanto", e na de "até que".

1) Enquanto.

a) *Dum, quoad* e *donec* (esta última palavra não se usa em prosa clássica neste sentido) podem indicar que a ação verbal expressa pela cláusula coincide por completo com a ação verbal expressa pela oração principal: "enquanto" uma delas se realiza, realiza-se a outra também, durante o mesmo prazo. O modo é o Ind.; os tempos das duas proposições são os mesmos (simultaneidade perfeita). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quoad potuit, fortissime restitit* | Enquanto pôde, resistiu com muita coragem |
| *Donec eris felix, multos numerabis amicos* (poético) | Enquanto fôres feliz, contarás numerosos amigos |
| *Dum tecum sum, fortis sum* | Enquanto estou contigo, sinto-me forte |

**Nota.** Neste sentido pode ser empregado também *quamdiu*.

b) *Dum* (não *quoad, donec* ou *quamdiu*) pode indicar também coincidência não completa com a ação verbal da oração regente: "enquanto" uma coisa está se realizando, inicia-se a outra (a da oração principal). Neste caso, a prosa clássica usa quase sempre o Ind. Pres. (histórico) na cláusula. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec dum aguntur, Caesar in Galliam profectus est* | Enquanto isto acontecia/se dava, César foi à Gália |
| *Dum Romae sum, fac me videas!* | Quando eu estiver em Roma, visita-me, por favor! |

2) Até que.

*Dum, quad* e *donec* (esta última palavra só raramente em prosa clássica) podem indicar um limite meramente temporal (cf. "àté que", em português). O modo é o Ind.; os tempos são o Pres. ou o Pf., correspondentes ao Pres. ou o Pf. na oração principal (tempo absoluto); ou então, o Fut. Pf., correspondente ao Fut. Simples na oração principal (tempo relativo). Cf. §154, I. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Domi mansi, dum rediit amicus meus* | Fiquei em casa, até que voltou meu amigo |
| *Domi manebo dum redierit amicus meus* | Ficarei em casa até meu amigo voltar |
| *Domi maneo, dum illa cognosco* | Fico em casa até compreender aquilo |

**Nota.** Pouco importa se a frase por si exprime finalidade ou não; o único fator decisivo é saber se o limite temporal é apresentado como meramente temporal, ou então, com certo matiz de finalidade. No terceiro exemplo, o que é indicado é apenas o limite temporal: (Sairei do caso só quando entender o assunto"), não o esfôrço para entendê-lo; fôsse assim, o latim diria: *Domi manebo, dum illa cognoscam* (Subj.). Mas compreende-se fàcilmente que, por serem pouco distintos tais casos, os dois modos eram freqüentemente trocados.*

II. ***O emprêgo do Subjuntivo.*** *Dum, quoad* e *donec* (esta última palavra é rara em prosa clássica) podem indicar, além de um limite temporal, também finalidade. O modo é o Subj. (voluntativo); os tempos são o Pres. e o Impf. (cf. as frases finais). Êste *dum* final usa-se muito com o verbo *exspectare* ("esperar, aguardar"). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cocles impetum hostium sustinuit, dum/quoad ceteri flumen transirent* | Cocles sustentou o ataque dos inimigos, até que os outros tivessem atravessado o rio |
| *Exspectare non vult dum legati redeant* | Não quer esperar até os embaixadores voltarem |

III. ***Observações.*** O verbo *exspectare* não admite, em prosa clássica, o A. c. I., mas pode ser construído com:

1) *dum* mais Subj., cf. *supra*, II.

2) *si* mais Subj., cf. §64, I, nota 4.

3) *ut* (final) mais Subj., principalmente quando se salienta a ansiedade, p. e.: *Os ut tuum videam exspecto:* "Estou muito ansioso por ver teu semblante".

4) uma pergunta indireta, principalmente *quam mox*, para indicar impaciência, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quid hostes consilii caperent, exspectabat* | Aguardava que espécie de iniciativa os inimigos tomariam |
| *Quid exspectas quam mox ego dicam?* (cf. § 218, V, 1) | Por que esperas até eu finalmente falar? |

## CLÁUSULAS CONDICIONAIS

§ 157. **Como se pode apresentar uma condição.** — Existem várias maneiras de se apresentar uma condição ou hipótese. Vejamos primeiro os exemplos.

1) "Se tenho dinheiro, compro livros" (REAL).

2) *a*) "Se tivesse dinheiro, compraria aquêle livro" (IRREAL DO PRESENTE).

*b*) "Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro" (IRREAL DO PRETÉRITO).

3) "Caso tenha dinheiro, compro talvez aquêle livro"
"Se tiver dinheiro, pode ser que compre aquêle livro"
"Se tivesse dinheiro, poderia comprar/compraria aquêle livro" } (POTENCIAL)

Antes de mais nada, devemos frisar que, do ponto de vista gramatical, a questão importante não é a de saber se a condição está de acôrdo, ou não, com a realidade objetiva: averiguar se o autor de uma frase mentiu ou se enganou, é assunto próprio do filólogo ou do historiador. Ao gramático como tal interessa apenas conhecer os meios formais, isto é, lingüísticos de que se serve um autor para exprimir (ou para esconder!) seu pensamento. No caso das construções condicionais ou hipotéticas, isto quer dizer que devemos saber quais são os meios lingüísticos que o latim põe ao dispor de um autor para êle poder apresentar uma condição. Estabelecido êsse princípio, podemos dizer agora:

1) O REAL (o têrmo é tradicional, mas enganador) faz abstração da realidade ou da irrealidade da condição, contida na cláusula (a chamada *prótase*), mas diz simplesmente que, cumprida a condição, com tôda a certeza se dá um segundo

fato, contido na oração principal (a chamada *apódose*). A frase: "Se tenho dinheiro, compro livros", não significa necessàriamente que eu tenha, de fato, dinheiro; admite-se apenas, provisòriamente, esta hipótese, mas se se der o fato de eu ter dinheiro, dar-se-á com certeza também o fato de eu comprar livros.

2) O IRREAL apresenta a condição como estando em desacôrdo com a realidade; o português usa, na prótase, o Subj. do Impf. (Irreal do Pres.) ou o Subj. do Msqupf. (Irreal do Passado); na apódose, o Condicional simples (Irreal do Presente), ou o Condicional Composto (Irreal do Pretérito). A frase: "Se tivesse dinheiro, compraria aquêle livro", pode fàcilmente ser completada desta maneira: "Mas não tenho dinheiro, e por isso não compro livros"; a frase: "Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro" pode ser completada: "Mas não tinha dinheiro, e por isso não comprei aquêle livro". Por êsses dois exemplos vê-se claramente que minha intenção nas duas frases é a de apresentar a condição "de ter dinheiro" como contrária aos fatos reais, e que a primeira, apesar do emprêgo do Impf., se refere a uma situação atual, ao passo que a segunda se refere a uma situação no pretérito.

3) O POTENCIAL apresenta a condição como mera possibilidade ou "hipótese"; ao passo que, no Real e no Irreal, existia uma relação certíssima entre a afirmação da prótase e a da apódose, essa relação se torna precária no Potencial. Na frase: "Se tiver dinheiro, pode ser que eu compre aquêle livro", quase tudo é incerto: não sei se terei o dinheiro ou não; e mesmo que o tenha, não sei ainda se comprarei aquêle livro ou não. O português, ao contrário do grego e do latim, não possui uma forma bem definida para exprimir o Potencial (cf. §56, II), podendo servir-se de vários meios, nenhum dos quais, é o exato equivalente do Potencial nos idiomas clássicos. Algumas traduções se aproximam bastante do Irreal (p. e.: "Se tivesse dinheiro, *poderia comprar/compraria* aquêle livro"), e outras se aproximam do Real (p. e.: "Se tiver dinheiro, comprarei *talvez* aquêle livro"). É impossível formular regras exatas: só a plena compreensão do texto e o perfeito domínio da língua vernácula poderão dar uma segura orientação ao tradutor.

§158. **As três construções em latim.** — Vejamos agora como o latim exprime essas três maneiras de apresentar uma condição.

I. ***O Real.*** O modo do Real é o Ind., na prótase e na apódose. Os tempos correspondem, globalmente falando, aos que são usados em português, mas note-se que o latim marca com maior precisão do que as línguas modernas a anterioridade (sobretudo pelo Msqupf. e pelo Fut. Pf.) e que, por outro lado, não possui uma forma equivalente ao Subj. Fut. do português. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Si pecuniam habeo, libros emo* | Se tenho dinheiro, compro livros |
| *Si pecuniam habebo, libros emam* | Se tiver dinheiro, comprarei livros |
| *Si pecuniam habebam, libros emebam* | Se tinha dinheiro, comprava livros |
| *Si quid novi audiero, tibi narrabo* | Se ouvir (lit.: tiver ouvido) uma notícia, contar-te-ei |
| *Si quid novi audierat, mihi narrabat* | Se ouvia (lit: tinha ouvido) alguma notícia, contava-ma |

**Nota.** Encontrando-se na apódose um Subj. êste deve ser interpretado como optativo ou voluntativo, p. e.: *Si amicus tuus hic manere non vult, abeat!* = "Se teu amigo não quer ficar aqui, que vá embora!"

II. ***O Irreal.*** O modo do Irreal é o Subj. na prótase e na apódose; o tempo do Irreal do Presente é o Impf., o do Irreal do Passado é o Msqupf. na prótase e na apódose. Como em português, pode haver desigualdade de tempo nas duas proposições. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Si pecuniam haberem, illum librum emerem* | Se tivesse dinheiro, compraria aquêle livro |
| *Si pecuniam habuissem, illum librum emissem* | Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro |
| *Nisi pecuniam amisissem, illum librum emerem* | Se não tivesse perdido meu dinheiro, compraria aquêle livro |
| *Si dives essem, plures libros emissem* | Se fôsse rico, teria comprado mais livros |

**Nota.** Os verbos e as locuções que exprimem possibilidade, conveniência ou obrigação (cf. § 54, I), quando ocorrem na apódose de uma construção condicional, podem ir para o Súbj., mas muitas vêzes estão também no Ind. (Impf. ou Msqupf.), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Si magis pius esses, eum patris loco colere debebas/debueras* | Se fôsses mais respeitoso, deverias venerá-lo (ou: deverias tê-lo venerado) como um pai |

III. ***O Potencial.*** O modo do Potencial é o Subj.; os tempos usados são o Pres. e o Pf. na prótase e na apódose,

sem nenhuma diferença entre os dois (cf. §56, II), pelo menos em prosa clássica. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Si pecuniam habeam/habuerim, illum librum emam/emerim* | Se tiver dinheiro, pode ser que eu compre aquêle livro |

**Notas.**

1) O Potencial latino, ao contrário do Potencial grego, não é um modo muito vivo na época clássica; por isso mesmo, tende a confundir-se com um certo tipo do Real: a apódose está no Ind. (muitas vêzes, Ind. do Fut. Impf.), e a prótase no Subj. Esta construção é bastante comum com *nisi*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Sapiens non dubitat, si ita melius sit, migrare de vitā* | O sábio não hesita em renunciar à vida, se isso fôr melhor |
| *Memoria minuitur, nisi eam exerceas* (cf. §41, II, 4) | A memória diminui, a não ser que seja exercida |
| *Si hoc dicat/dixerit, errat* (ou: *errabit*, cf. §46, III) | Se êle disser isso, engana-se (ou: enganar-se-á) |

2) Além do Potencial do Presente, que já vimos, o latim possui também o Potancial do Passado (cf. §56, II), muito pouco usado em prosa clássica. Quanto à forma, o Potencial do Passado não se distingue do Irreal do Pres. (Subj. do Impf. na prótase e na apódose), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Si pecuniam haberem, illum librum emerem* | Se tivesse tido dinheiro, eu poderia ter comprado aquêle livro* |

§159. **Particularidades.** — I. ***A construção perifrástica.*** O Subj. do Msqupf. na apódose de uma construção condicional no Irreal, pode ser substituído pelas formas da conjugação perifrástica do tipo: *empturus fui*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Si pecuniam habuissem, illum librum empturus fui* | Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro |

Esta construção é muito importante para a oração indireta, cf. §257, VI, 2.

II. ***O Indicativo pelo Subjuntivo.*** 1) Em português, sobretudo na linguagem coloquial, é muito comum dizer-se: "Se tivesse dinheiro, *comprava* aquêle livro", e: "Se tivesse tido dinheiro, *tinha comprado* aquêle livro". Esta substituição do Condicional pelo Ind. no Irreal é muito expressiva, porque frisa enfàticamente a realidade da conseqüência na apódose, se a condição expressa pela prótase se tivesse realizado. A construção existe também em latim. A prosa clássica usa-a relativamente poucas vêzes, e sempre como recurso estilístico; na época imperial (Sêneca, Tácito!), a construção se torna muito freqüente. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Labebar longius, nisi me retinuissem* | Se não me tivesse segurado, tinha escorregado muito mais |
| *Praeclare viceramus, nisi Lepidus Antonium recepisset* | Se Lépido não tivesse acolhido Antônio, tínhamos alcançado uma bela vitória |

2) Em prosa clássica, o emprêgo do Ind. do Pf. (não do Impf.) é regra geral com *paene* ("quase") na apódose do Irreal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Paene vir iste me decepit* (menos usado: *deceperat*), *nisi tu adfuisses* | Se tu não tivesses estado presente, êsse homem quase que me teria enganado |

3) Nas frases do tipo: *Labebar longius, nisi me retinuissem,* temos uma espécie de elipse: "Eu já estava escorregando (e teria escorregado) muito mais ainda, se não me tivesse segurado". Com o tempo, não se tinha mais a consciência da elipse (originada pelo desejo de se exprimir com plasticidade), e o Ind. se tornou o concorrente do Subj. na apódose.

4) Quanto a *posse, debēre,* etc. na apódose, cf. § 158, II, nota. O que foi dito lá a respeito do Irreal, refere-se também ao Potencial, só que o tempo é o Pres., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Tamen ei, si patrem accuset, possim/possum ignoscere* | Contudo, se êle acusar seu pai, poderia eu perdoá-lo |

III. ***O Irreal incompleto.*** Muitas vêzes acontece que uma construção "irreal" não vem sendo completada por uma cláusula (prótase). Neste caso, subentende-se com facilidade a prótase, ou então, se usa uma locução restritiva (geralmente a preposição *sine* ou *absque*, cf. § 125). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Sine amictiā vita tristis esset* | Sem amizade, a vida seria triste (= Se não houvesse amigos, a vida seria triste) |
| *Amicus meus numquam te offendisset* | Meu amigo nunca te teria ofendido (= Se a pessoa em aprêço fôsse meu amigo, nunca te teria ofendido) |
| *Ebrius es; neque enim umquam hoc sobrius faceres* | Estás bêbedo; pois, (estando) sóbrio, nunca farias isto (= "se estivesses sóbrio, nunca farias isto") |

§ 160. **As conjunções condicionais.** — As conjunções condicionais apresentam algumas particularidades, das quais estudaremos as mais importantes neste parágrafo.

I. ***"Nisi" e "Si non".*** 1) — A negação expressa pela conjunção *nisi*, afeta a prótase na sua totalidade; *si non* refere-se a uma única palavra dentro da prótase. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Opprimemur ab hoste, nisi mox abibimus* | Seremos surpreendidos pelo inimigo, a não ser que partamos/se não partirmos logo |
| *Se non ipsi abibimus, at certe/saltem permittite filium meum Romam mitti* | Se nós mesmos não fôrmos, permiti ao menos que meu filho seja mandado a Roma |

**Nota.** Na apódose correspondente a uma prótase iniciada por *si non*, encontra-se muitas vêzes: *at certe/saltem:* "em todo o caso, ao menos", etc.

2) "NI". — *Ni* não é forma contrata de *nisi*, como antigamente se supunha, mas forma composta da antiga negação *nĕ*, reforçada com *–i* (o mesmo *–i* encontra-se também na declinação de certos pronomes, p. e.: *haec* < *ha–i–ce*). Só devido ao seu emprêgo freqüente em oposição a *si*, adquiriu o significado de "se não" = *nisi* (cf. em português: "não fôsse assim" = "se não fôsse assim", em latim: *ni ita esset*). A prosa clássica prefere, em geral, *nisi*, menos em algumas expressões fixas, p. e.: *ni ita est/sit/esset*, e: *ni ita se res haberet* (:"não fôsse assim").

3) "NISI VERO/FORTE". — Esta locução é usada em prótases negativas que exprimem sentimentos de ironia, sarcasmo, etc. O modo é sempre o Ind. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nemo fere saltat sobrius, nisi forte insanit* | Quase ninguém, estando sóbrio, dança, a não ser que esteja louco |
| *Omnes consentiunt scelus esse civem Romanum ab Urbe prohibere. Nisi verō existimatis Ciceronem civem non esse* | Todos concordam que é criminoso manter afastado da Cidade um cidadão romano. Ou crêdes talvez que Cícero não seja cidadão? |

4) "NISI" COMO ADVÉRBIO. — Depois de frases negativas e perguntas com tendência negativa, *nisi* passa a significar: "exceto": a mesma evolução se deu, em português, com as palavras "a não ser" e "senão". Muito freqüente é o emprêgo de *non nisi*, ou *nonnisi*, no sentido de "sòmente, apenas". Mais tarde, *nisi* (principalmente em combinação com a conjunção *quod* ou *ut*), encontra-se também em frases positivas, com o significado de: "exceto, salvo", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nulli abierunt, nisi quibus mandatum erat* | Ninguém foi embora, exceto os que tinham recebido ordem |
| *Ea res quid est aliud nisi parricidium?* (=*nihil est aliud nisi*) | Que é isso senão parricídio? |

| | |
|---|---|
| *Omnes abierunt nisi qui cives Romani erant* | Todos foram ambora, exceto os cidadãos romanos |
| *Ex omnibus libris meis nonnisi paucos in villā meā reliqui* | De todos os meus livros deixei só poucos na minha chácara |
| *Haec villa valde me delectat, nisi quod me aere alieno obruit* | Esta chácara me agrada muito, só que me encheu de dívidas |

**Notas.**

1) Quanto a *nisi* com particípio, cf. § 25, II, 1.

2) Os romanos, esquecidos de que a palavra *nisi* era composta de *si*, usavam muitas vêzes a combinação pleonástica *nisi si:* "se não", ou: "a não ser que" (principalmente na comédia e na linguagem vulgar).

5) "Quod si" ou "Quodsi". — Cf. § 210, I, 1.

6) "Si" em perguntas indiretas. — Cf. § 64, I, nota 4.

II. ***"Sive/seu".*** — Cf. § 54, III, onde se fala da correlação *sive/seu... sive/seu* (= "quer...., quer"); mas *sive* não precisa ocorrer necessàriamente em correlação, significando simplesmente, conforme sua origem etimológica: "ou se" (= *vel si);* e afinal, pode estar também por *vel* ou *aut* (= "ou"). principalmente na combinação *sive potius* = "ou antes/melhor", Em todos êsses casos, é combinado com o Ind. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Postulo, sive aequum est, oro te* | Peço-te, ou — se é conveniente — suplico-te |
| *Ex urbe discessit, sive potius fugit* | Saíu da cidade, ou melhor, fugiu |

**Notas.**

1) Encontram-se também correlações dos seguintes tipos: *sive ..... sive ..... sive; seu ..... aut; sive ..... an; si ..... sive,* Cf. § 65, I, nota 3.

2) *Sive,* ocorrendo numa pergunta indireta ou numa cláusula dependente de um verbum conandi, pede o Subj., p. e.: *Caesar conatus est sive castra hostium sive impedimenta eorum capere posset* = "César tentou apoderar-se do acampamento ou da bagagem dos inimigos".

III. ***"Dum, dummodo, modo".*** — Estas três conjunções introduzem uma cláusula condicional de valor final: "contanto que, desde que, sempre que", etc.; o modo é o Subj. (optativo ou voluntativo); os tempos são, geralmente, o Pres. e o Impf. (cf. § 144, I); a negação é *ne.* Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Oderint, dum metuant* (cf. § 57, IV) | Que êles odeiem, contanto que temam! |

| | |
|---|---|
| *Veni celeriter Romam, dummodo ne hoc iter valetudini tuae obsit* | Vem depressa a Roma, contanto que esta viagem não seja prejudicial para tua saúde |
| *Cicero uxorem Romam ire voluit, modo hoc iter valetudini ejus ne obesset* | Cícero quis que sua espôsa fôsse a Roma, com a condição de que esta viagem não lhe prejudicasse a saúde |

**Notas.**

1) *Modo* é advérbio e quer dizer: "apenas, sòmente"; muitas vêzes é combinado também com o Imp. em expressões do tipo: *I modo!*, e *Fac modo videas!*

2) *Si modo* quer dizer: "se é que", p. e. na frase:

| | |
|---|---|
| *Si modo sapit, tecum non abibit* | Não irá contigo, se é que tem juízo |

3) *Modo non* quer dizer: "quase", p. e.: *modo non omne genus humanum* = "quase todo o gênero humano".

IV. ***"Sin", etc.*** — Uma segunda prótase condicional, sendo positiva, vem muitas vêzes introduzida pela partícula *sin* ou *sin autem;* sendo ela negativa, usa-se geralmente *si(n) minus/aliter*, sobretudo em prótases elípticas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Si manebimus, opprimemur ab hoste; sin (autem) abibimus, increpabimur a sociis* | Se ficarmos aqui, seremos surpreendidos pelo inimigo; (mas) se partirmos, seremos censurados pelos aliados |
| *Si abibimus, omnes abibimus; si minus/sin aliter, nemo abibit* | Se fôrmos, todos nós iremos; senão /caso contrário, ninguém irá |

V. ***"Absque"***. — Cf. §125.

## CLÁUSULAS CONCESSIVAS

§161. **As conjunções compostas com si.** — I. ***Cláusulas condicionais e concessivas.*** Cláusulas condicionais adquirem, às vêzes, o matiz de uma cláusula concessiva ou adversativa, em português bem como em latim, p. e.: *Si tecum illo tempore de consulatu petendo consensi, nunc tecum consentire non debeo de conjuratione reprimendā* = "Se naquele tempo concordei contigo acêrca da candidatura ao consulado, não preciso (por isso) concordar contigo agora no que diz respeito à repressão da conjuração", o que equivale mais ou menos a esta frase: "Embora tenha concordado naquele tempo . . . ., não preciso concordar agora . . . . ".

Para realçar mais o caráter concessivo ou adversativo de uma cláusula, introduzida por *si*, o latim emprega geralmente *etsi*, *tametsi* (< *tamen etsi*) e *etiamsi*. Com essas três conjunções são possíveis as três construções de cláusulas condicionais: o Real, o Irreal e o Potencial. Entretanto podemos verificar que, em prosa clássica, *etsi* e *tametsi* pedem geralmente o Real (= Ind.) e só poucas vêzes admitem o Potencial (= Subj. Pres. ou Pf.) e raramente o Irreal (= Subj. do Impf. ou Msqupf.); por outro lado, *etiamsi* pede quase sempre o Potencial ou o Irreal, admitindo só raras vêzes o Real. Na oração principal, encontramos freqüentemente uma partícula adversativa, p. e. *tamen*, *attamen*, *nihilominus* (cf. § 84, IV), (*at*) *certe*/*saltem:* "contudo, todavia, não obstante, em todo o caso", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Etsi*/*Tametsi pauper est, tamen vir probus est* (Real) | Apesar de ser pobre, é homem honesto |
| *Cogam eum abire, etiamsi nolit* (Pot). | Forçá-lo-ei a sair, mesmo que não queira |
| *Etiamsi dux obtemperasset auspiciis, illa clades evenisset* (Irreal) | Mesmo que o general tivesse obedecido aos agouros, aquela catástrofe se teria dado |
| *Etsi aliquā culpā tenemur, a scelere certe liberati sumus* (Real) | Embora tenhamos certa culpa, em todo o caso estamos isentos de crime |

II. ***Observação.*** *Etsi* e *tametsi* podem ser usados também para introduzir um novo período: neste caso, corrigem o conteúdo do período anterior, ou lhe restringem o vallor: "aliás, contudo, porém", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Do poenas temeritatis meae. Etsi quae fuit temeritas illa?* | Estou sendo castigado por minha temeridade. Mas, afinal/Aliás, que foi essa temeridade?* |

§ 162. **Outras conjunções.** — Outras conjunções concessivas são *quamquam* (I), *quamvis* (II), *licet* (III), *ut* (IV) e *cum* (V).

I. ***Quamquam.*** Esta conjunção, originàriamente o advérbio relativo indefinido de *quam* (cf. § 166, I, 3), rege em geral o Ind. em prosa clássica; conforme sua origem deveria indicar grau ou intensidade ("por mais/menos .... que") de adj. e de adv.; no entanto, usa-se quase sempre em sentido meramente concessivo ("ainda que, embora, apesar de que", etc.), referindo-se ao predicado. O emprêgo do Ind. se explica pela

regra formulada no §54, II. Também aqui encontramos muitas vêzes uma partícula adversativa na oração principal, principalmente *tamen*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Quamquam pauper est, tamen vir probus est* | Apesar de ser pobre, (contudo) é homem honesto |
| *Quamquam sciebat hostes adesse, tamen tranquille dormivit* | Embora soubesse que os inimigos estavam próximos, dormiu sossegadamente |

**Notas.**

1) *Quamquam*, como também *etsi* e *tametsi*, vieram a ser combinados com o Subj. de subordinação na época imperial.

2) Em prosa clássica, a função de "por mais/menos.... que" é geralmente exercida, não por *quamquam*, mas por *quamvis*.

II. ***Quamvis.*** Esta conjunção ("por mais/menos... que") refere-se quase sempre a um adj. ou a um adv. para lhe indicar o grau mais alto possível; só poucas vêzes refere-se ao predicado ("ainda que, embora", etc. = *quamquam*). Na primeira hipótese, *quamvis* pede o Subj. (concessivo); na segunda, o Ind. (cf. *quamquam*). Na oração principal encontra-se muitas vêzes um advérbio adversativo, sobretudo *tamen*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quamvis dives sit, felix non est* | Por mais rico que seja, não é feliz |
| *Quamvis prudenter feceris, multi cives te vituperant* | Por mais prudentemente que tenhas procedido, muitos cidadãos te censuram |
| *Miltiades rex erat, quamvis carebat nomine regio* | Milcíades era rei, embora não tivesse o título de rei |

**Notas.**

1) Mas *quamvis* pede o Subj. em combinação com aquêles verbos que admitem vários graus de intensidade, p. e. *florēre, placēre, probare*, etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Quamvis mihi res non placeat, tamen non repugno* | Embora a coisa me agrade muito pouco, não faço oposição |

2) Ao lado de *quamvis*, ocorre também *quantumvis* (quase sempre adv.) com o sentido de: "quanto fôr que queiras" > "o mais.... possível"; também se encontra *quamvis/vultis* com o mesmo sentido. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Commisit scelus quamvis/quamvultis /quantumvis improbum* (cf. §227, II, 3) | Cometeu o crime mais perverso possível |

3) *Quamvis, quamquam, etsi* e *licet* são muitas vêzes combinados com um particípio, cf. §25, II, 3.

III. ***Licet.*** Esta conjunção, sempre combinada com o Subj., é no fundo a forma cristalizada de *licet* ("é lícito") que admite o Subj. permissivo sem *ut* (cf. § 146, I). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Licet omnes fremant, dicam quod sentio* | Ainda que/Mesmo que todos protestem, direi o que penso |

IV. ***Ut.*** Ao Subj. permissivo ou concessivo (cf. § 57, II–III) pode acrescentar-se a partícula *ut* (cf. a anotação histórica, pag. 388); com o tempo, esta partícula começou a ser considerada como conjunção concessiva: "pôsto que". Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas* | Pôsto que as fôrças sejam insuficientes, a boa vontade é louvável |

**Nota.** Quanto ao emprêgo de *ut* .... *ita* com valor adversativo, cf. § 211, I, 1b.

V) ***Cum.*** *Cum* concessivo, em prosa clássica sempre combinado com o Subj. (de subordinação), explica-se pela função temporal de *cum*. A frase portuguêsa: "Enquanto os pais trabalhavam, os filhos gastavam" = "Ao passo que os pais trabalhavam, os filhos gastavam", possui certo valor adversativo, o qual não deriva diretamente da conjunção "enquanto" ou "ao passo que" (pelo menos, não inicialmente), mas da oposição que existe entre "trabalhar" (= "ganhar dinheiro") e "gastar". Daí se originar o valor concessivo: "Ao passo que eu fiz tudo para convencê-lo, êle não me quis compreender" "Embora eu fizesse tudo....., não me quis compreender". A *ut* concessivo corresponde, na frase principal, quase sempre *tamen* ou outra partícula adversativa, para distinguir esta função de *cum* das demais. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Socrates, cum facile fugere posset, tamen in carcere manere maluit* | Embora Sócrates pudesse fàcilmente fugir, preferiu ficar no cárcere |

VI. ***Observação.*** Também *quamquam* é muitas vêzes usado para introduzir um novo período, corrigindo o conteúdo do período anterior ou restringindo-lhe o valor (cf. § 161, II): "aliás, contudo, porém", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quamquam quid loquor?* | Mas por que estou falando? |
| *Quamquam quid te doceam?* | Aliás por que te ensinaria? |

**Nota.** *Quamquam* é sobretudo empregado assim para introduzir uma objeção às palavras anteriores ditas pela mesma pessoa.

## CLÁUSULAS COMPARATIVAS

§ 163. **Os diversos tipos de cláusulas comparativas.** — As cláusulas comparativas podem ser divididas em cláusulas simples (I) e cláusulas comparativas condicionais (II).

I. ***Cláusulas simples.*** Temos quatro espécies:

1) Comparação de igualdade, p. e.: "Continua *como* (= do mesmo modo que) começaste!"

2) Comparação de quantidade, grau e de qualidade, p. e.: "Nunca vi tantos livros *quantos/como* há em tua casa" (quantidade); "Não é tão inteligente *quanto/como* parece" (grau ou intensidade); "É tal *qual/como* seu pai" (qualidade).

3) Comparação de superioridade e de inferioridade, p. e.: "Êle é mais alto *do que* seu pai" (superioridade); "Êle é menos alto do que seu pai" (inferioridade).

4) Comparação de identidade e de diferença, p. e.: "Agora êle diz a mesma coisa *que* eu sempre disse" (identidade); "Diz agora outra coisa *que não a que* costuma dizer", ou melhor: "Diz agora coisa diferente do que costuma dizer" (diferença).

II. ***Cláusulas comparativas condicionais.*** Cláusulas comparativas condicionais são, em português, introduzidas pela conjunção composta: "como se", p. e. "Êle se comporta *como se* fôsse dono da casa", e: "Êle se comportou *como se* tivesse matado o cônsul". Como se vê por êsses exemplos, o modo é o Subj., o que se explica pelo fato de têrmos aqui o Irreal: "Êle se comporta (de tal forma) *como* (seria natural) *se* fôsse dono da casa".

III. ***Observação.*** A maior parte das cláusulas registradas acima não são cláusulas "conjuncionais", e sim, "relativas", p. e.: "Nunca vi tantos livros quantos há em tua casa"; apesar de êste tipo de cláusulas fugir do nosso assunto, que é o estudo das cláusulas conjuncionais, trataremos delas no § 164.

§ 164. **Cláusulas simples.** — Na mesma ordem do parágrafo anterior, podemos estudar agora as diversas construções latinas.

I. ***Comparação de igualdade.*** As partículas mais usadas são *ut* e *sicut;* também ocorre *quemadmodum;* menos freqüente,

em prosa clássica, é *velut* ou *tamquam*. A tradução portuguêsa é: "como, do mesmo modo que", etc. Na oração principal encontramos muitas vêzes um advérbio (cf. em português: "assim"), tais como: *ita, sic, eodem modo, item, eum in modum*, etc. O modo é o Ind.; o latim marca com grande precisão a anterioridade. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Est (ita) ut dicis* | É (assim) como dizes |
| *Ut/Sicut sementem feceris, ita metes* | Assim como semeares (lit.: tiveres semeado), assim colherás |
| *Omnia comperit, sicut pater dixerat* | Encontrou tudo como o pai disse (lit.: tinha dito) |

**Notas.**

1) À locução adverbial *eodem modo* corresponde *quo*, cf. *infra*, IV, nota.

2) Algumas funções especiais de *ut* serão estudadas no §211, I, 1.

II. ***Comparação de quantidade***, etc. Ao passo que, em português, sempre se pode usar a partícula "como" para introduzir tal cláusula, o latim emprega as palavras correlativas (adj. e adv.), p. e.: *tot..... quot* ("tantos... quantos"); *tantus..... quantus* ("tão grande .... como"); *tam.... quam* ("tão ..... como"); *talis ..... qualis* ("tal ..... qual"); *tantum .... quantum* ("tão muito .... como") *totiens .... quotiens* ("tôdas as vêzes que"), etc. O modo é o Ind.; reparem bem no emprêgo do tempo relativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tot libros emit quot portare potuit* | Comprou tantos livros quantos pôde carregar |
| *Tantum vini bibit quantum potuit* | Bebeu tanto vinho quanto pôde |
| *Filius non est tam sollers quam fuit pater* | O filho não é tão inteligente como foi o pai |

**Nota.** Precedendo a cláusula relativa à oração principal, geralmente se omite o demonstrativo (*tot, tantum, tam*, etc.), p. e.: *Quot libros portare potuit, (tot) emit; Quantum vini potuit, (tantum) bibit;* etc.

III. ***Comparação de superioridade.*** A partícula usada é *quam;* também se pode usar o abl. de comparação, quando os têrmos da comparação estiverem no nom. ou no ac. (cf. §82, III). O modo normal é o Ind.; depois de *potius quam* (às vêzes, *potius quam ut*) segue-se o Subj. (Potencial). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Petrus major est quam Antonius*<br>*Petrus Antonio major est* | Pedro é mais alto do que Antônio |
| *Consul omnia ferre vult/voluit potius quam (ut) patriam prodat/proderet* | O cônsul prefere/preferiu suportar tudo a trair a pátria |

**Nota.** *Potius quam* admite também a construção com o Inf., p. e.: *Consul omnia ferre voluit potius quam patriam prodere.* Em vez de *voluit* poderíamos usar também *maluit* ("ploonasmo").

IV. ***Comparação de identidade,*** etc. Em comparações de identidade, as partículas mais usadas são *et*, *ac* e *atque* (cf. §201), p. e.: *idem et/ac/atque* ("o mesmo que"); do mesmo modo podem ser construídos também os advérbios *aeque*, *pariter*, *perinde*, *proinde* e *similiter* ("do mesmo modo que") *Atque/ac/et* podem ser usados também em comparações de diferença, p. e.: com o adj. *alius* e com os adv. *aliter* e *secus* (= *setius*), mas, neste caso, *atque/ac* é muitas vêzes substituído por *quam* (sob a influência da construção de comparações de superioridade); sendo negativa ou de tendência negativa a oração principal, a partícula é geralmente *nisi* (cf. §160, I, 4). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Eundem librum legi et/atque/ac tu (legisti)* | Li o mesmo livro que tu (lêste) |
| *Eodem modo pergam et/atque/ac incepi* | Continuarei do mesmo modo que comecei |
| *Secus/Aliter perfecit opus atque/quam inceperat* | Terminou a obra de modo diferente do que a começou (lit.: começara) |
| *Nihil aliud quam/nisi hoc dicere volui* | Não quis dizer nenhuma outra coisa senão isto, ou: Não quis dizer nada senão isto |

**Nota.** *Idem* pode ser combinado também com o pron. rel. *qui*, etc. (= *atque/ac*) p. e. *Eundem librum legi quem tu; Eodem modo pergam quo incepi*, etc.

§165. **A comparação condicional.** — As conjunções mais usadas são: *tamquam* (raro: *tamquam si*), *quasi*, *perinde/proinde ac si*, *(vel)ut* ou *(vel)ut si* ("como se").

I. ***A construção do Irreal.*** Em cláusulas comparativas condicionais a construção normal deve ser a do Irreal (cf. §163, II). Com efeito, encontramo-la, principalmente com aquelas em que *si* aparece isolado: o modo será, portanto, o Subj., e os tempos serão o Impf. e o Msqupf. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Vir iste me odit velut si proditor patriae essem* (Irreal do Pres.) | Êsse homem me odeia, como se eu fôsse um traidor à pátria |
| *Vir iste me oderat velut si patriam prodidissem* (Irreal do Pretérito) | Êsse homem me odiava, como se eu tivesse traído a patria. |

II. ***A consecutio temporum.*** Mas com as outras conjunções, p. e. *tamquam*, *quasi*, etc., o latim segue geralmente as regras da "consecutio temporum", regras que já encontramos no capítulo relativo às perguntas indiretas (cf. § 64, III). Depois de um tempo primário na oração principal, emprega-se o Subj. do Pres. para exprimir simultaneidade, e o Subj. do Pf. para exprimir anterioridade; depois de um tempo secundário na oração principal, emprega-se o Subj. do Impf. para exprimir simultaneidade, e o Subj. do Msqupf. para exprimir anterioridade. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Vir iste me odit, quasi proditor patriae sim* (simult.) | Êsse homem me odeia, como se eu fôsse traidor à pátria |
| *Vir iste me odit, quasi patriam prodiderim* (ant.) | Êste homem me odeia, como se eu tivesse traído a patria |
| *Vir iste me oderat, quasi proditor patriae essem* (simult.) | Êsse homem me odiava, como se eu fôsse traidor à pátria |
| *Vir iste me oderat, quasi patriam prodidissem* (ant.) | Êsse homem me odiava, como se tivesse traído a pátria |

III. ***Observações.*** 1) A distinção formulada acima não tem o caráter de uma regra rigorosa: na realidade, as duas construções influenciam-se mùtuamente de modo que nos textos clássicos se encontram inúmeras exceções, impossíveis de reduzir a um esquema simplificador.

2) *Quasi vero* usa-se muitas vêzes no começo de frases independentes de intenção irônica ou sarcástica, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Hic vir legem rogare* (§ 74, IV, nota 2) *ausus est ut cum Carthaginiensibus foedus faceremus. Quasi vero nesciamus Poenis nullam fidem inesse!* | Êste homem atreveu-se a propor uma lei no sentido de nos aliarmos aos cartagineses. Como se ignorássemos que os púnicos não têm nenhuma lealdade! |

3) *Tamquam* e *quasi* são empregados também em certas outras funções:

*a*) para introduzir uma cláusula integrante depois de alguns tipos de verbos, tais como: *dicĕre, respondēre, accusare, vituperare, laudare, simulare, timēre*, etc. Neste caso, a partícula salienta o carátér subjetivo do conteúdo da cláusula (latim arcaico e pós-clássico). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Simulabo quasi non videam eum* | Farei de conta que não o vejo |
| *Respondit tamquam uxor sponte mortem sibi sumpsisset* | Respondeu que sua mulher se tinha suicidado (mas o autor não endossa a verdade dessa resposta) |

*b*) para introduzir uma cláusula causal cujo conteúdo não é endossado como verdadeiro pelo autor: "sob o pretexto de, alegando que", etc. (latim pós-clássico). Cf. § 150, II, 2, nota 2. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *In exsilium agitur quasi principi insidiaretur* | Êle foi banido sob o pretexto de armar uma cilada ao Imperador |

*c*) para realçar o valor comparativo condicional de um particípio, cf. § 25, II, 5.

4) Às vêzes, encontra-se *quasi si* (cf. *nisi si*, § 160, I, 4, nota 2) e *tamquam si*, etc

## B) CLÁUSULAS RELATIVAS

§ 166. **Cláusulas adjetivas.** — Sôbre as cláusulas relativas puramente adjetivas podemos ser breves, visto que apresentam poucas dificuldades ao leitor de textos clássicos; neste parágrafo trataremos ràpidamente dos conectivos relativos, dos modos e dos tempos, e do emprêgo de *id quod*, deixando certas particularidades para outro capítulo; no parágrafo seguinte, estudaremos a chamada conexão relativa; finalmente, pretendemos falar das cláusulas relativas com certo valor adverbial.

I. ***Os conectivos.*** Cláusulas relativas são introduzidas por pronomes/adjetivos ou por advérbios relativos; as duas categorias de conectivos podem ser relativos definidos ou indefinidos.

1) Definidos. Quanto à forma, os pronomes e advérbios relativos são iguais aos seus correspondentes interrogativos(1), como também em português. Damos aqui os seguintes exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *qui* | que, o qual, quem | *quantus* | quanto, como(2) |
| *qualis* | qual, como(2) | *quot* | quantos(2) |
| *quantum* | quanto, como(2) | *quo* | aonde, para onde |
| *ubi* | onde | *unde* | donde |
| *quā* | pōr onde, aonde, de que modo, como | *ut* | como(3) |

(1) Só o relativo *qui* diferencia-se do interrogativo *quis*, mas cf. § 62, I, 1.
(2) Cf. § 164, II.
(3) Cf. § 211, I, 1.

2) Indefinidos. Quase todos os pronomes/adjetivos e advérbios relativos possuem, além da forma definida, também a forma indefinida: esta é formada, ou pelo acréscimo do sufixo invariável *-cumque* ao relativo definido, ou então pela repetição do mesmo; em geral, o latim prefere a primeira formação. Exemplos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *quisquis*(1) / *quicumque* | seja quem fôr | *quoquo* / *quocumque* | aonde quer que seja |
| *quotquot* / *quotcumque* | sejam quantos fôrem | *ubicumque* / *ubiubi* (raro) | onde quer que seja |

II. ***Modos e tempos.*** O modo de cláusulas relativas puramente adjetivas é o Ind. que o é também das cláusulas introduzidas por um pronome ou advérbio indefinido (cf. § 54, II). O emprêgo dos tempos coincide, geralmente, com o do português, só que o latim marca com maior precisão a anterioridade, principalmente pelo Msqupf. e pelo Fut. Pf. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Domus in quā habitas, pulchra est* | A casa em que moras, é bonita |
| *Domus quam emisti, pulcherrima est* | A casa que compraste, é muito bonita |
| *Caesar interfecit omnes transfugas, quos invenerat in opido capto* (cf. § 44, I,2) | César matou todos os desertores que encontrou (lit.: tinha encontrado) na cidade conquistada |
| *Quidquid audiero, ad te scribam* | Qualquer coisa que ouça/ouvir (lit.: tiver ouvido), escrever-te-ei |

III. ***O emprêgo de "id quod".*** O latim emprega *id quod*, quando o antecedente não é uma única palavra, mas uma frase ou cláusula inteira, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Socrates a civibus suis ut venenum biberet coactus est, id quod Atheniensibus summo dedecori est* | Sócrates foi forçado por seus concidadãos a tomar veneno, o que constitui grande desonra para os atenienses |

§ 167. **A conexão relativa.** — O latim literário gosta muito de ligar estreitamente dois períodos entre si mediante um pronome/adjetivo ou advérbio relativo (definido): é a

(1) *Quisquis* ocorre quase exclusivamente nas formas: *quisquis*, *quemquem* (raro) e *quidquid* (= *quicquid*); usado como relativo, principalmente nas formas *quoquo* e *quāquā* (p. e. *quoquo tempore; quāquā horā*, etc.). — *Quicumque* (subst. e adj.) pode ocorrer em tôdas as formas (sing. e pl.).

chamada "conexão relativa", elemento estilístico que dá um caráter monumental a tantas páginas na obra de César, Cícero e Tito Lívio. As línguas modernas podem imitar esta construção só até certo ponto (geralmente, podem empregar apenas a conexão "simples", e também esta em escala bem menor do que o latim), mas preferem, por via de regra, "desmembrar" o relativo numa conjunção coordenativa e num demonstrativo. A conjunção (sempre oculta) poderá ser, conforme fôr o caso, aproximativa (*et*), ou adversativa (*sed*), ou causal-explicativa (*nam*), ou então conclusiva (*igitur*), de modo que *qui*, em conexão, relativa, pode ser igual a: *et is, sed is, nam is* ou *igitur is*.

I. ***Exemplos de conexão simples.*** Os seguintes exemplos poderão dar uma idéia do emprêgo da conexão simples latim, bem como da maneira como é traduzida para o português:

| | |
|---|---|
| *Helvetii fines suos relinquere statuerunt et in Galliam proficisci. Quā re (= Et eā re) cognitā Haedui legatos ad Caesarem miserunt* | Os helvécios se resolveram a deixar o seu território e a emigar para a Gália. (*E*) quando os éduos souberam *isto*, mandaram embaixadores junto a César |
| *Centuriones nutu vocibusque hostes vocare coeperunt. Quorum (= = Sed eorum) nemo progredi est ausus* | Os centuriões começaram a provocar os inimigos com seus gestos e suas palavras. *Mas* nenhum *dêstes* se atreveu a avançar |
| *Neminem magis admiror quam Socratem illum virum sapientissimum. Qui (= Nam is) morti vicinus cum amicis de immortalitate animae placide disputavit* | A ninguém admiro mais do que a Sócrates, êsse grande sábio. *Pois êle*, no limiar da morte, discutiu tranqüilamente com seus amigos sôbre a imortalidade da alma |
| *Libri Platonis omnibus perutiles sunt: quos (= eos igitur) legite studiose!* | Os livros de Platão são muito úteis para todos: lêde-*os*, *pois*, com grande afinco! |
| Cf. *Quo facto* | *E* depois de feito *isso* (ou: *Mas*, ou: *Pois*) |
| *Quibus (verbis) dictis* | *E/Mas*, etc. depois de ter dito *isso* (ou: *essas* palavras) |
| *Quare = Quā de causā = Quamobrem* | *E/Mas/Pois* por *isso* |

**Nota.** Sendo "neutra" a conexão relativa, isto é, sendo possível o desmembramento em *et* e demonstrativo (o que, no mais das vêzes, acontece), dispensa-se na tradução a conjunção "e" Cf. o primeiro exemplo.

II. ***A conexão complexa.*** Muitas vêzes acontece que a um pron./adj. ou adv. relativo, usado em conexão relativa, se segue outro relativo, ou uma conjunção, ou então, um conectivo interrogativo: é a chamada conexão relativa complexa. Neste caso, o primeiro relativo estabelece a ligação com o período anterior, e o segundo conectivo (seja relativo, ou conjunção, ou interrogativo) introduz uma cláusula subordinada à oração principal do segundo período. As línguas modernas são incapazes de imitar esta construção sintética do latim, e têm que desmembrar o relativo conforme as regras já indicadas acima. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Alexandrum magnopere admiror. Cui si (= Nam si ei) vita longior fuisset, omnis orbis terrarum paruisset* | Admiro muito Alexandre. *Pois se êle* tivesse vivido mais tempo, ter-lhe-ia obedecido tôda a terra |
| *Heri amico meo matrem repente mortuam esse nuntiavi; quod ubi (= et ubi id) audivit, dolore fractus est* | Ontem participei a meu amigo que sua mãe tinha falecido de repente: *(e)logo* que êle ouviu *isto* a dor esmagou-o |
| *Platonis libri omnibus perutiles sunt: quos qui (= igitur qui eos) legent, magnopere proficient* | Os livros de Platão são muito úteis para todos: *portanto, quem os* lêr, tirará grande proveito dêles |
| *Errare malo cum Platone, quem tu quanti (= et quanti eum) facias scio, quam cum istis vera sentire* | Prefiro errar com Platão (*e* sei *quanto* tu *o* aprecias) a ter a opinião certa com êsses homens |
| *Amicitiam semper solere studui: quā quid (= nam quid eā) dulcius in terra inveniri possit nescio* | Sempre me esforcei por cultivar a amizade, *pois* não sei *o que* se pode encontrar no mundo que seja mais agradável (*do que ela*) |
| Cf. *Quae cum ita sint* | Sendo (essas coisas) assim |
| *Quo cum pervenit* | (E) depois de chegar aí |
| *Qui cum venisset* | (E) depois que (êle) chegou |
| *Ubi cum essem* | (E) quando eu estava lá |
| *Quod postquam dixit* | (E) depois que (êle) disse isso |

§ 168. **Cláusulas relativas com valor adverbial.** — Ao lado das cláusulas relativas meramente adjetivas, existem algumas outras com valor adverbial (cf. § 143, IV, 2): também em português se encontra êste tipo, p. e. na frase: "Mandou embaixadores *que dissessem*.....". Mas, em latim, o valor adverbial estende-se a certos outros tipos de cláusulas relativas fora do grupo encontrado em português.

I. ***Valor final.*** Êste tipo, bastante comum também em português, é construído com o Subj. (optativo ou voluntativo); os tempos empregados são o Pres. e o Impf. (cf. § 144, I). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Legatos mittit qui (= ut ii) dicant regem mortuum esse* | Êle manda embaixadores que digam (= para dizerem) que o rei faleceu |
| *Natura homini addidit rationem, quā (= ut eā) regeretur appetitus* | A natureza acrescentou ao homem a razão, pela qual se regessem os instintos |

II. ***Valor causal.*** Êste tipo não existe em português: o relativo *qui*, etc. = *cum* (causal) *is*, etc. Para marcar bem o valor causal de tal cláusula, o latim faz o relativo muitas vêzes ser precedido pela partícula *quippe*, ou *ut* ou *utpote* (estas duas últimas são menos usadas em prosa clássica). O modo é, em latim clássico, o Subjuntivo de subordinação; em latim arcaico e em latim da época imperial, *ut (pote)/quippe qui* é muitas vêzes construído com o Ind. Os tempos são os da consecutio temporum (cf. § 64, III). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *O fortunate Achilles, qui tantum praeconem virtutis tuae Homerum inveneris!* | Ó afortunado Aquiles, (visto) que encontraste em Homero tão excelente arauto da tua virtude! |
| *Cicero Clodium odio magno persequebatur quippe qui rebus novis studeret* | Cícero perseguia Clódio com um terrível ódio, porque êste visava à perturbação da ordem política |
| *Parce huic viro, quippe/ut qui magnopere tibi profuturus sit* | Poupa êste homem, que/porque te será de grande proveito |

**Nota.** Quanto a *quippe*, cf. § 188; quanto a *utpote*, cf. § 198.

III. ***Valor concessivo.*** Também êste tipo não existe em português. Ao relativo *qui*, etc. (= *cum* concessivo + *is*, etc.) corresponde, na oração principal, muitas vêzes *tamen* ou outra partícula adversativa. O modo é, em latim clássico, geralmente o Subj. (de subordinação). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Sapiens posteritatem, cujus (= cum ejus) sensum habiturus non sit, tamen ad se putat pertinere* | O sábio julga que a posteridade, embora dela não tenha noção, está em certa relação com êle |
| *Cur contumeliis affecisti eum virum qui (= cum is) totiens te adjuverit?* | Por que ofendeste aquêle homem que, no entanto, tantas vêzes te ajudou? |

IV. ***Valor consecutivo.*** Alguns dos casos a serem registrados existem também em português: o relativo *qui* = *ut* (consecutivo) *is*. O modo é o Subj. (potencial, cf. § 147, III,3); no mais das vêzes, o Subj. é simplesmente modo de subordinação. O emprêgo dos tempos é o mesmo das cláusulas consecutivas (cf. § 147, II). Distinguimos aqui:

1) A cláusula relativa tem valor consecutivo depois de um oração principal em que ocorrem os demonstrativos *talis, tam, tantus, tot*, etc. e *is* no sentido de *talis*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Talis est qui (= ut is) ab omnibus civibus laudetur* | Êle é tal (tão bom, simpático, nobre, etc.) que é louvado por todos os cidadãos |
| *Non is sum qui talia temere dicam* | Não sou homem para dizer tais coisas sem motivo |

2) A cláusula relativa tem muitas vêzes valor consecutivo depois de um adjetivo, ao qual está ligada por meio de *et, atque*, etc. Neste caso, é fácil completar um demonstrativo subentendido, p. e.: *talis* ou *is*, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Demosthenes perfectus orator est et cui (= talis ut ei) nihil admodum desit* | Demóstenes é orador perfeito ao ponto de absolutamente nada lhe faltar |
| *Pulchram domum emi et quae (= talem ut ea) nulli mearum villarum cedat* | Comprei uma bela casa, (que) não (é) inferior a nenhuma das minhas habitações rurais |

3) A frase: "Êste serviço é muito pesado para uma mulher poder fazê-lo", pode ser construída, como já vimos (cf. § 147, III, 2), com *quam ut;* muitas vêzes, porém, encontramos *quam qui*, etc., de modo que podemos dizer:

| | |
|---|---|
| *Hoc opus molestius est quam ut mulier (id) facere possit* | *Hoc opus molestius est quam quod (= ut id) mulier facere possit* |
| *Major sum quam ut Fortuna mihi nocere possit*(1) | *Major sum quam cui (= ut mihi) Fortuna nocere possit* |

4) Depois das locuções: *est/sunt/inveniuntur qui* ("há quem"), etc.; sendo elas negativas, pode usar-se *quin* em vez de *qui, non quod non, quae non, quem non* e *quam non* (cf. § 149, I, 4–5); em latim clássico, *quin* (= "que não") pode substituir apenas o nom. e o ac. do pron. relativo. Exemplos:

(1) "Sou demasiadamente grande para que a Fortuna me possa prejudicar"

| | |
|---|---|
| *Sunt/Inveniuntur qui dicant*<br>*Est qui dicat* } | Há quem diga..... |
| *Quis est qui dubitet?* | Quem é que duvida? Quem há que duvide? |
| *Nemo est quin/qui non intellegat hoc* | Não há ninguém que não compreenda isto |
| *Nullum vas in Sicilia erat, quin* (= *quod non*) *abstulerit Verres* (tempo absoluto) | Não havia nenhum vaso em Sicília que Verres não roubasse |

5) Depois dos adjetivos: *dignus, indignus, aptus* e *idoneus*, o latim clássico evita *ut* consecutivo, mas emprega preferìvelmente *qui*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hic liber dignus est qui ab omnibus legatur* | Êste livro é digno de (merece) ser lido por todos |
| *Idoneum/aptum eum judicavi qui imperaret* | Julguei-o idôneo/apto para exercer o comando |

**Nota.** Mas o povo dizia *ut*, cf. as palavras da Vulgata: *Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum;* o latim clássico, ao servir-se da mesma expressão (aliás, pouco clássica), diria: *Domine, non sum dignus, sub cujus tectum intres.*

6) Depois das locuções: *Habeo quod* ("tenho motivo para"), *Est quod* ("há motivo para"), etc. Cf. §210, I, 2. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Habes quod laeteris* | Tens motivo para te alegrar |
| *Non habebat quod responderet* | Não sabia o que devia responder |
| *Nihil habeo quod accusem senectutem* | Não tenho nenhum motivo para censurar a velhice |
| *Quid est quod metuas?* | Que há para temeres? Que tens para temer? |

**Nota.** Como se vê pela tradução dos exemplos dados acima, o português emprega muitas vêzes construções bem diferentes. O que é comum a muitos dos casos assinalados, é o fato de o Subj. ser originàriamente um potencial, p. e.: *Major sum quam cui Fortuna possit nocere = Major sum. Quomodo Fortuna mihi nocere possit?; Domum emi quae nulli mearum villarum cedat* = "Comprei uma casa que, *a meu ver* (pot. de modéstia!), não é inferior a nenhuma das minhas habitações rurais"), etc. O Subj. depois de *dignus sum*, etc. poderia ser explicado melhor como voluntativo: *Dignus est qui imperet* = "Êle é digno. Que êle comande!" No mais das vêzes, porém, o Subj. empregado nestes tipos de cláusulas relativas, não passa de subj. de subordinação. A influência das cláusulas consecutivas sôbre os diversos tipos de cláusulas relativas foi só indireta; muito mais importante, do ponto de vista da gramática histórica, foi o emprêgo do Subj. em orações independentes.

V. ***Valor condicional.*** Êste tipo é muito menos comum do que os outros já estudados: *qui* = *si qui(s)* mais Potencial (Pres. e Pf. do Subj.), ou mais Irreal (Impf. ou Msqupf. do Subj.). Às vêzes encontramos também o Potencial do Pretérito (Impf. do Subj.).

| | |
|---|---|
| *Haec qui videat, nonne cogatur confiteri deos esse?* (Pot. do Presente) | Quem vir estas coisas, não se verá obrigado a conceder que os deuses existem? |
| *Qui videret dolorem civium, urbem captam esse diceret* (Pot. do Pretérito) | (Quem) tivesse visto a dor dos cidadãos, poderia ter acreditado que a cidade estivesse tomada |
| *Qui posset alium servum emere, nemo est qui hunc perpeteretur* (Irreal) | Ninguém que pudesse comprar outro escravo, suportaria êste |

VI. ***Valor restritivo.*** Encontramos o Potencial de modéstia principalmente nestas duas expressões: *quod sciam* ("que eu saiba"), e: *quod meminerim* ("que me lembre"); muitas vêzes acrescenta-se ao relativo *quod* a partícula restritiva *quidem* (cf. § 188). Mas o latim emprega geralmente o Ind. em cláusulas relativas de valor restritivo, sobretudo nas expressões muito usadas: *quod/quantum in me est* ("enquanto depender de mim"), e: *quod/quantum potes* (ou: *poteris*) ("na medida em que podes/puderes"). Outro exemplo:

| | |
|---|---|
| *Ex oratoribus Atticis antiquissimi sunt, quorum (quidem) scripta constant/constent, Pericles et Alcibiades* | De todos os oradores aticos, dos quais ainda existem os escritos, são Péricles e Alcibíades os mais antigos |

CAPÍTULO X

# AS PARTÍCULAS

§ 169. **Semantemas e morfemas.** — I. ***As dificuldades apresentadas pelas partículas.*** Ao ouvirmos a frase portuguêsa: "Bem sei que teu amigo generoso me ajudará", surgem-nos à mente certas idéias, relativamente fáceis de objetivar: essas idéias são representadas pelos verbos ("sei" e "ajudará"), pelo substantivo ("amigo"), pelos adjetivos ("teu" e "generoso"), pelo pronome ("me") e pelo advérbio ("bem"). Mas a palavra "que"? Qual o significado dessa palavrinha onipresente e aparentemente inocente? É difícil dizer-se o que pensamos ou concebemos, ao ouvirmos e pronunciarmos "que". O mesmo poderia dizer-se de tantas outras palavrinhas, tais como: "ora", "se", "já", etc. São as chamadas "partículas", palavras que, além de terem um significado pouco palpável, constituem uma categoria gramatical bastante difícil de definir. Definições gramaticais são quase sempre precárias e devem ser manejadas com muito cuidado: a riqueza infinitamente variada da realidade lingüística recusa-se obstinadamente a ser reduzida a um conceito abstrato ou a um esquema simplificador dos fatos concretos. Assim mesmo, é legítima a pergunta: "Que é uma partícula?" Embora não tenhamos a pretensão de dar dela uma definição exaustiva, precisamos de uma certa descrição empírica para reconhecermos uma partícula quando a encontramos. Assim faz também a polícia, ao organizar um fichário de indivíduos suspeitos.

Uma partícula é palavra invariável que não possui significado autônomo, mas exerce uma função auxiliar em dependência dos elementos nominais e verbais de uma frase. Função e não significado. A palavra "que" na dita frase não tem significado autônomo, mas tem a função de subordinar uma cláusula integrante (neste caso, objetiva) a uma oração principal. Uma partícula é o instrumento de um instrumento, assim como o é o cabo de um martelo.

A lingüística moderna forjou o têrmo "morfema" para indicar os elementos gramaticais que não possuem significado

autônomo, mas só exercem função subalterna: seu oposto é "semantema" (subst., adj., pron., verbos, adv. etc.). Morfemas são p. e. as terminações de nomes e verbos, a ordem das palavras numa frase, o tom (ascendente ou descendente) de uma frase, etc.; morfema pode ser também uma palavra invariável: é o caso das partículas.

II. ***Os diversos grupos de partículas.*** Ora, há vários grupos de partículas, e os filólogos estão longe de concordar entre si no que se refere à sua classificação. Não queremos entrar aqui em especulações teóricas que nos afastariam muito do nosso assunto e que, para nossos fins, seriam de somenos importância. Basta dizermos que as partículas latinas, conforme normas essencialmente práticas, poderiam ser subdivididas em partículas adverbiais, partículas conjuncionais, preposições e interjeições. Das preposições já falamos nos §§ 93–142; as interjeições não necessitam de um longo comentário numa sintaxe, visto que os problemas levantados por elas, são de ordem quase exclusivamente lexicológica e morfológica(1). O assunto principal dêste capítulo serão, portanto, as partículas adverbiais e as partículas conjuncionais.

1) PARTICULAS ADVERBIAIS. Partículas adverbiais referem-se a uma só idéia, afirmando-a, negando-a, enfraquecendo-a, reforçando-a, realçando-a, apresentando-a como pergunta, etc. Estas partículas, além de exercerem uma determinada função sintática, possuem muitas vêzes também valor afetiva: todos os afetos do coração humano podem ser expressados por meio de partículas: dúvida, ironia, esperança, segurança, etc., e algumas línguas, tais como o grego clássico e o alemão moderno, possuem muitas partículas afetivas, cujo conteúdo lógico é muito exíguo, mas que estão cheias de vida: quase nunca podem ser traduzidas ao pé da letra para outras idiomas. Quem traduzirá adequadamente para o francês ou para o inglês as partículas portuguêsas nestas duas frases: "Sei *lá!*", ou "Espera *aí!*"?

As partículas afetivas em latim são pouco numerosas, predominando, em geral, a função sintática: o caráter racional e pouco sutil dos romanos é, no fundo, a razão porque a língua latina é tão pobre em certas partículas afetivas que formigam num texto grego. O latim possui uma beleza peculiar:

(1) Nesta sintaxe falamos de *o*, *pro(h)*, *heu*, no § 73, V, 1; de *en* e *ecce*, no § 73, V, 2; de *vae* e *(h)ei*, no § 78, I; de *sis*, *agedum*, etc., no § 55, I, 5.

a de monumentalidade, a de estrutura lógica, a de concisão expressiva.

Nos §§170–200 trataremos de algumas partículas adverbiais latinas, cujo conhecimento aprofundado pode ser útil para o leitor de textos clássicos; não pretendemos dar um catálogo completo, limitando-nos a uma seleção daquelas partículas que, por um motivo ou outro, apresentam certa dificuldade ao leitor moderno. Deixamos de lado as partículas interrogativas, visto que já as estudamos nos §§ 63–66.

2) Particulas conjuncionais. As partículas conjuncionais possuem em latim, como em tôdas línguas, caráter predominantemente funcional, isto é, sintático, embora algumas delas revelem certo grau de afetividade e quase tôdas elas possuam grande valor estilístico. As partículas conjuncionais dividem-se em dois grupos: as conjunções coordenativas (p. e.: "e, mas, ora," etc.), e as conjunções subordinativas (p. e.: "que, porque, depois, que, quando", etc.). Nos §§ 201–207 examinaremos as conjunções coordenativas; já encontramos, as conjunções subordinativas, ao estudarmos a subordinativa no capítulo anterior. Entretanto parece-nos útil dar uma tabela sinóptica de algumas conjunções importantes, ordenando e completando aquilo que já foi exposto: portanto trataremos, nos §§ 208–211, de *cum*, *dum*, *quia*, *quod* e *ut*.

**Nota.** Nem sempre é possível marcar com exatidão os limites entre partículas adverbiais e partículas conjuncionais. *Quin* pode ser advérbio e conjunção; *et* é geralmente conjunção (coordenativa), mas pode funcionar também como advérbio. Neste capítulo deixar-nos-emos guiar por critérios de ordem essencialmente prática, não de ordem teórica.

## PARTÍCULAS ADVERBIAIS

§ 170. **Partículas de negação.** — O latim possui três partículas negativas: *non*, *ne* e *haud*. Deixaremos aqui de lado as partículas negativas compostas, tais como: *nequaquam*, *numquam*, *nusquam*, etc. (cf. § 179).

I. ***As três negações latinas.***

1) **Non.** *Non* < *nĕ-oinom* (= *nĕ-unum*), e significa portanto originàriamente: "nenhum". Em latim histórico, *non*

é negação objetiva, em oposição a *nē* que possui caráter subjetivo. Por isso mesmo, *non* usa-se em frases enunciativas ou declarativas, isto é, em frases construídas com o Ind., o Subj. Potencial e o Subj. de subordinação (cf. § 143, V). Essa regra, porém, se refere apenas àquêles casos em que a negação afeta a frase ou a cláusula na sua totalidade; quando a negação afeta uma só palavra, — quer seja nome, quer seja verbo, — usa-se sempre *non*, também em frases optativas e voluntativas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Non veni/non venio/non veniam* (Frase declarativa independente) | Não vim/não venho/não virei |
| *Non dicam/dixerim* (Potencial) | Não poderia dizer |
| *Cum consulatum non adeptus esset, rus se recepit* (Subj. de subord.) | Como não tivesse obtido o consulado, retirou-se para o campo |
| *Quid faciam? Rogem eum, non rogem?* (negação de uma só palavra numa frase voluntativa) | O que devo fazer? Suplicar-lhe ou não? (cf. § 57, V) |

**Notas.**

1) Mais fôrça do que *non* possui *nihil*, ac. de relação, cf. § 74, IV, 2.

2) O latim evita o emprêgo de *non* sem verbo no final de uma frase, mas ou repete o verbo, ou então, usa *non item*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Hercules id facere potuit, nos non possumus/nos non item* | Hércules pôde fazer isto, (mas) nós não (o podemos) |

3) Na época imperial, *non* alarga sua influência em detrimento de *nē*, p. e. *dummodo non faciat* = *dummodo ne faciat* (cf. § 160, III) e *non facias* = *nē facias* (cf. § 55, II).

2) **Nē.** *Nē* relaciona-se com *nĕ*, partícula negativa que, às vêzes, ainda se encontra em latim arcaico, também em frases enunciativas; *nĕ* era a mais antiga negação latina que, com o tempo, foi sendo suplantada por *non* < *nĕ unūm* (cf. *supra*, 1), mas que deixou vestígios em inúmeras palavras compostas, tais como: *nĕfas*, *nĕscire*, *nĕque*, *numquam*, *nusquam*, etc.

*Nē* é negação subjetiva, sendo a partícula usada em frases optativas e voluntativas (independentes e subalternas). Resumindo, poderíamos especificar o seu emprêgo desta maneira.

*A*. Em orações independentes:

1) com o optativo pròpriamente dito, cf. § 56, I.
2) com o subjuntivo exortativo, cf. § 57, I.

3) com o subjuntivo proibitivo, cf. §57, II.
4) com o subjuntivo permissivo/concessivo, cf. §57, III–IV.

*B.* Em orações subalternas:

1) em cláusulas condicionais com valor final, cf. §160, III, 8: *dum ne, dummodo ne, modo ne.*
2) em cláusulas finais, cf. §144, II: *ut ne.*

*C.* Como conjunção:

1) em cláusulas finais (livres e completivas), cf. §§144–145.
2) depois de certos verbos impessoais, cf. §146, I.
3) depois de verba timendi, cf. §146, II.
4) depois de verba impediendi, cf. §146, III.

**Notas.**

1) Quanto a *nē.... quidem,* cf. §186, I, 2d.

2) Distingam bem a partícula negativa *nē* da partícula afirmativa *nē,* cf. §182.

3) Embora o Subj. concessivo/permissivo tenha a negação *nē,* a conjunção *ut* — com valor concessivo, cf. §162, I, 4 — é geralmente combinado com *non,* porque a negação afeta, no mais das vêzes, uma só palavra, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Ut non habeat satis virium, tamen est laudanda voluntas* | Pôsto que não tenha fôrças suficientes, é louvável sua boa vontade |

3) **Haud** (menos corretamente, **haut**). — O emprêgo de *haud* é muito restrito em latim clássico, limitando-se a certas combinações, tais como: *haud scio* (cf. §66, IV), *haud quisquam, haud dubito, haud diu, haud facile,* etc.

II. ***Dupla negação.*** 1) Duas negações simples na mesma frase anulam-se mùtuamente, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Non possum non admirari Alexandrum* | Não posso deixar de admirar Alexandre, ou: Tenho de admirar Alexandre |

O mesmo pode dizer-se de uma negação simples, seguida de um verbo ou adj./adv. com sentido negativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Non ignoro/Haud nescio* | Não ignoro = Bem sei |
| *Non est inutilis* | Não é inútil = É muito útil |

**Nota.** Êste emprêgo de dupla negação chama-se "lítotes", figura estilística também usada em português: é a negação enfática do contrário daquilo que se quer afirmar.

2) Havendo duas negações, uma simples, a outra composta (sobretudo, *nihil, nemo, numquam* e *nusquam*), devemos distinguir entre êstes dois casos: se a negação composta preceder a negação simples, esta última se refere à frase inteira, dando-lhe caráter afirmativo; se a negação simples preceder a negação composta, aquela torna negativa só esta última, com a qual constitui uma unidade íntima. Reparem bem na diferença entre as seguintes expressões:

| | |
|---|---|
| *Nemo non intellegit hoc* | Ninguém é incapaz de compreender isto = Todo mundo compreende isto |
| *Non nemo/Nonnemo hoc intellegit* | Muita gente compreende isto, ou: Não são poucos os que compreendem isto |
| *Nihil non fecit* | Fêz tudo |
| *Non nihil/Nonnihil fecit* | Fêz alguma coisa |
| Cf. *numquam non*, e *nonnumquam* | sempre, e às vêzes |
| *nusquam non*, e *nonnusquam* | por tôda a parte, e em alguma parte |
| *necnon* (desde Vergílio) | e também |

3) As regras dadas acima referem-se sobretudo ao latim clássico; no período arcaico e na linguagem vulgar de tôdas as épocas, duas negações na mesma frase muitas vêzes não se anulam, mas se reforçam mùtuamente. Assim encontramos expressões dêste tipo: *haud nolo* ("não quero"); *nec numquam* ("e nunca"); *haud impiger* ("não enérgico"), etc. Cf. em português: "*Não* o vi *nunca*" = "*Nunca* o vi".

4) Quando uma negação simples ou composto vier seguida de *nec/neque*.... *nec/neque*, ou de *nē*.... *quidem* (cf. §186, I, 2d), não há anulação: neste caso, uma idéia genérica negativa, expressa pela primeira negação, vem a ser particularizada ou desenvolvida pela segunda. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Nihil est illo amico mihi nec carius nec jucundius* | Nada me é mais caro ou mais agradável do que aquêle amigo |

**Nota.** Quanto a *nec*.... *nec*, e *neu*.... *neu*, etc., cf. §203, II.

## OUTRAS PARTÍCULAS ADVERBIAIS

### § 171. Adeo.

I. ***Partícula de limite.*** Esta partícula indica limite, raras vêzes no espaço, geralmente no tempo; muitas vêzes vem acompanhada de *usque*, e seguida de *dum*, *quoad* (cf. § 156, I, 2), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Usque adeo in periculo fui, quoad amicus meus advenit* | Estive em perigo até o momento em que meu amigo chegou |

II. ***Partícula de intensidade.*** Indica também grau ou intensidade, muitas vêzes em combinação com *ut* consecutivo: "a tal ponto que", etc. (cf. § 147, I), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Adeo iratus est ui omnes fugerint* | Tanto se indignou que todos fugiram |

**Nota.** Na época imperial, é freqüente o emprêgo de *adeo non ut:* "tão pouco... que" ou: "tão longe de", etc. (cf. *tantum abest ut*, § 148, II, 6), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Adeo non tenuit iram ut cum gladio in senatum se venturum (esse) palam diceret* | Estava tão longe de dominar a ira que disse publicamente ir armado ao senado |
| *Ejus dicta adeo nihil moverunt quemquam, ut legati prope violati sint* | De tal forma suas palavras não impressionaram ninguém que os embaixadores quase foram molestados |

III. ***Partícula de clímax.*** Indica clímax, principalmente na expressão: *atque adeo:* "e o que é mais/melhor/pior", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Intra moenia, atque adeo in senatu conjurat contra rem publicam* | Dentro das muralhas da cidade, e até no senado conspira contra o Estado |

IV. ***Partícula de realce.*** *Adeo* é simplesmente partícula de realce, dando maior ênfase à palavra precedente que, geralmente, é pron. pessoal, ou adv., ou conjunção, ou Imperativo do verbo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tu adeo dixisti* | Quem disse foi tu |
| *Haec adeo dixisti* | Foi isto que disseste |
| *Nunc adeo; Jam adeo; Si adeo....* | É agora que; Já; Se (chegar a tal ponto) |
| *Propera adeo!* | Apressa-te! |

§ 172. **Admodum.** — I. ***Partícula de intensidade.*** Esta partícula indica grau ou intensidade: "muito, sumamente, em alto grau", etc., e pode ser combinada com adj., adv. e verbos. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Admodum antiqui scriptores* | Os escritores de tempos muito remotos |
| *Eo tempore puer admodum eram* | Naquele tempo era eu muito pequeno |
| *Hoc mihi placet admodum* | Isto me agrada sumamente |

II. ***Particularidades.*** 1) *Admodum*, com números, quer dizer: "não menos de"; exemplo:

| | |
|---|---|
| *Noctu turres admodum viginti exstructae sunt* | Durante a noite foram erguidas não menos de vinte tôrres |

2) *Admodum*, com negações, quer dizer: "absolutamente não", etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Nullam pecuniam admodum habeo* | Não tenho dinheiro algum |
| *Nihil admodum ei deest* | Absolutamente nada lhe falta. |

§ 173. **Certe e certo.** I. — ***Certe.*** *Certe* é partícula afirmativa ("sem dúvida, certamente", etc.), que pode ser combinado com todos os tipos de palavras, e se usa também em respostas; mas em prosa e poseia clássica, a partícula possui mais freqüentemente valor restritivo ("em todo caso, ao menos", etc.), encontrando-se sobretudo na apódose correspondente a uma prótase introduzida por *si non* (cf. §160, I, 1), ou por outra conjunção condicional com valor concessivo (cf. § 161, 1).

1) *Certe* = "sem dúvida", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Certe dea es* | Sem dúvida és deusa |
| *Puella certe rapta est* | A menina foi sem dúvida raptada |
| *Estne ipse annon est? — Certe is est* | É êle ou não? — Êle mesmo |

2) *Certe* restritivo, muitas vêzes combinado com *at, tamen, sed* ou *quidem*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Haec sint sane ingrata nobis, certe falsa non sunt* (cf. §57, IV) | Pode ser que isto nos seja desagradável, em todo o caso não é falso |

II. ***Certo.*** *Certo* tem apenas valor afirmativo; menos usado do que *certe*, exerce desta partícula só a primeira função, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Certo scio eum hoc dixisse* | Sei com certeza que êle disse isto, ou: Tenho certeza de que êle falou assim |

§ 174. **Demum e Denique.** — I. ***Demum.*** *Demum* é partícula (enclítica) de realce; no mais das vêzes, é combinado com pron. ou com adv. de tempo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Idem velle atque idem nolle, ea demum firma amicitia est* | Querer as mesmas coisas e não querê-las, essa é a firme amizade, ou melhor: Estar unido na simpatia e na antipatia, eis a sólida amizade |
| *Tum demum cerneres* (cf. § 56, II, 1) | Foi então que se poderia ter visto |
| *Nunc demum intellexi* | Só agora compreendi |

**Nota.** Os autores da época imperial usam *demum* também no sentido de "sòmente, apenas", etc. (= *solum, modo, dumtaxat, tantum*, etc.), p. e.: *Suis demum oculis credit:* "Acredita só em seus próprios olhos".

II. ***Denique.*** 1) *Denique* introduz o último elemento de uma enumeração (= *postremo*): "finalmente, afinal", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Agros, villas, denique/postremo omnes servos vendidit* | Êle vendeu as terras de lavoura, as habitações rurais, e finalmente todos os escravos |

2) Particularidades.

a) *Denique* resume brevemente: "em suma, em uma palavra", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Semper te fodientem, aut arantem, aut aliquid in agro facientem denique videmus* | Sempre te vemos cavando ou lavrando ou, em suma, fazendo qualquer coisa na tua terra |

b) *Denique* = *tandem:* "até que enfim, finalmente, por fim", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Heri denique accepi litteras tuas* | Ontem afinal recebi tua carta |

c) *Denique* aproxima-se de *demum*, quando combinado com pron. ou adv. de tempo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Tum denique intelleges* | Será então que/Só então compreenderás |
| *Multo denique die domum rediit* | Voltou à casa quando o dia já ia bem avançado |

§ 175. **Etiam e quoque.** — I. ***Generalidades.*** As duas palavras significam geralmente: "também". *Etiam* (às vêzes, também: *et*) exprime mais a idéia de clímax, *quoque* a de adição; *etiam/et* vêm colocados antes da palavra, *quoque* vem depois. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tu quoque, Brute, mi fili!*<br>*Etiam/Et tu, Brute, mi fili!* | Também tu, Bruto, meu filho! |

II. ***Particularidades de "etiam".*** 1) Devido à sua função original de indicar clímax, *etiam* é usado na locução correlativa: *non solum/tantum . . . . , sed/verum etiam:* "não só . . . . , mas (como) também"; com a partícula *quin* (cf. § 187, I, 4); com comparativos: *hic multo etiam melius dixit:* "êste falou muito melhor ainda"; na expressão: *etiam atque etiam:* "mais e mais", etc. Nestes casos, o latim clássico não usa *quoque*.

2) *Etiam* usa-se também em respostas afirmativas: "sim", cf. § 67, II.

3) *Etiam* usa-se também no sentido temporal: "ainda", principalmente nas combinações: *etiamdum* ("até agora"), *etiamnum = etiamnunc* ("até agora, ainda agora"), *etiamtum = etiamtunc* ("até então, então ainda"). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *In ambiguo est etiam haec res* | Êste problema não foi resolvido ainda, ou: Isto ficou indeciso ainda |
| *Hunc ego numquam videram etiam* | Nunca o tinha visto ainda |
| *Quamdiu etiam furor iste tuus nos eludet?* | Durante quanto tempo ainda nos há de iludir êsse teu furor? |

**Notas.**

1) Mas também se usa *quoque*, em expressões dêste tipo: *hodie quoque, nunc quoque, tum quoque,* etc.

2) *Quŏque* é advérbio (particula); *quōque* é o abl. de *quisque* (cf. § 227, II).

§ 176. **Fere ou Ferme.** — I. ***Generalidades.*** Exprime a idéia de valor aproximativo, geralmente combinado com números: "mais ou menos, cêrca de", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pater meus abhinc decem ferme annos mortuus est* (cf. § 74, III) | Meu pai faleceu há cêrca de dez anos |
| *Sexto decimo fere anno illius belli mortuus est* | Faleceu mais ou menos no décimo sexto ano daquela guerra |

II. ***Particularidades.*** Exprime a idéia de hábito, costume, generalização, etc.: "quase sempre, por via de regra, geralmente", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Hoc fere fit* | Isto costuma acontecer |

2) Significa: "'quase, por pouco", etc.; neste sentido, é muitas vêzes combinado com palavras negativas: "quase nada, quase ninguém, por um nada", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nihil fere intellegit earum rerum quas dixi* | Pràticamente nada compreendeu daquilo que falei |
| *Nemo fere saltat sobrius* (cf. § 160, I, 3) | Quase ninguém dança estando sóbrio |
| *Jam ferme moriens me vocat* | Já prestes a morrer, êle me chama |

§ 177. **Immo** (menos corretamente **imo**). — Esta partícula, muitas vêzes combinada com *etiam*, *quin*, *vero*, *potius*, etc. ou com interjeições, tais como *hercle*, *ecastor*, *edepol*, etc., tem geralmente a função de corrigir as palavras precedentes ("não, ao contrário, antes", etc.), ou a de indicar um clímax em relação a elas. Encontra-se muitas vêzes numa resposta. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Causa igitur non est bona? — Immo optima!* (clímax) | A causa, portanto, não é boa? Ela é até muito boa! |
| *Simulacra deorum, deos immo ipsos abstulit* (clímax) | Arrancou as imágens dos deuses, — não, pior ainda, os próprios deuses |
| *Hic vir levis est? Immo constantissimus!* (correção) | Êste homem é leviano? Pelo contrário, muito perseverante |

§ 178. **Ita e sic.** — I. ***Generalidades.*** Estas duas partículas são geralmente combinadas com verbos e exprimem modalidade: "assim"; quando combinadas com adj. e adv. (emprêgo raro em latim clássico), indicam grau ou intensidade: "tão". Muitas vêzes corresponde-lhes a partícula *ut* (cf. § 164, I), não só em cláusulas comparativas como também em cláusulas consecutivas ("assim como", e "de tal modo que", respectivamente). Exemplos são desnecessários; quanto à correlação: *ita/sic . . . ut*, cf. § 211, I, 1.

II. ***Idiomatismos:*** 1) *Ita* e *sic* são empregados em respostas afirmativas: "sim", cf. §67, II.

2) *Itane* usa-se em perguntas sarcásticas ou irônicas; *sicine* (menos corretamente, *siccine*) em perguntas repreensivas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Itane credis?* | E tu acreditas?! |
| *Sicine me despernis?* | Teu desprêzo por mim chega a êsse ponto? |

3) *Ita* e *sic* podem ser combinados com *esse* ou *se habēre*, de modo predicativo, p. e.: *Ita est, Sic est, Ita se res habet:* "É assim (mesmo)", etc.; cf. também: *ni ita esset:* "não fôsse assim" (cf. §160, I, 2).

4) *Ita* e *sic* são muitas vêzes usados em frases optativas, que fazem parte de juramentos e de afirmações fortes (sobretudo: *ita ut*, cf. §211, I, 1a); tipo: *Ita me di ament: nonnihil timeo:* "Que os deuses me amem! Tenho um pouco de mêdo", construção elíptica que se explica assim: "É tão verdadeiro o meu desejo que os deuses me amem, como é verdadeiro que tenho um pouco de mêdo", etc.

5) *Sic* usa-se, depois, de um imperativo, em preces: *Parce mihi: sic dii tibi propitii sint!* = "Poupa-me! Se fizeres isso, faço votos por que os deuses te sejam propícios". Também aqui temos uma espécie de elipse: *sic = eā conditione*, ou = *si mihi parces*, etc. Êste emprêgo se encontra principalmente na poesia.

6 *Sic* tem às vêzes o valor de *temere:* "assim, à toa, sem mais nem menos, como era/estava", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Noluerunt eos sic nudos in flumen dejicere* | Não os quiseram atirar nus, como estavam, ao rio |
| *Dedi tibi sororem meam sic sine dote* | Dei-te minha irmã em matrimônio assim, sem dote |

§179. **Minus.** — I. ***Partícula negativa.*** 1) Êste comparativo é por vêzes usado como forma modesta de negação: "não", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Istud minus intellexi* | Não compreendi muito bem isso |
| *Nonnumquam ea quae praedicta sunt minus eveniunt* | Às vêzes não se cumprem as profecias |

2) Assim se explica a formação de *quominus*, palavra composta de *quo* (usado em cláusulas finais, cf. §144, II, 2) e de *minus* = *non; quominus* emprega-se depois de verba impediendi (= *ne*), cf. §146, III.

3) Assim se explica também a forma: *si minus* = *si non*, cf. § 160, IV.

4) *Nihilominus* significa: "não obstante isso, apesar disso", etc.; outra forma congênere é *nihilosetius* (*setius* é comparativo de *secus*, cf. § 164, IV); nestas combinações, *nihilo* é abl. de medida (cf. § 84, IV).

II. ***Outras negações fracas.*** Outras negações modestas são: *parum* e *vix*. *Parum* usa-se como "pouco" em português, *vix* (muitas vêzes: *vixdum* e *vix aegreque*) significa: "apenas, mal"; *vix* (*vixdum*) é também adverbio de tempo, sendo usado freqüentemente em combinação com *cum* inverso (cf. § 152, I, 2). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Parum prudenter egit* | Não agiu muito prudentemente, ou: Agiu pouco prudentemente |
| *Sine his rebus vix vivere possumus* | Sem estas coisas quase não/mal podemos viver |
| *Vix(dum) domum redieram, cum litteras tuas accepi* | Mal cheguei a casa, recebi tua carta |

**Nota.** Em vez de *vix.... cum*, encontramos também *vix.... et/atque*.

III. ***Negações fortes.*** *Minime*, porém, é negação forte: "absolutamente não"; a palavra usa-se também em respostas, cf. § 67, II.

Outras negações fortes ("absolutamente não") são *haudquaquam* (*nequaquam*) e *neutiquam*. Cf. também *non omnino, nihil, admodum non*, etc.

**Nota.** Mas *nequiquam* (= *frustra*) significa: "em vão, debalde", etc.

§ 180. **Modo.** — I. ***Generalidades.*** Esta partícula exprime a idéia de restrição ("sòmente, apenas", etc.), e usa-se principalmente nestas combinações:

1) *non modo....., sed/verum etiam:* "não só....., mas (como) também".

2) *I modo*, e *Fac modo videas!*, cf. § 160, III, Nota 1.

3) *Modo* = *Dum* = *Dummodo:* "contanto que" (conjunção), cf. § 160, III.

4) *Modo non* = *propemodum:* "quase" (cf. § 160, III, nota 3).

5) *Si modo:* "se é que" (cf. *ibidem*, nota 2).

II. ***Particularidades.*** *Modo* tem também função temporal: "há pouco", etc., e usa-se muitas vêzes em correlação:

*modo*...., *modo*, ou: *modo*....., *nunc*, ou: *modo*....., *tunc*, etc. ("ora....., ora; já....., já; às vêzes....., outras vêzes", etc.).

III. *Mŏdŏ* é advérbio; *mŏdō* é o abl. de *mŏdus* (cf. §83, II, 2b).

§181. **Nē** (menos corretamente: **nae**). — Esta partícula que deve ser bem distingüida de *nē* negativo (cf. §170, II), tem valor afirmativo, e usa-se apenas em combinação com pronomes (*ego*, *tu*, *ille*, etc.) e com interjeições (*ecastor*, *edepol*, *hercle*, etc.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ne ego homo infelix fui* | Fui realmente um homem infeliz |

§182. **Nēdum.** — I. ***Em latim clássico.*** Esta partícula é composta de *nē* negativo (cf. §170, II) e de *dum* (cf. §209): introduz um argumento *a fortiori*, depois de uma frase negativa ou um advérbio semelhante (*aegre* e *vix*): "muito menos ainda". Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Frigus in tectis ferendum non/vix erat, nedum in mari* | Não/Mal se podia suportar o frio nas casas, muito menos no mar |

II. ***Em latim pós-clássico.*** Em latim pós-clássico, a partícula é usada também depois de afirmações positivas: "muito mais ainda", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Id vel socios, nedum hostes terrebat* | Isto amedrontava até mesmo os aliados, muito mais ainda os inimigos |

§183. **Omnino.** — I. ***Com numerais.*** Esta partícula, combinada com numerais, quer dizer: "ao todo", etc.

| | |
|---|---|
| *Quinque omnino senatores aderant* | Ao todo estavam presentes cinco senadores |

II. ***Com negação.*** Combinado com uma negação, *omnino* significa quase sempre: "absolutamente não", só raras vêzes: "não inteiramente". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nemo omnino potest esse beatus sine virtute* | Absolutamente ninguém pode ser feliz sem (possuir) a virtude |
| *Non omnino jam perii* | Ainda não estou arruinado por completo/totalmente |

III. ***Função generalizadora.*** 1) Em frases positivas, *omnino* significa geralmente: "de um modo geral", etc. (cf. em alemão: *überhaupt*), mas também: "inteiramente" etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *De hominum genere, aut omnino de animalium loquor* | Falo da espécie humana, ou — de um modo geral, — da espécie animal |

2) Seguido de *sed, at* ou *autem,* a partícula *omnino* aproxima-se do valor de *semper,* etc.: "sempre/em tôdas as circunstâncias....., mas", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Omnino prudentes esse debemus, sed maxime in duce eligendo* | Sempre devemos ser circunspectos, mas principalmente quando se trata de eleger um comandante |

§ 184. **Perinde e Proinde.** — I. ***Generalidades.*** *Perinde* e *proinde* (*proin*) são duas partículas que indicam modalidade (cf. *ita/sic*); quase sempre estão em correlação com partículas comparativas.

1) Com *ut, atque/ac, et* e *-que* (mais Ind.), indicam comparação de igualdade e de identidade "assim como, do mesmo modo que", etc. (cf. § 163, I e IV). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Res evenit perinde ac/atque putāram* | A coisa sucedeu exatamente como eu havia pensado |
| *Faciam proinde ut dixi* | Farei exatamente como disse |

2) No mais das vêzes, as duas partículas são combinadas com *atque/ac si, quasi, (vel)ut si* ou *tamquam* (mais Subj.) para indicar comparação condicional (cf. § 165); nesta função, não raramente falta o elemento *si.* Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Legati supplices ad Caesarem venerunt perinde ac (si) fraudata restituere vellent* | Embaixadores suplicantes foram ter com César, como se quisessem restituir as coisas roubadas |
| *Callide me interrogavit proinde quasi nihil nosset* | Interrogou-me astuciosamente, como se nada soubesse |

II. ***Particularidades.*** 1) *Haud perinde:* "não muito" (expressão elíptica), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quare adventus ejus haud/non perinde gratus fuit* (sc. *ac facile exspectares*) | Por isso sua chegada não foi muito agradável (lit.: não foi tão agradável como era de esperar) |

2) *Proinde* é muitas vêzes usado em ordens, probições e exortações: "então, portanto, por isso", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Nihil tibi timendum es. Proinde aperte dic quid scias* | Nada precisas temer. Por isso dize francamente o que sabes |

§ 185. **Prorsus e prorsum** (cf. § 123). — I. ***O emprêgo não clássico.*** As duas palavras têm originàriamente sentido local: "para a frente, adiante", etc., muitas vêzes com a idéia secundária: "sem rodeios, sem afastar-se do caminho" (cf. *prosa oratio = soluta oratio*, em oposição à poesia). Nesta acepção, seu emprêgo limita-se ao latim pré-clássico e pós-clássico.

II. ***O Emprêgo clássico.*** Geralmente, as duas palavras são partículas (sobretudo a forma *prorsus*), usando-se nas seguintes funções:

1) "Inteiramente, totalmente"; com negações: "absolutamente não"; só raras vêzes indica grau ou intensidade: "muito, sumamente", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Praedones prorsum parcunt nemini* | Os ladrões não poupam absolutamente ninguém |
| *Prorsus perii!* | Estou completamente arruinado |
| *Ea res prorsus opportuna Catilinae fuit* | Esta coisa foi muito favorável para Catilina |

2) *Prorsus* é usado também, no fim de uma enumeração, para fins de recapitulação: "em suma, em uma palavra", etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *In Italiam profectus est pauper; mercator factus est, pecunias conciliavit, uxorem ditissimam duxit, agros plurimos habet: prorsus omnia bene evenerunt* | Pobre foi para a Itália: fêz-se negociante, ganhou muito dinheiro, casou com uma mulher riquíssima, possui muitíssimas terras: em uma palavra, tudo lhe correu bem |

§ 186. **Quidem e equidem.** — I. ***Quidem.*** *Quidem* (palavra enclítica) é usada como partícula restritiva e como partícula de realce.

1) Como PARTICULA RESTRITIVA, significa: "ao/pelo menos", etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Unum quidem tibi promittere possum* | Posso-te prometer pelo menos uma coisa |
| *Nil novi habeo, hoc quidem tempore* | Não tenho nenhuma novidade, pelo menos neste momento |

Usa-se especialmente:

*a*) em cláusulas relativas restritivas, cf. § 168, VI.

*b*) em combinação com *si; siquidem* = "se é que, se deveras", etc.; mas a combinação tem muitas valor causal = *quandoquidem*, cf. § 150, I.

*c*) em correlação com *sed, at, verum*, etc.; neste caso, há um certo equilíbrio entre os dois membros da oposição, dos quais o primeiro é marcado pela partícula *quidem*, e o segundo pela conjunção *sed, at*, ou *verum*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hic vir dives quidem est, sed infelix* | Êste homem é (sem dúvida) rico, mas infeliz |
| *Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma* | O espírito está pronto, a carne, porém, é fraca |

2) No mais das vêzes, porém, *quidem* é PARTICULA DE REALCE, geralmente não admitindo uma tradução explícita, mas dando maior relêvo à palavra precedente; em alguns casos, podemos traduzi-lo por: "é que, quanto a", etc. Nesta função registramos aqui de modo especial:

a) as combinações *et/atque.... quidem, nec/neque.... quidem*, etc., cuja função é a de salientar o segundo membro de uma ligação coordenativa (aproximativa) Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Promitto me id facturum (esse), atque libenter quidem* | Prometo fazê-lo, e (até/isso) com muito prazer |

*b*) *qui*, etc. *quidem*, na conexão relativa (cf. § 167), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Germani eo anno iterum Rhenum transierunt. Quod quidem ubi Caesar audivit, in eam regionem contendit* | Os germanos ultrapassaram nesse ano pela segunda vez o Reno; e/mas logo que César o soube, marchou àquela região |

*c*) *quandoquidem*, cf. § 150, I.

*d*) a combinação: *nē.... quidem* = "nem sequer" ou: "nem mesmo": a palavra frisada está entre os dois elementos da combinação. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ne Juppiter quidem omnibus placet* | Nem sequer Júpiter agrada a todos |
| *Ne pecuniā quidem datā hoc impetrare poteris* | Nem sequer dando dinheiro, poderás conseguir isto |

*e*) o realce pode ser uma espécie de oposição: "porém". p. e.:

| | |
|---|---|
| *Specie* (cf. § 82, V, 2) *amicus est, re quidem verā nobis insidiatur* | Aparentemente é nosso amigo, mas na realidade arma uma cilada contra nós |

II. ***Equidem.*** A partícula *equidem*, igualmente enclítica, não deriva de *ego* e *quidem*, mas de *e-* (cf. *e-nim*) e *-quidem*. Muito menos usado do que *quidem*, encontra-se geralmente em combinação com um verbo na

1.ª pessoa (p. e.: *quod equidem sciam*), mas também a 2.ª e a 3.ª pess. podem ocorrer (p. e.: *scitis equidem*). Muitas vêzes vem acompanhada de outra partícula ou interjeição, tais como: *certe, edepol, hercle*, etc. Os romanos, porém, ao que parece, já consideravam *equidem* amiúde como forma abreviada de *ego quidem*, de modo que *equidem* várias vêzes se encontra no sentido de: "eu por mim, quanto a mim", etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Equidem me Caesaris militem dici semper volui* | Eu por mim sempre desejei ser chamado soldado de César |

§ 187. **Quin.** — Como já vimos (cf. § 148, II, 5), *quin* é palavra composta do instr. *qui* e da negação *nĕ;* só em alguns casos isolados, poderia ser considerado como composto do nom. *qui* e *nĕ* (cf. § 149, I, 4). A partícula é usada como adv. e como conjunção.

I. ***Advérbio.*** 1) Partícula interrogativa: "Por que/Como não?", combinada com o Ind. Pres. para introduzir uma pergunta que encerra um convite ou uma exortação, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quin conscendimus equos?* | Por que não montamos os cavalos? (= Montemos os cavalos!) |
| *Quin expergiscimini?* | Por que não despertais? (= Despertai!) |

2) Visto que o emprêgo de *quin* pràticamente se limitava a êsse tipo de perguntas exortativas, foi-se perdendo seu valor original e *quin* transformou-se numa partícula de exortação, combinada com o Subj. exortativo ou com o Imperativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quin conscendamus equos!* | Vamos montar os cavalos! |
| *Quin abi!* | Vai embora! |

3) Numa resposta, *quin* pode ter valor afirmativo: "sim, com certeza, isso mesmo" (emprêgo raro, só encontrado na comédia); esta função deriva da original: "por que não?" > "naturalmente, certamente", etc.

| | |
|---|---|
| *Adduxistine eum? — Quin, inquam, intus est* | Trouxeste-o? — Não há dúvida, (digo), está dentro |

4) Daí se originar o emprêgo de *quin* para indicar clímax ou correção das palavras precedentes, geralmente em combinações; *quin etiam* indica, por via de regra, clímax; *quin immo*, correção (cf. *immo vero*, etc., § 177), mas a distinção não tem caráter rigoroso. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Multum scribo diē, quin etiam noctibus* (clímax) | Muito escrevo de dia, até mesmo de noite |
| *Beatus venter qui te portavit, Quinimmo beati qui audiunt verbum hoc* (correção) | Feliz o ventre que te carregou. — Antes felizes aquêles que ouvem esta palavra |

II. ***Conjunção.*** Como conjunção, *quin* usa-se apenas depois de orações negativas, e é sempre combinado com o Subj. Distinguimos:

1) com verba impediendi (= *quominus*), cf. §146, III.

2) em cláusulas com valor consecutivo (= *ut non/qui non*, etc.), cf. §149.

3) em cláusulas causais: *non quin* (= *non eo quod*), *sed quia*, cf. §150, II, 2, Nota 1.

4) em cláusulas completivas depois de *non dubito quin*, cf. §66, IV, Nota 1.

§188. **Quippe.** — I. ***Advérbio.*** 1) Como adv., *quippe* é partícula de evidência: "naturalmente"; *quippe* < *quid-pe?* = "por que (digo isto)?"; nesta função, assemelha-se bastante a *nempe* < *nam-pe*. Muitas vêzes possui valor irônico. Ao contrário de *nempe*, que é usado em respostas formais ("sem dúvida, certamente", etc.), *quippe* emprega-se mais para confirmar ou corroborar, não as palavras de outrem, mas as de quem está falando. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cum Romae essem, templum Apollinis visi. Quippe: quid enim pulchrius in urbe cogitari potest?* | Quando estava em Roma, visitei evidentemente o templo de Apolo, pois o que se pode imaginar de mais belo na cidade? (lit.: visitei o templo. Claro (que fiz isto), pois o que....?) |
| *Quippe ego Juno vetor fatis!* (ironia) | O destino me proibe (de fazer isto), note bem, a mim, Juno! |

2) Muitas vêzes *quippe* reforça a idéia explicativa ou causal expressa pelas conjunções *nam, enim, etenim*, etc. (cf. o primeiro exemplo sob 1), ou por *cum* causal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Non fuit turpe eum hoc facere, quippe cum cives ejus eodem instituto uterentur* | Não lhe foi indecoroso fazer isto porque seus concidadãos tinham o mesmo costume |

3) Sobretudo é freqüente com o pron. relativo, cf. §168, II; e com o particípio, cf. §25, II, 2.

II. ***Conjunção.*** Daí *quippe* passar a ser empregado como conjunção causal e explicativa (latim arcaico, poesia; não em prosa clássica). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Intellego omnes ei favere, quippe beneficia ejus rei publicae profuerunt* | Compreendo que todos lhes são favoráveis, porque os serviços que êle prestou foram de grande utilidade para o Estado |

§ 189. **Saltem.** — I. ***Emprêgo clássico.*** Esta partícula tem valor restritivo: "ao menos, em todo o caso", etc. Em prosa clássica, encontra-se relativamente poucas vêzes isolada, mas quase sempre ou em combinação com *aut* alternativo ("ou, pelo menos"), ou então, na apódose de uma construção condicional ou concessiva (cf. § 160, I, 1 e § 161, I). É muitas vêzes combinado com *at* ou *sed*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Eripe mihi hunc dolorem aut minue saltem!* | Livra-me desta dôr, ou pelo menos, diminui-a! |
| *Si non ipsi abibimus, at saltem permittite filium meum Romam mitti* | Se nós mesmos não fôrmos, permiti ao menos que meu filho seja mandado a Roma |

II. ***Emprêgo pós-clássico.*** Na época imperial, *saltem* é muitas vêzes combinado com negações (= *ne ... quidem*): "nem sequer". Exemplo,

| | |
|---|---|
| *Non deorum saltem, si non hominum menor erat* | Não estava lembrado dos homens: nem sequer dos deuses (ou: Não estava lembrado dos deuses, muito menos ainda dos homens) |

§ 190. **Sane.** — Esta partícula é o adv. regularmente formado de *sanus* ("são, sadio"), mas usa-se só poucas vêzes neste sentido; geralmente é partícula.

I. ***Partícula afirmativa.*** Geralmente, *sane* é combinado com verbos, sendo partícula afirmativa: "de fato, deveras"; usa-se muito em respostas: "sim" (cf. § 67, II); freqüentemente ocorre em combinação com o Subj. concessivo (cf. § 57, IV). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Odiosum est sane genus hominum aliis maledicentium* | O gênero de homens que falam mal de outrem é deveras odioso |
| *Te moneri num vis? — Sane volo* | Não queres receber um (bom) conselho? — Claro que quero |
| *Sit sane fur, at certe est vir strenuus* | Bom! Pode ser que êle seja ladrão, mas em todo caso é homem enérgico |

II. ***Partícula intensiva.*** As vêzes, principalmente em combinação com adj. e adv., *sane* indica grau ou intensidade (= *valde*): "muito", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec villa sane bene culta est* | Esta habitação (rural) está muito bem cuidada |
| *Orationem sane longam fecit* | Fêz um discurso muito comprido |

III. ***Partícula permissiva.*** Com o imperativo, *sane* exprime permissão (cf. § 57, III), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Sequere sane!* | Pode seguir! |

IV. ***Combinado com negações.*** Combinado com negações, *sane* pode ter o valor de: "absolutamente não", etc. mas também o de: "não inteiramente", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nihil sane intellexisti* | Não compreendeste absolutamente nada |
| *Non sane credo quae dixisti* | Não creio muito no que disseste |

§ 191. **Scilicet.**

I, ***A origem da partícula.*** Esta palavra é forma sincopada de *scire licet:* "é lícito/pode-se saber", e ainda encontra-se combinada com o A. c. I. (comédia e Salústio), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Scilicet me hoc facturum esse* | Pode saber-se que farei isto, ou: Naturalmente farei isto |

II. ***Partícula de evidência.*** No mais das vêzes, porém, *scilicet* é partícula de evidência ("naturalmente, evidentemente", etc.), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Brutus terram osculatus est, scilicet quod ea communis mater omnium mortalium esset* (cf. 150, II) | Bruto beijou a terra, pelo que evidentemente deu a entender que ela é mãe comum de todos os mortais |
| *Ille patri oboediet? — Scilicet* | Obedecerá ao pai? — Naturalmente |

**Nota.** Não raras vêzes, *scilicet* está em correlação com *sed/at*, etc.: "sem dúvida ....., mas....", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Me species quaedam commovit, inanis scilicet, sed commovit tamen* | Abalou-me um fantasma, sem dúvida, vão, mas em todo o caso, abalou-me |

III. ***Partícula afetiva.*** Geralmente, *scilicet* como partícula de eviência encerra grande valor afetivo. Mencionamos aqui:

1) *Ironia;* exemplo:

| | |
|---|---|
| *Gratuito malus atque crudelis erat, scilicet ne per otium torpescerent manus* | Sem razão era malvado e cruel, naturalmente, para impedir que suas mãos se tolhessem pelo ócio |

2) *Exclamação de dor e de decepção* (cf. em francês: *hélas*); exemplo:

| | |
|---|---|
| *Cum res publica a ditatore opprimeretur, bonae scilicet litterae conticuerunt* | Quando o Estado era dominado pelo ditador, a literatura, "hélas", emudeceu! |

3) Indica *espanto, indignação,* etc.: "note bem!, imagine!, isso é o cúmulo!" etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Ausus est me rogare scilicet ut patriam proderem* | Atreveu-se a pedir-me (imagine!) que traísse a pátria |

IV. ***Emprêgo pós-clássico.*** Em latim pós-clássico, *scilicet* pode ser também partícula explicativa: "a saber, isto é", etc. (= *nempe, videlicet,* etc.) Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Sub nomine alieno, nepotum scilicet et uxoris sororisque, hoc scripsit* | Em nome de outras pessoas, a saber dos netos, da espôsa e da irmã, escreveu isto |

§ 192. **Simul** (cf. as palavras: *semel, similis* e *singuli*). — I. ***Advérbio.*** *Simul* significa: "juntamente", etc., p. e. na frase: *Omnes simul abierunt* = "Todos foram embora juntoas"; às vêzes, é combinado com uma construção participial para salientar a simultaneidade (cf. § 25, II, 4); também se encontra a correlação: *simul..... simul:* "em parte....., em parte também; não só..... como também". Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Venerunt in castra, simul sui purgandi causā, simul ut pacem orarent* | Vieram ao acampamento não só para pedir desculpas, mas também para solicitar a paz |

II. ***Preposição.*** Só em latim pós-clássico, cf. § 135.

III. ***Conjunção.*** As formas encontradas são: *simul ac/atque/et,* ou simplesmente: *simul:* "logo que", etc. Cf. § 154.

§ 193. **Tamen.** — *Tamen* é partícula restritiva e adversativa, encontrando-se principalmente:

I. ***Partícula restritiva.*** Na oração principal correspondente a uma cláusula introduzida por *si, si non* (cf. § 160,

I, 1), *etsi*, *tametsi*, *etiamsi*, *quamquam*, *quamvis*, etc. (cf. §§ 161–162); muitas vêzes emprega-se: *at tamen* (*attamen*) ou *nihilominus tamen*.

2) Com uma construção participial, cujo valor seja concessivo, cf. § 25, III; também nas combinações: *si tamen* ("se é que") e *nisi tamen* ("a não ser que").

II. ***Partícula adversativa.*** Muitas vêzes a idéia concessiva pode fàcilmente ser completada pelo contexto, caso em que *tamen* (freqüentemente acompanhado de *sed* ou *verum*), adquire a fôrça de uma partícula adversativa: "contudo", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hic vir accusatus capitis absolvitur; [absolutus] multatur tamen* (Pres. hist.) | Êste homem, acusado de crime capital, foi absolvido; contudo foi multado |
| *Dux ipse aciem deserere noluit; sed [id nolens] reliquis tamen fugae facultatem dedit* | O próprio general não quís abandonar as fileiras; contudo deu aos demais licença de fugir |

**Nota.** Em latim clássico, *tamen* é raras vêzes conjunção-pròpriamente dita: "mas, porém", função que se torna freqüente na época imperial.

§ 194. **Tandem.** — I. ***Emprêgo clássico.*** *Tandem* é adv. de tempo ("afinal, finalmente, enfim", etc.); muitas vêzes é reforçado por partículas de significado semelhante, tais como: *vix*, *aliquando*, *saltem*, etc. É freqüente seu emprêgo em perguntas que exprimem impaciência, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quousque tandem abutēre patientiā nostrā?* | Até quando ainda abusarás da nossa paciência? |

II. ***Emprêgo pós-clássico.*** Na época imperial, *tandem* passa a ser empregado no sentido de *denique* (cf. § 174, II, 2): "em suma, em uma palavra", ou no de: "afinal das contas", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Est vir magno ingenio, summis artibus deditus, peritissimus rerum humanarum, dignissimus tandem qui a nobis recipiatur* | É um homem de grande talento, que se dedicou à cultura mais elevada, com grande experiência das coisas humanas; em suma, merece irrestritamente ser bem recebido por nós |

§ 195. **Temere.** — *Temere* é o antigo locativo de um subst. desusado em latim histórico: *temus*, *temĕris* ("a escuridão"), e significa portanto: "na escuridão, às cegas", daí:

"ao acaso, sem reflexão, sem motivo, sem ordem, à toa", etc. (cf. §72, II, 1). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Jacent saxa temere* | As pedras jazem sem ordem/desordenadas |
| *Oppidum temere munitum est* | A fortaleza não está bem guarnecida |
| *Haud temere est quod hodie me quaerit* | Não é sem motivo que hoje me procura |

**Notas.**

1) Muitas vêzes *temere* é reforçado por partículas de significado semelhante, tais como: *forte, fortuito, imprudenter, sic,* etc.

2) *Non/Haud temere* quer dizer muitas vêzes: "não fàcilmente", etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Non temere adibit huc quisquam* | Não fàcilmente chegará aqui alguém |

§196. **Tum (tunc) e Nunc.** — I. ***Tum.*** 1) *Tum* (*tunc*) é partícula de tempo, encontrando-se muitas vêzes em correlação com *cum* temporal (cf. §152, I, 1) ou com uma construção participial de valor temporal (cf. §25, III); são freqüentes estas combinações: *tum vero* ("foi então que", cf. §199, II, 1b), *etiamtum* ("até então, então ainda", cf. §175, II, 3) e *tum demum/denique* ("só então", cf. §174). Também ocorre combinado com o gen. partitivo: *tum temporis* (cf. §88, V, 1c).

2) *Tum* (*tunc*) indica também ordem e sucessão, p. e.: *Quid tum?* = "E então?" Encontra-se muitas vêzes em correlação: *primum....*, (*deinde*) *.....*, *tum:* "primeiro....., (em seguida) ....., depois", etc. *Tum..... tum* quer dizer; "ora..... ora". Quanto à correlação *cum .... tum* (não temporal), cf. §208, I, 3.

II. ***Nunc.*** 1) *Nunc* é partícula de tempo: "agora". Combinações freqüentes são: *nunc ipsum* ("neste momento"); *nunc primum* ("agora pela primeira vez"); *nunc demum/denique/tandem* ("só agora, agora afinal"); *etiamnum* ou *etiamnunc* ("até agora, agora ainda"), etc. A correlação: *nunc.... nunc* ("ora...., ora") não se encontra em prosa clássica.

2) *Nunc* adquire, às vêzes, o valor de uma partícula lógica, principalmente nestas duas funções:

a) *Nunc* = *Quae cum ita sint* ("Sendo assim; destarte; então", etc.), sobretudo numa exortação ou conclusão que se segue a uma exposição dos fatos, p. e.:

*Opus est mihi nuntio. I nunc et dic ei me mox venturum esse*
*Haec omnia scelera Antiochus commisit; nunc quid vobis faciendum esse decernitis, patres conscripti?*

Preciso de um mensageiro. Vai então e dize-lhe que logo irei
Todos êstes crimes foram cometidos por Antíoco: diante disso, o que julgais dever fazer, senhores senadores?

b) *Nunc*, geralmente reforçado por *vero* ou *autem*, segue-se muitas vêzes a uma hipótese ou afirmação não confirmada pelos fatos; neste caso, podemos traduzir a partícula: "(mas) na realidade". Exemplo:

*Philosophi debuerunt intellegere hanc rem maxime referre hominum. Nunc autem/vero blaterare malle mihi videntur*

Os filósofos deviam ter compreendido que êste assunto era de suma importância para os homens; na realidade, porém, parece-me que preferem palrar

§ 197. **Usque.** — Esta partícula ("a fio, seguidamente", etc.) emprega-se no sentido local e no sentido temporal; em certas combinações tem também valor intensivo.

I. ***Sentido local.*** São freqüentes combinações com *ad*, p. e. *usque ad Numantiam* e *ad fundum usque* ("até o fundo"); cf. em francês: *jusqu'à* (§ 94, A, 1); combinado com o ac. de direção de nomes de cidades, etc., *usque* é só aparentemente preposição p. e.: *Romam usque* ("até Roma"). A partícula é combinada também, embora menos freqüentemente, com *ab* ou *ex* mais abl., p. e.: *usque ex Syriā* ("do fundo da Síria"). Reparem bem na combinação: *usquequ .que* = "em tôda a parte, em todo e qualquer lugar".

II. ***Sentido temporal.*** Também nesta função, *usque* é freqüentemente combinado com *ad* (cf. § 94, B, 1), p. e.: *usque ad extremum diem vitae* = "até o último dia da (sua) vida"; às vêzes, encontramos: *usque ab/de/ex* mais abl., p. e.: *usque a Romulo* ("desde os dias de Rômulo). Sem preposição: *Juvat nos usque hic morari* = "Apraz-nos ficar aqui sempre". A palavra composta *usquequ .que*, além de ter significado local, pode ter também sentido temporal: "sempre, contìnuamente, sem interrupção", etc. *Usque eo*, muitas vêzes seguido de *dum, quoad, donec* (cf. § 156, I, 2), significa: "até êsse ponto", etc.

III. ***Função intensiva.*** Do mesmo modo que a locução portuguêsa: "até êsse ponto" chegou a exercer uma função intensiva, assim também *usque eo* em latim, p. e.

| | |
|---|---|
| *Usque eo pervenit ut bona patris venderet* (cf. §147, I) | Chegou ao ponto de vender os bens do pai |

§198. **Utpote.** — Esta palavra quer dizer: "como é possível" = "como pode acontecer" > "como costuma acontecer, ou: > como é natural que aconteça" > "naturalmente". É partícula explicativa, usada principalmente em combinação com cláusulas relativas com valor causal (cf. §168, II), com construções participiais (cf. §25, II, 2), e com *cum* causal (cf. §150, I). As vêzes, *utpote* é combinado também com subst. ou com adj., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Eo loco populus numerabilis, utpote parvus, coibat* | Nesse local se reunia o povo, fácil de contar ainda, por causa de seu pequeno número |
| *Bene receptus est ab iis, utpote gentis ejusdem* | Foi bem recebido por êles, visto que era da mesma família |

§199. **Vere e vero.** — I. ***Vere.*** O advérbio *vere* significa, geralmente: "conforme a verdade", p. e.: *loqui/judicare vere* = "falar/julgar conforme a verdade", etc. Daí se originar também o sentido de: "sinceramente, honestamente, sèriamente", etc., p. e.: *egit vere* = "procedeu com tôda a sinceridade/seriedade", etc.

II. ***Vero.*** Pode ser usado como advérbio e como conjunção.

1) Advérbio. a) *Vero* é partícula afirmativa ("deveras, na verdade, de fato, mesmo", etc.), empregando-se também em respostas (*Ita vero; minime vero*, etc., cf. §67, II) e em exortações. Às vêzes, encontra-se na combinação: *vero et serio* = "em tôda a seriedade". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Magnifica vero vox ejus est* | Sua voz é deveras magnífica |
| *Ego vero cupio te ad me venire* | Desejo mesmo/na verdade que venhas ter comigo |
| *Audite vero, cives Romani!* | Escutai, ó cidadãos romanos! |

b) Muitas vêzes, *vero* é partícula de realce, sobretudo em combinação com outras partículas. Registramos aqui: *tum vero* ("foi então que"); *immo vero* ("antes"; cf. §177); *nisi*

*vero* (cf. § 160, I, 3); *an vero* (cf. § 66, III); etc. Nas combinações *et vero* e *neque vero* temos partículas aproximativas que salientam a importância daquilo que se segue; a idéia de clímax é muitas vêzes inerente à partícula *vero*. Reparem também na combinação: (*verum*) *enimvero* = "(mas) o fato é que, (mas) a verdade é que", etc.

2) Conjunção. — É partícula adversativa (cf. § 205, I, 3).

III. ***Quanto a "verum"***, cf. 205, I, 2.

§ 200. **Videlicet** (cf. *scilicet*). — I. ***A origem da palavra.*** *Videlicet* < *videre licet*, combina-se ainda com o A. c. I. (cf. § 191, I), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Videlicet illum fuisse adulescentem prodigum* | Pode-se ver/É claro que êle, quando jovem, foi perdulário |

II. ***Partícula de evidência.*** Daí se originar seu emprêgo como partícula de evidência: "claro que, evidentemente", etc. Usa-se também em respostas e, muitas vêzes, — embora menos freqüentemente do que *scilicet* — tem valor irônico. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Pater meus huc adventurus est. Videlicet de meis inceptis audivit* | Meu pai pretende vir aqui. Sem dúvida soube dos meus planos |
| *Quid metuit? — Poenam scilicet* | O que êle teme? — Claro, o castigo! |
| *Tuus videlicet consŭlatus salutaris fuit, at meus perniciosus!* (ironia) | Sem dúvida, o teu consulado foi salutar, mas o meu pernicioso! |

III. ***Partícula explicativa.*** Às vêzes, usa-se *videlicet* como partícula explicativa: "a saber, isto é" (cf. *scilicet* e *nempe*). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Putabat venisse tempus iis qui in timore fuissent, conjuratos videlicet dicebat, ulciscendi se* (cf. § 71, I, 3f) | Julgava ter vindo o momento de tirarem vingança os que tinham vivido em temor, isto é, os conjurados |

## AS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

§ 201. **As conjunções aproximativas — I. *Generalidades.*** As conjunções aproximativas em latim são: *et*, *-que*, *atque/ac*.

1) *Et* é a conjunção mais comum, bem como, a mais incolor: "e". A partícula serve para ligar palavras, cláusulas e frases. Comentário desnecessário.

**Nota.** *Et* pode ser usado também como advérbio = *etiam*, cf. §176. Em lugar de *Etiam tu Brute*, poderíamos dizer também: *Et tu Brute!*

2) *–que* é palavra enclítica e liga principalmente palavras ou idéias cognatas, p. e.: *pater materque; se suaque; terrā marique; uno eodemque tempore; longe lateque; amavi dilexique*, etc. Menos freqüente é o seu emprêgo para ligar cláusulas e frases.

3) *Atque* < *ad–que* ("e acrescenta-se"); *atque* > *atc* > *ac*. Em prosa clássica, emprega-se geralmente *atque* (não *ac*) antes de vogais e *c*, *g* e *qu* (guturais). Originàriamente, *atque/ac* tinha mais fôrça do que as duas outras partículas aproximativas, servindo para acrescentar uma palavra ou idéia considerada de suma importância para a narrativa ou para a argumentação (neste caso, usa-se muitas vêzes a combinação *atque adeo/etiam/vero*, etc.). Mas em latim clássico, *atque/ac* pouco se distingue de *et* e *–que*, não passando de um recurso estilístico para variar a ligação aproximativa.

II. ***Observações.*** 1) *Et* e *atque/ac* são usados também em cláusulas comparativas de identidade e de diferença, cf. §164, IV.

2) Na expressão *hodieque* (não encontrada em prosa clássica), a partícula *–que* equivale, ao que parece, a *quoque:* "ainda hoje" (cf. *etiam*, §175, II).

3) As três partículas aproximativas são usadas também, onde nós preferiríamos uma partícula disjuntiva, adversativa ou causal-explicativa, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Ex urbe discessit ac potius fugit* | Saíu da cidade, ou melhor, fugiu |
| *Hostes impetum ferre non potuerunt, ac terga verterunt* | Os inimigos não puderam sustentar o ataque, mas puseram-se em fuga |
| *Ad tempus non venit, metusque rem impediebat* | Não veio a tempo, pois que o mêdo impedia a coisa/isso |

**Nota.** Nestes casos não se pode falar em funções secundárias de *et*, *–que* e *atque/ac*, visto que a função disjuntiva, adversativa ou causal depende exclusivamente do contexto.

III. ***Correlações.*** 1) Três ou mais palavras juxtapostas são ou unidas entre si pela conjunção *et* (é o chamado "polissíndeto"), ou então, falta por completo a conjunção (é o chamado "assíndeto"); só a partícula *-que* pode ocorrer combinado com a última palavra de uma construção assindética. Exemplos:

| | | |
|---|---|---|
| *Parentibus et diis immortalibus et civibus*<br>*Parentibus, diis immortalibus, civibus*<br>*Parentibus, diis immortalibus civibusque* | *gratias referre debemus* | Devemos mostrar nossa gratidão aos pais, aos deuses imortais e aos cidadãos |

2) Muitas vêzes encontra-se a correlação: *et.... et*, pela qual duas idéias ou frases são estreitamente ligadas entre si; a tradução portuguêsa: "não só....., como (mas) também", ficaria, no mais das vêzes, muito prolixa e pesada; melhor é não traduzirmos o primeiro *et*, e dizermos: "bem como; e também", ou simplesmente: "e", conforme fôr o contexto. Em lugar de *et..... et*, encontramos também: *-que.... et; et.... -que; et.... ac/atque; ac..... et; atque ....et; -que... ac/atque*, etc. A correlação *-que..... -que* encontra-se só em poesia. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Et pater et mater hoc sciunt* | O pai e (também) a mãe sabem isto |
| *Nam et semper me observavit et nobiscum eadem studia exercuit* | Pois sempre me respeitou e (também) se dedicou comigo aos mesmos estudos |
| *Et monere et moneri est proprium verae amicitiae* | Admoestar, bem como ser admoestado, é próprio da verdadeira amizade |

3) Ao passo que as correlações anteriores se compõem de dois ou mais elementos considerados, em geral, de importância igual, a correlação: *non modo/solum/tantum...., sed etiam/verum etiam*, etc. dá maior relêvo ao segundo membro: "não só....., mas (como) também", etc. No segundo membro encontramos também: *sed.... ne.... quidem* ("mas nem sequer"). Essas correleções são muito freqüentes em prosa, mas devido ao seu caráter demasiadamente enfático e quase pedante, são evitadas em poesia. Exemplos desnecessários.

4) Quanto às correleções negativas *neque/nec* e *neve/neu*, cf. §203.

§ 202. **As conjunções disjuntivas.** — I. ***Generalidades.*** As mais importantes são: *aut*, *vel* e *-ve*.

1) A partícula *aut* é a mais enfática das três, principalmente na correlação alternativa: *aut..... aut* = "ou....., ou então"; neste caso, o segundo *aut* vem muitas vêzes seguido de *potius, saltem, certe, etiam, vero*, etc. ("ou melhor; ou pelo menos; ou então", etc.). Mas acontece também que *aut* se emprega no sentido enfraquecido de *vel*, não indicando alternativa, mas simplesmente indiferença de escolha; êste emprêgo é sobretudo freqüente quando continua uma negação anterior, e em perguntas, onde *aut*, em oposição a *an* (cf. § 65), acrescenta um detalhe ou uma explicação ulterior ao primeiro membro. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nobis (aut) vincendum aut moriendum est* (alternativa) | Temos que vencer, ou então morrer |
| *Tace, aut saltem verum dic!* (alternat.) | Cala-te, ou pelo menos, fala a verdade! |
| *Tres aut quattuor horas hic permansit* (indiferença de escolha) | Ficou aqui três ou quatro horas |
| *Suebi nullo officio aut disciplinā assuefacti sunt* (continuação de uma expressão negativa) | Os suevos não estão acostumados a (respeitar) nenhuma obrigação e nenhuma disciplina |
| *Quaero num id injuste aut improbe fecerit* (uma pergunta disjuntiva seria: *injuste an juste*) | Pergunto se êle fêz isso injusta e criminosamente (ou com direito) |

2) *Vel* (originàriamente o Imp. de *velle*) indica indiferença de escolha, p. e. na frase:

| | |
|---|---|
| *Tres vel quattuor horas hic permansit* | Ficou aqui três ou quatro horas |

Também ocorre a correlação: *vel..... vel* ("ou..... ou"); só raras vêzes *vel* exprime alternativa; é freqüente o emprêgo da combinação: *vel potius* ("ou melhor" = *sive potius*, cf. § 160, II).

3) *-ve* está para *vel* como *-que* para *et;* palavra enclítica, é a mais fraca das três partículas disjuntivas. Nunca exprime alternativa, mas sempre indiferença de escolha, p. e. *Tres quattuorve horas hic permansit.* Reparem também na expressão: *plus minusve* = "mais ou menos".

II. ***Observações.***

1) Também se usa, às vêzes, *sive* no sentido de *vel*, cf. §160, II.
2) Quanto às funções adverbiais de *vel*, cf. §218, IV, 2.
3) Encontram-se também as seguintes correlações: *aut.... vel* (em poesia); *aut.... aut.... -ve; vel.... vel.... aut; -ve.... -ve* (em poesia); *seu.... aut; -ve.... aut* (em poesia), etc.
4) *Vel* em latim tardio (às vêzes também em textos da época dos primeiros imperadores) significa muitas vêzes: "e" (= *et*).

§ 203. **As correlativas negativas.** — Distinguimos entre *nĕque/nĕc*, (I) e *nēve/neu* (II).

I. ***Neque/nec.*** *Neque* é composto da antiga negação *nĕ* (cf. §170, I, 2); *nec* é forma apocopada de *neque;* as duas partículas podem ser empregadas indistintamente, mas prefere-se geralmente *neque* antes de vogais.

1) *Neque/nec = et non* (não = *et ne!*), e pode seguir-se a uma frase positiva bem como a uma frase negativa; muito freqüente é o emprêgo da correlação: *neque.... neque, nec.... nec*, etc., mas também das seguintes: *et.... neque, neque.... et*, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Opinionibus vulgi rapimur in errorem nec vera cernimus* | Deixamo-nos guiar pelas opiniões da massa e não enxergarmos a verdade |
| *Non est imprudens neque inconsultus* | Não é imprudente nem incauto |
| *Neque homines neque deos curat* | Não liga nem para os homens nem para os deuses |

2) *Neque/nec* refere-se muitas vêzes não à frase inteira, mas a uma única palavra, principalmente quando combinado com certos adjetivos, pronomes e advérbios, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Epicharmus vir acutus nec insulsus fuit* | Epicarmo foi um homem inteligente e não destituído de graça. |
| *Plurima oppida capta esse videbant nec facile hostes repelli posse animadvertebant* (= *et animadvertebant hostes non facile repelli posse*) | Viam que muitas fortalezas foram tomadas e percebiam que os inimigos não podiam fàcilmente ser expulsos |

Cf. também:

| | |
|---|---|
| *nec quisquam = et nemo* | e ninguém |
| *nec quidquam = et nihil* | e nada |
| *nec umquam = et numquam* | e nunca |
| *nec usquam = et nusquam* | e em parte alguma |

3) Nas frases negativas, introduzidas por *enim, igitur, tamen, vero,* etc., o latim emprega preferìvelmente *neque/nec,* onde seria suficiente, do ponto de vista do português, a negação *non.* Portanto:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *neque enim* | pois que não | *neque tamen* | contudo não |
| *neque igitur* | portanto não | *neque vero* | mas não |

4) Em latim arcaico e na linguagem poética encontramos, às vêzes, *nec* = *non,* p. e. na frase: *quod nec vortat bene* ("oxalá não lhe suceda bem!").

5) Assim como as partículas aproximativas, às vêzes, possuem valor adversativo, disjuntivo ou causal-explicativo, assim também *neque/nec,* p. e.:

| | |
|---|---|
| *Plurimos annos in philosophiā consumpsi nec ferre possum dolorem* | Gastei vários anos em estudos filosóficos, *mas* assim mesmo não posso suportar a dor |

II. ***Nēve/neu.*** *Neve* é composto de *nē* e *–ve,* e equivale a *et ne;* sua forma contrata é *neu.* As duas partículas são usadas:

1) Em cláusulas finais, obrigatòriamente depois de *nē,* e facultativamente depois de *ut;* neste último caso, pode usar-se também *neque* (cf. §144, II, 3). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar castra movit ut hostes deciperentur neve/neque Romanos aquā intercluderent* | César levantou o acampamento para que os inimigos fôssem logrados e não interceptassem a água aos romanos |
| *Caesar castra movit ne hostes impetum facerent neve Romanos aquā intercluderent* | César levantou o acampamento para que os inimigos não fizessem um ataque e não interceptassem a água aos romanos |

**Nota.** Em vez de: *nē.... nēve,* encontra-se também: *nē aut..... aut,* ou: *ut nēve.... nēve* (raramente: *ut nĕque..... nĕque*).

2) Em orações independentes com o Subj. optativo ou voluntativo, ou com o Imp. do Fut., mas só depois de uma primeira frase negativa. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tu vero ne quid dixeris neve ab aliis quaesieris* | Tu, porém, não digas nada nem faças perguntas a outros |
| *Dona ne capiunto neve danto* | Não deverão receber nem dar presentes |

**Nota.** Mas a uma frase positiva segue-se *nĕque,* p. e.: *Perge nec exspectaris* ("Continua e não aguardes!"); também não se encontra em orações independentes a correlação: *nēve.... nēve,* mas sempre: *nĕque.... nĕque,* p. e.: *Utinam neque pater neque mater mea mortua esset!* ("Oxalá não tivesse morrido nem meu pai nem minha mãe!")

§ 204. **As conjunções causais-explicativas.** — Ao lado das conjunções causais subordinativas, tais como *quod* e *quia* (cf. § 150), existem também conjunções causais coordenativas em latim (cf. em francês: *car;* em inglês: *for;* em alemão: *denn*). Estas partículas coordenativas indicam, em geral, menos a causa, do que a explicação ou o esclarecimento daquilo que precedeu As mais importantes são *enim* e *nam;* a tradução normal destas partículas é "pois (que)" ou "porque"; às vêzes, porém, *nam* e *enim* não admitem uma tradução explícita em português.

I. ***As partículas mais usadas.*** 1) *Enim* e *nam* eram, originàriamente, partículas afirmativas ("com efeito; na verdade; verdadeiramente", etc.) As duas palavras podem ser usadas indistintamente em latim clássico. A única diferença é que *enim*, como palavra enclítica, nunca ocupa o primeiro lugar dentro da frase. As duas palavras encontram-se muitas vêzes em parêntese; freqüentemente está subentendida a idéia que vem a ser esclarecida por *nam* ou *enim*. Exemplos:

*Initium fugae factum est a Dumnorigis equitibus (nam Dumnorix,* ou: *Dumnorix enim equitatui praeerat), eorumque fugā ceteri hostes perterriti sunt*

O início da fuga foi dado pelos cavaleiros de Dumnorige (êsse Dumnorige comandava a cavalaria), e pela fuga dêles foram amedrontados os demais inimigos

*Ecquid similius insaniae est quam ira? Quid Achille Homerico foedius? Nam Ajacem quidem ira ad furorem mortemque duxit*

Existe alguma coisa mais semelhante à loucura do que a ira? Que é mais repugnante do que Aquiles tal como foi retratado por Homero? (Sôbre Ajax não preciso falar) pois a êle levou-o sua ira à loucura e à morte

2) Em vez de *enim* encontramos muitas vêzes *etenim* (no início de uma frase); em lugar de *nam* a palavra *namque* (esta palavra é relativamente rara ainda em latim clássico).

II. ***Observações.*** 1) *Nam* e *enim* ainda têm valor adverbial, principalmente em respostas:" sem dúvida, com certeza, sim", etc. Exemplos:

*Tua uxor dixit te me vocare. — Ego enim te vocari jussi*

Tua espôsa me disse que me chamavas. — Sim, mandei chamar-te

*Nihil rumores hominum curemus. — Nam sic agamus* (coloquial)

Não nos preocupemos com as conversas dos homens. — Pois é, façamos assim

2) *Nam* encontra-se muitas vêzes numa pergunta (direta ou indireta) para lhe comunicar maior vivacidade ou para mostrar impaciência e outros afetos; em latim clássico, *-nam* interrogativo acrescenta-se geralmente, como palavra enclítica, ao pron. ou adv. interrogativo, ou à partícula interrogativa. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ubinam gentium sumus?* (prosa cláss.)<br>*Nam ubi gentium sumus?* (pré-cláss. e poesia) | Em que país do mundo estamos? |

3) Quanto a *enimvero*, ("é um fato que, é verdade que", etc.), cf. § 199, II, 1b; quanto a *sed/at enim*, cf. § 205, II, 5; quanto a *utinam*, cf. § 211, II, 2.

§ 205. **As conjunções adversativas.** — I. ***Generalidades.*** Em latim há grande diversidade de conjunções adversativas. Mencionamos aqui:

1) Sed. *Sed* é a partícula adversativa mais comum em latim, e pode seguir-se, igualmente, a uma frase negativa ou positiva; na primeira hipótese, *sed* anula e substitui o que foi dito anteriormente (em alemão: *sondern*); na segunda hipótese, *sed* restringe ou corrige as palavras precedentes (em alemão: *aber*); neste caso, estas palavras possuem muitas vêzes valor concessivo e podem vir acompanhadas de *quidem*, *equidem*, *sane* ou de outras partículas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Est haec lex non scripta, sed nata* | Esta lei não está escrita, mas (sim) faz parte da natureza |
| *Magnum (quidem) opus et arduum conamur: sed nihil amanti difficile est* | A obra que tentamos fazer é (sem dúvida) grande e árdua, mae nada é difícil para quem ama |

**Nota.** *Sĕd* < *sĕd*, palavra antiga que ainda se encontra em palavras compostas, tais como: *sĕd-itio* ("sedição") e *sē-cedere* ("sair"); seu significado original era e de "separação" (cf. *sondern* em alemão, e *zonder* (= sem), em holandês).

2) Verum. *Verum*, em prosa clássica muito menos usado do que *sed*, tem tôdas as funções desta palavra, encontrando-se principalmente na correlação: *non modo . . . . . verum etiam*, e na combinação: *verum enimvero*. Originàriamente significava: (mas) verdade (é que)"

3) VERO. *Vero*, originàriamente uma partícula afirmativa (cf. § 199, II), é palavra enclítica; sua função própria é a de acrescentar uma segunda idéia, considerada de maior importância, à outra, pelo que se estabelece uma forte oposição entre as duas. Mas com o tempo, *vero* foi perdendo muito da sua fôrça original, e sobretudo os historiadores (também César) usam a palavra freqüentemente no sentido enfraquecido de *autem* (cf. *infra*, 5).

4) AT (na comédia e na poesia também *ast*). *At* é a mais viva de tôdas as conjunções adversativas em latim, usando-se principalmente no diálogo (para fazer objeções), no discurso e na argumentação (para introduzir uma objeção fingida), e finalmente em tôda e qualquer espécie de frases para opor com vivacidade uma idéia a outra. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *At dicet quispiam.....* | Mas alguém dirá..... |
| *Ignavus fuit. — At eum, tu ob virtutem coronā eum donasti!* | Êle foi covarde. — Mas tu lhe deste uma coroa por causa da sua valentia! |
| *Vis corporis brevi dilabitur; at ingenii egregia facinora immortalia sunt* | A fôrça do corpo logo se desvanece; mas as grandes realizações do espírito são imortais |

5) AUTEM. *Autem* é a partícula mais fraca e vaga de tôdas as adversativas, ocupando um lugar intermediário entre *et* aproximativo e *sed* adversativo; podemos traduzi-la, conforme fôr o caso, por "mas, porém" ou por "e". Às vêzes, emprega-se (sobretudo em parênteses) para explicar as palavras anteriores. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Gyges a nullo videbatur, ipse autem omnia videbat* | Giges não era visto por ninguém, mas êle mesmo via tudo |
| *Omnia fato fiunt. Fatum autem appello ordinem seriemque causarum* | Tudo o que acontece é devido ao destino. (E) chamo de destino a série ordenada das causas |
| *Videns unum e servis amici sui: "Dave", inquit, (Davus autem erat nomen servi) "ubinam est herus tuus?"* | Vendo um dos escravos do seu amigo, disse: "Davo!" (Davo era o nome do escravo) "onde está teu senhor?" |

6) ATQUI (menos corretamente: *atquin*). *Atqui* emprega-se principalmente no diálogo para introduzir uma objeção às palavras anteriores; também se usa na premissa menor de um silogismo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Res dificilis est et inexplicabilis. — Atqui explicanda est* | É uma coisa difícil e impossível de explicar. — Mas tem que ser explicada |
| *Si sunt arae, sunt dii quoque. Atqui sunt arae. Ergo dii sunt* | Se existem altares, existem os deuses também. Ora, existem altares. Logo existem os deuses |

7) Magis (cf. §218, III, 2). De *magis* derivam as palavras "mais" (em port. e francês) e "mas" (em espanhol), etc. Em latim clássico, ainda não se encontra nesta função, mas o poeta Propércio usa *magis* numa frase que já indica a evolução posterior: *Quem non lucra, magis Pero formosa coegit* = "Não o forçou a ganância, (mas) antes a formosa Pero" (Pero era irmã de Nestor).

II. ***Observações.*** 1) *Sed* é empregado, principalmente pelos historiadores (Salústio, Tito Lívio, etc.), como partícula de transição, perdendo quase tôda a sua fôrça original: "ora, e" etc. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Sed eā tempestate homines extollere se coeperunt* | Ora, nesse tempo os homens começaram a vangloriar-se |

**Nota.** Também *verum* e *at* são, embora menos freqüentemente, usados da mesma forma.

2) *At*, muitas vêzes reforçado por *tamen*, *saltem*, *certe*, etc. usa-se também na apódose de uma construção condicional e concessiva, cf. §160, I, 1; §§ 161–162.

3) Muito provàvelmente *ast* chegou a ser confundido com *at* só na época clássica; em latim arcaico, *ast* quer dizer: "mas/e se" e "por outro lado"; são mormente os poetas da idade de Augusto que, também por motivos de ordem métrica, começaram a igualar *ast* a *at*. — A forma *atquin* foi criada por analogia com *quin* (advérbio de clímax e de correção).

4) Quanto a *tamen*, cf. §193.

5) *Sed/At enim* é uma combinação com valor adversativo reforçado; nela temos muito provàvelmente uma espécie de elipse. Tipo: *Pater quidam duos filios habebat. Sed/At (non educavit similiter), alterum enim secum habebat, alterum rus dimisit* = "Um certo pai tinha dois filhos. Mas (não os educava do mesmo modo), pois tinha consigo um dêles, e mandou o outro para o campo". Segundo outros, *enim* nesta combinação teria valor adverbial. Seja como fôr, *sed/at enim* marca uma oposição forte e viva.

§206. **As conjunções conclusivas.** — I. ***Generalidades.*** As mais importantes são *itaque*, *igitur* e *ergo*.

1) Itaque. Esta partícula ocupa, em prosa clássica, sempre o primeiro lugar de uma frase; indica menos uma conclusão intelectual do que uma conseqüência factual. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Barbari impetum nostrorum sustinere non poterant. Itaque se suaque omnia Caesari dediderunt* | Os bárbaros não podiam sustentar o ataque dos nossos. Destarte se renderam com todos os seus haveres a César |

2) IGITUR. Esta partícula, em latim clásisco sempre enclítica, tinha originàriamente valor temporal: "então, em seguida" (assim ainda na comédia); em prosa clássica, indica no mais das vêzes uma conclusão: "logo, portanto, por conseguinte", etc. sendo usada também em silogismos formais; menos freqüente é seu emprêgo no sentido de *itaque:* "destarte". Encontra-se várias vêzes também depois de uma digressão ou uma parêntese para retomar o fio da narrativa ou da argumentação. Exemplos:

*Igitur deinde/tum iratus est* (coméd.) — Depois/Então ficou indignado

*Quid ordinatius cogitari potest hoc mundo? Ordo autem sine auctore esse non potest. Deum igitur esse necesse est fateamur* — Que se pode imaginar de mais bem ordenado do que êste universo? Ora, não pode haver ordenação sem criador. Logo temos de admitir a existência de Deus

*Suebi, gens ferocissima Germanorum, ultra Rhenum habitant (Rhenus autem flumen est, quo Galli Germanique dividuntur). Suebi igitur....* — Os suévos, a tribo mais feroz dos germanos, moram além do Reno (o Reno é o rio que separa os gauleses dos germanos); (como dizia), os suévos.....

3) ERGO. Esta partícula usa-se em conclusões formais (cf. o exemplo no §205, I, 6); também se emprega depois de parêntese (cf. *igitur*).

II. ***Observações.*** 1) Segundo os antigos gramáticos, havia uma diferença de acento entre *ítaque* (conclusivo) e *itáque* (= *et ita:* "e assim"), mas o fato é negado por vários filólogos modernos.

2) A origem de *igitur* é obscura; talvez derive de *agitur* ("trata-se", cf. em francês: *il s'agit*) em posição enclítica, p. e.: *postigitur, quidigitur, hocigitur.*

3) *Ergo* < *e-rego:* "em frente a", daí chegou a significar: "direto" e "direito"; a palavra encontra-se na comédia ainda no sentido de "deveras, de fato", etc., e empregada também como "pós-posição" (cf. §141).

## ALGUMAS CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

§207. **Cum.** — A forma original deste palavra é *quom* > *quum* (pron. relativo de *tum;* cf. *num* = *nunc*). *Cum* é combinado com o Ind. e com o Subj.

I. ***Com o Indicativo.*** Já estudamos suas funções no §152, I. Aqui assinalamos apenas algumas combinações e e correlações:

1) *Cum primum:* "logo que"; esta combinação é bastante parecida com *ubi, ut, simul* (cf. § 154, I, 1). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Cum primum Romam veni, templum Appollinis visi* | Logo depois da minha chegada a Roma, visitei o templo de Apolo |

2) *Cum maxime:* "exatamente no momento em que", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Tum, cum maxime fallunt, id agunt ut viri boni esse videantur* | Exatamente quando enganam, esforçam-se por parecer homens honestos |

*Cum maxime* (elíptico) = "sobretudo agora/então", ou = "sobretudo" (principalmente em latim pós-clássico).

3) *Cum... tum* (em latim pré-clássico sempre com o Ind.; em latim clássico e pós-clássico, às vêzes com o Subj., mormente quando *cum* indica ação anterior). Esta correlação liga duas idéias estreitamente entre si: *cum* introduz uma afirmação genérica; *tum*, muitas vêzes reforçado por *maxime, etiam, praecipue, certe, eximie*, etc., introduz o caso específico, considerado de maior importância. *Cum.... tum* encontra-se, portanto, em frases que indicam clímax ou contêm um argumento *a fortiori*. A tradução em português varia: "Se é verdade que ....., muito mais.....", ou: "por um lado ....., por outro lado", ou "de um modo ..... geral.....; mas sobretudo", etc. Muitas vêzes recomenda-se também a tradução: "não so....., como/mas também". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cum omnium rerum simulatio vitiosa est, tum amicitiae repugnat maxime* | Se é verdade que a simulação de tôda e qualquer coisa (ou melhor: sentimento) é condenável, ela é a pior inimiga da amizade |
| *Cum ea res tota ficta sit pueriliter, tum ne efficit quidem quod vult* | Tôda essa história não é sòmente ficção infantil, mas nem sequer surte o efeito desejado |
| *Ibi consilia cum patriae tum sibi inimica cepit* | Ali tramou planos nefastos não só para a pátria como também para si próprio |

II. ***Com o Subjuntivo.***

1) *Cum* histórico ou narrativo, cf. § 152, II.
2) *Cum* causal, cf. § 150.
3) *Cum* concessivo, cf. § 162, I, 5.

§ 208. **Dum.** — Esta partícula, além de ser usada como conjunção, tem também valor adverbial.

I. ***Advérbio.*** 1) O significado primitivo de *dum* adverbial é, ao que parece: "durante algum tempo", ou: "enquanto isso". Encontramo-lo ainda, nesta acepção, p. e. nas frases:

| | |
|---|---|
| *Abi modo, ego dum hoc curabo recte* | Podes ir embora, eu entretanto tratarei bem dêste assunto |
| *Sic virgo dum* (conj.) *intacta manet, dum* (adv.) *cara suis ets* | Assim uma virgem por tanto tempo permanece cara aos seus, quanto não perde a pureza, ou melhor: Assim uma virgem permanece cara aos seus, enquanto não perde a pureza. |

2) Muitas vêzes, êste *dum* é combinado com palavras negativas, p. e.: *nondum* ("ainda não"); *nihildum* ("ainda nada"); *nullusdum* ("ainda nenhum/ninguém"); *vixdum* ("mal/apenas ainda"); *nēdum* (cf. § 182), etc.

3) *Dum* usa-se também em combinação com imperativos, p. e.: *agedum*, *agitedum* (cf. § 55, I, 5), *circumspice dum* "olha em redor!"), etc. Nestas combinações, *dum* perdeu sua fôrça original de advérbio de tempo, transformando-se numa partícula de ênfase.

II. ***Conjunção.***

1) *Dum* temporal, cf. § 156.

2) *Dum* condicional — final, cf. § 160, III.

3) *Dum* causal, que indica uma causa involuntária: em português, podemos usar o gerúndio, ou melhor, um substantivo verbal; o modo é o Indicativo. Esta função é relativamente rara em latim clássico, mas torna-se freqüente na época imperial. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Hi dum aedificant, in tantum aes alienum inciderunt ut de rebus suis desperent* | Com as suas construções tanto se endividaram que desesperam da sua situação |
| *Dum Alexandri similis esse voluit, Crassi inventus est dissimillimus* | Com a sua mania de se tornar semelhante a Alexandre, tornou-se muito dessemelhante de Crasso |

§ 209. **Quia.** — Esta palavra é o nom./ac. pl. neutro de *qui–s;* usa-se como interrogativo(I) e como conjunção (II).

I. ***Interrogativo.*** Nesta função ocorre apenas em latim arcaico e (poucas vêzes) em poesia, principalmente nas combinações: *quianam ?* = "por que?" (cf. § 204, II, 2). Quanto ao significado, cf. *quid ?* = "por que?" (§ 74, IV, 2).

II. ***Conjunção.*** 1) *Quia* causal, cf. § 150, I; § 210, II, 2.

2) *Quia* integrante: "que", muito usado em latim tardio para substituir o A. c. I., cf. § 4.

§ 210. **Quod.** — Esta partícula é o ac. sg. neutro do pron. rel. *qui*, que se usa em várias funções derivadas.

I. ***Pronome relativo.***

1) Em conexão relativa. Neste caso, *quod* é ac. de relação (cf. § 74, IV) e quer dizer: "em relação a que fato", significado êsse que, em razão do seu emprêgo na conexão relativa, evolve no sentido de: "(e/mas) em relação a êsse fato" (cf. § 167), ou: "nesse ponto", etc. *Quod* ocorre, nesta função, muito poucas vêzes, isolado, mas freqüentemente o encontramos combinado com outras partículas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quod haud scio an Fortuna tantum valere non possit* (cf. § 66, IV) | (*Mas*) talvez não consiga a Fortuna exercer tanta influência *neste ponto* |
| Cf. *Quod utinam*..... | Oxalá |
| *Quod si/Quodsi*..... | (Mas/E) se..... |
| *Quod quia/quoniam*..... | (Mas/E) porque..... |
| *Quod cum*..... | (Mas/E) quando..... |
| *Quod nisi*..... | (Mas/E) a não ser que..... |

**Nota.** Em tôdas essas combinações perdeu-se quase totalmente o valor original de *quod* = "em relação a êsse fato", sendo sua única função a de ligar estreitamente uma frase a outra. A combinação mais freqüentemente usada é *quodsi*, cf. em francês clássico: *Que si.*

2) A frase: *Hoc venimus*, significa: "Por causa disto viemos", ou: viemos", ou: "Eis o motivo da nossa vinda" (cf. § 74, IV); assim se tornam possíveis construções também dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Hoc est quod venimus* | É esta a razão por que viemos |
| *Quod veni, eloquar tibi* | Esclarecer-te-ei por que vim |
| *Nihil habeo quod dicam* | Não tenho nada a dizer |
| *Nihil habeo quod accusem senectutem* (cf. § 168, IV, 6) | Não tenho nenhum motivo para censurar a velhice |
| *Est quod laeteris* | Há motivo para te alegrares |

II. ***Conjunção.***

1) Função explicativa. *Quod* pode introduzir cláusulas substantivas (geralmente, subjetivas; às vêzes, também obje-

tivas) que expliquem uma palavra genérica contida na oração principal. Registramos aqui:

a) *Quod* explicita e explica um pron. demonstrativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Illud fundavit imperium, quod Romulus docuit hostes debere recipi in hanc civitatem* | O que fundou o Império foi o fato de Rômulo (nos) ter ensinado que os inimigos devem ser admitidos nesta comunidade de cidadãos |
| *Hoc ipso miser es quod non sentis, quam miser sis* | És infeliz exatamente por não saberes como és infeliz |

b) ou um subst. sem pronome demonstrativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Magna injuria est quod Romani Aeduos vexarunt* | É uma grande injustiça que os romanos tenham molestado os éduos |

c) depois de certos advérbios e locuções adverbiais, tais como: *ex eo quod/hinc quod* = "devido ao fato de que"; cf. também *praeterquam quod* e *nisi quod* = "feita exceção ao fato de que" > "só que" (cf. § 160, I, 4).

d) depois de *facĕre, fieri, accidĕre, evĕnire*, etc., quando êstes verbos trazem consigo um qualquer elemento qualificativo (cf. § 148, II, 1); sem êsse elemento, usa-se geralmente *ut* (consecutivo) mais Subj. Mas *quod* é a construção normal com *accedit* ("acresce que"), e com *praetereo* e *mitto:* "deixo de lado que, omito, não quero falar sôbre o fato de que", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Accedit quod jam antea amicus Catilinae erat* | Acresce que já antes era amigo de Catilina |
| *Praetereo/Mitto quod jam antea amicus Catilinae erat* | Omito que já antes era amigo de Catilina |

e) depois de *esse* e nome predicativo (em algumas locuções) e depois de certos verbos; geralmente usa-se aqui o A. c. I., mas a construção com *quod* é também legítima em latim clássico. Mencionamos aqui os seguintes casos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *bonum/optimum est* | é bom/ótimo que | *paenitet me* | arrependo-me de que |
| *non est ferendum* | é insuportável que | *parum est* | é pouca coisa que |
| *jucundum est* | é agradável | *piget me* | aborrece-me que |
| *molestum est* | é desagradável | *pudet me* | envergonho-me de que |

**Nota.** A diferença entre o A. c. I. e *quod* com êstes verbos consiste no fato de que a segunda construção exprime um julgamento, ao passo que o A. c. I. (ou o simples Inf. subjetivo) registra meramente um fato.

f) na expressão: *Quid quod....?*, locução elíptica de: *Quid dicam de eo quod....?* = "Que devo dizer do fato de que.....?", ou simplesmente: "O que dizer de.....?"

**Nota.** Na linguagem coloquial, usa-se muitas vêzes *quod* no início de uma frase com o sentido de: "quanto ao fato de que"; na oração principal podemos intercalar: "deves saber", ou: "fica saber", ou: "fica sabendo", ou expressão semelhante. Êste emprêgo de *quod*, no fundo, um caso especial de *quod* explicativo, encontra-se também nas obras de César. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Quod cum Clodio colloqui vis, potes per me id facere* | Quanto ao teu desejo de falar com Clódio, [deves saber que] por mim podes fazê-lo |

2) Passagem para a função causal. *a*) Com os verba affectuum encontramos geralmente o A. c. I. (cf. § 8), mas também ocorre *quod* mais Ind. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Gaudeo quod venisti*<br>*Gaudeo te venisse* | Alegro-me por teres vindo |

*b*) Usa-se *quod* (não o A. c. I.) com os seguintes verbos:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *accusare* | acusar, incriminar | *gratulari* | congratular-se porque |
| *condemnare* | condenar | *reprehendĕre* | repreender |
| *gratias agĕre* / *gratias referre* | agradecer | *vituperare* | censurar |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Laudo te quod venisti* | Louvo-te porque vieste |
| *Gratias ago tibi quod dixisti* | Agradeço-te porque falaste |

**Notas.**

1) Com todos êstes verbos *quod* introduz uma cláusula explicativa da ação expressa pelo verbo regente, mas, assim fazendo, indica também a razão, a causa da mesma. Destarte se originou a função causal de *quod*.

2) Ao lado de *quod*, pode usar-se também *quia* (nos casos *a* e *b*).

3) As cláusulas (dos tipos *a* e *b*) levam o Subj., quando traduzem o pensamento do sujeito da oração principal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Pater laudat filium, quod/quia bene locutus sit* | O pai louva o filho por ter falado, bem (no pensamento do pai) |

3) A função causal. Cf. § 150.

4) A função restritiva. Cf. § 168, VI.

§ 211. **Ut e uti.** — As duas funções fundamentais são a interrogativa e a relativa; além disso, há algumas funções secundárias.

I. ***A função relativa.***

1) "Ut" COMPARATIVO. Êste *ut* pode ser equivalente a: *eo modo quo*, e a: *eodem modo quo;* não faremos distinção entre as duas funções que, também em português, muitas vêzes se confundem e sempre podem ser traduzidas por: "como". Ao *ut* comparativo corresponde, na oração principal, muitas vêzes *ita* ou *sic* (cf. § 180); com *talis, tot, tantus*, etc. não se usa *ut*, mas *qualis, quot, quantus*, etc. (cf. § 164, II). Exemplos de *ut* comparativo encontram-se no § 164, I; no § 165, I já assinalamos o emprêgo de *ut si* (mais Subj.) em cláusulas comparativas condicionais. Aqui registramos apenas alguns idiomatismos de *ut*, principalmente de *ita/sic ut*.

*a*) Em juramentos e solenes afirmações usa-se muitas vêzes: *ita.... ut* (cf. § 178, II, 4). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ita me di servent, ut hic homo noster pater est* | Que os deuses me conservem! Êste homem é verdadeiramente nosso pai (lit.: Desejo tão ardentemente que os deuses me conservem, como é verdadeiro que êste homem é nosso pai) |
| *Ita vivam, ut maximos sumptus facio!* | Que eu morra, se não é verdade que tenho grandes despesas! (ou talvez melhor, menos enfàticamente: É verdade incontestável que tenho grandes despesas) |

*b*) Na época imperial, *ut..... ita* emprega-se muitas vêzes para marcar os dois membros de uma oposição: "(sem dúvida)..... mas", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Ut est dives, ita est avarus* | (Sem dúvida) é rico, mas avarento |
| *Ut quies certaminum erat, ita ab apparatu munitionum nihil cessatum est* | Embora houvesse uma interrupção dos combates, não se deixou de abastecer (a praça) de munições |

**Nota.** Êste *ut... ita* equivale a *quidem.... sed* (cf. § 188, I, 1c) ou a: *ut..... tamen* (cf. § 162, I, 4).

*c*) *Ut* se usa muitas vêzes em parênteses, mormente com os verba putandi et dicendi, como também com os verbos *fieri, solēre*, etc., p. e.: *ut (jam) dixi; ut fere fit; ut fieri solet*, etc.

*d*) *Ut*, *sicut* e *velut* podem ser usados para aduzir um exemplo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Multae gentes, ut/velut/sicut Galli et Hispani, a Romanis subactae sunt* | Muitos povos, (tais) como os gauleses e os espanhóis, foram submetidos pelos romanos |

*e*) *Ut*, seguido de *quisque* mais superlativo, e estando em correlação com *ita* ou *sic* (igualmente seguido de superlativo), significa: "à medida que...., (tanto) mais" (*ut* proporcional), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Ut quidque est turpissimum, ita/sic maxime vindicandum est* | À medida que um ato é mais feio, deve ser castigado mais severamente |
| *Ut quidque rarissimum est, ita est carissimum* (cf. §84, IV, 3) | Na medida em que uma coisa é mais rara, torna-se mais cara |

**Nota.** Sem superlativo, emprega-se *prout* = "à medida que", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Prout erit necessarium, te adjuvabo* | Na medida em que fôr necessário, ajudar-te-ei |

*f*) *Ut* possui também valor restritivo, principalmente quando combinado com um superlativo, na combinação: *ut potest/potuit*, etc., e em certos outros tipos de cláusulas (geralmente, elípticas). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Maximum numerum militum ut potuit coegit* | Êle reuniu o maior número possível de soldados |
| *Multae litterae in Quinto Fabio, ut in homine Romano, erant* | para um homem romano (cf. Quinto Fábio possuía muita cultura para um homem romano (cf. §214, III, 2b) |

2) "Ut" TEMPORAL. Cf. §154. Em português poderíamos comparar "assim que" = "logo que", p. e.

| | |
|---|---|
| *Ut Romam advenit, templum Apollinis visit* | Assim/Logo que chegou a Roma, visitou o templo de Apolo |

3) "Ut" EXPLICATIVO-CAUSAL. Cf. §150, III. — Só em latim tardio, *ut* (mais Subj.) passa a exercer a função francamente causal.

II. ***A função interrogativa.***

1) EM PERGUNTAS E EXCLAMAÇÕES. Em latim arcaico e na linguagem coloquial usa-se *ut* no sentido de "como?",

em perguntas diretas e indiretas, caso em que a prosa clássica prefere circunlocuções do tipo: *quomodo? quemadmodum?*, etc. Na poesia, *ut* é relativamente freqüente em perguntas indiretas. Emprega-se *ut* interrogativo também em exclamações (independentes e dependentes), cf. § 62, II, 1. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ut vales?* (coloquial) | Como vais? |
| *Rogo te ut valeas* | Pergunto-te como vais |
| *Ut hostes contempsit!* | Como desprezou seus inimigos! |
| *Vide ut hostes contempserit!* | Vê como êle desprezou seus inimigos! |

2) Partícula optativa. *Ut* interrogativo-exclamativo pode ser usado também em combinação com o optativo pròpriamente dito: *Ut mox redeas!* = "Como (desejo que) voltes!" = "Oxalá voltes logo!". Êste emprêgo de *ut* encontra-se ainda em latim arcaico e na linguagem coloquial, mas a prosa clássica prefere geralmente *utinam* (cf. § 56, I). É sabido que a partícula enclítica *–nam* podia ser acrescentada a um pronome ou advérbio interrogativo (cf. § 204, II, 2).

3) Conjunção (mais Subjuntivo). *a*) É partindo da sua combinação freqüente com o optativo que *ut* exclamativo chegou a ser conjunção final, cf. § 145, I.

*b*) *Ut* consecutivo originou-se, no mais das vêzes, da mesma partícula combinada com o potencial, cf. § 147, III, 3.

*c*) *Ut* concessivo originou-se igualmente de *ut* exclamativo, neste caso, combinado com o Subj. permissivo ou concessivo (cf. § 162, I, 4). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas* | Pôsto que sejam insuficientes as fôrças, a boa vontade é louvável |

III. ***A função indefinida.*** *Ut*, nesta função, significa: "de alguma maneira"; segundo muitos lingüístas modernos *ut* exerceria esta função nos seguintes tipos de perguntas, construídas com o Subj. exclamativo (cf. § 57, V) e com o Potencial (cf. § 56, II):

| | |
|---|---|
| *Mea bona ut dem Bacchidi dono? Non faciam!* (exclamativo) | Eu dar (de alguma maneira) meus haveres a Báquide? Nunca! |
| *Te ut ulla res frangat? Tu ut umquam te corrigas?* (potencial) | Poderia (de alguma maneira) abalar-te coisa alguma? Poderias (de alguma maneira) jamais corrigir-te? |

**Nota.** Evidentemente não se pode traduzir êste *ut* indefinido ao pé da letra: "de alguma maneira"; seria uma tradução muito enfática e pesada. Do ponto de vista do tradutor brasileiro, *ut* é partícula "expletiva".*

## Capítulo XI

# NOTABILIA VARIA

§ 212. **Observação preliminar.** — Neste capítulo pretendemos tratar de alguns assuntos que ainda não tivemos oportunidade de estudar mais detalhadamente, tais como, questões de concordância, certos empregos idiomáticos do substantivo, do adjetivo e do advérbio, os graus de comparação, os diversos pronomes, etc. Longe de nós o intento de dar um catálogo mais ou menos completo de tôdas as particularidades que o latim apresenta em relação a êsses assuntos: limitar-nos-emos a dar algumas indicações rápidas que podem ter importância prática para o leitor de textos clássicos.

§ 213. **Problemas de concordância.** De um modo geral, a concordância em latim não apresenta problemas especiais ao leitor brasileiro; só poucos casos merecem menção explícita, sendo que podem ser estudados melhor pela análise de exemplos esquemáticos do que pela formulação de regras complicadas.

I. ***Sujeitos de gêneros diferentes.***

1) Pessoas.

*Pater et mater profecti sunt*<br>*Pater profectus est et mater*<br>*Pater et mater profecta est*

O pai e a mãe partiram (cf. § 42, I, 1)

2) Coisas.

*Gladius et hasta allata sunt*<br>*Gladius allatus est et hasta*<br>*Gladius et hasta allata est*

Foram trazidas uma espada e uma lança

II. ***Sujeitos de pessoas diferentes.*** § Cf. 38, II.

III. ***A constructio ad sensum.***

*Pars magna militum vulnerati sunt/ vulnerata est* (cf. § 42, I, 3) — Uma grande parte dos soldados foi ferida

*Dux cum aliquot militibus captus est/capti sunt* (cf. § 42, I, 3) — Foi preso o general com alguns soldados

*Duo milia militum capti sunt*/(raro) *capta sunt* (cf. § 88, 4, 2c) — Dois mil soldados foram presos

### IV. *O predicado no gênero neutro.*

| | |
|---|---|
| *Varium et mutabile semper femina* | A mulher é sempre *um ser* inconstante e caprichoso |
| *Turpe senex miles* | Um soldado velho é *coisa* triste |

**Nota.** Usa-se esta construção mormente em "frases nominais" (cf. §23, I). Poderíamos comparar, em português: "Cerveja não é *bom* para a saúde".

### V. *O predicado-substantivo.*

| | |
|---|---|
| *Non omnis error stultitia dicenda est*<br>*Non omnis error dicendus est stultitia* | Nem todo e qualquer êrro merece o nome de estultícia |

### VI. *Números diferentes.*

| | |
|---|---|
| *Illae legiones totius exercitus Romani robur erat*<br>*Erant illae legiones/Illae legiones erant robur totius exercitus Romani* | Aquelas legiões constituíam o núcleo do exército romano |

### VII. *Pronomes.*

1) O PRONOME SUJEITO. Os pron., quando usados como sujeito de uma frase, devem concordar em gênero com o predicado-substantivo; em prosa clássica, *hoc* (no sentido genérico de "tal coisa") pode ocorrer só em frases negativas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec* (não: *Hoc*) *est causa doloris mei* | Esta/Isto é a causa da minha dor |
| *Quae est causa doloris tui?* | Qual é a causa da tua dor? |
| *Hic est pater meus/Haec est mater mea* | Êste é meu pai/Esta é minha mãe |
| *Quam tu dicis virtutem, eandem ego furorem existimo* | O que tu chamas de virtude, considero eu como loucura |
| *Hoc non est liberalitas* | Isto/Tal coisa não é generosidade |

2) O PRONOME PREDICADO. Mas quando usados como predicados, os pronomes estão muitas vêzes no neutro, não precisando concordar com o sujeito. Isto ocorre principalmente nos seguintes tipos de expressões:

| | |
|---|---|
| *Quid est veritas?/homo?* (definições) | Que coisa é a verdade?/o homem? |
| *Tu aliquid esse videris, ego nihil sum* | Tu pareces ser alguma coisa (= ter certa importância), eu nada sou |
| *Quod hodie ego sum, tu id cras eris* | O que eu sou hoje, tu o serás amanhã |

3) O PRONOME RELATIVO. Encontrando-se na cláusula relativa um predicado-substantivo, o pron. relativo concorda em gênero não com o antecedente, mas com o predicado da cláusula, p. e.

| | |
|---|---|
| *Vesontio, quod est oppidum maximum Sequanorum, a Caesare capta/captum est* | Vesôncio, que é a maior cidade dos séquanos, foi conquistado por César |
| *Studium sapientiae, quam philosophiam dicimus, omnibus perutile est* | O amor da sabedoria, a que damos o nome de filosofia, é muito útil para todos |

§ 214. **O apôsto.** — I. ***A concordância quanto ao gênero.*** O apôsto concorda sempre em caso com o subst. a que se refere; sendo possível, também em número e em gênero. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Apud Herodotum, patrem historiae, hanc fabulam legimus* | Lemos esta fábula em Heródoto, o pai da história |
| *Athenae, omnium doctrinarum inventrices/caput Graeciae, a Sullā captae sunt* | Atenas, a inventadora de tôdas as disciplinas/a cabeça da Grécia, foi conquistada por Sila |
| *Heri vidimus Quintum et Tulliam, filios Ciceronis* | Ontem vimos Quinto e Túlio, os filhos de Cícero |
| *Voluptates, dominae blandissimae, animum a virtute detorquent* | Os prazeres, (êsses) tiranos lisonjeiros, arrancam o coração da virtude |
| *Tullia, deliciae meae, mortua est!* | Túlia, minha delícia, faleceu! |
| *Naturam, ducem/magistram artis, imprimis admiramur* | Admiramos sobremaneira a Natureza, (êsse) guia/(essa) mestra da Arte |

**Nota.** As palavras *dux, artifex, heres, comes, testis, parens, adulescens, sacerdos, custos, infans,* etc., podem indicar pessoas de ambos os sexos (são os chamados *substantiva communia);* as palavras *deus, dominus, magister, minister, nuntius, rex, victor, adjutor,* etc., têm forma especial, quando se referem a indivíduos do sexo feminino: *dea, domina, magistra, ministra, nuntia, regina, victrix, adjutrix,* etc. (são os chamados *substantiva mobilia*).

II. ***Apostos de nomes próprios.*** 1) A naturalidade de pessoas é indicada por meio de adjetivos, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Socrates Atheniensis* | Sócrates de Atenas |
| *Epaminondas Thebanus* | Epaminondas de Tebas |

2) Nomes próprios, tanto geográficos como de pessoas, não costumam vir acompanhados de um qualificativo apreciativo ou depreciativo sem outro acréscimo, mas prefere-se

usar um apôsto em forma de um subst., ou então, um adj. acompanhado do pron. demonstrativo *ille* ou *iste*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cicero, vir eloquentissimus* | O eloqüente Cícero |
| *Varro, vir doctissimus* | O erudito Varrão |
| *Divinus ille Plato* | O divino Platão |
| *Scelestus iste Verres* | O criminoso Verres |
| *Corinthus, urbs opulentissima* | A próspera Corinto |

**Notas.** 1) Fazem exceção a esta regra os apelidos, tais como: *Alexander Magnus, Sulla Felix*, etc.

2) Reparem bem no emprêgo do superlativo pelo positivo em quase todos os exemplos dados acima.

III. ***Atributivo e semi-predicativo.*** 1) A frase seguinte admite duas traduções:

| | |
|---|---|
| *Ciceronem consulem vidimus* | Vimos o cônsul Cícero |
| | Vimos Cícero, quando era cônsul (mas nunca mais depois) |

Na primeira hipótese (cuja tradução literal seria: "Vimos Cícero, o cônsul"), *consulem* é apôsto atributivo, isto é, esta palavra refere-se direta e exclusivamente ao objeto direto *Ciceronem;* na segunda hipótese, *consulem* é empregado de modo semi-predicativo, isto é, esta palavra diz alguma coisa também sôbre as circunstâncias em que vimos Cícero; tal apôsto semi-predicativo pode ser substituído por uma cláusula adverbial (cf. § 19, I). Muitas vêzes acontece, principalmente na linguagem poética, que um subst., usado como apôsto, exerce essa função semi-predicativa; não só os subst. que já encontramos no § 23, II, 2, mas todo e qualquer subst. pode ser empregado da mesma forma. Outros exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quid tu consul faceres?* | O que tu farias, se fôsses cônsul? |
| *Cato senex historiam scribere instituit* | Catão começou a escrever sua história, quando já estava velho |

2) Observações:

Em três casos acrescenta-se a partícula *ut* a tal apôsto sem-predicativo:

*a*) quando o apôsto tem valor causal ou explicativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Achaei, ut socii Romanorum, auxilia miserunt* | Os aqueus, como aliados dos romanos, enviaram tropas auxiliares |

**Notas.**

1) Aqui se poderia usar também *utpote* (cf. §198).

2) Dêste emprêgo de *ut* originou-se o emprêgo de *ut* como conjunção causal-explicativa (cf. §211, I, 3): *Achaei, ut erant socii Romanorum, auxilia miserunt.*

*b*) quando o apôsto tem valor restritivo (cf. §211, I, 1f), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Pelopidas, ut Thebanus, satis eloquens erat* | Pelópidas era bastante eloqüente para um tebano |

*c*) quando o apôsto não indica realidade, mas implica a idéia de comparação; neste caso, pode usar-se também *velut, tamquam* ou *quasi;* em português, emprega-se: "como (que), como se", etc. (cf. §165; cf. também §25, II, 5). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Futura nobis cecinit ut vates* | Predisse-nos o futuro como se fôsse adivinho |
| *Parentem veretur ut deum* | Êle venera seu pai como se fôsse um deus |
| *Ex vitā discedo tamquam/velut ex hospitio* | Parto da vida como de uma hospedaria |

§215. **Particularidades do adjetivo.** — I. ***Atributo e predicado.*** Os adjetivos podem ser usados de modo atributivo e de modo semi-predicativo (cf. §19, I), da mesma forma que os substantivos. Compare-se o emprêgo do adj. *nescius* nas duas seguintes frases:

| | |
|---|---|
| *Contemnit homines nescios* (atrib.) | Êle despreza os homens ignorantes |
| *Nesciis parentibus hoc iter feci* (semi-pred.) | Sem os pais saberem, fiz esta viagem |

Alguns adjetivos; tais como: *invitus, imprudens, nescius/inscius, salvus, vivus,* etc. (cf. §23, II, 1), são quase exclusivamente usados de modo semi-predicativo, mas em tese todo e qualquer adjetivo pode ser empregado da mesma forma. Não precisamos falar aqui do emprêgo predicativo, no sentido estrito da palavra (p. e. *Hic homo nescius est; Puto eum nescium*), cujo emprêgo não apresenta nenhuma dificuldade ao leitor de textos classicos.

II. ***Outro emprêgo semi-predicativo.*** O emprêgo semi-predicativo, estudado até agora, poderia ser qualificado de "circunstancial", visto que um subst. ou adj. ou part., empre-

gado dessa forma, faz as vêzes de um complemento circunstancial, substituível por uma cláusula adverbial ou conjuncional. Na frase portuguêsa: "Êle voltou *alegre* do seu trabalho", o adj. *alegre* tem igualmente função semi-predicativa, mas de caráter um pouco diferente: aqui o adj. aproxima-se muito do valor adverbial: "alegremente", caso em que poderíamos falar do emprêgo *modal* do adjetivo. Êste emprêgo é muito comum em latim, bem como em português; em tese, todo e qualquer adj. pode ser usado dessa forma, mas são principalmente os seguintes adjetivos que admitem tal aplicação:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *libens* | voluntària(mente) | *prior* | primeira(mente) |
| *novissimus* | por último | *rarus* | rara(mente) |
| *posterior* | mais tarde | *solus* | sò(mente), sòzinho |
| *postremus* | por último | *totus* | todo, totalmente |
| *primus* | primeiro | *ultimus* | por último |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Socrates venenum libens bibit* | Sócrates tomou o veneno voluntàriamente |
| *Hanc urbem Caesar primus cepit* | César foi o primeiro a tomar esta cidade |
| *Hanc urbem primam Caesar cepit* | Esta foi a primeirá cidade a ser tomada por César |
| *Prior amicus advenit, paulo post ego* | Primeiro chegou meu amigo, pouco depois eu |

**Notas.**

1) *Prior* e *posterior* usam-se, quando se trata de duas pessoas ou coisas (cf. §218, II, 1); *primus* e *postremus/novissimus/ultimus*, quando se trata de mais pessoas ou coisas.

2) Na linguagem poética e, de um modo geral, na época imperial, êste emprêgo do adj. é muito freqüente, cf. *nocturnus deambulat* ("de noite vagueia"), e: *serus venisti* ("chegaste muito tarde"), etc.

III. ***O emprêgo limitativo.*** A expressão: *summus mons* quer dizer, em geral, não: "a mais alta montanha", e sim: "o cume da montanha". Êste idiomatismo do latim clássico é muitas vêzes denominado o emprêgo "predicativo" do adj. *summus*, ao que nos parece, menos corretamente. Melhor seria o têrmo: "limitativo", porquanto *summus* não se refere à montanha na sua totalidade, mas a referência se limita a uma parte da mesma "a montanha onde ela é mais alta" > "a parte mais alta da montanha". Vários adjetivos latinos,

na maioria superlativos, admitem êste emprêgo restritivo. Mencionamos aqui:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *extremus* | a extremidade de | *novissimus* | o fim/final de |
| *imus* / *infimus* | o fundo de | *postremus* | a parte traseira de |
| *intimus* | o interior de | *primus* | o início de |
| *medius* | o centro de | *summus* | o ponto mais alto de |
| | | *ultimus* | a última parte de |

Exemplos:

| | |
|---|---|
| *In imo lacu/In infimo lacu* | No fundo da lágoa |
| *In mediā urbe* | No centro da cidade |
| *Primā luce* | No início da luz (do dia) = Ao amanhecer |
| *Extremā aestate* | No fim do verão |
| *Primum agmen/Novissimum agmen* | A vanguarda/A retroguarda do exército |

**Nota.** Geralmente, o adj. no emprêgo restritivo precede o subst.: *in medio colle*, mas também se encontra, na mesma acepção: *in colle medio*. A distinção que muitas gramáticas fazem entre: *in medio colle* (restritivo) e: *in colle medio* (atributivo: "no morro central"), não tem muito cabimento.

IV. ***A substantivação.*** 1) Alguns adjetivos passaram a ser verdadeiros substantivos (cf. §29, II), p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *amicus* (*homo/vir*) | o amigo | *hiberna* (*castra*) | o acampamento hibernal |
| *cani* (*capilli*) | as cãs | *laeva* (*manus*) | a mão esquerda |
| *dextra* (*manus*) | a (mão) direita | *patria* (*terra*) | a pátria |

2) Em geral, porém, o latim evita a substantivação de adj. no masc. e fem. sg., feita exceção àquelas palavras que se transformaram em verdadeiros substantivos (cf. *supra*, 1). Destarte é preferível dizer: *vir doctus* a *doctus; homo Romanus/Romanus aliquis/Romanus quidam* a *Romanus*, etc. No gênero neutro, a substantivação é mais comum, p. e.: *bonum, utile, verum, falsum*, etc.

3) No plural, a substantivação é muito freqüente no nom. e no ac., p. e.: *nostri* ("os nossos"), *sapientes* ("os sábios"), *bona* ("os bens"), *omnia* ("tudo"), *haec/ista/illa/ea* ("isto/isso/aquilo"), etc. Nos outros casos, a substantivação aplica-se preferìvelmente ao gênero masculino, não ao gênero neutro: *bonorum*, em geral, quer dizer; "dos (homens) bons", não: "dos bens"; *omnium/omnibus*, em geral: "de/a todos", não:

"de/a tudo", etc. No gênero neutro, o latim costuma acrescentar a palavra *res* (no sg. e no pl.): *hujus rei* = "disto"; *omnium rerum* = "de tudo"; *nullius rei* = "de nada", etc. Mas esta regra não deve ser interpretada com rigor demasiado: encontramos em prosa clássica também expressões do tipo: *his dictis* = "depois de ditas estas coisas"; *quibus completis* = "(e) depois de terminadas estas coisas", etc.

§ 216. **Particularidades do advérbio.** — I. ***O emprêgo atributivo.*** O advérbio latino pode ser empregado à maneira de um adjetivo atributivo; êste emprêgo é, porém, muito menos freqüente do que em grego, devido à inexistência do artigo em latim. Também em português a construção ocorre só esporàdicamente, p. e. na expressão: "O *então* governador". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Reliquis deinceps diebus* | Nos outros dias seguidos |
| *Plane vir* | Um homem no sentido verdadeiro da palavra, ou: Um homem de verdade |
| *Paene funus* | A perdição/ruina quase total |
| *Marius primum/iterum consul* | Mário durante seu primeiro/segundo consulado |

**Nota.** Os advérbios numerais em *–um* (*primum, iterum, tertium*, etc.) querem dizer: "pela primeira/segunda/terceira, etc. vez"); os advérbios em *–o*, (*primo, secundo, tertio*, etc.) indicam, em geral, a ordem cronológica, ao passo que os em *–um* podem, além do significado já registrado, indicam também a ordem lógica. Mas essa distinção nem sempre é observada pelos autores clássicos.

2) Mais freqüente é o emprêgo atributivo de um subst. precedido de uma preposição (= adv.); aqui a colocação das palavras pode ajudar a compreensão do texto. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesaris in Hispaniā res secundae* | Os sucessos de César em Espanha |
| *Meus in te amor* | Meu amor para contigo |
| *Nostra apud Tenedum pugna navalis* | Nossa batalha naval perto de Tênedo |
| *Ciceronis de Fato libri* | Os livros de Cícero sôbre o Destino |

Mas também se encontram expressões dêste tipo, sem que nos seja possível reconhecê-las pela colocação das palavras:

| | |
|---|---|
| *Amor meus in te* | Meu amor para contigo |
| *Homo sine spe* | Um homem desesperado |
| *Vita cum elegantiā* | Uma vida elegante, requintada |
| *Poculum ex auro* | Um cálice de ouro |
| *Bellum contra Parthos* | A guerra contra os partos |

**Nota.** Mesmo assim, o emprêgo atributivo de preposições com seu regime é menos freqüente em latim do que nas línguas modernas, limitando-se a certos tipos, dos quais já registramos alguns. Em geral, o latim clássico prefere construções com adjetivos, p. e.: *Bellum Parthicum, poculum aureum* (cf. §88, VII), *Socrates Atheniensis* (cf. §214, II), ou com cláusulas relativas, p. e.: *Ciceronis libri qui de Fato inscribuntur; Bellum quod contra Parthos fāctum est,* etc.

II. ***O emprêgo predicativo.*** O emprêgo predicativo dos advérbios latinos (com "verbos de ligação") é muito limitado em latim; mencionamos aqui apenas: *bene est = bene se habet:* "está bem"; *frustra est inceptum:* "a tentativa é vã".

III. ***Os pronomes adverbiais.*** Os pronomes chamados "adverbiais" (tais como *quo, ubi, unde,* etc.) podem, às vêzes, referir-se a pessoas; em prosa clássica, usa-se sobretudo a palavra *unde* nesta função, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Apollo est deus, unde omnes consilium expetunt (unde = a quo)* | Apolo é o deus, a quem todos pedem conselho |
| *Athenienses, unde omnis doctrina orta est, magnopere admiror (unde = a quibus)* | Admiro muito os atenienses, dos quais deriva tôda a cultura |

§ 217. **O singular e o plural. — I. *O singular coletivo.*** O singular serve muitas vêzes para indicar a coletividade, p. e:

| | |
|---|---|
| *Hostis adest = Hostes adsunt* | Chegou o inimigo = Chegaram os inimigos |
| *Miles seditionem facit* | Os soldados amotinam-se |

II. ***O Plural.*** 1) Substantivos nomes de matéria são freqüentemente usados no plural para indicar objetos concretos, p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *aes* | bronze | *aera* | *a*) imagens de bronze; *b*) moedas de bronze (cf. "cobres") |
| *cera* | cera | *cerae* | tábuas recobertas de cera (para fazer anotações): canhenho |
| *grando* | graniza | *grandines* | chuvas de pedra, saraivadas |
| *nix* | neve | *nives* | nevadas |
| *sal* | sal | *sales* | facécias, chistes |

2) Na linguagem poética, o plural de subst. coletivos tem muitas vêzes valor individualizante, p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *silva* | a floresta | *silvae* | as árvores |
| *classis* | a frota | *classes* | os navios |
| *litus* | a praia | *litora* | os grãos de areia |
| *populus* | o povo | *populi* | os homens |

3) Na linguagem poética, usa-se muitíssimas vêzes o plural pelo singular; êste plural tem o nome tradicional de "intensivo", mas sem razão, porque só incidentalmente serve para salientar a grandeza ou a excelencia de uma coisa. No mais das vêzes, é um ***plural poético***, devendo-se seu emprêgo a uma necessidade ou conveniência métrica da versificação latina. Um poeta latino não podia servir-se, num hexâmetro, das palavras: *vīnūm bĭbūnt*, ao menos, nesta ordem. Ora, para remediar êsse inconveniente, podia escrever: *vīn bĭbūnt*, combinação que quadrava perfeitamente com o esquema do hexâmetro. Na célebre frase de Ovídio:

| | |
|---|---|
| *Os hŏmīni sūblĭmĕ dĕdĭt caelūmquĕ tŭērī*<br>*Jūssĭt ĕt ērēctōs ād sīdĕră tōllĕrĕ vūltūs* | (Prometeu) deu ao homem um rosto voltado para cima, e ordenou-lhe contemplar o céu e levantar o olhar erguido para os astros |

encontramos o plural "poético": *ērēctōs* (*vūltūs*). porque o sg. *ērēctŭm* (*vūltŭm*) não se ajustaria ao hexâmetro (*-tum* faria elisão com *ad*).

Mas o plural "poético", introduzido na linguagem poética como solução de emergência, tornou-se um elemento tão inseparável da mesma que, com o tempo, foi sendo empregado também, onde o metro do verso não o exigia, transformando-se num plural "intensivo"; seu emprêgo passou a estender-se à prosa da época imperial, onde encontramos: *templa* para indicar "um grande templo", *Priami regna:* "o Império de Priamo", etc.

4) Substantivos concretos e abstratos, quando se referem a mais pessoas ou coisas, vão geralmente para o plural, ao passo que as línguas modernas preferem o singular. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Germani ingenti magnitudine corporum sunt* | Os germanos têm corpo muito grande |
| *Pythagoraei mentes suas a rebus corporeis avertere solent* | Os pitagóricos costumam desviar sua atenção das coisas corpóreas |

5) Substantivos abstratos, quando usados no plural, têm muitas vêzes o significado de: "espécies/tipos, etc. de", p. e.:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *audaciae* | espécies de audácia | *mortes* | maneiras de morrer |
| *invidiae* | tipos de inveja | *odia* | gêneros de ódio |

§ 218. **Os graus de comparação.** — I. ***Regras e exemplos.*** Vejamos primeiro os exemplos:

| | |
|---|---|
| *Haec turris alta est* | Esta torre é alta |
| *Haec turris altior est quam illă* / *Haec turris altior est illā* | Esta torre é mais alta do que aquela |
| *Haec turris altissima est* | 1) Esta torre é muito alta/altíssima; 2) Esta torre é a mais alta (de tôdas) |

Observações:

1) Quanto ao abl. de comparação, cf. § 82, III; quanto ao abl. de medida, muitas vêzes acrescentado a um comparativo, cf. § 84, IV.

2) O superlativo latino (*altissimus*), além de indicar, como em português, um grau muito alto sem comparação (é o chamado sup. "absoluto"), indica também o grau mais alto em relação a outras coisas (é o chamado sup. "relativo"). Ao superlativo relativo (= "o mais alto") acrescenta-se muitas vêzes um gen. partitivo, ou a preposição *de/ex* mais abl. para distingui-lo do absoluto (cf. § 88, V 1a), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Haec turris omnium altissima est* / *Haec turris ex/de omnibus altissima est* (cf. § 88, V, 2a) | Esta tôrre é a mais alta de tôdas |

3) O comparativo latino, quando não seguido de outro têrmo de comparação, pode indicar também um grau "bastante" elevado, ou então, excesso de certa qualidade (em português: "demasiadamente/demais", etc.; freqüentemente se usa também "muito"; cf. em francês: *trop;* em inglês: *too*). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hic puer audax est* (= *satis audax*) | Êste menino é bastante atrevido |
| *Hic puer audacior est* (= *nimis audax*) | Êste menino é atrevido demais/ muito atrevido |

**Nota.** Esta última função do comp. latino encontra-se também em combinação com *quam ut/qui,* cf. § 147, III, 3, e § 168, IV, 3.

4) As regras formuladas aqui aplicam-se também aos graus de comparação dos advérbios; igualmente as regras a serem expostas nas seguintes páginas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Audacius locutus es quam frater/ fratre* | Falaste mais atrevidamente do que teu irmão |
| *Audacius locutus es* | Falaste com bastante atrevimento<br>Falaste com demasiado atrevimento |
| *Audacissime locutus es* | Falaste muito atrevidamente<br>Falaste com o maior atrevimento |
| *Audacissime omnium/praeter omnes* (cf. §115, C) *locutus es* | Falaste com o maior atrevimento de todos |

II. ***Particularidades.*** 1) O latim não usa o sup., mas sim o comp., quando se trata de comparar duas pessoas ou coisas entre si, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Uter eorum major est?* | Quem dos dois é o maior? |
| *Major para hominum....* | A maior parte dos homens.... |

**Nota.** Assim se explicam expressões, tais como: *Asia Minor* (em oposição à "Grande Ásia"); *Germania inferior*, etc. Cf. em inglês: *Greater London.*

2) Comparando-se duas qualidades de uma só pessoa/ coisa, ou ação, emprega-se a forma analítica do comparativo com *magis*, ou então, as duas qualidades levam a forma sintética do comparativo. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Magis dives est quam felix*<br>*Divitior est quam felicior* | Êle é mais rico que feliz |
| *Magis fortiter quam feliciter pugnaverunt*<br>*Fortius quam felicius pugnaverunt* | Êles lutaram com maior valentia do que felicidade |

3) Para indicar uma proporção, o latim pode servir-se de: *quo/quanto..... eo/tanto* (mais comp.), ou então de: *ut quisque..... ita* (mais sup.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quo quid est rarius, eo est rarius*<br>*Quanto quid est rarius, tanto est rarius* (cf. §84, IV, 3)<br>*Ut quidque est rarissimum, ita est carissimum* (cf. §211, I, 1e) | À medida que uma coisa é mais rara, torna-se mais cara |

**Nota.** Com *quo/quanto* usa-se *quis, quid,* etc., no sentido de *aliquis, aliquid,* etc. (cf. §227, I, 3a).

III. ***As formas analíticas.*** 1) O latim possui também as formas analíticas dos graus de comparação:

| | |
|---|---|
| *Pius est* (positivo) | É piedoso |
| *Magis pius est* (comp.) | É mais piedoso |
| *Valde pius est* (sup. absoluto) | É muito piedoso |
| *Maxime pius est* (sup. relativo) | É o mais piedoso (de todos) |

Esta construção é, porém, relativamente rara em latim clássico, feita exceção ao caso já registrado *supra* (II, 2) e aos adjetivos que terminam em *–ius, –eus* e *–uus* (e aos advérbios derivados), p. e. *pius, idoneus* e *arduus*. Mas adjetivos, tais como *antiquus* e *iniquus*, têm geralmente as formas sintéticas, porque o primeiro *–u* destas palavras não tem o valor de vogal.

2) *Magis* não pode ser combinado com subst.; a frase portuguêsa: "Êle bebeu *mais* vinho", deve ser traduzida por *plus* mais gen. partitivo (cf. §88, V, 1b): *Bibit plus vini;* estando o subst. no plural, deve-se usar *plures* (adj.), p. e.: *Habet plures libros quam ego:* "Êle tem mais livros do que eu".

**Nota.** Os superlativos correspondentes a *plus* são *plurimus, plurimi* (adj.) e *plerique* (subst. e adj.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Bibit plurimum vinum* | Bebeu muitíssimo vinho |
| *Bibit plurimum vini* (gen. part.) | Bebeu a maior quantidade de vinho (de todos) |
| *Habet plurimos libros* | Tem muitíssimos livros |
| *Habet plerosque libros* Cf. §88, V, 2b | Tem o maior número de livros (de todos) |

3) Em vez de *valde* pode usar-se também *admodun* (cf. §171), *prorsus* (cf. §187, II), *sane* (cf. §190), etc. Com verbos também: *multum, magnopere,* etc.

IV. ***Partículas com o superlativo.*** O superlativo (relativo) em latim pode vir acompanhado de várias partículas, como o demonstram os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Belgae longe/multo fortissimi sunt omnium Gallorum* | Os belgas são de longe/incontestàvelmente os mais valentes de todos os gauleses |
| *Cicero longe/multo plurimum valet omnium oratorum Romanorum* | Cícero tem de longe/indubitàvelmente o maior valor de todos os oradores romanos |

**Notas.**

1) As partículas *longe* e *multo* querem dizer que é grande a distância entre a valentia dos belgas e a dos outros gauleses, entre a eloqüência de Cícero e a dos demais romanos, etc. Cf. em inglês: *He is by far the most eloquent of all the Romans*, e *de beaucoup*, em francês.

2) *Multo* é, em última análise, abl. de medida (cf. §84, IV); originàriamente só combinado com o comparativo, passou a ser usado também para reforçar o superlativo; *longe* pode ser combinado também com verbos que exprimem a idéia de superioridade, p. e.: *longe praestare* (= "ser muito superior") e, na poesia e na prosa pós-clássica, com comparativos, p. e.: *longe melior est* (= "êle é muito melhor").

3) Também se emprega muitas vêzes *unus* para reforçar o sup. (sem ou com *longe/multo*), p. e.: *Cicero unus plurimum valet omnium oratorum Romanorum.*

2) A partícula *vel* (cf. §202, I, 2), combinado com o sup., geralmente enfraquece o valor do mesmo ("talvez"), pelo menos, em prosa clássica; quando vem acompanhado de *unus*, reforça-o ("incontestàvelmente", etc.); mas às vêzes, *vel* sem outro acréscimo, funciona também como partícula de refôrço. É impossível formular regras exatas a êsse respeito. Só o contexto pode decidir a questão. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Protagoras omnium sophistarum vel maximus fuit* | Protágoras foi *talvez* o maior de todos os sofistas |
| *Domus ejus vel optima, certe notissima totius Siciliae erat* | Sua família era *talvez* a mais distinta, em todo o caso, a mais conhecida de tôda a Sicília |
| *Protagoras omnium sophistarum unus vel maximus fuit* | Protágoras foi *de longe/incontestàvelmente* o maior de todos os sofistas |

**Notas.**

1) *Vel*, empregado como adv., pode ser combinado também com verbos, subst. e pronomes, com o significado de: "até mesmo", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Gloriae expetendae causã homines vel famem et sitim perferunt* | Os homens suportam até mesmo fome e sêde para granjear glória |
| *Per me vel stertas licet* | Por mim podes até mesmo roncar |

2) Além disso, *vel* pode ser usado no sentido de *velut* = "por exemplo":

| | |
|---|---|
| *Semper incommodus es. Vel heri nobis perturbasti convivium* | Sempre incomodas. Por exemplo, ontem nos estragaste o banquete |

3) Reparem bem nas seguintes construções:

| | |
|---|---|
| *Optimus quisque civis a crudeli tyranno necatus est* (cf. § 227, II, 1b) | Justamente os melhores cidadãos foram mortos pelo tirano |
| *Optimum quodque templum Romae visimus* (cf. § 227, II, 1b) | Visitamos justamente os templos mais bonitos de Roma |
| *Jugurtha quam maximas (potuit) copias armavit* (cf. *infra*, V, 2b) | Jugurta armou o maior número possível de tropas |
| *Quam plurima (potes) lege!* (cf. *infra*, V, 2b) | Lê o mais possível! |

**Nota.** Menos usado do que *quam* é, nesta combinação, *ut*, mas esta partícula tem que ser combinada com uma forma do verbo *posse*, cf. § 211, I, 1f.

V. ***A partícula "quam".*** Assim como *ut*, também a partícula *quam* (forma arcaica: *quamde*) é advérbio interrogativo e relativo (cf. § 211).

1) Interrogativo. *Quam* ("quão, como") refere-se em geral a adj. e a adv., menos freqüentemente a verbos; seu emprêgo em perguntas diretas é extremamente raro, mas muito comum em exclamações e em perguntas indiretas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quam avarus est!* | Como é avarento! |
| *Quam prudenter egit!* | Como procedeu prudentemente! |
| *Quam cupit laudari!* | Como/Quanto deseja ser louvado! |
| *Vide quam sit avarus!* | Vê como êle é avaro! |

Reparem bem no idiomatismo *quam mox:*

| | |
|---|---|
| *Quam mox dimicandum est nobis?* | Quanto tempo ainda falta para entrarmos na luta? |
| *Quam mox dimicandum sit, exspectat* (cf. § 156, III, 4) | Espera que se lute sem demora |

2) Relativo. *a*) em correlação com o demonstrativo *tam* = "tão..... como"; na comédia e na poesia encontram-se também as correlações: *tantus.... quam; sic/ita.... quam* etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tam felix est quam fortis* | Êle é tão feliz como valente |
| *Non est tam dives quam pater ejus* | Não é tão rico como seu pai |
| *Non tam fortiter quam feliciter pugnavit* | Não combateu com tanta valentia como felicidade |

*b*) em combinação com o superlativo, muitas vêzes com uma forma do verbo *posse:* "o mais ... possível", etc. (cf. *supra*, IV, 2). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Caesar quam celerrime (potuit) contendit* | César marchou o mais depressa possível |
| Cf. *quamprimum* | quanto antes |

*c*) nas locuções: *mirum quam/quantum* = "extraordinàriamente", etc. (cf. § 66, I); *valde/sane/admodum/nimis/nimium quam:* "sumamente, bastante", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Mirum quam/quantum nobis inimicus erat* | Era-nos extremamente hostil |
| *Valde/Sane quam laetatus sum* | Regozijei-me extraordinàriamente |

*d*) em combinação com o comparativo: "do que" (cf. § 82, III), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Antonius major est quam Petrus* | Antônio é maior do que Pedro |

Também com verbos e advérbios que exprimem comparação:

| | |
|---|---|
| *Malebat bonus esse quam videri* | Preferia ser bom a parecê-lo |
| Cf. *supra quam* | mais do que |
| *ultra quam* | mais longe do que |

**Nota.** Ao que parece, o abl. de comparação é a construção original; *quam* indicava a princípio só comparação de igualdade (cf. *tam... quam*), chegando a ser usado com o tempo também em comparações de superioridade e de inferioridade (cf. *wie* = *als* em alemão).

*e*) em combinação com *alius, aliter, secus*, etc. (comparações de diferença, cf. § 164, IV), onde o latim pode usar também: *atque/ac/et*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Aliter fecit quam/atque dixerat* | Agiu diferentemente do que dissera |

*f*) Idiomatismos;

| | |
|---|---|
| *Dimidium quam quod acceperam reddidi* | Devolvi a metade do que recebera |
| *Judaei corpora condere quam cremare volunt* (= *malunt*) | Os judeus preferem sepultar os mortos a cremá-los |

*g*) em combinação com partículas de tempo:

| | |
|---|---|
| *postquam/antequam = priusquam* | depois que/antes que |
| *postridie/pridie quam* | no dia seguinte a/anterior a |

## OS PRONOMES

§ 219. **O pronome pessoal.** — As formas: *mei, tui, sui, nostri* e *vestri* são usadas como gen. objetivos (cf. § 88, III, 1); as formas: *mei, tui, sui, nostrum* e *vestrum* são usadas como gen. partitivos (cf. § 88, V, 2f). Nenhuma dessas formas pode ser usada como gen. possessivo, cf. § 88, I, 1, Nota; em lugar delas se emprega o pron. possessivo.

Quanto à supressão do pron. pessoal como sujeito, cf. § 38, I.

Não existe em latim o pron. pessoal da 3.ª pessoa (com exceção das formas reflexivas); para suprir essa lacuna, emprega-se, havendo certa ênfase, *hic/iste/ille* (pron. demonstrativo), e principalmente *is*.

§ 220. **O pronome possessivo.** — I. ***Generalidades.*** Não existe em latim o pron. poss. da 3.ª pessoa (com exceção das formas reflexivas); para suprir essa lacuna, emprega-se o gen. de *hic/iste/ille*, mas principalmente o de *is*.

II. ***Omissão do pronome possessivo.*** Omite-se geralmente o pron. poss. reflexivo, quando êste não tem ênfase, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amo parentes* | Amo meus pais |
| *Video amicum* | Vejo meu amigo |
| Mas: *Video amicum tuum* | Vejo teu amigo |
| *Magni facio parentes tuos* | Aprecio bastante teus pais |

III. ***O apôsto de um pronome possessivo.*** O apôsto de um pron. poss. vai para o gen. possessivo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Meā unius operā res publica salva est* | O Estado está salvo ùnicamente devido ao meu esfôrço |
| *Tua ipsius imprudentia te perdidit* | Tua própria imprudência te arruinou |
| *Vestra ipsorum imprudentia vos perdidit* | Vossa própria imprudência vos arruinou |

**Nota.** Em lugar de: *noster/vester omnium pater*, etc. diz-se geralmente: *omnium nostrum pater, omnium vestrum pater*, etc.

§ 221. **O pronome reflexivo.** — I. ***Generalidades.*** O latim possui só na 3.ª pessoa formas especiais para exprimir a "reflexividade": *sui, sibi, se, (a) se* (pron. pess.) e *suus, sua, suum* (pron. poss.). Estas formas são usadas, de um modo geral, quando houver uma referência direta ao sujeito da frase. Note-se bem que, em latim, proposições infinitvas (cf. § 11, I–II) e construções participias (cf. § 21, III) são consideradas como elementos integrantes da oração regente, de modo que nelas sempre se usam as formas reflexivas. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Barbari se suaque omnia Caesari dedunt* | Os bárbaros entregam-se com todos os seus haveres a César |
| *Paulus dicit se esse aegrotum* | Paulo diz estar doente |
| *Invitis suis civibus imperium nactus est* | Contra a vontade dos seus concidadãos obteve o comando |
| *Alexander militem audacter in se ruentem hastā transfixit* | Alexandre traspassou com a espada um soldado que com grande audácia se arremessava a êle |

II. ***O reflexivo indireto.*** Em "cláusulas intrìnsecamente dependentes" (isto é, em cláusulas que não exprimem o pensamento do relator da frase, mas sim, o do sujeito da oração regente) usam-se as formas reflexivas para referir-se, não ao sujeito da cláusula, mas sim, ao da oração regente. A "dependência intrínseca" nesta classe de cláusulas é marcada não só pelos pron. reflexivos, mas também pelo Subj.: ambas as formas têm a finalidade de frisar a íntima conexão entre a cláusula e a oração regente. Cláusulas intrìnsecamente dependentes são: perguntas diretas; cláusulas finais e cláusulas relativas com valor final; cláusulas temporais com valor final (introduzidas por *priusquam e dum);* cláusulas condicionais com valor final (introduzidas por *dum*); cláusulas causais que indiquem motivo subjetivo ou falso; e finalmente, tôdas as cláusulas dependentes de uma proposição infinitiva (na chamada "oração indireta", cf. § 249). Damos aqui um exemplo de cada um dêsses casos, acrescentando-lhe uma referência ao parágrafo, onde o leitor poderá encontrar mais informações sôbre cada uma dessas cláusulas:

| | |
|---|---|
| *Nescit quid cives de se dicant* (pergunta indireta, cf. § 64) | Não sabe o que os cidadãos falam dêle |
| *Caesar castra movit ne hostes se aquā intercluderent* (cf. § 144, III, 2) | César levantou o acampamento para que os inimigos não lhe interceptassem a água |

*Legatos misit Jugurtha qui sibi pacem peterent* (cf. §168, I)
Jugurta enviou embaixadores que implorassem a paz para êle (= Jugurta)

*Priusquam/Antequam sua sibi reddantur, non abibit* (cf. §157, II)
Antes de lhe serem restituídos os seus haveres, não sairá

*Hic manebit, dum sua sibi reddantur* (cf. §158, II)
Ficará aqui até lhe serem restituídos os seus haveres

*Faciat hoc iter, dummodo valetudini suae ne noceat* (cf. §160, III)
Pode fazer esta viagem, contanto que não prejudique sua saúde

*Me accusat, quod sua sibi non reddiderim* (cf. 210, II, nota 3)
Acusa-me de não lhe ter restituído os seus haveres

*Dicit me punitum iri, quod sua sibi non reddiderim* (cf. §249)
Diz que serei castigado, porque não lhe restituí os seus haveres

III. ***O reflexivo direto e indireto.*** — 1) Em tôdas as espécies de cláusulas mencionadas acima, as formas reflexivas podem ocorrer também para referir-se ao sujeito da cláusula (reflexivo direto), não ao da oração regente (reflexivo indireto). Exemplos:

*Rogavi eum quid secum ferret*
Perguntei-lhe o que levava consigo

*Dixit neminem adhuc sine suā pernicie bellum fecisse* (*suā* refere-se a *neminem*, não ao sujeito de *dixit*)
Disse que ninguém ainda havia feito guerra sem causar a sua própria ruína

2) É só o contexto que pode decidir se o pronome reflexivo é usado de modo direto ou indireto; às vêzes, encontra-se na mesma frase *se* ou *suus* com duas funções diferentes, p. e.:

*Ariovistus dixit neminem adhuc secum contendisse sine suā pernicie*
Ariovisto disse que ainda ninguém havia lutado com êle (= Ariovisto) sem causar a sua (= ninguém) própria ruína

3) Havendo perigo de ambigüidade, o latim usa *ipse* para referir-se ao sujeito da oração regente, ou então, para referir-se ao grupo a que pertence o sujeito da mesma. Exemplos:

*Caesar milites rogavit cur de suā virtute aut de ipsius diligentiā desperarent*
César perguntou aos soldados, porque desesperavam da sua própria (= dos soldados) valentia ou da diligência dêle (= de César)

*Divico, legatus Helvetiorum, dixit Caesari ne ob eam rem aut suae magnopere virtuti tribueret aut ipsos despiceret*
Dívico, o embaixador dos helvécios, disse a César que por essa razão nem superestimasse sua própria (= de César) bravura nem os desprezasse a êles (= os helvécios)

IV. ***O sujeito lógico.*** 1) Na frase: *Pudet eum patriam prodere* ("Envergonha-se de trair a pátria") não há sujeito gramatical (cf. §40, II), mas o sujeito lógico da mesma é "êle" (= *eum*, o objeto direto, do ponto de vista gramatical). Se em tal construção houver uma referência ao sujeito lógico, usa-se o pron. reflexivo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Pudet eum se laudare coram omnibus civibus* | Envergonha-se de se louvar a si próprio diante de todos os cidadãos |

Assim se explicam também construções dos seguintes tipos:

| | |
|---|---|
| *Sua cuique gloria est = Unusquisque suam gloriam habet* | Cada qual tem seu título de glória |
| *Suum quemque scelus vexat = Unusquisque vexatur suo scelere* | Cada qual é atormentado por (pela consciência do) seu próprio crime |
| *Hostibus victis sua reddiderunt Romani* | Os romanos restituiram aos inimigos vencidos os seus (= dos inimigos) haveres |

2) Até mesmo acontece que se usa *suus*, quando esta palavra tem muita ênfase (= seu próprio"), referindo-se, não ao sujeito da frase, mas a um têrmo qualquer na proximidade imediata, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Hannibalem sui cives ex urbe ejecerunt* | Haníbal foi expulso da cidade por seus próprios cidadãos |

§222. **O pronome recíproco.** — O latim não possui uma forma bem definida do pron. recíproco (cf. em alemão: *einander;* em holandês: *elkaar*, ou *elkander*), mas é obrigado a servir-se de circunlocuções. As mais importantes são: *inter nos/vos/se; alter... alterius*, etc. (de duas pessoas); *alius, .... alii*, etc. (de mais pessoas); também pode repetir-se o subst. Na época imperial torna-se cada vez mais freqüente a locução: *invicem.*

| | |
|---|---|
| *Hi fratres inter se diligunt* (cf. §107, C 4) | Êstes irmãos se amam mùtuamente |
| *Alter frater alterum diligit* | Os (dois) irmãos se amam mùtuamente |
| *Milites alii alium cohortati sunt* | Os soldados exortaram-se uns a outros |
| *Milites militibus adesse debent* | Os soldados devem ajudar-se mùtuamente |
| *Manus manum lavat* | Uma mão lava a outra |
| *Hi fratres invicem diligunt* (latim pós-clássico) | Êstes irmãos se amam mùtuamente |

§ 223. **Os pronomes demonstrativos.** — I. ***Funções elementares.*** *Hic* refere-se à 1.ª pessoa (= "êste", *iste* à 2.ª pessoa (= "êsse"), e *ille* à 3.ª pessoa (= "aquêle"); essa referência não se limita ao sentido local, mas se estende igualmente à esfera temporal e até mental. Êste emprêgo dos pron. demonstrativos está mais ou menos de acôrdo com a praxe portuguêsa, de modo que exemplos são desnecessários.

II. ***Conotações afetivas.*** *Iste* tem muitas vêzes valor depreciativo; *ille*, valor apreciativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Iste Verres totam Siciliam expoliavit* | Êsse Verres saqueou tôda a Sicília |
| *Ille Homerus dixit....* | O célebre Homero disse..... |
| *Illud Homeri/Homericum.....* | Aquêle célebre dito de Homero... |

III. ***Correlações.*** Na correlação: *hic ..... ille*, ou: *ille..... hic*, o pron. *hic* refere-se ao que foi mencionado por último; *ille*, ao que foi mencionado primeiro, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Admiramur magnopere Alexandrum Magnum et Julium Caesarem: hic Galliam omnem cepit, ille regem Persarum vicit* (ou: *ille.... vicit, hic.... cepit)* | Admiramos muito Alexandre Magno e Júlio César: êste conquistou a Gália inteira, aquêle venceu o rei dos persas |

IV. ***Observações.*** 1) Os pron. demonstrativos são muitas vêzes usados em combinação com subst. verbais, em lugar de um gen. objetivo (cf. §88, III), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Hic metus = Metus hujus rei* | O mêdo de tal coisa |
| *Illa desperatio = Desperatio illius rei* | O desespêro daquela situação |

2) Em geral, a expressão: *Dixit hoc/haec*, refere-se àquilo que se segue: *dixit illud/illa*, àquilo que precede, mas essa distinção não possui o rigor de uma regra absoluta. *Ille* usa-se muitas vêzes para anunciar aquilo que se segue, tendo por função a de marcar com certa ênfase uma qualquer oposição àquilo que precede.

§ 224. **Os pronomes determinativos.** — Sob êste denominador comum pretendemos falar de três pronomes: *is*, *ipse* e *idem*.

I. ***O pronome "is".*** As principais funções de *is* são:

1) *Is* substitui, nos casos oblíquos, o pron. pessoal da 3.ª pessoa, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Vidi eum/eos* | Vi-o(s) |
| *Vidi eam/eas* | Vi-a(s) |
| *Dedi ei/eis librum* | Dei-lhe(s) um livro |

**Nota.** No nom. não se usa o pron. pessoal, a não ser que êste tenha certa ênfase (cf. §38, I), caso em que se emprega *hic/iste/ille*, ou — de modo anafórico (cf. *infra*, 3), — *is*.

2) O gen. *ejus/eorum/earum* substitui o pron./adv. possessivo (não reflexivo) da 3.ª pessoa, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Vidi patrem ejus* | Vi seu pai(= o pai dêle/dela) |
| *Vidi patrem eorum* | Vi seu pai(= o pai dêles) |
| *Vidi patrem earum* | Vi seu pai(= o pai delas) |

3) *Is* tem função "anafórica", isto é, refere-se a uma pessoa ou coisa que acaba de ser mencionada, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Caesar Noviodunum adortus est (id est oppidum Aeduorum), sed expugnare non potuit* | César atacou Novioduno (é essa uma cidade dos éduos), mas não conseguiu conquistá-la |
| *Caesar Labieno auxilio venit. Is erat legatus exercitus ejus* | César veio em auxílio a Labieno. Êsse era subcomandante do seu exército |

**Notas.**

1) Assim se explica também o emprêgo de *atque is* (ou *isque*) e de *neque is* em construções dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Nuper librum legi, atque eum pulcherrimum* | Li há pouco um livro, e por sinal era muito bonito |
| *Consul sero advenit, neque id omnibus copiis suis* | O cônsul chegou muito tarde, e além disso sem (trazer) tôdas as suas tropas, ou: e nem sequer trouxe..... |

2) Quanto à omissão do pronome anafórico em frases comparativas, cf. §231, I, 6.

4) *Is* é usado (como pron. e como adj.) em antecedentes para relacioná-los mais estreitamente com os pronomes relativos, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Is (vir) qui hoc fecerit, punietur* | Aquêle (homem) que fizer isto, será castigado |

5) *Is* = *talis* ("de tal natureza") em combinação com *ut* consecutivo (cf. §147, I) ou com cláusulas relativas, cujo valor seja consecutivo (cf. §168, IV, 1).

II. ***O pronome "ipse".*** 1) *Ipse* quer dizer, em geral: "mesmo, mesma; o próprio/a própria", mas exerce, além disso,

várias outras funções que nem sempre coincidem com o emprêgo dêssas palavras em português. Damos aqui uma série de exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ipse opus perficiam* | Eu *mesmo/pessoalmente* farei o serviço |
| *Valvae ipsae se aperuerunt* | Os batentes abriram-se *por si mesmos* |
| *Ipso terrore hostes fugati sunt* | *Só* pelo pânico foram afugentados os inimigos |
| *Eo ipso die Romam rediit* | *Exatamente* nêsse dia voltou a Roma |
| *Post ipsum proelium castra movit* | *Logo* depois da batalha levantou o acampamento |
| *Ante ipsam portam substitit* | Parou (*precisamente*) em frente à porta |
| *Ipsa virtus a multis contemnitur* | *Até mesmo* a virtude é menoscabada por muitos |
| *Divitiae ipsae neminem beatum reddere possunt* | A riqueza *sòzinha* (ou: *por si mesma*) não pode tornar ninguém feliz |

2) Reparem bem na diferença entre as seguintes construções:

| | |
|---|---|
| *Me ipsum laudo (= non alius me laudat*<br>*Me ipsum laudo (= non alium laudo)* | Louvo-me a mim mesmo |
| *Veritas se ipsa defendet* | A verdade se defenderá a si mesma |
| *Nolite me, sed vos ipsos consolari!* | Não me consoleis a mim, mas a vós próprios! |

III. ***O pronome "idem".*** 1) *Idem* indica identidade, e pode vir seguido de *atque/ac/et* ou o pron. relativo (cf. § 164, IV), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Eundem librum legi atque/ac/et tu (legisti)*<br>*Eundem librum legi quem tu (legisti)* | Li o mesmo livro que tu (lêste) |

2) Usa-se *idem* também quando a uma qualidade já mencionada de uma pessoa ou coisa se acrescenta uma segunda; neste caso, *idem* (geralmente: *idemque*) pode simplesmente continuar a descrição: "e também, e igualmente, ao mesmo tempo", etc., ou então, a segunda qualidade pode estar em certo contraste com a primeira, caso em que devemos traduzir por: "mas, contudo, e apesar disso", etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Crassus eloquens fuit idemque juris consultus* | Crasso foi eloqüente e, ao mesmo tempo, jurisconsulto |
| *Crassus dives fuit idemque non superbus* | Crasso foi rico, mas (apesar disso) não orgulhoso |
| *Omnes optant ut senectutem adipiscantur, eandem accusant adepti* | Todos desejam atingir a velhice, mas, quando a atingiram, censuram-na |

3) Quando, porém, de outra pessoa ou coisa se diz algo que já foi mencionado em relação a outra pessoa ou coisa, usa-se *item*, ou *ipse quoque*, ou *et ipse*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Frater meus Romam profectus est; nos item propediem Romam proficiscemur* | Meu irmão foi a Roma; nós também/igualmente iremos a Roma um dêstes dias |
| *Cum Hannibal aciem instrueret, Scipio et ipse/ipse quoque copias e castris eduxit* | Como Haníbal estivesse dispondo as fileiras, também Cipião conduziu suas tropas fora do acampamento |

§ 225. **Os pronomes relativos.** — I. ***Generalidades.*** O leitor poderá encontrar os principais pronomes (e advérbios) relativos no § 166, I; as regras relativas à conexão relativa, no § 167.

II. ***O antecedente e o relativo.*** Já vimos que o antecedente muitas vêzes vem reforçado de *is*, cf. § 224, I, 4. Mas acontece também que não ocorre nenhuma referência ao relativo na oração regente, caso em que *qui* = *is qui*. Se o antecedente fôr, não uma determinada palavra, mas um frase inteira, usa-se *quod* ou, preferìvelmente, *id quod* (cf. § 166, III). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Is (vir) qui hoc fecerit, punietur* | Aquêle (homem) que fizer isto, será castigado |
| *Qui hoc fecerit, punietur* | Quem fizer isto, será castigado |
| *Socrates a civibus suis ut venenum biberet coactus est, (id) quod Atheniensibus summo dedecori est* | Sócrates foi forçado por seus concidadãos a tomar veneno, o que constitui grande desonra para os atenienses |
| Cf. também § 242, III | |

III. ***O emprêgo do subjuntivo.*** Já sabemos que o modo normal empregado em cláusulas é o Ind., também em cláusulas introduzidas por pronomes (e advérbios) relativos indefinidos (cf. § 54, II). Usa-se, porém, o Subj. em cláusulas relativas com valor adverbial (cf. § 168); êste modo encontra-se também em três outros tipos de cláusulas relativas, a saber:

1) em cláusulas relativas dependentes de um A. c. I., contanto que façam parte integrante das palavras citadas e não constituam um acréscimo posterior feito pelo autor. Para elucidar esta construção, podemos partir do seguinte exemplo, em que as palavras comunicadas por César não dependem do verbo *dicit* (no A. c. I.), mas são citadas tais quais foram ditas por êle (é a chamada "oração direta"):

| | |
|---|---|
| *Caesar dicit: "Arverni, qui semper socii fidelissimi fuerunt, ad bellum consurrexerunt"* | César diz: "Os arvernos, que sempre foram nossos aliados fidelíssimos, insurgiram-se para fazer a guerra" |

Mas se fizermos depender as palavras citadas do verbo *dicit*, na chamada "oração indireta", a frase passará a ter a seguinte forma:

| | |
|---|---|
| *Caesar dicit Arvernos, qui semper socii fidelissimi fuerint, ad bellum consurrexisse* | César diz que os arvernos, que sempre foram aliados fidelíssimos, se insurgiram para fazer a guerra |

Como se vê, a proposição independente da "oração direta": *Arverni..... consurrexerunt*, vai para o A. c. I. na "oração indireta": *Arvernos..... consurrexisse;* a cláusula relativa, na "oração direta" construída com o Ind. (*qui.... fuerunt*), leva o Subj. na "oração indireta" (*qui.... fuerint*). É esta a construção normal de cláusulas relativas ocorrentes na "oração indireta".

Mas existe também outra possibilidade. César pode ter dito apenas: *Arverni ad bellum consurrexerunt*, e um autor, ao relatar essas palavras de César, pode achar conveniente acrescentar uma informação a respeito dos arvernos na forma de uma cláusula relativa, p. e.: *qui semper Romanis fidelissimi fuerunt.* Se passarmos esta frase para a "oração indireta", a comunicação feita por César, irá para o A. c. I., mas a cláusula — acréscimo posterior — continuará no Ind., de modo que:

| ORAÇÃO DIRETA: | ORAÇÃO INDIRETA: |
|---|---|
| *Caesar dicit: "Arverni (qui semper Romanis fidelissimi fuerunt) ad bellum consurrexerunt"* — | *Caesar dicit Arvernos qui semper Romanis fidelissimi fuerunt, ad bellum consurrexisse* |

Cf. ainda:

| | |
|---|---|
| *Socrates dicere solebat: "Omnes in eo quod sciunt satis eloquentes sunt"* | Sócrates costumava dizer: "Todos são bastante eloqüentes naquilo que sabem" |

| | |
|---|---|
| *Socrates dicere solebat omnes in eo quod scirent satis esse eloquentes* | Sócrates costumava dizer que todos eram bastante eloqüentes naquilo que sabiam |
| *Aristoteles dicit: "Apud Hypanim fluvium (qui ab Europae parte in Pontum influit) bestiolae quaedam nascuntur, quae unum diem vivunt"* | Aristóteles diz: "Perto do rio Hípanis (que, provindo do lado europeu, desemboca no Mar Negro), nascem certos pequenos bichos que vivem um só dia" |
| *Aristoteles dicit apud Hypanim fluvium, qui ab Europae parte in Pontum influit, bestiolas quasdam nasci, quae unum diem vivant* | Aristóteles diz que perto do rio Hípanis que, provindo do lado europeu, desemboca no Mar Negro, nascem certos pequenos bichos que vivem um só dia |

**Nota.** Assim se explica que os parênteses: *ut dixi, ut vidimus, quod cognovimus,* etc. fiquem inalterados na "oração indireta", bem como as cláusulas relativas que contêm a paráfrase de um único conceito, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quis negare potest haec omnia quae videmus a dis immortalibus administrari?* | Quem pode negar que todo êste mundo visível seja governado pelos deuses imortais? |

2) em cláusulas relativas dependentes de uma cláusula construída com o Subj., igualmente à condição de fazerem parte integrante da construção com o Subj., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Consul cives adhortatus est ut cives, qui contra rem publicam conjurassent, morte afficerent* | O cônsul exortou o povo a infligir a pena de morte aos cidadãos que haviam conjurado contra o Estado |

Esta frase seria na "oração direta":

| | |
|---|---|
| *Consul populum sic adhortatus est: "Cives, qui contra rem publicam conjuraverunt, morte afficite!"* | O cônsul exortou o povo desta maneira: "Infligi a pena de morte aos cidadãos que conspiraram contra o Estado!" |

3) em cláusulas relativas que não exprimem o pensamento do autor, mas o do sujeito da oração regente ("dependência intrínseca", (cf. §221, II), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Socrates exsecrari eum solebat, qui primus utilitatem a jure sejunxisset* (conforme a opinião de Sócrates) | Sócrates costumava amaldiçoar aquêle que fôra o primeiro a separar a utilidade do direito |

IV. ***O antecedente na cláusula.*** A frase:

| | |
|---|---|
| *(Ea) femina, quam videtis, mater mea est* | (Aquela) mulher, que vêdes, é minha mãe |

pode ser construída também desta maneira:

| | |
|---|---|
| *Quam feminam videtis, (ea) est mater mea* | A mulher que vêdes, (essa) é minha mãe |

Nesta segunda construção, o antecedente *femina* (da primeira construção) foi transferida para a cláusula, chegando a concordar em caso com o pronome relativo: *quam feminam*. Nas duas construções pode ocorrer o pronome *is* (ou, menos freqüentemente: *hic/iste/ille*). Outro exemplo:

| | |
|---|---|
| *Quae cupiditates a naturā proficiscuntur, (eae) facile explentur* | Os desejos que derivam da natureza, são fàcilmente saciados |

O latim pode sempre colocar o antecedente na cláusula relativa, mas usa esta construção mormente nos seguintes casos:

1) quando o antecedente contém um superlativo (relativo), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Misi ad te de/ex libris quem pulcherrimum habeo* | Enviei-te o mais belo livro que tenho |

**Nota.** Mas são possíveis também as duas seguintes construções:

| | |
|---|---|
| *Misi ad te ex omnibus libris/ omnium librorum quos habeo pulcherrimum* (cf. §88, V, 2e)<br>*Misi ad te librum quo pulchriorem non habeo* (cf. §82, III, 2d) | Enviei-te o mais belo livro que tenho |

Nunca, porém, pode o relativo referir-se diretamente a um superlativo que não seja "absoluto", cf. §218, I, 2.

2) quando o antecedente traz consigo um apôsto, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus Corinthum profectus est, in quā urbe templa pulchra sunt* | Meu amigo foi a Corinto, cidade (essa) em que há templos bonitos |

3) nas expressões do tipo: *quā es prudentiā* e *quae est tua prudentia:* "prudente como és", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quā prudentiā es, nihil te fugiet* | Prudente como és, nada te escapará |
| *Quā mollitiā sum, numquam illius lacrimis restitissem* | Sensível como sou, nunca teria resistido às suas lágrimas |

**Nota.** Nestas expressões poderíamos usar também:

| | |
|---|---|
| *Ut es prudens* (cf. §150, III)<br>*Pro tuā prudentiā* (cf. §133, C4) | *nihil te fugiet* |

V. ***A omissão do segundo relativo.*** Quando duas cláusulas relativas coordenadas se referem ao mesmo antecedente, o latim pode usar duas vêzes o relativo, caso em que se prefere a forma *quique et qui;* muito freqüente é, porém, a substituição do segundo relativo por *et is* ou *isque;* às vêzes, omite-se o segundo relativo, mesmo que seu caso seja diferente do empregado na primeira cláusula. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Caesar Gallos bello superavit, quos populus Romanus in provinciam redegit quibusque stipendium imposuit*<br>ou:... *redegit iisque stipendium...*<br>ou: .... *redegit stipendiumque imposuit* | Na guerra, César venceu os gauleses, os quais o povo romano reduziu a estado de dependência (= província) e aos quais impôs um tributo |

**Nota.** Sôbre a repetição do antecedente na cláusula relativa, cf. §242, III.

VI. ***Casos de atração.*** 1) Quanto à concordância em gênero relativo, não com o antecedente, mas com o predicado-substantivo da cláusula, cf. §213, VII, 2.

2) Na linguagem popular, o antecedente adota, às vêzes, o caso em que está o relativo; esta construção, muito contrária às regras da análise lógica, é extremamente rara na linguagem literária. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Naucratem quem convenire volui, in navi non erat* (= *Naucrates quem* ....) | Náucrates, com quem quis ter um encontro, não estava no navio |
| *Urbem quam statuo, vestra est* (= *Urbs quam statuo.....*) | A cidade, que estou fundando, é vossa |

3) Muito raro acontece em latim clássico (ao contrário da praxe grega) que o relativo adota o caso em que está o antecedente, contra as regras da análise lógica. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Aliquid agis eorum quorum* (= *quae*) *consuesti agere* | Estás fazendo uma daquelas coisas que costumas fazer |

Cf. *non quo.....*, *sed quod* = *non eo quod .....*, *sed quod* (§150, II, 2, Nota 1).

§226. **Os pronomes interrogativos.** — I. ***Generalidades.*** Quanto à forma e ao significado dos diversos pronomes (e advérbios) interrogativos em latim, cf. §62. Todos êles

podem, em tese, ser usados, não só em perguntas diretas, mas também em perguntas indiretas e em exclamações.

II. ***O emprêgo de "quis" e "qui".*** *Quis?* é geralmente pron. (= subst.); *qui?* é geralmente adj., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quis hoc fecit?* | Quem fêz isto? |
| *Qui vir/Quae femina hoc fecit?* | Que homem/mulher fêz isto? |

Também *quis?* pode funcionar como adj., caso em que se distingue de *qui?* por perguntar pelo nome de uma pessoa ou coisa, ao passo que *qui?* pergunta mais pelas qualidades (= ± *qualis?*), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quis miles hoc fecit?* | Quem é o soldado que fêz isto? |
| *Qui miles hoc fecit?* | Que (espécie de) soldado fêz isto? |

**Nota.** Esta distinção, porém, nem sempre é observada, e *quis?* encontra-se às vêzes simplesmente no sentido de *qui?*, de modo que:

| | |
|---|---|
| *Quis miles hoc fecit?* | Que soldado fêz isto? |

III. ***O emprêgo de "quid" e "quod".*** No gênero neutro, é rígida a distinção entre *quid?* (pron.) e *quŏd?* (adj.), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quid vidisti?* | O que viste? |
| *Quod templum/Quae templa vidisti?* | Qual/Quais o(s) templo(s) que viste? |

1) *Quid?* vem muitas vêzes seguido de um gen. partitivo (cf. § 88, V, 1b); também se usa muitas vêzes no sentido de: "por que? para que?" (ac. de relação, cf. § 74, IV, 2). *Quid?* é empregado quando se pergunta pela definição de uma pessoa ou coisa (cf. § 213, VII, 2). Reparem também no emprêgo de *Quid quod.... ?* (cf. § 210, II, 1f). Outra locução elíptica com *quid?* é *quid si.....?*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quid si eum adibo?* (= *Quid [dices] si eum adibo?*) | E se me dirigir a êle? |
| *Quid si eum adeam?* (= *Quid [dicas] si eum adeam?* | E se me dirigisse a êle? |

2) *Quidni?* (cf. § 160, III, 2) quer dizer: "Por que não?" > "Naturalmente"; às vêzes encontramos também: *quid.... ni?*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quidni ita censeam?* (perguntas retóricas)<br>*Quid ita ni censeam?* | Por que não pensaria assim? |
| *Laudas hunc? — Quidni laudem?* | Tu o louvas? — Claro que o louvo! |

IV. ***O emprêgo da partícula "qui?"*** O abl. instrumental *qui?* (cf. §148, II, 5) é pouco usado em perguntas indiretas, mas geralmente em perguntas diretas dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Qui fit ut mihi irascatur?* | Como acontece que êle fica indignado contra mim? |
| *Qui id fieri potuit?* | Como pôde acontecer isso? = Como foi isso possível? |

Em cláusulas (relativas e interrogativas) encontramos também *quicum* = *quocum*, *qu cum* ou *quibuscum*, p. e.

| | |
|---|---|
| *Mihi da quicum omnia communicem* | Dá-me alguém, com quem possa ter tudo em comum |

V. ***A diferença entre "quis?" e "uter?"*** Usa-se *quis/qui?*, quando se trata de mais de duas pessoas ou coisas; usa-se *uter, utra, utrum?*, quando se trata de duas pessoas o coisas. *Uter* é considerado como adj., quando combinado com subst.; como subst., quando combinado com pron. pessoal, caso em que vem acompanhado do gen. partitivo (cf. *uterque*, §88, V, 2b).

| | |
|---|---|
| *Uter consul barbaros vicit?* | Qual dos dois cônsules venceu os bárbaros? |
| *Uter vestrum mentitus est?* | Qual de vós dois mentiuu? |

**Nota.** Palavras correspondentes com *uter?* são: *uterque* ("cada um dos dois"), *neuter* ("nenhum dos dois") e *alter* ("um dos dois"), cf. §227, V.

VI. ***O emprêgo de "quotus"?*** 1). O interrogativo *quotus?* pressupõe uma resposta na forma de um número ordinal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quotus Imperator Nero fuit? — Sextus* | Qual o lugar ocupado por Nero entre os imperadores? — O sexto |

Assim se diz também:

| | |
|---|---|
| *Quota hora est? — Tertia* | Que horas são? — É a terceira hora (São três horas) |

2) Em combinação com *quisque:* "quão poucos?" (só em perguntas diretas; em perguntas indiretas, usa-se *quam pauci*), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quotusquisque invenitur qui hodie hunc librum legat?* | Como são poucos os que hoje ainda lêem êste livro! |

§ 227. **Os pronomes indefinidos.** — I. ***Três séries de indefinidos.*** O latim possui três séries de palavras para exprimir: "alguém, algum, alguma coisa, algo", a saber:

1) *Aliquis, aliquid* ("alguém, alguma coisa"), só pron. = subst.
   *Aliqui, aliqua, aliquod* ("algum"), adj. (sg. e pl.)
   *Nonnulli, nonnullae, nonnulla* ("alguns"), subst. e adj.

2) *Quisquam, quidquam* ("alguém, alguma coisa"), pron. = subst.
   *Ullus, ulla, ullum* ("algum"), adj. (sg. e pl.)

3) *Quis, quid* ("alguém, alguma coisa"), pron. = subst.
   *Qui, qua, quod* ("algum"), adj. (sg. e pl.)

Quanto ao emprêgo dessas palavras, podemos fazer as seguintes observações:

a) *Aliquis*, etc. emprega-se em frases afirmativas (cf. *somebody, some, something*, em inglês); *quisquam*, etc. emprega-se em frases negativas ou em frases cuja tendência é negativa (cf. *anybody, anything, any*, em inglês); *quis*, etc. emprega-se depois das partículas: *si, nisi, ne* (cf. § 147, III, 1) e *num*, e depois de pron. e adv. relativos. *Quis* (indef.) é a forma enclítica de *quis?* (interrogativo), cf. em inglês: *What did he tell you?* e: *I'll tell you what.* Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Aliquis id mihi dixit* | Alguém mo disse |
| *Aliqui vir/Aliqua femina id mihi dixit* | (Alg)um homem/(Alg)uma mulher mo disse |
| *Neque te neque quemquam sinam hinc abire* | Não te deixarei sair, nem a ti, nem a ninguém |
| *Recusabat cum quoquam colloqui* | Recusava-se a conversar com quem quer que fôsse |
| *Recusabat cum ullo cive colloqui* | Recusava-se a conversar com todo e qualquer cidadão |
| *Hoc quisquam negare audebit?* | Haverá alguém que se atreva a negar isto? (resposta: "Claro que ninguém se atreverá") |

| | |
|---|---|
| *Si quis huc venerit, dic ei.....* | Se alguém vier aqui, dize-lhe..... |
| *Si quem videris, dic mihi* | Se vires alguém, dize-mo |
| *Num quod monstrum vidisti?* | Por ventura, viste (alg)um monstro? |
| *Quo quid est rarius, eo est carius* (cf. §218, II, 2) | Quanto mais raro, tanto mais caro |

*b*) *Quisquam* e *ullus* são empregados também depois das partículas *si* (condicional) e *quam* (comparativo) em construções dêste tipo em que está implícita a idéia de negação:

| | |
|---|---|
| *Si quisquam, ille fuit liberalis* (= *Nemo fuit illo liberalior*) | Se é que alguém foi generoso, êle o foi |
| *Hic rex liberalior fuit quam quisquam superiorum* (= *Nemo rex fuit liberalior quam hic*) | Êste rei foi mais generoso do que qualquer um dos anteriores |

*c*) A mesma diferença que existe entre *aliquis* e *quis*, existe também entre:

| | | |
|---|---|---|
| *aliquando:* "alguma vez" | e | *si quando:* "se (alg)uma vez, um dia", etc. |
| *alicubi:* "em algum lugar" | e | *sicubi:* "se em algum lugar", etc. |
| *alicunde:* "de alguma parte" | e | *sicunde:* "se de alguma parte", etc. |
| *aliquā:* "por algum caminho" | e | *si quā:* "se por algum caminho" (cf. §62, I, 2) |
| *aliquo:* "para algum lugar" | e | *si quo:* "se para algum lugar", etc. |

*d*) A mesma diferença que existe entre *aliquis* e *quisquam*, existe também entre êstes dois grupos de advérbios:

| | |
|---|---|
| *aliquando* e *umquam:* "alguma vez" | *alicubi* e *usquam:* "em alguma parte", p. e.: |
| *Erat aliquando rex dives.....* | Era uma vez um rei rico..... |
| *Quid hac re crudelius umquam factum est?* | Houve jamais uma coisa mais cruel do que esta? |
| *Anulum meum amisi neque usquam invenire potui* | Perdi meu anel e não consegui encontrá-lo em parte alguma |
| *Alicubi anulum meum amisi* | Perdi meu anel em algum lugar |

*e*) Quanto ao emprêgo de *nec quisquam* = *et nemo*, etc. cf. §202, I, 2.

*f*) *Aliquis* quer dizer; "alguém", indicando indiferença no que diz respeito à especificação; assim se usa também *aliqui*, etc. As duas palavras podem ser substituídas pelas locuções: *nescio quis/qui* (cf. §66, I).

*g*) A palavra *quidam* (pron. e adj.) indica uma pessoa ou coisa que o autor não pode ou não quer especificar: "(um) certo", etc., p. e.:

| | |
|---|---|
| *Homo quidam me invitavit* | Certo homem me convidou |
| *Quodam die me invitavit* | Certo dia/Um belo dia me convidou |

Combinado com subst. e adj., *quidam* torna mais vaga, mais indefinida a expressão, principalmente quando acompanhado de *quasi*, *tamquam* ou *velut:* "uma espécie de, por assim dizer, como que", etc. Com certos adjetivos, porém, que exprimem grau elevado de certa qualidade, *quidam* reforça a expressão: "extraordinàriamente, sumamente, totalmente", etc. (p. e. *magnus*, *eximius*, *praeclarus*, *mirabilis*, *novus*, *incredibilis*, *ingens*, etc.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tacitus quidam sermo factus est inter eos* | Houve entre êles uma conversa, por assim dizer, sem palavras, ou: uma espécie de conversa silenciosa |
| *Senatus propugnaculum quoddam libertatis Romanae est* | O Senado é, por assim dizer/como que, o reduto da liberdade romana |
| *Mors est quaedam quasi commutatio vitae* | A morte é, por assim dizer, uma modificação da vida |
| *Incredibilis quaedam voluptas nos omnes cepit* | Apoderou-se de todos nós um prazer completamente incrível |
| *Novum quoddam genus dicendi induxit* | Introduziu um estilo literário totalmente novo |

*h*) *Quispiam* (subst. e adj.) = *aliquis*, usando-se mormente em objeções (reais ou fingidas), muitas vêzes com o significado de um sujeito indeterminado (cf. §41, II, 5), p. e.:

| | |
|---|---|
| *At dicet quispiam/aliquis.....* | Mas alguém dirá..... |

*i*) Reparem bem nestas expressões (cf. §213, VII, 2):

| | |
|---|---|
| *Et ego aliquid sum* | Também eu tenho certa importância |
| *Ego nihil sum* | Eu não tenho nenhuma importância |

II. ***Quisque, etc.*** 1) *Unusquisque* (subst. e adj.) significa: "cada um, cada qual", e tem valor distributivo (cf. em inglês: *each*); *quisque* (subst. e adj.) tem o mesmo significado, mas, como palavra enclítica, tem menos fôrça e nunca ocupa

o primeiro lugar numa frase, ligando-se principalmente às seguintes formas:

*a*) ao pron. reflexivo *sui, sibi, se, suus*, etc. (cf. § 221, IV), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Sibi quisque consulat!* | Cada um cuide de si próprio! |
| *Sua cuique gloria est* | Cada qual tem seu título de glória |

*b*) ao pron. (ou adv.) relativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quod quisque mihi dixit, memoriā teneo* | Estou bem lembrado do que cada um me disse |
| *Ut quidque est rarius, ita est carius* (cf. § 211, I, 1e) | Cada coisa, na medida em que é mais rara, torna-se mais cara, ou melhor: Na medida em que uma coisa é mais rara, torna-se mais cara |
| *Supplicabo ut quemque amicum videro* (cf. § 154, II, nota 1) | Suplicarei, cada vez que vir um amigo |

*c*) ao pron. (ou adv.) interrogativo, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Dic mihi quid cuique dixeris* | Dize-me o que disseste a cada um |
| *Quotusquisque invenitur/est qui hodie hunc librum legat?* (cf. § 226, VI) | Como são poucos os que hoje ainda lêem êste livro! |

*d*) ao superlativo (de adj.), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Optimus quisque a crudeli tyranno necatus est* (cf. § 218, IV, 2) | Justamente os melhores cidadãos foram mortos pelo tirano |

*e*) a números ordinais, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Decimus quisque miles necatus est* | Cada décimo soldado foi morto, ou: De cada dez soldados um foi morto |
| *Quinto quoque anno*(1) | De quatro em quatro anos |
| *Tertio quoque anno*(1) | De dois em dois anos |
| Mas: *singulis annis/quotannis* | cada ano |
| *singulis diebus/quotidie* | cada dia |

*f*) nas expressões idiomáticas:

| | |
|---|---|
| *primo quoque tempore = quam primum* | quanto antes (cf. § 218, V, 2b) |
| *primum quidque explicemus* | expliquemos uma coisa após outra |

(1) *Quinto/Tertio*, não: *Quarto/Secundo*, devido a um costume peculiar dos romanos de incluir nas suas contagens o têrmo inicial e o têrmo final.

2) *Omnis* (cf. em inglês: *every*) não tem o sentido distributivo de *quisque*, mas significa: "todo (e qualquer)". São muito usadas as formas do plural: *omnes* (masc.–fem.) = "todos" (cf. em inglês: *all*), e *omnis* (neutro) = "tudo", ou "tôdas as coisas" (cf. em inglês: *everything* e *all*). *Omnis* pode significar também: "inteiro", significado específico de *totus*, palavra essa que, em latim nunca ocorre, com o significado de: "todo (e qualquer)". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Omnis homo mortalis est* | Todo e qualquer homem é mortal |
| *Omnes homines mortales sunt* | Todos os homens são mortais |
| *Amor vincit omnia* | O amor vence tudo |
| *Gallia omnis divisa est in partes tres* | A Gália, vista na sua totalidade, divide-se em três partes |
| *Totā urbe clamor factus est* (cf. §85, II, 4) | Em tôda a cidade (= Na cidade inteira) houve um clamor |

3) *Quivis* e *quilibet* (subst. e adj.) significam: "quem quer que seja", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quodvis/Quodlibet malum perpeti voluit quam mentiri* | Preferiu sofrer o que quer que fôsse de penoso a mentir |
| *Quivis/Quilibet per me hoc facere potest* | Qualquer um pode, por mim, fazer isto |

**Nota.** Tratando-se de duas pessoas ou coisas, pode usar-se *utervis* e *uterlibet*.

4) *Quicumque* e *quisquis*, etc. são pron. relativos indefinidos e podem, em latim clássico, ser usados só com o verbo finito, sempre no Ind. (cf. §54, II).

III. ***Nemo e nullus, etc.*** 1) *Nemo* < *nĕ–hemo* (*hemo* = *homo; nullus* < *nĕ–ullus*). Quanto às negações combinadas com estas duas palavras, cf. §170, II, 2. *Nullus* é adj., ("nenhum"), mas é empregado no gen. (*nullius*), e no abl. (*nullo, nullā*) em substituição às formas correspondentes de *nemo* que só possui o ac. *neminem;* ao lado de *nulli* encontramos também o dat. *nemini*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nemo hoc facere audebit* | Ninguém ousará fazer isto |
| *Nullus vir/nulla mulier dicet...* | Nenhum homem/Nenhuma mulher dirá..... |
| *Neminem vidi* | Não vi ninguém |
| *Nemini/Nulli dixi istud* | Não disse isso a ninguém |
| *Nullo resistente hostes in urbem ingressi sunt* | Sem que ninguém resistisse, entraram os inimigos na cidade |

2) *Nihil* < *nĕ-hilum* (*hilum*, talvez = "fiozinho"); a forma contrata é *nil* (não se encontra em prosa clássica); a palavra usa-se apenas no nom. e no ac. (neste caso, encontra-se também *nihilum* em certas locuções). O gen. *nihili* é empregado apenas como gen. de preço (cf. §89, II, 1); o abl. *nihilo* só como abl. de medida, em expressões do tipo: *nihilominus* e *nihilosetius* (cf. §181, I, 4), ou como abl. de preço (cf. §84, II, 2), ou em combinação com *pro* em expressões do tipo: *pro nihilo id puto* = "considero-o como de nenhuma importância" (cf. §75, I, Nota 3). A forma *nihilum* (ac.) usa-se sòmente em algumas expressões, p. e.: *ad nihilum redigĕre aliquid*: "reduzir alguma coisa a nada". Em tôdas as outras construções usa-se: *nullius rei* (gen.), *nulli rei* (dat.), *nullā re* (abl.) e *nihil* (nom. e ac.).

3) *Nemo* deve ser usado em combinação com adjetivos substantivados, p. e.: *nemo mortalis* (não: *nullus mortalis*) = "nenhum mortal"; cf. *nemo sapiens* (não: *nullus sapiens*).

*Nemo* pode ser usado em combinação com nomes de pessoas, p. e.: *nemo/nullus civis; nemo/nullus poeta*, etc.

*Quisquam* segue as mesmas regras, portanto:

| | |
|---|---|
| *Nec quisquam mortalis/sapiens* | E nenhum mortal/sábio (cf. §203, I, 2) |
| *Nec quisquam poeta/civis* / *Neque ullus poeta/civis* | E nenhum poeta/cidadão |

IV. ***Alius e alter, etc.*** 1) *Alius, alia, aliud* refere-se a mais de duas pessoas ou coisas; *alter, altera, alterum* refere-se a uma de duas pessoas ou coisas, estando sempre no sg. (mas cf. *infra*, V, 3). *Ceteri* e *reliqui* significam: "os outros, os demais". Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Legi librum alium atque/ac tu* (cf. §164, IV) | Li um livro diferente do que tu (lêste) |
| *Hodie librum alterum legi* | Hoje li o outro (= o segundo) livro |
| *Unum hunc librum attuli: ceteros/reliquos domi reliqui* | Trouxe só êste livro: os demais deixei em casa |

2) Assim se explica a diferença entre as duas seguintes correlações:

| | |
|---|---|
| *Alius/Alii Alexandrum magis admiratur/admirantur, alius/alii Julium Caesarem* | Um((Alg)uns admira(m) mais Alexandre Magno, outro(s) Júlio César |
| *Duos amicos habeo: alter est medicus, alter jurisconsultus* | Tenho dois amigos: um é médico, o outro é jurista |

3) Reparem bem nas seguintes expressões:

| | |
|---|---|
| *Alius aliud amat* | Um gosta disto, outro daquilo |
| *Alius aliter judicat* | Um julga assim, outro assim |

**Nota.** Estas expressões são formas elípticas de: *alius aliud amat, alius aliud amat.*

4) Quanto ao emprêgo de *alius... alium*, e *alter... alterum*, etc. como pronomes recíprocos, cf. §222.

5) Não existe o gen. sg. de *alius*, pelo qual se usa: *alterius.*

V. ***Uterque, etc.*** 1) Esta palavra refere-se a duas pessoas ou coisas ("cada um dos dois"); distingue-se de *ambo* por ser pronome (ou adj.) distributivo, visando, portanto, a cada uma das duas pessoas ou coisas na sua individualidade, ao passo que *ambo* se refere a duas pessoas ou coisas como coletividades, ou como individualidades inseparáveis uma da outra. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ambo consules vicerunt* (plural!) | Os dois cônsules venceram (na mesma batalha, ao mesmo tempo) |
| *Uterque consul vicit* (singular!) | Cada um dos dois cônsules venceu (em batalhas e tempos diferentes) |

2) Palavras correspondentes com *uterque* são: *neuter* ("nenhum dos dois"), *uter?* ("qual dos dois"?, *alter* ("um dos dois"), *uter?* ("qual dos dois?"), *alter* ("um dos dois"); cf. também *uterque* e *uterlibet* (cf. §227, II, 3, Nota). Também estas palavras são normalmente usadas apenas no sg. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Uter vestrum hoc dixit?* | Quem de vós dois disse isto? |
| *Neuter nostrum hoc dixit* | Nenhum de nós dois disse isto |
| *Alter vestrum hoc dixit* | Um de vós dois disse isto |

3) Tôdas essas palavras podem estar no plural, quando se referem a dois grupos cada um dos quais é considerado na sua individualidade, ou quando são combinados com pluralia tantum. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Utri montem prius occuparunt?* | Qual dos dois grupos/exércitos ocupou primeiro o morro? |
| *Caesar copias eduxit ex utrisque castris* | César conduziu as tropas de ambos os acampamentos |

4) Quanto ao emprêgo do gen. partitivo com estas palavras, cf. §88, V, 2b.

## ALGUMAS FIGURAS SINTÁTICAS

§ 228. **Observação preliminar.** Os gregos e seus discípulos, os romanos, elaboraram uma vasta nomenclatura de tropos e figuras, cujo conhecimento consideravam como um elemento imprescindível na formação literária de futuros poetas e oradores. A retórica ocupava, já desde a atuação dos primeiros sofistas no século V. a. C., um lugar muito importante na vida cultural dos antigos, gozando de um prestígio que hoje talvez seja comparável apenas ao da formação tecnológica. Os literatos clássicos, devido aos seus intensos estudos retóricos, escreviam suas obras em geral muito menos "espontâneamente" do que os nossos contemporâneos costumam fazê-lo, e tinham um conceito muito diferente de "originalidade": ao escreverem um discurso ou um poema, tinham sempre em mente as regras da *ars rhetorica*, e lembravam-se constantemente dos exemplos encontrados nas obras dos seus precursores.

O Romantismo muito concorreu para a retórica clássica perder seu crédito aos olhos dos modernos. Sem dúvida, a estilística dos antigos parece-nos muito técnica, árida e artificial; sua mania de classificar, definir, sistematizar, subdividir e sutilizar tem algo de desconcertante para um leitor do século XX. Mas, por outro lado, devemos reconhecer que, nas obras dos grandes mestres (em latim, principalmente Cícero e Quintiliano), encontramos uma porção de finas observações, provas de um gôsto literário muito requintado e frutos maduros de uma longa e viva tradição.

Não podemos entrar aqui nos méritos da estilística clássica, nem tampouco confrontar os seus métodos e princípios com os da estilística moderna. Queremos registrar sòmente algumas figuras sintáticas que têm certa importância para a compreensão e a tradução de textos latinos. Propositalmente eliminamos da nossa sinopse os "tropos", não porque êstes não merecem a atenção dos estudiosos, mas porque seu estudo pouco se compadece com a finalidade de um livro consagrado à sintaxe. Muitas vêzes poderemos referir-nos a fenômenos lingüísticos já encontrados em capítulos anteriores.

§ 229. **O anacoluto ou a anacolutia.** — O anacoluto (a palavra quer dizer: "sem seqüência") é uma figura sintática pela qual uma frase muda inesperadamente de construção.

Na linguagem coloquial, o anacoluto é muito comum, em todos os idiomas, sendo um dos elementos que dão naturalidade e uma certa "negligência graciosa" à conversação. Mas também um autor, embora não improvisando, pode dêle servir-se. Isso acontece sobretudo depois de um parêntese mais ou menos comprido que faz com que o autor perca de vista a estrutura inicial da frase, ou então, no caso em que quer dar às suas palavras a aparência de uma negligência graciosa ("anacoluto retórico"). Exemplo de um anacoluto depois de uma construção participial.

| | |
|---|---|
| *Cum haec ita fierent, rex Juba, cognitis Caesaris difficultatibus, non est visum dari spatium convalescendi* | Enquanto isto (assim) acontecia, o rei Juba, tendo sido informado das dificuldades em que César se achava, resolveu, não lhe dar o tempo para recuperar-se |

**Nota.** A construção "certa" seria: *rex Juba..... decrevit,* ou então: *regi Jubae..... visum est.*

§ 230. **O assíndeto.** — O assíndeto consiste na omissão de conjunções coordenativas (geralmente: *et;* mas pode ser também: *sed, nam* ou *ergo, etc.*). o que é sobretudo freqüente em longas enumerações (às vêzes, com clímax). Também em português não é raro o emprêgo de assíndeto, p. e.: "Traiu os pais, a pátria, os deuses". Exemplos em latim:

| | |
|---|---|
| *Cicerone Antonio consulibus Catilinae conjuratio facta est* (cf. § 23, II, 2) | Sob o consulado de Cícero e Antônio deu-se a conjuração de Catilina |
| *E cupiditatibus odia, discidia, discordiae, seditiones, bella, homicidia nascuntur* (cf. § 201, III, 1; § 217, III, 5) | Das paixões nascem (todos) os gêneros de ódio, de divisão, de discórdia, as sedições, as guerras, os homicídios |
| *Velim nolim* | Queira (ou) não queira |
| *Grata erga eum civitas fuit: [nam] statua ei in foro posita est* | Os cidadãos mostraram-se-lhe gratos: [pois] foi-lhe erguida uma estátua no foro |
| *Nox est: [ergo] jam in tecta vestra discedite!* | É noite: ide, [pois,] a vossas casas! |
| *Obsides accipere, [sed] non dare consuevimus* | Nós costumamos receber reféns, [mas] não dá-los |

§ 231. **A braquilogia.** — I. ***A braquiologia pròpriamente dito.*** Êste têrmo grego, traduzido para o latim com o nome de *breviloquentia,* significa uma maneira concisa de se

exprimir. Há várias espécies de braquilogias, algumas das quais são usadas também em português.

1) Um adj. pode referir-se a dois objetos (muito comum), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Multas domos agrosque possidet* | Êle possui muitas casas e (muitas) terras |

2) Um verbo pode referir-se a dois objetos (muito comum), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Caesar cepit Noviodunum multaque alia oppida Gallorum* | César tomou Novioduno e (tomou) muitas outras cidades dos gauleses |

3) Um advérbio pode referir-se a dois verbos (muito comum), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Haec puella bene cantat et saltat* | Esta moça canta (bem) e dança bem |

**Nota.** Nos três casos registrados, os filólogos falam muitas vêzes do emprêgo *apò koinou* ("em comum").

4) Às vêzes, um verbo que, segundo as regras da sintaxe, deveria ser repetido por se aplicar a pessoas diferentes, é empregado só uma vez; a êste tipo de braquilogia muitas vêzes se dá o nome de *silepse* (em grego-latim: *syllepsis*). Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Beate vivere alii in alio, vos in voluptate ponitis* | Alguns assentam a felicidade nisto, outros naquilo, vós (a assentais) no prazer |

5) Quanto à omissão de um segundo ou terceiro relativo, cf. §225, V.

6) Na frase portuguêsa: "Os discursos de Demóstenes são mais bonitos que *os* de Cícero", a segunda palavra *os* tem função anafórica (cf. §224, I, 3); em latim, não se pode usar, neste caso, o pronome *is*, mas deve repetir-se o subst., ou então, omite-se a referência ao subst. no segundo membro da comparação. Esta segunda construção (a chamada: *comparatio compendiaria*) é a mais usada, também quando os dois subst. estão em casos diferentes, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Demosthenis orationes pulchriores sunt quam Ciceronis* | Os discursos de Demóstenes são mais bonitos que os de Cícero |
| *Quis potest conferre vitam Trebonii cum (vitā) Dolabellae?* | Quem poderia (cf. §54, I) comparar a vida de Trebônio com a de Dolabela? |

II. ***Outro emprêgo da braquiologia.*** Alguns consideram também certo emprêgo expressivo e significativo de verbos, subst. e adj. como uma espécie de braquilogia: é o chamado *usus praegnans* (em inglês: *pregnant use;* em alemão: *prägnanter Gebrauch*) de palavras e de expressões em que está implícito mais do que parece à primeira vista. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Homo sum, humani nil a me alienum esse puto* | Sou homem (fraco, mortal, com tôdas as boas e más qualidades inerentes à espécie humana), acho que nada do que é humano me é alheio |
| cf. *vir est* | é verdadeiro varão (forte, corajoso, firme) |
| *forma/formosus* | a beleza/formoso |
| *noli mulier esse!* | não sejas covarde! |
| *bellum conturbare = bellum turbis concitandis efficere* | fazer a guerra, provocando perturbações |
| *age quod agis!* | faze *bem* o que fazes! |

§ 232. **O clímax.** — O clímax, ou a gradação, é a progressão ascendente de idéias ou palavras: a progressão descendente chama-se *anticlímax*. O clímax é figura muito freqüente na linguagem cotidiana e no estilo oratório; a correlação: *non modo..... sed/verum etiam,* indica clímax (cf. § 201 III, 3); também já encontramos partículas adverbiais que exprimem clímax, p. e.: *adeo* (cf. § 171, III); *quin* (cf. § 187, I, 4). Outro exemplo:

| | |
|---|---|
| *In urbe luxuria creatur, ex luxuriā exsistat avaritia necesse est, ex avaritiā audacia* | Na cidade fomenta-se o luxo, a conseqüência necessária do luxo é a ganância, a da ganância é a audácia |

§ 233. **A elipse.** — I. ***A elipse pròpriamente dita.*** A elipse é a omissão de uma ou mais palavras que, para a consciência lingüística de quem fala ou ouve, são dispensáveis, mas que são necessárias para a construção lógica da frase (em oposição ao assíndeto) e não podem ser completadas pela presença de palavras idênticas ou congêneres no contexto imediato (em oposição à braquilogia). Já encontramos alguns tipos de elipses, dos quais mencionamos aqui: a omissão de um verbo sentiendi vel declarandi antes de uma proposição infinitiva (cf. § 7, IV, 2); o Inf. exclamativo (cf. § 17, II); o acusativo elíptico (cf. § 73, IV); o emprêgo intransitivo de verbos transitivos (cf. § 60, I, 2); o emprêgo de *Quid si?*

(cf. §226, III, 1); etc. Poderíamos acrescentar expressões dêste tipo: *Ita mehercle = Ita me, Hercules, juves*, etc.

II. ***A omissão de "esse".*** A omissão de *esse* no A. c. I. não é elipse pròpriamente dita (cf. §5, I, Nota), nem a do particípio presente de *esse* em construções participiais (cf. §23, I): aqui temos "frases nominais", construção bastante comum, principalmente em provérbios, p. e.: *Quot capita/homines, tot sententiae* (= "Quantas cabeças/homens, tantas sentenças)". Cf. também §213, IV.

§233. **A enálage.** — A enálage ou hipálage (em grego-latim: *hypallage*) quer dizer, ao pé da letra: "troca", e como tal é têrmo genérico. Em latim, porém, entende-se por enálage ou hipálage geralmente a *hypallage adjectivi:* um adjetivo refere-se, do ponto de vista da gramática, a um certo subst., mas lògicamente modifica outro subst. A figura é pouco encontrada em prosa; mas muito freqüente na linguagem poética (principalmente na época imperial). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Fulva leonis ira = Ira leonis fulvi* | A ira de um leão fulvo |
| *Ibant obscuri solā sub nocte = Ibant soli sub nocte obscurā* | Andavam sòzinhos pela noite escura |

§234. **O eufemismo.** — O eufemismo é uma palavra ou expressão usada para evitar o emprêgo de uma palavra ou expressão desagradável, feia, impolida, etc.; em certos idiomas não fica bem dizer: "tuberculose", porque esta palavra é considerada de mau agouro, mas usa-se a locução eufêmica: "t. b. c.". Assim Cícero diz:

| | |
|---|---|
| *Si quid mihi humanitus acciderit = Si moriar* | Se me suceder algo de humano = Se morrer |
| *Judex graviorem sententiam dixit = poenam mortis* | O juiz pronunciou uma sentença bastante grave = proferiu a sentença de morte |

§235. **O hendiadis.** — I. ***Justaposição em vez de subordinação.*** O *hendiadis* (lit: "uma só coisa por meio de duas palavras") é a juxtaposição de duas palavras (geralmente subst., às vêzes, também verbos), uma das quais está lògicamente subordinada à outra. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Natura pudorque ejus* | Seu pudor inato |
| *Gravitas et pondus* | A gravitação |
| *Religio et fides* | O cumprimento consciencioso/religioso dos devêres |

| | |
|---|---|
| *Rogabo atque supplicabo* | Pedirei suplicantemente |
| *Dona suspecta insidiaeque* | Os presentes suspeitos e insidiosos |
| *Ordo seriesque* (cf. §205, I, 5) | A série ordenada |

II. ***Expressões enfáticas.*** O *hendiadis* é, portanto, coordenação (gramatical) em vez de subordinação (lógica); nem tôda e qualquer juxtaposição de subst., adj. ou verbos é hendiadis. Muitas vêzes acontece que em latim clássico, principalmente nas obras de Cícero, se encontram duas palavras mais ou menos sinônimas, simplesmente ligadas uma à outra para reforçar a expressão, p. e.: *eniti et contendere* ("esforçar-se muito"), *partiri ac dividere* ("repartir e dividir"), *extremum atque ultimum* ("pela última vez), etc. Não havendo subordinação lógica, não se pode falar em hendiadis.

§236. **O hipérbaton.** — O hipérbato(n) é uma figura retórica pela qual palavras ou grupos de palavras são transpostas do seu lugar natural para lhes dar maior ênfase ou para obter qualquer outro efeito. Não falamos aqui do emprêgo do hipérbaton na linguagem poética, onde é muito usado por motivos de ordem métrica. Na prosa assinalamos um exemplo, pelo qual se pode ver que o primeiro e o último lugar de uma frase (ou cláusula) são os que dão maior realce a uma idéia:

| | |
|---|---|
| *Tantam ingenuit animantibus conservandi sui natura custodiam* | Tamanho é o cuidado de conservação de si próprio que a natureza criou em todos os sêres vivos |

§237. **A hipérbole.** — A hipérbole é uma figura retórica que engrandece ou diminui com exagêro consciente a verdade das coisas; é muito comum na linguagem coloquial, cf. em português: "Morri de rir". Assinalamos aqui as expressões hiperbólicas já encontradas: *luce clarius, nive candidius*, etc. (cf. §82, III, 2c); cf. também a célebre frase de Horácio: *sidera tangam vertice* (= "Com minha cabeça tocarei o céu").

§238. **O hísteron próteron.** — O hísteron próteron (*hýsteron* = "mais tarde", e *próteron* = "primeiro") é uma figura que coloca uma idéia ou palavra na frente de outra que, cronológica ou lògicamente, lhe é anterior. Encontramos um exemplo neste verso de Vergílio:

| | |
|---|---|
| *Moriamur et in media arma ruamus!* | Morramos e lancemo-nos no meio da batalha! |

§ 239. **A ironia.** — A ironia é uma maneira de falar que consiste em dizer o contrário do que se está pensando ou sentindo, mas de tal modo que o ouvinte inteligente não pode equivocar-se quanto ao seu verdadeiro significado; a ironia pode ter por origem certo pudor (em relação a si próprio), ou sentimentos de escárneo (em relação a outrem); quando a insinuação ou tom forem violentos, fala-se em *sarcasmo*. Já encontramos algumas partículas que têm significado irônico, tais como: *scilicet* (cf. § 191, III, 1), *quippe* (cf. § 188, I, 1), *nisi vero/forte* (cf. § 160, I, 3), etc. Registramos ainda o emprêgo irônico de *credo*, (parentético), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Si te jam, Catilina, interfici jussero, credo, erit verendum mihi ne omnes boni hoc crudelius factum esse* | Se eu ordenar tua execução, Catilina, terei de temer, acho, que todos os bons (cidadãos) julguem êste ato demasiadamente cruel |

§ 240. **A lítotes.** — A lítotes (é esta a forma correta) é uma figura retórica, muito usada também na linguagem coloquial, pela qual se nega o contrário daquilo que se quer afirmar enfàticamente, p. e.: *haud ignoro* = *bene scio* ("bem sei"); *non invitus* = *libentissimus* ("de muito boa vontade"); *non sine candidā puellā* = *cum candidā puellā* ("com uma menina esplêndida"), etc. Cf. § 170, II, 1, Nota.

§ 241. **O oximoro.** (1) — O oximoro (ao pé da letra: "tolice" = *moria;* "arguta" = *oxys*) é a combinação de duas idéias que se excluem (cf. "paradoxo"). É célebre o oximoro encontrado num texto litúrgico latino: *O felix culpa!* (falando da culpa de Adão, porque esta ocasionou a Redenção, elevando o gênero humano a um grau mais elevado do que o existente no Paraíso Terrestre). Cf. também a frase de Cícero: *Cum tacent, clamant* (já encontrada no § 152, I, 4).

§ 242. **O pleonasmo.** — I. ***Generalidades.*** O pleonasmo é o contrário da elipse, e consiste no emprêgo de uma ou mais palavras que, do ponto da vista meramente gramatical, são supérfluas. O pleonasmo é sobretudo peculiar à linguagem coloquial: mas também a linguagem jurídica e administrativa, devido à sua preocupação de se exprimir com tôda a clareza e de não omitir nada, serve-se muitas vêzes dêle. Registramos aqui:

| | |
|---|---|
| *Sic ore locuta est* | Assim ela falou com a bôca |
| *Initio coepit cogitare* | A princípio começou a pensar |
| *Hoc ferme fieri solet* | Isto costuma acontecer geralmente |
| *Postridie ejus diei* (cf. §88, I, 5) | No dia seguinte (a êsse dia) |

(1) A forma *oximoro* parece-nos mais correta do que a forma *oxímoro* (*mōros*, em grego).

II. ***O emprêgo do verbo "videri"*** Cícero faz muitas vêzes uso pleonástico do verbo *vidēri* nas suas orações e tratados, só com o fim de poder terminar o período de maneira rítmica, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Restat ut de imperatore deligendo dicendum esse videatur* | Resta que falemos da escolha do comandante |

III. ***Em cláusulas relativas.*** Uma influência da linguagem jurídica é a repetição do antecedente na cláusula relativa, pleonasmo muito comum em tôda a prosa latina, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Erant omnino itinera duo, quibus itineribus domo exire possent* | Havia ao todo dois caminhos pelos quais podiam sair da sua pátria |

§ 243. **O polissíndeto.** — O polissíndeto é o contrário do assíndeto (cf. § 230). A frase assindética encontrada ali poderia ser transformada num polissíndeto desta maneira:

| | |
|---|---|
| *E cupiditatibus et odia et discidia et discordiae et seditiones et bella et homicidia nascuntur* (cf. § 217, III, 5) | Das paixões nascem todos os gêneros de ódio, de divisão, de discórdia, as sedições, as guerras e os homicídios |

§ 244. **A prolepse.** — I. ***No antecedente.*** A prolepse (em latim: *anticipatio*) tem várias acepções. A prolepse gramatical, — a única espécie que nos interessa aqui, — consiste na colocação antecipada (dentro da oração principal) do sujeito de uma pergunta (ou exclamação) indireta. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Videte hominem, quam sit clemens*<br>*Videte, quam sit clemens homo!* | Vêde como o homem é benígno! |

II. ***A prolepse predicativa.*** Outro tipo de prolepse gramatical, sobretudo encontrado na linguagem poética, consiste em atribuir-se a um substantivo certo qualificativo, o qual chega a existir apenas como resultado da ação verbal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Abdita texit ora frutex* (cf. § 26, V) | A folhagem encobre(-lhes) os rostos, de modo que êstes se vão escondendo, ou melhor: encobre e esconde-lhes os rostos |
| *Montes umbrantur opaci* | As montanhas são assombreadas, tornando-se escuras |

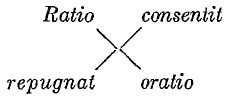
§ 245. **O quiasmo.** — ***Generalidades.*** O quiasmo (é esta a forma correta da palavra, não: quiasma) é a colocação

"cruzada"(1) de palavras em antíteses pouco extensas: no segundo membro da oposição, os elementos antitéticos são colocados em ordem inversa à do primeiro membro. Exemplos:

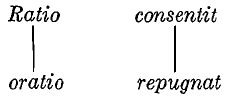
| | |
|---|---|
| *Fragile corpus animus sempiternus movet* | O corpo frágil é movido pelo espírito eterno |
| *Ratio consentit, repugnat oratio* | A razão concorda, (mas) resiste a palavra |

II. ***Quiasmo e paralelismo.*** Quando os elementos antitéticos do segundo membro são colocados na mesma ordem do primeiro, fala-se em paralelismo. Exemplos:

QUIASMO:




PARALELISMO:




§ 246. **A reticência.** — A reticência ou a aposiopese é a interrupção brusca, mas intencional, no meio de uma frase, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Si perfeceritis quod agitis, me ad vos venire oportet; sin autem...; sed nihil opus est reliqua scibere* | Se conseguirdes o que pretendeis, devo ir ter convosco; se não, .....; mas não preciso escrever o resto |

Cf. a célebre aposiopese de Vergílio:

| | |
|---|---|
| *Quos ego.....!* | Eu os .....! ((castigarei) |

§ 247. **O zeugma.** — O zeugma é uma espécie de braquilogia (cf. § 231), mas sua peculiaridade consiste no fato de uma só palavra referir-se a duas outras, com dois sentidos diferentes. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Panem edo et vinum* | Como pão e (bebo) vinho |
| *Pacem vel bellum gerens* (em latim não se pode dizer: *pacem gerere*) | Fazendo paz ou guerra |
| *Germanicus, quod arduum, sibi; cetera legatis permisit* | Germânico (reservou) para si próprio o que era difícil; o resto confiou aos comandantes subalternos |

(1) A letra grega *qui* ou *chi* (X) tinha a forma da "cruz" de Santo André.

## Capítulo XII

# A ORAÇÃO INDIRETA

§ 248. **Generalidades.** — I. ***A natureza da oração indireta.*** Já encontramos (no § 225, III, 1) a "oração indireta". Neste capítulo pretendemos alguns pormenores a respeito desta construção importante.

Na frase:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus dixit: "Cras Romam redibo"* | Meu amigo disse: "Amanhã voltarei a Roma" |

as palavras: "*Cras Romam redibo*" reproduzem, — ou, pelo menos, têm a pretensão de reproduzir, — textualmente uma comunicação tal qual foi feita por meu amigo. Esta reprodução textual, em livros modernos geralmente indicada por dois pontos e aspas, é denominada a "oração direta" (em latim: *oratio directa*, ou *oratio recta*).

Na frase:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus dixit cras se Romam rediturum (esse)* | Meu amigo disse que amanhã voltaria a Roma |

as palavras: *cras se Romam rediturum* (*esse*) trazem o mesmo conteúdo que: *Cras Romam redibo*, mas sob forma diferente: a comunicação feita por meu amigo não é citada textualmente, mas tornou-se dependente do verbo *dixit*, dependência essa pela qual se explicam certas modificações (p. e. o emprêgo de *se;* a substituição do verbo finito *redibo* pelo Inf. *rediturum esse*). A reprodução das palavras (ou dos pensamentos) de uma pessoa em dependência de um verbum sentiendi vel declarandi é denominada a "oração indireta" (em latim: *oratio indirecta*, ou *oratio obliqua*).

II. ***A oração indireta prolongada.*** No exemplo dado acima, a oração indireta era bastante curta, limitando-se a um

simples A. c. I. Mas acontece também que do A. c. I. dependem cláusulas (no §225, III, 1 já estudamos a construção de cláusulas relativas na oração indireta), e que a oração indireta se prolonga através de vários períodos sucessivos. Nas obras dos historiadores latinos (César, Tito Lívio, Tácito) não são raras páginas inteiras escritas em "estilo indireto". A origem desta praxe remonta à antiga linguagem administrativa e jurídica dos romanos, mas a oração indireta, uma vez adotada e aperfeiçoada pelos grandes prosadores, transformou-se num recurso estilístico de suma importância que não pouco contribuía para dar à língua de Lácio essa nota de monumentalidade e concisão que lhe é peculiar.

A oração indireta torna necessárias certas modificações em relação à oração direta. Mencionamos aqui: o emprêgo dos pronomes, o dos modos e o dos tempos. Serão êstes os assuntos estudados no presente capítulo.

§249. **O emprêgo dos pronomes.** — Quando o verbo de que depende a oração indireta, estiver na 3.ª pessoa, transforma-se a 1.ª pessoa da oração direta no pronome reflexivo (*se, suus*, etc.), na oração indireta. Havendo perigo de ambigüidade, o pronome reflexivo pode ser substituído por *ipse* e *ipsius* (cf. §221, III, 3); usa-se *ille*, na oração indireta, para referrir-se à 2.ª pessoa da oração direta; a 3.ª pessoa da oração direta é, na oração indireta, geralmente indicada por *is*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Ariovistus Caesari respondet: "Nisi decedes ex his regionibus, te pro hoste habebo, Fere omnes civitates mihi amicissimae sunt; earum fretus ope contra te pro salute totius Galliae pugnabo"* | Arioviste responde a César: "Se não saires destas regiões, eu te considerarei como inimigo. Quase tôdas as tribos me são muitíssimo amigas; confiante na sua ajuda, lutarei contra ti pela salvação da Gália inteira" |

Na oração indireta, esta frase vem a ser:

| | |
|---|---|
| *Ariovistus Caesari respondet: nisi decedat ex his regionibus, sese illum pro hoste habiturum; fere omnes civitates ipsi amicissimas esse; earum fretum ope se contra illum pro salute totius Galliae pugnaturum* | *sese* ou *se*, cf. §11<br>*illum* (= *te* da oração direta)<br>*ipsi*, reflexivo indireto, cf. §221, II<br>*se*, cf. §11<br>*earum* (= *earum* da oração direta)<br>*illum* (= *te* da oração direta) |

**Notas.**

1) Em lugar de *ille* usa-se, às vêzes, também *is* para fazer referência à 2.ª pessoa da oração direta.

2) Quanto a outro emprêgo de *ipse*, cf. §251, II.

§250. **A conversão da oração direta para a indireta.** — I. ***O discuso de um régulo gaulês.*** Tomemos por ponto de partida algumas frases tiradas de um discurso que um régulo gaulês poderia ter proferido, ao se aproximarem as legiões de César. O nosso régulo poderia dizer entre muitas outras coisas o seguinte:

1) "Convoquei-vos para deliberar juntamente convosco sôbre um assunto de suma importância".

2) "Já naquele dia em que fui escolhido vosso chefe, bem sabia que os romanos com exército ameaçador estavam prestes a atacar-nos, já que não cessavam de importunar os nossos vizinhos".

3) "Há pouco êles atravessaram o Loire e, depois de incidiar inúmeras fortalezas dos gauleses, marcham agora rumo ao Reno; dentro em breve, ocuparão a Gália inteira".

4) "Se a situação não fôsse muito perigosa, eu não vos teria afastado dos vossos afazeres e dos vossos lares".

5) "O que julgais dever fazer? Cada um de vós profira francamente a sua opinião!"

6) "Eu por mim julgo que, por enquanto, devemos abster-nos de combates; logo que conseguir reunir grandes tropas, persegui-los-ei sem cessar, enquanto me fôr dada a vida".

7) "Não enviemos embaixadores a César!"

8) "Alguém poderia dizer que César é benévolo, mas eu não penso assim".

9) "O que é mais indecoroso do que render-se com todos os seus haveres ao poder do vencedor?"

10) Servi-vos de mim ou como general, ou então, como simples soldado!"

11) "Peçamos socorro aos séquanos que sempre foram os nossos aliados mais leais".

12) "Confiante na sua ajuda, espero poder libertar a pátria dos inimigos".

## II. *A tradução nas duas construções.*

| ORAÇÃO DIRETA | ORAÇÃO INDIRETA |
|---|---|
| *Dux barbarorum dicit:* | *Dux barbarorum dicit:* |
| 1) *"Ego vos advocavi, ut unā vobiscum de summis rebus deliberarem".* | 1) *se illos advocasse, ut unā cum illis de summis rebus deliberaret;* |
| 2) *"Jam eo die, cum dux vester creatus sum, non ignorabam Romanos nobis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinebant".* | 2) *jam eo die, cum dux illorum creatus sit, se non ignorasse Romanos ipsis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinerent;* |
| 3) *"Paulo ante (Romani) Ligerem transierunt atque, incensis permultis oppidis Gallorum, nunc ad Rhenum ire contendunt; brevi Galliam omnem occupabunt"* | 3) *paulo ante eos transisse Ligerem atque, incensis permultis oppidis Gallorum, nunc ad Rhenum ire contendere; brevi (eos) Galliam omnem occupaturos;* |
| 4) *"Nisi res magni periculi esset, vos non avocavissem ab operibus domibusque vestris".* | 4) *nisi res magni periculi esset, illos se non avocaturum fuisse ab operibus domibusque (illorum);* |
| 5) *"Quid vobis censetis esse faciendum? Unusquisque vestrum plane dicat quod sentit/quid sentiat!"* (cf. §64, II, 2) | 5) *quid sibi censeant esse faciendum? unusquisque illorum plane dicat quod sentiat/quid sentiat;* |
| 6) *"Ego quidem censeo nobis ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuero, finem insequendi non faciam, quoad vita mihi suppeditabit."* | 6) *se quidem censere (ipsis) ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuerit* (Subj. Pf.) *finem se insequendi non facturum, quoad vita sibi suppeditet* |
| 7) *"Ne mittamus legatos ad Caesareem!"* | 7) *ne mittant legatos ad Caesarem;* |
| 8) *"Dixerit quispiam Caesarem mitis ingeniis esse, ego autem non consentio"* | 8) *dicere posse quempiam Caesarem mitis ingenii esse, se autem non consentire;* |
| 9) *"Quid est turpius quam se suaque omnia potestati victoris permittere?* | 9) *quid esse turpius quam se suaque omnia potestati victoris permittere?* |
| 10) *"Aut duce aut milite me utimini!"* | 10) *aut duce aut milite se utantur;* |
| 11) *"Auxilium petamus a Sequanis, qui semper socii nobis fidissimi fuerunt".* | 11) *auxilium petant a Sequanis, qui semper ipsis socii fidissimi fuerint;* |
| 12) *"Quorum ope fretus spero me patriam liberare posse".* | 12) *quorum ope fretum se sperare (se) patriam liberare posse.* |

Nos parágrafos seguintes estudaremos detalhadamente as modificações havidas na passagem da oração direta para a indireta, no que diz respeito ao emprêgo dos pronomes, dos modos e dos tempos.

§ 251. **Os pronomes.** — Analisando o emprêgo dos pronomes nos dois textos paralelos, podemos fazer os seguintes reparos:

I. ***O pronome reflexivo.*** Referências diretas ao sujeito da proposição principal são feitas mediante as palavras *se, suus*, etc. (cf. § 11), p. e.:

*ego advocavi* > *se advocasse*(1)

*me* (abl.) *utimini* > *se* (abl.) *utantur*(10)

*non ignorabam* > *se non ignorasse*(2)

*ego quidem* > *se quidem*(6)

*mihi suppeditabit* > *sibi suppeditet*(6)

**Nota.** Na frase 12, a construção lógica exigiria: *se sperare se patriam liberare posse*, mas o latim, evitando o acúmulo de pronomes que pouco ou nada contribuam para a clareza da frase, prefere usar *se* só uma vez.

II. ***O pronome "ipse".*** Referências ao grupo a que o sujeito da proposição principal pertence (expressas, na oração direta, por *nos, nobis*, etc.), fazem-se, na oração indireta, pelas formas correspondentes de *ipse* (cf. § 221, III, 3), p. e.:

*nobis imminere* > *ipsis imminere*(2)

**Notas.**

1) O emprêgo de *sibi* (na frase 2; cf. 11) seria ambíguo, visto que a referência se aplicaria apenas ao régulo que está falando, não ao grupo a que êle pertence.

2) Na frase 10, poderíamos usar também: *aut duce aut milite ipso utantur*, cf. § 221, III, 3; cf. também § 249.

III. ***Particularidades.*** O pron. reflexivo pode referir-se também ao sujeito da cláusula regente: é êste o caso de: *quid sibi censeant faciendum*(5), em que *sibi* se refere ao sujeito de *censeant*, não ao sujeito da proposição principal *dicit* (cf. § 221, III, 1). O caso de: *se quidem censere* (*ipsis*) *ab armis absti-*

*nendum*(6) é um tanto diferente, porque aqui *sibi* se referiria exclusivamente ao sujeito da cláusula regente (*se*), ao passo que o régulo quer referir-se explìcitamente à coletividade a que pertence. Mas *ipsis* poderia faltar sem prejuízo para a clareza da frase.

Também *se suaque*(9), usado aqui em referência ao sujeito indeterminado da frase ("O que é mais indecoroso do que *uma pessoa* se render ao vencedor?"), não se refere ao sujeito da proposição regente.

IV. ***O pronome "ille"***. Algumas vêzes o régulo se dirige aos seus conselheiros, destacando-os como um grupo em certo contraste com a sua própria personalidade; tais referências são, na oração indireta, feitas pelo pronome *ille* (cf. § 249); poder-se-ia usar também *is*, mas êste pron. é geralmente reservado para indicar a 3.ª pessoa. Exemplos:

*vos advocavi* > *illos advocasse*(1)
*dux vester* > *dux illorum*(2)
*unā vobiscum* > *cum illis*(1)
*vestrum* > *illorum*(5)

**Nota.** Na frase 4, *illorum* poderia faltar sem prejuizo para a clareza.

V. ***O emprêgo de "is"***. Referindo-se a terceiros, usa-se, na oração indireta, *is;* tratando-se de inimigos, poder-se-ia usar também *iste* (cf. § 223, II), p. e.:

(*Romani*) > *eos*(3)

§ 252. **Os Modos.** — Os modos na oração indireta são o infinito (I) e o subjuntivo (II), conforme o esquema seguinte:

I. ***Passam a ser proposições infinitivas:***

1) Tôdas as frases independentes enunciativas (cf. § 53, III, I), p. e.:

*ego advocavi* > *se advocasse*(1)
*non ignorabam* > *se non ignorasse*(2)
*transierunt* > *eos transiisse*(3)
*occupabunt* > *occupaturos*(3), etc.

**Notas.**

1) O potencial da oração direta passa a ser construída com o verbo *posse* na oração indireta, p. e. *dixerit quispiam* > *dicere posse quempiam*(8). — Cf. também § 257, VI, 3.

2) A apódose do Irreal vai, na oração indireta, também para o A. c. I., mas sempre provido do Inf. *fuisse*, p. e.: *vos non avocavissem* > *illos se non avocaturum fuisse*. — Cf. também § 257, VI, 2.

2) Tôdas as perguntas retóricas (cf. § 61, V), p. e.:

*Quid est turpius...? = Nihil est turpius..... > Nihil esse turpius*(9)

3) Tôdas as frases ligadas a períodos anteriores mediante a conexão relativa (cf. § 167), p. e.:

*Quorum ope fretus spero > Quorum ope fretum se sperare*(12)

II. ***Passam a ser construídas com o Subjuntivo:***

1) Tôdas as frases independentes desiderativas (cf. § 53, III, 2) p. e.:

*utimini* (Imp.) > *utantur*(10)
*ne mittamus* (exortativo negativo) > *ne mittant*(7)
*petamus* (exortativo) > *petant*(11)

**Nota.** Se na nossa passagem ocorresse um Opt. pròpriamente dito, obedeceria às mesmas regras, p. e.: *Utinam Romani ne venissent! > Utinam ii/isti ne venissent!*

2) Tôdas as perguntas reais (cf. § 61, V), p. e.:

*Quid censetis > quid censeant?*(5)

3) Tôdas as cláusulas (cf. § 144, III), p. e:

*tu deliberarem* (final) > *ut deliberarem*(1)
*cum creatus sum* (temporal) > *cum creatus sit*(2)
*propterea quod non desinebant* (causal) > *propterea quod non desinerent*(2)
*nisi esset* (condicional) > *nisi esset*(4)
*quod sentiat* (relativa) > *quod sentiat*(5)
*simul ac potuero* (temporal) > *simul ac potuerit*(6)
*quoad suppeditabit* (temporal) > *quoad suppeditet*(6)
*qui fuerunt* (relativa) > *qui fuerint*(11)
*quid sentiat* (pergunta indireta) > *quid sentiat*(5)
Cf. também § 257, III.

§ 253. **Os tempos.** — I. ***Tempo relativo da proposição infinitiva.*** O emprêgo dos tempos nas orações infinitivas obedece às regras já estudadas enteriormente (cf. § 12, II), p. e.:

*advocavi* > *se advocasse* (anterioridade)
*censeo* > *se censere* (simultaneidade)
*occupabunt* > *occupaturos* (posterioridade)

II. ***Os tempos nas cláusulas.*** Quando o verbo da proposição regente é um tempo primário, como é o caso na nossa

passagem, os tempos dos subjuntivos empregados na oração indireta correspondem geralmente aos que foram usados na oração direta. Mas há várias regras especiais que cumpre estudarmos agora.

§ 254. **A consecutio temporum na oração direta.** — Já encontramos neste livro dois esquemas concernentes à consecutio temporum: no § 44, I, 2 vimos o emprêgo do Ind. como tempo relativo em orações subordinadas; no § 64, III, o emprêgo do Subj. como tempo relativo em orações subordinadas. Nenhum dos dois tem valor universal: há várias cláusulas tanto indicativas quanto subjuntivas que seguem regras especiais. Neste parágrafo pretendemos dar uma sinopse da consecutio temporum nos diversos tipos de cláusulas da oração direta, podendo referir-nos, no mais das vêzes, a regras já formuladas em capítulos anteriores.

I. ***Cláusulas indicativas.*** 1) O esquema dadono § 44, I, 2, aplica-se mòrmente aos seguintes tipos de cláusulas indicativas:

*a*) Cláusulas causais, introduzidas por *quod/quia*, e *quoniam/quandoquidem* (cf. § 150, I).

> **Nota.** Estas cláusulas, quando construídas com o Subj. (cf. § 150, II) conservam geralmente os mesmos tempos.

*b*) Cláusulas temporais, contanto que indiquem ação repetida, ou estejam subordinadas a uma ação futura expressa pelo verbo regente. Pode ser êste o caso das seguintes conjunções:

*cum* temporal, cf. § 152, I, 1;
*cum* iterativo, cf. § 152, I, 3;
*antequam/priusquam*, cf. § 155, I;
*ubi, ut, simul ac*, cf. § 154, II.

*c*) Cláusulas condicionais, contanto que sejam construídas com o Real, cf. § 158, I.

*d*) Cláusulas concessivas, introduzidas por *etsi/tametsi* (cf. § 161), e *quamquam* (cf. § 162, I, 1).

*e*) Cláusulas relativas, contanto que sejam ***adjetivas*** (cf. § 166). Há, porém, também outros tipos de cláus las relativas adjetivas, como havemos de ver mais adiante.

*h*) Cláusulas comparativas simples, cf. § 164.

2) São construídos como o tempo absoluto, isto é, com o tempo que seria usado numa proposição independente, os seguintes tipos de cláusulas:

*a*) Cláusulas temporais, que não indiquem nem ação repetida nem estejam subordinadas a uma ação futura expressa pelo verbo regente. Pode ser êste o caso das seguintes conjunções:

*cum* temporal, cf. § 152, I, 1;
*postquam*, cf. § 153, I;
*ubi, ut, simul ac*, e *cum primum* cf. § 154, I;
*antequam/priusquam*, cf. § 155, I;
*cum* inverso, cf. § 151, I, 2.

**Nota.** *Dum*, quando indica simultaneidade não completa, é sempre construída com o Ind. Pres. (cf. § 156, I, 1, b); quanto a *dum, quoad* e *donec*, indicando simultaneidade perfeita, cf. *infra*, 3.

*b*) Certas cláusulas relativas, contanto que contenham uma averiguação feita do ponto de vista do relator da frase, não do ponto de vista do sujeito da oração regente. Os seguintes exemplos podem talvez esclarecer essa diferença sutil que, aliás, existe também em português:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus omnium scriptorum, qui de immortalitate animae scripserunt, libros habebat* | Meu amigo tinha os livros de todos os autores, que escreveram sôbre a imortalidade da alma |

Evidentemente meu amigo não podia possuir êsses livros, a não ser que já estivessem redigidos, por outras palavras: a ação de "escrever" é anterior à de "ter, possuir", e o tempo normal para indicar a anterioridade a uma ação realizada no passado, seria o Msqupf. *scripserant*. Entretanto, usa-se o Pf. *scripserunt*. Por que? Porque a ação verbal expressa pela cláusula não é concebida do ponto de vista do meu amigo que possuía êstes livros, e sim, do ponto de vista de quem está relatando o fato no momento atual. Mas a mesma frase, modificada só ligeiramente, deveria exprimir a anterioridade, como se pode ver por êste exemplo:

| | |
|---|---|
| *Amicus meus omnium scriptorum, qui de immortalitate animae scripserant, libros indagabat* | Meu amigo procurava (por tôda a parte) os livros de todos os autores que escreveram sôbre a imortalidade da alma |

Neste exemplo, o relator da frase não pode fazer abstração do fato de já estarem redigidos os livros, quando meu amigo os procurava.

**Nota.** O tempo absoluto, quando empregado numa cláusula relativa, é quase sempre o Pres. ou o Pf. — Cf. também §225, III, 1-2.

3) Além dos dois tipos de cláusulas indicativas já mencionadas, existe ainda o grupo de "cláusulas coincidentes", isto é, cláusulas, cuja ação verbal coincide completamente no tempo com a da oração principal. As mais importantes são:

*a*) Cláusulas temporais introduzidas por "dum" (cf. §156, I, 1a);

*b*) Cláusulas temporais introduzidas por "cum" idêntico (cf. §152, I, 4);

*c*) Cláusulas explicativas introduzidas por "quod" (cf. §210, II, 1);

*d*) Certas cláusulas relativas, do tipo:

*Qui fugit, patriam prodit* — Quem foge (= O desertor) trai a pátria

Nestas cláusulas, o tempo é sempre idêntico ao da oração principal.

II. ***Cláusulas subjuntivas.*** 1) O esquema dado no §64, III, aplica-se principalmente aos seguintes tipos de verbos:

*a*) Perguntas indiretas, cf. §64;

*b*) Cláusulas comparativas condicionais, introduzidas por *tamquam, quasi,* etc. (cf. §165, II).

2) Mas a consecutio temporum em quase tôdas as demais cláusulas subjuntivas está sujeita a certas modificações. Mencionamos aqui:

*a*) Cláusulas finais: são sempre construídas com o Subj. Pres. (depois de um tempo primário na oração principal) ou com o Subj. Impf. (depois de um tempo secundário na oração principal), cf. §144, I. O emprêgo das formas perifrásticas (*-urus sim/essem*) seria mais lógico, do ponto de vista do esquema relativo às perguntas indiretas, porque a finalidade sempre é uma ação (ou situação) posterior, e não simultânea; mas o latim faz uso muito moderado das formas peri-

frásticas em geral (cf. §44, II, Nota 5; §64, III, 3), evitando-as em cláusulas finais. Aliás, o Subj. Pres. tem íntima afinidade morfológica com o Ind. Fut. Simples, e o Subj. Impf. é a transposição do mesmo para o pretérito.

**Notas.**

1) Os verba timendi admitem também o Subj. Pf. e Msqupf., cf. §146, II, 2d.

2) As cláusulas introduzidas por *antequam/priusquam* (cf. §157, II) e *dum/dummodo* (cf. §160, III, 8) podem ter valor final, caso em que o tempo é o das cláusulas finais.

*b*) Cláusulas consecutivas; não constituem uma unidade tão intima com a oração principal como cláusulas finais, admitindo, portanto, o tempo absoluto: neste caso, averigua-se o resultado da ação expressa pela oração principal do ponto de vista do momento atual (cf. os exemplos dados no §147, I–II). Mas acontece também que o resultado é considerado em íntima conexão com a ação verbal expressa pela principal; neste caso, temos a consecutio temporum. Cf. os dois seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| *Tam graviter vulneratus est, ut se sustinere non posset* (tempo relativo)<br>*Tam graviter vulneratus est, ut se sustinere non potuerit* (tempo absoluto | Êle foi tão gravemente ferido que não pôde (podia) suster-se |

**Nota.** O tempo relativo é normal em cláusulas consecutivas completivas, cf. §148, I, nota.

*c*) Cláusulas condicionais; quanto ao emprêgo dos tempos no Irreal e no Potencial, cf. §158, II–III.

*d*) Cláusulas concessivas; introduzidas por *etiamsi*, seguem a construção do Irreal ou do Potencial (cf. §161, I); quando introduzidas por *quamvis*, obedecem geralmente à consecutio temporum.

*e*) Cláusulas comparativas-condicionais; podem seguir a construção do Irreal (cf. §165, I); admitem também a construção segundo as normas da consecutio temporum (cf. §165, II).

*f*) Cláusulas causais, introduzidas por *cum;* geralmente têm o tempo absoluto, como mostra êste exemplo:

| | |
|---|---|
| *Cum mentitus sit* (não: *esset*), *punitus est* | Foi castigado por ter mentido |

*g*) Cláusulas temporais, introduzidas por *cum* histórico, são em latim clássico, sempre construídas com o Impf. para exprimir simultaneidade, e com o Msqupf. para exprimir a anterioridade; a oração principal tem sempre um pretérito, ou então, um Presente histórico (cf. §152, II).

*h*) Cláusulas relativas adverbiais (cf. §168); seguem as regras das cláusulas conjuncionais correspondentes.

§255. **A consecutio temporum na oração indireta.** — I. ***O esquema dos tempos relativos.*** Para adquirirmos uma noção concreta das diversas modificações que os tempos sofrem na oração indireta, poderíamos partir do esquema já dado no §44, I, 2, o qual exemplifica as regras relativas à consecutio temporum em grande número de cláusulas indicativas na oração direta. Reproduzímo-la nesta página:

| | |
|---|---|
| 1) *Domi maneo quod aeger sum* (simult.) | Fico em casa, porque estou doente |
| 2) *Domi maneo quod pater meus e provinciā rediit* (ant.) | Fico em casa, porque meu pai voltou da província |
| 3) *Domi maneo quod pater meus e provinciā redibit* (post.) | Fico em casa, porque meu pai voltará/há de voltar da província |
| 4) *Pecuniam tibi solvam, cum Romae ero* (simult.) | Pagar-te-ei o dinheiro, quando estiver em Roma |
| 5) *Pecuniam tibi solvam, cum Romam rediero* (ant.) | Pagar-te-ei o dinheiro, quando voltar a Roma (lit.: tiver voltado a Roma) |
| 6) *Domi mansi quod aeger eram* (simult) | Fiquei em casa, porque estava doente |
| 7) *Domi mansi quod pater meus e provinciā redierat* (an.t) | Fiquei em casa, porque meu pai voltou (lit.: voltara) da província |
| 8) *Domi mansi quod pater meus e provinciā rediturus erat* (post.) | Fiquei em casa, porque meu pai voltaria/havia de voltar da província |

II. ***Na oração indireta.*** O esquema dado no §64, III, relativo à consecutio temporum em perguntas indiretas é, até certo ponto, modelar para a consecutio temporum na oração indireta. Isso não é de estranhar, porque uma pergunta indireta é uma forma muito elementar da oração indireta (cf. §252, II, 2), vindo a ser construída com o Subj., que é o modo normal das cláusulas na oração indireta. Há, porém, algumas peculiaridades que serão expostas mais adiante.

Daremos aqui dois esquemas: um relativo ao emprêgo dos tempos numa oração indireta dependente de um tempo

primário, o outro relativo ao emprêgo dos tempos numa oração indireta dependente de um tempo secundário (cf. §43, II). Quanto aos tempos primários, cumpre fazermos observar que pràticamente só se usa o Pres. (tipo: *dico*) na proposição principal, ou então, um Pf. Presente (tipo: *novi*), sendo extremamente raro o emprêgo do Fut. Simples e do Fut. Pf.

| TEMPO PRIMÁRIO: | TEMPO SECUNDÁRIO: |
|---|---|
| *Dico* | *Dixi/Dicebam/Dixeram* |
| 1) *me domi manere quod aeger sim;* | 1) *me domi manere quod aeger sim/essem* |
| 2) *me domi manere quod pater meus e provinciā redierit;* | 2) *me domi manere quod pater meus e provinciā redierit/rediisset;* |
| 3) *me domi manere quod pater meus e provinciā rediturus sit;* | 3) *me domi manere quod pater meus e provinciā rediturus sit/esset;* |
| 4) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romae sim;* | 4) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romae sim/essem;* |
| 5) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romam rdierim;* | 5) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romam redierim/rediissem;* |
| 6) *me domi mansisse quod aeger essem;* | 6) *me domi mansisse quod aeger essem;* |
| 7) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediisset;* | 7) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediisset;* |
| 8) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediturus esset* | 8) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediturus esset* |

### III. *Observações.*

1) TEMPO PRIMÁRIO. *a*) Nas frases 1–3, o Ind. da oração direta é simplesmente substituído pelo Subj., conservando-se os mesmos tempos.

*sum* > *sim* (simultaneidade) *redibit* > *rediturus sit* (posteridade)
*rediit* > *redierit* (anterioridade)

**Nota.** A forma *rediturus sit* é relativamente pouco usada na oração indireta; quando a clareza da frase o permitir, vem sendo substituída por *redeat*, acompanhado de *mox*, *brevi*, etc. (cf. §44, II, nota 5; §64, III, 3)

*b*) Nas frases 4–5, a simultaneidade é expressa pelo Subj. do Pres.; a anterioridade pelo Subj. do Pf.:

*ero* > *sim* (simultaneidade) *rediero* > *redierim* (anterioridade)

*c*) Nas frases 6–8, as cláusulas causais, introduzidas por *quod*, dependem diretamente, não de *dico*, mas sim, de *man-*

*sisse*, Inf. êsse que, na oração indireta, substitui o tempo secundário *mansi* da oração direta. Nas três cláusulas o Ind. é simplesmente substituído pelo Subj., conservando-se os mesmos tempos:

*eram* > *essem* (simultaneidade) *redierat* > *rediisset* (anterioridade)
*redituru eram* > *redituru esset* (posterioridade)

**Nota.** A forma *redituru esset* é pouco usada, sendo geralmente substituída por *rediret* (mais *mox*, *brevi*, etc.).

2) Tempo secundário. *a*) Nas frases 1–5, os tempos usados na cláusula podem ser os mesmos que os empregados numa cláusula depndente de um tempo primário. Neste caso, o tempo da cláusula não depende diretamente de *dixi*/*dicebam*/*dixeram* (tempos secundários), mas dos Inf. *manere* e *soluturum* (*esse*), formas essas que, na oração indireta, substituem os tempos primários *maneo* e *solvam*, usados na oração direta. Mas o latim pode considerar estas cláusulas também como diretamente dependentes de *dixi*/*dicebam*/*dixeram*, caso em que os tempos são transportados para o pretérito:

*sim* > *essem* (simultaneidade) *sim* > *essem* (simultaneidade)
*redierit* > *rediisset* (ant.) *redierim* > *rediissem* (ant.)
*redituru sit* > *redituru esset* (post.)

*b*) Nas frases 6–8, temos que usar os tempos passados do Subj., porque a cláusula depende sempre de um tempo secundário (ou de *dixi*, ou então, de *mansisse*), de modo que aqui não pode haver variação.

§ 256. **Mais uma vez o discurso do régulo.** — I. **Tempo primário e tempo secundário.** As palavras ditas pelo régulo gaulês e relatadas na oração indireta, dependiam no § 250, II, de *dicit*, tempo primário. Agora precisamos ver as modificações no emprêgo dos tempos, quando êsse discurso fôr transportado para o pretérito.

| TEMPO PRIMÁRIO. | TEMPO SECUNDÁRIO |
|---|---|
| *Dux barbarorum dicit* | *Dux barbarorum dixit* |
| 1) *se illos advocasse ut unā cum illis de summis rebus deliberaret;* | 1) não há modificação; |
| 2) *jam eo die, cum dux illorum creatus sit, se non ignorasse Romanos ipsis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinerent;* | 2) *jam eo die, cum dux illorum creatus sit/(esset), se non ignorasse Romanos ipsis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinerent;* |

| | |
|---|---|
| 3) *paulo ante eos transiisse Ligerem atque, incensis permultis oppidis Gallorum, nunc ad Rhenum ire contendere; brevi (eos) Galliam omnem occupaturos;* | 3) não há modificação; |
| 4) *nisi res magni periculi esset,illos se non avocaturum fuisse ab operibus domibusque illorum;* | 4) não há modificação; |
| 5) *quid sibi censeant esse faciendum? unusquisque illorum plane dicat quod sentiat/quid sentiat;* | 5) *quid sibi censerent esse faciendum? unusquisque illorum plane diceret quod sentiret/quid sentiret;* |
| 6) *se quidem censere ipsis ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuerit, finem se insequendi non facturum, quoad sibi vita suppeditet;* | 6) *se quidem censere ipsis ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuerit/potuisset, finem se insequendi non facturum, quoad sibi vita suppeditet;* |
| 7) *ne mittant legatos ad Caesarem;* | 7) *ne mitterent legatos ad Caesarem;* |
| 8) *dicere posse quempiam Caesarem mitis ingenii esse, se autem non consentire;* | 8) não há modificação; |
| 9) *quid esse turpius quam se suaque omnia potestati victoris permittere?* | 9) não há modificação; |
| 10) *aut duce aut milite se utantur;* | 10) *aut duce aut milite se uterentur;* |
| 11) *auxilium petant a Sequanis, qui semper ipsis socii fidissimi fuerint;* | 11) *auxilium peterent a Sequanis, qui semper ipsis socii fidissimi fuerint/fuissent;* |
| 12) *quorum ope fretum se sperare (se) patriam liberare posse* | 12) não há modificação |

II. ***Observações.***

1) Proposições infinitivas não sofrem nenhuma modificação (cf. as frases 3; 8; 9; 12).

2) O Irreal não sofre nenhuma modificação (cf. frase 4).

3) Proposições independentes na oração direta, construídas com o Imp., ou o Subj. optativo ou voluntativo, quando dependem de um tempo secundário, obedecem às regras da consecutio temporum e vão para o pretérito; igualmente, as perguntas reais:

*quid sibi censeant?* > *quid sibi censerent?*(5)
*dicat* > *diceret*(5)
*ne mittant* > *ne mitterent*(7)
*utantur* > *uterentur*(10)
*auxilium petant* > *auxilium peterent*(11).

4) Quanto às cláusulas, podemos fazer os seguintes reparos:

*a*) Na primeira frase, *ut deliberaret* depende nem de *dicit* nem de *dixit*, mas de *advocasse* (= *advocavi*, na oração direta); por isso se usa o Subj. do Impf. nas duas dependências (cf. §255, III, 2).

*b*) Na segunda frase, conserva-se, na oração indireta, o tempo absoluto empregado na oração direta (*cum* é temporal, cf. §257, V), de modo que: *creatus um* (oração direta) > *creatus sit* (oração indireta).

**Nota.** Também depois de um tempo secundário, conserva-se geralmente o Pf., sendo raro o emprêgo de: *creatus esset* (cf. §257, V), forma essa que fica reservada para *cum* histórico (como também *crearetur*). A regra que formulamos aqui em relação a *cum* temporal, aplica-se a todos os casos mencionados no §254, I, 2.

*c*) Na segunda frase, usa-se *quod non desinerent* nas duas dependências, cf. §254, III, 1c; §254, III, 2b.

*d*) Na quinta frase, poderíamos usar, depois de um tempo secundário, também: *quod/quid sentiat* (cf. §254, III, 2a), mas devido à proximidade do Subj. Impf. *diceret* (obrigatório, porque substitui uma frase independente da oração direta), o latim evitará a discrepância de tempos, preferindo: *quod/quid sentiret.*

*e*) Na sexta frase, *simul ac potuerit* (Subj. Pf.) substitui: *simul ac potuero* (Fut. Pf.) da oração direta (cf. §254, III, 1b); a forma *quoad suppeditabit* (Fut. Simples) vem a ser substituido pelo Subj. Pres. *quoad suppeditet* (Subj. Pres.). A forma *potuerit*, dependendo de um tempo secundário, pode ser substituída por *potuisset;* mas não se transforma *suppeditet* em *suppeditaret*, visto que a cláusula introduzida por *quoad* é "coincidente" (cf. §257, IV).

**Nota.** Mas *potuerit* pode ficar inalterado (cf. §257, V).

*f*) Na décima primeira frase, a cláusula relativa faz parte integrante das palavras citadas: por isso vai para o Subj. (cf. §225, III, 1), respeitando-se as regras da consecutio temporum (cf. §254, I, 1e), de modo que *fuerunt* > *fuerint.* Esta última forma pode ser substituída por *fuissent*, depois de um tempo secundário.

§257. **Particularidades.** — Encerrando a nossa exposição dos problemas relativos à consecutio temporum e à

oração indireta, — os dois assuntos mais complicados e ingratos da gramática latina, — devemos acrescentar-lhe ainda algumas observações complementares, devendo preterir numerosos pormenores que para nós são de somenos importância.

I. ***O presente histórico.*** O Pres. histórico (cf. §45, II, 1) pode ser considerado como tempo primário (pela forma), ou então, como tempo secundário (pela função). A construção da oração indireta dependente de tal Pres. histórico varia conforme o critério que fôr adotado.

II. ***Variação dos tempos.*** Num discurso indireto de certa extensão e dependente de um tempo secundário, acontece muitas vêzes que, a certa altura, os tempos secundários do Subj. passam a ser substituídos pelos tempos primários do mesmo. Neste caso pode tratar-se de uma espécie de anacoluto (cf. 229), sendo que o autor se esqueceu de como iniciou o discurso indireto. Mas pode ser também que o autor varie conscientemente os tempos, servindo-se da variação como recurso estilístico.

III. ***O Subjuntivo oblíquo.*** O Subj. usado em cláusulas que fazem parte integrante das palavras citadas, é o chamado *subjunctivus obliquus*, ou "subjuntivo de subordinação" (cf. §143, III). Em latim arcaico, o Subj. de subordinação é muito menos freqüente do que em latim clássico, para não falarmos da época imperial em que o Subj., também fora da oração indireta, invade vários tipos de cláusulas, em detrimento do Ind. (cf. p. e. §152, I, 3, Nota).

O Ind. encontra-se ainda mais de 40 vêzes no *De Bello Gallico* em cláusulas da oração indireta, mas a partir de Tito Lívio o "subjuntivo oblíquo" se torna cada vez mais a construção normal.

Em prosa clássica, o emprêgo do Ind. pelo Subj. de subordinação é regra normal nos seguintes casos:

1) Em cláusulas que não fazem parte integrante das palavras, mas constituem um acréscimo posterior feito pelo autor; êste caso se dá principalmente com as cláusulas relativas, cf. §225, III, 1.

2) Em cláusulas (também, geralmente, relativas) que contêm a paráfrase de um único conceito; ao exemplo já dado no §225, III, 1, Nota, poderíamos acrescentar um exemplo do

tipo de clausulas relativas que substituem um particípio substantivado (cf. §29, II, 1, Nota).

| | |
|---|---|
| *Dico hunc librum qui leget magnam voluptatem percepturum* | Digo que quem lêr êste livro/o leitor dêste livro gozará um imenso prazer |

**Nota.** Também a cláusula relativa *quod sentit*, na frase 5 do discurso do régulo gaulês, poderia passar sem alteração para a oração indireta, porque *quod sentit* = *sententiam suam*.

3) Em cláusulas que possuem caráter de fórmulas fixas, tais como: *ut dixi*, *ut vidimus*, *quod cognovimus*, etc., e: *dum haec aguntur* (cf. §158, I, 1b), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Haec dum aguntur, Caesar in Galliam profectus est* | Enquanto isto acontecia, César foi à Gália |
| *Amicus meus dicit/dixit Caesarem, dum haec aguntur, in Galliam profectum esse* | Meu amigo diz/disse que, enquanto isto acontecia, César foi à Gália |

**Nota.** É de notar que, neste caso, não só se consèrva o Ind. da oração indireta, mas também o Pres. histórico.

IV. ***Cláusulas coincidentes.*** Cláusulas coincidentes, ou perfeitamente simultâneas com a ação expressa pelo verbo da oração regente (cf. §254, I, 3), quando dependem de um tempo secundário, nunca vão para os tempos secundários do Subj., mas sempre estão no Pres. ou no Pf. do Subj. Exemplos paralelos:

| | |
|---|---|
| *Dum vixit, patriam defendit* (cf. §156, I, 1a) | Enquanto viveu, defendeu a pátria |
| *Dixit Cicero se patriam defendisse, dum vixerit* (não: *vixisset*) | Cícero disse ter defendido a pátria, enquanto viveu |
| *Amicum offendisti, cum abiisti* (cf. § 152, I, 4) | Por saires, ofendeste teu amigo |
| *Putabam te amicum offendisse, cum abieris* (não: *abiisses*) | Julgava que, por saires, tivesses ofendido teu amigo |
| *Bene fecisti quod me admonuisti* (cf. § 148, II, 1) | Fizeste bem em lembrar-me |
| *Jam dixi bene te fecisse quod me admonueris* (não: *admonuisses*) | Já disse que fizeste (lit.: fizeras) bem em lembrăr-me |

V. ***As conjunções temporais.*** As conjunções temporais: *ubi*, *ut*, *simul ac*, *cum* (*primum*), *postquam*, etc., que na oração direta muitas vêzes têm o tempo absoluto (cf. §254,

I, 2a), conservam na oração indireta o Pf. para indicar a anterioridade a outra ação que se realizou no passado. Exemplos paralelos:

| | |
|---|---|
| *Dux dixit: "Hostes aggressus sum, postquam flumen transierunt"* | O general disse: "Ataquei os inimigos, depois que atravessaram o rio" |
| *Dux dixit se hostes aggressum esse, postquam flumen transierint* | O general disse que havia atacado os inimigos, depois que atravessaram o rio |
| *Dixi ei: "Priusquam litteras tuas accepi, valde sollicitus eram"* (cf. § 155, I) | Disse-lhe: "Antes de ter lido/ Antes de ler a tua carta, estava muito preocupado" |
| *Dixi ei me, priusquam litteras illius acceperim, valde sollicitum fuisse* | Disse-lhe que antes de ler a sua carta, estava (lit.: tinha estado) muito preocupado |

VI. ***As cláusulas condicionais.*** Aqui se nos apresentam alguns casos especiais que podem ser esclarecidos melhor mediante exemplos paralelos do que por meio de regras abstratas:

1) Real.

*a*) tempo primário.

| oração direta: | oração indireta: |
|---|---|
| *Si hoc dicit, errat* | *Puto eum, si hoc dicat, errare* |
| *Si hoc dicet, errabit* | *Puto eum, si hoc dicat, erraturum (esse)* |
| *Si hoc dixit, erravit* | *Puto eum, si hoc dixerit, erravisse* |

*b*) tempo secundário.

*Putabam eum, si hoc dicat/diceret, errare*
*Putabam eum, si hoc dicat/diceret, erraturum (esse)*
*Putabam eum, si hoc dixerit/dixisset, erravisse*

**Notas.**

1) Com um tempo secundário, preferem-se as formas *diceret* e *dixisset*, a *dicat* e *dixerit*.

2) Se a construção hipotética depender de um verbum rogandi vel dubitandi (como pergunta indireta), apliquem-se as regras do § 64, III. Portanto:

*Rogo quid dicas, si erret*
*Rogavi quid diceres, si erraret*, etc.

2) Irreal.

*a*) dependente de um verbum sentiendi vel declarandi:

| ORAÇÃO DIRETA: | ORAÇÃO INDIRETA: |
|---|---|
| *Si hoc diceret, erraret* | *Puto eum, si hoc diceret, erraturum fuisse*<br>*Putabam eum, si hoc diceret, erraturum fuisse* |
| *Si hoc dixisset, erra(vi)sset* | *Puto eum, si hoc dixisset, erraturum fuisse*<br>*Putabam eum, si hoc dixisset, erraturum fuisse* |

**Nota.** Na V. P. esta construção é impossível, tornando-se necessária uma circunlocução com *futurum fuisse*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Nisi Caesar hoc faceret/fecisset, exercitus ejus profligaretur/profligatus esset* (oração direta) | Se César não fizesse/tivesse feito isto, seu exército seria/teria sido derrotado |
| *Dico/Dixi futurum fuisse ut exercitus ejus profligaretur, nisi Caesar hoc faceret/fecisset* (oração indireta) | Digo/Disse que, se César não fizesse/tivesse feito isto, seu exército seria/teria sido derrotado |

*b*) dependente de um verbum rogandi vel dubitandi:

| | |
|---|---|
| *Quid faceres, si consul esses?* = "O que farias, se fôsses cônsul?<br>*Quid fecisses, si consul fuisses?* = "O que terias feito, se tivesses sido cônsul?" | *Rogo/Rogavi te quid facturus fueris, si consul esses*<br>*Rogo/Rogavi te quid facturus fueris si consul fuisses* |

3) POTENCIAL.

Falamos aqui sòmente do Potencial do Presente, visto que o emprêgo do Potencial do Passado na oração indireta está mal abonado.

A construção do Pot. na oração indireta é igual à do Real, ou então, emprega-se, na apódose, a circunlocução com o verbo *posse* (só nesta forma, cf. §252, I, 1, Nota 1), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Si hoc dicat, erret*<br>*Si hoc dixerit, erraverit* | *Dico eum, si hoc dicat, erraturum esse*<br>*Dico eum, si hoc dicat, errare posse* |
| com tempo secundário: | *Dixi eum, si hoc dicat/diceret, erraturum esse*<br>*Dixi eum, si hoc dicat/diceret, errare posse* |

**Notas.**

1) Também aqui se prefere a forma *diceret* a *dicat*.

2) O Subj. do Pf., usado na oração direta, é quase sempre substituída, na oração indireta, pelo Subj. Pres.

## Capítulo XIII

# ANOTAÇÕES

## O INFINITIVO

(Sinopse histórica)

Os gregos indicavam o Inf. com a palavra ἡ ἀπαρέμφατος (sc. ἔγκλισις), têrmo êsse que designava a ação verbal em estado puro e simples, sem o acréscimo de "significados acessórios" (παρεμφάσεις). Os gramáticos latinos forjaram o têrmo *Infinitivus* (sc. *modus*), *ideo dictus..... quod parum definitas habet personas et numeros* (Diomedes).

Dos seis infinitos existentes em latim histórico, dois (*laudare* e *laudavisse*) são antigos locativos (originàriamente em *–i*) de um substantivo verbal cujo tema terminava em *–a: laudare* < *lauda-s-i*, e *laudavis–s–i*. As três formas: *laudatus esse, laudaturus esse* e *laudatum iri*, são evidentemente criações posteriores, originadas pelo desejo tìpicamente latino (cf. § 43, IV) de exprimir com exatidão as relações temporais. A origem morfológica de *laudari* é questão discutida: segundo alguns, esta forma derivaria do dat. (primitivamente em *–ei*) do substantivo verbal, e *laudari* remontaria a *lauda–s–ei;* segundo outros, ao que parece, com maior probabilidade, *laudari* seria formação analógica, feita sôbre o modêlo *laudare* e munida do sufixo *–i*, elemento que encontramos também na forma passiva *laudamini* < *lauda–men–i*. A diferença morfológica que existe entre os infinitos do tipo *laudari, deleri* e *audiri*, e os do tipo *legi*, ainda não está devidamente esclarecida.

O locativo exprimia não sòmente o lugar ***onde*** se verifica certa ação verbal, mas podia indicar também ***para onde*** se dirige a mesma; esta função "final" do loc. *laudare* deu origem ao chamado Inf. final (cf. ad § 17, III), cujo tipo é: *venisti laudare*. O emprêgo da forma *laudare* foi-se estendendo também a verbos que designavam vontade, esfôrço, intenção, obrigação, iniciativa, etc., p. e. em expressões dêste tipo: *cupio laudare, statuo laudare, debeo laudare, incipio laudare*, etc., mas devido a essas combinações muito freqüentes, *laudare*

foi aos poucos perdendo seu caráter de locativo final para se transformar em simples objeto direto de *cupio, statuo,* etc. (Inf. objetivo, cf. §3). Uma evolução paralela podemos verificar no emprêgo das partículas finais *to* (em inglês) e *zu* (em alemão) e *te* (em holandês). Destarte *laudare* passou a ser um verdadeiro Inf., exprimindo a idéia abstrata da ação verbal; assim se tornou possível também sua aplicação como sujeito da frase, em construções dêste tipo: *Laudare jucundum est* (cf. em inglês: *To be or not to be, that's the question*).

Uma vez atingida essa fase de evolução, não tardou que o Inf. se integrasse no sistema das categorias verbais: *laudare* chegou a reger os mesmos casos que as formas do verbo finito (p. e.: *laudare consulem*); veio a ser qualificado, não por um adj., e sim por um advérbio (p. e.: *bene laudare);* e finalmente, o seu significado, originàriamente muito genérico, foi-se aos poucos especializando no sentido particular de Inf. Pres. da Voz ativa, o que ocasionou a criação dos outros Inf.: *laudavisse, laudari,* etc.

O latim faz uso larguíssimo do Inf., sobretudo no chamado "Accusativus cum Infinitivo". Também esta construção deve sua origem a casos em que o Inf. tinha valor nìtidamente fiñal, p. e.: *Cogo hostes abire = Cogo hostes ut abeant.* Com o enfraquecimento da função final do Inf., tais frases podiam fàcilmente ser concebidas como tendo dois objetos diretos: *Cogo hostes* ("forço os inimigos") e: *Cogo abire* ("forço a retirada"); poderíamos comparar ainda estas duas expressões: *Doceo te sermonem latinum*, e: *Doceo te latine loqui.* Aí se tornou possível uma construção dêste tipo: *Sentio hostes abire,* em que o verbo regente já não era verbum voluntatis, mas um verbum sentiendi vel declarandi, e em que o Inf. *abire* já não era Inf. final, mas um dos dois objetos diretos regidos por *sentio: sentio hostes* ("percebo os inimigos") e: *sentio abire* ("percebo a retirada"). Ora, a frase: *Sentio hostes || abire* passou com o tempo a ser analisada de maneira diferente: *Sentio || hostes abire,* isto é, o ac. *hostes* começou a ser considerado como formando uma unidade íntima com o Inf. *abire,* chegando a constituir o sujeito dêle. Foi então que nasceu o A. c. I., construção essa que, depois de adquirida sua forma fixa e definitiva, invadiu outros terrenos, em que originàriamente não tinha cabimento, p. e. na expressão: *Dictum est eum abire.* Esta última expressão originou, por sua vez,

dois outros tipos, a saber: *Certum est hostes abire*, e depois: *Apparet hostes abire*. Nos três últimos exemplos, o A. c. I. já não faz as vêzes de uma cláusula substantiva objetiva, mas — ao contrário da sua função original — as de uma cláusula substantiva subjetiva.

Dada a inexistência do artigo definido em latim, a forma *laudare*, ao invés da forma grega (τὸ) ἐπαινεῖν, não tinha muita possibilidade de se desenvolver no sentido de um verdadeiro substantivo; o latim supriu esta lacuna pela criação do chamado "gerúndio" (cf. §30, I, 1). Em latim clássico, é extremamente raro o emprêgo do Inf. substantivado; só na época imperial torna-se mais freqüente, sem dúvida sob a influência do grego (cf. ad §17, III). A substantivação do Inf. latino é, do ponto de vista da gramática histórica, uma evolução retrógrada. Em latim clássico, encontramos só a fase inicial dessa evolução, nos chamados Inf. subjetivo e objetivo (cf. §§2–3).

## *Ad §4.

**A construção analítica em latim vulgar.** — Damos aqui alguns exemplos do emprêgo "vulgar" de *quod/quia/quoniam:*

| | |
|---|---|
| *Legati renuntiaverunt, quod Pompeium in potestate haberent* (Ps.-César, *Bellum Hisp.* 36, 1) | Os embaixadores responderam que tinham Pompeu no seu poder |
| *Scis quod epulum dedi* (Petr., *Sat.* 71, 9) | Sabes que dei um banquete |
| *Scit enim Pater vester quia his omnibus indigetis* (*Ev. Mt.* 6, 32 (Vulg.) | Porque vosso Pai sabe que necessitais de tôdas estas coisas |
| *Negat quoniam Jesus non est Christus* (*Ep. João* I, 2, 22 (Vulg.) | Nega que Jesus seja o Cristo |

O latim "cristão" dá preferência à construção analítica, não só por causa da sua afinidade com o *sermo vulgaris*, mas também sob a influência do grego bíblico.

## *Ad §5, I, Nota.

Na frase: *Dicit consulem Romanum victum*, não temos, a rigor, uma elipse do verbo *esse*, mas, ao contrário, na frase: *Dicit consulem Romanum victum esse*, temos um acréscimo

posterior, feito para maior clareza da expressão. Assim como: *Dico Paulum fortem* significa: "Declaro Paulo valente", assim: *Dico Paulum victum* significa: "Declaro Paulo vencido". Sob a influência do Inf. em expressões do tipo: *Dico Paulum vincere/vicisse*, tornou-se possível o acréscimo do elemento *esse* a frases do tipo: *Dico Paulum fortem/victum*.

## *Ad §8, II.

1) *Quod* pode ser construído com o Subj. oblíquo ou de subordinação (cf. §257, III), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Cato mirari se aiebat quod non rideret haruspex, cum haruspicem vidisset* | Catão dizia admirar-se de que não risse um harúspice ao ver outro harúspice |

Cf. também §210, II, 2, nota 2.

2) O verbo *mirari* pode ser construído também com *si*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Miror si Tarquinius in tantā superbiā quemquam amicum habere potuit* | Admiro-me de que Tarquínio, com seu grande orgulho (cf. §137, II, C 2), tenha conseguido, quem quer que fôsse, por amigo |

## *Ad §9, II.

9) O Inf. combinado com *pati, sinĕre, cogĕre, assuefacĕre, jubēre, vetare*, etc. (os grupos 2 e 3 dos verba voluntatis), é Inf. final (cf. a Sinopse histórica), e o ac. é simplesmente objeto direto do verbum voluntatis, objeto direto que, porém, coincide com o sujeito da ação verbal expressa pelo Inf. Formalmente, não há diferença entre a construção dêste grupo de verbos e o A. c. I. usado com os verba sentiendi et declarandi, etc., apesar de ser diferente a origem dos dois tipos.

## *Ad §11, II.

3) Omite-se o acusativo subjetivo quando o pronome já ocorre explícito na mesma frase, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Pudet me dicere (me) hoc non intellexisse* | Causa-me vergonha dizer que não compreendi isto |

Cf. também §253, I, nota

4) Os historiadores (principalmente Tito Lívio) omitem muitas vêzes o ac. subjetivo da proposição infinitiva, quando

êsse fàcilmente pode ser completado pelo contexto. Essa omissão, também muito comum na comédia mas pouco freqüente nas obras de Cícero, não impede que o predicado da proposição infinitiva vá para o ac. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Eo ire (me) dixeram* | Dissera ir para lá |
| *Is omnia pollicitus est quae tibi opus essent: (eum) facturum puto* | Êle prometeu (fazer) tudo quanto precisasses: acho que o fará |
| *Refracturos (se) carcerem minabantur* | Ameaçavam arrombar o cárcere |

5) Muito diferente é a construção: *Ait esse paratus* = *Ait se esse paratum* ("Diz estar pronto"): aqui temos uma construção diretamente influenciada pelo grego: λέγει ἕτοιμος εἶναι. Em latim, encontra-se apenas na linguagem poética, desde Catulo. Outro exemplo:

| | |
|---|---|
| *Uxor invicti Jovis esse nescis* | Não sabes que és a espôsa do invencível Júpiter |

## *Ad § 13, II.

4) O tipo *laudaturum fuisse* exprime, dentro de uma proposição infinitiva, a idéia do Irreal (cf. § 159, I); o tipo *laudaturum fore* substitui o Fut. Pf. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Dixit se Romam venturum fuisse, nisi pater vetuisset* | Disse que teria vindo a Roma, se seu pai não (lho) tivesse proibido |
| *Dico me satis adeptum fore, si nihil amisero* | Digo que terei ganho o bastante, se nada perder (lit.: tiver perdido) |

5) Reparem bem na diferença entre estas construções:

| | |
|---|---|
| *Memini Socratem dicere*<br>*Memini cum Socrates diceret* | Lembro-me de que Sócrates disse (assim pode falar um aluno de Sócrates) |
| *Memini Socratem dixisse* | Lembro-me de que Sócrates disse (assim pode falar quem leu alguma coisa sôbre Sócrates) |

**Nota.** Em latim arcaico não existe esta distinção, mas sempre se diz: *Memini Socratem dicere*. A forma *dicere* exprimia originàriamente a noção verbal em estado puro e simples, sem nenhuma conotação de tempo (cf. *supra*, Sinopse histórica). *Memini*, principalmente nas suas duas formas do Imp.: *memento* e *mementote*, é muitas vêzes combinado com o Inf. objetivo, p. e. na célebre expressão: *Memento mori!*

*Ad §16, I, 3.

**Nota.** Em latim da época imperial e, sobretudo, em latim tardio, aumenta consideràvelmente o número de verba sentiendi et declarandi que admitem o N. c. I. Globalmente pode dizer-se que, em latim pós-clássico, todo e qualquer verbum sentiendi vel declarandi pode ser construído com o N. c. I., nos tempos derivados do Infectum, bem como, nos tempos derivados do Perfectum (com exceção dos verbos depoentes).

*Ad §17.

III. **O Infinito final.** — O Inf. final é a função primordial do Inf. (cf. *supra*, Sinopse histórica). Em prosa clássica, tem aplicação muito limitada, encontrando-se quase exclusivamente em combinação com os verbos *ire*, *mittĕre*, *venire*, *dare*, *ministrare*, etc. que, em latim clássico, são geralmente construídos com o Supino I, ou com o gerúndio e gerundivo (com *causā* ou *gratiā*, no gen.; com *ad*, no ac.), ou com *ut* final (cf. §35, II, 2). O Inf. final usa-se, quase exclusivamente, só em latim arcaico e em poesia. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Ibat videre feras* (poesia) | Ia ver as feras |
| *Non venimus populare penates Libycos* (poesia) | Náo viemos (aqui) para destruir os lares da Líbia |
| *Ganymedes Jovi bibere dabat/ministrabat* (prosa) | Ganimedes dava a beber a Júpiter |

IV. **O Infinito limitativo.** — Também este Inf. encontra-se quase exclusivamente na linguagem poética, sendo sua função a de restringir uma enunciação genérica, expressa por um adjetivo, indicando até que ponto ela é válida. A prosa clássica prefere aqui o Supino II (cf. §36), ou o abl. de limitação (cf. §82, V), ou o gerúndio/gerundivo precidido, ou não de uma preposição (cf. §31, III, 1; §31, IV, 2). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Celer sequi = Celer in sequendo* | Veloz em seguir |
| *Arida et corripi facilia = Arida et facilia correptu = Arida et et facilia ad corripiendum* | Objetos secos e fáceis de pegar |
| *Cantare periti = Cantandi periti* | Peritos em cantar |

V. **O Infinitivo substantivado.** O Inf., originàriamente (o loc. final de um) substantivo verbal, tornou a ser substantivado em latim histórico. A substantivação do Inf. é

muito menos freqüente em latim do que em grego: em geral, prefere-se uma construção participal (cf. §28, I), ou um substantivo verbal autêntico (p. e. *laudatio, reditus*, etc.), ou então, nos casos oblíquos, o gerúndio/gerundivo (cf. §30, I).

Já o Inf. subjetivo e o Inf. objetivo podem ser considerados, até certo ponto, como substantivos, mas seu emprêgo se limita a alguns casos bem definidos (cf. §§2–3). Damos aqui três exemplos de Inf. substantivados: no primeiro, o Inf. tem valor nìtidamente substantivo, fazendo as vêzes de objeto direto (fora do grupo de verbos assinalados no §3, II); no segundo, vem acompanhado de um adjetivo (ao passo que o Inf. normalmente é modificado por um advérbio); no terceiro, vem precedido de uma preposição:

| | |
|---|---|
| *Hic vir vereri* (= *verecundiam*) *omnino perdidit* | Êste homem perdeu tôda a vergonha |
| *Hoc ipsum nihil agere me delectat* | É exatamente êste "dolce far niente" que me agrada |
| *Inter optime valere et gravissime aegrotare nihil interest* | Não há nenhuma diferença entre uma excelente saúde e uma grave doença |

**Nota.** *Inter valendum et aegrotandum* significaria: "ao ter boa saúde e estar doente" (cf. 31, III, 2).

VI. **O Infinito jussivo.** — Em grego é bastante comum p Inf. jussivo (em ordens e em proibições, p. e.: ἄρχεσθαι = "começa!", e μὴ λέγειν = "não digas!"); em latim literário há pouquíssimos exemplos bem abonados dêste emprêgo. Em latim vulgar e em latim cristão (aqui sob a dupla influência do *sermo vulgaris* e da língua grega), o Inf. jussivo encontra-se várias vêzes; a construção sobreviveu p. e.: em francês, em frases negativas dêste tipo: *Ne pas toucher les objets!* = *Ne touchez pas les objets!* Exemplos em latim:

| | |
|---|---|
| *Haec debent fieri: vineas novellas fodere aut arare* (Catão) | Estas operações devem ser feitas: cavem-se ou lavrem-se as vinhas |
| *Tu socios adhibere sacris* (poesia) | Faze os companheiros participar do sacrifício |

VII. **O Infinito do Perfeito.** — Em latim arcaico (Catão) encontramos esta frase:

| | |
|---|---|
| *Ne quid emisse* (= *emere*) *velit insciente domino* | Que (o escravo) nada compre sem seu senhor o saber! |

Nesta frase temos a transposição do Subj. "acrônico": *ne emeris* (= "não compres!") para o Inf. (cf. § 53, II). Mas, sob a influência do grego, cujo Inf. do aoristo era igualmente "acrônico", os poetas latinos e os prosadores da época imperial começaram a usar o Inf. Pf. pelo Inf. Pres., também em casos em que o Inf. não substituía um Subj. proibitivo ou potencial. Na linguagem poética, o esquema métrico de alguns Inf. Pres. (tais como, *cōntĭnēre* e *părĕrĕ*) nada ou mal se enquadrava dentro de um hexâmetro, ao passo que as formas do Inf. Pf. *cōntĭnŭīssĕ* e *pĕpĕrīssĕ* eram mais manejáveis. Como se vê, mais de um fator concorreu para os latinos usarem o Inf. Pf. pelo Inf. Pres. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Bacchatur vates magnum si pectore possit ēxcūss ssĕ dĕum* (cf. § 64, I, Nota 4)(1) | A sacerdotisa agita-se, procurando sacudir de si o grande deus |
| *Posuisse haud dubitent.....* | Que não hesitem em colocar.... |

## O PARTICÍPIO

(Sinopse histórica)

A palavra latina *participium* é tradução da palavra grega **ἡ μετοχή**; ambos os têrmos dão a entender que o particípio é forma que "participa" da natureza do nome, bem como, do verbo. Diz Diomedes: *Participium est pars orationis, dicta quod duarum partium, quae sunt eximiae in toto sermone, verbi et nominis, vim participat.* O particípio é, portanto, forma nominal do verbo, como o é também o Inf., mas ao passo que êste é substantivo, o particípio é adjetivo. Como adjetivo, o particípio refere-se a um substantivo e tem a flexão nominal, mas enquanto é forma verbal, indica também Voz e Tempo, e admite os regimes das formas do verbo finito.

Dos três particípios existentes em latim histórico, um (*laudans*) é de origem indo-européia; um (*laudatus*) é o antigo adjetivo verbal; e um (*laudaturus*) é forma criada pelo latim. Só a respeito de *laudatus* cumpre darmos aqui um breve comentário.

O antigo adjetivo verbal em *-to-s* (cf. em grego: **δεικτός** e em latim: *dictus* < *deik-to-s*) indicava originàriamente que

(1) A forma *ēxcŭtĕrĕ dĕŭm* não se enquadra no hexâmetro.

a noção expressa pelo verbo ineria, como qualidade permanente ou passageira, a um substantivo; de início não exprimia nem tempo passado (como se pode ver pela forma *tacitus*,) nem passividade (como se pode ver pela forma *potus*, cf. §25, III). Mas com o tempo, *laudatus* foi sendo considerado como Part. Pf. da V. P., evolução essa que não tem dada de surpreendente, se levarmos em consideração que uma qualidade inerente a um substantivo é geralmente o efeito de uma ação anterior, e que o substantivo possuidor de tal qualidade é geralmente o objeto diretamente atingido por uma ação verbal.

A integração dos particípios latinos (não só do antigo adjetivo verbal) no sistema verbal foi processo lento e demorado, do qual podemos traçar algumas fases ainda no período histórico. Assinalamos aqui os seguintes fatos:

1) Em latim arcaico, é relativamente rara a combinação de um particípio com o seu regime (tipos: *imitans consulem; imitatus consulem; imitaturus consulem*).

2) Alguns particípios do Pres. de valor "ativo", conforme a gramática tradicional, revelam ainda indiferença quanto à voz gramatical, mostrando uma função medio-passiva, p. e. em: *gignentia = ea quae gignuntur; anni vertentes = anni qui vertuntur*, etc. Ou então, têm uma função nìtidamente passiva, p. e. nas formas: *evidens = quod (facile) videtur; neglegentior amictus = amictus habitus cum negligenti* , etc.

3) Alguns particípios do Pf. de valor "passivo", conforme a gramática tradicional, têm ainda função ativa, p. e.: *potus, juratus, cenatus, pransus*, etc. (cf. §25, III). Outros ainda se referem a uma ação concomitante ou simultânea (Pres.), tais como, *ratus, solitus* (cf. §24, I), *tacitus* e *scitus*. E finalmente, alguns particípios "passivos" são derivados de verbos intransitivos, p. e.: *adultus* (*adolescĕre*) e *cretus* (*crescĕre*).

## *Ad §21:

IV. O têrmo "ablativo absoluto" não era usado pelos gramáticos antigos, mas foi forjado só por volta de 1200 d. C., com o fim de indicar uma construção participial completamente "sôlta" da proposição principal. Do ponto de vista de certos idiomas modernos, tal como o alemão que pouco usa a construção participial, essa explicação pode ter certo cabimento,

mas, històricamente falando, o abl. abs. originou-se de certas funções normais do abl., principalmente do instrumental, do modal, do temporal e do causal (cf. §84; §83, II; §86).

Na frase: *Manibus trementibus portam aperuit* (= "Com as mãos trementes abriu a porta"), temos um instrumental; o part. *trementibus* tinha, de início, valor nìtidamente atributivo, como se vê pela tradução "trementes". Mas já no período itálico, foi-se atribuindo tamanha importância ao particípio *trementibus* que êste passou a ser considerado como o predicado do subst.-sujeito que estava no abl. (instrumental). Foi então que a frase chegou a ser interpretada desta maneira: "Enquanto as mãos tremiam, abriu a porta".

*Ineunte vere* era primitivamente um abl. de tempo: "na primavera incipiente"; *conturbato animo* (na frase: *conturbato animo hoc mihi dixit*) um abl. de modo; *filiis visis* (na frase: *filiis visis gavisus est*) um abl. de causa. Mas uma vez nascida a interpretação "predicativa" do particípio, o latim começou a usar o abl. abs. também em frases em que o abl. não exercia nem a função instrumental, nem a temporal, nem a modal, nem a causal, p. e. na frase: *Cicerone mortuo Romani libertatem amiserunt* = "*Depois da morte de Cicero*, os romanos perderam a liberdade".

Assim se explica que, em latim, o abl. abs. não é originàriamente uma construção "sôlta", nem sequer "substitui" uma cláusula relativa ou conjuncional, mas constitui uma parte integrante da proposição "regente", sendo um complemento circunstancial da mesma.

## *Ad §22, II:

3) Acontece também que o sujeito do verbo finito se refere ao abl. abs. como objeto indireto, p. e. na frase:

| | |
|---|---|
| *Hannibal nuntiato hostium adventu castra movit* | Depois que a Haníbal fôra anunciada a vinda dos inimigos, levantou o acampamento |

Em geral, pode dizer-se que o latim, fazendo questão de ser conciso, omite todos os elementos cuja presença não seja absolutamente indispensável para a boa compreensão da frase. *Hannibal nuntiatio ei hostium adventu castra movit* diz-se apenas quando houver perigo de ambigüidade.

*Ad §23, I:

**Nota.** Diz Prisciano: *Graeci autem participio utuntur substantivo* Ἀπολλώνιος ὢν διδάσκεις, Τρύφων ὢν μανθάνεις. *Quo nos quoque secundum analogiam possemus uti, nisi usus deficeret participii frequens. Quamvis Caesar non incongrue protulit "ens", a verbo "sum, es, est", quomodo a verbo "possum, potes": "potens".* — Cf. também Quintiliano (VIII 3, 33): *Multa ex Graeco formata nova ac plurima a Sergio Flavio* (= Lúcio Sérgio Plauto, filósofo do séc. I. d. C.), *quorum dura quaedam admodum videntur, ut "ens" et "essentia"* (lição duvidosa).

*Ad §25:

IV. É raro em prosa clássica o emprêgo do Part. no abl. sem substantivo ou pronome; neste caso, o abl. do Part. Pf. equivale a uma locução adverbial. Mencionamos aqui:

| | | | |
|---|---|---|---|
| *auspicato* | com bons auspícios, auspiciosamente | *consulto* | de propósito |
| *bipartito* | em duas partes | *optato* | conforme o desejo |
| | | *sortito* | por sorteio |

V. A partir de Tito Lívio tornam-se mais freqüentes abl. abs., compostos ùnicamente de um Part. Pf. e seguidos de um A. c. I., de uma pergunta indireta ou de outro tipo de cláusula integrante. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Audito hostem adesse, dux aciem instruxit* | Depois de ouvir que o inimigo estava próximo, o general formou o exército em linha de batalha |
| *Cognito quis esset, sivit intrare in castra* | Depois de saber quem era, deixou-o entrar no acampamento |
| *Edicto ne quis injussu pugnaret consulum, milites flumen transgressi sunt* | Depois que foi dada a ordem de ninguém travar a luta sem permissão dos cônsules, os soldados atravessaram o rio |

## O GERÚNDIO E O GERUNDIVO

(Sinopse histórica)

Os gramáticos antigos não faziam uma distinção nítida entre o gerúndio, o gerundivo e o supino, mas, considerando as três categorias como um grupo especial de formas nominais

do verbo, indicavam-nos com um dêstes têrmos genéricos: *participialis modus*, ou: *gerundi modus* (esta palavra originou, mais tarde, a forma *gerundium*, por analogia com a palavra *participium*), ou: *gerundivus modus*, ou então: *supinum*. Só depois distinguiu-se o *gerundi modus* (= gerúndio e gerundivo) do *supinum* (= supino); mais tarde ainda se fêz uma distinção entre o gerúndio e o gerundivo. Diz o gramático Cledônio, comentador da *Ars Donati:*

> *Ideo dicitur gerundi, quod nos aliquid gerere significat, ut puta: legendi causa veni, legendo mihi contigit valetudo, legendum mihi erit, lectum venio, nimio lectu fessus sum.*

O gerundivo existia também em outros dialetos itálicos, mas o gerúndio é criação do latim; o gerúndio deriva do gerundivo, sendo dêle a forma neutra substantivada. A construção "gerundival": *studium regis videndi*, deu origem à forma impessoal: *studium videndi* (cf. *rex videtur:* "vê-se o rei", e *videtur:* "vê-se").

O gerundivo era originàriamente um Part. Pres. da V. P. (ou melhor, da Voz Média), como podemos verificar pelas formas: *secundus* (~ *sequi*), *oriundus* (~ *oriri*), etc., como também pelas expressões: *volvenda dies* = *dies* (*tempus*) *quae volvitur; adulescendum corpus humanum* = *corpus humanum quod adolescit*, etc. Desta função original, ainda bastante comum na chamada "construção gerundival" (tipo: *studium regis videndi*), originaram-se as outras funções: necessidade, possibilidade e futuro. Para melhor compreensão das diversas funções exercidas pelo gerundivo latino, talvez seja conveniente partirmos de frases negativas, onde a evolução se nos apresenta com maior clareza. A frase: *Hoc non est faciendum*, significava originàriamente: "Isso não se faz", mas êsse significado pôde fàcilmente adquirir a conotação de: "Isso não se *deve* fazer", e a de: "Isto não se *pode* fazer" (cf. em português: "Tu não *deves* fumar", e: "Tu não *podes* fumar"). Mas a categoria gramatical que exprime a idéia de obrigação, apresenta em várias línguas indo-européias a tendência de evoluir no sentido do "futuro", pois o que se deve fazer, está por fazer ainda. Cf. em inglês: *I "shall" come* = "virei"; Em holandês: *Ik "zal" komen* = "virei"; cf. também em latim tardio a forma analítica: *venire habeo* = "tenho de vir" > "virei", à qual remontam as formas românicas: *je viendrai*, "virei", etc.

O gerúndio, embora geralmente considerado como substantivo verbal (nos casos oblíquos) só da V. A., era a princípio alheio a essa especificação, podendo indicar indistintamente a V. A., bem como, a V. P. e a Voz Média. Ainda encontramos em textos clássicos alguns vestígios desta indeterminação original. Ao lado de: *studium videndi* (V. A.), encontramos: *signum recipiendi dare* = "dar o sinal de se retirar" (V. M.), e: *cantando rumpitur anguis* = *anguis rumpitur dum cantatur* (V. P.).

## *Ad § 32, I, 1c:

**Notas.**

1) *Causā* e *gratiā* são só raríssimas vêzes construídos com o gerúndio mais objeto direto, e sempre por motivos de eufonia (cf. § 32, III, 1), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Legatos misit oracula consulendi causā/gratiā* (*oraculorum consulendorum causā/gratiā*, teria acúmulo da desinência *–orum*) | Enviou embaixadores para consultar os oráculos da Grécia |

2) Os gen. "objetivos": *mei, tui, sui, nostri* e *vestri*, mesmo que se refiram a uma mulher ou a um grupo de indivíduos, são sempre combinados com a forma do gerundivo em *–ndi* (nunca em *–ndae, –ndorum* ou *–ndarum*), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Mulier sui servandi causā aufugit* | A mulher fugia a fim de se pôr a salvo |
| *Hostes sui servandi causā aufugerunt* | Os inimigos fugiram para se pôr a salvo |

3) Os historiadores da época imperial (principalmente Tácito) usam muitas vêzes o gen. do gerundivo (sem *causā* ou *gratiā*) para indicar uma finalidade. Nesta construção não se trata de uma elipse de uma dessas "pós-posições", nem de um helenismo pròpriamente dito (embora a construção grega tenha contribuído para certos autores latinos usarem dêsse gen.), e sim, de um antigo genitivo de relação, autênticamente latino (cf. § 89, I), assim como o provam os exemplos em latim arcaico e em prosa clássica (aqui principalmente em combinação com *esse* = "servir para, ter a finalidade de", etc.). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Cetera in legibus duodecim Tabularum minuendi luctus sunt* (Cícero) | As outras diposições das Leis das Doze Tábuas têm por finalidade a de diminuir o luto |
| *Germanicus Aegyptum proficiscitur cognoscendae antiquitatis* (Tácito) | Germânico viaja ao Egito com o fim de conhecer a Antigüidade |

## *Ad §34, I, 3, Nota:

2) A construção impessoal (sg. neutro) do gerundivo, como part. de necessidade, combinado com o ac. de objeto direto, — construção bastante comum em grego, p. e.: *γραπτέον μοί ἐστιν ἐπιστολήν = mihi scribendum est epistolam*, — empregava-se ainda em latim arcaico; Lucrécio e Catulo apresentam alguns exemplos dêste emprêgo; em prosa clássica, a construção é extremamente rara. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Hanc viam nobis ingrediendum est* | Devemos tomar êste caminho |
| *Poenam non est tibi metuendum* | Não deves/precisas temer o castigo |

## O SUPINO

(Sinopse histórica)

Os gramáticos antigos usavam a palavra *supinum* originàriamente como têrmo genérico que abrangia o gerúndio, o gerundivo e o supino (cf. a Sinopse histórica do Gerúndio e do Gerundivo); só aos poucos foram distinguindo as três categorias e indicando cada uma delas com um nome especial. Diz Prisciano: *Supina vero nominatur, quia a passivis participiis, quae quidam supina nominaverunt, nascuntur.* Com efeiro, a palavra *supinum* parece ser a tradução latina da palavra grega *ὕπτιος*, têrmo emprestado do atletismo para indicar a Voz Passiva, em oposição à palavra *ὀρθός*, que indicava a Voz Ativa: quem está "derribado" (*supinus*), não está em condições para atacar "ativamente" seu adversário, restando-lhe apenas sofrer "passivamente" o que ao outro aprouver.

As duas formas do Supino latino (*laudatum* e *laudatu*) são respectivamente o ac. e o dat. sg. do substantivo verbal em *–us;* em textos arcaicos é, às vêzes, bastante difícil decidirmos com certeza se as formas em *–um* e *–u* são casos do substantivo verbal, ou supinos pròpriamente ditos.

O Supino em *–tum(–sum)* é o ac. de direção (cf. §70), p. e.: *Eo venatum* = "Vou para a caça" > "Vou caçar", chegando a substituir o antigo Inf. final depois de verbos de movimento (cf. ad §17, III). O Supino em *–tu(–su)* é o dat. final combinado com certos adjetivos (cf. §80, III), p. e.: *Hoc est facile memoratui* = "Isto é fácil para a narração" > "Isto é fácil de narrar"; às vêzes encontramos ainda a forma

*memoratui* em lugar de *memoratu*, forma essa que prova ser êste Supino um dat. Mas em numerosas combinações poderíamos interpretar o Supino em *-tu* (*-su*) também como abl. de relação (cf. §82, 4); a frase: *Hoc est facile memoratu, sed difficile factu*, poderia remontar a: "Isto é fácil quanto à narração, mas difícil no que diz respeito à execução" > "Isto é fácil de fazer, mas difícil de fazer". Em latim arcaico encontramos o mesmo Supino também como abl. de separação (cf. §82, I), p. e. na frase: *opsonatu redire* = "volto de fazer compras" > "volto da feira"; e como abl. instrumental (cf. §84, I), p. e. em expressões ainda usads por Vergílio, Tito Lívio e certos autores pós-clássicos: *memoratu dignus* = "digno de ser narrado".

## AS CATEGORIAS DO VERBO FINITO

Os gramáticos antigos distinguiam maior número de categorias verbais do que os modernos. Ouçamos p. e. Diomedes:

> *Admittit quoque verbum, praeter personas et tempora, numerum, figuram, qualitatem, significationem sive genus. Personas quidem, quibus sermo exercetur. Numerus vero, cum quis quive sint qui loquantur. Tempus, cum quando quid factum aut dictum sit, quaeritur. Figuram, cum quaeritur, simplex sit verbum an compositum. Qualitatem, cum cujus sit speciei vel qualitatis verbum exploratur. Significationem, cum cujus sit generis et significationis verbum ostenditur.*

Alguns dêstes têrmos precisam de um breve comentário. Para Diomedes e muitos outros gramáticos antigos, a *figura* de um verbo pode ser dúplice: simples (p. e. *scribere* e *velle*), ou composta (p. e. *inscribere* e *malle*). Segundo alguns, a *qualitas* consiste em dois fatores: os "modos" e as "formas". Geralmente, admitia-se a existência de cinco modos em latim (Ind. = Finitivo = Pronunciativo; Imp.; Opt.; Subj.; Inf.); mas o número de modos é bem maior de acôrdo com a teoria de certos gramáticos que não cessam de fazer subdivisões (p. e.: promissivo, percontativo, adhortativo, etc.). Há quatro *formae verbi: absoluta, quae semel vel absolute nos aliquid facere indicat, ut "caleo", "curro", "ferveo", "horreo"; inchoativa* (p. e. *miseresco*); *iterativa sive frequentativa* (p. e. *exercito*); *desiderativa sive meditativa* (p. e. *parturio*); *transgressiva* (= semi-deponente, p. e. *audeo, ausus sum*); *defectiva* (p. e. *odi, memini*);

etc. Quanto ao têrmo *significatio*, êsse indicava em parte o que, hoje em dia, entendemos por "Voz" (os antigos usavam também os têrmos: *genus*, *species* e *vox;* em grego: διάθεσις) distinguiam-se, geralmente, cinco *significationes* ou *species: activa* (p. e. *lego*); *passiva* (p. e. *legor*); *neutra* (p. e. *curro;* segundo a terminologia moderna = verbo intransitivo); *deponens* (p. e. *suspicor*); *communis* (p. e. *consolor eum*, e *consolor ab eo*).

Mas a terminologia gramatical variava muito entre os autores antigos (*nil novi sub sole!*); relatar tôdas essas diferenças levar-nos-ia muito longe. Muitos admitiam outra categoria verbal ainda: a conjugação.

## *Ad § 40, III:

**Nota.** Ao que parece, a forma impessoal da 3.ª pessoa sg. da V. P. (tipo: *itur*) deu, juntamente com as formas da Voz Média (cf. ad § 58), origem à criação da V. P. latina. O elemento *-r*, nas formas passivas, é característico dos idiomas itálicos e célticos.

## *Ad § 42:

III. **O plural de majestade.** — O plural de majestade, ainda hoje empregado por monarcas, papas e prelados, remonta à época do Baixo Império, quando o Imperador usava o plural, querendo dar a entender que nesse plural estavam incluídos também os seus conselheiros e, principalmente, desde os dias de Diocleciano, os seus colegas na dignidade imperial. Assim lemos em Cassiodoro:

| | |
|---|---|
| *Amamus, Patres conscripti, dignitates eximias de nostrā benignitate nascentes* (quem fala, é o rei Teodorico) | Amamos, senhores senadores, as excelsas dignidades que nascem da Nossa benevolência |

IV. **O plural de reverência.** — Ao plural de majestade, sempre usado na primeira pessoa, corresponde, na segunda pessoa, o plural de reverência, em expressões dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Dignamini, Domine mi, sublevare meam miseriam* (ao dirigir-se ao Imperador) | Dignai-vos, meu Senhor, de levantar minha miséria |
| Cf. também: *Pietas Vestra* | Vossa Piedade |
| *Serenitas Vestra* | Vossa Serenidade |

**Nota.** A êste tipo de expressões remontam em português: "Vossa Majestade/Excelência/Reverência", etc. Cf. em francês: *vous*, e em inglês: *you* (em lugar do sg. *thou*), que são evoluções semelhantes à do latim tardio.

## *Ad §43, III.

**Nota.** Em grego é muito comum que um verbo possua três radicais diferentes para exprimir as três actiones diferentes, p. e. *hor-* em ὁράω (Pres.), *w(e)id-* em εἶδον (Aor.), e *op-* em ὄπωπα (Pf.). Cf. em latim os tempos primitivos "anômalos" de: *sum—fui, fero — tuli*, etc. Mais comum é, porém, em grego que uma única raiz se apresente sob três formas diferentes para exprimir as três *actiones*, p. e. *leip-* em λείπω (Pres.), *lip-* ἔλιπον (Aor.) e *loip-* em λέλοιπα (Pf.). Cf. em latim: *ru-m-p-o* e *rup-i*, *lĕg-o* e *lēg-i*.

Originàriamente, a *actio durativa* era expressa pelo radical do presente, do qual se derivavam o Pres. e o Impf.; a *actio aorista* era expressa pelo radical do aor. (do qual se derivava o aor. = o pretérito passado do português); a *actio perfecta* era expressa pelo radical do Pf. (do qual se derivavam o Pf., o Msqupf. e o Fut. Pf.).

## *Ad §43, IV:

**Nota.** O Perfectum latino é, em alguns casos, o antigo Pf. indo-europeu, do ponto de vista da morfologia, p. e. *te-tig-i*, *spo-(s)pond-i*, etc.; outros Perfecta latinos mostram ainda a antiga formação "sigmática", p. e. *scripsi* < *scrib-s-i*, e *dixi* < *deik-s-i*, etc. Mas muitas vêzes acontece que o latim envereda por um caminho próprio, por exemplo nos Perfecta em *-ui* e *-vi*, tais como, *crevi, pavi, alui, colui*, etc. Para a sintaxe, essas origens diferentes não têm a menor importância, porque todo e qualquer Pf. latino, qualquer que seja sua origem morfológica, pode exercer a dupla função de Pf. e de Aor.

O latim, uma vez quebrado o antigo sistema de *actiones*, desenvolveu bastante a categoria de verbos incoativos para indicar o início de uma ação verbal (p. e. *languescere* e *proficisci*); a de verbos iterativos para indicar repetição (e intensidade), p. e. *dormitare* e *pensare* (∼ *pendĕre*); a de desiderativos para indicar desejo, p. e. *esurire* (∼ *edere*) e *parturire* (∼ *parĕre*). Sobretudo foi-se servindo de "prevérbios", cuja única função é, às vêzes, a de indicar a *actio perfecta* e a *actio aorista*, cf. por exemplo: *fugere* e *effugere; facere* e *conficere; bellare* e *debellare; caedere* e *occīdere*, etc.

## *Ad §45, II:

3) **O Presente atual.** — Neste Presente, o momento atual é conscientemente oposto a um momento ou época ante-

rior, ou a um momento ou época que ainda pertence ao futuro. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Olim dives fuit, nunc autem est pauperrimus* | Antigamente foi rico, mas agora é muito pobre |
| *Cras rus proficiscar; hodie domi maneo* | Amanhã irei ao campo; hoje fico em casa |

4) **O Presente genérico.** — Usa-se em enunciados neutros quanto à sua validade temporal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Homo est animal rationale* | O homem é animal racional |

5) **O Presente registador.** — Usa-se em tabelas cronológicas, registros, inscrições, etc., também em referência a fatos do passado, cf. em português: "1492: Cristóvão Colombo descobre a América". Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Hoc templum Senatus Populusque Romanus Jovi Optimo Maximo dedicat* | Êste templo foi consagrado pelo Senado e povo de Roma a Júpiter muito bom e muito grande |

## *Ad § 50:

III. Em latim arcaico encontram-se muitos casos em que o Fut. Pf. é pràticamente equivalente ao Fut. Simples (os exemplos em latim clássico são raros): não há diferença de tempo, e sim de *actio*. O Fut. Simples indicava originàriamente a *actio durativa*, e o Fut. Pf. a *actio aorista*, mas essa diferença deixou muito cedo de ser percebida pelos romanos, de modo que os dois tempos eram usados quase indistintamente. Cf. os potenciais: *dicat/dixerit aliquis*, e os proibitivos: *ne dicas/dixeris*. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Cape illas scopas! — Capiam. — Tu hoc converre! — Ego fecero* | Pega aquela vassoura! — Pegarei. — Varre aqui! — Farei |

## *Ad § 52, II, Nota:

2) As regras formuladas acima a respeito de *laudatus sum* e *laudatus fui*, etc. são as da gramática normativa, evidenciando-se um tanto precárias na prática. A linguagem popular pouco se incomodava com elas, usando formas do tipo: *Janua clausa est*, no sentido de: "A porta está fechada", e formas do tipo: *Janua clausa fuit*, no sentido de: "A porta foi fechada"

(e daí também: *Janua clausa fuerat/fuerit*, no sentido de: "A porta tinha/terá sido fechada"). Vários fatôres contribuiram para essa modificação popular do sistema de tempos; mencionamos aqui o fato de que o Part. Pf. originàriamente era adjetivo verbal, sendo indiferente em relação ao "tempo" (cf. a Sinopse histórica do Particípio): ainda encontramos, também na época literária, o Part. "Pf." como Part. "Pres." da V. P., p. e. em Névio: *a laudato viro* = "pelo homem que está sendo elogiado", e em Tito Lívio: *servum caesum medio egerat Circo* = "afugentara o escravo do meio do circo, enquanto nêle batia", etc. Destarte a combinação: *laudatus est* podia significar a princípio: "êle está sendo elogiado".

Além disso, o povo deve ter sido chocado pela anomalia que existia entre o tempo de: *bonus est* (Pres.) e o de: *laudatus est* (Pf.). E finalmente, o Msqupf. e o Fut. Pf. eram quase exclusivamente empregados para indicar a anterioridade, e nessas formas *fueram* e *fuero*, quando ligados com um adjetivo, eram as formas comuns. Também outros fatôres concorreram para a dita evolução, mas uma exposição detalhada ocuparia muito lugar. Basta darmos êste exemplo:

| | |
|---|---|
| *Si omnes cives concordes fuerint et me ducem secuti erunt/fuerint, videbunt perfacile esse impetum hostium propulsare* | Se todos os cidadãos fôrem concordes e seguirem a minha orientação, verificarão que é muito fácil afugentar o inimigo |

## *Ad § 53, II, Nota:

IV. **A natureza dos modos.** — Os gregos usavam o têrmo ἡ ἔγκλισις ("inclinação"), os romanos a palavra *modus* para indicar a categoria verbal que, ainda hoje em dia, é conhecida sob o nome de "modo". Prisciano define o modo desta maneira: *Modi sunt diversae inclinationes* (cf. o têrmo grego!) *animi, varios ejus affectus demonstrantes.*

O "modo" é a categoria verbal mais sutil e a menos fácil de definir: sua importância é muito grande, principalmente nas línguas antigas (em grego é mais importante ainda do que em latim). Atrevendo-nos a dar uma definição moderna do modo, poderíamos defini-lo talvez desta forma: o modo exprime até que ponto uma ação verbal tem validade objetiva, isto é, corresponde de fato à realidade, ou então, não passa de uma representação subjetiva de quem fala, tudo

isso, evidentemente, do ponto de vista (sempre subjetivo) de quem fala. Ao dizer: "Pedro corre", apresento a ação verbal de "correr" como estando de acôrdo com a realidade objetiva (evidentemente, posso mentir ou enganar-me): é o Indicativo. Ao dar a ordem: "Pedro, corre!", a ação verbal de "correr" existe apenas como representação subjetiva na minha mente: a representação reveste-se, neste caso, de um caráter especial, visto que se trata de uma ordem: é o Imperativo. Minha representação da ação verbal poderia ser também um desejo: "Oxalá Pedro corra!" (é o Optativo), ou indicar um desacôrdo evidente com a realidade: "Pedro correria, se não tivesse machucado as pernas" (Irreal), ou uma possibilidade: "Pedro poderia correr muito mais ràpidamente" (Potencial), etc.

Como já vimos pelo último exemplo, nem sempre existe uma forma especial para indicar uma certa modalidade sintática: com efeito, muitas vêzes devemos servir-nos de circunlocuções (p. e. "poderia correr") para traduzir adequadamente o que, numa outra língua, se exprime por meio de uma única forma. Isto quer dizer: "modo", em morfologia, é uma coisa, mas "modo", em matéria de sintaxe, é outra. O inglês não possui o subjuntivo "morfológico" do português, nem o "condicional"; mas sintàticamente pode exprimir as modalidades do português mediante verbos auxiliares, p. e. *I may write; I might write; I should write; May I write*, etc.

## *Ad §56, II, 3. Nota:

2) Discutem os lingüistas sôbre a questão se o optativo pròpriamente dito, ou então, o potencial é a função primordial do Opt. A nosso ver, o optativo pròpriamente dito, por exprimir uma "representação" mais concreta e menos complicada do que o Potencial, é a função primordial do Opt.

## *Ad §58:

II. **Os verbos depoentes.** — Os gramáticos antigos explicavam o têrmo *deponens* de duas maneiras diferentes: segundo alguns, seria "depoente" um verbo que, tendo a forma passiva, "depôs" o significado passivo para exprimir apenas a "ativi-

dade"; outros dão uma explicação mais rebuscada ainda e dizem, como p. e. Carísio:

> *Deponens per antiphrasin dicitur, id est, e contrario, quod verbum "r" litterā finitum, "deponere" eam non potest et, cum sit passiva specie, activum non habebit, ut "nascor". Non enim dicimus "nasco".*

Na realidade, os verbos depoentes em latim são resíduos da antiga Voz Média, ou talvez melhor: os depoentes são "media tantum" que continuavam sendo empregados assim depois do desaparecimento da V. M. como categoria viva em latim. Em vários casos estamos capacitados para averiguar a origem "média" dos depoentes latinos, p. e.: *irasci* = "indignar-*se*" *laetari* = "alegrar-*se*", etc. (função reflexiva); em outros casos, o depoente exerce qualquer outra função inerente à V. M. (cf. *infra*, III); mas não raro acontece que nos escape quase por completo porque um verbo latino é depoente (p. e. *hortari*, ao lado de *monere*), ou então, a sua função "média" é muito fraca (p. e. *populari*, *loqui*, etc.).

Freqüentemente em latim arcaico, mas relativamente poucas vêzes em prosa clássica, encontramos a forma ativa ao lado da passiva, sem grande diferença no significado, p. e. *mereo* e *mereor*. O povo ia mais longe, e criava várias formas ativas, p. e.: *loquĕre*, *arbitrare*, *populare*, etc., formas essas que tinham a vantagem de ser mais "regulares". Por outro lado, levado pelo desejo excessivo de falar bem e de acôrdo com as normas da linguagem "culta", o povo criava também formas completamente errôneas, p. e.: *vetari* = *vetare*, *ridēri* = *ridēre*, etc. (são denominados "hiperurbanismos").

III. **As funções da Voz Média.** — De modo geral, a Voz Média indica que há uma íntima conexão entre o sujeito e a ação verbal, e essa conexão pode ser múltipla. Não é correto dizer-se que a V. M. exerça apenas a função da atual construção "reflexiva". Damos aqui uma breve sinopse das suas diversas funções.

1) A FUNÇÃO REFLEXIVA. Nesta função, a ação verbal recai direta ou indiretamente sôbre o sujeito; recaindo diretamente, o sujeito = objeto direto, p. e.: *lavor* = "lavo-me"; *profisciscor* = "encaminho-me"; *vehor* = "transporto-me", etc.; recaindo indiretamente, o sujeito = objeto indireto,

p. e.: *adipiscor* = "adquiro para mim", *induor vestem* = "eu ponho roupa sôbre mim, visto(-me de) uma roupa", etc. Cf. em grego: λούομαι = "lavo-me", e ἀποδιδομαι = "eu cedo alguma coisa em meu favor" > "eu vendo".

2) A FUNÇÃ CAUSATIVA. Nesta função, o sujeito *manda* (ou, pelo menos, *deixa*) outrem fazer a ação verbal, mas de tal modo que esta recaia sôbre o próprio sujeito (direta ou indiretamente). Ainda existem resíduos desta função da V. M. em alguns depoentes e passivos latinos, p. e.: *Ne rapiamur in errorem* = "Não nos deixemos levar ao êrro" (sujeito = objeto direto), e: *pignoror* = "faço com que outrem me dê um penhor" > "recebo em penhor" (sujeito = objeto indireto), mas *pignoro* (V. A.) = "dou em penhor". Cf. em grego συμβουλεύω = "aconselho"; συμβουλεύομαι = "faço-me aconselhar" > "consulto".

3) A FUNÇÃO RECIPROCA. Nesta função, a V. M. se traduz por: "entre si, mùtuamente, recìprocamente", etc. (cf. § 222). Exemplos em latim: *Copulantur dextras* = 'Êles se apertam as mãos (recìprocamente)", e: *Illae nationes conjunguntur* = "Aquelas tribos se unem entre si", etc. Cf. em grego: διακελεύονται = "êles se exortam mùtuamente.".

4) A FUNÇÃO DINÂMICA OU INTENSIVA. Nesta função, a V. M. dá a entender que o sujeito pratica a ação verbal por si mesmo, por conta própria, ou então, que a pratica com energia e fôrça. Exemplos: *meditor* = "eu me esforço por pensar" > "medito, cogito"; *reor* = "penso por mim" > "julgo", etc. Cf. em grego: πολιτεύω = "ser cidadão", mas πολιτεύομαι = "participar (ativamente) da vida civil".

5) A FUNÇÃO INTRANSITIVA. Esta função deriva lògicamente da reflexiva: a ação verbal não se refere a nenhum objeto exterior, mas limita-se exclusivamente ao sujeito, o qual, porém, vai perdendo cada vez mais seu caráter de "agente" para se transformar no "receptor" da ação verbal. Por outras palavras: ao passo que, na função reflexiva, há identidade do objeto direto e do sujeito da ação verbal (p. e *lavor* = "eu me lavo"), a atividade do sujeito, na função intransitiva desaparece totalmente: o sujeito não exerce a ação verbal, mas é apenas atingido por ela. Exemplos: *Vinum corrumpitur* = "O vinho está-se estragando"; *Gloria ejus*

*minuitur* = "Sua glória está descrescendo"; *Morior* = "Morro = estou morrendo", etc. Cf. em grego: φαίνω = "mostrar", e φαίνομαι = "aparecer, parecer".

**Nota.** — Em latim, são escassos os exemplos das diversas funções da V. M., visto que subsistem apenas "resíduos"; em grego, onde a V. M. é uma categoria viva, seria fácil dar dezenas de exemplos para ilustrar cada uma das funções "médias".

IV. **Da Voz Média à Voz Passiva.** — O têrmo *Voz Media* insinua que esta Voz é algo de intermediário entre V. A. e a V. P. Na realidade, porém, a Voz Média é anterior à V. P., sendo que a função passiva, em grande parte, deriva da função média.

**Nota.** As raízes MORFOLÓGICAS da V. P. latina são duplas. Por um lado, foram as formas impessoais (tipo: *itur*) que ocasionaram a flexão passiva com o seu elemento característico *–r*. Por outro lado, subsistem em latim histórico ainda alguns resíduos da antiga flexão média, dos quais mencionamos aqui o elemento *–men–* (cf. em grego: λου-ό-μεν-ος), p. e.: *laudamini* < *lauda–men–i; alumnus* < *alu–men–os;* (= "o que é alimentado, nutrido"); *femina* <*fē–men–a* (= "a que é amamentada"), cf. *fē–tus*, e em grego: θῆλυς e θη-μέν-η

Do ponto de vista da sintaxe histórica, a evolução da V. M. para a V. P. é um processo lingüístico que podemos verificar em diversos idiomas indo-europeus, mormente nas línguas românicas (cf. "vende-se a casa" > "a casa é vendida"). A passagem da V. M. para a V. P. efetua-se através da função intransitiva (cf. *supra*, III, 5): a atividade do sujeito = objeto, vem sendo suplantada pela receptividade do mesmo. Vários fatôres contribuiram para se efetuar essa evolução, dos quais mencionamos aqui os que têm maior importância sintática.

1) A forma "média" não exprimia muito claramente a natureza específica da reflexividade: direta ou indireta. Em têrmos mais concretos: a forma sintética *lavor* (V. M.) podia significar: "eu me lavo" (refl. direto), bem como: "eu lavo para mim" (refl. indireto). Ora, para frisar a diferença entre as duas funções, tinha de recorrer-se às formas analíticas: *lavo me*, e *lavo mihi*, mas tal recurso não pôde deixar de resultar na desvalorização da forma sintética.

2) A forma *lavor* não podia exprimir com ênfase o objeto direto ou o objeto indireto da ação verbal; para dizer enfàticamente: "eu me lavo a mim mesmo", o latim devia usar a forma analítica: *lavo me* (*ipsum*); para dizer: "eu lavo para mim mesmo", devia usar: *lavo mihi* (*ipsi*), tudo isso em detrimento da forma sintética.

3) A forma *ostenditur* (V. M. = "êle se mostra") era empregada não só em relação a sujeitos animados, capazes de praticar uma atividade reflexiva (p. e.: *Amicus meus ostenditur* = "Meu amigo mostra-se"), mas também em relação a sujeitos inanimados, p. e.: *Bona opportunitas ostenditur* = "Mostra-se uma boa oportunidade". Ora, neste tipo de combinações a "atividade" do sujeito é exígua, para não dizermos, nula: *ostenditur* perdeu pràticamente seu valor reflexivo para adquirir o valor intransitivo, função essa que é imediatamente anterior à função passiva.

**Nota.** Exemplos da "conjunção reflexiva" em latim histórico poderiam ilustrar a evolução da V. M. para a V. P., que se verificou em tempos pre-históricos:

| | |
|---|---|
| *Praebeo me virum fortem* (cl.) | Revelo-me homem corajoso (sujeito animado e ativo) |
| *Patientia se aequabilem praestat* (cl.) | A paciência revela-se constante (sujeito inanimado, mas cuja ação está intimamente ligada a uma pessoa) |
| *Facit se hora quinta* = *Fit hora quinta* (latim tardio) | Faz-se/Inicia-se a quinta hora (intransitivo) |

4) Ao passo que as formas analíticas eram cada vez mais usadas para exprimir a reflexividade, a forma sintética foi sendo empregada cada vez mais para indicar a "intransividade". A tal forma intransitiva podia ser acrescentada a preposição *ab* mais abl. para indicar o "sujeito lógico" (cf. § 40, II), p. e.: *amaris ab amicis* = "recebes amor por parte dos teus amigos" > "és amado por teus amigos". Uma vez constituída e consolidada esta construção, — o que não se verificou sem a influência das formas impessoais (tipo: *itur*), — a V. P. tornou-se uma categoria verbal autônoma.

## *Ad § 64, I, Nota:

5) Em latim cristão, o emprêgo de *si* interrogativo torna-se cada vez mais freqüente, chegando a ocorrer também em perguntas diretas (influência do hebraico e da Bíblia grega), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Interrogabant eum dicentes: "Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israel?"* | Perguntavam-lhe dizendo: "Senhor, restituirás agora o reino de Israel?" |

## *Ad §65, I, 1. Nota:

4) A origem de *an* continua uma questão discutida: segundo alguns, *an* derivaria de *anne* < *at–ne* (a partícula adversativa *at*, mais a partícula interrogativa *–ne*); outros o identificam, ao que parece, com maior razão, com a antiga partícula indo-européia *an*, encontrada em grego (ἄν) e em gótico. *An*, a partir de Tito Lívio, é usado também em simples perguntas indiretas (= *num*), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quaero ex te, an ferrum habuerit* | Pergunto-te se êle teve uma espada |

## *Ad §66, IV, Nota:

4) A partir de Tito Lívio, *dubito an* = *dubito an non* (cf. ad §65, I, 1, Nota 4); assim também: *haud scio an* = *haud scio an non*, etc. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Nescio an profecturus sim* (de *proficĕre*, não de *proficisci*) | Não sei se conseguirei alguma coisa |
| *Dubito an quidquam profecerim* (em latim clássico: *dubito an* seria expressão positiva, exigindo *aliquid*) | Duvido que tenha conseguido alguma coisa |

## A SINTAXE DOS CASOS

## *Ad §68, I:

**Nota.** Cinco dos têrmos latinos são traduções de palavras gregas:

*nominativus* (*casus*) = ὀνομαστική;
*genetivus* (*casus*) = γενική;
*dativus* (*casus*) = δοτική;
*accusativus* (*casus*) = αἰτιατική;
*vocativus* (*casus*) = κλητική.

O têrmo *ablativus* (cf. *ablatus*∼*auferre*) foi forjado pelos gramáticos latinos (em grego existiam só cinco casos); os têrmos *separativus*, *instrumentalis* e *locativus* foram criados só nos tempos moder-

nos; os gramáticos latinos não tinham a menor noção do caráter sincrético do seu "ablativo", embora soubessem que êste têrmo exprimia apenas uma pequena parcela das numerosas funções que podiam ser exercidas pelo "ablativo".

O *genetivus* (não: *genitivus*, em latim!) é tradução pouco correta de γενική; melhor seria o têrmo *generalis* ou "genérico" (a palavra grega γενική sugere que o gen. indica o "gênero" a que pertence uma palavra).

O *accusativus* é tradução errônea de αἰτιατική; a palavra grega ἡ αἰτία significa: "a causa" e "a acusação"; o têrmo αἰτιατική deveria ser traduzido por *causativus* em latim, palavra que, de fato, se encontra nas obras de vários gramáticos latinos e que indica "a coisa causada" pela ação verbal (= *objectum rei effectae*, cf. §69).

## *Ad §68, II.

**Nota.** O têrmo *casus* (~ *cadĕre*) é tradução latina da palavra grega ἡ πτῶσις. Prisciano, resumindo as diversas opiniões dos gramáticos latinos, dá esta explicação do têrmo: *Casus est declinatio nominis, vel aliarum casualium dictionum, quae fit maxime in fine.*

*Nominativus tamen sive rectus, velut quibusdam placet, quod a generali nomine in specialia cadat, casus appellatur, ut stylum quoque manu cadentem, rectum cecidisse possumus dicere. Vel abusive dicitur casus, quod ex ipso nascuntur omnes alii; vel quod cadens a suā terminatione in alias, facit obliquos casus.*

A palavra grega πτῶσις encontra-se já em Aristóteles, embora num sentido mais genérico de "flexão"; *casus rectus* é tradução de πτῶσις εὐθεῖα ou ὀρθία; *casus obliquus*, a de πτῶσις πλαγία. Sôbre o *casus rectus* diz ainda Prisciano: *Est autem rectus, qui et nominativus dicitur. Per ipsum enim nominatio fit, ut nominetur iste Homerus, ille Virgilius. Rectus autem dicitur, quod ipse primus naturā nascitur vel positione, et ab eo, factā flexione, nascuntur obliqui casus.*

## *Ad §69:

II. **Sôbre a função "original" dos casos.** — O leitor deve entender bem o escôpo da exposição dada acima. Não tem ela a pretensão de reconstruir as fases sucessivamente

atravessadas pelo acusativo latino, antes é uma tentativa de criar certa ordem numa multidão de fatos que, à primeira vista, poderiam parecer caóticos e sem nexo. O nosso esquema tem, portanto, mais valor lógico do que histórico, embora uma separação total dos dois aspectos seja impossível, porque nenhuma evolução sintática se efetua sem a participação do espírito, isto é, sem uma certa lógica.

O que queremos frisar antes de mais nada é que a procura da função "primordial" do acusativo, e de todo e qualquer outro caso, é vã e ilusória: é uma ilusão acreditar na função "primordial" de um caso, em estado puro e simples: desde que o homem começou a falar, a analogia, êsse fator onipresente, fêz com que as diversas funções sintáticas se interinfluenciassem, se misturassem, se dilatassem e se restringissem. A única coisa que o gramático pode fazer é buscar uma fórmula geral (p. e.: "O acusativo indica o têrmo final da ação verbal") que abranja os fenômenos observados, mas esta não pode ser confundida com a função "primordial" que, muito provàvelmente, nunca existiu. É escusado acrescentar que cada um dos fenômenos, por si, pode (e deve) ser acompanhado na sua evolução histórica, bem como, comparado com fenômenos congêneres em outros idiomas.

## *Ad §73, I:

4) Em alguns casos, aliás muito raros, o latim constrói também um subst. ou um adj. com o ac. de objeto direto; neste caso, o subst. é um *nomen actionis* e o adj. é considerado como particípio. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Quid tibi hanc rem curatio est? = Quid curas hanc rem?* | O que tens a ver com êste negócio? |
| *Vitabundus castra hostium = Vitans castra hostium* | Mantendo-se à distância do acampamento dos inimigos |

Assim também com subst., *nomina agentis*, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quid mihi auctor est? = Quid mihi suades?* | O que me aconselhas? |

## *Ad §73, V, 1:

A interjeição *pro* é, sem dúvida alguma, a mesma palavra que a preposição *pro* (originàriamente, advérbio: "adiante!")

empregada em fórmulas que imploravam auxílio. Quem necessita de auxílio, está numa situação difícil; daí *pro* passar a significar: "hélas" (francês), "leider" (alemão), ou "alas!" (inglês).

A combinação de *pro* com o ac. exclamativo remonta muito provàvelmente, a uma "tmese" em expressões dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *pro deum fidem clamo = proclamo deum (= deorum) fidem* | imploro a proteção dos deuses |

*Pro* era mais tarde usado também em combinação com o vocativo (cf. §92), principalmente nas expressões:

| | |
|---|---|
| *pro sancte Juppiter!* | ó, santo Júpiter! |
| *pro dii immortales!* | ah, deuses imortais! |

Na época imperial, *pro* é empregado como simples interjeição (cf. "hélas!") sem se ligar ao ac. ou ao voc., mas referindo-se à frase inteira, p. e.:

| | |
|---|---|
| *tantum, pro!, degeneramus a patribus nostris!* | tanto degeneramos, "hélas!", dos nossos antepassados! |

## *Ad §73, V, 2:

*En* < *em* < *eme* (do verbo *emĕre* que originàriamente significava: "tomar", cf. *adimĕre*, *redimĕre*, etc.), e quer dizer portanto: "toma!" (cf. francês: *tiens!*).

*Ecce* < *em–ce*, é forma reforçada de *en; –ce* é sufixo "dêictico" que encontramos também em: *sic* < *sei–ce; nunc* < *num-ce; tunc* < *tum–ce; haec* < *hai-ce*, etc. — "Dêictico" (cf. em grego: δεικτικός) quer dizer: "demonstrativo".

A construção de *en* e *ecce* com o ac. é, portanto, a construção original.

## *Ad §77, I, 1:

**Nota.** O dat., embora raras vêzes, é combinado com substantivos verbais, p. e.: *obtemperatio legibus* = "a obediência às leis".

## *Ad §78, II, 1:

**Nota.** O "adjetivo" invariável *frugi* ("sério, honesto", etc.) é, em última análise, um dat. final (do nom. sg. *frux:* "fruto", forma não usada no sg., cf. porém o pl.: *fruges*). Êste dat. era

originàriamente combinado com um adj., p. e.: *bonae*, em expressões do tipo: *Hic ager bonae frugi est* = "Esta terra serve para (dar) bom fruto" > "Esta terra é de bom rendimento/de boa qualidade", etc. Depois também, com elipse de *bonae; Hic ager frugi est;* e finalmente, no sentido figurado: *Hic homo frugi est:* "Êste homem é de boa qualidade/sério/honesto", etc. — Às vêzes, *frugi* é usado também no sentido de "parcimonioso" (cf. o adj. *frugalis*).

## *Ad §82, V, 2:

*d*) A forma *pondo* é abl. (de relação) de um nom. desusado: *pondus, pondi,* substituído em latim clássico por *pondus, ponderis* (ambas as palavras se relacionam com o verbo *pendĕre* = "pesar, dependurar"). Encontramos a forma *pondo* em expressões dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Exercitus dicatori coronam auream libram pondo decrevit* | O exército decretou conferir ao ditador uma cora de ouro que pesava (lit.: quanto ao pêso) uma libra |

Depois a forma *pondo,* combinada com numerais, transformou-se numa palavra invariável com o significado de "libra", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Auri quinque pondo abstulit* | Levou consigo cinco libras de ouro |
| *Torques aureus duo pondo* | Um colar de ouro de duas libras |

## *Ad §83, II, 2:

*e*) Os poetas usam muitas vêzes o abl. de substantivos verbais (principalmente os em *–us*) para indicar modalidade; neste caso, o abl. de modo poderia ser substituído por um Part. Pres. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *At gemini dracones lapsu* (= *labentes*) *ad summa delubra effugiunt* | Mas as duas cobras escapam rastejando (e chegam) ao santuário sito em alto |
| *Illi agmine certo Laocoontem petunt* | Êles se dirigem num caminhar certo/decididamente a Laocoonte |
| cf. *cursu* = *currens* | correndo |
| *ascensu* = *ascendens* | subindo |

## *Ad §85, III:

3) Por outro lado, usa-se às vêzes *in* mais ac., onde nós esperaríamos o abl., construção essa que se explica pelo fato

de estar incluída no verbo de repouso a idéia do têrmo final em que resulta o verbo de movimento. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *adesse in senatum* | comparecer no senado |
| *probari in vulgus* | ser do agrado do povo (lit.: ser aprovado de modo a penetrar entre o povo) |
| *esse (= venisse) in potestatem Caesaris* | estar no poder de César |

**Nota.** Estas expressões são, portanto, casos especiais de "braquilogia", cf. §231.

## *Ad §88, I:

6) A palavra *instar* significaria, segundo alguns: "contrapêso", daí: "equilíbrio" (cf. em grego στατήρ); segundo outros, seria o Inf. cristalizado de *instare*, sendo seu significado original o de indicar que a lingüeta da balança "está dentro", de modo a não pender para nenhum dos dois lados: "equilíbrio". Seja isso como fôr, *instar* (usado só no nom. e no ac. sg.) é muitas vêzes combinado com o gen. Registramos aqui alguns dos seus emprêgos mais importantes:

*a*) em combinação com *esse*, *habēre*, *obtinēre* ("ser igual a, igualar a, ter a importância de", etc.), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Plato mihi unus instar est omnium philosophorum* | Platão sòzinho tem, a meu ver, importância igual à de todos os filósofos em conjunto |
| *Haec res vix minimi momenti instar habet* | Esta coisa não tem a menor importância (lit.: não tem o equivalente da menor importância) |

*b*) usado como apôsto: "igual a, como", etc.

| | |
|---|---|
| *Instar montis equum aedificant* | Constróem um cavalo tão grande como um monte |
| *Instar veris vultus tuus affulsit populo* | O teu semblante, (radiante) como a primavera, brilhou aos olhos do povo |

*c*) combinado com números, significa: "mais ou menos", p. e.:

| | |
|---|---|
| *Habet instar septuaginta epistularum* | Tem mais ou menos setenta cartas |

**Notas.**

1) Os autores da época imperial usam muitas vêzes a forma: *ad instar*.

2) *Instar*, sem gen., é empregado no sentido de *pondus, momentum, gravitas* ou *dignitas*, nestas palavras de Vergílio:

| | |
|---|---|
| *Quantum instar in ipso!* | Que homem impressionante! (lit.: Quanta dignidade (há) nêle!) |

## *Ad §88, V, 2:

*g*) A função partitiva do gen., em prosa clássica, sofria muito a influência competidora das construções analíticas (com *de/ex* mais abl.), achando-se em plena retrocessão; em indo-europeu e em grego, o gen. partitivo desempenhava papel muito mais importante, bem como, em latim arcaico. Os poetas e alguns prosadores arcaizantes tentaram insuflar nova vida ao gen. partitivo, usando-se de expressões dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *ad id locorum* (sentido temporal de *locus*) | até agora |
| *interea loci* | no entanto |
| *postea loci* | depois/mais tarde |
| *semper annorum* | para sempre |
| *serum diei* | a parte tardia do dia, a tardinha |
| *celeberrimo fori* | no momento do maior movimento no foro |
| *sequimur te, sancte deorum!* | seguimos-te, ó santo deus! |

*h*) Mas acontece também que o gen. é acrescentado a um adj. neutro substantivado sem a idéia partitiva, caso em que o adj. regente faz as vêzes de um atributo do gen. Êste emprêgo idiomático do gen. encontra-se não raramente nas obras de Salústio e Tácito, mas mormente na linguagem poética (sobretudo Lucrécio). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *strata viarum* = *stratae vitae* | as ruas calçadas, os caminhos calçados |
| *vera viai* = *vera via* (Lucrécio) | o caminho verdadeiro |
| *caeli serena* = *caelum serenum* | o céu sereno |
| *summa ducum* = *summi duces* | os supremos chefes |
| *hominum cunctos* = *cuncti homines* | todos os homens |

## *Ad §89, II, 2.

*h*) Quanto à origem dos ablativos *meā, tuā, suā*, etc., combinados com *refert* e *interest*, não há unânimidade entre os glotólogos. Segundo alguns, a construção original seria:

*omnium nostrā res fert* = "o interêsse de todos nós traz consigo/implica", etc.; com o tempo, *res fert* > *rēfert*, desgaste êsse que tinha por conseqüência que *rē-* em *rēfert* foi sendo considerado como abl., ocasionando a combinação com *nostrā*, em lugar de *nostră;* segundo outros, *nostrā* na combinação: *nostrā refert*, seria originàriamente um abl. sociativo, e *fert* teria significado intransitivo (cf. a expressão: *Via fert ad urbem* = "O caminho leva para a cidade"); destarte a expressão: *Id nostrā rē fert*, significaria: "a coisa vai de acôrdo com o meu interêsse"; quando esta construção já não era compreendida, foi-se estendendo também a *interest*, combinação em que não tinha cabimento. A segunda explicação parece a mais provável. Em todo caso, é indubitável que devemos partir de *refert* para explicar a construção e que o abl. com *interest* foi originado pelo abl. com *rēfert*.

*Ad §91:

III. **O nominativo pendente.** — Êste nom. encontra-se no comêço de uma frase que, depois, por qualquer motivo, muda de construção (anacoluto, cf. §229); encontra-se principalmente na linguagem popular. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *ager rubricosus ..... ibi lupinum bonum fiet* | em terra vermelha ....., aí dará bons resultados o tremoço |

IV. **O nominativo caso-zero.** — O nom. era para os romanos a forma do subst. que, fora de uma frase, lhes vinha espontâneamente ao espírito: era o caso que dava "o nome" às coisas; daí ser chamado "nominativo" (cf. ad §68, II, Nota). Destarte se explica que o nom. é empregado em títulos e em enumerações, fora da construção de uma frase; também o encontramos em expressões dêste tipo:

| | |
|---|---|
| *Marcus nomen habet* | Êle se chama Marcos |
| *Via lactea nomen habet* | Chama-se "Via Láctea" |

## AS PREPOSIÇÕES LATINAS

*Ad §93:

III. **Origem do têrmo.** — A palavra latina *praepositio* é tradução do têrmo grego *πρόθεσις*. Diz Prisciano: *Est igitur praepositio pars orationis indeclinabilis, quae praeponi-*

*tur aliis partibus, vel appositione, vel compositione.* Na terminologia moderna, uma preposição usada em combinação com verbos, chama-se geralmente "prevérbio" (*praeverbium* é palavra já empregada por Varrão).

IV. **Alguns provérbios.** — Alguns provérbios latinos que não podem ocorrer isolados, mas ocorrem apenas como prefixos de verbos (*praeverbia inseparabilia*), são: *amb–*, *dis–*, *por–* (~*pro–*, *prae–* e *per–*), *re(d)–*, *sed–* ou *se–*, e *vē–*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *amb* — ("para os dois lados, para cá e lá", cf. ἀμφί) | *ambigĕre* = duvidar (cf. *ambiguus*)<br>*ambire* = "ir em volta de" |
| *dis* — (indica separação) | *discedĕre* = "sair"<br>*discernĕre* = "separar, distinguir" |
| *por* — ("adiante") | *pollicēri* = "prometer"<br>*porrigĕre* = "estender" |
| *re(d)* — (indica volta ou repetição) | *redire* = "voltar, retornar"<br>*rescribĕre* = "escrever de novo", etc.<br>*respicĕre* = "olhar para trás" |
| *sed* — /*se* — (indica separação) | *secedĕre* = "sair"<br>*seducĕre* = "desviar (do caminho reto)" |

**Nota.** *Vē–*("demais" ou "de menos") pode ser combinado apenas com adj. e subst., p. e. *vēgrandis* = "muito grande (demais)", *vēsanus* = "vesano, delirante", etc.

V. **A repetição das preposições.** — Quando uma e a mesma preposição se refere a dois ou mais substantivos, pode vir expressa uma só vez, ou então, pode ser repetida. É muito difícil formular regras exatas a êsse respeito. Basta dizermos que substantivos, ligados entre si pela simples conjunção *et*, *atque/ac*, *–que*, *vel*, *aut* ou *–ve*, geralmente não repetem a preposição; também em apostos usa-se uma só vez a preposição. Mas em ligações correlativas (p. e. *et.... et; aut.... aut; non modo.... sed etiam*) e adversativas (*sed*, *verum*, etc.) a repetição é regra geral. Em enumerações assindéticas encontramos as duas construções (cf. §230). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *ab Arvernis Sequanisque*<br>*ab Arvernis et/atque Sequanis* | pelos arvernos e séquanos |
| *in proelio et fuga* | no combate e na fuga |
| *non solum a me, sed etiam a senatu* | não só por mim, mas também pelo senado |

| | |
|---|---|
| *et ex urbe et ex agris*<br>*aut ex urbe aut ex agris* | da cidade, bem como, dos campos<br>ou da cidade, ou então, dos campos |
| *Pugnavimus cum Antiocho, (cum) Philippo, (cum) Aetolis, (cum) Poenis*<br>*Pugnavimus cum duobus regibus, Antiocho et Philippo* | Lutamos com Antíoco, (com) Felipe, (com) os etolos, (com) os cartagineses<br>Lutamos com dois reis, Antíoco e Felipe |

**Nota.** Também não se repete a preposição antes de um pron. relativo ou interrogativo, que se refere a um subst. com o qual a preposição já foi usada. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *A Jove incipiendum putat. Quo Jove?*<br>*In istā sententiā sum, quā tu semper fuisti* | Êle pensa dever começar por Júpiter. Que Júpiter?<br>Sou de uma opinião que sempre foi a tua |

VI. **Um só substantivo combinado com duas preposições.** — Um e o mesmo substantivo não pode depender de duas preposições: ou se deve repetir o subst., ou então, se deve substituir o subst. por uma forma de *is* com a segunda preposição. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *ante proelium et post proelium*<br>*ante proelium et post id*<br>(não: *ante postque proelium*) | antes e depois do combate |

**Nota.** Máa é legítima a construção: *in urbe et extra* ("dentro e fora da cidade"), porque *extra* pode ser também advérbio.

*Ad § 124:

*Abs* < *ab–se; se–* é partícula de separação (cf. ad § 93, IV).

*Ad § 138:

Na linguagem poética encontra-se às vêzes a forma *subter*. (cf. *in-ter*).

## A SUBORDINAÇÃO EM LATIM

*Ad § 150:

IV. Outras conjunções.

1) POSTQUAM. O valor causal de *postquam* (cf. em português: "pois que"; em francês: *puisque*) deriva do seu

emprêgo já estudado no §153, II, sendo usado principalmente na linguagem vulgar. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Postquam haec aedes ita erant, continuo est mercatus alias aedes* | Já que esta casa estava nesta condição, comprou sem demora outra casa |

2) QUATENUS. *Quātenus* (cf. §142) quer dizer: "na medida em que"; Lucrécio usa esta palavra às vêzes com valor causal: "visto que", etc.; na época imperial torna-se mais freqüente êste emprêgo. Exemplo:

| | |
|---|---|
| *Jubeas miserum eum esse, quatenus id libenter facit* | Deixa-o na miséria, porque isso lhe dá prazer |

3) SIQUIDEM. *Siquidem* tem relativamente poucas vêzes valor nìtidamente condicional (cf. §188, I, 1b), mas quase sempre se aproxima bastante do valor causal, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Si quidem mihi saltandum est, jam date vos bibere tibicini* | Uma vez que devo dançar, dai já já a beber ao flautista |

## *Ad 151:

A palavra *quando*, bastante comum em latim arcaico e vulgar como conjunção temporal, emprega-se na linguagem clássica quase sempre com valor causal (*quando* ou *quandoquidem*, cf. §150, I). Em Plauto encontramos:

| | |
|---|---|
| *Auferto (pallam) tecum, quando abibis* | Deves levar contigo o manto, quando saires |

## *Ad §156, I, 2. Nota:

2) Com êste *dum* relaciona-se a palavra *dumtaxat* (muito usada em latim pós-clássico; raramente, em prosa clássica) "até o ponto em que possa tocar" (*taxo* é desiderativo de *tango:* "tocar"). *Dumtaxat* quer dizer, ou: "sòmente" (<"só até êsse ponto"), ou então: "pelo menos, em todo caso "(< "até êsse ponto, se não mais longe"). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Consules potestatem habent dumtaxat annuam* | Os cônsules exercem o poder durante um só ano |
| *Exspecto te dumtaxat ad Kalendas martias* | Espero-te em todo o caso para o dia primeiro de março |

*§ Ad § 158:

IV. **Anotações históricas.** — 1) A partícula condicional *si* ~ *sic* (*sic* é composto de *si* < *sei*, e do sufixo dêictico *-ce*, cf. ad § 73, V, 2): o significado original de *si* é: "assim" (menos enfático do que *sic*). Também a construção hipotética deriva da parataxe original, como se pode ver por êste exemplo: *Quiesce, si sapis!* < *Quiesce! Sic sapis* = "Fica quieto! Assim (= É só assim que) és sensato" > "Fica quieto, se és sensato!". Também a partícula condicional em grego **εἰ**, embora de origem diferente, significava originàriamente: "assim". Em holandês, a partícula enfática: *zo* quer dizer: "assim"; a mesma partícula, usada como enclítica, pode ser conjunção condicional: "se". *Quiesce! Si sapis* = "Houd je kalm! *Zo* ben je wijs"; *Quiesce, si sapis* = "Houd je kalm, *zo* je wijs bent".

2) Já vimos que *sic* pode ser usado em votos e desejos (cf. § 180, II, 4), p. e. na frase: *Sic te diva potens Cypri.... regat* ("Oxalá te reja a divina senhora de Chipres"); também *si* podia ser combinado com o optativo pròpriamente dito, p. e. na expressão: *Si te di ament!* (= "Oxalá te amem os deuses!"), frase essa que depois foi sendo considerada como: "Se os deuses te amam/amarem" (hipotaxe).

**Nota.** Também em grego, a partícula **εἰ** (geralmente reforçada: **εἴθε** ou **εἰ γάρ** servia para introduzir desejos.

3) Támbém outros tipos de subjuntivos podiam ser empregados na prótase de uma construção hipotética, p. e. o potencial e o permissivo/concessivo, — sem ou com a partícula *si*. Exemplos:

| | |
|---|---|
| *Roges me: nihil fortasse respondeam* (Potencial) | Poderias perguntar-me: talvez eu nada responderia (> Se me perguntares, talvez eu nada responda) |
| *Prosit obsit, nil vident nisi quod libet* (Concessivo) | Seja proveitoso, seja prejudicial, nada vêem senão o que lhes agrada (> Se é proveitoso ou prejudicial, pouco lhes importa), nada vêem se não o que lhes agrada |

4) Originàriamente não havia distinção entre o Irreal e o Potencial, sendo que o Subj. Pres. era usado para exprimir

o Irreal e o Potencial do Presente, e o Subj. Impf. para exprimir o Irreal e o Potencial do Passado; as duas construções se explicam pela parataxe original, como já vimos.

A parataxe: *Si diligens sis! Praemio afficiaris,* queria dizer: "Oxalá fôsses/sejas aplicado! (Neste caso) serias/poderás ser premiado".

A parataxe: *Si diligens esses! Praemio afficereris,* queria dizer: "Oxalá tivesses sido aplicado! (Neste caso) poderias/terias sido premiado".

Com o tempo, as duas frases começaram a ser consideradas como constituindo uma unidade inseparável, chegando a ser uma construção hipotática: "Se fôres/fôsses aplicado, poderás ser/serias premiado", e: "Se tivesses sido aplicado, terias sido/poderias ter sido premiado".

**Nota.** Embora a origem morfológica do Subj. Impf. latino não seja muito clara, podemos dizer com tôda a certeza que a princípio exprimia apenas *actio,* não "tempo". Seu emprêgo em latim arcaico para indicar o pretérito é, sem dúvida, uma inovação.

5) A diferença entre *sis* e *fueris,* no Potencial, referia-se originàriamente só à *actio,* não ao "tempo"; já que em latim histórico a *actio* era uma categoria de somenos importância, as duas formas podiam ser usadas indistintamente, mas é de notar que, ainda em prosa clássica, se prefere o Subj. Pres. para indicar um sujeito indeterminado, o que está completamente de acôrdo com a função "genérica" dêste Subj., ao passo que o Subj. Pf. (= Aor.) se refere a um sujeito determinado (cf. § 55). Assim se explica a diferença entre:

| | |
|---|---|
| *Memoria minuitur, nisi eam exerceas* (genérico) | A memória diminui, a não ser que seja exercitada |
| *Tua res familiaris ab aliis comedetur, nisi tu ipse adfueris* (individual) | Teu patrimônio será comido por outros, a não ser que tu mesmo estejas presente |

6) O latim clássico, principalmente a poesia, emprega ainda o Subj. Pres. com o valor de um Irreal (cf. *supra,* 4), p. e. na célebre frase de Vergílio:

| | |
|---|---|
| *Non, mihi si linguae centum sint, omnia poenarum percurrere nomina possim* (cf. § 233) | Mesmo se eu tivesse cem línguas, não seria capaz de dar os nomes de todos os castigos |

Em Cícero encontramos estas duas construções, cujo valor (Irreal) é pràticamente o mesmo:

| | |
|---|---|
| *Haec si tecum patria loquatur, nonne impetrare debeat?* | Se a pátria falasse assim contigo, não deveria conseguir o que pede? |
| *Sicilia tota si unā voce loqueretur, haec diceret* | Se tôda a Sicília de uma só voz falasse, diria isto |

7) Em Plauto encontramos várias vêzes um Subj. Impf. para exprimir o Irreal do Passado (cf. *supra*, 4), p. e.:

| | |
|---|---|
| *Deos credo voluisse: nam ni vellent, non fieret* | Creio que os deuses o quiseram: pois se não o tivessem querido, não teria acontecido |

8) Mas o latim, com a sua predileção pelo "tempo", não podia deixar de regular o emprêgo dos tempos do Subj. em construções hipotéticas pelas normas que eram de praxe em frases independentes. As formas do Ind. indicavam com muita precisão os três tempos: *laudo* (pres.), *laudabo* (fut.), e *laudavi*/*laudabam* (Pf./Impf. = pretérito); sentindo a mesma necessidade para exprimir o "tempo" pelas formas do Subj., o latim criou o Subj. do Msqupf. (*laudavissem*) para exprimir o pretérito. Esta forma foi sendo usada para exprimir "desejos irrealizáveis" no passado, p. e.: *Si diligens fuisses! Praemio affectus esses* = "Oxalá tivesses sido aplicado! (Neste caso) terias sido premiado". Assim se possibilitou o emprêgo do Subj. Impf. (*Si diligens esses*) para indicar um "desejo irrealizável" no presente, e o emprêgo do Subj. Pres. (*Si diligens sis*) para indicar um "desejo realizável", que necessàriamente sempre se refere ao futuro. Uma vez estabelecida esta distinção entre os três tempos em frases independentes, foi ela invadindo também o terreno das construções hipotéticas. Só no Potencial do Passado, construção muito pouco usada em latim, continuava a existir a ambigüidade da construção: *Si diligens esses, praemio afficereris* (= Pot. do Passado, e Irreal do Presente).

9) As distinções entre o Potencial e o Real, de um lado, e as entre o Potencial e o Irreal, por outro lado, são menos nítidas do que esquema dado (*supra*, II–III) poderia sugerir à primeira vista. Já vimos que na apódose de um Potencial se usa muitas vêzes o Ind. (mormente o Ind. Fut.), sobretudo

quando a prótase vem introduzida de *nisi* (cf. *supra*, III Nota, 1); já vimos também duas frases de Cícero (cf. *supra*, 6) de valor pràticamente idêntico, uma construída como Irreal, e a outra como Irreal: é que uma possibilidade remota não difere muito de um caso irreal. Portanto a frase ciceroniana: *Haec si tecum patria loquatur, nonne impetrare debeat?*, pode ser explicada como um "resíduo" da situação original em que o Potencial e o Irreal do Presente se confundiam, ou então, como um caso "limítrofe" entre as duas construções (possibilidade remota > irrealidade). É difícil, se não impossível, decidir esta questão de modo irrefutável.

10) Uma conseqüência das diversas "deslocações temporais" (alemão: *Tempusverschiebungen*) em latim é que muitas vêzes, ainda em prosa clássica, podemos verificar uma certa oscilação no emprêgo dos tempos. Damos aqui alguns exemplos:

| | |
|---|---|
| *Compellarem, ni metuam* (Plauto) | Falaria (com êle), se não tivesse mêdo |
| *Si ego cuperem, ille vel plures dies mansisset* (Cícero) | Se eu o tivesse desejado, êle teria ficado talvez mais dias |

11) Em latim tardio, o Subj. Msqupf. começou a suplantar o Subj. Impf.:

| | |
|---|---|
| *Si dixisset verum, laudavissem eum* | Se falasse a verdade, eu o louvaria |

**Nota.** As formas "românicas" do Subj. Impf. derivam do Subj. Msqupf. em latim: *laudavissem* > que eu louvasse (port.), e > *que je louasse* (francês).

12) Às vêzes, encontramos ainda a partícula *si* (mais Subj.) como partícula optativa (= *utinam*); o emprêgo limita-se quase exclusivamente à linguagem poética e à época imperial. No fundo, trata-se aqui de uma evolução "retrógrada" (cf. *supra*, 2). Exemplos:

| | |
|---|---|
| *(O) si veniat!* | Oxalá venha êle! |
| *(O) si scires dona Dei!* | Oxalá soubesses os dons de Deus! |

*Ad § 161:

III. **Anotação histórica.** — *Eisi* é composto de *et* adverbial ( = "mesmo", cf. § 201, I, 1, Nota) e de *si*

(= "assim"), e seu significado original é, portanto: "mesmo assim". Em Plauto encontramos ainda:

| | |
|---|---|
| *Tam sum servus quam tu, etsi ego domi liber fui* | Tanto sou escravo quanto tu; mesmo assim, fui homem livre na minha terra |

Também aqui a parataxe foi sendo suplantada pela hipotase: ".... embora tenha sido homem livre na minha terra".

## AS PARTÍCULAS

### Ad §211:

IV. **Anotação histórica.** — 1) Os motivos para os lingüistas modernos acreditarem na função indefinida de *ut* latino são sobretudo êstes dois:

*a*) O gramático Festo (século III d. C. ?) traz a notícia: *"aliuta" antiqui dicebant pro "aliter"*, exemplificando êsse significado com uma frase tirada de uma lei que a tradição atribuía a Numa Pompílio:

| | |
|---|---|
| *Sei quisquam aliuta faxit, ipsos Jovi sacer esto = Si quis(quam) aliter fecerit, ipse Jovi sacer esto* | Se alguém fizer de outra maneira, que seja entregue à ira de Júpiter |

Nesta frase, *aliuta* quer dizer, portanto: "de outra maneira", sendo palavra composta de *ali-* (~ *alius* = "outro") e *-uta* ("de alguma maneira, de algum modo"). Cf. *aliubi* = *alibi* ("em (algum) outro lugar"), e *aliunde* ("de (algum) outro lugar"), etc.

*b*) Ao que parece, é *uta* a forma mais antiga de *ut* (cf. *infra*, 2); *uta*, como enclítico, seria adv. indefinido correspondente a *uta* enfático = acentuado, forma essa que era empregada como adv. interrogativo. Essa variação entre palavras enfáticas, usadas como interrogativas, e palavras enclíticas, usadas como indefinidas, é fenômeno bastante comum em diversos idiomas indo-europeus. Poderíamos comparar, em grego, por exemplo os seguintes pares de palavras:

πῶς; = "como?", e πως = "de alguma maneira";
ποῦ; = "onde?", e που = "em alguma parte";
τίς; = "quem?", e τις = "alguém", etc.

Também em latim podemos verificar a mesma variação, p. e.:

| | |
|---|---|
| *Quis huc venit?* (*quis* enfático) | Quem veio aqui? (cf. §227, I) |
| *Si quis huc venerit* (*quis* = *aliquis*, enclítico),..... | Se alguém vier aqui,..... |

Cf. ainda em inglês:

| | |
|---|---|
| *What did he tell you?* (forma enfática) | O que te disse êle? |
| *I'll tell you what* (forma enclítica) | Eu te direi alguma coisa |

Assim é bem possível que *uta/ut* tenha exercido a função indefinida em latim pré-histórico; mas convém salientarmos que êsse emprêgo está mal abonado em textos chegados aos nossos dias.

2) A origem histórica de *ut* continua obscura, apesar de muitas tentativas feitas para indagar-lhe a etimologia É provável (mas longe de certo) que a forma primitiva em latim tenha sido *uta* (cf. *supra*, 1a), forma correspondente com *ita*.

*Uta* podia ser reforçado pelo elemento *–ĭ* (cf. em grego: οὕτοσι < οὗτος–ι; em latim: *haec* < *ha–ĭ–ce*); ora, *utai* > *utei* (forma abonada) > *utī*. A forma *ŭtī* > *ŭtĭ*, em virtude da lei fonética segundo a qual se abrevia a vogal final de palavras dissilábicas, cujo esquema métrico seja trocaico, p. e.: *bĕnē* > *bĕnĕ; mălē* > *mălĕ*, etc. (em alemão: *Jambenkürzungsgesetz*).

A forma *ut* deriva de *uta* (apócope da vogal final, cf. *neque* > *nec; atque* > *ac*, etc.).

A forma *utinam* < *uta–nam* (cf. *accipere* < *ad–capere; afficere* < *ad–facere*, etc.).

3) Quase todos os glotólogos modernos derivam a conjunção *ut* (final, concessivo e consecutivo) de *ut* indefinido, função mal ou não abonada pelos textos antigos (cf. *supra*, 1). Mas nada obsta a derivá-la de *ut* interrogativo-exclamativo (cf. *supra*, II, 3); podemos aduzir os seguintes argumentos em favor desta tese:

*a*) as partículas exclamativas ὡς e ὅπως em grego transformaram-se igualmente em conjunções finais;

*b*) *–nam* é sufixo muito comumente acrescentado a interrogativos (cf. §204, II, 2), mas não a indefinidos. Ora, *utinam*

é forma reforçada de *ut* (*uta*), partícula "optativo", ainda encontrada em latim arcaico, p. e.: *Ut illum di perdant* = *Utinam illum di perdant* (linguagem clássica).

*c*) a função indefinida de *ut* é muito precária, mas mesmo admitindo-a em virtude do que ficou exposto acima, podemos explicar a origem histórica de *ut* "conjuncional" pela função interrogativo-exclamativa; esta explicação nos parece até menos rebuscada do que aquela.

A função final:

| | |
|---|---|
| *Opto/Rogo. Ut abeas!* (cf. § 145, I) | Desejo/Rogo. Como desejo que saias! (opt.) |
| *Opto/Rogo, ut abeas* | Desejo/Rogo que saias |

A função consecutiva:

| | |
|---|---|
| *Non sum tam demens. Ut hoc negem?* (cf. § 147, III, 3) | Não sou tão louco. Como poderia negar isto? (pot.) |
| *Non sum tam demens, ut hoc negem* | Não sou tão louco que negue isto |

A função concessiva:

| | |
|---|---|
| *Ut desint vîres. Tamen est laudanda voluntas* (cf. § 162, I, 4) | Concedo como sejam insuficientes as fôrças. Contudo é louvável a boa vontade |
| *Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas* | Pôsto que sejam insuficientes as fôrças, a boa vontade é louvável (subj. permiss.) |

Também as duas frases, dadas *supra*, III, poderiam fàcilmente ser explicadas pela função interrogativo-exclamativa de *ut*, sem recorrer à função mal documentada de *ut* indefinido:

| | |
|---|---|
| *Mea bona ut dem Bacchido dono?* | Como?! Queres que eu dê meus haveres a Báquide? (subj. exclamativo) |
| *Te ut ullā res frangat?* | Como poderia abalar-te coisa alguma? |

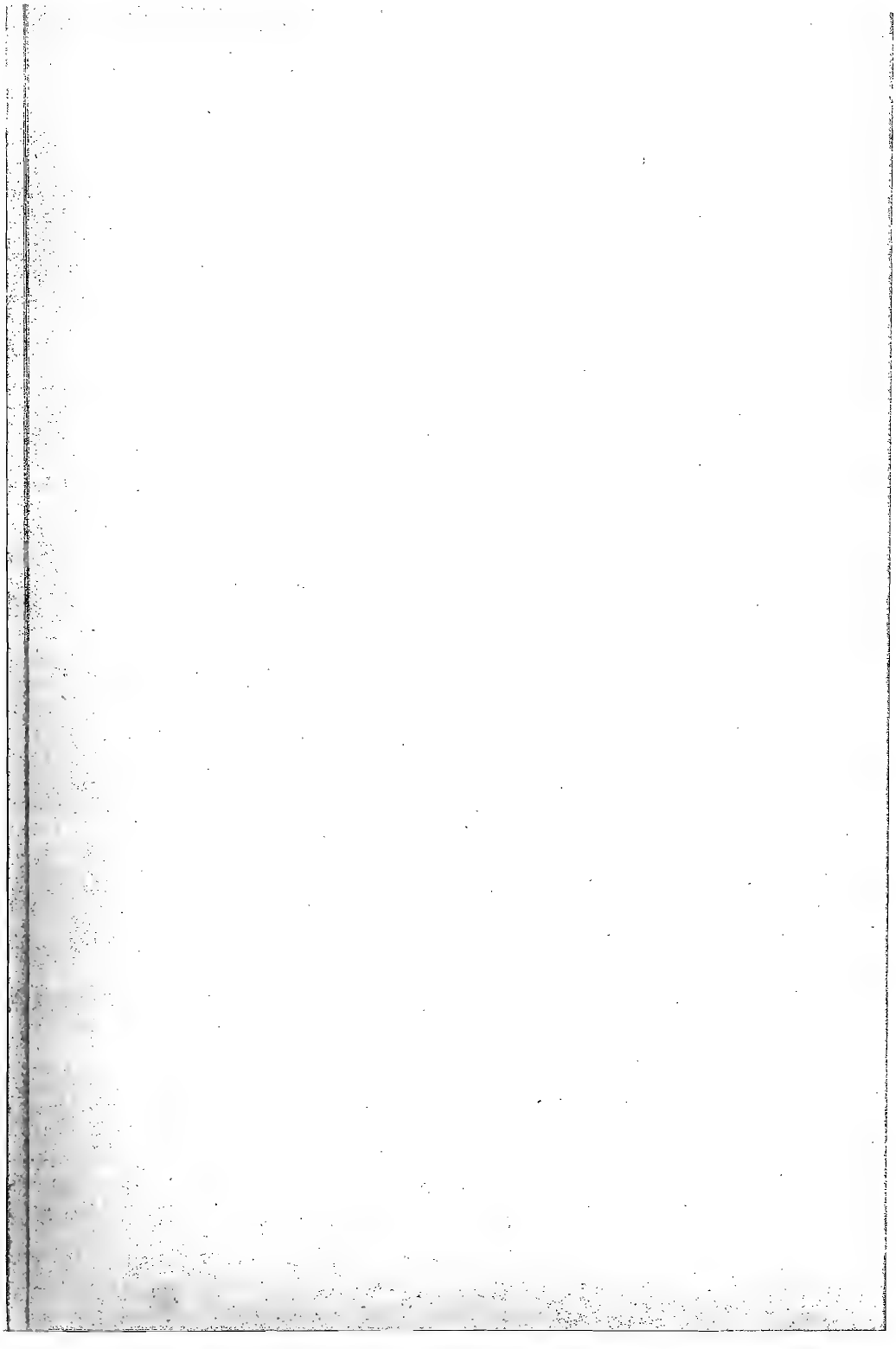
Discutir mais detalhadamente o nosso ponto de vista não se compadeceria com o escôpo do presente livro. Esta breve exposição teve apenas a finalidade de mostrar aos futu-

ros filólogos que a história de palavras pequenas e corriqueiras pode ser obscura e complicada.

V. **O significado local.** — Êste emprêgo é extremamente raro, limitando-se a alguns poucos casos encontrados na linguagem poética. Muito provàvelmente trata-se aqui de uma imitação direta do grego ὡς. Exemplo:

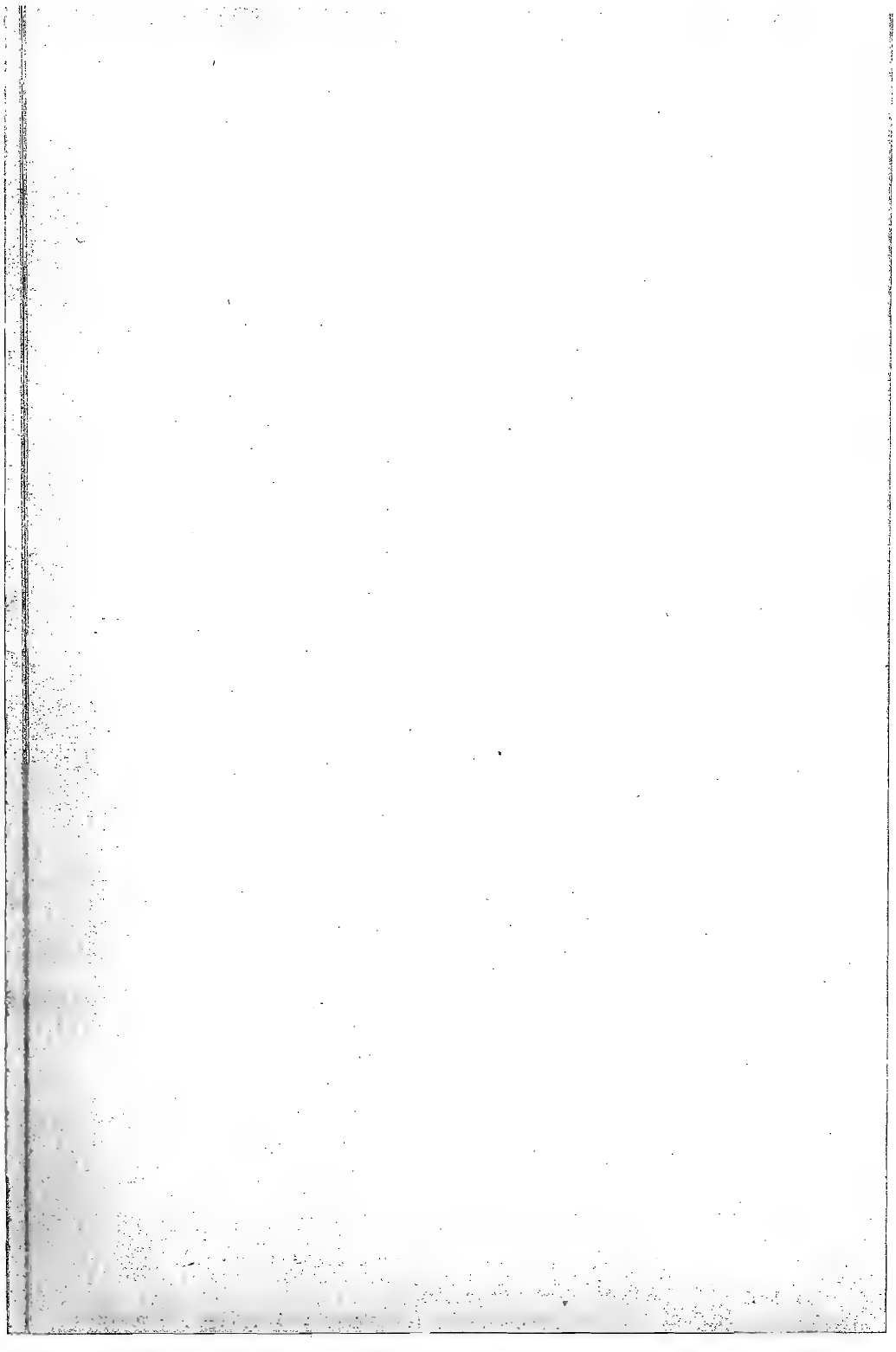
*In extremos penetrabit Indos, litus ut longe resonante Eoã tunditur aquã* (Catulo)

Penetrará no território remoto dos hindus, onde a praia é batida pelas ondas orientais que ao longe ressoam



# ÍNDICES

I. DOS ASSUNTOS TRATADOS
II. ANALÍTICO DOS VOCÁBULOS LATINOS



I

# ÍNDICE DOS ASSUNTOS TRATADOS

O primeiro algarismo arábico, quando não precedido da abreviatura *pag.* (= página), remete o leitor ao número do parágrafo correspondente (no livro marcado com o sinal §); os algarismos romanos, às divisões primárias do mesmo; o segundo algarismo e as letras minúsculas, às subdivisões; o asterisco(*) precedente a um algarismo arábico, a uma anotação no capítulo final do livro.


ABLATIVO: tríplice origem do abl. latino, 81
funções do abl. latino, 81–86
cf. SEPARATIVO, INSTRUMENTAL e LOCATIVO

ABLATIVO ABSOLUTO: emprêgo e funções, 21–26
anotação histórica,* 21 (IV)
sem sujeito determinado,* 25 (III)
com sujeito em forma de um A. c. I., pergunta indireta, etc.,* 25 (IV)
o sujeito lógico do abl. abs., 22, II, 2; cf.* 22, II, 3

ACRÔNICO: caráter "acrônico" dos modos não indicativos, 53, II
do potencial, 56, II
do proibitivo, 55, II, 2c; cf. 57, II
do Inf.,* 17 (VII)

ACTIO: as três *actiones* em indo-europeu e em latim, 43, III; cf.* 43, III (nota)

ACUSATIVO: natureza do ac., 69, I; cf.* 69, II
suas diversas funções, 69–70; 73–75
ac. de direção, 70; cf. 75, III
ac. de objeto direto (em geral), 73
ac. de parte, 73, III; cf. 60, III, 2
ac. elíptico, 73, IV
ac. exclamativo, 73, V
ac. de objeto interno, 74, I
ac. de extensão, 74, II
ac. de duração, 74, III
ac. de relação, 74, IV; cf. 75, V
o duplo ac. (em geral), 75

ACUSATIVO COM GERUNDIVO: emprêgo, 34, II

ACUSATIVO COM INFINITO: emprêgo e funções, 4–14
origem histórica, págs. 348–349
substituído pela constr. analítica em latim vulgar* 4 (nota)

Acusativo com Particípio: emprêgo e funções, 27, II

Adjetivação: do part. latino, 29, I
do gerundivo latino, 33, I
do adv. latino, 216, I

Adjetivo: emprêgo atributivo, predicativo e semi-predicativo, 19, I; 215, I
emprêgo modal, 215, II
emprêgo restritivo, 215, III
substantivação de adj., 215, IV; —
formas neutras do adj. (sg.) usadas como ac. de relação, 74, IV, 2
seguidas do gen. partitivo, 88, V, 1b; —
adj. combinados com o dat., 80
com o abl. separativo, 82, I, 2c
com o abl. de origem, 82, II (nota)
com o abl. instr., 84, I, 2f
com o abl. loc., 85, II, 6
com o gen., 90; —
certos adj. usados como abl. de preço, 84, II, 2
como abl. de medida, 84. IV, 2
como gen. de preço, 89, II; —
o abl. de qualidade faz as vêzes de um adj., 83, III, 1 (nota)
também o gen. de qualidade, 88, IV;
o gen. de posse e o gen. subj. podem ser substituídos por um adj., 88, II, 2; —
o part. é, no fundo, um adj., 19, I; —
problemas de concordância, 213; —
adj. interrogativos, 62, I, 1; —
cf. Cláusulas (relativas adjetivas)

Advérbios: emprêgo atributivo, 216, I
emprêgo predicativo, 216, II; —
adv. relativos definidos e indefinidos, 166, I, 2; cf. 217, III
adv. interrogativos, 62, I, 2
adv. numerais em *-um* e *-o*, 216, I (nota); —
adv. de lugar e de tempo, com o gen. partitivo, 88, V, 1c

Anacoluto ou Anacolutia: 229

Anafórico: o emprêgo anafórico do pron. *is*, 224, I, 2

Antecedente: reforçado por *is*, 225, II, 1
colocado na cláusula relativa, 225, IV
repetido na cláusula relativa, 242, III; —
adota o caso do pron. relativo, 225, VI, 2
o pron. relativo adota o caso do antecedente, 225, VI, 3; —
problemas de concordância, 213, VII, 3

Antecipatio: cf. Prolepse

Anticlímax: cf. Clímax

Apôsto: problemas de concordância, 214, I–II
apôsto atributivo e semi-predicativo, 214, III
apôsto de um pron. possessivo, 220, III; — cf. Cidades

Assíndeto: 201, III; cf. 230

Atração: casos de atração entre o antecedente e o pron. rel., 225, VI

Atributivo: o emprêgo atributivo do adj., 19, I, 1; cf. 215, I
do part., 19, II, 1
do gerundivo, 33, I
do adv., 216, I

Braquilogia: 231

Breviloquentia: cf. Braquilogia

Casos: os casos em indo-europeu, 68, I
o caso reto e os casos oblíquos, 68, II
os casos em latim, 68, III; —
origem do têrmo,* 68, II (nota)
nomenclatura dos diversos casos,* 68, I (nota); —
as funções dos seis casos latinos, 68–92;
cf. Nominativo. Genitivo, Dativo, Acusativo, Vocativo e Ablativo

Cidades: construção de nomes de cidades e ilhas pequenas em latim:
direção, 70, I
separação ou procedência, 71, I
localização, 72, I; —
nomes de cidades, quando acompanhados de um subst. apelativo, são considerados como apostos, 88, VI, 2a

Cláusulas ou Proposições subordinadas:
divisões em geral, 143. IV, V; cf. 254; —
cl. adjetivas puras, 143, IV, 2; cf. 166–168
cl. adverbiais, 143, IV, 2
cl. causais, 150; cf. *150, IV
cl. coincidentes, 254, II, 3; cf. 257, IV (na oração indireta)
cl. comparativas, em geral, 163–165
cl. comparativas simples, 164
cl. comparativas condicionais, 165
cl. concessivas, 161–162
cl. condicionais, 157–160; cf. 257, VI (na oração indireta)
cl. consecutivas, 147–149 (em geral)
cl. consecutivas livres, 147
cl. consecutivas completivas, 148–149
cl. declarativas (enunciativas, 143, V, 1
cl. desiderativas, 143, V, 2
cl. finais, 144–146 (em geral)
cl. finais livres, 144; cf. 35, II, 2
cl. finais completivas, 145–146
cl. integrantes: A. c. I., 4–14
N. c. I., 15–16
com *ut/ne:* 145–146
com *ut/ut non*, 148–149
com *quod*, 210, II, 1
cl. relativas, 166–168 (em geral)
cl. rel. puramente adjetivas, 166–167
cl. rel. indefinidas, 54, II; cf. 166, I, 2

cl. relativas construídas com o A. c. I, 14, II
cl. rel. dependentes de um antecedente no superlativo, 82, III, 2d; cf. 88, V, 2e; 225, IV, 1
cl. rel. "adverbiais", 168; cf. 143, IV, 2
cl. substantivas, 143, IV, 1
cl. temporais, 151–157 (em geral); cf. 257, V (na oração indireta);
cláusulas na oração indireta, 252, II, 3; 255, II–III; 256, II, 4; 257, IV–VI; —
cf. também PERGUNTAS (indiretas); PROPOSIÇÕES (infinitivas e participiais)

CLÍMAX: 232

COMPARAÇÃO: em geral, 163–165
de inferioridade e de superioridade, 218; cf. 82, III

COMPARATIO COMPENDIÁRIA: 231, I, 4

COMPARATIVO: o grau comparativo, 218 (em geral)
funções secundárias, 218. I, 3–4
usado para comparar duas coisas ou pessoas, 218, II, 1
circunlocuções e formas analíticas 218, III; cf. 218, II, 2; —
o abl. comparativo, 82, III

CONCORDÂNCIA: problemas de concordância, 213; cf. 42, I; 217, II, 4

CONEXÃO RELATIVA: 167 (em geral)
simples, 167, I
complexa, 167, II
com *quod* (*quodsi*), etc., 210, I, 1

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA: 51 (em geral)
no Irreal, 160, I; 252, I, 1 (nota 2)
na pergunta indireta, 64, III–IV

CONJUNÇÕES: coordenativas, 201–206
aproximativas, 201
disjuntivas, 202
correlativas, 203; 201, III; 202, I; 202, II, 3
causais-explicativas, 204
adversativas, 205
conclusivas, 206; —
subordinativas, 207–211
finais, 144, II; 146, III
consecutivas, 147, I; 149
causais, 150, I; cf. *150, IV (1–3)
temporais, 151, cf. *151 (nota)
condicionais, 157–160
concessivas, 161–162
comparativas-condicionais, 165, I
explicativas, 210, II

CONSECUTIO TEMPORUM: no Indicativo, 44, II
no Subjuntivo (perguntas ind.), 64, III
na oração indireta, 254–255; —
cf. as diversas CLÁUSULAS

CONSTRUCTIO AD SENSUM: 213, III

Correlação e Correlativos: de comparação, 164; cf. 218, II, 3; 84, IV, 3
de conjunções aproximativas, 201, III
de conjunções disjuntivas, 202, I; 202, II, 3
de conjunções negativas, 203
de pronomes e adj. pronominais, 223, III; cf. 227, IV, 2

Dativo: natureza do dativo, 76
suas diversas funções, 76–80
dat. de atribuição, 77 (em geral)
dat. de objeto indireto, 77, I, 1
dat. de cômodo e de incômodo, 77, I, 1; cf. 80, I
dat. de interêsse, 77, I, 2
dat. de aproximação, 77, I, 3; cf. 80, II
dat. exclamativo, 78, I, 1
dat. possessivo, 78, I, 2
dat. ético, 78, I, 3
dat. de referência, 78, I, 4
dat. de agente, 78, I, 5; cf. 34, I
dat. final, 78, II, 1; 79, I; cf. 80, III
dat. de direção, 78, II, 2; cf. 78, I, 3
duplo dat., 79 (em geral)
dat. com adjetivos, 80 (em geral)

Elipse: 233 (em geral); real e aparente, 88, I, 3
elipse aparente de *esse*, 23, I; cf. 213, IV; 233, II; *5, I (nota)
locuções elípticas, 73, IV; 210, II, 1f; 226, III, 1
elipse de um verbum sentiendi vel declarandi, 7, IV, 22
Inf. exclamativo, 17, II
elipse do objeto direto, 60, I, 2

Enálage: 233

Epístolas: os tempos em estilo epistolar, 52, I

Eufemismo: 234

Figuras Sintáticas: 228 (observações preliminares)
diversos tipos, 229–248

Frases: esquemas, 53, III (proposições independentes); 143, V, 1 (cláusulas)
frases declarativas (enunciativas), 53, III, 1
frases desiderativas, 53, III, 2; 143, V, 2
frases imperativas ou injuntivas, 53, III, 2a
frases nominais, 23, I; cf. 233, II; 213, IV
frases optativas, 53, III, 2b
frases potenciais, 53, III, 1b
frases reais, 53, III, 1a
frases voluntativas, 53, III, 2c

Futuro perfeito: 50 (em geral)
exprime geralmente tempo relativo, 43, I, 4; cf. 50, I
é tempo primário, 43, II (nota)
exprime, às vêzes, tempo absoluto, 50, II
equivale ao Fut. Simples, *50, III

FUTURO SIMPLES: 46 (em geral)
exprime tempo absoluto e relativo, 43, I
é tempo primário, 43, II; —
suas funções:
fut. prospectivo, 46, I
fut. potencial, 46, III
fut. voluntativo, 46, II
fut. deliberativo, 46, IV
fut. optativo, 46, V
fut. genérico, 46, VI

GENITIVO: a natureza do genitivo, 87
suas diversas funções, 87–90
gen. de posse, 88, I; cf. 90, I
gen. subjetivo, 88, II
gen. objetivo, 88, III; cf. 89, I, 1; 90, II, 2; *ibidem*, 4a
gen. de qualidade, 88, IV
gen. copiae et inopiae, 89, I, 4; cf. 90, II, 4c
gen. partitivo, 88, V; cf. 90, III; *88, V, 2 (g)
gen. explicativo, epexegético ou definitivo, 88, VI
gen. de matéria, 88, VII
gen. de relação, 89, I (em geral); cf. 90, II; *32, I, 1c (nota 3)
gen. de causa, 89, I, 2
gen. de crime, 89, I, 3; cf. 90, II, 4b
gen. de preço, 89, II

GERÚNDIO: natureza, 30, I; anotação histórica, *págs.* 357–359
o emprêgo do gerúndio, 31
gerúndio e gerundivo, 32; cf. *32, I, 1c (notas)

GERUNDIVO: natureza, 30, II; anotação histórica, *pags.* 357–359
suas funções, 32–34 (em geral)
a construção "gerundival", 32; cf. *32, I, 1c (notas)
part. necessitatis et possibilitatis, 33–34
com o verbo *esse*, 34, I
com verbos transitivos-relativos, 34, II
construção impessoal, *34, I, 3 (nota 2)

HENDIADIS: 235

HIPÁLAGE: cf. ENÁLAGE

HIPÉRBATON: 236

HIPÉRBOLE: 237; cf. 82, III, 2c

HIPOTAXE: 143 (origem e natureza); —
deriva da parataxe:
cláusulas finais, 145, I; 146, I; 146, II, 1; 146, III, 2a
cláusulas consecutivas, 147, III, 3; 149, I, 2 (nota)
cláusulas condicionais, *158 (IV)
cláusulas concessivas, *161 (III)

HÍSTERON PRÓTERON: 238

IMPERATIVO: 55 (em geral)

Imperfeito: exprime, geralmente, tempo relativo, 43, 4, I
é tempo secundário, 43, II; —
suas funções:
Impf. durativo, 47, I
Impf. iterativo, 47, II
Impf. conativo, 47, III
Impf. resultativo, 47, IV

Impessoal: verbos impessoais, 39 (três categorias)
formas impessoais da V. P., 40; cf. *58, IV

Incerteza e Dúvida: fórmulas, 66, IV

Indicativo: 54 (em geral); cf. 160, II

Infectum: 43, IV

Infinito: 1–17 (em geral); sinopse histórica, *págs.* 347–349
os seis Infinitos latinos, 1
o Inf. exprime sempre tempo relativo, 12, I; —
o Inf. subjetivo, 2
o Inf. objetivo, 3; cf. Acusativo com Infinito e Nominativo com Infinito
o Inf. histórico, 17, I
o Inf. exclamativo, 17, II
o Inf. final, *17, III
o Inf. limitativo, *17, IV
o Inf. substantivado *17, V
o Inf. jussivo, *17, VI
o Inf. do Pf. "acrônico", *17, VII

Injuntivo: 53 (modo do indo-europeu)

Instrumental: antigo caso que se fundiu com o abl., 81, II; 83–84
divide-se no Sociativo (83) e no Instr. pròpriamente dito (84)
I. Sociativo; suas funções:
abl. de companhia, ou Soc. pròpriamente dito, 83, I
abl. de modo, 83, II
abl. de qualidade, 83, III
II. Instr. pròpriamente dito: suas funções:
abl. de meio ou instrumental, 84, I
abl. de preço, 84, II
abl. de causa. 84, III
abl. de medida, 84, IV

Ironia: 239 (em garal); cf. 191, III, 1; 188, I, 1; 160, III, 3

Irreal: 158–159 (em cl. cond.); 161–162 (em cl. conc.); 165, II (em cl. comp. cond.); 257, VI, 2 (na oração indireta)

Lítotes: 240 (em geral); cf. 170, II, 1 (nota)

Locativo: antigo caso que se fundiu com o abl., 81, III; 85–86
divide-se no loc. (85) e no abl. de tempo (86)
I. Locativo; suas funções:
locativo pròpriamente dito, 85, I; 72
abl. de lugar, 85, II–III

II. Ablativo de tempo; seu emprêgo:
sem preposição, 86, I
com preposição, 86, II

Modos: 53–57 (em geral); 37, IV (formação)
a natureza dos modos, *53, III
número dos modos em latim, 53, I
modos e tempos, 53, II; —
o emprêgo dos modos na oração indireta, 252; —
o emprêgo dos modos em proposições subordinadas, cf. Cláusulas; —
cf. Indicativo, Imperativo, Subjuntivo, Optativo

Morfema: 169

Mais-que-perfeito: 49 (em geral)
exprime, geralmente, tempo relativo, 43, I, 4; cf. 49, I
é tempo secundário, 43, II
equivale a um Imperfeito, 49, II

Negação: 170 (em geral); dupla negação, 170, II

Nominativo: 91 (em geral)
nom. exclamativo, 91, I
nom. pelo vocativo, 91, II
nom. caso-zero, *91, IV
nom. pendente, *91, III

Nominativo com Infinito: 15–16 (em geral)
extensão de N. c. I. em latim tardio, *16 (I, 3)

Número: cf. Singular e Plural
problemas de concordância, 42, I; cf. 213, VI

Optativo: fundiu-se com o Subjuntivo, 53, II, 3
opt. pròpriamente dito, 56, I
opt. potencial, 56, II; — cf. Subjuntivo

Oração: cf. Frase:

Oração indireta (e Direta): 248 (natureza)
a construção da oração indireta, 248–257 (em geral)

Oximoro: 241

Paralelismo: 245, II

Parataxe: 143; — cf. Hipotaxe

Particípio: 18–29 (em geral); anotação histórica, *págs.* 354-355
sinopse dos três part. latinos, 18, I; —
tempo relativo do part., 18, II; —
o emprêgo atributivo do part., 19, I, 1; 19. II, 1
o emprêgo predicativo do part., 19, I, 2; 19, II,2
o emprêgo semi-predicativo do part., 19, I, 3; 19, II, 3; 20
proposições participiais, 20; 21–26
particípio conjunto, 21–26; cf. Ablativo absoluto; —
Acusativo com Particípio, 27, II; —
falta do part. pres. de *esse*, 23; —

o part. do Pf. de verbos depoentes, 24, I–II
o part. do Pf. com significado ativo, 24, III; —
o part. do Fut., 19, II, 1–2; cf. 25, I (função final); —
o gerundivo como part. Fut. V. P., 30, II, 4; —
o gerundivo como part. necessitatis et possibiltatis, 33–34; —
o part. usado com o significado de um subst. verbal, 28; —
adjetivação do part., 29, I
substantivação do part., 29, II

PARTÍCULAS: natureza das partículas, 169; —
diversas classes e funções, 170–211
partículas adverbiais, 169, II, 1; cf. 170–200
partículas conjuncionais, 169, II, 2; cf. 201–211
partículas negativas, 170; cf. 181; 183
partículas esclarecedoras, 25, II–III; cf. 161, I; 162
partículas interrogativas, 63, II
partículas usadas em respostas, 67, II
partículas para parafrasear o sup. e o comp., 218, III
partículas para enfraquecer o superlativo, 218, IV, 2
partículas para reforçar o superlativo, 218, IV, 1; —
cf. CONJUNÇÕES; ADVÉRBIOS

PERFECTUM: 43, IV

PERFEITO: 48 (em geral)
exprime, geralmente, tempo absoluto, 43, I, 4
é tempo primário ou secundário, 43, II; —
suas funções:
Pf. histórico, 48, I
Pf. gnômico ou empírico, 48, I (nota)
Pf. presente, 48, II; —
Pf. da V. P., 52, II; *52, II (nota 2)
Pf. da V. A., 52, III (paráfrase)

PERGUNTAS: observações preliminares, 61; 62–66 (em geral)
perguntas diretas, 61, III; cf. 62–63; 65, I
perguntas disjuntivas, 61, IV; cf. 65
perguntas elípticas, 66, III
perguntas indiretas, 61, III; cf. 64; 65, II
perguntas parciais, 61, I; cf. 62
perguntas reais, 61, V
perguntas retóricas, 61, V
perguntas simples 61, IV
perguntas totais, 61, I; cf. 63

PESSOA: 28–41 (em geral); 37, I (formação)

PLEONASMO: 242

PLURAL: 42; cf. 217, II
plural de autor, 42, II, 1
plural de modéstia, 42, II, 2
plural de majestade, *42 (III)
plural de respeito, *42 (IV); —
pl. de subst. que indicam matéria, 217, II, 1

plural "individualizante", 217, II, 2
plural "poético", 217, II, 3
plural de subst. abstratos, 217, II, 5; —
problemas de concordância, 213

POLISSÍNDETO: 201, III; cf. 243

PÓS-POSIÇÕES: 140–142

POTENCIAL: 56, II; — cf. 158–159 (em cl. condicionais); 161–162 (em cl. concessivas)

PRAEVERBIA INSEPARABILIA: *93 (IV); — cf. PREVÉRBIOS
PRECISÃO DO LATIM: no emprêgo dos tempos, 44, I; — cf. 13

PREDICADO: problemas de concordância, 213

PREPOSIÇÕES: natureza e origem, 93; 94–139 (sinopse)
origem da palavra, *93 (III)
referindo-se a dois ou mais subst., *93 (V); —
prep. que "regem" o ac., 94–123
prep. que "regem" o abl., 124–136
prep. que "regem" o ac. ou o abl., 137–139

PRESENTE: 45 (em geral)
é tempo primário, 43, II
exprime, geralmente, tempo absoluto, 43, I, 4; —
suas funções:
pres. histórico, 45, II, 1; cf. 158, I. 1b (com *dum*); 257, I (na oração indireta)
pres. resultativo, 45, II, 2
pres. atual, *45, II, 3
pres. genérico, *45, II, 4
pres. registador, *45, II, 5

PREVÉRBIOS: exprimem muitas vêzes *actio*, *43, IV (nota)
influem na regência do verbo, 73, II; cf. 75, II; 77, III–IV

PRÓLEPSE: 244

PRONOMES: 219–227 (em geral); —
pron. adverbiais, 216, III
pron. demonstrativos, 223
pron. determinativos, 224
pron. indefinidos, 227
pron. interrogativos, 62, I, 1; cf. 226
pron. pessoais, 219; cf. 249 e 251 (na oração indireta)
pron. possessivos, 220; cf. 249 e 251 (na oração indireta)
pron. recíprocos, 222
pron. reflexivos, 221; cf. 11, I
pron. relativos definidos, 225; cf. 166, I, 1; cf. ATRAÇÃO; ANTECEDENTE
pron. relativos indefinidos, 166, I, 2; —
problemas de concordância, 213, VII; —
formas neutras (sg.) usadas como ac. de relação, 74, IV, 2
combinadas com o gen. partitivo, 88, V, 1b

Proposição: cf. Frase; Cláusula, etc.
proposições infinitivas, 4–16
proposições participiais, 20; 21–26

Quiasmo: 245

Real: cf. Frases (reais)
em construções condicionais, 158–159
em cláusulas concessivas, 161–162

Reflexivos: verbos reflexivos, 60, II, 1; cf. *58, III, 1; —
cf. Pronomes (reflexivos)

Respostas: 67 (formas de responder)

Restritivo: o emprêgo restritivo do adj., 215, III

Reticência: 246

Semantema: 169

Semi-predicativo: o emprêgo semi-predicativo de adj. e part., 19, I, 3; 19, II, 3; cf. 215, I
outro emprêgo (= modal), 215, III

Separativo: antigo caso que se fundiu com o abl. 81, I; 82
suas funções:
abl. de procedência, 71; 82, I, 1
abl. de separação, 82, I, 2
abl. de origem, 82, II
abl. de comparação, 82, III
abl. de agente, 82, IV
abl. de relação, 82, V

Silepse: 231, I, 4

Singular: cf. Plural; Número
o sg. coletivo, 217, I

Sociativo: cf. Instrumental

Subjuntivo: o Subj. latino é modo "sincrético" do Subjuntivo pròpriamente dito e do Optativo, 53, I, 3; — cf. Optativo; —
o Subj. pròpriamente dito subdivide-se em:
subj. exortativo, 57, I; cf. 55, I, 4
subj. proibitivo, 57, II; cf. 55, II, 2a–b
subj. permissivo, 57, III; cf. 146, I, 1; 162, I, 3
subj. concessivo, 57, IV
subj. deliberativo, 57, V; —
o emprêgo do subj. em proposições subordinadas, cf. os diversos tipos de Cláusulas
subj. oblíquo, 257, III; 225, III, 1; 252, II, 2; 210, II, 2 (nota 3)

Subordinação: 143–168 (em geral); cf. Hipotaxe; Cláusulas

Substantivação: do particípio, 29, II
do adjetivo, 215, IV
do Inf., *17, V

SUBSTANTIVOS: subst. mobilia et communia, 214, I (nota); —
subst. verbal muitas vêzes expresso por um part., 28;
ou por gerundivo, 32 (em geral); cf. 32, III, 4; —
subst. verbal combinado com o ac., *73, I (4)
subt. verbal combinado com o dat., *77, I, 1 (nota); —
o abl. de um subst. verbal (em *-u*) usado como equivalente de um part., *83, II, 2 (d); —
o gerúndio é um subst., 30, I
também os supinos I e II, 35–36; cf. *págs.* 360–361.
também o Inf., *pág.* 347

SUJEITO: o sujeito gramatical, 40, II (na V. P.)
o sujeito indeterminado, 41
o sujeito lógico, 40, II (na V. P.); cf. 220, IV (pron. reflexivos); —
problemas de concordância, 213; —
o sujeito do A. c. I. vem, geralmente, expresso, 11
mas há casos de omissão, *11, II (3–4)

SUPERLATIVO: o sup. absoluto e o sup. relativo, 218, I, 2; —
parafraseado por formas analíticas, 218, III; —
partículas usadas em combinação com o sup. 218, IV, 1; 218, IV, 2

SUPINO: 35–36 (em geral); anotação histórica, *págs.* 360–361
o supino I, 35; cf. 70, II, 4 (= ac. de direção)
o supino II, 36

TEMPOS: 43–52 (em geral)
tempo e *actio*, 43, III; cf. *43, III (nota); *43, IV (nota); —
tempo relativo e tempo absoluto, 12, I; cf. 43, I
tempo primário e tempo secundário, 43, II; cf. 64, III (em relação a perguntas indiretas); — na oração indireta, 255, III, 1; cf. 256; 257, VI, 1a; 253; —
tempos em estilo epistolar, 52, I
formações secundárias, 52, II–III; —
o emprêgo dos tempos em proposições subordinadas, cf. as diversas espécies de CLÁUSULAS; cf. também CONSECUTIO TEMPORUM; —
quanto aos diversos tempos em latim, cf. PRESENTE, IMPERFEITO, FUTURO SIMPLES, PERFEITO, MAIS-QUE-PERFEITO e PERFEITO FUTURO

TOM: o tom da frase, 63, I; cf. 143, I–II

USUS PRAEGNANS: 231, II

VERBO: as formas nominais do verbo latino, 1–36
as categorias do verbo finito, 37–60; — anotação histórica, *págs.* 361–362
quanto ao significado:
verbos de afastamento, separação, etc., 82, I, 2a
verba affectum, 8 (+ A. c. I.); cf. 73, I, 1 (+ ac.); 84, III, 1d (+ *de* e/ou abl.)
verba copiae et inopiae, 89, I, 4; cf. 84, I, 2a; 84, I, 2b
verbos de "crime" (= verba judicialia), 89, I, 3

verbos de despojamento, roubo, etc., 82, I, 2a (+ abl. sep.)
verbos de favorecer e prejudicar, 77, II (+ dat.)
verba impediendi, etc., 146, III
verbos de movimento, 75 III (+ duplo ac.); cf. 35 (+ Supino I)
verba optandi, curandi, etc., 145, II
verba percipiendi, 27, I (+ Ac. c. Part.); 7, I (+ A. c. I.)
verba sentiendi et declarandi, 7 (+ A. c. I.); 145, III, 8 (+ *ut/ne*)
verba timendi, 146, II
verba voluntatis, 27, III (+ Ac. c. Part.); 9 (+ A. c. I.); —
quanto à forma e à função:
verbos ativos (com significado passivo), 60, I
verbos causativos, *58, III, 2
verbos compostos, 73, II, 1; cf. 75, II; 73, II, 2; cf. 77, III
verbos depoentes, *58, II (origem e natureza); — o part. Pf. de verbos depoentes, 24, I–II
verbos impessoais, 39 (as três categorias na V. A.); — construídos com o Inf. subjetivo, 2, II, 1; com o A. c. I., 10, II; com *ut/ne*, 146, I; com o ac. de pessoa, 73, I, 2; com o gen. de causa, 89, I, 2
verbos incoativos, *43, IV (nota)
verbos intransitivos, 40, I (nota); admitem na V. P. só as formas impessoais, 59, III; — cf. também *58, III, 5
verbos iterativos, *43, IV (nota)
verbos transitivos, 40, I (nota)
verbos transitivos-predicativos, 75, I; cf. 59, II, 2
verbos transitivos-relativos, 77, I, 1; cf. 34, II

Vocativo: 92

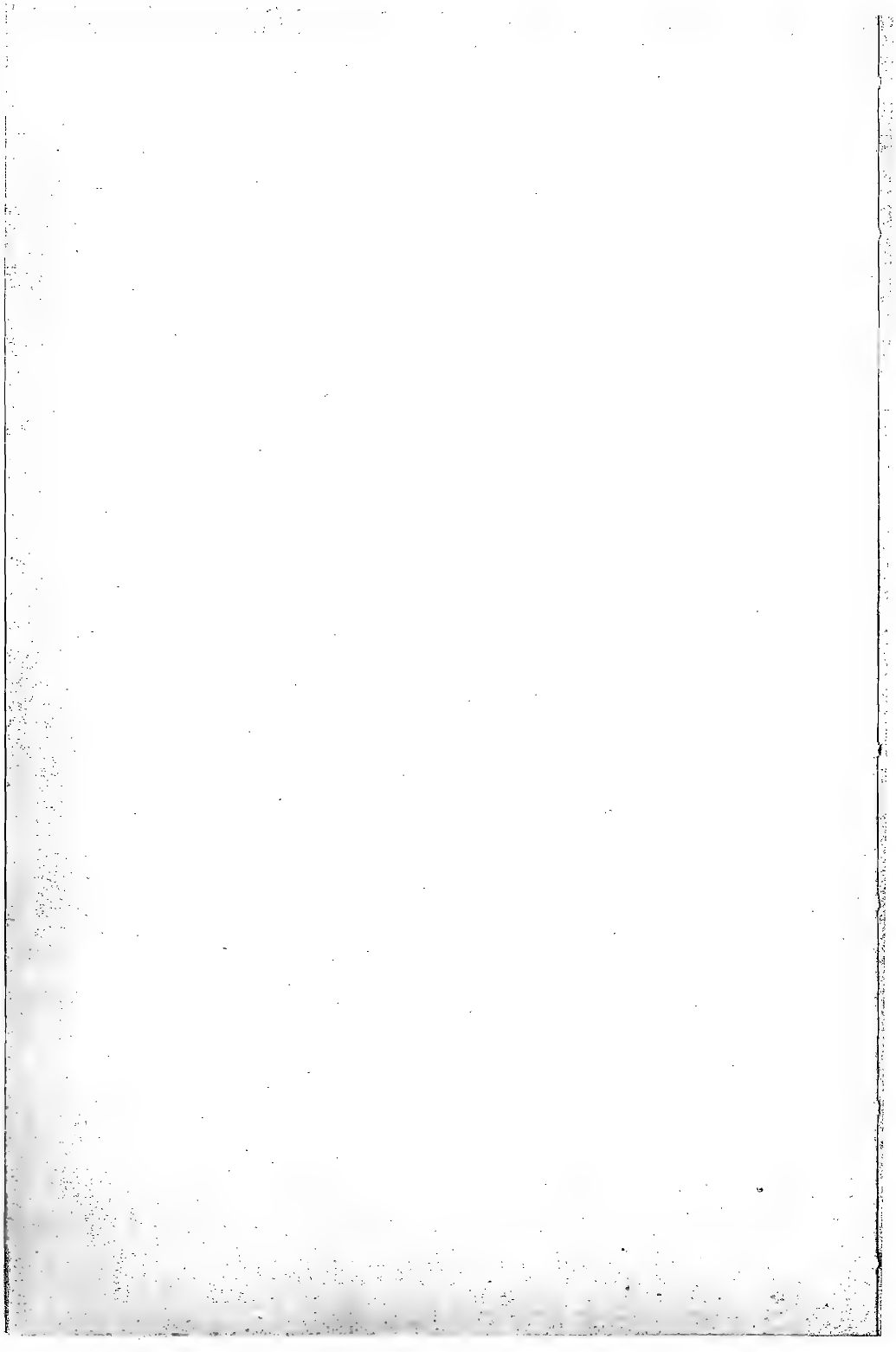
Vozes do verbo: 58–60 (em geral); cf. 37, V

Voz ativa: a conversão da V. A. para a V. P., 59; — significado passivo de formas ativas, 60, I, 1

Voz média: as funções da V. M., *58, III; —
a passagem da V. M. para a V. P., *58, IV; —
fundiu-se, em latim, com a V. P., 58, I; cf. 60, II, 1; 60, III, 2

Voz passiva: a origem da V. P., *58, IV; —
formas pessoais e impessoais da V. P., 40; —
às vêzes, exprime ainda reflexividade, 60, II, 1; —
com alguns verbos a passividade é duas vêzes expressa, 60, II, 2; circunlocuções da V. P., 60, III, 1;
a V. P. combinada com o ac. de relação, 60, III, 2

Zeugma: 247.



II

# ÍNDICE ANALÍTICO DOS VOCÁBULOS LATINOS

## A


*ab:* 124 (sinopse); 82, I, 2c (+ abl. sep.); 31, IV (+ gerúndio/gerundivo)

*abesse:* 74, II (+ ac. de extensão); 84, IV, 1 (+ abl. de medida); 82, I, 2a (nota 1) (+ *ab*); — *longe/multum abest ut*, 148, I; *tantum abest ut*.... *ut (etiam/contra)*, 148, II, 6; *non multum abest quin*, 149, I

*abhinc:* 74, III, 2b (+ ac. ou abl.)

*absens:* 29, I, 1

*absolvĕre:* 89, I, 3 (+ gen. de crime)

*absque:* 125

*abstinēre (se):* 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl. sep.)

*abundare:* 84, I, 2c (+ abl. instr.); 89, I, 4 (+ gen.)

*abuti:* 84, I, 2b (+ abl. instr.); *ibidem* (nota 2) (+ ac.); cf. 30, I, 4; — construção "gerundival", 32, III, 3; construção do gerundivo de *abuti* como part. de necessidade, 34, I, 3

*ac:* 201, I, 3 (sinopse); cf. 164, IV (partícula de comparação)

*accēdit:* 39, III (imp.); *accedit ut*, 148, I; *(huc) accedit quod*, 210, II, 1d; cf. 148, II, 1

*acceptus:* 80, I (+ dat.)

*accĭdit:* 39, III (imp.); *accidere* (lit. e fig.), 77, III; *accidit ut*, 148, I; *bene/male accidit quod*, 210, II, 1d; cf. 148, II, 1; *aliquid humanitus mihi accidit*, 234

*accipĕre:* 34, II, 1 (+ ac. cum gerundivo); *accipere (auribus)* = "ouvir" (+ A. c. I.), 7, I; — cf. *acceptus*

*accommodatus:* 80, III (+ dat.); 31, II, 3 (+ dat. do ger.); 31, III, 1 (+ *ad*)

*accusare:* 74, IV, 2 (+ ac. de relação); 89, I, 3 (+ gen. de crime); *accusare quod*, 210, II, 2b

*acutus:* 29, I, 2 (part. adjetivado)

*ad:* 94 (sinopse geral); 70, II, 1 (aproximação); 89, I, 3b (indica a pena); 31, III, 1 (+ gerúndio e gerundivo)

*ad-:* 72, II, 2

*adeo:* 171 (sinopse); 147, I (+ *ut* consec.); *adeo non*, p. 171, II (nota)

*adeptus:* 24, II (significado passivo)

*adesse:* 77, II (+ dat.); cf. 31, II, 1 (+ dat. do gerúndio); 77, III (lit. e fig.);

*adferre/afferre:* 77, I, 3 (+ dat.); 7, III (+ A. c. I) (= "anunciar")

*adhortari:* 145, II (+ *ut/ne*); *adhortatus*, 24, II (significado passivo)
*adire:* 73, II, 2 (lit. e fig.)
*admiratio:* 60, III, 1 (*hoc apud me in admiratione est*, ou: *hoc mihi admirationi est*)
*admodum:* 172 (sinopse); *admodum quam*, 218, V, 2c
*adjuvare*, 77, II (nota)
*admonēre:* 145, II (+ *ut/ne*); 89, I, 1 (+ gen. objetivo ou *de*)
*adolescens/adulescens:* 29, II, 1 (part. substantivado); 23, II, 2 (construção "participial")
*adversarius:* 80, I (+ dat.)
*adversum/adversus:* 95 (sinopse); cf. 80, I, 2
*advesperascit:* 39, I (imp.)
*aegre:* 183, I (= *vix*); *aegre ferre* (+ A. c. I.), 8, I
*aequare:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)
*aeque:* 164, IV (+ *ac/atque*)
*aequum est:* 54, I, 2 (geralm. no Ind.)
*aes* (sg.) — *aera* (pl.): 217, II, 1
*aestate:* 86, II, 1 (abl. de tempo)
*aestimare:* 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço); 82, V, 2b (+ abl. de relação)
*aetas: id aetatis*, 74, IV, 1; *aetate/aetatibus*, 86, I, 1 (abl. de tempo)
*affectus:* 84, I, 2f (+ abl.)
*afficĕre:* 84, I, 2c (+ abl. instrumental); cf. *affectus*
*affinis:* 80, II (+ dat.)
*affirmare:* 7, III (+ A. c. I.)
*affluĕre:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)
*agĕre:* 83. I, 3 (+ dat. ou *cum*); *id agere ut/ne*, 145, II; *acta agere*, 29, II, 2; *acta est fabula*, 48, II (nota 2); *agere* (*vitam*), 60, I, 2; — cf. as partículas de exortação: *age(dum)* e *agite(dum)*, 55, I, 5; 209, I, 3
*aio:* 7, III (+ A. c. I.)
*alicubi:* 227, I, 3c–d
*alicunde:* 227, I, 3c
*alienus:* 82, I, 2c (+ *ab* e/ou abl.)
*aliquā* (adv.): 227, I, 3c
*aliquando:* 227, I, 3c–d; cf. 152, I, 1 (em correlação com *cum* temporal)
*aliquanto:* 84, IV, 2 (abl. de medida)
*aliquantum:* 74, IV, 2 (ac. de relação); = *aliquanto*, 84, IV, 2b
*aliqui:* 227, I, 1 (adj.)
*aliquid:* 227, I, 1 (pron. ou subst.); 88, V, 1b (+ gen. part.)
*aliquis:* 227, I, 1; *ibidem* (observações a, c, d); = *on* (francês), 41, II, 5
*aliquo* (adv.): 227, I, 3c
*aliter:* combinado com *ac/atque* ou *quam*, 164, IV; 218, V, 2e; cf. *alius*

*alius:* 227, IV; combinado com *ac/atque* ou *quam*, 164, IV; 218, V, 2e; *alius... alius*, e *alii.... alii*, 227, IV, 2; *alius aliter judicat*, e *alius aliud amat*, 227, IV, 3; *alius.... alii*, etc. (emprêgo recíproco), 222

*alter:* 227, IV; cf. 226, V (nota) 227, V, 2; *alter.... alter*, 227, IV, 2; *alter... alterius*, etc.. 222 (emprêgo recíproco)

*altus:* 74, II (+ ac. de extensão)

*amabo (te):* 55, I, 5 (fórmula de cortesia); *amans* (+ gen.), 29, I, 1, nota 3

*amb-:* *93 (IV)

*ambo:* 227, V, 1

*amicus:* 215, IV, 1 (adj. e subst.); regência, 80, I, 1 (dat. ou gen.)

*amplexus:* 24, I (simultaneidade)

*amplius:* 82, III, 2a (com ou sem *quam*)

*an:* *65, I, 1 (nota 4); 65, I–II (emprêgo em perguntas disjuntivas); *an* elíptico, ou *anne*, 66, III; *an vero, ibidem; annon*, 65, I; correlações, *ibidem* (nota 3)

*animadvertĕre:* 7, I (+ A. c. I.)

*animus: animi*, 89, I, 5 (gen. de relação); *in animo habere* (+ Inf. objetivo), 3, II; *animo* (abl. de modo), 83, II, 2b

*anno:* 86, II, 1 (abl. de tempo)

*ante:* 96 (sinopse); cf. 85, III (sentido local); *ante/antea* (+ abl. de medida), 84, IV, 1

*antecedĕre:* 77, IV (+ ac. ou dat.); cf. 84, IV, 1 (+ abl. de medida)

*antecellĕre:* 84, IV, 1 (+ abl. de medida)

*antequam/anteaquam:* 155 (sinopse); cf. 151, I, 4

*appāret:* 10, I, 1 (+ A. c. I.)

*appellare:* 75, I, 1 (+ duplo ac.)

*aptus:* 80, III (+ dat.); cf. 31, II, 3 (+ dat. do gerúndio e gerundivo); 31, III, 1 (+ *ad*); *aptus qui*, 168, IV, 5

*apud:* 97 (sinopse)

*arbitrari:* 7, II (+ A. c. I.); *arbitratus* (simultaneidade), 24, I

*arcēre:* 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl.)

*arcessĕre:* 79, I, 1 (+ duplo dat.)

*arguĕre:* 89, I, 3 (+ gen. de crime)

*arrogans:* 29, I, 1 (part. adjetivado)

*ars:* 31, I, 1 (+ gen.)

*aspergĕre:* 77, V (dupla construção)

*assuefacĕre:* 9, I, 3 (+ A. c. I.); cf. *9, II (9), anotação histórica; 84, I, I, 2c (+ abl. instr.)

*assuescĕre:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat. de aproximação); 84, I, 2c (+ abl. instr.)

*at:* 206, I, 4 (sinopse); combinações *at tamen, at saltem, at certe* (cf. 206, II, 2), usadas em apódose, 57, IV; cf. 160, I, 1 (nota); combinação *at enim*, 204, II, 3; cf. 206, II, 5

*atque:* 201, I, 3 (sinopse); partícula de comparação, 164, IV; combinações: *atque adeo*, 171, III; *atque is*, 224, I, 3 (nota)

*atqui*, 206, I, 6

*attamen*, 193, I; cf. *at*

*auctor:* 23, II, 2 (em construções "participiais")

*audēre:* 3, II (+ Inf. objetivo); *ausus*, 24, I (simultaneidade); *ausa*, 29, 29, II, 2

*audire:* 7, I (+ A. c. I.); *audiri* (+ N. c. I.), 16, I, 3; *audire* (+ Ac. c. Part.), 27, I; *bene/male audire ab aliquo*, 60, I, 1

*auspicato:* *25 (III)

*aut:* 202, I, (sinopse); *aut.... aut, ibidem;* cf. 42, I, 2; outras correlações, 202, II, 3)

*autem:* 206, I, 5 (sinopse)

*autumno:* 86, II, 1 (abl. de tempo)

*auxiliari:* 77, II (+ dat.)

*avidus:* 90, II, 4a (+ gen.); cf. 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)

## B

*belli:* cf. *domi*

*bene:* *bene facio quod*, 210, II, 1d; *bene fit quod, ibidem; bene est/se habet*, 216, II

*benignus:* 80, I (+ dat.)

*bipartito:* *25 (III)

*blandiri:* 77, II (+ dat.); cf. 30. I, 3; construção imp. do gerundivo, 31, II, 3

*bonum est:* 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo); *bonum est quod*, 210, II, e

## C

*canĕre: canere tibiā*, 84, I, 2g; *canere receptui*, 78, II, 1

*cani (capilli):* 215, IV, 1

*capax:* 90, II, 1 (+ gen.)

*carēre:* 82, I, 2b (também nota 1) (+ abl.); 89, I, 4 (+ gen.)

*carus:* 80, I (+ dat.)

*causā:* 140 (pós-posição); combinado com o gen., 88, I, 2; cf. 31, I, 3 (gerúndio e gerundivo); cf. também* 32, I, 1c (notas); exprime finalidade, 84, III, 2c; cf. *gratiā*

*cavēre:* 145, II (+ *ut/ne); cavēre (ut) ne*, 145, III, 4; *cavēre* (+ subj.), 55, III, 3; *cavēre* (+ ac. e dat.), 77, IV; *cavēre ab (ibidem)*

*cedĕre:* 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl.)

*celare:* 75, IV (+ duplo ac.); outras construções, *ibidem* (nota 4)

*cenatus:* 24, III (significado ativo)

*censēre:* 7, II (+ A. c. I.); 34, I, 2 (+ A. c. I. do gerundivo); *censere ut/ne*, 145, III, 8

*cera* (sg.) — *cerae* (pl.): 217, II, 1

*cernĕre:* 7, I (+ A. c. I.); 27, I (+ Ac. c. Part.)
*certare:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)
*certe:* 173, I (sinopse); 57, IV (em apódose); cf. 160, I, 1
*certo:* 173, II (sinopse)
*certus: certiorem facere,* 7, III (+ A. c. I.)
*cetera/ceterum:* 74, IV, 2 (ac. de relação)
*cingi:* 45, II, 2 (pres. resultativo)
*circa:* 98 (sinopse)
*circiter:* 99 (sinopse)
*circum:* 100 (sinopse); cf. 85, II (sentido local)
*circum–:* 73, II, 1 (+ ac.); 75, II (+ duplo ac.)
*circumdare:* 77, V (dupla construção)
*circumfundĕre:* 77, V (dupla construção)
*cis:* 101 (sinopse)
*citra:* 102 (sinopse)
*clam:* 126 (sinopse)
*classis* (sg.) — *classes* (pl.): 217, II, 2
*coemĕre:* 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço)
*coepisse:* 3, II (+ Inf. objetivo); *pons coeptus est deleri,* 60, II, 2; *coepta,* 29, II, 2 (part. substantivado)
*cogĕre:* 9, I, 3; cf. 9, II, 6 (+ A. c. I.); *cogĕre ut/ne,* 145, II; *cogi* (+ N. c. I.), 16, I, 2; *cogi* (pres. resultativo), 45, II, 2; *cogĕre* (+ ac. de relação), 74, IV, 2; anotação histórica, *9, II(9)
*cogitare:* 3, II (+ Inf. objetivo); 7, II (+ A. c. I.); cf. 7, IV
*cognĭtum:* cf. *cognoscĕre*
*cognoscere:* 7, I–II (+ A. c. I.); *cognovisse* (actio perfecta), 48, II; 49, 49, II; 50, II; *cognĭtum habēre,* 52, III
*cognovisse:* cf. *cognoscĕre*
*cohortatus:* 24, II (significado passivo)
*collocare:* 35, I (+ sup. I); 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço); *colloco in mensā,* 85, III, 2
*colloqui:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.); 83, I, 3 (+ *cum*)
*commentus:* 24, II (significado passivo)
*committĕre:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo); 83, I, 3 (+ *cum* ou dat.)
*commonefacĕre:* 89, I, 1 (+ *de* ou gen.)
*commonēre:* 89, I, 1 (+ *de* ou gen.)
*commovēri:* 75, IV, 2 (nota) (+ ac. de relação)
*communicare:* 83, I, 3 (+ *cúm* ou dat.)
*communis:* 90, I (+ gen.)
*comparare* (= *com–parare*): 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço)
*comparare* (∼ *compar*): 83, I, 3 (+ *cum* ou dat.)
*comperire:* 7, I (A. c. I.); *compertum mihi est,* e *compertum habeo,* 52, III

*complecti:* *complexus*, 24 I (simultaneidade)
*complēre:* 84, I, 2a (+ abl. instr.)
*compos:* 90, II, 1 (+ gen.)
*conari:* 3, II (+ Inf. objetivo); *conari si*, 64, I (nota 4); *conata* (part. substantivado), 29, II 2
*concedĕre:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo)
*condemnare:* 210, II, 2b (+ *quod*); 89, I, 3 (+ gen. de crime)
*conditione:* 83, II, 2b (abl. de modo); seguido de *ut*, 147, I
*conducĕre:* 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço)
*conferre:* 77, III (lit. e fig.); 82, V, 2b (+ abl. de relação); 83, I, 3 (+ *cum*, ou dat.)
*confidĕre:* 77, II (+ dat.); cf. *ibidem*(2); 84, I, 2c (+ abl. instr.); *confisus*, 24, I (simultaneidade)
*confirmare:* 7, III (+ A. c. I.)
*confisus:* cf. *confidĕre*
*confitēri:* 7, III (+ A. c. I.); *confessus*, 24, II (significado passivo)
*congregari:* 60, II, 1 (intransitivo)
*congruenter:* 80, II(2) (+ dat.)
*congruĕre:* 82, V, 2b (+ abl. de relação); 83, I, 3 (+ *cum*, ou dat.)
*conjungĕre:* 83, I, 3 (+ *cum*, ou dat.)
*conqueri:* 8, I (+ A. c. I.)
*conscendĕre* (*navem*): 60, I, 2
*consentaneum est:* 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo)
*consentire:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.); 83, I, 3 (+ *cum*)
*consilium:* 31, I, 1 (+gen. do gerúndio ou gerundivo); *consilium capere* (*ut/ne*), 145, II; *consilium capere/inire* (+ Inf. objetivo), 3, II; *consilio* (abl. de modo), 83, II, 2a
*consors:* 90, III (+ gen.)
*constanter:* 80, II, 2 (+ dat.)
*constare:* 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço); — *constat* (imp.), 39, III; *constat* (+ A. c. I.), 10, I, 1
*constituĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 34, II, 2 (+ A. c. I. do gerundivo); *legio constituta est e veteranis*, 52, I
*consuetudo:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*consuevisse:* 48, II; 49, II; 50, II (actio perfecta); 3, II (+ Inf. objetivo;) 47, II (circunlocução da ação durativa)
*consul:* 23, II, 2 (construção "participial")
*consulĕre:* 77, IV (dupla construção)
*consulto:* 83, II, 2a (abl. de modo); cf. *25 (III)
*contendĕre:* 145, II (+ *ut/ne*); *contendĕre pedibus*, 84, I, 2g
*contentus:* 85, II, 6 (+ abl.)
*continens:* 29, II, 1 (part. substantivado)
*continēri:* 45, II, 2 (pres. resultativo)

*contingit:* 148, I (+ *ut*); *ibidem*(2), (+ Inf.)
*contra:* 103 (sinopse); cf. §148, II, 2 (adv.)
*convenienter:* 80, II (2) (+ dat.)
*convenire:* 83, I, 3 (+ *cum*, ou dat.); 77, IV (+ ac. ou dat.)
*convincĕre:* 89, I, 3 (+ gen. de crime)
*copulare:* 77, I, 3 (+ dat.)
*coram:* 127 (sinopse)
*criminari:* 89, I, 3 (+ gen.)
*creare:* 75, I, 1 (+ duplo ac.)
*cum* (preposição): 129 (sinopse); cf. 83, I–II
*cum/quum* (conjunção): 207 (sinopse geral); 152 temporal); — combinações: *cum maxime*, 207, I, 2; *cum . . . . tum*, 207, I, 3; *cum primum*, 154, I, 1; cf. 207, I, 1
*cupĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 9, I (+ A. c. I.); cf. 9, II, 3; 11, II, 2; *cupere* (+ Ac. c. Part.), 27, III; *cupere ut/ne*, 145, II; *cupere* (+ gen.), 89, I, 1 (nota 2)
*cupidus:* 90, II, 4a (+ gen.); cf. 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*cur:* 62, I, 2 (adv. interr.)
*curare:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo); 73, I, 3 (+ ac.); 73, I, 3a (diversos significados); *curare ut/ne*, 145, II

## D

*damnare:* 89, I, 3 (+ gen. de crime)
*dare:* 35, I (+ sup. I); *dare bibĕre,** 17 (III); 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo); *dare* = "oferecer", 47, III; em datações, 52, I; *dare vitio alicui*, 79, I, 1; cf. 8, I (+ A. c. I.); *dare operam* (+ dat. do gerúndivo), 31, II, 1; *dare operam ut/ne*, 145, II
*de:* 130 (sinopse); 82, I, 2a (separação); 31, IV, 2 (+ abl. do gerúndio ou do gerundivo); 89, I, 3a (pelo gen. de crime); 88, V, 2a (pelo gen. partitivo); cf. 218, I, 1; cf. também *88, V, 2 (g); 88, VII (matéria)
*debēre:* 3, II (+ Inf. objetivo); indica posterioridade, 13, II, 3; geralmente usado no Ind., 54, I, 1; cf. 160, II, 4; dupla V. P., 60, II, 2
*decemviri:* 31, II, 2 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo)
*decernĕre:* 3, II, 2 (+ Inf. objetivo); 34, I, 2 (+ A. c. I. do gerundivo)
*decet:* 39, III (verbo imp., mas nem sempre); 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo); 54, I, 1 (geralmente usado no Ind.); 73, I, 2 (+ ac.)
*dedecet:* cf. *decet*
*deesse:* 77, II (+ dat.); 77, II, 6 (absoluto, ou + dat.)
*deferre:* 77, III (lit. e fig.)
*deficĕre:* 73, I, 3 (+ ac.); 73, I, 3a (*deficere ab* e *deficere ad*)
*delectari:* 84, III, 1b (+ *in* e/ou abl.); — *delectat*, 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo)

*demum:* 174 (sinopse)
*denique:* 175 (sinopse)
*deorsum:* 123
*desiderium:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*desinĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); — *desitus sum* + Inf. V. P., 60, II, 2
*desistĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo)
*desperare:* 73, I, 1 (+ ac.)
*deterrēre:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*detrectare:* 73, I, 3 (+ ac.); cf. 73, I, 3c
*dextra* (*manus*): 215, IV, 1 (adjetivação)
*dicĕre:* 7, III (+ A. c. I.); *dici*, 16, I, 3 (+ N. c. I.); *dicere* + duplo ac., 75, I, 1; *bene/male dicere*, 77, II (+ dat.); *dicere ut/ne*, 145, III, 8
*didici:* cf. *discere*
*dies: eo die = hodie* (em estilo epistolar), 52. I; *eo die* (em correlação com *cum* temporal), 152, I, 1; *die/diu* (abl. de tempo/loc.), 86, II, 1; cf. 72, II, 1; *de die*, 130, B2; *in diem/dies*, 137, I, A3
*differre:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.); 82, I, 1a (nota 1) (+ *ab*); 82, V, 2b (+ abl. de relação)
*difficilis:* 80, I (dat.); 36, I (+ sup. II); 31, III, 1 (+ *ad*); — *difficile est*, 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo)
*diffidĕre:* 77, II (+ dat.); 84, I, 2c (+ abl. instr.); — *diffisus*, 24, I (simultaneidade); *diffisus*, 84, I, 2f (+ abl. instr.)
*diffīsus:* cf. *diffidĕre*
*dignus:* 84, I, 2f (+ abl. instrumental); *dignus qui*, 168, IV, 5
*dimittĕre:* 35, I (+ sup. I)
*dis–:* *93 (IV); cf. 82, I, 2a (nota 1)
*discĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); — *didici*, 48, II; 49, II; 50, II (actio perfecta); *discens*, 29, II, 1 (part. substantivado)
*discrepare:* 82, V, 2b (+ abl. de relação)
*dispar:* 80, II (+ dat.); 90, I (+ gen.)
*disputare:* 83, I, 3 (+ *cum*, ou dat.)
*dissentire:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)
*dissimilis:* 80, II, 1 (+ dat.); 90, I (+ gen.)
*distare:* 74, II (+ ac. de extensão); 84, IV, 1 (+ abl. de medida); 82, I, 2a (nota 1) (+ *ab*, ou dat.)
*distinguĕre:* 82, I, 2a (nota 1) (+ *ab*, ou dat.)
*diu:* cf. *dies*
*dives:* 90, II, 4c (+ gen., ou abl. instr.)
*docēre:* 7, III (+ A. c. I., = "participar"); 9, I, 3 (+ A. c. I., = "ensinar"); cf. 9, II, 2; — *doceri*, 16, I, 2 (+ N. c. I.); — *docere* + duplo ac. 75, IV; — *doctus*, 29. I (part. adjetivado)
*dolēre:* 8, I (+ A. c. I.); *dolere* + ac. 73, I, 1; *dolere* + *de* e/ou abl., 84, III, 1b
*dolo:* 83, II, 2a (abl. de modo)

*domus:* *domum*, 70, I (ac. de direção); *domo*, 71, I (abl. de separação); *domi*, 72, I (locativo); *domi militiaeque*, e *domi bellique*, 72, I (loc.)

*donare:* 77, V (dupla construção); cf. 77, V (nota 2)

*donec:* 156 (sinopse)

*dubitare:* 3, II (+ Inf. objetivo); 74, IV, 2 (+ ac. de relação); — *dubito an*, 66, IV; *non dubito quin*, 66, IV (nota 2); — *dubito an* (época imperial), *66, IV (nota 4)

*dubium est an (non):* 66, IV

*ducĕre:* 75, I, 1 (+ duplo ac.); *ducere pro/loco/in numero*, 75, I, 1 (nota 2); *ducere* + duplo dat., 79, I, 3; *ducere (exercitum)*, 60, I, 2; *ducere* (+ gen. de preço), 89, II, 1; *ducere* (+ abl. de preço), 84, II, 1

*dum:* 208 (sinopse geral); cf. 156 (sinopse do emprêgo temporal); *dum* na oração indireta, 257, III, 3; 257, IV; — cf. *dummodo*

*dummodo:* 160, III (= *dum* ou *modo*)

*dumtaxat:* *158, I, 2 (nota 2)

*duumviri:* 31, II, 2 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo)

*dux:* 23, II, 2 (construção "participial")

## E

*eātenus*, 142, II, 6

*ecce:* 73, V, 2 (+ ac. ou nom.); origem da palavra,* 73, V, 2 (nota)

*ecquid:* 63, III, 3 (= *numquid* ou *num?*)

*ecquis:* 63, III, 3 (em perguntas diretas); 64, I (nota 2) (em perguntas indiretas)

*editus:* 82, II (nota) (+ abl. de origem)

*egenus:* 90, II, 4c (+ gen., ou abl.)

*egēre:* 82, I, 2b (+ abl.); cf. também *ibidem* (nota 1); 89, I, 4 (+ gen.)

*efficĕre:* 145, II (+ *ut/ne*)

*eho:* 92 (+ voc.)

*ejus/earum/eorum:* 224, I, 2 (estão pelo pron. poss.); — cf. *is*

*ejusmodi:* 88, IV, 2 (gen. de qualidade); 147, I (seguido de *ut*)

*eligĕre:* 75, I, 1 (+ duplo ac.)

*emĕre:* 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço); — significado original, *73, V, 2 (nota)

*en:* 73, V, 2; cf. também *73, V 2 (nota)

*enim:* 204, I (sinopse)

*enimvero:* 204, II, 3

*eniti et contendĕre:* 235, II (refôrço)

*ens:* *23, I (nota) (anotação histórica)

*eo* (adv.): 88, V, 1c (+ gen. partitivo); em correlação com *ut* final, 144, III, 1; em correlação com *ut* consec., 147, I; — cf. *eo* (pron.)

*eo* (pron.): 84, III, 1c (abl. de causa); 84, IV, 2 (abl. de medida); — em correlação com *quod*, 150, I; com *ut* final, 144, III, 1

*equidem:* 186, II (sinopse)
*erga:* 104 (sinopse); cf. 80, I, 2
*ergo* (conj.): 207, I, 2 (sinopse)
*ergo* (pós-posição): 141
*erudire:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)
*esse:* 31, II, 1 (+ dat. do gerúndio); 88, I, 1 (+ gen. de posse); 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço); 78, I, 2 (+ dat. de posse); 79, I, 2 (+ duplo dat.); — compostos de *esse*, 77, II, 6; — elipse aparente de *esse*. 233, II; cf. 23; — *esse* + part. pres./pf., 19, II, 2a; *esse* + part. fut., 51; — *est/sunt qui*, 168, IV, 1; *est quod*, 168, IV, 6; *est ut*, 148, I; *esto* (partícula concessiva), 57, IV; — *fuit Ilium*, 48, II; — *esse in potestatem*, *85, III, 3
*et:* 201, I, 1 (sinopse); cf. 224, III, 3 (*et ipse*); 42, I, 2 (*et.... et*)
*etenim:* 204, I, 2
*etiam:* 176 (sinopse); 67, II (em respostas)
*etiamdum:* 176, II, 3
*etiamnum/etiamnunc:* 176, II, 3
*etiamsi:* 161
*etiam/etiamtunc:* 176, II, 3
*etsi:* 161 (sinopse); *161 (III) (anotação histórica); 25, II, 3 (em correlação (em construção participial)
*evĕnit:* 148, I (+ *ut*); *illud/hoc evenit quod*, 148, II, 1; *bene evenit quod*, 210, II, 1d
*ex:* 131 (sinopse); 82, I, 2a (indica separação); 88, VII (indica matéria); 88, V, 2g (está pelo gen. partitivo); cf. 88, V, 2a; 218, I, 2 (combinado com superlativo); 31, IV (+ abl. do gerúndio e do gerundivo)
*ex–*: 73, II, 2
*excedĕre:* 73, II, 2 (lit. e fig.)
*excusare:* 73, I, 3 (+ ac.); outras construções, 73, I, 3d
*exercēre:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)
*exercitare:* 84, I 2c (+ abl. instr.)
*existimare:* 7, II (+ A. c. I.); *existimari*, 16, I, 3 (+ N. c. I.); *existimare* + duplo ac., 75, I, 1; 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço)
*exosus:* 24, III (significado ativo)
*expĕdit:* 10, I, 1 (+ A. c. I.); 39, III (imp.); 146, I, 1 (+ *ut/ne*)
*experiri:* 64, I (nota 4) (+ *si*)
*expers:* 90, III (+ gen.)
*explēre:* 84, I, 2c (+ abl. instr.); 89, I, 4 (+ gen.)
*exploratum habeo:* 52, III (actio perfecta)
*exsors:* 90, III (+ gen.)
*exspectare:* 158, II (sinopse); cf. 64, I (nota 4)
*exsul:* 90, III (+ gen)
*extra:* 105 (sinopse)

*extremum atque ultimum:* 235, II (refôrço)

*extremus:* 215, III (emprêgo restritivo)

*exuĕre:* 77, V (dupla construção); cf. também *ibidem* (notas 1 e 3); cf. 82, I, 2b (+ abl. sep.)

## F

*fabulari:* 7, III (+ A. c. I.)

*facĕre:* 7, II (+ A. c. I., = "supor"); 27, II (+ A. c. Part., = "introduzir, fazer"); 145, II (+ *ut/ne*, = "fazer com que"); 148, I (+ *ut* consec.); 75, I, 1 (+ duplo ac., = "tornar"); 89, II, 1 (+ gen. de preço, = "avaliar"); — cf. *fac (ut)/ne*, 145, III, 5

*facilis:* 80, I (+ dat.); 36, I (+ sup. II); 31, III, 1 (+ *ad*); — *facile est*, 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo)

*facultas:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)

*fallit:* 73, I, 2 (+ ac.)

*fama est:* 10, I, 2 (+ A. c. I.)

*fari:* 7, III (+ A. c. I.)

*fas est:* 10, I, 2 (+ A. c. I.); 36, II (+ sup. II)

*fastidire:* 89, I, 1 (+ gen.)

*fatēri:* 7, III (+ A. c. I.)

*favēre:* 77, II (+ dat.)

*fer(m)e:* 177 (sinopse)

*ferre:* 77, I, 3 (+ dat.); *aegre/graviter/moleste ferre*, 8, I (+ A. c. I.); *non est ferendum quod*, 210, II 1e; — *ferunt*, 7, III (+ A. c. I.); *fertur/feruntur*, 16, I, 3 (+ N. c. I.)

*fessus:* 90, II, 3 (+ gen.)

*fidĕre:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)

*fieri: fieri non potest ut*, 148, I; *fieri non potest quin*, 149, I, 1; *male fit/factum est quod*, 148, II, 1; — cf. *fore ut; fit ut*, 148, I; cf. 39, III

*fingĕre:* 27, II (+ Ac. c. Part.)

*finire:* 82, V, 2b (+ abl. de relação)

*fisus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.)

*flagitare:* 75, IV (+ duplo ac.); 145, II (+ *ut/ne*)

*flocci:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*flumen:* 88, VI, 2a (apôsto)

*foras:* 70, II, 8 (ac. de direção)

*fore ut:* 13, II, 2 (fut. de *fit ut*)

*foris:* 71, II, 4 (abl. separativo); 72, II, 1 (locativo)

*forsitan/forsan:* 66, IV (nota 2)

*fraude:* 83, II, 2a (abl. de modo)

*frugi:* *78, II, 1 (nota) (palavra indecl.)

*frui:* 84, I, 2b (+ abl. instr.); regia, originàriamente, o ac., 84, I, 2b (nota 2); suas construções no gerúndio e gerundivo, 30, I, 4; cf. 31, II, 3; 32, III 3

*frustra:* 178, II (predicativo); cf. 179, III (notas)

*fugit:* 73, I, 2 (+ ac.)

*fuit Ilium:* cf. *esse*

*fulget:* 39, I (imp.)

*fulgurat:* 39, I (imp.)

*fulminat:* 39, I (imp.)

*fungi:* 84, I, 2b (+ abl. instr.); regia, originàriamente, o ac., 84, I, 2b (nota 2); suas construções no gerundivo, e no gerúndio, 30, I, 4; cf. 31, II, 3; 32, III, 3

*futurum esse ut:* cf. *fore ut*

*futurum:* 29, II, 3 (part. substantivado); — *futurus*, 29, I, 3 (part. adjetivado)

## G

*gaudēre:* 8, I (+ A. c. I.); *gaudere quod*, 210, II, 2a; *gaudere* + ac., 73, I, 1; *gaudere* + *de/in*, ou + simples abl. de causa, 84, III, 1b; — — *gavīsus*, 24, I (simultaneidade)

*gelat:* 39, I (imp.)

*genĭtus:* 82, II (+ abl. de origem)

*genus: id genus*, 74, IV, 1 (ac. de relação); — *genere* (abl. de origem), 82, II

*gestire:* 3, II (+ Inf. objetivo)

*gloriari:* 84, III, 1b (+ *de*, e/ou abl.)

*gnarus:* 90, II, 1 (+ gen.)

*grandinat:* 39, I (imp.)

*grando* (sg.) — *grandines* (pl.): 217, II, 1

*gratiā:* 140 (pós-posição); combinado com o gen., 88, I, 2; cf. 31, I, 3 (gerúndio e gerundivo); cf. também* 32, I, 1c (notas); exprime finalidade, 84, III, 2c; — cf. *causā*

*gratias agĕre/referre:* 210, II 2b (+ *quod*)

*grati(i)s:* 84, II, 2 (abl. de preço)

*gratulari:* 77, II (+ dat.); outras construções, 77, II, 1–2; *gratulari quod*, 210, II, 2b

*gratus:* 80, I (+ dat.)

*gravari:* 8, I (+ A. c. I.)

*graviter ferre:* cf. *ferre*

## H

*habēre:* 75, I, 1 (+ duplo ac.); *habēre pro/loco/in numero*, 75, I (nota); 79, I, 3 (+ duplo dat.); — *urbem captam habeo*, 52, II; — *habeo quod*, 168, IV, 6

*hactenus*, 142, IIC

*haerēre:* 77, I, 3 (+ dat.)

*haud/haut:* 170, I, 3 (sinopse); — *haud ignoro,* 240 (lítotes); *haud impiger,* 170, II, 3 (significado positivo); *haud nolo,* 170, II, 3 (significado negativo); *haud perinde,* 186, II, 2; *haud scio an (non),* 66, IV; cf. *66, IV (nota 4) (significado na época imperial); *haud temere,* 195, II

*haudquāquam:* 179, III

*(h)ei:* 78, I, 1 (+ dat.)

*heri:* 72, II, 1 (loc.)

*heus:* 92 (+ voc.)

*hiberna (castra):* 215, IV, 1 (adj. substantivado)

*hic* (pron.): 223 (sinopse); cf. *hoc/istud/illud/id*

*hieme:* 86, II, 1 (abl. de tempo)

*hoc/istud/illud/id:* 74, IV, 2 (ac. de relação)

*hodieque:* 201, II, 2

*horrēre:* 73, I, 1 (+ ac.)

*hortari:* 145, II (+ *ut/ne*)

*hostilis:* 80, I (+ dat.)

*humus: humi,* 72, I (loc.)

## I

*id:* 74, IV, 2 (ac. de relação); 88, 4, lb (+ gen. partitivo); — *id quod,* 167, III

*idcirco:* 144, III, 1 (em correlação com *ut/ne*); 150, I (em correlação com *quod*)

*idem:* 224, III (sinopse); *idem ac/atque/et,* 164, IV; *idem qui,* 164, IV

*idemque:* 224, III, 2

*ideo:* 144, III, 1 (em correlação com *ut/ne*); 150. I (em correlação com *quod*)

*idoneus:* 80, III (+ dat.); cf. 31, II, 3 (gerúndio e gerundivo); 31, III, 1 (+ *ad*); *idoneus qui,* 168, IV, 5

*igitur:* 207, I, 2 (sinopse)

*ignarus:* 90, II, 1 (+ gen.)

*ille:* 223 (sinopse); *illud,* 74, IV, 2 (ac. de relação); 249 (emprêgo na oração indireta); cf. 251, IV

*imbuĕre:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)

*immemor:* 90, II, 4a (+ gen.); cf. 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)

*imminēre:* 77, II (+ dat.); cf. *ibidem*(4)

*immittĕre:* 77, I, 3 (+ dat.)

*immo:* 179 (sinopse); combinações *immo/etiam/potius vero* 179, *quin immo,* 187, I, 4

*impedire:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)

*impendĕre:* 31, II, 1 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo)

*imperare:* 145, II (+ *ut/ne*); cf. 145, III, 9

*imperitus:* 90, II, 1 (+ gen.); cf. 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*impertire:* 89, I, 4 (+ gen.)
*impetrare:* 145, II (+ *ut/ne*); 47, III (= "esforçar-se por obter")
*implēre:* 84, I, 2a (+ abl. instr.); 89, I, 4 (+ gen.)
*imprimis* (*in primis*): 137, II, C4
*imprudens:* 23, II, 1 (construção "participial")
*imus:* 215, III (emprêgo restritivo)
*in:* 137 (sinopse); combinado com o ac.: 70, II, 1 (idéia de penetração); 80, I, 2 (relações de amizade ou de inimizade); 89, I, 3b (indica a pena); cf. *85, III (3) (ac. pelo abl.); 31, III, 1 (gerúndio e gerundivo); — combinado com o abl.: 85, III (loc.); cf. 85, III, 1–2; 86, I, 2 (tempo); cf. 86, II; 31, IV, 2 (+ abl. do gerúndio e do gerundivo)
*in–*: 72, II, 2
*inanis:* 90, II, 4c (+ gen., ou abl.)
*inceptum:* cf. *incipĕre*
*incertum est an* (*non*): 66, IV; cf. *66, IV (nota)
*incertus:* 90, II, 1 (+ gen.)
*incipĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); *inceptum,* 29, II, 2 (part. substantivado)
*incolumis:* 23, II, 1 (construção "participial")
*incredibilis:* 36, II (+ sup. II)
*incusare:* 89, I, 3 (+ gen. de crime)
*indigēre:* 89, I, 4 (+ gen.); 82, I, 2b (+ abl.); cf. *ibidem,* nota 1
*indignari:* 8, I (+ A. c. I.); 73, I, 1 (+ ac.)
*indignus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.); *indignus qui,* 168, IV, 5
*inducĕre:* 27, II (+ Ac. c. Part.)
*induĕre:* 60, III, 2 (dupla construção); *indui,* 60, III, 2 (V. M.)
*infensus:* 80, I (+ dat.)
*inferre:* 77, I, 3 (+ dat.)
*infestus:* 80, I (+ dat.)
*infimus:* 215, III (emprêgo restritivo)
*infitiari:* 7, III (+ A. c. I.)
*infitias ire:* 70, II, 5 (ac. de direção)
*infra:* 106 (sinopse); 84, IV, 1 (+ abl. de medida)
*ingredi:* 73, II, 2 (lit. e fig.)
*inimicus:* 80, I (+ dat.); 80, I, 1 (adj. e subst.)
*initio:* 86, II, 1 (abl. de tempo)
*injicĕre:* 77, III (fig. e lit.)
*injuriā:* 83, II, 2a (abl. de modo)
*injussu:* 84, III, 1c (abl. de causa)
*inops:* 90, II, 4c (+ gen., ou abl.)
*inscribi:* 45, II, 2 (pres. resultativo)
*instar:* *88, I(6) (sinopse)

*instituĕre:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)
*insuetus:* 90. II, 1 (+ gen.); 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*insula:* 88, VI, 2a (+ apôsto)
*integer:* 90, II, 3 (+ gen.)
*intellegĕre:* 7, II (+ A. c. I.)
*inter:* 107 (sinopse); 86, I, 2 (temporal); 31, III, 2 (+ gerúndio e gerundivo)
*intercludĕre:* 82, I, 2a (+ *ab*, e/ou abl.)
*interdicĕre:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*); 82, I, 2a (nota 2) (+ abl. sep.)
*interdiu:* 72, II, 1 (loc.); cf. 86, II,1
*interesse:* 77, II (+ dat.); 77, III (lit. e fig.); — *interest*, imp., 39, III; *interest* (+ A. c. I.), 10, I, 1; *interest* (+ gen. de preço), 89, II, 2; — anotação histórica, *89, II, 2 (nota 3)
*interire:* 60, I (*ab aliquo*)
*inter nos/vos/se:* 222 (função recíproca)
*intimus:* 215, III (emprêgo restritivo)
*intra:* 108 (sinopse); cf. 86, I, 2 (temporal)
*invenire: inveniuntur qui*, 168, IV, 1; *inveniri*, 16, I, 3 (+ N. c. I.)
*invicem:* 222 (função recíproca)
*invidia:* 60, III, 1 (*hoc apud me invidiae est*, ou: *hoc mihi invidiae est*)
*invidēre:* 77, II (+ dat.); cf. 77, II, 1 (nota)
*invisus:* 80, II (+ dat.)
*invitus:* 23, II, 1 (construção "participial")
*ipse:* 229, II (sinopse); 249 (na oração indireta); cf. 251, I; — *ipse quoque, et ipse*, 224, III, 3
*irasci:* 60, II, 1 (V. M.)
*ire:* 35, I (+ sup. I); *17 (III) (+ Inf.)
*is:* 224, I (sinopse); 249, nota 1 (na oração indireta); cf. 251, IV–V; — (*is*) *qui* (+ Ind.), 225, II; *is qui* (+ Subj.), 168, IV, 1; *is.... ut*, 147, I
*iste:* 223 (sinopse); *istud*, 74, IV, 2 (ac. de relação)
*ita:* 178 (sinopse); *ita* (*vero*), 67, II (em respostas); — *ita mehercle*, 233, I (elipse); *ita me di ament*, 180, II, 4 (em votos e afirmações); *ita est/se res habet*, 180. II, 3; — correlações: *ita.... ut* (+ Ind.), 164, I (comparação); *ita.... ut* (em votos e afirmações), 211, I, 1a; *ita.... ut* (+ Subj.), 147, I; *ita..... quam* (comparação), 218, V, 2a
*itane:* 178, II, 2 (em perguntas)
*itaque:* 207, I, 1 (sinopse); cf. *itáque*, 207, II, 1
*item:* 224, III, 3; *item.... ut* (comparação), 164, I; *non item*, 170, I, 1 (nota 2)
*iterum:* 216, I (nota)

## J

*jam*, 152, I, 2 (com *cum* inverso)
*jubēre:* 9, I, 3 (+ A. c. I.); cf. 9, II, 6; — *juberi*, 16, I, 2 (+ N. c. I.); *jubere ut/ne*, 145, II; cf. 145, III, 9
*jucundum est quod:* 210: II, 1e
*jucundus:* 36, II (+ sup. II)
*judex:* 23, II, 2 (construção "participial")
*judicare:* 7, II (+ A. c. I.); *judicari*, 16, I, 3 (+ N. c. I.); *judicare* (+ abl. de relação), 82, V, 2b
*judicium: meo judicio*, 82, IV, 2a (abl. de relação)
*jungĕre:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.); 83, I, 3 (+ *cum*)
*jurare:* 7, III (+ A. c. I.); cf. 13, I; — *juratus*, 24, III (significado ativo)
*jure:* 83, II, 2a (abl. de modo)
*jus est:* 10, I, 2 (+ A. c. I.)
*jus jurandum (dare)*: 7, III (+ A. c. I.)
*jussu:* 84, III, 1c (abl. de causa)
*juvat:* 73, I, 2 (+ ac.)
*juxta:* 109 (sinopse)

## K

*Kalendis:* 86, II, 1 (abl. de tempo)

## L

*laborare:* 145, II (+ *ut/ne*)
*laetari:* 8, I (+ A. c. I.); 60, II, 1 (V. M.); 73, I, 1 (+ ac.); 74, IV, 2 (nota) (+ ac. de relação); 84, III, 1b (+ *de*, e/ou abl.)
*laetus:* 90, II, 3 (+ gen.)
*laeva (manus)*: 215, IV, 1 (adj. substantivada)
*latēre:* 73, I, 3 (+ ac.)
*lātus:* 74, II (+ ac. de extensão)
*laudatus sum/fui:* *52, I (nota 2)
*laus: magna laus est quod*, 148, II, 1
*lavari:* 60, II, 1 (V. M.)
*lex est ut:* 148, I; — *lege*, 83, II, 2b (abl. de modo)
*libens:* 215, III (semi-predicativo)
*liber:* 82, I, 2c (+ *ab* e/ou abl)
*liberare:* 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl.)
*libet/lubet:* 39, III (imp.); 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo)
*licēre* (= "estar à venda"): 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço)

*licet:* 39, III (imp.); 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo); 10, II, 3 (várias construções); 146, I, 1 (+ Subj.); — *licet* (conjunção), 162, I, 3; cf. 25, II, 3 (em correlação com particípio)

*litus* (sg.) — *litora* (pl.): 217, II, 2

*locare:* 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço)

*locus: locus est ut,* 148, I; *locus est* (+ Inf.), 148, II, 2; — *loco* (abl. de origem), 82, II; *loco* (abl. de lugar), 85, II, 1; *loco* (sentido figurado), 85, II, 1; cf. 75, I (nota 1)

*longe:* 218, IV, 1 (+ superlativo); 84, IV, 4a (+ comparativo); — cf. *abesse;* — *longius* (com ou sem *quam*), 82, III, 2a

*longus:* 74, II (+ ac. de extensão); — *longum est,* 54, I, 2

*loqui:* 7, III (+ A. c. I.); 83, I, 3 (+ *cum,* ou dat.); cf. 77, I, 3 (nota 2)

*luce/luci:* 72, II, 1 (loc.); 86, II, 1 (abl. de tempo); *primā luce,* 86, II, 1

*lucescit/luciscit:* 39, I (imp.)

*ludĕre:* 73, I, 1 (+ ac.); — *ludere aleā,* 84, I, 2g

*lugēre:* 8, I (+ A. c. I.)

## M

*maerēre:* 8, I (+ A. c. I.); 84, III, 1b (+ abl. de causa)

*maestum esse:* 74, IV, 2 (+ ac. de relação)

*magis:* 206, I, 7 (conj. adversativa); — 218, II, 2 (está pela forma sintética do grau comparativo); cf. 218, III, 1

*magni:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*magno:* 84, II, 1 (abl. de preço)

*magnopere:* 218, III, 3

*malle:* 3, II (+ Inf. objetivo); 9, I (+ A. c. I.); cf. 9, II, 1; cf. também 11, II, 2; — 27, III (+ Ac. c. Part.); — 145, II (+ *ut/ne*)

*mandare:* 145, III, 9 (+ *ut/ne*)

*mandatu:* 84, III, 1c (abl. de causa)

*maxime:* 218, III, 1; *cum maxime,* cf. *cum*

*maximi:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*medēri:* 77, II (+ dat.)

*meditatus:* 24, II (significado passivo)

*medius:* 215, III (emprêgo restritivo)

*mei:* 219, I (gen. objetivo); 219, I (gen. partitivo); cf. 88, III, 1; cf. também 88, V, 2f

*melius est:* 54, I, 2 (geralmente no Ind.)

*meminisse:* 48, II (actio perfecta); cf. 49, II; cf. também 50, II; — 7, II (+ A. c. I.), *13, II, 5 (diversas construções); — 89, I, 1 (+ gen., ou *de*)

*memor:* 90, II, 4a (+ gen.); 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)

*mens: venit mihi in mentem,* 89, I, 1 (nota 1); — *mente* (abl. de modo), 83, II, 2b; — *mentis* (gen. de relação), 89, I, 5

*merēri (stipendia):* 60, I, 2

*merito:* 83, II, 2a (abl. de modo)
*metiri:* 82, V, 2b (+ abl. de relação)
*metuĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 77, IV (+ ac., ou dat.); 146, II, 1 (+ *ne*); — *metuens* (+ gen.), 29, I, 1, nota 3
*metus:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*mihi:* 78, I, 3 (dat. ético)
*militiae:* cf. *domi*
*mille:* 88, 4, 2c (adj. no sg. subst. no pl.); — cf. 213, III (constructio ad sensum)
*minari:* 7, III (+ A. c. I.); cf. 13, I; — 77, II (+ dat.); cf. *ibidem*, 1 e 4
*minime:* 179, III; — *minime (vero)*, 67, II (em respostas)
*minimi:* 89, II, 1 (gen. de preço)
*minimo:* 84, II, 1 (abl. de preço)
*minitari:* cf. *minari*
*ministrare:* *17 (III) (+ Inf. final)
*minoris:* 89, II, 1 (gen. de preço)
*minus* (adv.): 179, I (sinopse); 82, III, 2a (com ou sem *quam*)
*minus* (sg. neutro de *minor*): 88, V, 1b (+ gen. partitivo)
*mirabilis:* 36, II (+ sup. II)
*mirum quam/quantum:* 66, I; cf. 218, V, 2c
*miscēre:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)
*miserēri:* 89, I, 2 (+ gen.); outras construções, *ibidem*, nota 2
*miseret:* 73, I, 2 (+ ac. de pessoa); 89, I, 2 (+ gen. de causa)
*mittĕre:* 35, I (+ Sup. I); *17 (III) (+ Inf. final); — 77, I, 3 (+ dat.); 79, I, 1 (+ duplo dat.); — *mittere quod*, 210, II, 1d
*modŏ* (adv.): 180 (sinopse); — *modo non*, 180, I, 4; — *modo* (conj.), 160, III
*modus: ejusmodi*, 88, IV, 2 (gen. de qualidade); — *eodem modō... quō*, 164, I (nota 1); cf. *eo modō... quo*, 211, I, 1; — *eum in modum*, 164, I; — cf. *quomodo; quemadmodum*, etc.
*moleste ferre:* cf. *ferre*
*molestum est quod:* 210, II, 1e
*monitu:* 84, III, 1c (abl. de causa)
*morari:* 73, I, 3 (+ ac.); diversos significados, 73, I, 3a
*mos: mos est*, 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo); *mos est ut*, 148, I; *moris est*, 148, II, 3; — *mos*, 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo); — *more institutoque*, 83, II, 2a (abl. de modo); *suo more*, 83, II, 2a (abl. de modo)
*movēre: movēre (castra)*, 60, I, 2; — 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl.); *movēri*, 60, II, 1 (V. M.)
*multare:* 89, I, 3 (+ gen. de crime)
*multi* (nom. pl.): 88, V, 1a (nota) (+ gen. partitivo); 88, V, 2a (+ *de/ex*)
*multo:* 84, IV, 2 (abl. de medida); 218, IV, 1 (+ superlativo)
*multum:* 74, IV, 2 (ac. de relação); 84, IV, 2b (= *multo*); cf. 218, III, 3; — 88, V, 1b (+ gen. partitivo); — cf. *abesse*

## N

*nam:* 204, I (sinopse); 62, II, 2 (em perguntas)

*namque:* 204, I, 2

*narrare:* 7, III (+ A. c. I.)

*nasci:* 82, II (+ abl. de origem); — *natus est* (+ac. de duração), 74, III, 2c

*naturā loci:* 84, III, 1c

*natus* (subst.): *natu*, abl. de relação, 82, V, 2a

*nē/nae:* 181 (sinopse)

*nĕ* (negação): 170, I, 2; cf. 203, I

*nē* (negação): 170, I, 2 (sinopse); 55, II, 1 (em proibições); 56, I (em frases optativas); 57, I (com o subj. jussivo e exortativo); 57, III (com o subj. permissivo); 57, IV (com o subj. concessivo); — *ne.... quidem*, 188, I, 1d; — conjunção final (negativa), 144, I; — usada depois de verba timendi, 146, II, 1; depois de verba impediendi, 146, III, 1; — *ne non* = *ut* (depois de verba timendi), 146, II, 3; — cf. *ne quid; ne quis;* etc.

*–nĕ* (partícula interr.): 63, II; 64, I (em perguntas indiretas); *–ne.... an*, 65, I

*ne quid:* 147, III, 1 (final)

*ne quis:* 147, III, 1 (final)

*ne umquam:* 147, III, 1 (final)

*ne usquam:* 147, III, 1 (final)

*nec/neque:* 203, I; *nec.... nec*, 42, I, 2 (emprêgo do sg.); *nec numquam*, 170, II, 3 (significado positivo); cf. *neque is; neque tamen.*

*necessarius:* 31, III, 1 (+ *ad* e ac. do gerúndio e do gerundivo)

*necesse est:* 54, I, 2 (geralmente usado no Ind.); 10, I, 1 (+ A. c. I.); cf. 10, II, 3 (diversas construções); *necesse est ut/ne*, 146, I

*necne:* 65, II

*necnon:* 170, II, 2

*nedum:* 182 (sinopse)

*nefas est:* 10, I, 2 (+ A. c. I.); 36, II (+ sup. II)

*negare:* 7, III (+ A. c. I.); *negari*, 16, I, 3 (+ N. c. I.); *negare ut/ne*, 145, III, 8

*nemo:* 227, III, 1 e 3; 88, V, 2a (+ gen. partitivo, ou *de/es*); *nemo non*, 170, II, 2

*nempe:* 188, I, 1; cf. 200, III

*nequāquam:* 179, III

*neque is:* 224, I, 3 (nota)

*neque tamen:* 149, II, 4

*nequiquam:* 179, III (nota)

*nequire:* 3, II (+ Inf. objetivo); 60, II, (dupla V. P.)

*nescire:* 3, II (+ Inf. objetivo); 7, II (+ A. c. I.); — *nescio quis fecit/fecerit,* 66, I; *nescio an (non),* 66, IV cf. *66, IV (nota) (latim imperial); *nescio quomodo,* 66, I; *nescio ubi,* 66. I

*nescius:* 90, II, 4a (+ gen.); 23, II, 1 (em construções "participais"); cf. 215, II

*neuter:* 226, V (nota); cf. 227, V, 2

*neutiquam:* 179, III (negação forte)

*neve/neu:* 203, II; cf. 144, II, 3

*ni:* 160, I, 2

*nihil:* 227, III, 2; 88, V, 1b (+ gen. partitivo); cf. 88, V. 2d; *nihil sane,* 67, II (em respostas); *nihil non,* 170, II, 2; *nihil aliud quam/nisi,* 164, IV; *nihil relinquitur nisi ut,* 148, I; — cf. as palavras seguintes

*nihildum;* 209, I, 2

*nihili:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*nihilo:* 84, II, 1 (abl. de preço)

*nihilominus:* 179, I, 4; cf. 84, IV, 2

*nihilosetius:* 179, I, 4

*nimis/nimium:* 218, I, 3; 88, V, lb (+ gen. partitivo); *nimis quam,* 218, V, 2c

*ning(u)it:* 39, I (imp.)

*nisi:* 160, I, 1 (conjunção); 160, I, 4 (adv.); *nisi vero/forte,* 160, I, 3 (+ Ind.); *nisi quod,* 160, I, 4; cf. 210, II, 1c; *nisi* = "sem", 149; II, 4; 25, II, I (em correlação com particípio); *nisi si,* 160, I, 4 (nota 2)

*nisus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.)

*nili:* 84, I, 2c (+ abl. instr.); cf. *nisus* e *nixus*

*nix*(sg.) — *nives* (pl.): 217, II, 1

*nixus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.)

*nobis:* 78, I, 3 (dat. ético)

*nocēre:* 77, II (+ dat.); cf. 30, I, 3 (gerúndio e gerundivo); 32, III, 3 (construção imp. do gerundivo); cf. 34, II, 3

*nocte/noctu:* 72, II, 1 (loc.); 86, II, 1 (abl. de tempo)

*nocturnus:* 215, II (nota 2) (emprêgo modal)

*nolle:* 3, II (+ Inf. objetivo); 9, I (+ A. c.-I.); cf. 9, II, 1; cf. também 11, II, 2; 27, III (+ Ac. c. Part.); 145, II (+ *ut/ne*); — *noli(te),* 55, II, 2d (em proibições); — formas do potencial: *nolim* e *nollem,* 56, I (nota)

*nomen: nomine,* 82, V, 2a (abl. de relação); — *nomen est mihi Antonius/Antonio,* 78, I, 2 (nota 2); *nomine tenus,* 142, IIC

*non:* 170, I, 1 (sinopse); 56, II (com o potencial); 57, V (com o subj. dubitativo)

*non invitus:* 240 (lítotes)

*non ita/vero:* 67, II (em respostas)

*non item:* 170, I, 1 (nota 2)

*non modo/solum/tantum . . . sed/verumetiam:* 181, I, 1; 201, III, 3

*non nemo:* 170, II, 2
*non quin..... sed quia/quod:* 150, II, 2 (nota 1)
*non quo.... sed/quod/quia:* 150, II, 2 (nota 1)
*non quod/quia...., sed quod/quia:* 150, II, 2
*non temere:* 195 (nota 2)
*nondum:* 209, I, 2
*nonne:* 63, II (em perguntas diretas); 64, I (em perguntas indiretas)
*nonnihil:* 170, II, 2
*nonnisi:* 160, I, 4
*nonnulli:* 227, I, 1
*nonnumquam:* 170, II, 2
*nonnusquam:* 170, II, 2
*nostri:* 88, III, 1 (gen. objetivo); cf. 219, I
*nostrum:* 88, V, 2f (gen. partitivo); cf. 219, I
*novissimus:* 215, II (emprêgo modal); cf. também *ibidem*, nota 1; 215, III (emprêgo restritivo)
*nox: illā nocte* (em correlação com *cum* temporal), 152, I; cf. *nocte/noctu de nocte*, 130, B2
*nubĕre:* 77, II (+ dat.); cf. *ibidem*(3)
*nudare:* 82, I, 2b (+ *ab* e/ou abl.)
*nudus:* 82, I, 2c (+ *ab* e/ou abl.)
*nullātenus;* 142, IIC
*nullus:* 227, III, 1 e 3; cf. 149, II, 2 e 3; 88, V, 2a (+ gen. partitivo, ou *de/ex*)
*num:* 63, II (em perguntas diretas); 64, I (em perguntas indiretas)
*numerus: in numero*, 75, I, nota 1
*numquam non:* 170, II, 2
*numquid;* 63, II (= *num*)
*nunc:* 196, II (sinopse); em correlação com *cum* temporal, 152, I, 1
*nuntiare:* 7, III (+ A. c. I.); *nuntiari*, 16, I, 3 (+ N. c. I.); 145, III, 8 (+ *ut/ne*)
*nusquam:* 88, V, 1b (+ gen. partitivo)
*nusquam non:* 170, II, 2

## O

*o:* 73, V, 1 (+ ac.); 91, I (+ nom.); 92 (+ voc.)
*ob:* 110 (sinopse); cf. 84, III, 1a (nota); cf. 31, III, 1 (+ ac. do gerúndio e do gerundivo)
*ob–:* 72, II, 2
*obesse:* 77, II (+ dat.); cf. *ibidem*, 6
*obire:* 73, II, 2 (lit. e fig.); *obire* (*mortem*), 60, I, 2
*oblivisci:* 7, II (+ A. c. I.); 89, I, 1 (+ gen.); — *oblitus*, 24, I (simultaneidade); *oblitus*, 24, II (significado passivo)

*obsaturare:* 89, I, 4 (+ gen.)
*obsecrare:* 145, II (+ *ut/ne*); — *obsecro,* 55, I, 5 (fórmula de cortesia)
*observare:* 7, I (+ A. c. I.)
*obsistĕre:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*obstare:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*obtrectare:* 77, II (+ dat.)
*occasio:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*odisse:* 48, II (actio perfecta); cf. 49, II; cf. também 50, II
*odium:* 60, III, 1 (*odio mihi est,* ou *in odio apud me est*)
*olim:* 152, I, 1 (em correlação com *cum* temporal)
*omnino:* 183 (sinopse)
*omnis:* 227, II, 2; *omnes ad unum,* 94, C1
*onustus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.)
*opera: operam dare,* 145, II (+ *ut/ne*); — *operae pretium est,* 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo)
*opinari:* 7, II (+ A. c. I.)
*opitulari:* 77, II (+ dat.)
*oportet:* 2k II, 1 (+ Inf. subjetivo); 39, III (imp.); 54, I, 1 (geralmente usado no Ind.); 146, I (+ subj.)
*oppidum:* 88, VI, 2a (+ apôsto)
*optare:* 145, II (+ *ut/ne*); — *optato,** 25 (III)
*optimum est quod:* 210, II, 1e
*opus est:* 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo); 10, II, 3 (diversas construções); — *opus est* (+ abl. instr.), 84, I, 2d; 89, I, 4 (+ gen.); 84, I, 2d (nota 1) (+ nom.)
*orare:* 145, II (+ *ut/ne*)
*orbare:* 82, I, 2b (+ abl. sep.)
*orbus:* 82, I, 2c (+ *ab* e/ou abl.)
*ordine:* 83, II, 2a (abl. de modo)
*oriri:* 82, II (+ abl. de origem)
*osus:* 24, III (significado ativo)
*oriundus:* 82, II (nota) (+ abl. de origem)

## P

*pactus:* 24, II (significado passivo)
*paene:* 160, II, 2 (+ Ind.)
*paenitet:* 39, II (imp.); 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo); 73, I, 2 (+ ac. de pessoa); 89, I, 2 (+ gen. de causa); — *paenitet me quod,* 210, II, 1e
*palam:* 132 (sinopse)
*par:* 90, I (+ gen.); 80, I (+ dat.); — *par est,* 10, I, 2 (+ A. c. I.)
*parare:* 73, I, 3 (+ ac.); 73, I, 3e (+ Inf. objetivo); cf. 3, II; — 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço)

*parcĕre:* 77, II (+ dat.); cf. 30, I, 3 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo); 32, III, 3 (construção impessoal do gerundivo); cf. 34, II, 3

*pariter ac/atque:* 164, IV

*pars: omni/nullā/magnā parte,* 82, V, 2a (abl. de relação); *ex omni parte,* 82, V, 2c; — *magnam partem,* 74, IV, 1 (ac. de relação)

*particeps:* 90, III (+ gen.)

*participare:* 89, I, 4 (+ gen.)

*partiri:* 83, I, 3 (+ *cum,* ou dat.); *partiri ac dividĕre,* 235, II (refôrço); — *partitus,* 24, II (significado passivo)

*parum:* 179, II; 88, V, 1b (+ gen. partitivo); *parum est quod,* 210, II, 1e.

*parvi:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*parvo:* 84, II, 1 (abl. de preço)

*pati:* 9, I, 2 (+ A. c. I.); cf. 9, II, 6; — anotação histórica, *9, II (9); — *pati ut/ne,* 145, II; — *patiens* (+ gen.), 2q, I, 1, nota 3

*patria (terra):* 215, IV, 1 (adj. substantivado)

*pauci:* 88, V, la (nota) (+ gen. partititvo); 88, V, 2c (+ *de/ex*)

*paulo:* 84, IV, 2 (abl. de medida)

*pellĕre:* 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl.)

*pendĕre:* 82, V, 2b (+ abl. de relação)

*penes:* 111 (sinopse)

*per:* 112 (sinopse); 83, II, 2a (= abl. de modo); 84, I, 1 (= abl. instr.)

*per–:* 72, II, 2

*percipĕre:* 7, II (+ A. c. I.)

*percurrĕre:* 73, II, 2 (lit. e fig.)

*perfundi:* 60, III, 2 (V. M.)

*pergĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo)

*periculum est ne,* 146, II, 1

*perire:* 60, I, 1 (*ab aliquo*); *perii* (actio perfecta), 48, II (nota 2)

*perinde:* 184 (sinopse); *perinde ac/atque/ut/–que,* 164, IV; cf. 186, I, 1; *perinde ac si/quasi/(vel)ut ac si/tamquam,* 165, I–II; cf. 186, I, 2; cf. *proinde*

*peritus:* 90, II, 1 (+ gen.); cf. 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)

*permagni:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*permagno:* 84, II, 1 (abl. de preço)

*permittĕre:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo); 145, II (+ *ut/ne*)

*perniciosus:* 80, I (+ dat.)

*perosus:* 24, III (significado ativo)

*perspicĕre:* 7, I (+ A. c. I.)

*persuadēre:* 77, II, 5 (+ A. c. I.); 145, II (+ *ut/ne*); — 77, II (+ dat.); — *persuasum est mihi,* 52, III; cf. 59, III; — *persuasum (mihi) habeo,* 52, III

*petĕre:* 145, II (+ *ut/ne*)

*pigĕt:* 39, II (imp.); 73, I, 2 (+ ac. de pessoa); 89, I, 2 (+ gen. de causa); *piget me quod,* 210, I, 1e

*plenus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.); 90, II, 4c (+ gen.)
*plerique:* 88, V, 2b (+ gen. partitivo); cf. 218, III, 2 (nota)
*pluit:* 39, I (imp.)
*plures:* 278, III, 2
*plurimi* (nom. pl.): 218, III, 2; cf. 88, V, 2b
*plurimi* (gen. sg.): 89, II, 1 (gen. de preço)
*plurimo:* 84, II, 1 (abl. de preço)
*plurimus:* 218, III, 2 (nota)
*pluris:* 89, II, 1 (gen. de preço)
*plus:* 218, III, 2; 88, V, 1b (+ gen. partitivo); 82, III, 2a (com ou sem *quam*)
*plus minusve:* 202, I, 3
*polliceri:* 7, III (+ A. c. I.); cf. 13, I
*pondo:* 82, V, 2a (abl. de relação)
*pone:* 113 (= *post*)
*ponĕre:* 7, II (= "supor") (+ A. c. I.); *ponĕre in foro/mensā*, 85, III, 2
*populatus:* 24, II (significado passivo)
*populus* (sg.) — *populi* (pl.): 217, II, 2
*por-*: *93 (IV)
*poscĕre:* 75, IV (+ duplo ac.); 145, II (+ *ut/ne*)
*posse:* 3, II (+ Inf. objetivo); 13, II, 3 (falta do Inf. Fut.); 54, I, 1 (geralmente no Ind.); cf. 160, II, 4; — 60, II, 2 (dupla V. P.)
*post:* 114 (sinopse); 85, III (sentido local); *postea* (sentido temporal), 84, IV, 1 (+ abl. de medida)
*post(ea):* cf. *post*
*post(ea)quam:* 153 (sinopse); 257, V (na oração indireta); *150 (IV, 1) (causal)
*posterior:* 215, II; cf. *ibidem*, nota 1
*postquam:* cf. *post(ea)quam*
*postremus:* 215, II (modal); cf. *ibidem*, nota 1; — 215, III (emprêgo restritivo)
*postridie:* 88, I, 4 (+ gen.); *postridie quam*, 218, 4, 2g; — 52, I (= *cras*, no estilo epistolar)
*postulare:* 75, IV (+ duplo ac.); 145, II (+ *ut/ne*)
*potens:* 29, I, 1 (part. adjetivado)
*potestas:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*potiri:* 84, I, 2b (+ abl. instr.); cf. 30, I, 4; — 31, II, 3 (construção pessoal e impessoal do gerundivo); — *potiri rerum*, 84, I, 2b (nota 2); — *potire* (inf.), *ibidem*
*potius quam ut:* 164, III; — *sive potius*, 160, I, 7; *vel potius*, 201, I, 2
*potus:* 24, III (significado ativo)
*prae:* 133 (sinopse); 85, III (sentido local); 84, III, 2b (motivo impediente)
*praebēre: se praebere*, 77, IV
*praeditus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.)

*praeesse:* 77, II (+ dat.); cf. *ibidem* (6); 31, II, 1 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo)

*praefectus:* 29, II, 2 (part. substantivado; — *praefectus urbi,* 559 III

*praeficĕre:* 31, II, 1 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo); cf. *praefectus*

*praesens:* 29, I, 1 (part. adjetivado)

*praestare:* 77, IV (+ ac. ou dat.); *se praestare,* 77, IV; 84, IV, 1 (+ abl. de medida); 84, IV, 1 (nota) (+ ábl. de relação); — *praestat,* 39, III (imp.); 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo)

*praeter:* 115 (sinopse)

*praeter–:* 73, II, 1 (+ ac.); 75, II (+ duplo ac.)

*praeterire:* 73, I, 2 (+ ac.); *praeterire quod,* 210, II, 1 d; — *praeteritus,* 29, I, 2 (part. adjetivado)

*praeterquam quod:* 210, II, 1c

*praetexta (toga/fabula);* 29, II, 2 (part. substantivado)

*praetor:* 23, II, 2 (em construções "participiais")

*pransus:* 24, III (significado ativo)

*precari:* 145, II (+ *ut/ne*)

*pridie:* 88, I, 4 (+ gen.); *pridie quam,* 218, V, 2g; — 52, ( = *heri,* em estilo epistolar)

*primo* (adv.): 216, I (nota)

*primum* (av.): 216, I (nota); 154, I (*ut/ubi/cum primum* = "logo que"); cf. 207, I, 1

*primus:* 215, II (emprêgo semi-predicativo); cf. *ibidem,* nota 1; — 215, III (emprêgo restritivo)

*prior:* 215, II; cf. *ibidem,* nota 1

*priusquam:* 155 (sinopse)

*privare:* 82, I, 2b (+ abl.)

*pro:* 134 (sinopse); *pro* (loc.), 85, III; — f3, I, 1 (nota 1) (idéia de substituição)

*probari in vulgus:* *85, III, 3

*procul:* 135 (sinopse)

*prodĕre memoriae:* 7, III (+ A. c. I.)

*proficĕre:* 74, IV, 2 (nota) (+ ac. de relação)

*proficisci:* 35, I (+ sup. I); — *pedibus proficisci,* 84, I, 2g; *viā Appiā proficisci,* 84, I, 2e

*prognatus:* 82, II (nota) (+ abl. de origem)

*pro(h):* 73, V, 1 (+ ac.); 92 (+ voc.); — anotação histórica, *73, V, 1

*prohibēre:* 9. I, 3 (+ A. c. I.); cf. 9, II, 6; — 82, I, 2a (+ *ab* e/ou abl.); — 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)

*proinde:* 184 (sinopse); — *proinde ac/atque/ut/–que,* 164, IV; cf. 186, I, 1; *proinde ac si/quasi/(vel)ut si/tamquam,* 186, I, 2; — cf. *perinde*

*promittĕre:* 7, III (+ A. c. I.); cf. 13, I

*prope:* 116 (sinopse):

*propediem:* 116B
*propemodum:* 181, I, 4; cf. 116G
*prodesse:* 77, II (+ dat.)
*propitius:* 80, I (+ dat.)
*propinquare:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)
*propius:* 116A, 2
*proprius:* 90, I (+ gen.); cf. 88, I, 1 (*proprium est* + gen. de posse)
*propter:* 117 (sinopse); cf. 84, III, 1a (indica causa)
*propterea:* 150, I (em correlação com *quod*)
*prorsum/prorsus:* 185 (sinopse)
*prospicĕre:* 145, II (+ *ut/ne*)
*prostare:* 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço)
*prostituĕre:* 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço)
*prout:* 211, I, 1e (nota)
*providens:* cf. *providēre*
*providēre:* 77, IV (+ dat. ou ac.); 145, II (+ *ut/ne*); — *providens*, 29, I, (part. adjetivado)
*proxime:* 116A, 2
*prudens:* 29, I, 1 (part. adjetivado)
*pudet:* 39, II (imp.); 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo); 73, I, 2 (+ ac. de pessoa); 89, I, 2 (+ gen. de causa); — *pudet me quod*, 210, II, 1e
*puella:* 23, II, 2 (em construções "participiais")
*puer:* 23, II, 2 (em construções "participiais")
*pugnare:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)
*pulcher:* 36, II (+ sup. II)
*putare:* 7, II (+ A. c. I.); *putari* (+ N. c. I.), 16, I, 3; — 75, I, 1 (+ duplo ac.); cf. *putare pro/loco/in numero*, 75, I, 1 (nota 2); — *putare* (+ abl. de preço), 84, II, 1; 89, II, 1 (+ gen. de preço); 82, V, 2b (+ abl. de relação)

## Q

*quā* (rel.): 166, I, 1
*quā* (interr.): 62, I, 2
*quā ratione:* 62, I, 2; cf. 83. II, 2b (abl. de modo)
*quaerĕre:* 64, I (nota 1) (construção); — 145, III, 2 (+ *ut/ne*)
*quaeso/quaesumus:* 55, I, 5 (fórmulas de cortesia); 145, III, 2 (+ *ut/ne*)
*qualis* (rel.); 166, I, 1; cf. 164, II, *talis*
*qualis* (interr.): 62, I, 1
*quam:* 218 V (sinopse geral); cf. também 218, IV, 3 (comp.); 164, III (comp.); 82, III, 1 (comp.); — 62, I, 2 (interr.); — cf. as palavras seguintes e *tam*
*quam mox:* 158, II, 4; cf. 218, V, 1
*quam pauci:* 226, VI

*quam pro* (+ abl.): 147, III, 2 (nota)
*quam qui* (+ subj.): 168, IV, 1; cf. 147, III, 2
*quam ut* (+ subj.): 147, III, 2
*quamdiu:* 156, I (nota)
*quamprimum:* 218, V, 2b
*quamquam:* 162, I, 1; — em correlação com part., 25, II, 3
*quamvis:* 162, I, 2; — em correlação com part., 25, II, 3
*quamvultis:* 162, I, 2 (nota 2)
*quando* (interr.): 62, I, 2
*quando* (conj.): 150, I (cf. *quandoquidem*, função causal); — função temporal, *151 (nota)
*quandoquidem:* 150, I
*quanti:* 89, II, 1 (gen. de preço)
*quanto:* 84, IV, 2 (abl. de medida); — *quanto.... tanto*, 218, I, I 3
*quantum* (rel.): 166, I, 1; 88, V, 1b (+ gen. partitivo); 168, VI (restritivo); cf. *tantum*
*quantum* (interr.): 62, I, 1; 88, V, lb (+ gen. partitivo)
*quamtumvis:* 162, I, 2 (nota 2)
*quantus* (rel.): 166, I, 1; cf. 164, II, e *tantus*
*quantus* (interr.): 62, I, 1
*quāre:* 62, I, 2
*quasi:* 165. I–II (conjunção); 165, III, 3 (outras funções); 25, II, 5 (em correlação com part.); — *quasi vero*, 165, III, 4; *quasi si*, 165, III, 4
*quātenus:** 150, IV (2); cf. 141, IIC
*-que:* 201, I, 2 (sinopse)
*quemadmodum* (rel.) (rel.): 164, I
*quemadmodum* (interr.): 62, I, 2
*queri:* 8, I (+ A. c. I.); 73, I, 1 (+ ac.)
*qui* (rel.): 166, I, 1; 225 (sinopse das funções do relativo)
*qui = aliqui:* 227, I, 3a
*qui* (interr.): 62, I, 1
*qui* (interr. = "como?"): 62, I, 2; — *qui fit ut?*, 148, II, 5; cf. 226, IV; — *qui potest?*, 148, II, 5
*quia:* 210 (sinopse); 150, I (+ Ind.); 150, II (+ Subj.); *4 (nota) (cláusula integrante)
*quicumque:* 166, I, 2; cf. 54. II (+ Ind.); cf. também 227, II, 4
*quid* (interr.): 62, I, 1; 226, III (a diferença entre *quid* e *quod*); — 88, V, lb (+ gen. partitivo); — *quid multa?*, 73, IV; *quid plura?*, 73, IV; — *quid* (ac. de relação), 74, IV, 2
*quid = aliquid:* 227, I, 3a
*quid quod?:* 226, III, 1; 210, II, 1e
*quid si?:* 226, III, 1

*quidam:* 227, I, 3g
*quidem:* 186, I; — *ne... quidem,* 186, I, 2d
*quidni?:* 22g, III, 2
*quidquam:* 88, V, 1b (+ gen. partitivo); cf. 227, I, 2
*quilibet:* 227, II, 3
*quin:* 187 (sinopse geral); 149 (sinopse das funções consecutivas); 62, I, 2 (interr.); 146, III (depois de verba impediendi); *non est/sunt quin.* 168, IV, 4; *non dubito quin,* 66, IV (nota 1); *quin etiam/immo,* 187, I, 4
*quin etiam:* 187, I, 4
*quin immo:* 187, I, 4
*quippe:* 188 (sinopse); — em correlação com part., 25, II, 2
*quippe qui:* 168, II
*quire:* 3, II, (+ Inf. objetivo); 60, II, 2 (nota) (dupla V. P.)
*quis* (interr.): 62, I, 1; 226, I (*quis* e *qui*)
*quis = aliquis:* 227, I, 3; *quis = on* (francês), 41, II, 5
*quispiam:* 227, I, 3h; *quispiam = on* (francês), 41, II, 5
*quisquam:* 227, I, 2; usado como adj., 227, III, 3
*quisque:* 227, II; 218, IV, 3 (+ superlativo)
*quisquis:* 224, II, 4; cf. 54, II (+ Ind.); cf. também 166, I, 2
*quivis:* 227, II, 3
*quoad:* 156 (sinopse)
*quo* (rel.): 84, IV, 2 (abl. de medida); *quo.... eo* (correlação), 84, IV, 3
*quo* (adv. interr.): I 62, 2; 88, V, 1c (+ gen. partitivo)
*quo* (adv. rel.): 216, III (usado com pessoas); — 144, II, 2 (= *ut*); — cf. 166, I, 1
*quo pacto?* (interr.): 83, II, 2b (abl. de modo); 62, I, 2
*quocumque:* 166, I, 2 (rel.)
*quod* (rel.): 88, 4, 1b (+ gen. partitivo); 168, VI (restritivo); *quod cognovimus,* 225, III (nota); cf. 257, III, 3 (oração indireta)
*quod* (conj.): 210 (sinopse geral); 150 (causal); 257, IV (explicativo, na oração indireta); — *quod* (integrante), *4 (nota); *quod* (causal, +subj.), *8, II (1); cf. também 219, II, 2, nota 2
*quodsi:* 210, I, 1
*quominus:* 181, I, 1; — 146, III, 1 (com verba impediendi)
*quomodo* (interr.): 83, II, 2b (abl. de modo); — cf. 62, I, 2
*quoniam:* 150, I (causal); —*4 (nota) (integrante)
*quŏque:* 176 (sinopse)
*quoquo:* 166, I, 2
*quot* (interr.): 62, I, 1
*quot* (rel): 166, I, 1; cf. 164, II, 2
*quotcumque:* 166, I, 2

*quotie(n)s*: 152, I, 3 (nota); cf. 164, II, e *totie(n)s*
*quotie(n)scumque:* 54, II (+ Ind.)
*quotquot:* 166, I, 2
*quotus* (interr.): 226, VI
*quotus quisque:* 226, VI

**R**

*rarus:* 215, II (emprêgo modal)
*ratio:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo); *ratione,* 83, II (abl. de modo)
*ratus:* 24, I (simultaneidade)
*receptui:* cf. *canĕre*
*recordari:* 7, II (+ A. c. I.)
*rectus:* 29, I, 2 (part. adjetivado)
*recusare:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*red–*: *93 (IV)
*reddĕre:* 75, I, 1 (+ duplo ac.)
*redimiri:* 60, III, 2 (V. M.)
*redire:* 35, I (+ sup. I)
*redundare:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)
*rĕferre* (= "narrar, anunciar"): 7, III (+ A. c. I.)
*rēfert:* 31, III (imp.); origem da palavra, *89, II, 2 (nota 3); 10, I, 1 (+ A. c. I.); 89, II, 2 (+ gen. de preço)
*refertus:* 84, I, 2f (+ abl. instr.)
*regina:* 23, II, 2 (em construções "participiais")
*relinquĕre:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo); cf. *nihil*
*reliquus:* 23, II, 1 (em construções "participiais"); — *reliquum est ut,* 148, I
*reminisci:* 89, I, 1 (+ gen., ou *de*)
*repente:* 152, I, 2 (combinado com *cum* inverso)
*reperire:* 7, I (+ A. c. I.); — *reperiri,* 16, I, 3 (+ N. c. I.)
*reprehendĕre:* 210, II, 2b (+ *quod*)
*repugnare:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*rēri:* 7, II (+ A. c. I.); — cf. *ratus*
*res: re (verā),* 82, V, 2a (abl. de relação); — *cui rei?,* 78, II, 1 (dat. final); *eā/quā re* (abl. de causa), 84, III, 1c; — *res in eo est ut,* 137, IIC1
*resistĕre:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*respondēre:* 7, III (+ A. c. I.)
*restat:* 39, III (imp.); 148, I (+ *ut*)
*retinēre:* 146, III, 1 (+ *ne/quominus*)
*retrorsum:* 123
*reus:* 90, II, 4b (+ gen. de crime e de pena, ou *de*)
*rex:* 23, II, 2 (em construções "participiais")

*ridēre:* 73, I, 1 (+ ac.)
*rogare:* 75, IV (nota 2) (sinopse); — 145, II (+ *ut/ne*); cf. 64, I (nota 1)
*rogatu:* 84, III, 1c (abl. de causa)
*rorat:* 39, I (imp.)
*rursum/rursus:* 123
*rus:* 70, I (ac. de direção); *rure*, 71, I (abl. sep.); *ruri*, 72, I (loc.)

## S

*sacer:* 90, I (+ gen.)
*sal* (sg.) — *sales* (pl.): 217, II, 1
*saltem:* 189 (sinopse); cf. *at; non saltem*, 189, II
*salvus:* 23, II. 1 (em construções "participiais")
*sane:* 190 (sinopse); cf. 57, IV; — *sane quam*, 218, V, 2c; — *sane* (*quidem*), 67, II (em respostas)
*sapiens:* 29, II, 1 (part. adjetivado)
*satiare:* 84, I, 2c (+ abl. instr.)
*satis:* 218, I, 3 (= "bastante"); 88, V, lb (+ gen. partitivo); — *satis est*, 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo); — *satis est*, 54, I, 2 (geralmente no Ind.)
*satus:* 82, II (nota) (+ abl. de origem)
*scilicet:* 191 (sinopse)
*scindi:* 60, III, 2 (V. M.)
*scire:* 3, II (+ Inf. objetivo); 7, II (+ A. c. I.); cf. 7, IV
*se–:* 82, I, 2a (nota 1);*93 (IV)
*secernĕre:* 82, I, 2a (nota 1)
*secundo:* 216, I (nota)
*secundum:* 118 (sinopse)
*secus:* 119 (sinopse); *secus ac/atque/quam*, 164, IV; cf. 218, V, 2e *setius*
*secutus;* 24, I (simultaneidade)
*sed–:*93 (IV)
*sed:* 206, I, 1; cf. 206, II, 1 (conj. adversativa)
*sed enim:* 204, II, 3; cf. 206, II, 5
*sejungĕre:* 82, I, 2a (+ *ab*)
*sententiā: meā sententiā*, 82, V, 2a (abl. de relação); *aliquem sententiam rogare*, 75, IV (nota 1)
*sentire:* 7, I–II (+ A. c. I.)
*sequi: secutus; — sequitur ut*, 148, I; *sequitur* (+ Inf. subjetivo), 148, II, 2; *sequitur*, 39, III (imp.)
*serĕre:* cf. *satus*
*serus:* 215, II (nota 2) (emprêgo modal)
*servire:* 77, II (+ dat.)
*seu:* cf. *sive*

*si:* 158; origem e evolução, *159 (IV); com o verbo *mirari*, *8, II (2); com *exspectare, tentare* e *experiri*, 64, I (nota 3); função interrogativa, *63, I (nota 4)

*si modo:* 160, III (nota 2); cf. 181, I, 5

*si non:* 160, I

*si quā:* 227, I, 3c

*si quando:* 227, I, 3c

*si quidem:* *150, IV (3); cf. 188, I, lb

*si quo:* 227, I, 3c

*sic:* 178 (sinopse); *sic.... ut* (comparação), 164, I; *sic..... ut* (consecutivo), 147, I; *sic..... quam*, 218, V, 2a; cf. *sicut; ita; ut*

*sicine:* 178, II, 2 (em perguntas)

*sicubi:* 227, I, 3c

*sicunde:* 227, I, 3c

*sicut:* 164, I

*silentio:* 83, II, 2a (abl. de modo)

*silva* (sg.) — *silvae* (pl.): 217, II, 2

*similis:* 90, I (+ gen.); 80, II (+ dat.); cf. *ibidem*(1)

*similiter ac/atque:* 164, IV

*simul:* 136 (preposição); 192 (advérbio); — 25, II, 4 (em correlação com particípio); — *simul* (conjunção), cf. *simul ac/atque*

*simul ac/atque:* 154; — cf. 257, V (na oração indireta)

*sin (autem/aliter):* 160, IV

*sine:* 137 (sinopse); cf. 149, II, 1

*sinĕre:* 9, I, 2 (+ A. c. I.); cf. 9, II, 6; — *sini*, 16, I, 2 (+ N. c. I.); — *sinere ut/ne*, 145, II; — anotação histórica, *9, II(9)

*sis* (= *si vis*): 55, I, 5 (fórmula de cortesia)

*sive/seu:* 160, II (sinopse); — 54, III (o emprêgo do Ind.); — 42, I, 2 (o emprêgo do sg.); — *sive/seu.... sive/seu*, e outras correlações, 160, II (nota 1); — *sive potius*, 160, II

*sociare:* 77, I, 3 (nota 2) (+ dat.)

*sodes* (= *si odes/audes*): 55, I, 5 (fórmula de cortesia)

*solēre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 47, II (circunlocução de uma ação repetida ou habitual); — *solitus*, 24, I (simultaneidade); *solitum*, 29, II, 2 (part. substantivado); cf. 82, III, 2b (*plus solito*)

*solitum/solitus:* cf. *solēre*

*solus:* 215, II; 88, V, 2a (+ gen. partitivo, ou *de/ex*)

*solvĕre (ancoram):* 60, I, 2

*sortito:* *25 (III)

*specie (quidem):* 82, V, 2a (abl. de relação)

*spectare:* 7, I (+ A. c. I.)

*sperare:* 7, II (+ A. c. I.); cf. 13, I (+« *fore ut*, etc.)

*spes:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo); — *in spe esse, spem habere, in spem venire*, 7, II; cf. 13, I

*spoliare*: 82, I, 2b (+ abl. de sep.)
*spondēre:* 7, III (+ A. c. I.); cf. 13, I; — *sponsus*, 29, II, 2 (part. substantivado)
*sponsus:* cf. *spondēre*
*sponte: meā/tuā*, etc. *sponte*, 83, II, 2a (abl. de modo)
*stare:* 84, I, 2c (+ abl. instr.); 84, II. 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço)
*statim:* 25, III (em correlação com particípio)
*statuĕre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 7, II (+ A. c. I.); cf. 7, IV; 34, I, 2 (+ A. c. I. do gerundivo); — 145, III, 8 (+ *ut/ne*)
*studēre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 9, I (+ A. c. I.); cf. 9, II, 2; cf. também 11, II, 2; — 77, II (+ dat.); cf. 31, II, 1 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo); — 74, IV, 2 (nota) (+ ac. de relação)
*studiosus:* 90, II, 1 (+ gen.); cf. 31, I, 2 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*studium:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*suadēre:* 77, II (+ dat.); cf. *ibidem*, 2
*sub:* 138 (sinopse); cf. 85, III (local)
*sub–*: 72, II, 2
*subire:* 73, II, 2 (lit. e fig.)
*subito:* 152, I, 2 (em combinação com *cum* inverso)
*subniti:* 84, I, 2c (+ abl. instr.); — *subnixus*, 84, I, 2f (+ abl. instr.)
*subnixus:* cf. *subniti*
*subter:* *138 (nota)
*succedĕre:* 77, III (lit. e fig.)
*sui, sibi*, etc.: 221; 249 (em oração indireta); cf. 251, I e III
*sui:* 88, III, 1 (gen. objetivo); 88, V, 2f (gen. partitivo); cf. §219, I
*suus, sua, suum:* 221; cf. 251, I e III (na oração indireta)
*sultis* (= *si vultis*): 55, I, 5 (fórmula de cortesia)
*summus:* 215, III (emprêgo restritivo)
*super:* 139 (sinopse); 85, III (sentido local)
*superare:* 84, IV, 1 (+ abl. de medida)
*superstes:* 23, II, 1 (em construções "participiais")
*suppetias (ad)venire:* 70, II, 6 (ac. de direção)
*supplicare:* 77, II (+ dat.)
*supra:* 120 (sinopse); cf. 84, IV, 1 (o adv. *supra* + abl. de medida)
*sursum*, 123
*suscipĕre:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo)
*suscensēre:* 8, I (+ A. c. I.)

## T

*taedet:* 39, II (imp.); — 2, II, 1 (+ Inf. subjetivo); — 73, I, 2 (+ ac. de pessoa); 89, I, 2 (+ gen. de causa)

*talis:* 164, II; — *talis.... qualis,* 164, II; *talis.... ut* (consec.), 147, I; *talis qui* (+ Subj.), 168, IV, 1

*tam:* 164, II; — *tam... quam,* 164, II; cf. 218, V, 2a; — *tam.... ut* (consec.), 147, I; *tam... qui* (+ Subj.), 168, IV, 1

*tamen:* 193 (sinopse); — em correlação com part., 25, III; — em correlação com *etsi/etiamsi,* 161, I; com *quamquam,* 162, I, 1; com *cum* concessivo, 162, I, 5; com *qui* (valor concessivo), 168, III

*tametsi:* 161

*tamquam:* 165, I–II (conjunção); 165, III, 3 (outras funções); — cf. 164, I (comparação simples); — em correlação com part., 25, II, 5; — *tamquam si,* 165, (início)

*tandem:* 194

*tanti:* 89, II, 1 (gen. de preço)

*tanto:* 84, IV, 2 (abl. de medida); cf. *quanto*

*tantopere:* 147, I

*tantum:* (ac. de relação, = "tanto"); — 88, V, lb (+ gen. partitivo); 84, IV, 2b (= *tanto*); *tantum.... quantum,* 164, II; *tantum.... ut,* 147, I; — cf. *abesse*

*tantum* (= "sòmente"): cf. *non modo/solum(tantum....*

*tantus:* 164, II; — *tantus.... quantus,* 164, II; *tantus quam,* 218, V, 2a; *tantus... ut,* 147, I; *tantus.... qui* (+ Subj.), 168, IV, 1

*temere:* 195 (sinopse); 72, II, 1 (loc.)

*temperare:* 77, IV (+ ac. ou dat.); *temperare (a) lacrimis,* 77, IV

*temperi:* cf. *tempus*

*tempus: tempus est,* 10, I, 2 (+ A. c. I.); 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio ou do gerundivo); *id temporis,* 74, IV, 1; *temperi/tempori,* 72, II, 1 (loc.); *tempore/temporibus,* 86, II, 1; — *eo tempore,* 152, I, 1 (em correlação com *cum* temporal); *ex tempore,* 130 C5; *in tempus,* 137, I; *in tempore,* 137, II B2

*tenēre: tenēre (locum),* 60, I, 2; — *urbem captam tenent,* 52, III

*tenus:* 142 (sinopse)

*terrā marique:* 85, II, 3 (abl. de lugar)

*terribilis:* 36, II (+ Sup. II)

*tertio:* 216, I (nota)

*tertium:* 216, I (nota)

*testis:* 23, II, 2 (em construções "participiais")

*tibi:* 78, I, 3 (dat. ético)

*timēre:* 3, II (+ Inf. objetivo); 146, II, 1 (+ *ne*); — 77, IV (+ ac. ou dat.)

*timidus:* 90, II, 3 (+ gen.)

*tonat:* 39, I (imp.)

*tot:* 164, II; — *tot.... quot,* 164, II; *tot..... ut* (consec.), 147, I; *tot... qui.* (+ Subj.), 168, IV, 1
*totie(n)s.... quotie(n)s:* 164, II

*totus:* 227, II, 2; — 215, II (emprêgo semi-predicativo); — *totā urbe,* 85, II, 4 (abl. de lugar)

*tradĕre:* 34, II, 1 (+ ac. do gerundivo); 47, III (conativo); — *tradĕre (memoriae)*, 7, III (+ A. c. I.); — *traditur/traduntur*. 16, I, 3 (+ N. c. I.)

*trans:* 121 (sinopse)

*trans–:* 73, II, 1 (+ ac.); 75, II (+ duplo ac.)

*tresviri:* 31, II, 2 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo)

*triumviri:* 31, II, 2 (+ dat. do gerúndio e do gerundivo)

*tui:* 88, III, 1 (gen. objetivo); 88, V, 2f (gen. partitivo); cf. 219, I

*tum/tunc:* 196, I; — 88, V, 1c (+ gen. partitivo); — 151, I, 1 (em correlação com *cum* temporal); — cf. *etiamtum/etiamtunc*

*turpis:* 36, II (+ sup. II)

## U

*ubi* (rel.): 166, I, 2; 88, V, 1b (+ gen. partitivo); — 216, III (antecedente pessoa)

*ubi* (interr.): 62, I, 2; — 88, V, 1b (+ gen. partitivo)

*ubi* (temporal): 154 (sinopse); — 257, V (na oração indireta); — *ubi (primum)* 151, I, 3

*ubicumque:* 166, I, 2

*ubiubi:* 166, I, 2

*ulcisci:* 73, I, 3; outras construções, 73, I, 3f

*ullus:* 227, I, 2

*ultimus:* 215, II (emprêgo modal); cf. *ibidem* (nota 1); — 215, III (emprêgo restritivo)

*ultra:* 122 (sinopse)

*umquam:* 227, I, 3d

*unde* (rel.) 166, I, 1; — 216, III (antecedente pessoa)

*unde* (interr.): 62, I, 2

*unus:* 218, IV, 1 (+ superlativo); 218, IV, 2 (+ *vel*)

*unusquisque:* 227, II, 1

*urbs:* 88, VI, 2a (+ apôsto)

*usquam:* 227, I, 3d

*usque:* 197 (sinopse); *usque ad*, 94A

*usus*, cf. *uti*

*usus est:* 84, I, 2d (nota 2) (+ abl. instr.); *usui*, ou *in/ex usu est*, 60, III, 1, cf. 130, C5

*ut:* 211 (sinopse geral): origem e evolução, *211 (IV); — cf. 164, I e 166, I (relativo); 214, III, 2 (com apôsto semi-predicativo); — 62, I, 2 (interr.); — 144, I (final); cf. 35, II, 2e; — 147, I (consecutivo); — 162, I, 4 (consecutivo; — 154 (temporal); cf. 257, V (na oração indireta); — 150, I e III (explicativo-causal); — *211 (V) (local)

*ut dixi:* 225, III, 1 (nota); cf. 257, III, 3 (na oração indireta)

*ut..... ita:* 211, I, 1b (adversativo)

*ut ne:* 144, II, 1 (= *ne*)

*ut nemo:* 147, III, 1 (consec.)
*ut nihil:* 147, III, 1 (consec.)
*ut non:* 147, I (consec.)
*ut numquam:* 147, III, 1 (consec.)
*ut nusquam:* 147, III, 1 (consec.)
*ut pctest/potuit:* 211, I, 1f (restritivo)
*ut (primum):* 151, I, 3 (temporal, = "logo que")
*ut qui:* 168, II (valor causal)
*ut quisque.... ita:* 218, II, 3; cf. 211, I, 1e
*ut vidimus:* 225, III, 1 (nota); cf. 257, III, 3 (na oração indireta)
*utcumque:* 54, II (+ Ind.)
*uter:* 227, V, 2; cf. 226, V; cf. também 62, I, 1
*uterlibet:* 227, II, 3 (nota)
*utervis:* 227, II, 3 (nota)
*uti:* 84, I, 2b (+ abl. instr.); cf. 30, I, 4 (gerúndio); 31, II, 3 (construção pessoal e impessoal do gerundivo); — *usus,* 24, I (simultaneidade)
*utilis:* 80, I (+ cat.)
*utinam:* 56, I; *211, IV 2 (anotação histórica)
*utpote:* 198 (sinopse); — *utpote qui,* 168, II (valor causal); 25, II, 2 (em correlação com particípio)
*utrum.... an:* 65, I

## V

*vacuus:* 82, I, 2c (+ *ab* e/ou abl.)
*vae:* 78, I, 1 (+ dat.)
*valde:* 218, III, 1; — *valde quam,* 218, V 2c
*vapulare:* 60, I 1 (*ab aliquo*)
*ve–:* *93 (IV)
*–ve:* 202, I, 3
*vel:* 202, I, 2 (sinopse da conjunção); 218, IV, 2 (sinopse do advérbio); — *vel potius,* cf. *potius*
*velari:* 60, III, 2 (V. M.)
*velle:* 3, II (+ Inf. objetivo); 9, I (+ A. c. I.); cf. 9, II, 1; cf. também 11, II, 2; — 13, II, 3 (falta do Inf. Fut.); — 27, III (+ Ac. c. Part.); — *quid sibi vult?,* 78, I, 3; — *velle* (+ *ut/ne*), 145, II; — *velim* e *vellem,* 56, I (nota) (potenciais)
*velut:* 164, I; cf. 211, I, 1d; 25, II, 5 (em correlação com part.); — *velut (si),* 65, I–II
*vendĕre:* 84, II, 1 (+ abl. de preço); 89, II, 1 (+ gen. de preço)
*venia:* 31, I, 1 (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*venire* (+ "vir"): 74, IV, 2 (+ ac. de relação); 35, I (+ Sup. I); *17 (III) (+ Inf.); 79, I, 1 (+ duplo dat.); cf. *ventura* e *venturus*
*venire* (= "ser vendido"): 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (+ abl. de preço); 60, I, 1 (*ab aliquo*)

*ventura:* 29, II, 3 (part. substantivado)
*venturus:* 29, I, 3 (part. adjetivado)
*venum dare:* 89, II, 1 (+ gen. de preço); 84, II, 1 (abl. de preço)
*vere:* 86, II, 1 (abl. de tempo)
*vere:* 199, I (adv.)
*verēri:* 146, II, 1 (+ *ne*); 146, II, 2c (+ Inf.); — *veritus,* 24, I (simultaneidade)
*vero:* 199, II (adv.); 206, I, 3 (conjunção)
*versum/versus:* 123
*vertĕre:* 79, I, 3 (+ duplo dat.); — *vitio vertĕre* (+ A. c. I.), 8, I; — *verti* (V. M.), 60, II, 1
*verum* (adj.): *verum est,* 2, II, 2 (+ Inf. subjetivo)
*verum* (conj.): 206, I, 2
*vesci:* 60, II, 1 (V. M.); — 84, I, 2b (+ abl. instr.); — cf. 30, I, 4 (no gerúndio); 31, II, 3 (no gerundivo)
*vespere:* 86, II, 1
*vesperi:* 72, II, 1 (loc.); cf. 86, II, 1
*vestri:* 88, III, 1 (gen. objetivo); cf. 219, I
*vestrum:* 88, V, 2f (gen. partitivo); cf. 219, I
*vetare:* 88, V, 2f (gen. partitivo); cf. 219, I
*vetare:* 9, I, 3 (+ A. c. I.); cf. 9, II, 6; cf. também *9, II (9); — *vetari* (+ N. c. I.), 16, I, 2; — *vetare* (+ ne), 145, II
*vi:* 83, II, 2a (abl. de modo)
*viā et ratione:* 83, II, 2a (abl. de modo)
*vici:* cf. *vincĕre*
*vicinus:* 80, II (+ dat.)
*videlicet:* 200 (sinopse)
*viden = videsne:* 63, II (nota 2)
*vidēre:* 7, I (+ A. c. I.); 27, I (+ Ac. c. Part.); — *vidēre si,* 64, I, nota 4; *vidēre ut/ne,* 145, II; *vidēre ne (non),* 145, III, 3
*vidēri:* 16, I, 1 (+ N. c. I.); — 242, II (uso pleonástico)
*vincĕre: vici* (actio perfecta), 48, II; cf. também 49, II; 50, II
*vituperare:* 210, II, 2b (+ *quod*)
*vivus:* 23, II, 1 (em construções "participiais")
*vivĕre: vixit* (= "morreu"), 48, II (nota 2)
*vix/vixdum:* 181, II; cf. 208, I, 2; — *vix... cum,* 152, I, 2; — *vix.... et/atque,* 181, II (nota); *vix aegreque,* 179, II
*vixit:* cf. *vivĕre*
*vobis:* 78, I, 3 (dat. ético)
*voluntas:* 3a. I. (+ gen. do gerúndio e do gerundivo)
*vocare:* 76, I, 1 (+ duplo ac.)
*vorsum:* cf. *versum/versus*

***Outros Livros sôbre Temas Clássicos:***

(Extrato do .Catálogo)

R. AUBRETON, *Introdução a Hesíodo.* 1956, 109 pp. com 2 gravuras e 2 mapas.

R. AUBRETON, *Introdução a Homero.* 1956, 313 pp. com 19 gravuras e 2 mapas.

H. PENTEADO DE BARROS, *Curso de Propedêutica de Grego.* Com um prefácio do Prof. A. Aubreton. Em preparação.

J. VAN DEN BESSELAAR, *Introdução aos Estudos Históricos.* 2.ª ed. rev. e ampliada. 1958, 315 pp.

J. VAN DEN BESSELAAR, *As Interpretações da História Através dos Séculos.* Vol. I: De Homero ao Evolucionismo Moderno. 1957, 288 pp. Vol. II: Temores e Esperanças. 1958, 296 pp.

*Boletim de Estudos Clássicos.* Publicado sob os auspícios da Associação de Estudos Clássicos do Brasil, sob a direção do Prof. R. Aubreton.

M. da Eucaristia Daniellou. *Curso de Grego.* vol. II: Exercícios Gramaticais e Antologia. Ed. especial sob licença do Instituto Nacional do Livro. 1960, 184 pp.

J. HIRSCHBERGER, *História da Filosofia na Antiguidade.* Trad. e prefácio do Prof. Alexandre Correia. 1957, 279 pp.

J. HIRSCHBERGER, *História da Filosofia na Idade Média.* Trad. e prefácio do Prof. Alexandre Correia. 1959, 211 pp.

J. HIRSCHBERGER, *História da Filosofia Moderna.* Trad. e prefácio do Prof. Alexandre Correia. 1960, 407 pp.

J. HIRSCHBERGER, *História da Filosofia Contemporânea.* Trad. do Prof. Alexandre Correia. Com um Apêndice do Prof. G. Pinheiro Machado: A Filosofia no Brasil. Em preparação.

W. JAEGER, *Paideia. Os Ideais da Cultura Grega.* Trad. do Prof. Alexandre Correia. 3 vols., em preparação.

H. I. MARROU, *História da Educação na Antiguidade.* Trad. de M. L. Casanova. Em preparação.

E. RAGON, J. A. DE FOUCAULT, P. POULAIN, *Gramática da Língua Grega.* Versão portuguêsa de G. M. Reale Starzynski; Prefácio do Prof. A. Aubreton. 1960, 2 vols. (Gramática e Exercícios). Em preparação.